



TEMPLOS DA ALEGRIA

MELHOR LIVRO
DO ANO
GUARDIAN · BOOKLIST
WASHINGTON POST
TIME

**KATE
ATKINSON**

“Tão vívido, imundo,
intenso e perigoso
como o melhor
de Dickens.”
FINANCIAL TIMES

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

TEMPOS DA ALEGRIA

Para todos os tempos,
a história de uma mulher
que se encontra no caminho
da vida e da morte.

KATE

ATKINSON

Capa

Ficha Técnica

1926

Holloway

A Rainha dos Clubes

Bow Street

Uma Idade Ingrata

O Grand Tableau

Um Rapaz Shropshire

Après la Guerre

Frobisher Agrilhado à Secretária

Aves Noturnas

Os Dardanelos

Os Monumentos de Londres

Bolinhos com Cobertura Glacé

O Rei Pescador

Uma Precipitação

O Helesponto

A Frente Doméstica

Chá da Tarde no Goring

Voilà!

Uma Presa à Vista

O Mapa Bartholomew

O Crystal Cup

O Saque do Egito

O Pinoli's

Um Rapto, uma Rusga e um Pequeno Incêndio

Chá da Manhã
O Simpson's na Strand
A Audição
O Homem Invisível
Carpe Noctem
Uma Noite no Bairro do Vício
Respeitar o Sabat
A Visita de Um Cavalheiro
A Visita de Outro Cavalheiro
Necromancia
Traje de Domingo
Um Sacrifício
Antro de Perdição
O Pombo
Hora da Visita
Pastoral
Uma Mudança de Cenário
Pierrot
Frésias
Embora Seja Pequena, Ela É Feroz
O País das Fadas
Tlim! Tlim!
Frobisher Libertado
No Parque
Empada de Porco
Pour le Sport
Salve, Mortal!
Conversa de Chacha
Adieu, Adieu, Adieu
Surpresa!
Um Encontro

Um Deserto Árido

O Enigma da Esfinge

A Caixa

A Verdadeira Noiva

Morte na Água

A Era do Deslumbramento

Si Vis Pacem, Para Bellum

Leite Materno

«E, Durante Esse Minuto, Um Melro Cantou»

Uma Longa Fermentação

Planos

O Polícia que Ri

E Tu Não Vês Este Bonito Caminho?

Nota da Autora

Ficha Técnica

Título: Templos da Alegria
Título original: Shrines of Gaiety
Autor: Kate Atkinson
Edição: Carmen Serrano
Tradução: Ana Falcão Bastos e Cláudia Brito
Revisão: Catarina Sacramento
ISBN: 9789892362779

Edições ASA II, S.A.
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2022, Kate Costello Ltd.

© 2024, Edições ASA II, S.A.

Kate Atkinson registou o seu direito sob o Copyright,
Designs and Patents Act 1988 a ser identificada
como autora desta obra.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

www.leya.com

Este romance é uma obra de ficção. Há ocasiões em que surgem figuras da vida real, mas as suas ações e conversas são inteiramente fictícias. Todos os outros personagens, bem como os nomes de lugares e descrições de eventos, são produtos da imaginação da autora, e qualquer semelhança com pessoas ou locais reais não passa de uma coincidência.

Tradução na p. 9 de “Ain’t We Got Fun” de Raymond B. Egan e Gus Kahn. Recorte de jornal na p. 492 do Singapore Daily News, © SPH Media Limited.

Foram feitos todos os esforços necessários para obter as permissões necessárias no que toca ao material protegido por direitos de autor, tanto ilustrativo como citado. Pedimos desde já desculpa por quaisquer omissões a este respeito e faremos os devidos reconhecimentos numa edição futura.

Para Peter Straus

*Todas as manhãs, todas as noites,
Não nos divertimos?
Temos pouco dinheiro, mas, querida!
Não nos divertimos?*

Kate Atkinson

TEMPLOS DA ALEGRIA

Tradução

Ana Falcão Bastos e Cláudia Brito

ASA

1926

Holloway

— É um enforcamento? – perguntou um jovem ardina curioso, a ninguém em particular. Era baixo, não teria mais de treze anos e saltava num esforço para conseguir ver melhor o que tinha originado aquela atmosfera de espetáculo de variedades. Amanhecera há pouco e quase não havia ainda luz no céu, mas isso não desencorajara a multidão de proveniência variada de se reunir à frente do portão da prisão de Holloway. Metade da turba levantara-se cedo, a outra metade parecia não se ter ainda deitado.

Muitas pessoas envergavam trajes de noite – os homens de *smoking* ou de lacinho branco e casaca, as mulheres a tiritar em delicados vestidos de seda sem costas por baixo dos casacos de pele. O rapaz sentia o cheiro dos miasmas fatigados de álcool, perfume e tabaco que flutuavam à volta deles. Ricaços, pensou. Surpreendeu-o que se misturassem tão jovialmente com acendedores de candeeiros, leiteiros e trabalhadores de turnos madrugadores, para não falar da ralé e dos mirones habituais que eram sempre atraídos pela possibilidade de um espetáculo, mesmo não fazendo ideia do que pudesse ser. O rapaz não se incluía a si mesmo entre estes últimos. Era um mero observador curioso dos desvarios do mundo.

– Será um enforcamento? – insistiu, puxando a manga do ricaço mais próximo, um homem corpulento e afogueado, com um charuto acre enfiado na boca e uma garrafa de champanhe aberta na mão.

O rapaz imaginou que o homem tivesse começado a noite num estado imaculado, mas agora tinha a frente branca e rígida do colete manchada com pintas e salpicos de comida e o verniz brilhante dos sapatos lambuzado de vômito. Um cravo vermelho, que os excessos da noite tinham feito murchar, pendia-lhe da botoeira.

– De maneira nenhuma – disse o ricaço, oscilando afavelmente. – É motivo de festa. A velha Ma Coker vai ser libertada.

O rapaz achou que velha Ma Coker parecia o nome de alguém saído de

uma canção de embalar.

Uma mulher com uma gabardina parda do outro lado dele transportava um pedaço de cartão que segurava diante do peito como um escudo. O rapaz teve de esticar o pescoço para ler o que tinha escrito. Uma mão furiosa riscara no cartão: *O salário do justo conduz à vida e o ganho do ímpio produz o pecado. Provérbios 10:16*. Leu as palavras em silêncio, movendo os lábios, mas não fez qualquer tentativa para decifrar o seu significado. Fora obrigado a frequentar a catequese todas as semanas durante dez anos e só conseguira prestar uma atenção superficial ao tema do pecado.

– À sua saúde, minha senhora – disse o ricoço, que ergueu alegremente a garrafa de champanhe na direção da mulher de ar desleixado e bebeu um trago. Ela lançou-lhe um olhar furioso e resmungou qualquer coisa sobre Sodoma e Gomorra.

O rapaz abriu caminho até à frente da multidão, onde tinha uma boa perspectiva dos portões imponentes, de madeira, com tachas de ferro, mais apropriados a uma fortaleza medieval do que a uma prisão de mulheres. Se lá estivessem três como ele, cada um sobre os ombros do outro, como os acrobatas chineses que vira no Hipódromo, o do alto teria conseguido tocar no cimo arqueado dos portões. Achava que Holloway tinha um ar romântico. Imaginava belas raparigas indefesas presas no interior das suas espessas paredes de pedra, à espera de serem salvas, essencialmente por ele.

Pronto a documentar a excitação estava um fotógrafo do *Empire News*, identificado por um cartão que trazia preso com desenvoltura à faixa do chapéu. O rapaz sentiu uma afinidade com ele – afinal, trabalhavam ambos na indústria das notícias. O fotógrafo estava a fazer o retrato de um grupo de «beldades». O rapaz sabia da existência destas jovens, pois não se coíbia de folhear as *Tatlers* e *Bystanders* que enfiava uma vez por semana nas caixas do correio.

As beldades – inaceitáveis naquele bairro – posavam à frente do portão da prisão. Três pareciam estar na casa dos vinte e ostentavam casacos de peles de imitação que as protegiam do frio do início da manhã, a quarta – demasiado nova para ser uma beldade – envergava um casaco escolar de lã penteada. Todas elas faziam poses elegantes, como que para uma fotografia de moda. Nenhuma parecia estranha à objetiva que as contemplava. O rapaz estava embevecido. Deixava-se extasiar com facilidade pela forma feminina.

O fotógrafo apontou os nomes das beldades num caderninho que retirou de um bolso, para que estas pudessem ser fielmente identificadas no dia seguinte no jornal. Nellie Coker tinha o editor de imagens na mão. Uma indiscrição qualquer da parte dele, supunha o fotógrafo.

– Ei, tu! – gritou para alguém que não se via. – Ramsay, anda lá! Junta-te aqui às tuas irmãs!

Um jovem apareceu e foi levado até ao grupo. Parecia relutante, mas fez um sorriso forçado para o *flash* da máquina fotográfica.

Então, sem aviso, uma pequena porta recortada nos grandes portões da

prisão abriu-se e dela emergiu uma mulher baixa com ar de coruja, a piscar os olhos com a aproximação da luz da liberdade. A multidão aclamou-a, sobretudo os ricos, gritando coisas como «Muito bem, amiga!» e «Bem-vinda de volta, Nellie!», embora o rapaz também tivesse ouvido o grito «Jezebel!» elevar-se algures do meio da multidão. Suspeitou de que tivesse sido a mulher da gabardina parda.

Nellie Coker parecia apagada, e o rapaz não via nela qualquer semelhança com as descrições que ouvira de Jezebéis. Quase desapareceu sob o enorme ramo de açucenas brancas e de rosas cor-de-rosa que lhe atiraram para os braços. Uma das beldades trazia um grande casaco de peles com que envolveu a prisioneira libertada, como se estivesse a tentar apagar um fogo. A mãe do rapaz fizera a mesma coisa quando a sua irmã bebé caíra sobre a grelha e o avental dela pegara fogo. Tinham ambas sobrevivido, apenas com umas pequenas marcas como recordação.

As beldades reuniram-se à volta da mulher, a abraçá-la e beijá-la – devia ser mãe delas, depreendeu o rapaz. A mais nova agarrou-se a ela de uma maneira que lhe pareceu um bocado teatral. Ele conhecia o mundo do teatro, a sua ronda levava-o a todas as entradas de artistas do West End. No Palace Theatre, o porteiro da entrada dos artistas, um jovial veterano do Somme, deixava-o introduzir-se de graça no domínio dos deuses durante as matinés. O rapaz vira *No, No, Nanette* cinco vezes e estava apaixonado por Binnie Hale, a luminosa estrela do espetáculo. Conhecia de cor a letra de «Tea for Two» e de «I Want to Be Happy» e cantava-as com entusiasmo se lho pedissem. Havia uma cena do espetáculo em que o corpo de baile e Binnie (o rapaz sentia que a tinha visto vezes suficientes para se referir a ela com esta familiaridade) entravam em palco em fato de banho. Era tão escandaloso que provocava arrepios, e os olhos do rapaz quase lhe saltavam das órbitas sempre que assistia à cena.

Em contrapartida, para conseguir entrar sem pagar tinha de escutar as cansativas reminiscências de guerra do porteiro e admirar a sua coleção de ferimentos. O rapaz tinha um ano quando a guerra começara e, tal como acontecia com o pecado, esta ainda não lhe dizia nada.

*

Ramsay, o segundo filho de Nellie, tentou aliviar a mãe do peso do ramo de flores e foi apanhado pelo fotógrafo a segurar nelas como uma noiva ruborizada. Para grande irritação das irmãs (e também sua), esta viria a ser a fotografia em destaque no jornal da manhã seguinte, por baixo do cabeçalho «filho de nellie coker, a famosa proprietária de clube noturno do soho, saúda a mãe aquando da sua libertação da prisão». Ramsay preferia ter fama própria, não como adjunto da celebridade da mãe. Começou a espirrar em reação às flores, uma salva rápida de *atchim-atchim-atchim*, e o ardina ouviu Nellie dizer: «Oh, por amor de Deus, Ramsay, recompõe-te», o género de coisa que a própria mãe do rapaz diria.

– Vamos lá, Ma – disse alguém do grupo. – Vamos para casa.

– Não – respondeu Nellie Coker com determinação. – Vamos ao Amethyst. Comemorar. – O piloto segurava o leme.

A multidão começou a dispersar e o ardina seguiu o seu caminho, animado por ter testemunhado um acontecimento histórico. Lembrou-se de repente de uma maçã, velha e engelhada, que guardara de manhã cedo. Retirou-a do bolso e comeu-a às dentadas ruidosas, como um cavalo. Era maravilhosamente doce.

O ricaço do charuto avistou-o e disse: «Belo espetáculo, não foi?», como se a sua opinião fosse importante para ele; deu-lhe uma palmadinha amigável num dos lados da cabeça e recompensou-o com uma moeda de seis *pence*. O rapaz afastou-se a dançar, feliz.

Enquanto seguia caminho, ouviu alguém no meio da multidão a gritar: «Ladrão!» Era um termo que podia aplicar-se a qualquer pessoa, na verdade, exceto talvez ao homem que estivera a observar a situação a uma distância discreta, na parte de trás de um carro descaracterizado. O inspetor-chefe John Frobisher – «Frobisher da Yard», como a revista *John Bull* o apresentara, ainda que de uma forma algo errónea, pois ele estava naquele momento destacado para a esquadra da Bow Street, em Covent Garden, para onde fora enviado para «agitar um pouco as coisas». Sabia-se que a corrupção era lá frequente, e ele fora incumbido de encontrar as maçãs podres.

A *John Bull* pedira recentemente a Frobisher para escrever uma série de artigos baseados na sua experiência na polícia, com vista a transformá-los num livro. Frobisher não era um narcisista – longe disso –, mas ficara animado com a proposta. Sempre fora um apreciador de livros e um desafio literário era algo que lhe agradava. Contudo, naquele momento, não estava tão certo. Sugerira dar-lhe o título de *Londres ao Escurecer*, mas a revista dissera que preferia *Noite no Bairro do Vício*. Frobisher não sabia por que razão aquilo o surpreendera, quando qualquer jornal reles se fartava de publicar histórias sensacionalistas de homens estrangeiros que convenciam mulheres a entregarem-se a leviandades de um ou outro género, quando na realidade era maior o risco de lhes arrancarem as malas dos braços em plena luz do dia.

Nada fora ainda publicado, mas sempre que entregava qualquer coisa à *John Bull* pediam-lhe para tornar o material mais picante, mais «sensacional». Picante e sensacional não faziam parte da natureza de Frobisher. Era um homem sóbrio, embora não sem profundidade e sentido de humor, qualidades que não eram com frequência aproveitadas pela Polícia Metropolitana.

Frobisher acompanhava discretamente o movimento de duas mulheres que abriam dissimuladamente caminho através da multidão, furtando habilmente os bolsos. Identificou-as como subalternas do gangue feminino Quarenta Ladrás, mas eram peixe relativamente miúdo e não tinham interesse para ele naquele momento.

Dois Bentleys preto e creme – um adquirido, o outro alugado para o efeito – detiveram-se, o clã Coker dividiu-se entre os dois e afastou-se,

acenando como membros da realeza. O crime compensava, combatê-lo é que não. Frobisher sentiu a sua bÍlis cumpridora da lei a subir enquanto reprimia uma pontada de inveja causada pelos Bentleys. Estava a adquirir o seu modesto carro próprio, um discreto Austin Seven, o Homem Comum dos carros.

O criminoso império Coker era um castelo de cartas que Frobisher planeava derrubar. O sórdido e reluzente submundo de Londres concentrava-se nos seus clubes noturnos, em particular no Amethyst, a joia garrida no coração da vida noturna do Soho. Não era a delinquência moral – as danças, as bebidas ou mesmo as drogas – que deixava Frobisher consternado. Eram as raparigas. Andavam a desaparecer raparigas em Londres. Pelo menos cinco de que ele tivera conhecimento haviam desaparecido nas últimas semanas. Para onde teriam ido? Ele suspeitava de que teriam entrado pela porta dos clubes do Soho e nunca mais haviam saído.

Voltou-se para a mulher sentada ao seu lado no banco de trás do carro e disse:

– Observou-as bem, menina Kelling? Acha que consegue fazer o que lhe pedi?

– Sem dúvida, senhor inspetor-chefe – respondeu Gwendolen.

*A Rainha dos Clubes*₁

No Amethyst, Freddie Bassett, o chefe dos *barmen*, ofereceu a Nellie outro ramo de flores enorme.

– Bem-vinda a casa, Sra. Coker – disse. Não a tratava por «Nellie», nunca se rebaixava ao ponto de ser menos do que formal com a família. Tinha os seus padrões. Aprendera a profissão no Ritz, antes de perder o lugar devido a um infeliz incidente que envolvera duas empregadas de quarto e um armário de roupa de cama. «Pode imaginar o resto», dissera a Nellie quando se candidatara a um emprego no Amethyst. «Prefiro não o fazer», fora a resposta dela.

Nellie não gostava de flores, por as considerar demasiado carentes. Em sua opinião, deviam reservar-se para casamentos e funerais, mas não para o seu, muito obrigada. Nellie gostaria de deixar o mundo não embelezado, como entrara nele, nem sequer com um malmequer.

Em vez de flores, preferia que lhe dessem uma caixa de bolos da Maison Bertaux, ali perto, na Greek Street – *éclair*s de chocolate ou *babas au rhum*, de preferência ambos. Era uma tremenda gulosa, hábito adquirido com as ameixas e as bolas de caramelo, em calda, da sua infância escocesa. A comida tinha sido a pior coisa na prisão. As filhas levavam-lhe doces em calda nos dias de visita a Holloway. Nellie tivera muitas ideias sobre a reforma da prisão durante o cumprimento da pena, e no topo da lista encontravam-se dois cêntimos de guloseimas por semana – *marshmallows* e gelado de coco, de preferência.

Quando chegara a Holloway seis meses antes, o pessoal do Amethyst enviara-lhe uma cornucópia digna de uma festa das colheitas – um grande ramo de flores e um cesto de frutos exóticos, elaborado por um comerciante de Covent Garden que era cliente habitual do clube. O pessoal tinha-lhe acrescentado as palavras *Boa Sorte*, com letras recortadas de um cartão prateado com relevos que haviam recuperado no armário obscuro em que

guardava as decorações de Ano Novo.

Uma guarda retirara-lhe essa extravagância mal Nellie entrara nos muros sinistros, e o exotismo do ananás, dos pêssegos e dos figos tinha sido repartido entre o pessoal, enquanto Nellie jantava a magra ração prisional: a dose habitual de sopa de ervilhas, pudim de sebo e carne de vaca guisada, um prato a saber a ranço que nunca tinha conhecido a vaca com que pretendia estar relacionado.

Antes de Nellie ir dormir nessa primeira noite, introduziram uma flor – uma rosa vermelha, tirada do ramo – pela abertura da porta da cela. Nellie não percebeu com que intenção lha tinham dado, como sinal de desprezo ou para a consolar. A sua companheira de cela, uma belga que tinha abatido o amante a tiro, sentiu-se menos intrigada. Pegou na rosa e calçou-a com as botas até as pétalas mancharem as pedras frias do chão da cela.

*

O clube tinha acabado de fechar e a maior parte do pessoal ficara para saudar o comandante que regressava a bordo, embora a banda tivesse feito as malas e partido (eles aferravam-se com obstinação à sua autonomia). Tinham tocado «Deus Salve o Rei» havia mais de uma hora, com os heroicos sobreviventes da noite em sentido. Nellie era rigorosa (as suas regras eram cumpridas ainda com mais rigor quando ela estava ausente), ninguém ficava sentado durante o hino, nem sequer os mais embriagados. Agora, apenas um par de clientes habituais, *bons vivants* amáveis e dipsomaníacos, que se juntaram ao coro dos moços de recados, dos porteiros, dos empregados de mesa e do *chef* dos pequenos-almoços, e repetiram com Freddie:

– Bem-vinda de volta, senhora Coker.

Tinham acabado de suportar uma noite invulgarmente quente a meio da semana, durante a qual uma pessoa em duas parecia ter acabado de sair de um jogo de rãguebi ou de um bar Varsity. Um grupo de acompanhantes fatigadas agitava-se à volta de Nellie. De perto, cheiravam a bafio, a uma infusão barata de pó de arroz, perfume e suor, mas, mesmo assim, era um odor bem-vindo e familiar depois do ar insalubre de Holloway, e Nellie deixou-as abraçá-la antes de as empurrar para a cama. O Amethyst esvaziava-se ao romper do dia. Precisava da noite para ganhar vida, e a sua boca aberta exigia ser alimentada com um desfile interminável de pessoas.

O *chef* voltou a ligar os bicos do fogão para preparar o pequeno-almoço de Nellie. As galinhas de Norfolk ocupavam-se a abastecer o Amethyst com ovos, que chegavam às dúzias no comboio do leite durante a noite. O *chef* estava ansioso por saber como era o pequeno-almoço na prisão.

– Um naco de pão com margarina e uma caneca de cacau – informou-o Nellie.

– Vou juntar-lhe umas salsichas no prato, pois julgo que precisa de se alimentar – disse ele, solícito.

– Acho que tens razão – respondeu Nellie.

A família retirou-se para uma das salas privadas, onde um empregado pôs uma mesa com uma toalha e guardanapos lavados e talheres de prata, e Freddie abriu uma garrafa de champanhe para beberem. Dom Perignon para a família, uma marca inferior para o clube, comprada por sete xelins e seis *pence* e vendida por três guinéus. Oito por uma das maiores. Haveria som mais feliz do que o estalar de uma rolha de champanhe?, perguntou Nellie.

– Desde que não saia dos lucros – disse Edith, em cujas veias o sangue Coker corria numa torrente rápida e furiosa.

A descendência de Nellie Coker pela ordem em que entrou no palco do mundo. O primeiro de todos, Niven – ausente de Holloway naquela manhã, o que não era de surpreender –, pouco depois seguido por Edith. Sucederam-se um hiato, durante o qual Nellie tentou refutar uma nova maternidade e, depois de falhar, produziu, numa sucessão rápida, Betty, Shirley e Ramsay, e, em último lugar, a minorca da ninhada, Kitty, de onze anos, ou *le bébé*, como Nellie por vezes se lhe referia, quando procurava e não conseguia encontrar o nome certo entre tantos outros. Nellie tivera uma educação francesa, algo que podia ser interpretado de várias maneiras.

Na certidão de nascimento de Kitty havia um pai, embora Edith dissesse que sabia de fonte segura que era o nome de um major que tinha morrido na primeira batalha do Marne, um ano antes de Kitty nascer. («Um milagre», dizia Nellie, imperturbável.)

As três raparigas mais velhas eram a tropa de choque da família. Betty e Shirley tinham andado ambas em Cambridge. «Usam o que aprenderam com leveza», dizia Nellie, orgulhosa, a potenciais pretendentes. («Quase não o usam», dizia Niven.) Por vezes, Nellie parecia mais uma promotora teatral do que uma mãe.

Edith renunciara à universidade e ao casamento em favor de um curso de escrituração e contabilidade. Enquanto Nellie estava *hors de combat* em Holloway, fora Edith a dirigir o navio Coker. O Amethyst havia sido encerrado, embora Edith o tivesse reaberto, como é evidente, no dia a seguir a Nellie ter sido condenada, com outro nome – «Deck of Cards» –, mas para toda a gente continuava a ser, e sempre seria, o Amethyst.

Edith era a adjunta de Nellie, a sua *chef d'affaires*, e era feita do mesmo material resistente da mãe. Percebia de negócios e tinha o estômago dos Borgia necessário para isso. O dinheiro era a questão. Todos eles tinham sabido o que era ter algum, depois não ter nenhum e agora ter muito, e nenhum queria voltar a cair do precipício para a penúria. Talvez não tanto Ramsay, que queria ser escritor. «Desespero», dizia Nellie.

Ramsay, que tinha apenas vinte e um anos, era continuamente assaltado pela sensação de que acabara de perder alguma coisa. «É como se», esforçava-se por explicar a Shirley, a sua confidente habitual, «tivesse entrado numa sala e todos os outros tivessem acabado de sair.» Niven tinha ido para a guerra, Betty e Shirley para Cambridge, mas Ramsay era demasiado novo para a guerra e não ficou mais do que um período em Oxford antes de ser

condenado a um sanatório alpino devido a pulmões que se assemelhavam a «um par de concertinas», de acordo com o seu médico no Bart's. Para ser sincero, tinha sido um alívio. Os colegas de curso intimidavam-no. Ainda havia homens em Merton a terminar cursos que tinham sido interrompidos pela guerra. Tinham estado debaixo de fogo. Eram mais velhos do que sugeriam as respetivas certidões de nascimento, enquanto Ramsay sabia que era mais novo.

Aos olhos da família, Ramsay parecia transparente; Niven, por outro lado, era um enigma para todos eles. Tinha uma participação num concessionário de automóveis em Piccadilly, era sócio de uma empresa de importação de vinhos, tinha um cão que corria em White City e meia participação num cavalo que aparecia uma vez por outra numa pista de corridas, sem desfrutar de simpatias, até conquistar o primeiro lugar. («Curioso», comentou Nellie.) Conhecia criminosos, conhecia duques. («Tanto faz», dizia Nellie.) Quase não bebia, mas ia a muitas festas. Não tinha tempo para pessoas que iam a festas. Não tinha tempo para as pessoas em geral e não suportava os tolos. Nunca consumiu drogas, tanto quanto se sabia, mas costumava estar com todos os chineses que as vendiam, era conhecido por visitar Limehouse e podia ser encontrado sentado no mal-afamado restaurante Brilliant Chang's, na Regent Street, a partilhar um bule de chá de crisântemo com o proprietário, antes de o deportarem. Teria dado um bom wesleyano, mas não tinha tempo para frequentar a igreja.

*

As origens de Nellie perdiam-se nas brumas do tempo, ou, no seu caso, no nevoeiro dos pântanos irlandeses, mas o que se sabia – ou o que se afirmava – era que a sua avó materna havia sido expulsa da Irlanda por vagabundagem, tendo assim a sorte de escapar à Grande Fome e de estabelecer os primórdios da dinastia. Essa mulher tinha ido parar a Glasgow, onde fora vendedora de têxteis porta a porta, antes de emigrar para leste e de ser acolhida – sabe-se lá como? – por um *laird* abastado do Reino de Fife, um segundo filho, elevado a primeiro pela morte do irmão em circunstâncias misteriosas. Havia rumores ignorantes de que ele tinha sido amaldiçoado.

Houve um casamento à pressa. A avó de Nellie já carregava no ventre o segredo da mãe de Nellie, e, depois de esta nascer, o novo *laird* começou a jogar com entusiasmo o dinheiro da família, ao mesmo tempo que bebia até cair para o lado.

Na altura em que Nellie veio ao mundo, pouco restava da fortuna da família. Quando ainda era muito jovem, enviaram-na para França a fim de receber instrução numa escola conventual em Lyon, antes de ter um «aperfeiçoamento» (em mais do que um sentido) em Paris. Acabada de chegar da capital francesa e possivelmente já *enceinte* de Niven, regressou a Edimburgo e casou-se com um médico de Inverness. Montaram uma casa luxuosa que não podiam pagar na Cidade Nova de Edimburgo, e Nellie

descobriu que o seu novo marido não só bebia, como também jogava. Quando todo o dinheiro e boa vontade se esgotaram, Nellie tomou o assunto em mãos: meteu os filhos numa carruagem de terceira classe em Waverley e retirou-os de lá em King's Cross.

Todos à exceção de Niven, o mais velho, que já tinha sido incorporado na Guarda Escocesa em Edimburgo e estava mobilizado na frente. Não se oferecera como voluntário. Niven nunca se teria oferecido como voluntário para o exército. Ou, em boa verdade, para o que quer que fosse. Havia sido incorporado como soldado raso, tendo recusado o posto de oficial a que tinha direito por ter frequentado o Fettes College. Os colégios privados da Grã-Bretanha tinham fornecido, de forma útil, alimento para os postos fugazes de oficiais subalternos. Niven não tinha qualquer desejo de ser promovido dessa forma. Disse que preferia correr riscos nos escalões inferiores. Foi o que fez e sobreviveu.

Nellie deixou os filhos sentados nas malas de viagem na plataforma enquanto ia à procura de alojamento. Uma libra por semana para quartos num primeiro andar na Great Percy Street, mesmo ao virar da esquina da estação. Sem dinheiro sequer para a renda da primeira semana, entregou a aliança de casamento como garantia. A aliança não era a sua – a essa perdera-a há algum tempo (havia quem dissesse que por negligência) e tinha comprado uma barata, de nove quilates, numa loja de penhores. Disse à senhoria da Great Percy Street que era viúva de guerra e que o marido fora morto em Ypres. Os filhos olhavam para a mãe com interesse. Betty e Shirley tinham visto o pai na semana anterior, a rebolar, embriagado, na Praça de St. Andrew, quando regressavam da escola.

Nellie alargou-se sobre a sua desdita: seis filhos, um (mais ou menos) ainda bebé de colo e outro a combater na frente. As defesas da senhoria desmoronaram-se com facilidade e, calorosamente, ela deixou-os transpor a soleira da porta. Recusou a aliança de casamento. Era uma velha alma bondosa, ainda vestida à moda do século anterior.

A casa tinha quatro pisos. A senhoria vivia por baixo deles, no rés do chão; por cima, morava uma família barulhenta de refugiados belgas e, no sótão, dois «bolcheviques» russos – homens muito simpáticos, embora bastante sujos, que faziam biscates pela casa e ensinavam ao jovem Ramsay um pouco da sua língua, bem como um jogo de cartas chamado Preferans. Podiam passar a noite inteira a jogar e a beber vodca de batata que compravam em Holborn numa destilaria ilegal. Nellie ficou furiosa quando descobriu. O jogo tinha sido a ruína da sua família no passado, disse ela, e não ia deixar que fosse a sua ruína no futuro.

As raparigas estavam encantadas com o novo alojamento, porque a senhoria tinha um grande gato de pelo escuro chamado *Moppet* e elas passavam muito tempo ocupadas com ele, a vestir-lhe os bibes e as toucas de Kitty e a escovar-lhe o esplêndido pelo até o pobre Ramsay pensar que os seus pulmões iam implodir. Nellie ganhava algum dinheiro com trabalhos de

costura; era uma excelente costureira, tendo aprendido com as freiras na escola que frequentara em Lyon. A senhoria tinha uma máquina de costura Singer que já não usava. Os bolcheviques subiram-na dos seus aposentos para os dos Coker.

Os cordões da bolsa de Nellie estavam bem apertados. As solas dos sapatos eram remendadas com uma solução de borracha líquida, os colarinhos brancos eram esfregados com pedaços de pão para os limpar e jantavam sopa de fígado e empada de enguias. Nellie era uma excelente economista. Enquanto poupava, centavo aqui, centavo ali, elaborava um plano.

As crianças teriam gostado de ficar na Great Percy Street, mas a senhoria morreu uns meses mais tarde, e o filho, que vivia em Birmingham e nunca a visitava, escreveu a dizer que tinha decidido «vender tudo» e mudar-se para a América com os lucros. Nellie afeiçoara-se à proprietária durante o tempo em que lá tinham vivido e, por vezes, tomava chá com ela à tarde. A senhoria era uma padeira entusiasta, com um repertório baseado no livro de receitas Be-Ro – biscoitos de pedra, *scones*, bolos-rainha, que Nellie muito apreciava.

Estava habituada a ouvir os pequenos sons da vida quotidiana vindos da casa da senhoria – água a correr, portas a fechar, e por aí fora. Ao longo do dia, foi-se apercebendo aos poucos de que tudo estava em silêncio no andar de baixo e desceu para investigar. Tinha lido as cartas à senhoria na noite anterior e vira «uma grande mudança» a aproximar-se, mas nada sobre morte.

Quando bateu sem obter resposta, abriu a porta, sabendo que estava sempre destrancada. As divisões pareciam vazias, o pó do silêncio era pesado. Nellie sentiu-se triste, mas não surpreendida, ao descobrir que a senhoria não se tinha levantado nessa manhã e que ainda estava na cama, a dormir o sono eterno.

Pôs um pouco de ordem na casa. Prateleiras e gavetas: guardou coisas, tirou coisas. Sabia que havia dinheiro numa pequena lata de chá, comemorativa da coroação de Eduardo VII. Retirou-o e meteu-o no bolso do avental. Por baixo da cama alta de latão em que o corpo repousava serenamente, viu uma caixa de metal um pouco enferrujada, semelhante a uma grande caixa de guardar dinheiro. Nellie tirou-a de baixo da cama com a bengala da velhota. Estava fechada; teve de remexer muito mais para encontrar a chave que se encontrava escondida numa pequena jarra com *pot-pourri*.

Estava à espera de papéis secos e poeirentos. Um contrato de arrendamento, um testamento. Não estava à espera de um tesouro. Do resgate de uma rainha. Diamantes, rubis, safiras, opalas e granadas. Anéis e pregadeiras, pulseiras e braceletes. Torques e gargantilhas, uma tiara de esmeraldas ao estilo russo, um colar de pérolas com cinco voltas. Camafeus, corais, um par de brincos estilo candelabro de uma bela água-marinha, uma pulseira de homem, de opala, cravejada de rubis e diamantes.

Que vida secreta teria vivido a despresticiosa senhoria para ter conseguido tais prémios? Nellie optou por não especular. Só mais tarde veio a

saber que a simpática e idosa senhora tinha sido recetadora dos gangues londrinos e que as joias haviam sido roubadas várias vezes. Nellie não pôde deixar de ficar impressionada com a discreta duplicidade da senhoria. Era um exemplo de dissimulação.

No que tocava à sua própria culpa, Nellie argumentou com o seu juiz interior que a proprietária poderia ter-lhe dado as joias de graça se soubesse que estava prestes a morrer. Uma narrativa improvável, mas reconfortante. Subiu a escada de regresso ao seu andar com remorsos. Aí chegada, mandou Edith ir chamar um médico para ver a senhoria.

– Ela está doente? – perguntou Edith.

– Muito – respondeu Nellie.

Mais tarde, perguntou a si mesma se teria estado a ler as suas próprias cartas, e não as da senhoria, pois uma grande mudança tinha acontecido nas suas vidas. Despediram-se dos bolcheviques, que partiram para voltar a atravessar a Europa rumo à sua revolução, e deixaram a Great Percy Street antes de o filho os expulsar e antes que os criminosos amigos da senhoria pudessem ir à procura dos seus bens saqueados. Durante muitos anos, talvez mesmo ainda agora, Nellie olhava por cima do ombro na rua, perguntando-se se os ladrões teriam descoberto que ela tinha roubado o seu espólio e se estariam prestes a vingar-se dela.

Em seguida, arrendaram uma cave bolorenta e infestada de ratos na Tottenham Court Road. Levaram com eles *Moppet*, que revelou ser um excelente caçador de ratos, mais do que merecedor do seu sustento. Para se penitenciar, Nellie decidiu vender a um penhorista que conhecia a sua peça favorita, um magnífico colar de ametistas do início do século xviii, cobrando-lhe a soma exorbitante de cinquenta libras. Nellie era uma regateadora exímia. O resto guardou-o para ir vendendo, peça a peça, conforme fosse necessário. Era parcimoniosa no que dizia respeito aos negócios. Estava convencida de que um empreendimento devia financiar o seguinte. Os negócios geravam negócios.

Tinha visto um anúncio na *Gazette*, publicado por alguém chamado Jaeger. Era um homem pequeno, grosseiro e astuto, mas que parecia ter alguma ideia do que estava a fazer. Durante a guerra, organizara «chás com tango» numa cave em Fitzrovia, mas a moda do tango tinha passado e ele procurava um sócio, para organizarem *thés dansants*. Juntos, Nellie e Jaeger encontraram uma cave – na realidade, uma adega – na Little Newport Street, perto de Leicester Square, e gastaram uma boa maquia a remodelá-la, após o que venderam assinaturas a dois xelins por noite para dançar e tomar umas bebidas. Chamaram-lhe Jaeger's Dance Hall.

O Savoy (com champanhe e orquídeas) cobrava cinco xelins, e Nellie supunha que serviam iguarias. O Jaeger's Dance Hall oferecia um *thé* mais consistente – bolos com cobertura *glacé*, sanduíches, limonada e algo chamado «Turk's Blood», que era cor-de-rosa vivo: limonada, *bitters* Angostura e um pouco de cochinilha. Sem licença para vender bebidas

alcoólicas, claro. No início, cumpriram a lei, mas se não servissem bebidas, alguém as serviria. E assim fizeram.

Como apoio para esta entrada na ilegalidade, Jaeger recorreu aos serviços da lei, encarnados num polícia, um tal sargento-inspetor Arthur Maddox, que trabalhava na esquadra da Bow Street. Maddox era um polícia prestável que, por uma dada quantia todas as semanas, fazia vista grossa às leis da concessão de licenças e avisava Jaeger e Nellie se ouvisse dizer que havia uma rusga iminente.

O Jaeger's Dance Hall arrancou como um foguetão, com as pessoas a dançarem *jazz* e *foxtrot* ao som de uma banda de *ragtime* até caírem. Parecia que não queriam nada mais do que divertir-se durante a convulsão da guerra. Estava-se na primavera de 1918 e as pessoas, em todo o lado, estavam fartas do conflito.

Isso ajudou Nellie a abrir os olhos. Não podia deixar de reparar que muitos dos homens iam para casa no final da noite com uma acompanhante de dança que lhes era completamente estranha algumas horas antes.

– As raparigas recebem boas gorjetas por isso – disse Jaeger num tom fleumático. – Não as podemos censurar, pois não?

Na noite do Armistício, havia pares – mais uma vez, de desconhecidos – a fornicar nas sombras do salão de baile. Lá fora, nas ruas, tinha lugar uma orgia.

– A cópula – disse Jaeger, num tom ainda mais fleumático – faz o mundo girar, não é? E é melhor do que matarem-se uns aos outros. Foder é natural, não é?

Nellie recuou perante a palavra, mas teve de concordar, ainda que com relutância. Tantas pessoas tinham perecido na guerra que ela se perguntou – tentando pôr um verniz de requinte na vulgaridade básica do que se passava – se não estariam a seguir uma compulsão instintiva para reabastecer a raça humana. Como as rãs.

Pensou que devia aceitar o conceito de «diversão». Não a queria para si própria, mas estava felicíssima por proporcioná-la aos outros, mediante uma dada quantia. Não havia nada de errado em divertir-se, desde que ela própria não tivesse de o fazer.

Uma das acompanhantes de dança – Maud, uma irlandesa – tinha morrido nessa noite devido a uma *overdose* de ópio. Fora Nellie a encontrá-la, caída atrás do bar antes do romper do dia.

Jaeger não estava à vista em parte nenhuma, por isso Nellie mobilizou dois soldados rudes que estavam de licença para levar a rapariga, pagando-lhes com uma garrafa de *whisky* a cada um para se livrarem dela.

– Onde? – perguntou um deles.

– Sei lá – respondeu Nellie. – Usem a cabeça. Tentem no rio.

Com alguma sorte, a rapariga vogaria pelos pântanos do Essex e acabaria por ser arrastada para o mar. Nellie nunca mais viu os soldados e não fazia ideia se eles tinham seguido a sua sugestão. «Longe da vista, longe do

coração» era um dos ditados úteis que tinham orientado a sua vida.

Jaeger era um simples trampolim para o futuro de Nellie, uma aprendizagem. Arquitetava um plano mais grandioso. Depois do Armistício, vendeu-lhe a sua parte no salão de baile por quinhentas libras. Posteriormente, foi alvo de várias rusgas, tendo sido considerado culpado de «vender bebidas alcoólicas» e de permitir que o salão de baile fosse o «ponto de encontro habitual de mulheres de má reputação», tendo de pagar uma multa de trezentas e vinte e cinco libras em cada ocasião. Após a quarta rusga consecutiva, admitiu a derrota e abandonou o negócio dos clubes noturnos.

*

Com os lucros do Jaeger's Dance Hall, Nellie abriu um *cabaret* («*Cabaret intime*», como o designava) chamado «o Moulin Vert» (ou «o Moolinvurt», como lhe chamava quem não sabia francês), inspirado pela nostalgia da Paris da sua juventude.

Arrendou uma cave imunda na Brewer Street e transformou-a num palácio – acessórios dourados e uma pista de dança com molas, pequenas mesas de café à *la Montparnasse* à volta da sala. Uma visão – «uma *mise en scène*», disse ela ao veterano dos Artists Rifles que contratou para pintar o local. Ele obsequiou-a com murais ao estilo de Renoir. Podia-se imaginar estar numa rua parisiense, disse Nellie e, num gesto que não lhe era habitual, deu-lhe mais cinco libras como agradecimento.

Os anos vinte chegaram com a sua agitação, e o Moulin Vert teve uma abertura estrondosa. Havia dança entre os espetáculos de *cabaret* – seleccionados de todos os teatros do West End – e quase todo o elenco do Gaiety aparecia depois da meia-noite. Nellie contratou uma orquestra cigana – não francesa, é verdade, mas suficientemente estrangeira para a multidão que frequentava o «Moolinvurt». A bebida corria livremente e o dinheiro também. Era raro haver rusgas; o sargento Maddox tinha continuado a trabalhar para Nellie.

Poucos meses depois da inauguração, Nellie soube que o artista que tinha pintado os seus murais se suicidara com um tiro. Não era o primeiro soldado incapaz de lidar com a paz. Nellie e Edith ergueram um copo em sua memória depois de fecharem.

Passados uns anos, Nellie teve uma oferta demasiado boa para recusar e vendeu o clube. Para assinalar a ocasião, comprou a cada uma das raparigas um colar das novas pérolas Ciro, de uma só volta, com pequenos fechos com diamantes.

Com o dinheiro do Moulin Vert, Nellie adquiriu as instalações para o seu novo clube. À procura de um nome, pensou no tesouro de joias cintilantes que tinha levado da Great Percy Street. Pensou em «Diamond». Em «Sapphire? Ou talvez «Ruby»? E depois lembrou-se do colar que lhe permitira começar em Londres. E, como a Cachinhos Dourados, encontrou o nome certo. «Amethyst».

Agora, o império de Nellie incluía cinco clubes noturnos – o Pixie, o Foxhole, o Sphinx e o Crystal Cup eram os outros. Mas a joia da coroa sempre fora e sempre seria o Amethyst.

Antes de Holloway, era possível encontrar Nellie quase todas as noites na pequena cabine da caixa, à prova de correntes de ar, à entrada do clube. Era a partir daí que governava o seu reino; pagava as contas no final da noite, dava os trocos aos empregados de mesa, recebia o dinheiro das entradas. Uma libra cada. Só para membros. Com o pagamento de uma libra, uma pessoa tornava-se sócia. O clube recebia mil libras por semana. Era melhor do que uma mina de ouro.

Ninguém entrava de graça, nem mesmo o príncipe de Gales. Uma semana antes, Rudolfo Valentino estivera lá, na semana anterior a essa fora o jovem príncipe George. Não tinha dinheiro com ele, como era evidente, essas pessoas nunca andavam com dinheiro e quem os acompanhava precisava de rebuscar nos próprios bolsos para pagar a despesa. Nellie tinha uma maneira de fazer as pessoas sentirem que lhes estava a fazer um favor ao permitir-lhes a entrada no Amethyst. Isso era apenas o início do processo de limpeza. Nem sequer se podia sair sem entregar um xelim à rapariga do bengaleiro, se se quisesse recuperar o casaco no final da noite. Mais uma gorjeta, claro. O Amethyst funcionava à base de gorjetas. As acompanhantes de dança recebiam três libras por semana, mas num bom sábado – com a corrida de barcos ou o Derby – podiam voltar para casa com oitenta libras na carteira. Não havia quem pedisse um aumento. Ninguém se atrevia.

O Amethyst não tinha pretensões de conquistar o *haut monde*, como o clube Embassy, nem de angariar a escumalha, como algumas espeluncas infestadas de pulgas da Curzon Street.

Os gangues londrinos que, de tempos a tempos, afluíam ao clube, tratavam-no como um campo de batalha. A turba de Elephant and Castle, os rufias de Derby Sabini, Monty Abrahams e os seus sequazes, o bando de Hoxton, os Hackney Huns, os Frazzini. Luca Frazzini, o chefe dos Frazzini, era um homem apumado e elegante que se encontrava muitas vezes calmamente sentado numa mesa ao canto do Amethyst, com uma taça de champanhe (gratuito) à frente, no qual mal tinha tocado. Podia passar por um corretor da bolsa. Havia uma *entente cordiale* entre ele e Nellie, que remontava há muito tempo, aos dias do Jaeger's Dance Hall. Confiavam um no outro. Ou quase.

Membros «vulgares» do público e rufias dos gangues conviviam com a realeza, tanto com os exilados como com os que ainda estavam na posse dos seus tronos, americanos de uma riqueza imensa, príncipes indianos e africanos, oficiais da Guarda, escritores, artistas, cantores de ópera, chefes de orquestra, estrelas do palco do West End, bem como os rapazes e raparigas do elenco – não havia nenhum outro lugar em Inglaterra, nem possivelmente no mundo, onde se pudessem encontrar tantas condições diferentes ao mesmo tempo, nem mesmo em Epsom no dia do Derby. Ao contrário de muitos – na

realidade, da maioria –, Nellie tinha poucos preconceitos. Não discriminava por cor, estatuto ou raça. Quem tinha dinheiro para pagar a entrada estava autorizado a aceder ao seu reino. Na opinião de Nellie, o dinheiro era a medida de um homem – ou de uma mulher.

Depois de superar a presença de Nellie, semelhante à de um Cérbero, à entrada, passava-se por uma cortina de bambu e descia-se um lance de escadas estreito e mal iluminado, tão pouco atraente como os degraus de uma carvoaria. Isso aumentava o que havia de teatral em tudo aquilo, dizia Nellie. Toda a gente queria dramatismo. Ao fundo da escada, era-se recebido por outro porteiro, este envergando uma libré com cordões, dragonas e tudo isso, um traje que não teria parecido deslocado num contra-almirante de uma opereta. Este indivíduo, Linwood, muito dado a vénias e mesuras (fazia um dinheirão em gorjetas), era um mordomo de uma das casas reais, caído em desgraça. Nellie acreditava em segundas oportunidades, tendo ela própria beneficiado de várias. Era divertido ver as expressões de espanto nos rostos de alguns dos clientes mais régios do clube ao reconhecerem Linwood (como era costume com os mordomos, também este não tinha outro nome), pois ele era o guardião de muitos dos seus segredos mais *outrés*. É claro que, embora a maioria dos criados reconheça os patrões, poucos patrões se lembram das caras dos que os serviram. Depois, Linwood puxava para trás a pesada cortina de bombazina preta que encobria a entrada e, finalmente, tinha-se acesso ao clube. Um *coup de théâtre*.

Tcharan! Bem-vindo ao Amethyst!

*

Os ovos com *bacon* chegaram, juntamente com as prometidas salsichas para Nellie e café com leite adoçado. *Keeper*, o lobo-da-alsácia de Niven, abriu a porta da sala de jantar com o focinho, anunciando a chegada do dono.

O cão era a única criatura na Terra pela qual Niven parecia ter respeito. Continuava a referir-se a ele como um «pastor-alemão» e não como um «lobo-da-alsácia», imune, ou indiferente, às conotações inimigas do nome. Tal como muitos homens nas trincheiras, Niven tinha conhecido cães como *Keeper*, cães de trabalho, mas essa era uma das poucas informações sobre o tempo que passara na Guarda Escocesa que estava disposto a partilhar com alguém. Em nenhuma altura da guerra ou depois dela, incluindo o Armistício e a Paz, Niven pensou que houvesse um vencedor.

Já não tinha paciência para as fraquezas das pessoas. Nem para as pessoas em geral. Não havia tempo para religião, escrúpulos ou sentimentos. O coração de Niven parecia duro como diamante, temperado no cadinho da guerra.

Tinha sido um atirador de elite, matando alemães nas respetivas trincheiras com a sua Enfield modelo 1914. Para nivelar as coisas, os alemães faziam o mesmo. Uma manhã, durante a batalha de Passchendaele, a cabeça de um cabo que estava a vigiar ao lado de Niven rebentou. À tarde, aconteceu

o mesmo com outro vigilante. É compreensível que tenha havido relutância em fazer uma terceira vigilância para Niven. Os atiradores e os vigilantes revezavam-se e, na vez seguinte em que Niven estava de serviço, optou por ser ele a ficar de vigia, a fim de demonstrar, quanto mais não fosse, as leis do acaso. Não foi morto. Talvez tivesse tido sorte ou talvez fosse simplesmente bom a saber quando colocar a cabeça acima do parapeito e quando era melhor manter-se agachado.

Tinha estado mais perto da sala de jantar do que eles pensavam, numa das arrecadações do clube, a ouvir a história sobre o infortúnio de uma das acompanhantes de dança entre os caixotes de cerveja e de champanhe e as caixas de arenques que chegavam todas as semanas de comboio do Fortune's, em Whitby, para abastecer os pequenos-almoços do Amethyst. Pôs fim à história dando à rapariga dinheiro suficiente para fazer desaparecer o seu «problema». Havia uma mulher em Covent Garden que todas as raparigas pareciam conhecer. A solução era muitas vezes pior do que o problema, mas «arrisca-se», dizia a rapariga da arrecadação. O problema dela não fora causado por Niven. Ele tinha o cuidado de não deixar rasto de si próprio neste mundo.

Entrou na sala com todo o vagar e, dando um beijo leve na face de Nellie, à maneira continental, disse:

– Então, mãe, a prisioneira foi libertada da gaiola, não é verdade?

Tirou um pedaço de carne do prato de Betty e atirou-o a um *Keeper* admirado.

O beijo perturbou Nellie. Parecia mais um Getsémani do que afeto filial.

– Está na altura de irmos todos para a cama – respondeu ela com brusquidão.

Niven despediu-se da mãe, com um gesto que conseguiu fazer parecer ao mesmo tempo impecável e subversivo, um talento aperfeiçoado na guerra.

– *Sofort, mein Kapitän* – disse ele.

Nellie franziu-lhe o sobrolho. Podia não saber alemão, mas reconhecia a língua do inimigo quando a ouvia.

1. *The Queen of Clubs*, no original, tem um duplo sentido: a rainha dos clubes e a rainha de paus. (N. das T.)

Bow Street

— É o seu dia de folga, senhor inspetor — disse o sargento de dia do turno da manhã, alarmado ao ver Frobisher entrar de rompante pela porta da esquadra da Bow Street.

— Eu sei, sargento, ainda não estou senil.

— Nem eu disse que estava, inspetor.

O sargento estava ainda a adaptar-se ao dia com uma caneca esmaltada de chá forte e bem açucarado e não se sentia preparado para a ação. Ganhara o hábito de avaliar o estado de espírito do novo inspetor-chefe. Frobisher estava na Bow Street há pouco mais de uma semana, e o sargento de dia estava ainda a familiarizar-se com a sua disposição diária. Naquela manhã, pareceu-lhe ver um certo otimismo e disse:

— Deseja um chá, inspetor?

— Não, obrigado, sargento — respondeu Frobisher com energia.

Frobisher não informara Kelling de que aquele era o seu dia de folga. Nem tão-pouco dissera à mulher, mas Lottie também se interessava pouco pelas suas andanças. Estava ali para desempenhar uma função, que era limpar aquele lugar conspurcado. A imundície nunca dormia, e Frobisher tencionava também não o fazer até limpar tudo. Era um homem dado a metáforas.

A esquadra da Bow Street não era um sítio tranquilo. Frobisher ouvia o ressoar metálico das portas das celas a bater e os protestos loquazes dos prisioneiros que lá passavam a noite encarcerados. Os gritos dos condenados a erguerem-se do Hades, pensou Frobisher, embora as celas da Bow Street não ficassem abaixo, mas sim ao nível do solo. Captou um grito agudo vindo das celas femininas, no piso de cima; dor ou loucura, era difícil dizer. A linha que os dividia era ténue. Pensou na mulher.

Levantara-se a uma hora pouco habitual para ir a Holloway e sentia o estômago a arder. Tinha de o revestir com um belo pequeno-almoço. Os pensamentos de Frobisher voltaram-se para papas de aveia, com mel extraído

do favo, natas saídas diretamente da vaca e talvez um ovo acabado de roubar a uma galinha gorda. Improvável, em todos os aspetos. Frobisher gozara a sua infância num ambiente rural. Estava agora na casa dos quarenta, mas nunca exorcizara Shropshire da sua alma. Havia tido galinhas quando era novo, criadas ao ar livre, e parte das suas tarefas ao regressar da escola ao final do dia consistia em procurar os ovos, cada descoberta um pequeno triunfo, um prazer que nunca o enfadaria. Nunca mais ovo algum lhe soubera tão bem.

– Qual é a contagem da noite, sargento? – perguntou.

– Casa cheia, inspetor. O tribunal de primeira instância vai levar o dia todo a processá-los.

– O mesmo de sempre?

– Receio que sim. O habitual, prostituição, roubo, embriaguez, agressões. Um monte de bêbedos a macerar na sua própria miséria. Um assassinio na Greek Street...

– Ah?

Nos últimos meses, ocorrera uma vaga desconcertante de homicídios em Londres. Ataques aleatórios inexplicáveis a transeuntes inocentes. Claro que alguns tolos supersticiosos, encorajados pelos jornais sensacionalistas, haviam dito que a culpa era da maldição de Tutankhamon. Frobisher estivera a trabalhar com a brigada de homicídios da Scotland Yard e sabia em primeira mão como aqueles assassinios eram incómodos, pois pareciam não ter motivo nem qualquer explicação lógica. Podia apenas concluir que era obra de um louco.

– Nada de especial, senhor inspetor – disse o sargento de dia. – Apenas dois indivíduos embriagados a tentar matar-se um ao outro. O Polícia Que Ri está a tratar disso.

– O sargento Oakes? Preferia que o tratassem pelo nome verdadeiro. – Frobisher odiava aquela música idiota de Charles Penrose.

– Sim, inspetor. Mas o Oakes é um tipo bem-disposto, tem de reconhecer. Vê sempre o lado divertido das coisas.

Oakes era uma pessoa com experiência e, quanto mais não fosse, parecia de confiança, embora a sua constante jocosidade já começasse a enervar Frobisher.

– O inspetor Maddox está de serviço hoje? – perguntou.

– Continua de baixa.

– Ainda? – Maddox estava de baixa desde o dia em que Frobisher começara a trabalhar na Bow Street. Este estava convencido de que o cancro no cerne da esquadra, a mais podre de todas as maçãs, era Arthur Maddox. – Mas que raio se passa com o homem? Finge-se doente para não trabalhar?

– Creio que está com dores nas costas, inspetor.

Uma dor nas costas não impede um homem de fazer o seu trabalho, pensou Frobisher com irritação.

– Bem, se por acaso ele vier esta manhã, diga-lhe que ando à procura dele.

Corria o rumor de que Maddox, promovido a inspetor depois da guerra, estava a soldo das mesmas pessoas que devia perseguir. Vivia acima dos seus rendimentos – uma grande casa geminada em Crouch End, mulher, cinco filhos. (Cinco! Frobisher não se imaginava sequer a ter um.) Um carro também, um Wolseley Open Tourer, o género de carro que teria um homem abastado e que invejava um homem que tivesse de se contentar com um Austin Seven. Para não falar das férias de verão com toda a família em Bournemouth ou Broadstairs, não em pensões baratas, mas em bons hotéis. Frobisher tinha a certeza de que Maddox estava feito com Nellie Coker, que a protegia da lei, mas que mais benefícios obteria? Maddox era matreiro como uma raposa, e Nellie tinha um galinheiro, era a rainha da capoeira. Será que dava também a Maddox livre acesso às suas galinhas? (Sim, Frobisher era dado a alargadas metáforas.)

À menção do nome de Maddox, o sargento de dia inspirou e endireitou as costas, pormenores que chamaram a atenção de Frobisher. Ultimamente interessava-se pelo que poderia chamar-se linguagem corporal ou «pensamentos subvocais», pequenos sinais através dos quais uma pessoa se traía. Mas estava disposto a admitir que o sargento de dia estivesse apenas a aliviar uma pontada nas costas. Uma pontada ou outra era aceitável, não uma semana sem trabalhar, por amor de Deus.

Frobisher farejou o ar. O delicioso aroma a *bacon* frito chegou-lhe a flutuar vindo de algures. O estômago rugiu-lhe de inveja. Franziu o sobrolho. Será que eles *comiam* quando ele não estava? Sanduíches de *bacon*? Que mais fariam na sua ausência? Sentiu uma estranha sensação de desilusão, como acontecia quando era mais novo e era excluído das atividades dos outros rapazes. Fora uma criança delicada e introvertida. Agora era um homem delicado e introvertido, mas disfarçava-o melhor atrás de uma carapaça dura.

Franziu o sobrolho ao sargento de dia, e este, pressentindo que o seu *bacon* corria perigo, salvou-o literalmente com uma mudança rápida de tema dizendo:

– Constou-me que a Ma Coker foi libertada esta manhã.

O sargento de dia estava bem ciente, como toda a esquadra, da fixação que Frobisher tinha pelos Coker, em particular por Nellie.

– Pois foi – respondeu Frobisher.

– O senhor inspetor foi ver?

– Fui.

Frobisher não se alongou, e o sargento decidiu não abusar da sorte e não perguntou mais nada. Frobisher não fazia conversa fútil, nunca fizera. Isso tornava-o um homem muito incompreendido e fazia-o passar por distante e até mesmo por arrogante. Deus sabia o esforço que fizera para conversar e falar sobre o tempo, corridas de cavalos, até mesmo filmes, mas acabava sempre por parecer um triste ator amador. (*Então, senhor agente, como vai a sua horta?*) As suas verdadeiras paixões eram esotéricas, de pouco interesse para o homem comum ou para os seus colegas da Bow Street, e menos ainda

para a mulher; o Tratado de Berlim entre a Alemanha e os Soviéticos (como podia aquilo acabar bem?) ou uma apresentação de um «televisor» à Royal Society por um indivíduo chamado Baird (algo que parecia saído de um romance de H. G. Wells). Frobisher tinha uma mente curiosa. Era uma maldição. Por vezes, até mesmo para um detetive.

Em casa, em Ealing, era salvo da inclemência das conversas fúteis pela incompreensão mútua. A mulher chamava-se Charlotte (Lottie), embora não tivesse certidão de nascimento que o provasse; Frobisher tinha as suas dúvidas. O detetive que havia nele gostaria de ter investigado mais, mas o marido que era achara sensato esquecer o assunto. Ela era francesa, ou belga, parecia não ter a certeza, mas tinha claramente um transtorno de personalidade e fora arrancada às devastadas ruínas de Ypres no final da guerra, apenas com uma cabeça de alho no bolso, sem documentos que esclarecessem nada da sua vida, e não se esforçara por recordar nada, por conta do que os médicos chamavam «amnésia histérica».

Quando era jovem, Frobisher imaginara muitas qualidades na sua futura esposa, mas não previra amnésia histérica. A história de Lottie era trágica e complicada, novamente, algo que ele não havia previsto na sua futura esposa.

Uma mulher que clamava aos gritos a sua inocência entrou na esquadra arrastada por dois guardas, poupando Frobisher a prosseguir com aquela linha de pensamento.

– Dolly Pargeter, carteirista, acusada de furto na Strand – disse ao sargento de dia um dos guardas fardados que tentavam controlá-la.

– Hoje vens cedo, Dolly – disse o sargento num tom amistoso. – Vamos hospedar-te no Ritz, sim?

Fez um trejeito com o nariz; estavam a impedi-lo de chegar ao seu *bacon*, mas ir tratar dele seria admitir a sua existência perante Frobisher.

– Bom, vou andando, então – disse este, relutante.

Preferia a esquadra à sua casa em Ealing, o que dizia muito sobre a casa de Ealing.

Quando se voltava para ir embora, o sargento de dia disse:

– Inspetor, já me esquecia... Uma rapariga deu à margem e foi pescada do molhe da Tower Bridge. Deve estar ainda em Dead Man's Hole. Achei que ia querer saber.

Na esquadra da Bow Street, achava-se que Frobisher sentia um interesse quase mórbido por raparigas mortas.

– Obrigado, sargento – disse, grato pelo regresso adiado a Ealing. – Vou dar uma vista de olhos.

– Mas é o seu dia de folga, inspetor – recordou o sargento de dia.

– O crime nunca dorme – respondeu Frobisher com impaciência, ciente de que parecia forçado. – A propósito, sargento...

– Sim?

– Acho que o seu *bacon* está a queimar.

Frobisher não conseguiu evitar sorrir para si mesmo ao sair da esquadra.

Era o que ganhavam por não o incluir, pensou.

Ao atravessar a rua, teve de dar um passo rápido à retaguarda para evitar uma moto que passava. Uma Enfield, cujo condutor se escondia atrás de uns óculos de proteção e de um capacete de couro. Como era fácil ser-se morto nas ruas de Londres. Por acidente ou por desígnio.

2. «The Laughing Policeman», música muito popular na época, gravada em 1922 pelo artista Charles Penrose. (*N. das T.*)

Uma Idade Ingrata

Mesmo antes de os Coker se empilharem nos Bentleys à porta de Holloway, Freda, de catorze anos, já estava a pé, acordada pelos gritos e toadas desafinadas dos carregadores noturnos do mercado de Covent Garden que descarregavam os camiões que tinham começado a chegar a roncar à meia-noite, vindos de todo o país: maçãs de Evesham, cogumelos de Suffolk, produtos exóticos de todos os cantos do mundo.

Desde que fugira de casa, Freda – Alfreda Murgatroyd – arrendava um quarto no sótão de uma pensão sórdida na Henrietta Street, tão perto do mercado que jurava conseguir sentir o cheiro das folhas podres das couves espezinhas. Freda fora para Londres em busca de fama, para se tornar uma estrela dos palcos do West End. Não fora ainda descoberta, mas não se deixara desanimar, e naquele sábado tinha uma audição. Tinha a certeza de que a sua vida estava prestes a mudar.

Embora fosse pequena, Freda parecia mais velha do que a idade que tinha. Sendo uma rapariga bonita, era surpreendente a ausência de vaidade relativamente à sua aparência, que considerava ser mais uma questão de sorte do que qualquer outra coisa. Uma dádiva de Deus, para quem acreditasse que Deus acordava a beleza como uma dádiva, o que parecia pouco provável. Era mais como as artimanhas que os deuses gregos faziam aos mortais: uma maldição, mais do que uma dádiva. Um dos poucos livros que Freda lera era uma antologia ilustrada dos mitos gregos (*um guia infantil*) que encontrara abandonado no banco de uma carruagem de comboio quando tinha dez anos. Não fora propriamente um manual útil para a vida.

Freda era exibida desde que conseguia sentar-se sem ajuda e possuía uma série de fotografias que catalogavam o seu desenvolvimento, desde participações em concursos de beleza de bebés até ao papel de Clara numa representação local de uma digressão profissional de *O Quebra-Nozes*, no Natal anterior. A mãe, Gladys, em tempos cronista da imagem da filha,

desinteressara-se recentemente e transferira a energia para a procura de um novo marido, a fim de patrocinar o seu estilo de vida indolente. No passado, Gladys explorara a beleza de Freda como meio de subsistência, mas o investimento deixara de compensar. «Perdeste a frescura», dissera a Freda. Esta franzira o sobrolho. Sentia que tinha ainda muita frescura para oferecer.

Mais do que a beleza, era o talento que dava a Freda motivos de orgulho. Investira horas a voltar, rodopiar, sapatear, pôr-se em pontas e fazer *chassé*. Frequentara, desde os três anos, uma escola de dança onde todos os anos o Theatre Royal ia buscar os melhores alunos para engrossar o seu corpo de baile, como acontecia com as produções de *ballet* e ópera em digressão que iam a York – daí a sua Clara («Rapariga dos Groves encanta com a sua interpretação»). Os Groves eram uma comarca de York, mas Freda gostava da forma como, na sua cabeça, aquilo soava mais a uma ninfa dos bosques do que a alguém que vivia numa casa deteriorada, a última de uma fileira delas, numa zona recuada por trás da fábrica de Rowntree. Tinham vivido numa casa muito melhor na Wigginton Road, mesmo à frente da fábrica, onde o pai de Freda trabalhara quando era vivo, mas tinham sido despejadas há três anos pelos funcionários judiciais.

No seu curto período de vida, Freda desempenhara um extenso repertório de interpretações de gatos, cães, ursinhos bebés, flocos de neve, fadas e toda uma variedade de «crianças de aldeia» (ainda que, por qualquer razão, fossem sempre iguais), que dançavam, cantavam e saltitavam em torno de um grande mastro. Ao que parecia, nenhum espetáculo de Natal estava completo sem uma cena numa praça de aldeia. Freda era uma criança delicada e acatava bem as instruções; tornara-se popular entre os adultos.

Acreditava que não havia nada melhor no mundo inteiro do que pisar um palco. Havia na situação uma grandiosidade que transcendia o mundo em tudo o resto monótono. O coração dava-lhe saltos no peito só de pensar nisso.

Entre os sete e os treze anos, Freda fora modelo de peças de roupa tricotadas à mão para um fabricante de lãs. E não apenas para as fotografias que acompanhavam os padrões em papel, tiradas numas águas-furtadas gélidas de Manchester, mas também em desfiles itinerantes em várias zonas do norte, organizados por lojas de lã locais, que vendiam os padrões, as agulhas e os novelos de lã para produzir as roupas exibidas.

Estes pequenos desfiles esporádicos decorriam na sua maioria em deprimentes salões de igreja e maioritariamente para uma audiência de mulheres ainda desgastada e ferida pelos estragos da guerra. E, por qualquer razão, sempre no inverno. «É da natureza da lã, imagino», dizia Vanda.

Vanda chamava-lhes uma equipa. Eram três, Duncan, Vanda e Freda, e ainda Adele, que «trabalhava para a empresa» e organizava as viagens e o alojamento, com o horário dos comboios numa mão e na outra uma mala com «as Malhas», como lhes chamava (indiscutivelmente com letra maiúscula), que arrastava de uma carruagem de terceira classe cheia de fumo para outra. Nenhum deles, nem sequer Adele, sabia tricotar fosse o que fosse para além

de ponto meia e liga, embora Duncan afirmasse saber tricotar à francesa. Vanda ria-se e dizia: «Não sejas indecente». Duncan fora marinheiro durante a guerra. Ao que parecia, os marinheiros gostavam de tricotar.

Durante a apresentação dos artigos faziam-lhes sempre perguntas: «Que tipo de ourela é essa?» Ou «Isso é ponto de folha?» Vanda sabia como transformar as perguntas em lisonjas. «Ah, reparou nisso, que esperta! Que ponto acha que é? A senhora é que é a especialista.» E assim por diante.

As «trocas», como Adele chamava quando despiam uma peça de tricô e a trocavam por outra, decorriam invariavelmente num anexo mal iluminado no fundo do salão, utilizado como espaço de arrumos para hinários, presépios a esboar-se e demais parafernália religiosa negligenciada.

No salão, não percorriam um palco, quando o havia, coisa que nem sempre acontecia, mas avançavam um a um pela coxia, por entre as filas de cadeiras velhas e desordenadas ocupadas pelo público. Quando chegavam ao fundo do salão, descreviam uma volta estudada e regressavam à parte da frente.

– Quanto mais devagar, melhor – aconselhava Adele. – Elas não vieram cá fazer tricô numa noite de quarta-feira de chuva, vieram para o evento.

Freda passava uma variedade de casacos e de camisolas com padrões intrincados e conjuntos de três peças com saias plissadas e gorros de lã com motivos escoceses. Os pompons abundavam.

– Estás muito desejável – dizia Vanda.

Freda habituara-se rapidamente a dirigir o olhar para a frente e a fazer um sorriso sereno quando membros do público estendiam a mão e davam um puxão numa manga, beliscavam uma bainha canelada ou, por vezes, até as costas da sua mão, ou lhe davam palmadinhas na barriga da perna que despontava, firme e convidativa, das meias brancas e dos sapatos de verniz, que descalçava imediatamente a seguir para não se riscarem e substituí-a pelos seus sapatos *Oxford* simples de couro castanho.

Freda recebia com frequência alguns aplausos que nada tinham que ver com os modelos de tricô, mas antes com a forma como irradiava uma promessa de futuro, que seria seguramente melhor do que o passado. Aos olhos do público, tornava-se quase sagrada. Se pudessem guardar um pedaço dela como relíquia, o osso de um dedo, uma madeixa de cabelo, até mesmo um pompom, não hesitariam em fazê-lo.

Vanda era alta e ossuda, com o cabelo da cor de biscoitos de gengibre. Elegante de uma forma um pouco descuidada e sempre encharcada em perfume Habanita da Molinard, quase ao ponto de fazer desmaiar uma pessoa que se aproximasse demasiado. Até perfumava os cigarros Sarony que fumava sem parar e que tornavam o seu sotaque de Teesdale semelhante ao «grasido de um corvo», como Duncan gostava de dizer. Vanda oferecia constantemente cigarros a Freda («Vá lá, mima-te, amor»), e a tosse áspera e húmida anunciava a sua presença muito antes de ela aparecer.

Duncan, que antes da guerra «pisara o tablado», partilhara em tempos

um palco com uma inocente Edith Evans em Haymarket; «um papel de extra», dizia ele, num tom depreciativo. Toda aquela frase era incompreensível para Freda. Mas ela aprendia por uma espécie de osmose e, com frequência, coisas que eram ditas num dia faziam mais sentido no dia seguinte. Freda achava a palavra «extra» muito nobre.

O trabalho de Duncan consistia em apresentar os pulôvers, casacos de malha e coletes, muitos deles em complexos padrões *Fair Isle* e, com frequência, acompanhados por um cachimbo apagado, para o fazer parecer mais varonil. Mesmo em pequena, Freda conseguia perceber que aquela virilidade não era necessariamente uma qualidade a que Duncan aspirasse. Tinha um sotaque engraçado de «menino queque de Liverpool», segundo Vanda, de que Freda gostava muito e que passava muito tempo a tentar imitar.

Vanda também era uma artista experiente e já pisara o palco antes, em espetáculos de variedades, como assistente de um ilusionista, que a punha a levitar todas as noites.

– Não é real, amor – dizia ela a Freda quando esta manifestava a sua estupefação. – É um truque.

Mas isso era ainda melhor!

Vanda desfilava com «artigos de moda feminina», palavras que, dizia ela, abrangiam «uma multiplicidade de pecados», desde boleros e vestidos tricotados a casacos de lã para senhoras mais maduras. Bebés e crianças pequenas não participavam, embora Vanda transportasse ocasionalmente uma grande boneca vestida a rigor. A boneca surgia misteriosamente do nada; era grande demais para a mala de Adele. Chamavam-lhe Dorothy.

– O mais perto que alguma vez estarei de ser mãe – dizia Vanda, com um ar mais de triunfo do que de desgosto, enquanto ajustava os laços da touca da inanimada Dorothy.

Ao contrário da mãe, a cada mês mais descuidada, Freda era uma criança excecionalmente limpa e arrumada. («Maníaca», dizia Duncan.) Todas as noites antes de se deitar, punha papelotes no cabelo e esfregava bicarbonato de sódio nas sardas, pois alguém lhe dissera uma vez que isso as faria desaparecer. Antes de se meter na cama, que partilhava com frequência com Vanda, dobrava as roupas todas e dispunha-as em pirâmide em cima de uma cadeira, a saia em baixo e as cuecas em cima, coroadas pelas meias, tudo pronto para o dia seguinte, altura em que a pirâmide era desmantelada no sentido inverso.

– És incrível! – exclamava Vanda com admiração. Partilhavam quarto numa série de pensões. Tal como a mãe de Freda, Vanda era desleixada, deixava as roupas onde as despia e pó de arroz espalhado por todo o lado. Freda não a criticava. Estava a aprender a ser mulher. Tinha de se haver com o que houvesse, como diria Duncan.

Freda tinha também muito jeito para fazer malas. Conseguia meter duas vezes mais coisas na sua pequena mala do que Vanda na sua grande. Às vezes era ela quem fazia a mala a Vanda. O segredo estava na maneira de dobrar.

Era como geometria, dizia Duncan. Os conhecimentos que Freda tinha de geometria ou de qualquer ramo da matemática eram lamentáveis. Às vezes perguntava-se se não deveria ir mais à escola.

– Não te preocupes, amor, para seres dançarina só tens de saber contar até oito – dizia Vanda.

Vanda tinha um casaco que afirmava ter-lhe sido oferecido por um admirador, feito com a pele de trinta e seis arminhos. Parecia uma grande nuvem branca, e Freda dava muitas vezes por si a dormir encostada ao ombro forrado a pele de Vanda numa carruagem de comboio. Duncan dizia que era pele de coelho, não de arminho. Freda não fazia ideia do que era um arminho. Sabia que era um animal, mas a familiaridade que tinha com qualquer género de animal era limitada. Nunca tivera um animal de estimação, nunca visitara uma quinta nem um jardim zoológico. Vacas e ovelhas eram simples ornamentos que salpicavam a paisagem do Norte que desfilava pela janela do comboio. Embora naquele momento a sua ignorância a envergonhasse, ficara pasmada quando Vanda explicara que era das ovelhas que vinham as Malhas.

À noite, nas pensões, Duncan retirava uma garrafa da sua mala. Nunca viajava sem uma. Oferecia sempre um «golinho» a Freda. Ela recusava sempre. Experimentara uma vez e dera-lhe a volta ao estômago. «É rum Old Navy», dizia Duncan. «Dá para decapar a tinta de um navio de guerra. Foi na Marinha que aprendi a apreciar isto.»

Nestas ocasiões, Vanda (que preferia vinho do Porto) pedia às vezes: «Conta-nos uma das tuas histórias da guerra, Duncan», com um olhar estranhamente malicioso e ordinário no rosto. Duncan ria-se e respondia: «Oh, talvez seja melhor não, querida.» Mas a seguir brindava-as com a história de como fora ao fundo com o *HMS Formidable*, em 1915, no canal da Mancha, antes de «reemergir à superfície como uma rolha». O que havia naquilo de ordinário?, perguntava-se Freda. Achava que a história da rolha era uma piada qualquer ou um truque de magia. Duncan raramente mencionava os outros quinhentos marinheiros que não tinham reemergido como ele. A guerra passara à história, e a história não interessava a Freda, pois não fizera parte dela. Vibrava com o presente e ansiava pelo futuro.

Vanda «perdera o seu homem» no início da guerra. Freda achava que ele devia ter morrido em combate, mas Duncan dissera que ele fugira para Barnsley com uma empregada de bar. «Adultério aliterante», dizia ele.

«Que grande palavra», retorquia Vanda.

«Qual delas?», perguntava Duncan.

Naquelas noites que passavam nas pensões, por vezes nas «salas de convívio» à frente de uma lareira a gás a silvar, mas mais frequentemente num dos quartos que Vanda e Freda partilhavam, Duncan ensinava Freda a jogar às cartas, com o baralho disposto em cima da colcha da cama. Também lhe ensinava a fazer batota, o que era ainda melhor; o «cold stacking» e a distribuição da terceira carta, bem como muitos outros «artifícios», como lhes chamava. Aparentemente, Freda tinha um talento natural.

«Dedinhos ágeis», dizia Duncan de forma elogiosa. Ela era precoce, comentava com Vanda. Freda achava que ele queria dizer «preciosa». Jogavam a fósforos. Quando se viram pela última vez, Duncan tinha uma dívida considerável para com Freda. Ia ter de assaltar um dos armazéns de Kreuger para lhe pagar, dissera. Kreuger era o rei dos fósforos, explicou. Se casasse com o rei dos fósforos tornar-se-ia rainha dos fósforos?, perguntou-se Freda.

Vanda também era habilidosa com as cartas; aprendera todo o género de truques na época em que fora assistente de ilusionista. Tinha prazer em explicar a Freda como se serrava uma pessoa ao meio (normalmente, uma mulher) e também como se fazia desaparecer alguém (também normalmente uma mulher). Conhecimentos muito úteis, na opinião de Freda. «Desviar a atenção», dizia Vanda. «É esse o segredo.»

Vanda não tinha problema em revelar os segredos do Círculo Mágico, «uma coisa certamente punível com a morte», afirmava jovialmente, mas nem a pior tortura a levaria a revelar a sua idade. («Essa informação é prerrogativa de uma senhora.») Vinte e cinco, conjecturava Freda, mas não o verbalizava à frente dela. «O dobro disso e subtrai dez», dissera Duncan.

E onde estava a mãe de Freda no meio daquilo tudo? A maior parte das vezes podia ser vista a dirigir-se a cambalear para a Cooperativa com uma caneca na mão e a regressar com ela cheia de xerez «do casco», expressão que dava ar de coisa fina, quando se tratava apenas de um barril com uma torneira no fundo da loja.

O pai de Freda, muito mais velho do que a mãe, morrera («caíra para o lado») um dia no trabalho. Conseguira esquivar-se à guerra devido à fraca visão, mas fora traído pelo coração quando Freda tinha apenas cinco anos. «Era um bota de elástico, de cachimbo e chinelos. Nem sei o que me passou pela cabeça», dizia Gladys, embora, na realidade, soubesse muito bem que pensara que não teria de se arrastar todos os dias para o trabalho nos escritórios da Rowntree, local onde o conhecera, um viúvo da «administração». Aos ouvidos de Freda, «administração» parecia uma coisa grandiosa. Quando pensava no pai, sentia o cheiro a chocolate, a *tweed* e a tabaco. Ele tinha o hábito de levar todas as semanas para casa um saco com chocolates deformados, costume que fora tragicamente interrompido com a sua morte.

Agora que estava no Além, o pai de Freda raramente era agraciado com um nome por Gladys. Esta dizia simplesmente «o teu pai» quando falava dele à filha ou, muito frequentemente, «esse porco», o que aos olhos de Freda lhe dava uma qualidade mítica, como se tivesse descido de propósito do Olimpo para fecundar Gladys, antes de se retirar novamente para as terras dos deuses. No livro sobre mitos gregos de Freda, as raparigas pareciam estar quase continuamente em perigo de serem apanhadas desprevenidas por um Zeus excessivamente feroso, que surgia sob a forma de cisne ou de touro. Ou até de formiga. Porque não de porco?

No mundo real, o pai de Freda deixara-se simplesmente encantar de forma ridícula pelas atenções de uma mulher mais nova. Ao princípio, Gladys fizera-o sentir-se jovem, mas, passado pouco tempo, fizera-o sentir-se velho. Uma história tão antiga como as dos deuses gregos.

Porque teria Zeus de se disfarçar?, ponderava Vanda, folheando as páginas do livro de Freda numa carruagem de comboio, no meio do nada, entre Rotherham e Sheffield. «Não preferias ter relações com o rei dos deuses do que com uma formiga? Aliás, como é que a coisa podia funcionar com uma formiga? A diferença de tamanho seria ridícula.»

«Ter relações?», reagiu Duncan, soltando um ronco. «Mas tu és o quê? Alguna pastorinha inocente? Foder é foder, Vanda, querida.»

Felizmente, toda esta conversa decorrera na ausência de Freda, que se encontrava no corredor, debruçada à janela, a levar com fuligem do motor nos olhos e correndo o risco de ser decapitada. Agradava-lhe a emoção do perigo.

Face à negligência, voluntária e involuntária, do dever parental, Vanda e Duncan eram aquilo que mais se aproximava de um adulto responsável para Freda. Adele, não. Adele só queria saber dos horários.

«Somos uma familiazinha engraçada, não somos?», perguntava Vanda.

«Temos de nos haver com o que temos», respondeu Duncan.

*

E então Adele chamara Freda de lado e dissera-lhe que se tinha tornado demasiado «feminina» para as Malhas de criança e que os seus serviços já não eram necessários.

«Desculpa?», perguntara Freda, confundida. Como podia ela não ser desejada? Considerava-se muito desejada.

«Foste desmobilizada, querida», respondera Adele, mais simpática do que habitualmente. (Raramente se deixava levar pelas emoções.) Mas era verdade que, apesar da sua aparência élfica e dos seus modos delicados, Freda desenvolvera um busto fortemente visível e embarcara havia já alguns meses na viagem desconcertante das «regras», supervisionada por Vanda que fazia as vezes da sua própria mãe. Esperavam-na «dores horrendas», dizia a amiga. Como seriam?, perguntava-se Freda. Imaginava-se estendida no cavalete.

«Estás adiantada para a tua idade, querida», dissera Adele. «Em todos os aspetos.»

«Vamos ter saudades tuas», despediu-se Vanda, apertando-a contra a *mohair* com cheiro a tabaco e a Habanita. Vasculhando a carteira à procura de uma prenda de despedida qualquer, Vanda só encontrou um lenço de assoar, com um «V» bordado. Estava amarrotado mas não «usado», garantiu a Freda. Duncan deu-lhe o baralho de cartas (marcadas).

Aquilo acontecera havia quase um ano, e Freda ficara triste com a ideia de os seus companheiros continuarem sem ela sob os chuviscos de Darlington ou Doncaster. Mas umas semanas antes soubera, por um encontro casual com Adele na Shambles, que as Malhas haviam deixado de existir e que Vanda

casara inesperadamente com um homem chamado Walter, dono de uma empresa de construção em Grantham; «Logo aí, com tantos lugares no mundo», dissera Adele, como se o local fosse tão inconcebível como Tombuctu. Mais surpreendente ainda fora saber que Vanda esperava um bebé. (Triunfante ou desgostosa?, perguntou-se Freda.)

Não fazia ideia onde ficava Grantham, mas sabia localizar Londres no mapa. Sonhava já em viver no meio dos seus palácios de prazer. «Antros de perdição», dissera Adele. Freda não fazia ideia do que aquilo significava, mas pareceu-lhe atraente.

Duncan, ao que parecia, também abandonara a lã e arranjava emprego como assistente de gerente de um restaurante em Scarborough Grand, mas devia ter tido um azar qualquer pois estava naquele momento a cumprir dois anos de trabalhos forçados em Armley Gaol por conduta indecente. «Não vais querer saber o que isso é», dissera Adele, mas a seguir dissera-lhe na mesma. Freda possuía a grande qualidade de raramente ficar surpreendida.

*

As idas à escola de Freda em Park Grove, sempre esporádicas, chegaram ao fim quando completou o seu décimo quarto aniversário e Gladys anunciou que agora que já não ia à escola, tinha obviamente de arranjar um trabalho. Freda não sentiu o imperativo, preferia esperar até lhe surgir a oportunidade de se tornar uma estrela. Infelizmente, à exceção de um par de grupos medíocres de teatro amador, ninguém parecia querer Freda como modelo, nem para dançar ou representar (ao que parecia, estava numa idade «íngrata»), e menos ainda a troco de dinheiro. A temporada dos teatros de Natal passara há muito e, de qualquer maneira, Freda duvidava de que o Theatre Royal estivesse preparado para a sua transição de criança de aldeia para rapariga de aldeia.

Gladys incentivou-a a candidatar-se a um trabalho numa modista, na Coney Street. Freda pensara que aquilo não implicaria mais do que ajudar amavelmente as senhoras a escolher o próximo chapéu e ficara horrorizada ao saber que iria ficar confinada a uma cave, onde se esperava que colocasse campânulas de feltro sobre uma cabeça de madeira, careca e sem rosto, para a moldar com vapor. Passou lá meio dia e foi-se embora à hora do almoço. Então, dissera Gladys, nos escritórios dos caminhos de ferro na Station Rise. Ou a atender ao balcão na nova Woolworth's. Ou na Terry's. Ou na Rowntree's; de certeza que a aceitariam aí, com as ligações familiares que tinha.

Freda não ia trabalhar na Rowntree's! Ia ser uma estrela! Ia ser famosa! Ia para Londres! Preferia morrer de excesso de exclamações do que trabalhar num escritório ou numa fábrica!

O que ela precisava era de um pontapé no traseiro, dissera Gladys. Ponto final.

Os carregadores noturnos de Covent Garden tinham dado lugar a rapazes de carrinhos de mão e a vendedores de mercado. O mundo despertava. Os pés de Freda praticavam já passos por baixo da fina coberta da cama. Florence, que partilhava com ela o colchão irregular de crina de cavalo, resmungou um protesto ainda a dormir.

3. O «cold stacking» consiste em colocar certas cartas em posições vantajosas no baralho. (*N. das T.*)

O Grand Tableau

O rebanho de Nellie continuava aninhado na cama, à exceção de Niven, cujo paradeiro era um perpétuo mistério para o resto da família. Os Coker eram, por necessidade, noctívagos, o canto dos pássaros ao romper do dia era a sua canção de embalar, embora já tivesse esmorecido quando chegaram a casa depois de celebrar a libertação de Nellie. O seu ninho situava-se em Hanover Terrace, com o Regent's Park praticamente à porta. A grandiosa casa de estuque branco pertencia a um mundo muito distante da sordidez do Soho que a financiara.

Nellie habituara-se aos horários rígidos da prisão, a ser acordada às seis da manhã pelas guardas a bater nas portas das celas, como se o próprio sono fosse um pecado. Com os olhos doridos da insónia, ergueu-se da cama passado pouco mais de uma hora, preparou um chá e levou a caneca para o jardim, apenas pelo prazer de abrir uma porta e de respirar livremente.

Enquanto bebia, observou uma tordoveia a arrancar um verme de um canteiro de tulipas vermelhas. Os vermes haviam de se vingar, um dia seriam eles a comer a ave. Também haveriam de comer Nellie. Esta sentia que não faltava muito para se tornar alimento para os vermes. Tinha de se preparar. Precisava de um plano.

Ao terminar o chá, deitou o que sobrava para o canteiro, surpreendendo tanto as tulipas como o pássaro, e sondou as folhas que haviam ficado no fundo da caneca. Estas confirmavam as suas suspeitas. Aproximava-se uma mudança. Chegara o momento de fazer um *Grand Tableau* Lenormand.

Nellie voltou para dentro de casa e dispôs o baralho de cartas completo sobre a enorme mesa da sala de jantar. (Início do período georgiano, mogno cubano, uma pechincha adquirida no leilão do recheio de uma propriedade de uma família de ascendência antiga destruída pela guerra. Nellie adorava regatear.)

– Hum... – disse, ao escrutinar as cartas. Um som mais expressivo do

que a sua versão escrita. Não havia nada de misterioso nas cartas. Poder-se-ia dizer que a mensagem era de Ozymandias. A serpente, a foice, um caixão e um ramo de flores. O fim de uma festa.

*

Nellie estava cansada. Talvez pela primeira vez na vida, sentia-se exausta dos esforços constantes necessários para que as suas vidas continuassem a avançar. A âncora do Amethyst, que sustinha todo o império, estava a arrastá-la para o fundo. Sabia que a sua saúde não resistiria uma segunda vez ao encarceramento e, enquanto estivera em Holloway, começara a pensar em retirar-se, possivelmente para Deauville, ou até mesmo para Torquay (uma suíte residencial no hotel Imperial, talvez), e em entregar as chaves do reino aos filhos e a coroa à sempre fiável Edith.

Maddox desiludira-a no papel de protetor. Não houvera qualquer aviso da rusga inesperada, da súbita chegada do bando selvagem de agentes de uniforme que invadiram o clube naquela noite e que a haviam detido. Fora uma humilhação pública; era a noite do Lord Mayor's Show, e o clube estava a abarrotar. Fora levada algemada, mas ainda se sentira ligeiramente amparada pela zombaria dirigida à polícia pelos clientes habituais do Amethyst.

Maddox visitara-a na prisão e defendera-se com vigor. Não estava de serviço na noite da rusga, declarou, e ela devia por certo compreender que, apesar dos seus melhores esforços, não conseguia distrair a Polícia Metropolitana o tempo todo. «Acho que ele protesta demasiado», dissera Nellie à sua nova companheira de cela.

A mulher belga que havia assassinado o amante fora levada para a secção dos prisioneiros com penas longas. Agnes, a nova companheira de cela de Nellie, vinha de uma família de vigaristas e ladrões do East End; ela e as irmãs pertenciam ao famoso gangue das Quarenta Ladrás. Tudo mulheres. («Que boa ideia», dissera Nellie.)

Em Holloway havia uma rede de informação que zumbia com uma mistura estonteante de rumores e de factos. A própria Agnes conhecia bem Maddox.

– Ele anda atrás de ti, Nellie – avisara ela. – Andou a observar-te estes anos todos, viu como te saíste bem e agora quer o mesmo para si próprio.

Ao que parecia, Maddox já não se contentava em ser apenas o valete, queria derrubar a rainha e tornar-se rei.

– Só por cima do meu cadáver – retorquira Nellie.

Estava confusa. Porque não avançara ele enquanto ela estava presa?

– Tem de recrutar pessoas – respondera Agnes. – Não consegue assumir o controlo sozinho.

Agnes dissera que Maddox andava a varrer as ruas reunindo pessoas sem eira nem beira – vagabundos, sem-abrigo, patifes de primeira apanha e veteranos de guerra desmobilizados que se amontoavam nas esquinas. Para

não falar de alguns dos seus próprios colegas da Bow Street, que não se importariam de ferrar o dente numa fatia da tarte com que Maddox planeava banquetear-se.

– Ele está a preparar-se para tomar os teus clubes pela força – afirmara Agnes.

Além disso, e como se já não fossem suficientes os infortúnios de Nellie, Agnes disse que estava prestes a chegar à Bow Street um polícia novo que ia limpar tudo, um tal inspetor-chefe John Frobisher, que tencionava eliminar da face da Terra os Coker e todos os da sua laia.

*

Inquieta com a sua própria previsão, Nellie recolheu as cartas Lenormand de cima da mesa e voltou a colocá-las no pano de seda onde estavam sempre embrulhadas. Ia dar uma volta, pensou. Um passeio recreativo, só para desanuviar. Caminhar era para ela uma atividade prática, levava-a de um sítio para o outro e pouco ou nada tinha que ver com prazer. O prazer era algo que outras pessoas lhe pagavam para ela lhes fornecer. Além disso, agora tinha o Bentley e Hawker, o motorista, e quase não ia a pé para lado nenhum. Tinha um problema na anca, que se agravara com o fino colchão da prisão sobre a cama de ferro. Horas antes, no Amethyst, Edith oferecera-lhe uma bengala com castão de prata, «para assinalar a tua emancipação», dissera, como se Nellie fosse uma debutante.

– Vou dar uma volta – disse à cozinheira, que lançou um olhar de sobrelance erguida a Phyllis, a nova copeira, assim que Nellie desapareceu.

A cozinheira estava há tanto tempo com os Coker que incorporara as suas expressões. Eles tinham todos sobrelance muito eloquentes. Conseguiram manter com elas conversas inteiras, sem pronunciar uma única palavra. Phyllis não dominava ainda aquela habilidade e perguntou «O quê?» à cozinheira, mas esta desviara a atenção para os dois ovos que estava a cozer para Shirley. O pequeno-almoço, que raramente decorria antes da hora do almoço, era um banquete sem horário fixo em Hanover Terrace. A cozinheira quase enlouquecia com a irregularidade dos hábitos alimentares dos Coker e andava há anos a ameaçar despedir-se, mas sabia que a patroa ignorava a ameaça.

– A propósito... – disse Nellie, reaparecendo de súbito e levando a cozinheira a soltar um gritinho. Phyllis, que viera de uma casa desregrada, não se sobressaltava tanto com o talento bem apurado de Nellie para a furtividade.

– Sim, senhora Coker? – respondeu a cozinheira.

– Fica de olho na Edith enquanto eu não estou.

– Na Edith?

– Sim, na Edith. Ela anda estranha.

Desapareceu de novo, e tanto a cozinheira como Phyllis suspenderam a respiração até terem a certeza de que daquela vez se fora mesmo embora.

Foi a vez de Phyllis erguer uma sobrelance. Aprendia depressa.

Nellie caminhara demasiado, havia chegado quase até ao jardim zoológico e sentia-se fraca. Parou num banco para descansar. Enquanto estava na prisão, acontecera-lhe uma coisa que a perturbara muito. Acordara uma noite sobressaltada e vira uma mulher a sair da parede e a aproximar-se da sua cama, ficando depois parada a flutuar a alguns centímetros do chão, a fixar Nellie em silêncio.

Nellie não gritara de terror à vista daquele espírito. Não acordara Agnes, a companheira de cela, nem chamara uma guarda. Era inútil, conhecia a identidade do fantasma. Era Maud, a acompanhante que morrera de *overdose* na noite do Armistício, no Jaeger's Dance Hall.

O espectro de Maud estava coberto de lodo do rio e tinha o cabelo ornado de algas a gotejar. Das roupas corria-lhe água que caía sobre as lajes de pedra. Nellie até reconheceu o vestido que ela trazia, de cetim cor de pérola e rendas, agora com manchas escuras de água. Recordou como ficara desconcertada com as cartas que tirara à rapariga. Os ratos, um caixão, um navio. Uma aterradora viagem pela água. Ter-se-ia Maud afogado? Estaria a rapariga viva quando entrara no rio? E emergia agora do lodo para assombrar Nellie?

O fantasma voltara a desvanecer-se na parede de pedra da cela e não aparecera mais durante o resto do tempo que Nellie passara em Holloway, mas esta sabia que não era a última vez que seria visitada. Maud era uma conta pendente à espera de ser liquidada. Nellie ia ter de enfrentar um acerto de contas. Conseguiria ela escapar-lhe? A questão era essa. Nem sequer Deauville parecia suficientemente longe.

Tudo o que Nellie havia feito fora pelos filhos, menos por amor do que pela biologia, pelo imperativo maternal de criar e proteger as gerações seguintes, permitindo que os Coker continuassem a existir até às calendas gregas e ao Julgamento Final, dia em que Nellie preferia não pensar. Não podia ir tudo pelo cano, fosse por morte, por aposentação ou por tibieza geral dos filhos. Tinha de salvaguardar aquele legado para o futuro, mesmo que isso implicasse sacrifícios, seus ou de outra pessoa qualquer. De preferência, a segunda hipótese. Não podia permitir que Frobisher destruísse aquilo, nem que Maddox, ou outro qualquer, aparecesse sem mais nem menos e devorasse tudo. Parecia que Deauville ia ter de ficar na prateleira.

Teve um sobressalto, como se uma mão gelada lhe tivesse tocado na nuca. Olhou em redor, para Regent's Park, e só viu os trabalhadores retardatários que corriam para os escritórios e as amas que saíam cedo com os carrinhos de bebé. Desconfiou de que fosse Maud; nenhuma pessoa viva tinha aquele toque frio. Mas à espreita atrás de uma grande faia, parcialmente oculto pela ampla circunferência do tronco, estava uma pessoa, um homem de carne e osso, não um fantasma. Ao perceber que Nellie o avistara, deu um passo atrás para se esconder, mas deixou os sapatos comicamente à mostra.

A experiência (muito vasta) de Nellie, dizia-lhe que um homem à

espreita atrás de uma árvore podia significar um sem-número de coisas, na sua maioria desagradáveis. Sobretudo calçando sapatos de duas cores. Esse estilo poderia ser usado pelo príncipe de Gales, mas Nellie achava que davam um aspeto vulgar aos homens (ainda que poucas pessoas se tivessem aconselhado sobre moda com Nellie Coker). Aquele homem era um dos seus.

Estava a tornar-se muito óbvio. Se fosse um espião, não deveria tentar confundir-se um pouco mais com a paisagem? E porque estaria a observar Nellie naquele momento preciso? Devia era estar de olho em Hanover Terrace, por amor de Deus.

Nellie levantou-se do banco e avançou a bambolear-se na direção da faia, erguendo a bengala nova como se fosse uma baioneta com a qual tencionava esfaquear o dono dos sapatos.

Landor, que permanecera imperturbável face aos mais violentos ataques, deu um passo à retaguarda, alarmado.

– Pare de me vigiar – disse Nellie.

Um Rapaz Shropshire

A caminho do Dead Man's Hole, Frobisher passou pelo mercado das flores, à frente da esquadra. Cheirava-lhe a lilases. O perfume arrastou-o como um fio que o puxasse e transportou-o até uma banca com uma fila de baldes de aço galvanizado cheios de flores enormes que deviam ter vindo de algures no campo.

Devia comprar umas flores para Lottie. Ela não gostava de lilases. E as açucenas, claro, os franceses reservavam-nas para os funerais. Frésias, talvez, qualquer coisa que recordasse a primavera. Ou tulipas. Com as tulipas não havia nada que enganar. Voltaria a passar por lá a caminho de casa.

Estava a tentar que na Bow Street ignorassem a existência de Lottie. Os colegas teriam ficado intrigados se soubessem que tinha uma mulher francesa e mais ainda se soubessem que nem sempre estava no seu perfeito juízo. Preferia que imaginassem que a mulher se chamava Hilda ou Mabel e que se afadigava à sua volta quando regressava a casa, pendurando-lhe o sobretudo, fritando costelas de porco e apaziguando a sua mente preocupada. Teriam ficado banzados com a errática Lottie, que às vezes passava um serão inteiro a cantar para uma bonequinha de pano que ela própria fizera.

Inalou o perfume dos lilases. Havia lilases a crescer ao longo do caminho que ia dar à quinta onde vivera quando era rapaz. E espinheiros, cujo perfume anunciava o verão. Santo Deus, as saudades que ele tinha do cheiro das sebes!

– O senhor precisa de ajuda? – perguntou a mulher da banca.

Mas Frobisher afastou-se, subjugado pela recordação do passado e das esperanças inocentes da infância. A lembrança surgira-lhe de forma inesperada, de onde teria vindo? Dificilmente seria por causa dos Coker. E também não devia ter sido por causa de Kelling. Encontrara-a pela primeira vez no dia anterior; ela não tivera sequer tempo de lhe trespassar a carapaça (ele visualizava uma agulha, mais do que uma espada).

Teria feito a coisa certa ao contratar Kelling? Não estava a pô-la em perigo, pois não? Ela parecia uma pessoa espirituosa («Claro, senhor inspetor-chefe»). Era um alívio encontrar essa qualidade numa mulher. Não era louca, não era francesa, nem particularmente bonita. Era bibliotecária.

Frobisher deixou para trás os pensamentos sobre Gwendolen Kelling e os lilases. Havia uma rapariga morta à sua espera. Se calhar, era a ela que devia levar flores.

Après la Guerre

— Já os viu bem, menina Kelling? – perguntou o inspetor-chefe Frobisher a Gwendolen enquanto observavam os Coker a afastar-se com um ar insolente nos seus Bentleys. – E acha que consegue fazer o que lhe peço?

– Claro, senhor inspetor-chefe.

Gwendolen acreditava que era sempre melhor demonstrar confiança, mesmo quando não a tinha. Ajudava a evitar que as pessoas à sua volta fraquejassem. Era algo que se revelara muito útil durante a guerra, claro, mas também depois, na biblioteca. As suas colegas, as Sras. Tate, Rogerson e Shaw, pareciam muitas vezes precisar de uma mão firme no leme. Gwendolen nunca deixava de se surpreender ao constatar o pânico gerado por um livro colocado no local errado ou por uma ficha catalográfica mal preenchida. A Sra. Tate, a Sra. Rogerson, a Sra. Shaw e até mesmo o diretor da Clifford Street, o Sr. Pollock (sim, um homem; ao que parecia, tinha de ser sempre um homem a mandar), ficavam absolutamente desvairados com as coisas mais insignificantes. York estava a planear abrir uma nova Carnegie Library na Museum Street, e Gwendolen receava que os delicados corações não aguentassem a agitação da mudança e menos ainda o trabalho de voltar a arrumar nas prateleiras todos aqueles livros.

Um dos muitos feridos que Gwendolen tratara durante a guerra fora um homem – um rapaz – que levava horas a morrer sufocado com os seus próprios miolos depois de um atirador furtivo lhe dar um tiro na cabeça, e de certeza que não passara esse tempo a ponderar onde deveria ser colocado o novo livro de Sir Arthur Conan Doyle sobre fotografia de espíritos na classificação decimal de Dewey.

«É tão sensata, menina Kelling», dizia-lhe muitas vezes o Sr. Pollock.

Na opinião de Gwendolen, «sensata» era um adjetivo muito pouco inspirador, quase a raiar o insulto.

O grupo distinto e de idade avançada das Sras. Tate, Rogerson e Shaw

exasperava-a, mas elas eram bem-intencionadas, e Gwendolen suportava-as de forma sublime, envergando todas as manhãs uma máscara de docilidade a par do hábito de bibliotecária, composto por meias grossas, saia de *tweed*, casaco de malha e uma das suas blusas de algodão cada vez mais gastas. Quase poderia ter ingressado numa ordem religiosa, de tal maneira a sua vida estava confinada à biblioteca e à mãe.

*

Gwendolen estava hospedada no Warrender, um estabelecimento modesto perto do Victoria and Albert Museum, que se anunciava como «Apenas para Senhoras» e era gerido pela proprietária, uma tal Sra. Bodley, tão rigorosa como uma enfermeira do exército e que, à semelhança destas, fazia Gwendolen sentir-se muito rebelde.

Quando arrendara o quarto, Gwendolen tivera esperança de que as outras hóspedes fossem mulheres profissionais independentes, com quem teria conversas estimulantes enquanto bebiam um copo de xerez antes do jantar. Ou, no extremo oposto do espectro das possibilidades, também lhe teria agradado ver mulheres glamorosas, a quem os namorados iam buscar todas as noites para dançar ou jantar. Mas a realidade era um pouco diferente. Para além de grupos irregulares de turistas, o Warrender parecia ser acima de tudo uma residência permanente para senhoras idosas ou «Senhoras de Boas Famílias em Situação Difícil», como a Sra. Bodley se lhes referia, concedendo-lhes letras maiúsculas.

Gwendolen fora assaltada naquela primeira noite pelas Senhoras em Situação Difícil (era «carne fresca», pensou) e vira-se obrigada a ser a quarta jogadora de *bridge* e a presa involuntária numa partida feroz de Euchre. As Sras. Tate, Rogerson e Shaw eram uns cordeirinhos, comparadas com aquelas a quem a Sra. Bodley chamava Senhoras de Boas Famílias.

A biblioteca não fora uma opção de carreira (quem é que decide ser bibliotecária?) mas uma necessidade financeira, depois de o dinheiro da família se perder. Depois de se perder, não; de ter sido roubado. Muitas coisas se perdiam – guerras, chaves, corações e rapazes no mar –, mas as fortunas de família, mesmo as modestas, eram roubadas.

Gwendolen não negava que, no início, as silenciosas prateleiras de carvalho haviam sido um bálsamo para a sua alma consumida pela guerra, mas esse bálsamo dissipava-se tristemente no momento em que regressava a casa ao final do dia para mais um serão interminável de conflitos com a mãe e a sua lista de lamúrias. Perdera os dois filhos na guerra, os irmãos mais novos de Gwendolen, e carregava a sua perda mais como um triunfo do que como uma dor. Para uma mulher que alegava estar constantemente em risco de desmaiar e que passava as tardes deitada numa *chaise-longue* devido à sua fragilidade, a aviar bombons de uma das dispendiosas «caixas elegantes» de chocolates da Terry's, conseguiu manter-se bastante belicosa, mesmo depois do final da guerra. (A família era fiel à Terry's, não à Rowntree's, fidelidade

que derivava da proximidade da sua casa à fábrica da Terry's, na Bishopthorpe Road.) A mãe de Gwendolen fora uma mulher tola, inclinada a acreditar em qualquer disparate que ouvisse. Era gente desse género que engrossava as fileiras de patriotas, pensava Gwendolen. Lamentavelmente.

Antes da guerra, os Kelling eram uma família abastada. Eram cinco: mãe, pai, Gwendolen e os dois irmãos, Harry e Dickie. Viviam numa bonita casa perto de Knavesmire e empregavam uma cozinheira, uma copeira, uma criada e um jardineiro. Tinham um campo de cróquete e um lago, um pomar com macieiras, pereiras e ameixieiras. Os Kelling tinham raízes firmemente presas à terra; só um vento muito forte conseguiria desenraizar aquele estilo de vida. E foi o que aconteceu. A guerra havia sido esse vento terrivelmente forte.

O dinheiro vinha do negócio da família: uma pequena fábrica de arame fundada pelo pai do pai no século anterior. Já antes da guerra prosperava. «As pessoas vão sempre precisar de arame», dizia o pai. Não imaginava ele de quanto arame um mundo em guerra iria precisar. A fábrica de arame situava-se no centro da cidade, numa rua secundária encardida de fuligem, mais uma viela, na realidade. Estava rodeada de edifícios e de ruas medievais e era uma indústria invulgar numa cidade que, com o vento de feição, transportava pelo ar o reconfortante aroma de cacau da fábrica da Rowntree's ou o perfume estimulante de açúcar e morangos a cozer em geleia.

Gwendolen passava muitas vezes pela fábrica, no regresso da escola. O pai tinha um escritório numa *mezzanine* com uma parede de vidro que dava para a oficina agitada e barulhenta. No passado recente, acontecera uma ou duas vezes Gwendolen estar a esfregar o fundo de uma panela com palha de aço – era extraordinária a eliminar molhos queimados – e o cheiro metálico transportá-la por um instante para a fábrica de arame, para o pai, para o passado.

– Lucrei com a morte – dissera-lhe o pai com tristeza, quando ela estava em casa de licença, em 1917. Tinham visto os rolos de arame farpado a serem levados da oficina uns atrás dos outros e a serem carregados num vagão que ia direto para a Frente. – Coroas de espinhos – dissera ele, num invulgar arroubo poético. Era um zeloso frequentador da igreja, mais para apaziguar a mãe do que qualquer outra coisa, mas a sua alma tinha recessos que a própria mulher desconhecia por completo.

O pai morrera pouco depois, deixando uma soma considerável, mas a herança ficara nas mãos da mãe. Gwendolen só fora desmobilizada em 1919, pois nessa altura havia muitos casos de gripe no exército – um último assalto das Fúrias –, e quando voltou por fim a pisar o solo do Yorkshire descobriu que o dinheiro havia desaparecido todo. Ao princípio, a mãe tentara culpar o pai, dizendo que ele delapidara tudo no mercado da bolsa, mas acabara por admitir que transferira o dinheiro todo para um homem que, surpreendentemente, conhecera na igreja. Um homem chamado Thomas Noble, que convencera a mãe a dar-lhe o dinheiro com o pretexto de que se

«ocuparia dos seus investimentos».

– Porque havia de ter desconfiado? – lamentara-se a mãe. Como podia *não ter* desconfiado?

Não era a primeira mulher incauta a ser burlada por um vigarista, mas isso não lhe servira de consolo. Como era evidente, o ignóbil Sr. Noble tinha desaparecido há muito e nunca mais se ouvira falar dele.

– Perdido – dissera a frágil mãe. – Tudo perdido. – (Não! Perdido, não! Roubado!)

Deviam ter vendido a casa bonita e ter-se mudado para um sítio mais modesto, o que teria libertado o dinheiro de que tanto necessitavam, mas a mãe recusara-se a vendê-la e o tempo fora passando. A fábrica de arame acabara por ser vendida por um preço irrisório, o mundo já não queria os intermináveis rolos de arame farpado; na verdade, preferia agora esquecer que alguma vez tinha precisado deles. Fecharam metade dos quartos da casa e limitaram-se ao que sobrava, gastando o mínimo do parco salário que Gwendolen recebia na biblioteca. Esta tinha agora consciência de que deveria ter tomado o assunto em mãos, mas a sucessão de tragédias – os irmãos, o pai, o dinheiro, para não falar da própria guerra – deixara a sua marca, e ela permitira que a mãe a moesse até a desfazer.

*

Quando a guerra eclodiu, Harry tinha apenas dezoito anos e estava em Oxford. A meio do trimestre de outono, apareceu em casa e disse que ia alistar-se. Só mais tarde Gwendolen descobriu que fora bombardeado com cartas da sua mãe patriótica, insistindo em que se voluntariasse. No dia seguinte, a mãe acompanhou-o ao gabinete de recrutamento de Green Howards, tão triunfante como se Harry fosse já um vencedor.

– Não te preocupes, Gwennie – dissera Harry. – Daqui a uns meses isto acaba e a mãe deixa-nos em paz.

Harry era o favorito da mãe e Gwendolen a preferida do pai. Dickie ficou em terra de ninguém, por isso Gwendolen o acolhera debaixo da sua asa. Era um malandro de primeira, sempre a irritar toda a gente e a tentar atrair as atenções. Todos os dias podia levar um tabefe dela por algum disparate que tivesse feito. Quando num Natal lhe ofereceram um «Conjunto de Magia», não parou de os aborrecer com truques de cordas, de cartas e de moedas («Estás a ver esta moeda que tenho na mão? Vou fazê-la desaparecer debaixo do teu nariz. Vais ficar pasmada!») até o mandarem desaparecer aos gritos.

E foi o que ele fez. Dickie não precisou de ser obrigado. Aos quinze anos, fez o seu melhor truque de magia, eclipsando-se de casa e mentindo sobre a idade para se alistar como sinaleiro a bordo do *HMS Indefatigable*. «Estão surpreendidas?», escreveu com a sua letra horrível num postal de Portsmouth. «Passo o dia a divertir-me e a contar piadas. Espero que tenham imensas saudades minhas. Um beijinho especial só para a Gwennie.»

Harry fora devorado pela lama amnésica dos campos da Flandres, sem

nada a marcar o local onde tombou. E tal como Dickie pouco depois, sem uma sepultura onde pudessem chorá-lo. No mesmo mês em que Harry desapareceu na lama, o *HMS Indefatigable* afundou-se na Jutlândia e Dickie foi arrastado para as profundezas do mar juntamente com milhares de outros marinheiros.

Quando, seis anos antes, tinham ido a Londres assistir ao evento penoso que fora o funeral do Soldado Desconhecido, a mãe convencera-se de que era a Harry a quem estava destinada aquela sepultura. Embora soubesse que não era possível, Gwendolen gostava de pensar que era a Dickie. A vida dele fora tão breve que ser «sepultado entre reis» poderia ser uma forma de compensação. Mas, claro, se tivesse sido Dickie, ele teria aberto a tampa do caixão e saído de lá de um salto. («Estão surpreendidas?»)

Todos os desaparecidos, todas as vidas perdidas. Para sempre a assombrar os turnos que Gwendolen fazia sozinha todas as noites.

*

No momento em que Gwendolen começava a pensar que a sua vida enfadonha iria possivelmente prolongar-se para sempre, a mãe surpreendeu-a começando a ficar debilitada. A biblioteca concedeu-lhe uma licença sem vencimento. Ela cuidara de muitos homens moribundos, mas não se lembrava de nenhum se ter agarrado à vida com tanta obstinação como a mãe. Os dias opacos da sua morte pareceram alongar-se sem fim, tal como se haviam alongado os dias opacos da sua vida. As Sras. Tate, Rogerson e Shaw enviaram-lhe um cartão, do género que se envia a uma namorada, onde tinham escrito: «Está nos nossos pensamentos, querida. As suas amigas da biblioteca.» (Gwendolen reparou que não tinham incluído o Sr. Pollock.) Ficou tão comovida que chorou, mas em silêncio, pois a mãe teria tido uns ciúmes terríveis daquela emoção. Há muitos anos que considerava que o desgosto era apanágio seu.

Gwendolen sentia falta da presença gentil e do perfume de violetas das Sras. Tate, Rogerson e Shaw. Sentia falta das conversas discretas sobre nada em particular que atravessavam os dias na biblioteca. «Coscuvilhices», dizia o Sr. Pollock com desdém, mas Gwendolen achava que aquela era a palavra que os homens utilizavam para se referirem às conversas das mulheres em geral. Os homens falavam para transmitir informações ou para remoer sobre pontuações do críquete e estatísticas de campanha. As mulheres, por seu lado, falavam num esforço para compreender as fraquezas do comportamento humano. Se os homens também «coscuvilhassem», talvez o mundo fosse um lugar melhor. E, por certo, haveria menos guerras.

– Santo Deus, menina Kelling, é muito radical – exclamara o Sr. Pollock quando Gwendolen expressara a sua opinião. Fora durante uma discussão bastante exaltada sobre aquisições. Já tinha havido uma guerra prolongada sobre *The Green Hat*, de Michael Arlen, porque o Sr. Pollock temia que pudesse «corromper a província» com a sua imoralidade. Declarara que o livro continha tópicos que não podia sequer mencionar à frente de pessoas

decentes.

– Doenças venéreas? Homossexualidade? Promiscuidade? – perguntara Gwendolen, incapaz de se conter. O diretor ficara a pontos de ter uma apoplexia. Era muito fácil provocá-lo e ficar a vê-lo explodir.

A guerra por causa de *The Green Hat* fora ganha por Gwendolen em grande parte devido à vantagem de ser a única pessoa da biblioteca que lera o romance. Não gostava da escrita de Arlen, não gostava da narradora, Iris Storm, a *femme fatale* de chapéu verde, nem da sua natureza abstrata e irritante. Diziam que era inspirada em Nancy Cunarde, que a obra era uma espécie de *roman à clef*; Gwendolen perguntava a si mesma como seria dar por si num romance. Enfurecedor, palpitava-lhe. Mas ainda assim, dispunha-se a ir à guerra pelo livro e argumentava que era importante a biblioteca não ficar desfasada dos tempos modernos; além disso, competir-lhe-ia decidir o que as pessoas deviam ou não ler? («Sim», respondera o Sr. Pollock.) Uma parte dela não queria saber daquilo, como era evidente, mas aqueles arrufos com o Sr. Pollock agradavam-lhe.

As leitoras femininas procuravam constantemente as escritoras mais «picantes» da época – Elinor Glyn, Ruby M. Ayres, Ethel M. Dell. «O material estimulante», dizia a Sra. Shaw com uma risadinha. Nos últimos tempos, tinha havido uma avalanche de pedidos para o novo romance de E. M. Hull, *The Sons of the Sheik*, que Pollock não via com bons olhos.

Mas porque não haviam de ter nas prateleiras os romances mais populares do momento?, argumentava Gwendolen. Que mal tinha um pouco de prazer inofensivo, por amor de Deus, sobretudo depois de tudo o que haviam passado? Só se podia ler Scott ou Smollett? Até Jane Austen era considerada demasiado intensa por alguns leitores. O Sr. Pollock louvava Addison e Carlyle. Gwendolen não conseguia pensar em nada pior. A sequência de *The Sheik* só seria adquirida por cima do seu cadáver, dizia ele, levando o benevolente conclave de cabelos grisalhos a voltar a cabeça e a olhá-lo com curiosidade, como se tivesse acabado de revelar quanto lhe restava da vida cinzenta e poeirenta. Gwendolen não conseguiu evitar uma gargalhada.

*

Quando a vigília junto ao leito de morte estava finalmente quase a terminar, Gwendolen jurou a si mesma que se voltasse à biblioteca iria tolerar o Sr. Pollock como se fosse uma santa. Boas intenções que ela sabia estarem votadas ao fracasso. Mas não teria de lá voltar. Não teria de classificar livros nem de colocar carimbos. Nem tão-pouco teria de esfregar caçarolas e cerzir meias. Libertara-se finalmente dos deveres de filha, pois até as pessoas com doenças fictícias acabam por morrer. Os ventos ganhavam força e ela saía do marasmo.

Como era de esperar, na biblioteca as Sras. Tate, Rogerson e Shaw deram-lhe sentidas condolências pela morte da mãe, e ela aceitara-as com a devida sobriedade. As colegas enviaram uma pequena coroa para o funeral,

com um cartão que dizia: *Das suas amigas da biblioteca*. Gwendolen agradecera e dissera: «A minha mãe teria ficado comovida». Na verdade, a mãe teria provavelmente reclamado da pobreza das flores ou por lhe provocarem espirros ou terem a cor errada. Gostava exageradamente de tons arroxeados, que a filha achava horivelmente sufocantes. Gwendolen ficaria feliz se nunca mais na vida visse nada de cor malva.

Embora tivesse dito a Frobisher que estava de licença sem vencimento da biblioteca, fizera as suas despedidas antes de embarcar na viagem para Londres. Queria que ele pensasse que tinha raízes algures, palpitava-lhe que ele teria mais respeito por isso do que pelas suas circunstâncias atuais.

– Vamos sentir imenso a sua falta, menina Kelling – dissera a Sra. Shaw. Gwendolen recebera um beijo afetuoso de todas, mas não do Sr. Pollock, como é evidente, que lhe deu um aperto de mão flácido e lhe desejou felicidades.

*

Naquela manhã, o inspetor-chefe Frobisher fora buscá-la ao Warrender cedíssimo, num veículo conduzido por um polícia – facto que não passou despercebido à Sra. Bodley.

Inspetor-chefe Frobisher, que título tão pesado. Gwendolen decidiu que o trataria por Frobisher no futuro, embora talvez não diretamente. Ele tinha um rosto muito solene. Era do género taciturno – ela conhecera alguns assim – e parecia incomodado pelas suas tentativas de entabular conversa.

Ainda não eram oito da manhã quando a deixou de novo no Warrender, e Gwendolen disse:

– Então agora vai para casa?

– Para casa? – repetiu ele, franzindo o sobrolho com perplexidade, como se não percebesse bem o significado da palavra. (Ele devia ter casa, não?) – Não – retorquiu, após uma pausa. – O dever chama-me. Vou trabalhar para a Bow Street.

– E é aí que devo ir entregar-lhe o meu «relatório»? – Riu-se da palavra, da missão que tinha pela frente. (Estava a sentir-se um pouco inebriada.) Quando ele franziu de novo o sobrolho (e ele franzia imenso o sobrolho), ela disse: – Não se preocupe. Serei sensata, prometo. Infelizmente, tenho fama de o ser.

– Tente não atrair atenções sobre si.

– Sou bibliotecária – retorquiu ela para o sossegar. – Estamos habituadas a mover-nos pelo mundo sem sermos vistas.

O agente que conduzia abriu-lhe a porta do carro. Gwendolen subiu a correr os degraus do Warrender e voltou-se no cimo para acenar a Frobisher. Sentia-se cheia de energia, como se lhe tivesse saído de cima um peso enorme, o que acontecera realmente por a mãe ter morrido. Aleluia!

A Sra. Bodley, que, como Gwendolen descobriu, raramente estava ausente da receção, lançou um olhar inquiridor às suas roupas.

– Saiu de casa cedo, menina Kelling? – indagou. Mas o que ela queria na realidade perguntar era: «Chegou tarde a casa, menina Kelling?», conjecturou Gwendolen.

– Quase não fui à cama esta noite, Sra. Bodley – respondeu com descontração. Foi recompensada com um sobrolho carregado. – Espero não ter perdido o pequeno-almoço.

O pequeno-almoço, como todas as refeições no Warrender, era substancial. Uma grande cafeteira com café circulava em contínuo pela sala de refeições, transportada por uma jovem empregada chamada Violet, a vacilar com o peso. Tanto a cafeteira como a Sra. Bodley atemorizavam a pobre Violet.

Papas de aveia, fatias grossas de *bacon*, ovos estrelados e morcela, acompanhados de pão torrado e compota. Podia dizer-se o que se quisesse da Sra. Bodley, mas com ela as Senhoras em Situação Difícil nunca estavam subnutridas. Gwendolen comeu de tudo com satisfação. Toda ela irradiava fartura e saúde. Ainda não tinha trinta e dois anos, recordou a si mesma. Vivera tempo suficiente à sombra da guerra. Agora podia ser livre. A Libertação de Gwendolen, semelhante ao levantar de um cerco. Fez sinal para lhe levarem mais café e trocou sorrisos com Violet. Eram quase conspiradoras, e a Sra. Bodley a sua inimiga comum.

Conseguiria ela cumprir o que Frobisher lhe pedira? Não fazia ideia, mas ia tentar. Ia ser uma aventura. Com sorte, seria *muito pouco* sensato.

Frobisher Agrilhado à Secretária

Gwendolen Kelling apanhara-o por acaso no dia anterior, a cismar sentado à secretária na Bow Street. Frobisher passava o mínimo de tempo possível no escritório e preferia sempre andar pela rua.

Um homem no escritório não via nada, ao passo que na rua via muito, sobretudo um homem supersticioso. A época mais feliz da sua carreira fora quando era um jovem polícia fardado a patrulhar as ruas e a gastar as solas das suas grandes botas. Estivera de serviço a vigiar a multidão no funeral da velha rainha, na coroação do novo rei e também na do outro que se lhe seguira.

Vira o melhor de Londres, mas, desde a guerra, a capital entrara em declínio. *O tempora! O mores!* pensou. Toda a gente ficara um pouco enlouquecida quando a paz chegara, e ele perguntava-se às vezes se não estariam a aproximar-se da morte da civilização ocidental. Mas a morte da civilização era algo de que se falava desde os tempos da Babilónia ou, na verdade, desde Tutankhamon. As pessoas dadas à superstição falavam muito da maldição que surgira com a abertura do túmulo do faraó. Dizia-se que estava a manifestar-se em toda a capital. Frobisher desvalorizava aquela irracionalidade, embora tivesse ficado tão empolgado como qualquer outra pessoa com a descoberta do túmulo. (*Coisas maravilhosas!*) Fizera uma assinatura da *National Geographic* só para...

Ouviu uma pancada eficiente na porta, seguida de:

– Senhor inspetor-chefe?

– Sim, menina...?

– Gwendolen. Gwendolen Kelling. Quem me indicou o seu nome foi o Sr. Ingram. Alguém lhe disse para o contactar na Scotland Yard, mas ele não conseguiu encontrá-lo lá.

– Não conseguiu porque eu não estou lá. Estou aqui. – Teria a Scotland Yard sido realmente incapaz de reencaminhar o tal Sr. Ingram para a Bow

Street? (Sim, era a resposta provável a essa pergunta.)

– Bem, agora já o encontrei. Se me permitir, vou direta ao assunto.

– Faça o favor. Não quer sentar-se primeiro, menina Kelling?

– Bom, o que se passa... – disse ela, sentando-se na cadeira à frente dele – ...é que procuro duas raparigas, Freda Murgatroyd e Florence Ingram. Têm catorze anos, são praticamente umas crianças, sobretudo a Florence. É muito imatura, ao que parece, foi educada num convento. Receio que a Freda tenha convencido a Florence a fugir com ela para Londres.

– E a menina é... uma tia? Ou irmã? – apressou-se a acrescentar, não fosse «tia» ser uma referência à idade.

Ela devia ter trinta e poucos anos, calculou, tinha idade suficiente para ser tia, imaginou, embora tivesse mais jeito para avaliar a idade de um cavalo do que a de uma mulher. Ainda ia de vez em quando montar em Epping Forest. Preferia montar um cavalo do que conduzir um Austin Seven. Os cavalos estavam a desaparecer e não voltariam a estar na moda.

– Não – respondeu ela, interrompendo-lhe os pensamentos. – Sou amiga da irmã da Freda. A Freda não tem pai, e a mãe é uma inútil. E a Cissy... a irmã, meia-irmã, na realidade, tem filhos pequenos, ao passo que eu não tenho dependentes e pedi uma licença sem vencimento na biblioteca onde trabalho, de modo que estou livre, por isso ofereci-me para vir a Londres procurá-la.

Frobisher estava com dificuldade em acompanhar tanta informação. Ela falava de uma maneira muito acelerada. Parecia cheia de energia e de jovialidade, algo que não se via muito no gabinete dele. Aquilo deixava-o um pouco desorientado.

– Tem alguma fotografia das raparigas? – perguntou.

– Claro – respondeu ela, dando uma palmada na testa. (Era muito expressiva para bibliotecária. Quase italiana. A palavra «bibliotecária» suscitava-lhe a imagem de uma solteirona avinagrada, não da animada criatura que tinha à frente.) – Que idiota, não tinha pensado nisso! Vou pedir à Cissy que me envie uma fotografia da Freda pelo correio da manhã. Tenho a certeza de que conseguirá arranjar também uma da Florence. Os pais dela estão desesperados, mas receio que a mãe da Freda até tenha ficado contente por se ver livre dela.

– Essas raparigas são capazes de cuidar de si mesmas?

– Como disse, a Florence é um pouco imatura para a idade.

– E a Freda?

– É o contrário. Tenho um bilhete que ela deixou para a mãe, mas acho que não lhe será de grande utilidade. Tirou um pedaço de papel cor-de-rosa amarrotado do saco e passou-lho por cima da secretária.

– «Querida mãe» – leu Frobisher em voz alta – «fugi para Londres em busca de...» O que diz aqui, menina Kelling?

– Fama.

– «Em busca de fama. Vou dançar num palco. A próxima vez que souberes de mim serei...»

– Famosa. A letra dela é horrenda. Há um ponto de exclamação depois de «famosa» – acrescentou. – Leu isso como se a fama fosse uma coisa muito corriqueira, senhor inspetor-chefe. É uma palavra que exige um certo fulgor.

Frobisher ignorou o comentário. Parecia-lhe mais seguro. Nunca sabia bem como reagir a piadas, nem às mais anódinas, e menos ainda vindas de uma mulher. Nem tão-pouco sabia como imprimir fulgor numa palavra. Nem em qualquer outra coisa, na verdade. Em vez disso, continuou a ler o bilhete cor-de-rosa com atenção. O papel emanava um perfume qualquer desagradável.

(«Gerânio, acho», disse a menina Kelling.)

– «... serei famosa. Escusas de te preocupar comigo. Um abraço da tua filha Freda.»

Um bilhete era melhor do que nenhum, pensou Frobisher. As raparigas que não deixavam bilhetes saíam por uma porta e desvaneciam-se por completo. As que escreviam bilhetes deixavam indícios atrás de si. Um bilhete tinha um propósito.

– «Em busca de fama» – murmurou, pensativo, devolvendo o papel cor-de-rosa. Podia mandar um polícia às escolas de dança, eram sítios prováveis para encontrar raparigas «em busca de fama».

Explicou à menina Kelling que em Londres as dançarinas eram uma indústria, «produzidas em grande quantidade como o aço e o carvão». Havia um número enorme de escolas de dança na área de Frobisher. A maioria das raparigas que se «formava» não tinha esperanças de chegar ao teatro nem de encontrar a fama por que tanto ansiava. Em vez disso, acabavam por ser desviadas para os clubes noturnos ou enviadas para o estrangeiro para dançar, e era frequente nunca mais se saber delas. Algumas acabavam na rua, claro. Ou davam às margens no Tamisa e eram pescadas em Wapping e Deptford. Ou na Tower Bridge. Mas absteve-se de referir este pormenor à menina Kelling.

– E o que fazem as raparigas nos clubes noturnos? – perguntou ela. – Eu sou de York e acho que não há lá clubes noturnos.

– Pagam-lhes para dançar com os clientes – explicou Frobisher. Chamam-lhes *acompanhantes*.

– Isso parece um pouco...

– Precisamente. Os piores são os clubes da Nellie Coker. Parecem devorar raparigas. As «Alegres Donzelas» da Sra. Coker, como são conhecidas. Interprete isso como quiser. – E foi nesse momento que lhe ocorreu uma ideia.

– Menina Kelling? Tenho uma proposta para si.

*

– Infiltrada, senhor inspetor-chefe?

– Bem, não sei se é a palavra que eu utilizaria. Parece um bocado teatral. Talvez *missão de reconhecimento* seja mais adequado. Apenas por uma noite,

menina Kelling. No Amethyst, o maior clube da Nellie Coker. O seu posto de comando, por assim dizer. De momento, não tenho agentes femininas na esquadra. Preciso de uma pessoa que não pareça totalmente deslocada.

– Totalmente deslocada?

– Seria os meus olhos e os meus ouvidos por uma noite. Informar-me-ia se visse alguma coisa imprópria. E, quem sabe, talvez descubra uma das suas raparigas desaparecidas.

Ela quase nem hesitou.

– Está bem, porque não? Consigo?

– Comigo? – A ideia alarmou-o e respondeu apressadamente: – Não, não, comigo não. Arranjarei alguém que a acompanhe. Mas aviso-a, menina Kelling, o clube é um antro de perdição, pode deparar com comportamentos muito chocantes.

– Fui enfermeira durante a guerra, senhor inspetor-chefe, duvido de que ainda haja alguma coisa no mundo capaz de me chocar. Quer que utilize um nome falso?

Ele não esperava que ela se mostrasse tão empenhada.

– Não será necessário, menina Kelling. Vai ter de ser cautelosa, é muito fácil deixarmo-nos seduzir por aquela gente. – Hesitou e depois prosseguiu: – A matriarca, a Nellie Coker, a quem chamam a Rainha dos Clubes, vai ser libertada da prisão de Holloway amanhã de manhã. Quer ir comigo ver o espetáculo?

– Vai haver espetáculo?

– Quase de certeza.

– Ótimo. Adoro espetáculos e há já algum tempo que não vejo nenhum. Agora tenho de ir andando. Já lhe tomei demasiado do seu valioso tempo. Vou fazer umas compras e visitar um pouco a cidade.

– Visitar a cidade? Tem um mapa Bartholomew? Vai precisar de um. – E ocorreu-lhe uma ideia. – Ah, e vai precisar de um vestido de noite para ir ao Amethyst, menina Kelling. Tem algum?

– Claro, senhor inspetor-chefe.

– Pode tratar-me apenas por inspetor, menina Kelling. – Imaginou-a a tratá-lo por John. A ideia distraiu-o de tal forma que se ergueu de um salto e disse: – Vou tratar de tudo, então. Envio as instruções para...?

– O Warrender. Em Knightsbridge. Fico a aguardar com expectativa, inspetor.

Aves Noturnas

— Onde está a Ma? – perguntou Shirley, sentando-se à mesa de jantar com Betty e Kitty.

– Revistem-me – respondeu Betty. – Aham que agora sou cão de guarda da mãe, como o *Keeper*?

O cão de Niven levantou as orelhas, em vão. Os seus pensamentos estavam sempre com o dono.

Em Hanover Terrace não havia um horário fixo para manter uma rotina, os dias não tinham momentos específicos que os obrigassem a reunir-se todos; deixavam-se simplesmente levar pela corrente. Só Edith parecia movida por qualquer coisa, mas não naquele dia. Levantavam-se quando lhes apetecia, ao final da manhã ou ao princípio da tarde, e cada um comia uma refeição diferente. Shirley, por exemplo, contemplava os ovos cozidos que a cozinheira acabara de trazer, enquanto Betty atacava uma espécie de *aspic* de salada. («De camarão, talvez, mas podia ser outra coisa qualquer.») As saladas não eram a especialidade da cozinheira; aquela parecia uma coisa mais apropriada para um aquário.

– Ouvi a Ma sair cedo de casa – disse Kitty, com a boca suja de compota.

Estava sentada no banco à janela, entretida a ler em voz alta as colunas de mexericos dos jornais. Tinha há pouco sido expulsa do colégio interno (fogo posto, negado com veemência) e ninguém parecia saber o que fazer com ela, de modo que Nellie a incumbira de esquadrihar os jornais à procura de informações úteis. «Lady Melchior partiu de Durban no Windsor Castle, rumo a Southampton», por exemplo. Um chefe de sala de um dos clubes poderia depois murmurar «Seja bem-vinda da viagem à África do Sul, Lady Melchior. É um prazer voltar a vê-la», enquanto lhe apresentava uma garrafa de champanhe que pareceria ser grátis, mas que seria astutamente introduzida na conta ao final da noite. Nada era grátis no mundo de Nellie, nem sequer o

amor. Esse talvez ainda menos.

Edith, que se levantara involuntariamente tarde, ainda desganhada e sonolenta, juntou-se ao grupo e disse:

– Sinto-me adoentada.

– Realmente, estás com mau aspeto – comentou Betty, indo buscar compaixão a qualquer lado. Às vezes surpreendia-se a si própria. Betty era muito dura, mas conseguia ser enjoativamente sentimental, uma combinação partilhada pela mãe e por muitos ditadores antes e depois dela.

Ramsay aproximou-se da mesa a bocejar e balbuciou qualquer coisa que podia ser uma saudação ou um insulto. Raramente eram bem-educados entre eles.

Edith, com o rosto meio acinzentado, tirou uma torrada da grelha, mas pô-la de lado como se estivesse cheia de aranhas.

– Bebe um bocado de rum – sugeriu Shirley. – Comigo resulta sempre.

A ideia fez estremecer Edith.

– Experimenta um *eggnog* – insistiu Shirley. Edith sentiu náuseas.

– A Mãe está bem? – perguntou Betty a ninguém em particular. – Não está doente, nem nada?

– Doente? – repetiu Edith. – Porque perguntas isso?

– Não sei. Tem andado um bocado esquisita.

– Acho que a prisão lhe deu demasiado tempo para pensar – comentou Shirley.

Nem Betty nem Shirley tinham muito tempo para pensar. Para elas, «a vida da mente» era um desperdício, quer de vida, quer de mente, apesar de terem andado em Cambridge. Ou talvez por causa disso.

– «A que horas começa a vida noturna? Dizem que no Palácio de Buckingham começa às nove; em Maida Vale, onde gostam de ‘noites prolongadas’, preferem as sete e meia; em Mayfair (o Sr. Michael Arlen que me corrija se estiver enganada) é às oito e meia; em South Kensington sentam-se a jantar às mesas de mogno sólido um quarto de hora antes disso; e em Wimbledon retiram a aspidistra e têm o rádio comprado a prestações pronto para a ação às oito em ponto.»

– Ah, cala-te lá com isso, Kitty – disse Betty.

– Que disparate é esse? – perguntou Shirley.

– Vivian Quinn, na coluna «Society Paragraphist» – respondeu Ramsay com um ar enfadado.

– A Kitty não podia ler *Os Rapazes da Nova Floresta* ou coisa do género? – perguntou Edith, com irritação.

Kitty sonhava em ver o seu nome mencionado nos jornais. «A elegante filha mais nova da rica e ilustre Sra. Coker, do West End, foi vista ontem à noite nas galerias Grafton...» E assim por diante. Os outros desdenhavam dos pretensos «jornalistas» que escreviam aquelas colunas sociais. «Escritores de meia-tigela da Fleet Street», dizia Edith com ar depreciativo. Patrick Balfour, Horace Wyndham, Vivian Quinn, claro, eram homens viperinos, mordazes e

snobes, que Nellie descrevia como «discretamente extravagantes». «Um oxímoro», dizia Betty. «Exatamente», retorquia Nellie.

Apesar do desprezo instintivo que sentia pelas colunas sociais, Nellie reconhecia o valor da publicidade em jornais como o *Express* ou o *Sketch* e do «Diary» no *Evening Standard*. Os leitores adoravam banquetear-se com histórias de celebridades, e se estas se andassem a pavonear no Amethyst ou num dos outros clubes, então ainda melhor. Os clubes tinham apetite e havia que alimentá-los. O sustento do negócio não eram as Tallulah Bankheads deste mundo, mas os casais que se deslocavam de Pinner à cidade na linha do metro, para passar aí a noite em busca de um pouco de diversão.

Desde que regressara da Suíça, a tarefa de nutrir os colunistas recaía sobre os ombros contrariados de Ramsay. Este estava a espalhar manteiga muito lentamente numa torrada, como que a adiar o momento em que teria de lhe dar uma dentada. Ramsay também não se sentia em grande forma naquela manhã (demasiada droga na noite anterior), mas não ia provocar a ira de Edith chamando a atenção para isso. Ela apreciava uma boa discussão. Ramsay soltou um suspiro que a levou a erguer uma sobrelance ameaçadora.

– Também estás doente? – indagou com brusquidão, preparada para o combate.

– De maneira nenhuma – respondeu ele, dando uma enorme dentada na torrada para demonstrar a sua boa forma, por pouco não se engasgando com ela. Ramsay sentia às vezes que a sua vida era apenas uma longa luta para ser autêntico. (Era dado ao melodrama.) Sem querer, devia ter verbalizado qualquer coisa nesse sentido porque se sobressaltou ao ouvir Shirley dizer:

– Ah, querido e doce Ramsay, claro que és autêntico! – (Ela era a mais simpática de todos.) – Só sofres porque és criativo. Os artistas *têm* de sofrer, só assim chegam à verdade das coisas.

Nos Alpes não tivera nada para fazer senão sentar-se numa varanda a olhar para a neve suíça, que era tão lisa e de um branco tão ofuscante como papel limpo, até pensar que ia enlouquecer. Ninguém o fora visitar, o que, no fundo, não o surpreendera. A mãe poderia facilmente ter apanhado o Expresso do Oriente até Zurique, mas alegara estar demasiado ocupada. A cada filho que fora gerando, o interesse de Nellie diminuía, de modo que Ramsay e Kitty, os últimos a chegar, haviam sido terrivelmente negligenciados.

Ramsay implorara a Nellie que lhe enviasse material de leitura, mas fora Niven quem o fizera, enviando-lhe caixotes cheios de livros de todo o género, desde o *Mabinogion* a Virginia Woolf. Quando regressara a Inglaterra uns meses antes, Ramsay trazia o cérebro de tal forma infetado com palavras que se sentira quase dominado pela necessidade urgente de as vomitar. Um romance, decidiu, ia escrever um romance! (Grandioso, como era evidente.) Infelizmente, o ato de colocar qualquer coisa no papel (papel tão liso e de um branco tão ofuscante como a neve da Suíça) revelara-se mais difícil do que parecia.

Shirley e Betty tinham-lhe oferecido uma pequena Remington portátil

pelo seu vigésimo primeiro aniversário. (*A máquina para o homem que viaja* – falso, a menos que se contasse com a Suíça, o que Ramsay não fazia.) O que escrever?

– Não dizem para escrever sobre o que se conhece? – perguntou Betty. – Mas tu não conheces nada, pois não?

– Obrigadinho.

Se escrevesse sobre o que conhecia, seria um romance diminuto sobre um homem num sanatório na Suíça, preso nas garras do desespero e do terror existencial. Quem iria querer ler uma coisa dessas? Ramsay de certeza que não.

– Só tens de escrever uma frase atrás da outra, e *voilà*, tens um romance – afirmou Shirley.

Seria mais fácil se tivesse um título. Com o título certo, o resto do romance começaria a fluir de forma natural. Seria possível ser-se escritor sem nunca ter escrito nada? Ou artista, sem nunca ter produzido arte nenhuma?

– Claro que sim – disse Shirley. – Tens *alma* de artista, não precisas de *fazer* nada. – Edith soltou um resmungo de desdém, mas Shirley continuou alegremente. – Ouve lá esta ideia, Ram. Tu e eu podíamos fugir juntos para a Riviera ou para Paris e viver numas águas-furtadas típicas, eu a pintar e tu a escrever o grande *roman du jour*, sabes, como *The Green Hat*.

Oh, não, esse livro outra vez, pensou Ramsay. Já não aguentava ouvir falar dele. Qualquer pessoa podia escrever um romance contemporâneo provocador, mas muito enfadonho.

– *Tu* podias! – insistiu Shirley, sem ironia.

Ramsay ignorava que Shirley pintava.

– Não pinto – disse ela, petulante, mas tenho a certeza de que podia pintar.

*

Do lugar onde estava sentada à janela, Kitty via bem o homem de pé no jardim privado que separava Hanover Terrace da rua. O homem olhava fixamente para a casa, como se estivesse à espera de que alguma coisa começasse. Tinha a pele cor de azeitona e parecia estrangeiro. Fumava um cigarro e tinha o ar descarado de alguém que não queria saber se estava ou não a ser visto. Usava sapatos *Oxford* de duas cores, que Kitty sabia chamarem-se «sapatos de espectador», embora desconhecesse a razão e ninguém a tivesse esclarecido quando perguntou.

O facto de ela estar ali não incomodou o homem; na verdade, a presença de Kitty até parecia diverti-lo. Ela arqueou uma sobrancelha à maneira típica dos Coker, e ele levou a mão ao chapéu num pequeno gesto de cumprimento e afastou-se sem pressas. Kitty estava muito concentrada a mastigar um pedaço de torrada. Não disse nada. O homem era demasiado interessante para ser partilhado.

Niven chegou com o correio que os outros tinham tido preguiça de recolher do tapete da entrada e distribuiu-o pela mesa, atirando-o aos respetivos destinatários. Serviu a si próprio uma chávena de café, que bebeu de pé, com o sobretudo ainda vestido, um bonito Ulster. Tinha uma gola larga de pele de castor que Kitty teve subitamente vontade de acariciar. Estendeu uma mão para lhe tocar, mas Niven enxotou-a como se fosse uma mosca. A gola fazia-lhe lembrar o *Moppet*, o gato da Great Percy Street. Fora atropelado por um carro do lixo no ano anterior e Kitty teria gostado que o tivessem empalhado ou feito uma gola com ele. Ou até mumificado, como o gato egípcio que decorava o bar do Sphinx. Ela não estava autorizada a entrar no Sphinx – o mais dissoluto dos clube dos Coker –, mas isso não a impedia de lá ir.

– A Ma fugiu – disse Shirley a Niven, decapitando cruelmente o segundo ovo cozido. – Abandonou o posto sem autorização.

– Então vai ter de enfrentar o pelotão de fuzilamento – respondeu ele. – É essa a pena.

– Pobre Ma – disse Betty a rir.

– O que é isso? – perguntou Kitty, pendurada no pescoço de Ramsay como uma jiboia, enquanto ele abria um envelope que lhe era dirigido.

– Sai, estás a estrangular-me!

Kitty leu em voz alta: «Está convidado para a festa. A ilustre Pamela Berowne solicita a sua companhia numa festa de bebés.»

– Mas que raio é isto? – perguntou Shirley. – Tens de levar um bebé? Isso era um pesadelo.

– Ela é uma Bright Young Thing⁴ – disse Ramsay com cara de enjoo, soltando Kitty do seu pescoço. – Anda atrás de mim – acrescentou. – Sabe Deus porquê.

– Eu conheço a Pamela – disse Betty. – De brilhante não tem nada.

Todos os Coker se puseram a comentar com desprezo os chamados Bright Young Things ou «Jovens e Brilhantes Criaturas».

– E nem sequer é muito jovem – disse Shirley.

– Então é apenas uma «criatura» – comentou Betty.

Todos se riram, encantados consigo próprios. Acontecia-lhes com frequência.

– Mas então vais? – perguntou Kitty a Ramsay.

– Talvez. Talvez aconteça alguma coisa interessante, nunca se sabe.

– Alguma coisa sobre a qual possas escrever – disse Shirley, encorajadora.

– A Ma há de querer que vás lá mostrar a cara – disse Betty. – Agitar a bandeira do Amethyst.

– Temos uma bandeira? – perguntou Kitty.

– O teu amigo Vivian Quinn deve ir, imagino – disse Betty.

– Ele não é meu amigo – retorquiu Ramsay. – A coluna que ele escreve é

uma anormalidade. *Ele* é um anormal.

– O Vivian Quinn? – perguntou Kitty, interessada. – Não sabia que era teu amigo.

– *Não é* meu amigo – insistiu Ramsay. – Porque é que dizem todos que é meu amigo? Conheço-o, só isso. Nem sequer gosto dele.

– Estás sempre a vê-lo – comentou Betty.

– Estou sempre a ver-te e não é por isso que sou teu amigo.

– Pois, parece que não... – respondeu Betty, indiferente ao comentário depreciativo. – Ele está a escrever um *roman à clef*. Se calhar tu entras, Ramsay. – Soltou uma gargalhada. – Está tudo bem, Edith? Estás com ar de quem vai vomitar.

Edith estava com má cor, mas permanecia estoicamente à mesa.

– Porque é que eu havia de entrar no romance dele? – perguntou Ramsay. – Se acontecer, mando-o matar.

– Mandas quem matá-lo? – perguntou Kitty.

– O Niven, claro – disse Shirley.

– Trata tu do teu trabalho sujo – disse Niven. – Eu já matei o suficiente.

– Já? Mataste pessoas? – perguntou Kitty, olhando Niven a uma luz nova e interessante.

– O que achas que é a guerra, idiota?

Betty passara da salada para um pêssgo que descascava meticulosamente com um pequeno canivete de prata maciça com as suas iniciais gravadas, que lhe fora oferecido por um admirador. Nellie tinha sentimentos contraditórios em relação àquela oferta – era mais útil do que flores, sem dúvida, mas a que propósito se oferecia uma faca a uma mulher? Na sua opinião, era um convite ao esfaqueamento. Tchekhov tinha uma pistola; Betty, um canivete. A narrativa da sua vida parecia exigir cautela.

– Vi-te ontem – disse Betty a Niven num tom acusador.

Este ainda não se sentara nem despira o casaco. Era uma pessoa que estava sempre a chegar ou a partir; eles achavam desconcertante quando ele se deixava ficar entre as duas situações.

– Perto de St. James – insistiu Betty. – Estavas parado naquelas coisas novas, «semáforos», e estava uma mulher contigo no carro.

– Quem era? – perguntou Shirley.

– Não era ninguém – respondeu Niven.

– Alguém devia ser. Levaste-a a dar uma volta?

Betty soltou uma gargalhada muito pouco feminina e disse:

– É isso que lhe chamam agora?

– Levaste, Niven? – insistiu Kitty com uma inocência muito louvável. – Levaste-a a dar uma volta?

Niven ignorou a pergunta.

– Vais voltar a sair? – perguntou-lhe Betty. Ele ignorou novamente a pergunta. – Não nos dás boleia? A Shirley e eu vamos à Selfridges.

– Posso ir com vocês? – perguntou Kitty.

– Não.

Niven tinha o melhor carro, nisso estavam todos de acordo – um Hispano-Suiza tão impressionante que as pessoas paravam na rua a admirá-lo. («Divino», dizia Kitty, arrastando as sílabas e sacudindo as mãos num gesto incompreensível. Andava sempre a imitar uma estrela ou uma celebridade qualquer. Tinha tendência para a iconolatria.)

– Então, dás-nos boleia ou não, Niven? – perguntou Betty. O pêssago agora descascado que tinha no prato era um globo maduro perfeito, capaz de se fazer passar por uma das maçãs douradas que distraíram Atalanta.

Em resposta, Niven agarrou o pêssago e deu-lhe uma grande dentada, o que levou Betty a dar um salto de indignação como um gato escaldado e a gritar-lhe que era um estupor de coração negro que merecia morrer. Edith disse:

– Está uma criança na sala.

– Onde? – perguntou Kitty.

– Larga o canivete, Betty.

Niven estalou os dedos, e *Keeper* levantou-se de um salto. Os dois saíram apressadamente, não fosse alguém ocupar um lugar no Hispano-Suiza.

Os restantes foram-se retirando de forma discreta e instintiva como um bando de corvos que se separa de súbito e se dispersa, cada um numa direção diferente. Edith foi «estender-se um instante» no quarto, mas só conseguiu chegar ao armário dos casacos do andar de baixo, onde todos a ouviram vomitar.

– Espero que aquilo não seja contagioso – comentou Betty.

– Ela esteve a beber *gin* ontem à noite – retorquiu Shirley.

– Não devia, não tem estômago para aguentar.

Betty e Shirley tiveram de se encolher no pequeno Sunbeam de Betty, e Ramsay, animado pela fé que Shirley depositava nele, desapareceu para o quarto para pensar no seu romance. Os escritores tinham de pensar muito; na verdade, tinham quase de pensar mais do que escrever.

Kitty, desprezada, regressou ao banco à janela e acabou o pêssago igualmente abandonado. Estava com esperança de que o homem misterioso pudesse ter regressado ao seu posto de vigia, mas o jardim estava vazio, de modo que foi preparar um banho, despejando na água um frasco inteiro de sais de banho Mermaid de Betty. A seguir, como se sentia um pouco murcha, pediu à cozinheira que lhe fizesse um *chocolat chaud*.

– Hã? – resmungou esta, contrariada.

Depois surripou várias fatias generosas de fiambre da despensa e comeu-as até ficar quase tão enjoada como Edith.

*

Ao regressar a Hanover Terrace do passeio pelo parque, Nellie surpreendeu Kitty, aparecendo de repente diante das portas de vidro. Estava presa lá fora, e Kitty deixou-a entrar, ainda que lhe tivesse passado pela

cabeça não o fazer.

– Não devias estar na cama? – perguntou Nellie.

– Acabei de me levantar – respondeu Kitty, muito sensata.

4. Termo usado para designar um grupo de jovens aristocratas boémios de Londres na década de 1920, cujo comportamento era considerado exuberante e escandaloso. (*N. das T.*)

Os Dardanelos

Niven sentou-se no seu lugar habitual na cadeira do barbeiro, onde um homem lúgubre chamado Emin, que parecia carregar às costas o peso do Império Otomano, lhe envolveu a cara numa toalha quente. Tinha ar de poucos amigos e brandia a navalha afiada com um floreado teatral. Concordavam tacitamente a respeito de muitas coisas, em particular sobre Churchill e a loucura desastrosa de Gallipoli, mas mesmo assim Niven abstinha-se de exprimir os seus pensamentos acerca do tema, pois nenhum homem gosta de discutir política com alguém que tem uma navalha aberta na mão.

Emin significava «de confiança» em turco, explicara ele a Niven em várias ocasiões, como se tivesse de provar a nobreza das suas credenciais. Niven, pelo seu lado, gostava de manter as suas virtudes bem escondidas do mundo. Por exemplo, a mulher que Betty avistara no seu carro em St. James no dia anterior existia realmente, mas não era o género de mulher que a irmã imaginava. Betty via mal ao longe e ao perto – uma proeza notável («cega como um morcego», como Nellie costumava dizer). Se tivesse os óculos postos, talvez tivesse reconhecido a mulher como uma das empregadas de limpeza do Amethyst. (Ou talvez não. Betty não era do género de se lembrar de empregadas da limpeza.)

A empregada partira um tornozelo ao cair das escadas do clube. Niven pegara nela ao colo – era corpulenta – e levara-a de carro até ao hospital de St. Thomas, onde tirara cinco notas de uma libra da carteira e lhas entregara, pois sabia que Nellie a despediria quando descobrisse. O absentismo não era tolerado no Amethyst, qualquer que fosse a causa. Isso garantia que o pessoal estivesse sempre forte e saudável, afirmava Nellie. «*Pour encourager les autres*», e isso. Niven não se importaria de ter tido a mãe ao seu lado nas trincheiras durante a guerra, mas em época de paz era uma história diferente.

– *Effendim?*

– Nada, Emin. Continue.

– Ontem conheci um homem – disse Emin num tom despreocupado.

– Ah, sim?

Emin explicou que estava com muitos homens ao longo do dia. E também ouvia muitas coisas. Era vulgar um homem contar os seus segredos quando estava na cadeira do barbeiro. Niven aguardou com paciência o que vinha a seguir.

– Um homem chamado Azzopardi. Estava aqui na cadeira onde o senhor está agora.

– Um turco?

– Maltês. Pessoa ruim. Sabe quem é?

– Nunca ouvi falar. – Emin espalhou-lhe colónia no rosto com umas palmadinhas. – Há alguma coisa que deva saber? – insistiu Niven ao ver que o turco não adiantava nada.

– Ele vai convidar a sua mãe para se encontrar com ele amanhã. Para tomar chá.

Niven rebitou a rir.

– Para tomar chá? Não deve mesmo ser boa pessoa, Emin.

– Ela devia ter cuidado, *effendim*.

– A minha mãe tem sempre cuidado, Emin.

Niven estalou os dedos e *Keeper* levantou-se. Pagou a Emin e deu-lhe uma gorjeta. Com que então, pensou Niven, Azzopardi pusera a máquina em movimento. O homem queria qualquer coisa de Nellie; o quê, ainda não era claro.

*

Na semana anterior, quando Nellie estava ainda presa em Holloway, Azzopardi abordara Niven no recinto das corridas de cães e apresentara-se. Seguiu-se um prelúdio em que Azzopardi ronronara uma torrente de lisonjas ao ouvido de Niven, coisa a que ele não reagia muito bem, antes de chegar por fim ao que queria.

Era um homem enorme como uma morsa, com gestos afetados e um discurso untuoso, que parecia mais o vilão de uma peça de teatro do que uma ameaça. Niven não ficaria surpreendido se, na realidade, ele não fosse de Malta, mas de Ramsgate ou do Southend, e tivesse adotado aquele disfarce teatral para impressionar. Um palhaço, concluíra Niven. Falava num inglês surpreendentemente fluente. Contou que a sua carreira no mundo do crime começara em criança, ao roubar uma cabra. Agora queria roubar todo um império, suspeitava Niven. O império de Nellie.

– Não é roubo – disse ele. – É uma compensação.

– Compensação? Por quê?

Os cães saíram disparados das caixas.

Azzopardi ofereceu-lhe um charuto. Niven recusou e ficaram a observar em silêncio o cão de Niven a chegar em primeiro lugar.

– É seu? – perguntou Azzopardi.

– Não – respondeu Niven. Sentiu que o homem não gostava de cães e teve relutância em confessar que tinha um. *Keeper* fora levado para casa, as corridas de cães eram complicadas para ele. – Não é meu – insistiu. Mentir era algo que Niven fazia com facilidade; sentia que era uma forma de proteger a verdade.

Nellie era uma mulher de idade, disse Azzopardi. Estava a ficar mais fraca. Não estaria na altura de sair de campo e de gozar os frutos do seu trabalho?

– Ela só tem cinquenta e poucos anos – disse Niven, a quem a arrogância do homem divertia. – Se anda atrás dos clubes dela, olhe que ela corre consigo com o rabo entre as pernas.

– O senhor é o herdeiro natural da sua mãe.

Niven riu-se.

– Acho que a herdeira é a minha irmã Edith. E não vamos herdar nada para já, acredite.

Niven era um pragmático, dissera Azzopardi, conseguia ler os sinais do que estava para vir. Nellie já não tinha a ganância de outrora.

– E o mundo de hoje, senhor Coker, pertence aos que têm apetite pela mudança. Por novas maneiras de pensar. O vencedor ficará com os despojos.

– Parece um anarquista a falar – disse Niven. – Ou um fascista italiano.

– Não, senhor Coker, falo como um homem de negócios.

Os Monumentos de Londres

— Vai precisar de um vestido de noite para levar ao Amethyst, menina Kelling. Tem algum? – perguntara-lhe Frobisher, lançando um olhar duvidoso ao seu velho casaco e aos seus sapatos gastos.

– Claro, inspetor. – Era sempre melhor exibir um ar de confiança.

Os únicos trajes de noite que Gwendolen levava consigo na bagagem era um velho vestido de veludo, provavelmente mais adequado para tomar um chá no vicariato do que para ir a um clube noturno londrino, não que alguma vez tivesse ido a qualquer um dos dois. Impunha-se qualquer coisa mais glamorosa, mais *à la mode*. O passeio para ver a cidade que mencionara a Frobisher podia esperar. Liberty, aqui vou eu, pensou.

– Vai voltar a sair, menina Kelling? – perguntou a Sra. Bodley quando Gwendolen passou sob o seu olhar vigilante. Pensou responder que ia a qualquer sítio respeitável, o British Museum ou a National Gallery, mas preferiu ouriçar ainda mais os pelos da Sra. Bodley, respondendo com jovialidade:

– Vou aos armazéns Liberty, na Regent Street, senhora Bodley. Tenho de renovar o meu guarda-roupa.

A Sra. Bodley premiou aquela futilidade com um trejeito de reprovação quase impercetível.

Azar, pensou Gwendolen. Já tivera a sua conta de retidão.

Na York que Gwendolen deixara dois dias antes, os narcisos demoravam-se ainda nas encostas das muralhas da cidade, mas ali, nos espaços públicos da capital, haviam murchado há muito. Gwendolen não ia a Londres desde o funeral do Soldado Desconhecido, quando ela e a mãe se tinham juntado à multidão soturna alinhada ao longo do percurso até à Abadia de Westminster. Como tantas outras pessoas, tinham-se blindado firmemente com uma couraça de dor. Quase não se ouvia um soluço, apenas um restolhar, como se um grande bando de melros tivesse descido em silêncio sobre

Londres. A seguir, toda a cidade amortalhada se fechara num luto abafado. Vê-la agora, engalanada para a primavera, era um pouco surpreendente.

E revigorante, também. Balançou os braços ao atravessar o Hyde Park. O «Cock o' the North», a marcha militar dos Gordon Highlanders, entrara-lhe sem aviso na cabeça e recusava-se a sair. Teria preferido um Mozart alegre – um clarinete ou uma trompa –, mas a música militar animava-lhe os passos.

Tivera em tempos uma ligação breve e apazível com um oficial dos Gordon Highlanders. Tinha havido um namoro decoroso entre eles, nada mais. (Não houvera oportunidade para mais, recordou com pesar.) Ele passara-lhe literalmente pelas mãos, num hospital de campanha em Wimereux – estilhaços na perna, nada de muito grave – e fora depois evacuado para Inglaterra. Quando soube que regressara à frente, procurou-o nas listas de baixas diárias, mas o nome dele nunca aparecera entre os mortos. Ele nunca escrevera, mas na realidade ela também não.

Todas as mulheres com quem trabalhara em França eram insaciáveis escritoras de cartas e resolutas escritoras de diários, mas Gwendolen não sentira qualquer necessidade de fazer um registo, nenhum desejo de ter um *aide-mémoire*. A vida era para absorver, não para registar. Em última análise, era apenas papel que alguém teria de deitar fora depois de morrermos. Afinal, talvez o nosso propósito nesta vida fosse sermos esquecidos, não recordados.

«É tão prática, menina Kelling», dizia o Sr. Pollock. «És tão desapiadada», dizia a mãe.

Perguntou-se se teria sido a falta de piedade que persuadira Frobisher? Ou seria ele o género de homem que via as mulheres como flores delicadas que deviam ser cuidadas e protegidas? Era um homem dado a suspiros, frequentes e tristes, como um cão descontente, mas ainda assim ela lamentou que ele não a acompanhasse no sábado à noite. «Vou dançar no palco», lera ele, constrangido, no papel de carta perfumado, e Gwendolen tivera de reprimir uma gargalhada.

Fez um pequeno desvio para observar o novo monumento ao Royal Artillery Corps, em Hyde Park Corner, mais por curiosidade do que por reverência. Não gostava de memoriais. A realidade do campo de batalha estava ausente neles – a lama, os pedaços de carne ensanguentada, os corpos sem membros e os membros sem corpo, dispersos. A transposição do sofrimento para uma pedra fria nunca poderia transmitir o horror. Em York, a mãe insistira em assistir à inauguração do Memorial da Cidade pelo Duque de York, um projeto que estivera envolto em controvérsia. Como muitas outras pessoas, Gwendolen achara que teria sido melhor fazer qualquer coisa pelos vivos de York – uma maternidade ou um parque como o que a Rowntree's doara em honra dos trabalhadores da fábrica de cacau que haviam tombado. *O nome deles viverá para sempre*, estava gravado no memorial de York. Outra mentira. Quem se lembrava agora de Dickie?

Não valia a pena falar daquelas coisas com a mãe. A guerra em si não tinha para ela qualquer interesse, apenas as consequências das suas perdas.

Havia um bonito monumento neogótico à guerra sul-africana em Duncombe Place, perto do Theatre Royal. Gwendolen passava por lá com frequência. Como parecia distante a Guerra dos Bóeres, agora matéria de livros de História monótonos, um escaravelho seco e espetado num alfinete por comparação com o colosso bárbaro e feroz que havia sido a guerra de Gwendolen. (Ela sentia-a como propriedade sua, a guerra mudara tudo.) Impossível crer que também ela faria um dia parte do passado esquecido, recordada apenas numa pedra indiferente.

O novo memorial à Royal Artillery tinha, pelo menos, a coragem de mostrar um soldado morto, pensou. Nem que fosse só por isso, merecia o seu respeito. Ela recusava-se a rezar naqueles santuários dedicados aos mortos, mas o seu coração comoveu-se ao ver um pequeno ramo de flores murchas que fora depositado no monumento. Uma nota desbotada declarava simplesmente *Para o Papá*. Que mundo tão perverso, aquele, que permitira que uma guerra daquelas acontecesse.

*

Chegada ao seu destino, conseguira finalmente exorcizar da cabeça o «Cock o' the North». Deteve-se por um momento no passeio para apreciar a extraordinária fachada do novo edifício em estilo tudor dos armazéns Liberty e sentiu um arrepio de emoção quando perguntou ao porteiro «A secção de moda para senhoras?» e ele apontou em silêncio para o elevador. Seria mudo?, perguntou-se. Seria pouco conveniente para um porteiro. Conhecera homens cujas gargantas haviam sido destruídas por gás.

Ignorou o elevador e dirigiu-se rapidamente para a magnífica escadaria. A guerra fora ganha. Agora só havia beleza.

*

Gwendolen começava a arrepender-se de não ter comprado pelo menos uma peça de roupa decente antes de partir para Londres. Não era que não houvesse lojas de vestidos em York. Sentiu vergonha do aspeto provinciano e surrado que devia ter aos olhos da funcionária dos armazéns, que se lançou sobre ela como um falcão que avista uma presa.

A funcionária conhecia bem os ladrões e sabia que eles rondavam a loja envergando roupas elegantes para se misturarem com os clientes de classe mais alta que ali faziam compras. Gwendolen sentiu-a a imaginar que uma pessoa vestida de uma forma tão lamentável como aquela senhora devia ter arranjado um novo marido ou ter recebido algum dinheiro inesperado e não tinha intenção de roubar.

– Claro – concluiu a funcionária. – Vejamos o que posso fazer por si. Procura alguma coisa em particular?

– Bem – respondeu Gwendolen –, acho que procuro um pouco de tudo. Que dádiva para o comércio!

E de onde saíra aquela riqueza inesperada?, poderão perguntar-se. Uns dias após a morte da mãe, Gwendolen visitara o solicitador da família, um Sr. Jenkinson, com escritório em Stonegate, à frente da velha fábrica de arame, agora uma loja de lãs.

– Quais espadas transformadas em arados – comentara ela com o Sr. Jenkinson, que a recebera calorosamente, oferecendo-lhe chá «ou um copito de porto?». Ela declinou os dois.

Como suspeitava, era uma questão de umas quantas assinaturas e de alguma papelada. Nada de segredos escondidos, nem moedas a reaparecer como que por magia. Gwendolen não conseguiu evitar verbalizar um lamento pela perda (roubo!) de tudo o que o pai se esforçara por construir, e o Sr. Jenkinson dissera:

– Bem, menina Kelling, então talvez esta seja boa altura para aceder ao fundo.

Fundo?

– O fundo que o seu pai criou. Achei curioso que o tivesse deixado na conta a prazo durante tanto tempo.

Fundo? *Prepara-te para a surpresa!*

Ele explicou-lhe pacientemente, como se ela fosse uma criança. O pai tinha criado um fundo discricionário para os filhos. Após a sua morte, cada um deles herdaria uma quantia igual ao alcançar os vinte e um anos. Cinco mil libras.

Cinco mil libras?

– Cada um.

Cada um?

Ele fixou-a de sobrolho franzido.

– Não sabia mesmo? A sua mãe não lhe disse? Eu escrevi-lhe várias cartas.

A mãe sabia? Tinha roubado (não havia outra palavra) cartas dirigidas a Gwendolen?

– A sua mãe não lhe podia tocar, claro, mas sabia da existência do fundo. E, como é evidente – continuou o solicitador –, o fundo determinava que à morte de um dos irmãos, o dinheiro fosse dividido pelos outros. Harry e Dickie morreram muito antes de atingirem vinte e um anos (a propósito, os meus sinceros sentimentos, menina Kelling), de modo que a parte deles permanece intacta. Quando o Harry morreu, a parte dele foi herdada por si e pelo Dickie, e quando o Dickie morreu, a menina herdou a parte *dele*. Portanto, tem, no total, quinze mil libras.

Quinze mil libras?

– O seu pai ganhava muito dinheiro antes de morrer.

Quinze mil libras? A mãe sabia que havia quinze mil libras num banco algures, não, «algures» não, numa contra a prazo, no Yorkshire Penny Bank da Coney Street, mais precisamente. Teria o pai sido profético? Teria consciência de que a tola da mulher não conseguia gerir uma pequena quantia,

quanto mais a totalidade do seu património?

– Não percebo por que razão a sua mãe não lhe disse nada – disse o Sr. Jenkinson.

– Sim, também não percebo – retorquiu Gwendolen. Mas na verdade sabia perfeitamente bem porquê. Com dinheiro, Gwendolen seria independente, poderia abandonar a mãe, apesar da promessa que fizera ao pai, e ir viver a vida como bem entendia. Com dinheiro, Gwendolen não teria ficado agrilhoadà à mãe pela necessidade de frugalidade. Com dinheiro, seria livre. A mãe preferira viver em condições de deplorável carência do que correr o risco de perder a sua companheira escravizada.

– E a casa, se vender a casa?

– Julgo que se venderia bem por três mil libras, no mínimo. É uma casa muito boa.

– E há quinze mil libras no banco? (Na rua ao lado!) Tem a certeza?

– Acrescidos de juros, claro.

– Se não se importa, senhor Jenkinson, acho que aceito o tal porto.

*

Para celebrar, percorreu a curta distância até ao restaurante Terry's, em St. Helen's Square, e concedeu a si mesma um almoço em solitário esplendor: empanturrrou-se com sopa de rabo de boi, galinha em molho branco e *trifle* com xerez. Agora era uma mulher com posses. Da riqueza à miséria e novamente à riqueza. Quase tinha vergonha da felicidade que sentia.

Não queria ser frugal nem extravagante, mas gostaria de pôr o dinheiro a render. Iria reinvesti-lo em qualquer coisa sólida, ou talvez noutra fábrica, mas não de arame. Ou numa pequena loja. Em Londres, passara por vários estabelecimentos de mulheres. Havia uma loja de chapéus chamada Audrey's, uma loja de vestidos chamada Barbara's, uma florista chamada Jean's. Podia criar a «Gwendolen's», pensou, em York ou em Harrogate, ainda que por muito que se esforçasse, não conseguisse pensar em nada que gostasse de vender. Sabia apenas que não seria uma coisa monótona. A época da monotonia acabara.

*

Gwendolen saiu da Liberty e juntou-se à multidão de pessoas que andava às compras. Comprara todo um guarda-roupa novo na secção de moda feminina, mas ainda usava o seu velho vestuário de bibliotecária, de *tweed* e lã. Os artigos que comprara seriam embalados e enviados nessa mesma tarde para o Warrender, deixando-a livre para se passear pela Regent Street sem nada a estorvá-la para além da mala de mão. Também essa era a antiga, surrada e muito usada.

Saltara o almoço no Warrender, o que não era grande perda, pois consistia apenas numa refeição ligeira de sanduíches frias a que as Senhoras

de Boas Famílias se atiravam como lobas, num esforço para agarrar as melhores – ovo e agrião, fiambre cozido – e deixando as de pasta de peixe como prémio de consolação para as retardatárias.

Mais adiante, na Regent Street, passou por um homem que tocava cornetim – um «músico de rua» – no passeio à frente da Hamley's. Tinha uns óculos escuros impenetráveis e encostara à caixa do instrumento um letreiro que dizia simplesmente «Cego na Guerra». Não era nenhum amador; na verdade, era maravilhosamente talentoso, digno de qualquer orquestra. A caixa do instrumento, virada para cima à sua frente como uma tigela de esmolos, continha apenas um punhado de moedas de um centavo.

Gwendolen abrandou o passo e acabou por parar para ouvir melhor. O cornetista tocava «Blow the Wind Southerly», de uma forma tão bela que pareceu a Gwendolen nunca ter ouvido nada mais triste – «Last Post», talvez, mas essa, pela sua própria natureza, era a personificação da tristeza e da melancolia.

A música não lhe estava a trazer grandes benefícios, pois ninguém atirava moedas, pelo que mudou de estratégia e optou por hinos ingleses. «What a Friend We Have in Jesus». Uma vez mais, tocou de uma maneira incrivelmente triste. Gwendolen nunca achara que o cornetim fosse um instrumento tão infeliz. Sentiu-se tentada a pedir-lhe para tocar «I Want to Be Happy»; talvez o pobre homem fizesse mais dinheiro.

«Que amigo temos em Jesus». (Teremos mesmo?, perguntou-se Gwendolen. Perdera qualquer inclinação religiosa que pudesse ter tido em tempos.) Era o hino que os homens cantavam e que se ouvia por todo o lado com letras adaptadas. *Quando esta maldita guerra acabar*. Uma vez ouvira um coro inflamado composto por uma misturada de feridos a serem evacuados para casa, uns a caminhar, outros em macas, quando acompanhara a Boulogne um grupo de feridos ligeiros num comboio-ambulância.

Algumas palavras não eram pronunciadas na presença de mulheres, não apenas «maldito», mas também «estupor» e «cabrão»; quando viam Gwendolen, faziam todos um sorriso encavacado e pequenos gestos de desculpa, murmurando «Desculpe, irmã...», «Desculpe, irmã...», «Desculpe, irmã». Como se, com os anos de guerra que já tinha, aquelas palavras ainda a embaraçassem. (Não era uma «irmã», mas para os homens elas eram todas freiras.) Dera banho a alguns daqueles homens quando estavam acamados, seria de esperar que isso fosse mais constrangedor para eles do que para ela ouvir um «sacana» («estupor») ou um «maldito» a sair-lhes dos lábios. Ou até mesmo um «cabrão», já agora, palavra que ela nunca ouvira antes de ir para França, mas que ouvira muitas vezes lá. Os doentes *in extremis* eram dados a proferir obscenidades, e os homens que estavam perto da morte nem sempre eram tão educados como as pessoas gostavam de pensar.

Nos relatos cor-de-rosa que as colegas enfermeiras escreviam nos seus intermináveis diários, os homens eram todos decentes e alegres, até os mais destruídos e os que mais perto estavam da morte. Na opinião de Gwendolen,

sofrer em silêncio era para os santos, não para os soldados. Qual a virtude de morrer em silêncio – afogados nas ondas ou engolidos pela lama? Ou de continuar vivo, sem membros, depois de uma gangrena provocada pelo gás ou com um corpo descarnado ou despedaçado pelo fogo de artilharia?

«Desculpe, irmã...», «Desculpe, irmã...», «Desculpe, irmã...», «Desculpe, irmã». Ela ria-se e dizia:

– Boa sorte, rapazes.

Alguns – a maioria – estariam de volta passadas algumas semanas. Alguns – muitos – estariam mortos ou gravemente feridos no final do ano. Ela podia ter chorado por eles, mas de que servia chorar?

O veterano passou para «Abide with Me», que era complicado de executar num cornetim. No funeral da mãe, a música fora tocada no órgão arquejante da igreja. O repertório lúgubre do cornetista deixara-a abatida. Já não se sentia eufórica com as compras, pagas com os intermináveis rolos de arame farpado, coisa que na realidade não era muito diferente de ganhar dinheiro com armas e munições. O pai sabia que tinha as mãos manchadas de sangue, fora cruel passar-lhe o cálice envenenado, maculando a sua recém-descoberta sensação de liberdade. Enganara-se, a guerra nunca seria vencida. E mesmo que fosse, outra haveria de vir para cobrir a recordação desta.

Deviam sentir-se felizes, decidiu. E devia dar algum dinheiro ao pobre homem. Enquanto vasculhava na mala à procura do porta-moedas, foi subitamente empurrada por alguém – uma mulher –, e atirada ao chão. Gwendolen soltou um grito, mais de susto do que de dor, e ficou estendida a todo o comprimento no passeio. Desorientada com a colisão, levou um instante a perceber que fora deliberado – tinha sido roubada! Tinham-lhe roubado a mala. Ainda naquela manhã, no carro, à frente de Holloway, Frobisher a avisara da vaga de assaltos a mulheres. Que palerma fora por não ter estado mais atenta.

Enquanto estava estendida no chão, momentaneamente aturdida, viu o seu velho e gasto chapéu *cloche* rebolar para a estrada e ser esmagado pelas rodas da bicicleta de um distribuidor de talho. Várias pessoas contornaram-na para passar. Então Londres é assim, pensou.

*

– Valha-me Deus, menina Kelling – exclamou a Sra. Bodley quando Gwendolen regressou ao Warrender depois do incidente na Regent Street. – O que é que lhe aconteceu?

Gwendolen imaginou que devia estar com um aspeto miserável. Batera com o rosto no chão e já devia estar com uma nódoa negra; um olho negro parecia inevitável. Tinha um rasgão enorme numa das meias de seda, um sapato todo arranhado e a saia manchada com qualquer coisa desagradável. Graças a Deus, eram as suas roupas velhas e gastas.

Um homem ajudara-a a pôr-se de pé, ou antes, içara-a de forma eficiente, e perguntara-lhe com aspereza se estava bem. Estava ferida?

– Só no orgulho – respondera.
– Elas levaram-lhe a mala e o dinheiro que lá tinha, imagino.
– Elas?
– Eram duas mulheres. Permita-me que a acompanhe a qualquer lado – dissera ele. – Tenho o carro estacionado ali à esquina, na Conduit Street. – Tinha umas sobranceiras arrogantes, que faziam aquela proposta inócua parecer cínica.

Normalmente, Gwendolen teria declinado; aceitar boleia de um desconhecido numa cidade estranha podia ser considerado o cúmulo da loucura, mas agora que se pusera de pé começava a sentir-se um pouco tonta, sem dúvida devido ao choque. E o homem tinha razão, ela não tinha dinheiro para um táxi; e as ladras deviam estar muito desiludidas com o pouco que lhe restava na mala.

O homem que lhe oferecera boleia estava vestido de forma elegante, a raiar o pedante, embora tivesse aqueles modos taciturnos que algumas, ou antes, muitas mulheres (em particular as irmãs Brontë) achavam atraentes. Ainda assim, parecia improvável um homem bonito com um carro elegante (os adjetivos eram intermutáveis) estar a planear raptá-la, por isso respondeu:

– Obrigada, é muito simpático.

O carro dele estava efetivamente ao virar da esquina. Havia um cão no banco de trás, um grande lobo-da-alsácia que lhe lançou um olhar indiferente. Exatamente o género de cão que se esperaria que um homem daqueles tivesse.

O automóvel era uma máquina estupenda. Gwendolen não percebia nada de carros, mas sabia reconhecer uma coisa bela quando a via e identificou a cegonha a voar que havia no capô do carro em *The Green Hat*. No romance, o carro de Iris Storm era amarelo, mas aquele era da cor de leite-creme.

– Um Hispano-Suiza – disse. E ele retorquiu:

– Estou impressionado. A maioria das mulheres não distingue as marcas de carros.

A forma como disse «a maioria das mulheres» raiava o depreciativo.

– Peço desculpa – disse ela, depois de conduzirem uns minutos em silêncio. – No meio daquele drama todo, esqueci-me de me apresentar. Chamo-me Gwendolen. Gwendolen Kelling.

Ele não retribuiu a apresentação, e ela perguntou-se se haveria alguma razão para querer permanecer anónimo; seria uma estrela de cinema famosa a tentar passar incógnita? Ou um criminoso, evitando ser identificado? Ou seria apenas a taciturnidade agreste ao estilo de Heathcliff? Ela conhecera alguns homens desse género. Gwendolen apreciava modos sinceros e joviais no sexo oposto.

Ele acabou por responder:

– Niven. Chamo-me Niven.

– Muito prazer, senhor Niven.

O seu salvador falava com um ligeiro sotaque escocês. Um sotaque céltico era outro atributo pelo qual algumas mulheres se deixavam levar. A

sua amiga Cissy costumava dizer que corria o risco de se casar com qualquer irlandês que falasse com ela. Felizmente, nenhum falou. Seria preciso bem mais do que um simples sotaque para conquistar Gwendolen.

O seu salvador levou-a diretamente ao Warrender, sem a raptar, e ajudou-a a sair do carro. Ela captou a rápida avaliação que ele fez dela, das suas roupas esmaecidas e do seu penteado descuidado. Durante a guerra, ela própria cortava o cabelo (alguns teriam dito tosquiar) com uma tesoura cirúrgica e, desde então, nunca soubera realmente o que fazer com ele. Pelo menos não fora a única a afadigar-se com todas as coisas pouco práticas que envolviam ser mulher em tempos de guerra.

– O Warrender – disse ele, lendo o nome por cima da porta.

Pareceu achar graça à placa que anunciava o hotel como sendo «Apenas para Senhoras».

– Está hospedada num convento – disse, num tom de sarcasmo.

– Antes disso do que num bordel – reagiu ela, ofendida. Ele lançou-lhe um olhar demorado. Ela recusou-se a deixar-se intimidar.

– Fica bem? – perguntou ele.

– Uma chávena de chá quente e fico como nova. – Credo, parecia uma daquelas enfermeiras alegres que escreviam diários, de que costumava escarnecer. Ficou feliz quando teve oportunidade de escapar. Sentia-se envergonhada: ele vira o seu lado fraco e deselegante, e ela não gostava que a vissem assim.

– Bem, muito obrigada pela sua ajuda, senhor Niven – agradeceu. Girou sobre os calcanhares e entrou no Warrender.

*

– Tropecei na beira de um passeio – disse Gwendolen, não querendo contar as suas desventuras à Sra. Bodley. Esta era do género de censurar as pessoas pelos pecados dos outros.

Instalou-se no salão do hotel com uma bandeja de chá à frente; estava realmente a precisar de um chá quente e doce. Que extraordinárias haviam sido aquelas últimas horas! A começar por Holloway logo de manhã, até ser agredida e assaltada na Regent Street, sem falar de ter sido recrutada por Frobisher no dia anterior para espiar os famosos Coker. A biblioteca nunca conseguiria competir com aquilo.

Devia ter adormecido sobre a bandeja de chá, pois foi despertada pela Sra. Bodley que se aproximara:

– Um cavalheiro deixou uma coisa para si na receção – disse, imprimindo na palavra «cavalheiro» todo o peso da sua reprovação.

Acompanhou a Sra. Bodley até ao balcão da entrada e, para seu grande espanto, descobriu que a «coisa» que lá haviam deixado era a sua mala roubada. Como teria ela chegado ao Warrender?

– Por acaso não foi um senhor Niven que a deixou?

– Ele não disse o nome – respondeu a Sra. Bodley. – Era um cavalheiro

bem-parecido. Não me compete a mim dizer isto, menina Kelling, mas não devia andar por Londres a confraternizar com homens desse género.

– Farei os possíveis por não conhecer homens bem-parecidos no futuro, senhora Bodley – respondeu Gwendolen com solenidade.

O mistério adensou-se, pois, ao inspecionar a mala, Gwendolen descobriu que não faltava nada, nem um centavo, nem um lenço de assoar. Devia ter sido o Sr. Niven, pois mais ninguém sabia do roubo. Mas não havia nenhum bilhete, nenhuma explicação sobre como a mala fora devolvida intacta. Claro que um bilhete teria exigido uma resposta, uma nota de agradecimento. Uma troca de correspondência poderia ter motivado um aprofundar de contactos, coisa que ele claramente não desejava. Gwendolen não se permitiria pensar que tivesse despertado nele qualquer interesse. Tudo o que ele vira fora *tweed* gasto e cabelo desalinhado, e muito provavelmente não sentira por ela mais do que compaixão. Ficou aborrecida consigo mesma pela pequena pontada de decepção que a ideia lhe provocou.

Bolinhos com Cobertura Glacé

Uns meses antes de Freda fugir para Londres, Gladys, a sua mãe irresponsável, arranjara um pretendente, ou um «amigo colorido», como Freda ouvira uma vizinha chamar-lhe. Na verdade, o Sr. Birdwhistle (que nome ridículo!) não tinha absolutamente nada de colorido à exceção dos seus bolos. Era dono de uma pequena cadeia de padarias e cortejara Gladys com aquilo a que se referia como as suas «especialidades»: pastelinhos de creme de baunilha pegajosos e bolinhos com cobertura glacé horivelmente doces. Estava sempre a dizer a Freda:

– Trata-me por tio Lenny.

Mas ela não o fazia.

O Sr. Birdwhistle fizera muitas promessas impetuosas – um anel de noivado, uma casa em The Mount e assim por diante –, mas nada se tinha ainda materializado. Gladys dizia que era por culpa do descaramento de Freda.

– Sê simpática com ele – instigara. – Com sorte, será o teu novo pai.

Freda sentia que a última coisa de que precisava era de um pai, fosse novo ou velho.

Não estava completamente *au fait*, como diria Duncan, do que era o comportamento de um pai, mas tinha a certeza de que não era o que o Sr. Birdwhistle fazia. Este aproveitava qualquer oportunidade para lhe dar beliscões e palmadinhas, mais até do que lhe faziam quando passava os modelos das Malhas. Estava sempre a convidá-la para se sentar nas suas coxas anafadas ou para lhe dar um beijo no bigode manchado de tabaco. Freda estava habituada a ser apalpada, claro. No ano anterior fizera de Flor-de-ervilha numa produção teatral da Rowntree Players do *Sonho de Uma Noite de Verão*, e os técnicos não a tinham deixado em paz, ainda que fosse só para a provocar e eles fossem fáceis de distrair. Já o Sr. Birdwhistle era incansável.

Tinha começado a «passar a noite» lá em casa aos fins de semana, e

Gladys dava-se ao trabalho de encenar a farsa de preparar o «quarto de hóspedes» – um quarto sem janelas e sem ventilação no fundo da casa –, como se Freda não fizesse ideia do que se passava debaixo do seu nariz. Assim que iam para as respetivas camas, ela ouvia o Sr. Birdwhistle a cruzar o patamar, pé ante pé, até ao quarto da mãe, onde, após um intervalo indecoroso, se fazia ouvir o seu roncar porcino.

*

À exceção de Vanda e de Duncan – agora ambos perdidos para ela –, Florence Ingram era a única amiga de Freda. Era finalista da mesma escola de dança que ela frequentava, mas, infelizmente, não possuía a beleza nem o talento necessários e era normalmente relegada para a última fila, a das desajeitadas, nos concertos de final de período. Esta marginalização não a levava a sentir inveja do estatuto de estrela de Freda. Pelo contrário, incitava-a a brilhar e banhava-se na luz refletida pela amiga. Não obstante, Florence sabia o que eram emoções. Tinha muitas – e algumas bem dramáticas.

Era uma rapariga robusta e gentil, desajeitada de uma maneira quase anormal, e os seus membros hirtos nunca haviam sido convocados para dançar nas peças de Natal, ainda que ambas tivessem participado, no Natal anterior, numa produção de *Dick Whittington and His Cat*, no Theatre Royal.

Tinham feito de gatos. Não *do* Gato, mas apenas de um dos amigos *do* Gato. Mas tinham os seus nomes no programa. Freda era «Um Gato Bonito». Faziam uma coreografia chamada «Dança dos Gatos», mas Freda duvidava de que algum gato tivesse alguma vez aprendido a fazer sapateado. Também se fartavam de lavar as orelhas com as patas. Florence conseguira ser aceite no papel de «Um Gato Cómico», um felino roliço e pesado que suscitava muitos risos do público com as suas tropelias desastradas. «Não tem de representar grande coisa para o fazer», ouvira Freda dizer à encarregada do guarda-roupa o diretor da peça. Pobre Florence!

Freda passara muitas horas a tentar que Florence melhorasse o seu desempenho, endireitando as costas e caminhando com livros em cima da cabeça (praticamente impossível), pondo de lado os óculos de fundo de garrafa sempre que possível (o que infelizmente produzia frequentes nódoas negras) e fechando a boca enquanto respirava e comia (o que, às vezes, a levava a engasgar-se). Achava que Florence devia ser operada aos adenoides. A mãe de Florence tinha uma amiga que conhecia alguém cuja filha se esvaíra em sangue até à morte no bloco operatório ao remover os adenoides, razão pela qual Florence ainda tinha os seus. «Esvair-se em sangue até à morte» parecia gloriosamente operático aos ouvidos de Freda. Era entendida em ópera, claro, e tivera todo o género de pequenas participações a caminhar (ou a saltitar) pelo palco, quando as companhias em digressão que se deslocavam a York tinham necessidade de acrescentar crianças à cena.

Os pais de Florence, o Sr. e a Sra. Ingram, eram pessoas abastadas, e a família vivia numa grande casa isolada na Tadcaster Road, onde Freda

passava muito tempo a ir de bicicleta. A Sra. Ingram tinha uma «interna» – uma criada – e a casa cheirava sempre a produtos de limpeza; polidor de metais, amoníaco e cera, aromas que nunca se sentiam em casa de Freda, nos Groves. As divisões de baixo tinham painéis de carvalho até meio da parede, e o chão era de uma coisa a que chamavam *parquet*, com um aspeto sólido e polido que contrastava com o linóleo rasgado da casa de Freda.

Os Ingram tinham um jardim prodigiosamente prolífico. «O jardim das delícias desenterradas», chamava-lhe o Sr. Ingram, rindo-se. Freda suspeitava de que ele estivesse a citar qualquer coisa. Fazia-o muitas vezes. Shakespeare, Dickens, Wordsworth, recitados numa voz especialmente teatral – «Agora é o inverno do nosso descontentamento tornado glorioso verão» ou «O que faço hoje é muito melhor do que tudo quanto já fiz». Fazia uma pausa de alguns segundos para ver se Freda identificara a citação, e quando se tornava claro que não (o que era inevitável), explicava-a. Era professor num colégio masculino privado, onde Freda imaginava que passava o dia a fazer aquele género de coisas. Era incrivelmente aborrecido, mas era o preço que Freda tinha de pagar para ser incluída na vida familiar bem ordenada de Florence.

Florence frequentava o colégio Bar Convent para raparigas, porque os Ingram eram católicos. Fora adotada em bebé pelo casal. Freda passara muitos anos a tentar tornar-se igualmente adotável aos olhos dos Ingram, mas estes nunca engoliram o isco.

Os Ingram tinham recorrido a uma agência religiosa para encontrar um bebé, e Florence fora-lhes entregue uma noite por uma freira. Tinha sido abandonada à porta de um convento católico durante uma tempestade de neve, com apenas algumas horas de vida.

– Faz lembrar um pouco o *Oliver Twist*, não é? – comentara o Sr. Ingram.

(«Hm-hm», respondera Freda de uma forma evasiva. Ouvira falar de Oliver Twist, mas pensava que era um género de biscoito.)

– Pelo menos, a mãe da Florence devia ser católica – dissera a Sra. Ingram, como se isso amenizasse o pecado do abandono.

(O catolicismo era «um disparate pegado», dizia Duncan, que se afirmava «não praticante», o que levava Vanda a soltar um ronco divertido e a perguntar: «É isso que lhe chamas?»)

Florence achava fascinante o seu misterioso nascimento. De onde teria vindo? Gostava de imaginar que os Ingram a mantinham secretamente em segurança até que pudesse reclamar o que lhe pertencia por nascença.

– Talvez um trono algures – especulava.

Freda não gostava de frustrar as esperanças de Florence, sugerindo que era mais provável ela ser apenas um erro infeliz que a sua mãe verdadeira cometera. («Nascida fora do casamento», dissera Vanda quando Freda lhes falara da amiga. «Uma criança ilegítima», retificara Duncan, mais direto.)

Freda até ensinara Florence a andar de bicicleta. Os pais da amiga tinham-lhe oferecido uma fantástica Raleigh de senhora pelo aniversário, que

Freda invejava, mas nunca a haviam conseguido pôr em cima do selim. Florence levou séculos a ganhar o jeito, oscilando e avançando aos esses por todo o lado, e ela e Freda tiveram de mentir aos pais sobre a quantidade de vezes que havia caído, mas acabaram por conseguir dar longos passeios de bicicleta juntas, até Elvington e Bolton Percy e, numa ocasião heroica (havia colinas, e Florence não se dava bem com colinas), tinham ido e voltado a Brandsby.

Como filha de um funcionário da Rowntree's – ainda que falecido –, Freda podia desfrutar de todas as vantagens que lhe proporcionavam os padrões beneméritos do pai: festas de Natal, banhos na piscina de Yearsley, atividades desportivas, festas de verão, teatros amadores. Freda conseguia sempre incluir Florence nesses eventos. Seria de esperar que os Ingram ficassem agradecidos, mas «eles acham que tu me desencaminhas», dizia Florence, trincando, feliz, um rolo de alçaçuz, enquanto davam um passeio pelas muralhas da cidade. Freda gostava da vista de York das muralhas: era como se estivessem nos bastidores ou atrás do cenário da cidade, muito diferente de estar ao nível do chão nas velhas ruas estreitas.

Apesar das reservas que sentiam em relação a Freda, os Ingram toleravam aquela amizade porque sem ela Florence não teria qualquer amiga. «Ela é um bocado lenta», Freda ouvira a Sra. Ingram comentar com alguém. Era verdade, Florence não era a mais célere das raparigas e era de uma lentidão extrema a aprender algumas coisas – a jogar cartas, por exemplo. Freda tentara ensinar-lhe a jogar Rummy, mas em vão. Gostava de jogar Snap porque Freda a deixava sempre ganhar, embora às vezes fosse uma tortura esperar que Florence reconhecesse um par e gritasse com excitação «Snap!».

– Cartas? – perguntava o Sr. Ingram. – Não estão a jogar a dinheiro, pois não?

Claro que não! Freda teria esvaziado há muito o porquinho-mealheiro de vidro azul de Florence se estivessem a jogar a dinheiro.

– Hum – dissera o Sr. Ingram. Parecia nunca acreditar em nada do que Freda dizia, embora ela fizesse um esforço enorme para dizer sempre a verdade aos Ingram.

Já fui condenada pelo tribunal da opinião pública, pensava; era uma das coisas que Duncan costumava dizer.

*

Um dia, o Sr. Birdwhistle apanhou Freda desprevenida e aproximou-se dela por trás sorrateiramente na copa quando Gladys saía para ir ao talho satisfazer o pedido do amante, que queria mortadela de Bolonha para a sanduíche do almoço. Freda pressentiu ali um *double entendre*, mas os pormenores escapavam-lhe. Apesar da sua aparência – o peito de mulher, o «descaramento», a desenvoltura –, quem investigasse as profundezas do seu coração só encontraria inocência.

Naquele dia particular, Freda fora incumbida de esfregar os tachos do

pequeno-almoço e, numa tentativa de mitigar a monotonia da tarefa, tentava fazê-lo *en pointe*. Tão concentrada estava a equilibrar-se sobre os dedos dos pés enquanto esfregava com o pano da loiça o tacho das papas de aveia que não deu pela presença do Sr. Birdwhistle senão quando o seu bigode hirsuto lhe picou o pescoço e as suas mãozinhas anafadas lhe percorreram o corpo, como se estivesse a copiar o Zeus do livro de mitologia e ela estivesse a ser agarrada por um polvo.

– Anda lá, Freda, sê boazinha para o tio Lenny – disse ele a arfar, com a respiração quente contra o ouvido dela.

Soltou um pequeno arquejo rouco de êxtase quando um dos seus tentáculos encontrou o peito de mulher e, a seguir, um arquejo menos extasiado quando o cotovelo pontiagudo de Freda lhe atingiu as costelas. Ela descreveu uma pirueta profissional e ergueu um joelho ágil até «às partes pudendas», como Vanda lhes chamava. Esta explicara a Freda a anatomia masculina quando ela era ainda muito jovem, mas as palavras que utilizara haviam sido mais um obstáculo do que uma ajuda para que Freda, já confundida com a história dos cisnes e das formigas, compreendesse. O termo escolhido por Duncan – «equipamento de pesca» – era ainda menos esclarecedor.

O Sr. Birdwhistle, dobrado em dois com a dor, silvou «sua cabrazinha» no momento preciso em que Gladys fazia uma entrada oportuna, anunciando a chegada da mortadela, como alguém que entra em palco numa peça mal escrita. O polvo contou a sua versão da história: Freda atacara-o sem razão, como uma gata enlouquecida com as garras de fora. Freda não ficou surpreendida ao constatar que Gladys não mostrava qualquer interesse pela versão da filha e que, em vez disso, a repreendeu e a mandou para o quarto pensar bem no seu «futuro nesta casa».

Freda deitou-se na cama, tão composta como uma das estátuas reclinadas nos túmulos da catedral que visitara, olhando para a cal que se soltava do teto, e perguntou-se por que motivo a mãe, normalmente tão indolente, não a enviara *a ela* ao talho buscar a tão falada mortadela. Porque a deixara sozinha com o Sr. Birdwhistle? Fora ela usada como isco, uma tentação para lhe despertar o apetite debilitado, qual fruta cristalizada ou guloseima, um creme de laranja defeituoso, eliminado da linha de produção da Rowntree's? Uma lágrima desceu-lhe lentamente do olho. Limpou-a com o lenço de Vanda. Cheirava a Habanita e fazia-lhe lembrar a amiga.

Suspirou, sentou-se na cama e tirou as cartas de Duncan da gaveta da mesa de cabeceira. Enquanto as baralhava para se acalmar, pôs-se a ponderar, como lhe tinham mandado, no seu futuro naquela casa. Tirou as cartas da parte de baixo, um truque que Duncan lhe ensinara. A rainha de copas saltou do baralho e Freda voltou a introduzi-la. Não a viu como uma carta reveladora do futuro. As cartas não eram mais do que o valor que tinham no baralho.

Quanto ao seu «futuro naquela casa», Freda concluiu que talvez não tivesse nenhum.

Fugir para Londres não foi a primeira ideia que lhe ocorreu quando pensou no futuro. A sua primeira ideia fora, na verdade, juntar-se a um circo. Não tinha quaisquer qualificações para integrar um circo, mas seria assim tão difícil pendurar-se num trapézio ou caminhar sobre uma corda ou até mesmo pôr-se de pé no dorso de um cavalo enquanto este dava voltas à pista? Afinal de contas, tinha um equilíbrio excelente. Talvez fossem os fatos cintilantes que a atraíam, mais do que os números em si, mas isso era pouco importante pois, infelizmente, não estava nenhum circo na cidade, nem ela fazia ideia de como encontrar um. Excluído o circo, viu-se obrigada a voltar a cair na deficiente rede de segurança familiar.

Freda tinha uma meia-irmã do primeiro casamento do pai – uma filha rancorosa chamada Cissy, que já andava pela adolescência quando Gladys seduzira o pai. Cissy não demorara muito a ir para França como enfermeira de guerra e nunca mais regressara a casa.

– Fico contente de a ver pelas costas – comentara Gladys.

Cissy estava agora casada, tinha vários filhos e vivia no outro extremo da cidade. Segundo Gladys, tinha a «mania das grandezas». Freda achava que isso era uma coisa boa, pois de que outra forma podia uma pessoa libertar-se de uma vida medíocre?

Ouvira Cissy dizer a Gladys que ela era uma «fedelha presunçosa». Sentira-se magoada pelo julgamento da irmã sobre o seu carácter. Não sou uma fedelha presunçosa, apenas invulgarmente confiante, pensou, observando-se a praticar *port de bras* no espelho de pé estreito do seu quarto. Conseguia também ver lá refletida a mesa de cabeceira, na qual estavam orgulhosamente expostos os vários troféus que conquistara em concursos de dança. E de natação também – ganhava sempre a prova de bruços nas galas de natação da Rowntree's, na piscina de Yearsley. Orgulhava-se das suas proezas, sobretudo porque mais ninguém parecia fazê-lo, além de Florence, que estava sempre presente nos eventos, a torcer por ela.

– Vir viver connosco? – perguntou Cissy hesitante. – Bem, sabes, Freda, a nossa casa não é propriamente espaçosa, só temos três quartos e já somos seis a viver aqui.

A irmã morava numa casa nova geminada em Acomb. Parecia-lhe ter espaço de sobra.

Freda estava empoleirada na beira de uma cadeira da mesa da cozinha, com os tornozelos cruzados com recato e as costas direitas. Estava a tentar ter boas maneiras e fazia um grande esforço para manter um sorriso no rosto e não parecer uma «fedelha presunçosa» (o comentário ainda a magoava). Estava a interpretar um papel desesperado – o da irmã mais nova encantadora.

– Podia dar-te uma ajuda com os meninos. Como contribuição, estás a

ver?

Freda nem sequer se lembrava dos nomes de todos os filhos de Cissy. A primeira era Barbara, tinha quase a certeza. Barbara estava naquele momento na escola. Outros dois, gémeos, brincavam com blocos de madeira no chão de linóleo da cozinha. Se fossem gatinhos, Freda teria ficado apaixonada por eles, mas infelizmente não se pareciam nada com gatinhos.

– Afinal, sou tia deles – disse, dirigindo um sorriso benevolente aos gémeos, num esforço para parecer uma tia. Na verdade, achava que nunca tinha visto nenhuma tia. – E posso dormir em qualquer lado. No sofá da sala, por exemplo. – Inclinou a cabeça para um lado, tentando fazer um ar adorável.

Cissy tinha estado a fazer um estranho *ballet*, a despejar água a ferver da chaleira pesada sobre as folhas de chá no bule, enquanto segurava na anca o bebé que se contorcia. («O Bobby», recordou a Freda.) Tanto o chá como o bebé pareciam correr perigo.

– Podes pegar nele? – perguntou Cissy.

Relutante, Freda estendeu os braços a um Bobby igualmente relutante, que fez uma grande cena para deixar claro que recusava o convite. Mas que birrento! Freda agarrou-o com firmeza e depois de um duelo rápido conseguiu soltá-lo dos braços da mãe.

– Seria uma espécie de hóspede – continuou Freda, a embalar Bobby, que gemia e se contorcia.

Lembrou-se de Dorothy, a boneca que Vanda levava para as Malhas. Muito mais fácil. Freda perguntou-se onde estaria Dorothy naquele momento, ou como estaria Vanda a lidar com a maternidade, o que talvez fosse mais pertinente. Grantham. Se soubesse onde era, teria considerado ir lá imediatamente, apelar à compaixão de Vanda, suave e coberta de pele de coelho, com bebé ou sem ele.

– Só durante uns tempos, Cissy – insistiu –, até eu me organizar. – Conseguia ouvir o tom de súplica na voz e odiou-se por isso.

– Não preciso propriamente de ajuda – respondeu Cissy com toda a calma. Era uma daquelas mulheres que viam a maternidade como uma espécie de santidade, pensou Freda. Que diferente da sua própria mãe!

– E mesmo que cá ficasses uns tempos... – Cissy parecia estar a tentar imaginar se haveria algum armário ou baú onde pudesse enfiar Freda, como uma boneca que se guarda numa caixa ou numa mala, pensou esta. Sentiu uma afinidade inesperada com Dorothy.

Observou Cissy a voltar a colocar a chaleira no fogão e pensou: Correnos nas veias o mesmo sangue, isso não contará para nada? Seria tarde demais para começarem a ser uma família? Freda sentiu de súbito uma fragilidade a que não estava habituada.

– Bom, vamos lá tomar chá agora – disse Cissy. – Podes pousar o Bobby no chão.

Agradecida, Freda abandonou Bobby em cima do tapete, onde ficou deitado de costas, a agitar os braços e as pernas como um escaravelho aflito,

enquanto Cissy servia o chá e oferecia uns *scones*. Gladys nunca fazia bolos. O Sr. Birdwhistle mantinha-a sempre abastecida de artigos de pastelaria, que Freda se recusava a comer por princípio. Recordá-lo e às suas especialidades fê-la estremecer. Claro que podia contar a Cissy dos seus avanços lascivos, mas estava habituada a ser repreendida pela má conduta dos outros e suspeitava de que não seria diferente no caso dos tentáculos movediços do polvo.

– E terias de arranjar um emprego – disse Cissy. – De ganhar a vida – acrescentou, como se Freda não soubesse o que era um emprego. – Surpreende-me que não tenhas gostado da fábrica de chapéus. Pareceu-me ser um trabalho muito artístico. Talvez a minha amiga Gwen te arranje qualquer coisa na biblioteca.

– Na biblioteca? – repetiu Freda, incapaz de disfarçar o horror na voz. Uma biblioteca, o sítio mais morto do planeta.

– Sim, na biblioteca, a pôr livros nas prateleiras ou coisa do género.

– Não sou grande leitora – respondeu Freda.

– Não tens de ler para pões livros nas prateleiras – retorquiu Cissy em tom de censura. – *Sabes* ler, não sabes?

– Claro que sei. – Que descaramento! Lera o livro de mitologia grega de uma ponta à outra!

Os gémeos começaram a atirar os blocos de madeira um ao outro. Um deles atingiu Bobby na cabeça, que começou a gritar, emitindo um som sobrenatural e lancinante, que poderia ser utilizado como arma de guerra. O inimigo ter-se-ia rendido imediatamente. Cissy limitou-se a rir e, pegando nele, disse:

– Não há descanso para os malvados. – Exatamente o género de coisa que as pessoas como Cissy diziam. Ainda por cima, era uma afirmação estúpida, na opinião de Freda. Os malvados deviam até descansar bastante, enquanto preguiçavam sem fazer nada, a beber xerez do barril e a comer *éclairs* e bolinhos com cobertura *glacé*.

– Anda – disse a irmã. – Podes ajudar-me a ir buscar a Barbara à escola.

Uma tribo de beduínos a preparar-se para atravessar o deserto com uma caravana de camelos teria levado menos tempo a pôr-se em movimento do que Cissy e a sua prole.

– Sabes que mais? – disse Freda, a meio dos intermináveis preparativos. – Acho que vou andando para casa, a mãe deve estar a perguntar-se o que é feito de mim.

– Achas? – perguntou Cissy, duvidosa. Hesitou um momento e disse (sem qualquer convicção, pensou Freda): – Sabes, Freda, se quisesses mesmo vir para cá viver, podias sempre partilhar o quarto com o Bobby.

O Rei Pescador

Estranhamente, durante todo o tempo que passara na polícia, Frobisher nunca tivera necessidade de visitar o Dead Man's Hole, nome por que era conhecida a morgue por baixo da Tower Bridge. A direção das correntes naquela parte do Tamisa fazia com que os cadáveres que desciam o rio ficassem presos aos pilares da ponte, e o Dead Man's Hole era o local onde estes eram pescados da água e armazenados temporariamente. Alguns afogados tinham ido ao encontro da morte por acidente, normalmente por bebedeira, outros eram vítimas de homicídio, mas muitos eram suicidas. Frobisher estava bem familiarizado com aspirantes a suicidas – a sua própria mulher fora um caso desses.

Naquela manhã, o rio estava castanho e indolente com a interminável flotilha de barcas e de barcos, que faziam comércio na cidade. Ali não havia lilases. Não se sentia o perfume de um campo de feno nem de um pomar de limoeiros, apenas o fedor de uma cidade nociva. Frobisher sentiu o coração apertado.

A morgue pareceu-lhe um sítio particularmente desolado, infetado com o ar pouco saudável do rio. Uns degraus de pedra subiam do Tamisa e iam dar a uma pequena plataforma de cimento, sobre a qual eram içados os corpos. O túnel que se abria mais adiante, para onde os cadáveres eram transportados, ecoava um desespero húmido, os azulejos brancos cheiravam a casa de banho de homem e não suscitavam qualquer sentimento de compaixão. Uma pequena porta na parede levava a umas escadas que o conduziram ao interior do pilar, até uma sala húmida e fétida onde os cadáveres eram armazenados antes de seguirem o seu caminho. Já era mau estar morto, mas morrer e acabar ali... Frobisher estremeceu.

Não havia nenhuma rapariga, afogada ou de espécie alguma. Um funcionário saiu com esforço do buraco onde se escondia quando não tinha visitas e disse:

– Ela foi para Southwark.

*

Frobisher atravessou o rio e juntou-se à multidão que avançava penosamente pela Tower Bridge. Sentiu a miséria que se desprendia como um miasma daquelas pessoas; a guerra desfizera-as – ou talvez fosse a sua própria melancolia que o dominava. Às vezes achava que o peso da história de Londres lhe pressionava o cérebro. Ansiava pelos campos abertos e pelos bosques arejados da sua infância. Crescera entre cavalos. O tio era o ferrador da zona e o pai era lavrador. Ainda há pouco tempo, Frobisher dera por si a pensar como teria sido a sua vida se tivesse seguido os passos do pai, a arar a terra em silêncio, a abrir sulcos regulares atrás dos grandes cavalos emparelhados, cuja respiração enchia o ar frio de vapor. Em vez disso, recebera uma educação – uma bolsa para ir para a escola primária na vila mais próxima. Tinha de caminhar sete quilómetros e meio para lá e outros tantos para cá, fizesse chuva ou sol.

Agora trocaria de bom grado os livros pelo tilintar dos arreios que os enormes cavalos do Suffolk levavam na cabeça e pela neblina que se erguia da terra de madrugada. Aquilo tinha de parar. Estava a afogar-se em nostalgia. Era preocupante como se tornara de repente tão fantasioso. Parecia quase uma doença.

– Inspetor-chefe?

– Sim?

*

Havia muitos cadáveres na morgue de Southwark, mas nenhuma rapariga levada pelo rio. Ao contrário do Dead Man's Hole, Frobisher estivera ali muitas vezes no decurso da sua carreira. A morgue situava-se no local onde existira antes a velha prisão de Marshalsea, que Dickens conhecera.

– A pequena Dorrit – disse ao funcionário da morgue, que retorquiu, sem qualquer sinal de humor:

– Não está cá ninguém com esse nome, chefe.

Frobisher suspirou.

Nenhuma Amy Dorrit. Nenhuma rapariga afogada.

– Tente em Snow Hill – sugeriu o funcionário com pouca convicção. – Ou em Kew – acrescentou, ainda menos convicto.

Frobisher pôs-se novamente a caminho. Por muito que lhe desagradasse estar acorrentado à secretária – Frobisher agrilhado, com o fígado debicado pela burocracia –, aquelas voltas escusadas eram uma perda de tempo. Desejou que alguém – aquele tal Baird, por exemplo – inventasse um telefone portátil. Teria muito mais utilidade do que um televisor.

O corpo não estava em Snow Hill. Nem em lado nenhum. O final foi o seu ponto de partida e encontrou-a na pequena morgue da polícia na Bow

Street.

A caminhada de regresso ao longo do Embankment deixara-o abatido. Não conseguia libertar-se da sensação estranha de que as raparigas desaparecidas de Gwendolen Kelling eram o prenúncio de qualquer coisa. O mal pairava no ar de Londres.

*

Examinou a rapariga estendida sobre o mármore. Uma coisinha pequena e magra, enclachada eternamente algures a meio da adolescência, para sempre impedida de crescer, a vida extinta como uma vela. Estava tão nua e exposta como no dia em que nascera. Cabelo acastanhado, ainda húmido. Seios pequenos como taças, um véu de sardas sobre o corpo, que a água do rio não apagara. Frobisher estremeceu perante a ausência de recato. Levantou-lhe com cautela uma pálpebra. Por muito inanimados que parecessem os mortos, Frobisher receava sempre que um cadáver pudesse de súbito voltar à vida se ele lhe tocasse. Um olho cor de avelã leitoso fitou-o. Morta, sem sombra de dúvida.

As roupas tinham-lhe sido despidas e estavam empilhadas de forma ordenada aos seus pés. Um vestido, roupa interior e um sapato, prateado. O género de sapatos com que as raparigas iam dançar. O vestido era fino e brilhante, como se ela tivesse ido a uma festa; mas isso não queria dizer nada, Londres era uma festa contínua. Vestígios de batom nos lábios indicavam que não estivera muito tempo na água. Tendo em conta a maré, não devia ter viajado muito pelo rio. Não trazia identificação, claro. Tinha uma grande nódoa negra na face, semelhante a um lilás em flor. Ao pescoço trazia ainda um fio fino com um pequeno medalhão de prata.

Webb, o médico da polícia, apareceu de cachimbo na mão.

– Estava a perguntar-me onde estaria, Frobisher – disse. – Ela está há horas aí deitada na pedra.

– Parece um peixeiro a falar – respondeu Frobisher, sem se incomodar com as formalidades. Não gostava de Webb. Este era um tagarela «convencido», como teria dito a mãe de Frobisher, há muito falecida.

– Bem, então você deve ser o pescador, Frobisher.

– Afogada? – perguntou Frobisher secamente. A *Afogada* era o título de uma pintura que vira algures, não se recordava do artista: Millais ou Watts, qualquer coisa do género. Mais uma mulher caída. E, sim, ele ia a galerias de arte, proporcionavam-lhe um saudável alívio temporário dos aspetos mais abomináveis do seu trabalho. Também explorava a pintura a aguarela. Coisas de amador, que não mostrava a ninguém. A sua preferência não ia para o clássico nem para o *avant-garde*, mas para o romântico, a raiar o piegas. Outra coisa que não queria partilhar na Bow Street.

– Sim e não – respondeu Webb. Apontou para uma pequena ferida no pescoço da rapariga. – Artéria carótida – disse. – Uma faca. Uma faca pequena.

– Suficientemente grande – comentou Frobisher.

– Diria que já estava inconsciente antes de cair na água, mas tem água nos pulmões. Afogou-se antes de se esvaír em sangue. A água está demasiado fria para que uma pessoa consiga sobreviver muito tempo. A temperatura do corpo baixa rapidamente e sucumbe-se àquilo que designamos por «hipotermia». O frio por si só teria sido suficiente para a matar. Qualquer que seja a perspetiva, não teve a mínima hipótese.

Frobisher sentiu uma náusea. A hora do almoço passara há muito e ele ainda não comera. Não haveria nada à sua espera em Ealing à noite. Lottie estava a atravessar um dos seus períodos de tristeza. Uma palavra inadequada para o estado quase catatónico em que caía com regularidade.

– A terceira mulher este mês, até agora – afirmou Webb.

– A quarta – corrigiu Frobisher. – Apareceu outra em Richmond a semana passada. Suicídio, creio eu. – Pegou no sapato e examinou-o. – Só há este?

– Sim.

Com a ajuda de Webb, Frobisher retirou o medalhão do pescoço da rapariga. Ao ser aberto, revelou a fotografia de uma mulher, que a água poupou. A mãe da rapariga, imaginou. Seria de esperar encontrar a fotografia do pai no outro lado do díptico, mas em vez dela estava a imagem ligeiramente desfocada de um cão, um *terrier*, ao que parecia. Por qualquer razão, o cão fê-lo sentir ainda mais tristeza do que a mãe. Deveria arranjar um cão para Lottie? Um pequeno *spaniel* ou um *Yorkshire terrier*; isso animá-la-ia? E ela gostaria de cães? Frobisher não fazia ideia. A verdade era que conhecia muito mal a mulher; ela tinha uma natureza esquiva, pouco disposta a estar *presente*. Ele tivera uma cadela durante toda a sua infância, uma *collie* chamada *Jenny*. Tentava nunca pensar nela. A maneira como morrera (com veneno destinado aos corvos) marcara a sua infância arcádica.

O pensamento transportou-o para o Shropshire. O que não daria para caminhar num prado no pino do verão ou para ouvir o coro madrugador das aves a erguer-se do bosque. Soltou um suspiro. Aquilo tinha de parar. Estava novamente a afogar-se na nostalgia. Uma frase infeliz.

Enfiou o medalhão da rapariga morta no bolso.

– Vou pedir a alguém que investigue junto dos joalheiros de Londres, pode ser que dê em alguma coisa.

– Uma agulha num palheiro – comentou Webb com desdém. – *Virgo intacta*, a propósito – acrescentou. – Para o caso de querer saber.

Frobisher observou uma última vez a rapariga. *Cubram-lhe o rosto. Ofuscam-se-me os olhos. Morreu jovem.*

– Cubra-a com um lençol, por amor de Deus, homem – ordenou com brusquidão a Webb.

– Já de volta, inspetor? – perguntou o sargento de dia com ar afável. Ah,

pensou Frobisher, vingou-se de mim por causa do *bacon* queimado mandando-me numa busca inútil. Não deu ao sargento a satisfação de ver a sua frustração pela falta de êxito da manhã; disse-lhe antes, com rispidez:

– Mande alguém chamar o agente Cobb, pode ser, sargento? Tenho uma tarefa especial para ele.

Uma Precipitação

— Chegou um bilhete para si — disse a Sra. Bodley, aproximando-se de Gwendolen a toda a velocidade quando esta se preparava para se sentar a jantar.

— Um bilhete? Deixado por um cavalheiro bem-parecido? — arriscou.

— Não. Por um polícia fardado — respondeu a Sra. Bodley num tom desaprovador enquanto lho entregava.

«Menina G. Kelling» estava escrito no envelope, numa letra firme. Gwendolen esperou até que a Sra. Bodley, que se deixara ficar por ali roída de curiosidade, se fosse embora para abrir o envelope. *Cara menina Kelling, poderia perguntar à sua amiga se sabe se alguma das raparigas usava um medalhão? Agradecido. Com os melhores cumprimentos,*

John Frobisher.

Com que então chamava-se John...

Não sabia nada dele. Talvez fosse casado, embora não tivesse ar daqueles homens submissos às mulheres, antes pelo contrário, parecia nem sequer ter mulher. Claro que ele também não sabia nada da vida dela, nem tão-pouco da sua riqueza inesperada. Ela não o esclarecera acerca da biblioteca. Aquilo parecia tranquilizá-lo. Gwendolen imaginou que as bibliotecárias raramente perturbavam o *status quo* do coração de um homem.

Levou um momento a digerir o pedido de Frobisher, pois deixara-se distrair pela revelação do «John». Sentiu um aperto no coração quando se apercebeu do que isso implicava. Sabia o que significava. Ele tinha encontrado um corpo. Um soldado no campo de batalha podia ser identificado pelas suas chapas identificativas. Uma rapariga encontrada em Londres podia ser identificada por um medalhão.

Ela presumira, como era evidente, que Freda e Florence estavam algures vivas e de boa saúde. Nunca lhe ocorrera que a realidade pudesse ser outra, mas a pergunta de Frobisher acerca do medalhão apontava para um desenlace

terrível. Se não para Freda e Florence, então para alguma outra rapariga infeliz. Sentiu remorsos horríveis por ter tratado a viagem a Londres como um passeio de lazer enquanto o ponderado Frobisher pensava em cadáveres. Seria horrível se Freda ou Florence aparecessem mortas. Não se imaginava capaz de transmitir a notícia à irmã de Freda.

Cissy Murgatroyd fora a melhor amiga de Gwendolen; haviam passado a infância juntas e tinham-se oferecido as duas como enfermeiras para a Frente; inscreveram-se na formação da Cruz Vermelha assim que terminaram a escola e foram enviadas para a Frente em 1915. O Armistício separara-as. Cissy regressara a casa quando a paz fora declarada, mas Gwendolen continuara na luta até ser dispensada em 1919. Ao regressar, encontrara Cissy casada com um engenheiro civil e já grávida do primeiro filho.

O homem com quem ela casara chamava-se Wilfred e era boa pessoa, de temperamento alegre e afetuoso. Se uma mulher tinha de se casar, havia homens muito piores do que Wilfred. («Ah, Gwen, casa tu com ele, se eu morrer antes do tempo!», implorara Cissy, absurdamente encantada com a ideia.) Mas Gwendolen não andava à procura de marido nem de um filho, e um parecia ser a consequência inevitável do outro. (Deve o amor por um homem implicar maternidade? Não era possível ter um sem ter o outro? «É complicado», dissera Cissy a rir.) Mas não era realmente um problema, pois não havia homens disponíveis, mesmo que ela quisesse um – a guerra tratara da questão. Se quisesse ser amada, podia sempre arranjar um cão. Se desejasse um filho, podia adotar um órfão, era coisa que não faltava, embora ela achasse que não possuía a força para ser mãe.

– Acho que tens força para tudo – declarara Cissy. – Até para o amor.

– Bah... – respondera Gwendolen, eloquente. Não ia deixar-se levar por ideias românticas, por mais bem-intencionadas que fossem. Nem tão-pouco se deixaria limitar pelo casamento, por muito alegre e afetuoso que fosse o homem ao seu lado.

Veio-lhe à cabeça uma imagem de Frobisher, sério e sentado muito direito à secretária. Que género de marido daria *ele*? Não conseguia imaginá-lo a mudar fraldas e a descascar batatas como Wilfred fazia. A ideia deu-lhe vontade de rir. Ele tinha uma missão, e os homens que tinham uma missão dispunham de pouco tempo para trivialidades. Fora enviado para a Bow Street para «limpar a casa». Corrupção. Acontecia por todo o lado, até a Sra. Shaw da biblioteca podia ser subornada com uma guloseima para não passar uma multa por um livro devolvido fora do prazo limite.

*

Por sugestão de Cissy, Gwendolen fora falar com os pais de Florence antes de partir para Londres. A Sra. Ingram afadigara-se a servir café e biscoitos na sala de estar. Estava trémula, as chávenas e os pires chocalhavam, o bule oscilava-lhe nas mãos; o Sr. Ingram disse-lhe com delicadeza:

– Senta-te, Ruthie. Deixa que eu faço isso.

– Nós tentámos – disse ele a Gwendolen. – Contactámos a Scotland Yard, e eles deram-nos o número de um inspetor, um tal Frobisher. Disseram que era com ele que devíamos falar, mas nunca nos contactou. Tentámos várias vezes.

– Foi a outra desavergonhada que a desencaminhou – interrompeu a Sra. Ingram.

– A Freda?

– A mãe dela é uma galdéria. – Era uma palavra inesperada na boca de uma pessoa tão educada. A Sra. Ingram não parava de levar a mão ao pescoço, como se estivesse à procura de um colar de pérolas invisível. – E ainda por cima, ladra.

– A Freda?

– Acolhemos uma serpente no seio da nossa família e agora a Florence deve estar morta numa sarjeta qualquer – lamentou-se.

– Vamos, Ruthie, sabemos que ela está viva – disse o Sr. Ingram.

Como podia ele ter a certeza?, perguntou-se Gwendolen. Em resposta, o Sr. Ingram abriu uma gaveta de um aparador e tirara um pequeno maço de postais ilustrados que lhe estendeu.

– Ela tem escrito – disse. – Como se estivesse a passar umas férias.

A Sra. Ingram soltou um gemido, ao que ele repetiu:

– Vamos, Ruthie.

Gwendolen estudou os postais. Nenhum deles tinha endereço de remetente. Pareciam ter sido rasgados de uma tira maior e diziam todos «Monumentos de Londres: a catedral de São Paulo, o Big Ben e assim por diante.

– «Queridos mãe e pai» – leu Gwendolen em voz alta – «estou a divertir-me imenso em Londres. Tenho saudades vossas!»

A Sra. Ingram parecia prestes a vomitar.

– Veja, o último selo é de há dois dias – comentou o Sr. Ingram. – Ela está bem.

– Ela é *inepta*, Alistair – gemeu a Sra. Ingram. – É atrasada! Não sabe tomar conta de si própria.

O Sr. Ingram soltou um grande suspiro e retorquiu:

– Ela é apenas lenta, Ruthie, mais nada. A Florrie é um bocadinho lenta. – Soltou outro grande suspiro.

– O polícia com quem falei na Scotland Yard disse que se fartam de desaparecer raparigas em Londres – uivou a Sra. Ingram.

– Eu teria ido procurá-la em pessoa – disse ele –, mas não podia deixar a pobre Ruthie. Ela sempre teve nervos frágeis.

Gwendolen conhecera homens na guerra cujos nervos não tinham apenas ficado frágeis, mas despedaçados pelas abominações que haviam testemunhado. A Sra. Ingram não podia competir com eles nesse aspeto, mas os seus soluços eram horríveis, e Gwendolen repreendeu-se pelo pensamento insensível; a mulher merecia compaixão.

– Pensámos em contratar um detetive privado – disse o Sr. Ingram.

– A Gladys Murgatroyd é uma nulidade – declarou a Sra. Ingram com azedume. – Acho que não se importava se nunca mais voltasse a ver a filha.

– Estou de partida para Londres – disse Gwendolen para consolar a Sra. Ingram. – Posso procurá-las. Hei de encontrá-las.

Uma pastora à procura dos cordeiros tresmalhados, pensou. Ainda que Freda não encaixasse bem na ideia de cordeiro; quando muito, de ovelha negra.

À saída, ao descer o caminho de acesso à casa, Gwendolen julgou ouvir ainda ao longe os lamentos da Sra. Ingram.

– Prometo que trarei a Florence para casa – dissera.

Acabara de se fazer refém da sorte, não? Cuidado com o que prometes, pensou. E se a filha que devolvesse aos Ingram já não estivesse viva? Nem conseguia imaginar tal coisa.

*

Havia papel e material de escrita numa secretária na sala de hóspedes; depois do jantar, Gwendolen recusou um jogo de *bridge* com as Senhoras em Situação Difícil, pegou na caneta e escreveu um bilhete curto a Cissy: «A Freda tinha algum medalhão? Podes perguntar aos Ingram se a Florence tinha?» Talvez fosse melhor elucidá-la melhor, mas Cissy também devia ter visto as chapas penduradas ao pescoço dos soldados mortos.

– Maldita fedelha – dissera Cissy ao mostrar a Gwendolen a carta de despedida de Freda (*Querida mãe...*). Mas Gwendolen sentira pena de Freda. Nunca lhe haviam apontado um caminho para se orientar na vida, além de se exhibir, e ninguém, nem sequer Cissy, parecia muito preocupado com o facto de ela ter fugido de casa; a verdade era que Cissy via Freda como o cuco que a obrigara a sair do ninho.

Acrescentou uma nota ao bilhete: «Espero que tenhas enviado as fotografias da Florence e da Freda.»

O Helesponto

Niven era membro de um clube em Piccadilly. Dava-lhe jeito em vários aspetos, sobretudo quando precisava que o deixassem refletir em paz. Ainda mal se sentara num dos cadeirões de couro masculinos da biblioteca, quando um empregado se aproximou dele e, no murmúrio discreto aperfeiçoado pelos homens do ofício, disse:

– Está uma senhora lá em baixo à sua procura. – O homem imprimiu um tom ligeiramente diferente à palavra «senhora». – Quer que a mande embora?

– Não é necessário – respondeu Niven. Como era evidente, o clube não admitia mulheres, e os outros membros poderiam ver uma presença feminina no piso de baixo como uma perigosa invasão. Niven combinara um encontro com a «senhora» em questão e, para grande alívio do empregado, escoltou-a rapidamente até ao exterior do edifício e para dentro do carro, de onde se deslocaram para o aconchego do Lamb and Flag, um lugar mais adequado ao assunto que tinham a tratar.

Ela não fazia o seu género, embora ele não tivesse realmente um género de mulher. No geral, Niven preferia mulheres que pudesse esquecer assim que lhe desapareciam da vista. Era por isso que Gwendolen Kelling o andava a incomodar tanto. Continuava a lembrar-se dela. E ela não era, de forma alguma, o seu género.

A mulher com quem estava no Lamb and Flag pertencia às Quarenta Ladras. Niven colocou uma nota de dez libras em cima da mesa à frente dela, que ela guardou discretamente. A troco do dinheiro, Niven ficou na posse de uma mala quase sem valor para o saco de um trapeiro, quanto mais para um resgate de dez libras.

Atirou o desagradável objeto para dentro do carro e meteu pela Mall. Sentiu que a viagem que empreendia não era tão simples como fazer a travessia de Hyde Park Corner para alcançar Knightsbridge e o Warrender do outro lado. Estava a atravessar o Helesponto. Aquela história não ia acabar

bem.

A Frente Doméstica

Com o tempo, o estômago de Frobisher habituara-se à cozinha estrangeira da mulher. Mas desconfiava de que nem em França os franceses usassem tanto alho como Lottie. Para ela, o alho tinha a qualidade de um talismã. Frobisher imaginava que teria qualquer coisa que ver com Ypres, onde ela perdera uma filha. Frobisher guardava sempre um carregamento de pastilhas de mentol no bolso para compensar o hálito a alho, capaz de deixar a Bow Street horrorizada.

A cabeça de alho que Lottie trazia no bolso quando fora encontrada em Ypres tinha sido conservada e estimada. O alho já estava velho e seco quando Frobisher a encontrara, na véspera do Armistício, de pé no parapeito da ponte de Waterloo, preparada para saltar, mas ela conseguira mais tarde restituir-lhe a vida, plantando cada dente num pequeno vaso de terra, que regava e tratava com o mesmo entusiasmo que Isabella dedicara ao seu vaso de manjerição. Frobisher tinha estudado Keats na escola. Às vezes, vinham-lhe à cabeça fragmentos indesejados.

A linhagem daquela cabeça de alho original vivia agora no jardim, onde Lottie cultivava também uma variedade de *herbes* estrangeiras. («Érrebe», como Frobisher achara durante muito tempo que ela dizia.) Antes de casar com ela, o único contacto que Frobisher tivera com ervas aromáticas tinha sido na forma de um molho de hortelã com borrego ou de um molho de salsa com bacalhau. Em Inglaterra, ninguém se referia a hortelã ou salsa como «ervas aromáticas».

Quando a mulher estava em forma, Frobisher empanturrava-se como um camponês francês. Trabalhava com homens que achavam que tarte de enguia com puré de batata era um prato *gourmet*. Isso teria sido insultuoso para com os *cassoulets* e o *coq au vins* de Lottie. Contudo, naquele dia não ia haver banquete para Frobisher. Na cozinha fria de Ealing, preparou uma sanduíche de carne de vaca em conserva e comeu-a de pé, encostado ao lava-loiça.

Lottie mal levantara os olhos quando ele entrara.

– Cheguei! – gritara como fazia sempre ao passar a porta de entrada, acrescentando um alegre «*Bonjour!*» para não parecer faccioso. Recordava algum francês que aprendera na escola, mas Lottie preferia que ele falasse inglês. As suas tentativas medíocres de falar a língua dela eram um insulto para os seus ouvidos.

Felicitou-se a si mesmo por ter parado no mercado das flores a caminho de casa. À medida que se aproximava o fim do dia, as flores eram vendidas mais baratas, e Frobisher comprara um belo ramo de tulipas de cores variadas, cor-de-rosa, vermelhas e amarelas, ao preço da chuva. Era a altura do dia em que as floristas iam buscar o material para compor as suas *boutonnières*, ramos e ramalhetes. Não eram nenhuma Elizas Doolittle, mas mulheres velhas que aguentavam horas a fio em esquinas frias para ganhar uns trocos. Frobisher comprava-lhes às vezes um pequeno ramo de violetas, mais por caridade do que outra coisa, mas adorava mergulhar nelas o nariz e aspirar a sua doçura para vencer por momentos a pestilência de Londres.

Quando chegou a casa, as tulipas estavam frescas e bonitas, no seu embrulho de papel. Regressara de comboio a Ealing. Ia buscar o carro ao concessionário na semana seguinte e surpreendeu-se a pensar que iria ter saudades do rebuliço dos transportes públicos, que o fazia sentir-se parte de qualquer coisa, e não encalhado na solidão. Num dos bancos da composição estava um *Evening Standard* abandonado. O cabeçalho dizia «Velha Ma Coker libertada da prisão». Frobisher não gostava daquela alcunha. Fazia Nellie Coker parecer uma personagem gentil de um conto de fadas, quando, na realidade, se fosse alguma coisa, seria a bruxa.

Uma mulher que ia na sua carruagem, com um aspeto bastante abatido, achou ele, sorriu-lhe e disse:

– Quem me dera que o meu homem me oferecesse flores.

Ficara sem saber o que responder, mas agora estava arrependido de não ter dito «Tome, fique com elas» e de não lhe ter oferecido o ramo, pois a sua mulher olhou para as flores de sobrolho franzido, como se lhe lembrassem alguma coisa que preferisse esquecer.

Lottie estava retirada no seu lugar habitual, na sala do fundo. Quando estava nos seus períodos sombrios, sentava-se num cadeirão à janela e passava horas a olhar, apática, para o jardim.

Era boa costureira, e Frobisher comprara-lhe numa loja de antiguidades na New Conduit Street uma bonita mesa de costura de pau-rosa, com o interior forrado de seda azul-clara plissada. Andava a fazer uma almofada bordada com papagaios de cores vivas, mas a maior parte das vezes pegava no trabalho e voltava a largá-lo sem ter dado um único ponto.

Frobisher instalara também um comedouro para pássaros no jardim, com o intuito de ela ter alguma coisa para onde olhar, mas Lottie parecia nem reparar no bando de tentilhões ávidos que se atiravam como abutres às ofertas caridosas do marido. Já estava a anoitecer, os pássaros tinham recolhido

todos, mas Lottie olhava fixamente para a escuridão como se esperasse ansiosamente que alguém emergisse das sombras. A filha, imaginou ele. Uma pequena vítima da guerra.

Lottie lançou-lhe um olhar vazio, quase como se fosse ele o responsável pelo seu estado de espírito. Também em casa se sentia o frio glacial da negligência. Na lareira só restavam cinzas frias, e Frobisher atirou-se à prazerosa tarefa de acender o fogo. O dia quente de primavera pusera-se frio à medida que a noite se fora instalando.

O leito conjugal também estaria gelado, como acontecia muitas vezes. Quando ela estava de boa-disposição («animada», pensou ele), rodeava-lhe o pescoço com os braços magros e cobria-o com tantos beijos (*Mon amour, mon amour, je suis désolée*) que ele quase desejava que ela parasse. A sua entrega era perturbadora. Mas naquela noite não haveria qualquer alvoroço. Lottie, com uma camisa de dormir de algodão grosso que a Frobisher lembrava uma mortalha, virar-lhe-ia as costas, e ele ficaria deitado, acordado, a pensar como a sua vida seria diferente se tivesse chegado cinco minutos mais tarde e Lottie já tivesse saltado para o Tamisa e fosse a caminho do Dead Man's Hole.

Colocou as tulipas num jarro, pois não encontrou nenhuma jarra, e pô-las em cima do aparador, onde ela as veria. A seguir, sentou-se na sua poltrona e ficou a ver o lume pegar. Pensou que devia voltar a tentar escrever o artigo para o *John Bull*. Uns dias antes, começara de modo sóbrio...

A zona de Londres conhecida como West End e classificada pelo serviço de correios de Sua Majestade como «London W1», tem pouco mais de dois quilómetros quadrados e meio. Inclui Piccadilly Circus, Leicester Square e todos os pequenos restaurantes e clubes que formam o Soho, que não é tanto uma zona, mas mais um ambiente que impregna essa parte do West End.

– Dê-lhe mais ritmo – dissera o editor da *John Bull*. – Não é para um guia das ruas da cidade. Os nossos leitores sabem onde fica o West End. Querem ler coisas que desconheçam, senão qual é o interesse? Pequenas coscuvilhices, está a ver?

Pousou a caneta e o papel sem ter escrito uma palavra.

Gostaria de dizer ao agente Cobb que estivesse atento a Maddox no Amethyst, mas receava que Cobb estivesse feito com ele. Era improvável, mas não impossível. E se estivessem *todos* feitos com Maddox? E se fossem todos eles um bando de corruptos? Não podia entregar-se àqueles delírios, a desconfiar de tudo e de todos, como um paranoico. Oakes, a quem chamavam o Polícia que Ri, parecia ser um homem em quem podia confiar. Talvez o pudesse recrutar para a sua missão.

Era inútil, estava demasiado inquieto para descontrair. Lançou o cigarro meio fumado para as chamas e colocou o guarda-fogo no lugar. Encolheu os ombros para vestir o sobretudo e tirou o chapéu do cabide.

– Vou apanhar um bocado de ar, não demoro – gritou, mas não obteve

resposta.

Vagueou pelas ruas de Ealing. Não com o passo decidido de um polícia, mas com o andar serpenteante de um homem que não encontrou consolo em casa. Era tarde e olharam-no com desconfiança uma ou duas vezes. Se calhar até podia arranjar um cão. Ninguém se sentia ameaçado por um homem com um cão.

Quando chegou a casa, encontrou o fogo que acendera apagado. Removeu as cinzas e reavivou-o pacientemente com uns raminhos e alguns pedaços de carvão, até as chamas voltarem a ficar brilhantes e vivas. Deixou-se adormecer na poltrona; ao acordar, constatou que o lume voltara a apagar-se. Viu ali um paralelismo com a sua história com Lottie, mas estava demasiado cansado para o desafio que era arranjar uma metáfora para o seu casamento. Em vez disso, arrastou-se, fatigado, até à cama.

Chá da Tarde no Goring

Na manhã seguinte, o correio da manhã trouxe uma coisa para Nellie, mas o envelope com o seu nome escrito permanecia por abrir sobre a mesa de jantar à frente dela. Era pouco frequente Nellie receber correspondência em Hanover Terrace, preferia que fosse tudo para o Amethyst, longe dos olhares curiosos. («A Ma adora ter segredos», dizia Shirley. «Mesmo quando não tem nenhuns», acrescentava Betty. «Sobretudo quando não tem nenhuns», corrigiu Shirley.)

Nellie estava sentada à mesa com Betty, a tentar ensinar-lhe os princípios da contabilidade. À exceção de Kitty, Nellie achava que Betty era a mais fútil dos seus filhos, mas também, à exceção de Edith, a mais recetiva a aprender.

– O dinheiro que entra e o dinheiro que sai, é tudo o que é preciso saber, não é? – perguntou Betty.

– Não é bem assim – respondeu Nellie, recorrendo às suas reservas sempre limitadas de paciência. – Equilibrar as contas não é apenas equilibrar as contas. É mais subtil do que isso.

– Subtil? Como pode a *contabilidade* ser subtil? Ah, já percebo! É fazer fraudes, é isso? *Légerdemain* com números. Evitar o inspetor das finanças, por exemplo. Porque não disseste logo? Mas a Edith é que trata do assunto, porque é que eu tenho de aprender?

Porque eu não vou durar para sempre, pensou Nellie. Não servia de nada dizer isso a Betty: Nellie sabia que os filhos eram incapazes de a imaginar morta. Era demasiado monumental. Mas se passasse as rédeas a Edith, ela precisaria de um lugar-tenente, um Coker disposto a fazer tudo o que fosse necessário para preservar o legado do negócio. Betty podia ser superficial, mas era absolutamente implacável, característica que Shirley e Ramsay não possuíam.

– Se olhares para a coluna da esquerda do livro, verás que... – insistiu

Nellie.

– Não vais abrir isso? – perguntou Betty. Nellie olhou para o envelope com desconfiança. – Não é uma bomba.

– Pode ser – retorquiu Nellie.

Em vez de um abre-cartas, Betty estendeu-lhe o pequeno canivete. Nellie soltou um suspiro resignado, cortou o envelope e retirou com cautela o conteúdo: uma folha de papel grosso sobre a qual alguém escrevera a tinta preta com uma letra alongada e estranha.

– É uma carta de amor? – indagou Betty, divertida.

– Não – respondeu Nellie. Mas era.

*

Um convite. Nellie aperaltou-se para a ocasião; envolveu o corpo rechonchudo num casaco curto que Shirley lhe emprestara, adornado com plumas de avestruz («Roubado, não emprestado», lamentara-se Shirley), e colocou na cabeça um estranho chapéuzinho feito por uma chapeleira que conhecia em Ingestre Place. Parecia que um melro lhe tinha pousado na cabeça e lá havia morrido. Seria apropriado para um funeral, pensou Nellie. Não que estivesse previsto algum. Mas haveria de acontecer, tão certo como o outono vir a seguir ao verão.

*

– O senhor Azzopardi já cá está – murmurou o gerente, como se estivesse a transmitir um segredo precioso. Acompanhou-a até à mesa.

– Está encantadora – disse Azzopardi, levantando-se para a cumprimentar.

Enquanto a empregada lhes servia o chá, ele disse:

– Gosto muito de hotéis. Na verdade, *adoro* hotéis.

Nellie nunca tomara chá à tarde no Goring. Porcelana muito bonita, tudo muito elegante.

– Adoro doces – declarou. Ignorou as sanduíches e atirou-se diretamente a um *éclair*.

– Já me constou – disse Azzopardi. – Mas olhe que já é suficientemente doce sem eles.

Estava a dar-lhe graxa, pensou. Sentiu-se estranhamente desiludida; esperara mais canalhice e menos lugares-comuns daquele galanteio. Mas o *éclair* estava delicioso.

Ele já tinha vivido em Londres, explicou, mas partira durante a guerra e passara uns tempos no estrangeiro. Nellie achou que aquilo significava que estivera preso. Normalmente era o que queria dizer. Sim, admitiu ele sem rodeios, uma prisão flutuante ancorada ao largo de Gibraltar. Ao regressar, fora para a Escócia.

– É a sua terra, não é verdade?

– Só uma pequena parte dela – respondeu Nellie, sem querer reclamar a Escócia inteira para si. – É muito revigorante. As paisagens e isso.

– Ah, sim, as paisagens... – concordou ele.

Quem *era* aquele homem?, perguntou-se Nellie. O seu inglês era de uma fluência surpreendente, sem dúvida melhor do que o de Kitty.

– Está aqui hospedado? – indagou.

– No Goring? Não, arrendei uma casa em Eaton Square. Pensei em voltar, pelos bons velhos tempos. Tive uma experiência muito infeliz aqui.

– E, ainda assim, quis voltar?

– Para fazer as pazes com os fantasmas. E... – riu-se para si mesmo – para ver se alguém me reconhecia. Mudei muito desde que vivi em Londres. – Os seus olhos deslocaram-se para as costas da mão, onde Nellie reparara já numa feia cicatriz em forma de estrela, uma ferida que não parecia ter sido cosida como devia ser, se é que o fora. Mas absteve-se de fazer comentários. – É sempre divertido reinventarmo-nos, não acha? – perguntou, olhando fixamente para ela.

– Não sei dizer – respondeu, arqueando uma sobrancelha diante de um segundo *éclair*.

Até Azzopardi se sentiu obrigado a reagir ao movimento da sobrancelha dos Coker.

– A lei existe para ser infringida, a senhora deve sabê-lo melhor do que ninguém.

Nellie franziu o cenho ao olhar para a ponta do *éclair* e voltou a colocá-lo no prato.

– Passa-se alguma coisa, Nellie? Posso tratá-la por Nellie?

– Preferia que não o fizesse, se não se importa. – Estaria ele a tentar *seduzi-la*? Outros, melhores do que Azzopardi, haviam tentado e fracassado. O homem era sebento. Devia andar atrás dos clubes dela. Devia ter ouvido que Maddox ia fazer-lhe uma proposta e decidira adiantar-se. Porque não fora direto ao assunto em vez de fazer aquele circo todo? Acalmou-se comendo um *scone*.

– Gostaria de lhe oferecer cinquenta mil libras – disse, pressentindo a impaciência dela.

– Em troca de quê? – perguntou Nellie num tom inocente, com a faca da manteiga como única arma de defesa.

– Pelos seus clubes noturnos. O que me diz? – Piscou os olhos lentamente, como uma tartaruga.

Os clubes valiam, no mínimo, o dobro. Mais um piscar de olhos de tartaruga.

– Mais chá? – perguntou, fazendo sinal a um empregado.

– Não digo que não – respondeu Nellie.

- Posso oferecer-lhe boleia para algum lado? – perguntou.
- Não, obrigada. Vou ao quarto de banho antes de sair.
- E promete pensar na minha oferta?
- Claro.
- Dá-me uma resposta para a semana?
- Com certeza.

Levantaram-se os dois. Azzopardi ofereceu-lhe a mão, mas quando Nellie estendeu a sua para a apertar, ele agarrou-a e puxou-a para mais perto de si, o suficiente para que ela lhe sentisse o cheiro a água-de-colónia. Perturbou-a que fosse a mesma que Niven usava. E assustou-se ainda mais quando ele lhe deu dois beijos na face. *Um, dois.* Normalmente não era xenófoba, não teria negócios se fosse, mas não conseguiu evitar pensar: *maldito estrangeiro.*

*

No quarto de banho das senhoras (muito agradável), Nellie franziu o rosto à frente do espelho. Sentia-se sem fôlego, como se tivesse estado a correr (coisa muito improvável). Não estou à venda, pensou, obstinada. Tinha a estranha sensação de que Azzopardi estava a brincar com ela. Como um gato com um rato. Ele não queria pagar pelos clubes. Será que os desejava realmente? Desconfiou de que pretendesse outra coisa qualquer, mas não conseguia imaginar o quê. Fosse o que fosse, pressentiu que ia ser persistente e que se não alcançasse os seus objetivos pela persuasão, os conseguiria pela força. Primeiro Maddox, agora Azzopardi. Tinha os bárbaros à porta. Nellie suspirou. Deauville ia mesmo ter de esperar até aquele assunto se resolver. Sacudiu as plumas e saiu do quarto de banho.

O porteiro do Goring ajudou-a a entrar no Bentley. Hawker, o motorista, lançou-lhe um olhar pelo retrovisor enquanto se acomodava no banco de couro. Pareceu-lhe que a prisão lhe tinha aberto uma brecha na carapaça. Uma Nellie forte era previsível, uma Nellie enfraquecida podia fazer o que quer que fosse.

Hawker vivia num pequeno apartamento por cima da garagem nas traseiras da casa de Hanover Terrace. Estava ansioso por se reformar e por cultivar uma horta, mas não tinha outro sítio para viver. Quando encontrasse algum sítio, já estaria pronto para o matadouro, costumava dizer à filha. Estava com Nellie fazia agora cinco anos. Às vezes tinha medo de que, por saber demasiados segredos a seu respeito, ela nunca o deixasse partir. Numa série de negociações com Nellie, Hawker conseguira obter um dia livre a cada duas semanas. «Sou como um servo da gleba na Idade Média», dissera à filha.

- É para onde, senhora Coker? – perguntou.
- Para o Crystal Cup – respondeu Nellie.

Voilà!

Tudo estava tranquilo em Hanover Terrace; até Kitty estava calada, embora muitas vezes isso fosse mau sinal. Estavam reunidas as condições ideais para criar a sua obra-prima, e Ramsay martelava as teclas da Remington e empurrava o carro com negligência, alimentado apenas a chá Lipton e uma lata de pastilhas de cocaína para a garganta que pedinchara a uma das dançarinas do Sphinx. Já não pensava, escrevia! A ideia assaltara-o como uma espécie de *coup de foudre*; ia escrever um romance policial, um «mistério com um homicídio»; afinal, estavam muito em voga. Acabara de ler o último de Agatha Christie, *O Assassinato de Roger Ackroyd*, e, sim, era muito inteligente na forma retorcida e inesperada como era escrito, mas Ramsay queria qualquer coisa mais real, mais robusta.

Tinha de haver um cadáver para pôr a história a andar, pensou. Uma pessoa atirada por uma janela, talvez. Tinha reparado que a defenestração era popular nos romances policiais da época. Um corpo misteriosamente abandonado no passeio. Mas que corpo? E porquê?

E para um romance policial precisava de um detetive que ocupasse o seu lugar no panteão dos investigadores famosos, junto do Dupin de Poe, de Sherlock Holmes e até do Poirot de Christie. Ramsay não queria uma personagem elegante, esperta e bem-educada; não, queria um detetive da Scotland Yard, uma pessoa fatigada e familiarizada com o lado sórdido da vida.

Escreve sobre o que conheces. Betty tinha dito que ele não conhecia nada, mas estava enganada, ele conhecia uma coisa: conhecia a orgia em que Londres se transformava ao cair da noite, não era verdade? As prostitutas, a droga, os gangues, as festas loucas, os vestidos elegantes, os clubes noturnos, o jogo e até os horríveis Bright Young Things; do mais sórdido ao mais resplandecente, abarcando tudo o que havia pelo meio. Dada a profissão que tinha, o seu detetive deveria movimentar-se com facilidade por esses mundos.

Então, num novo rasgo de gênio, Ramsay encontrara por fim o seu título – *A Era do Deslumbramento*. A história imaginária estendia-se agora à sua frente como uma tapeçaria cintilante!

Mãos à obra. Antes de mais, o seu detetive deveria ter alguma coisa que o distinguisse, que o tornasse único. Talvez um daqueles tiques ou características marcantes que todos pareciam possuir – um violino, um bigode ou coisa do género. Galês! Ramsay não se recordava de nenhum detetive galês, nem tão-pouco lhe vinha à cabeça qualquer pessoa do País de Gales, à exceção de Lloyd George, e mesmo esse não tinha nascido naquela nação incivilizada.

Então, assim como Deus criou Adão, Ramsay criou Jones.

O inspetor-chefe George Jones, ou «Jones, o Polícia», como era conhecido na zona dos Valleys, de onde era natural, estava numa plataforma da estação de Paddington à espera do comboio das 5h05 de Taunton. Consultou o relógio de bolso. O relógio de bolso regulamentar da polícia. (A polícia tinha relógios de bolso regulamentares? Seria grave se não os tivesse? Aquilo soava-lhe bem.) Consultou o relógio de bolso regulamentar da polícia – o seu fiável relógio de bolso regulamentar. (Melhor.) O comboio das 5h05 vinha à tabela (Nota: averiguar se há algum comboio às 5h05 vindo de Taunton) e aproximou-se lentamente da plataforma a expelir vapor. Jones sorriu para consigo.

Porquê? Porque sorriu ele? E já agora, porque estaria um mestre do crime em Taunton? Ramsay escolhera Taunton ao acaso. Talvez um sítio como Bristol ou até mesmo Manchester fosse mais credível como antro de marginais? Birmingham seria de certeza, os gangues da cidade vinham para o Derby e tratavam o Amethyst como o Reino da Liberdade. Bom, poderia decidir mais tarde. Perguntou-se se haveria um guia Bradshaw⁶ em Hanover Terrace. Era improvável. Nunca ninguém andava de comboio.

Jones sorriu para consigo, pois estava ansioso por fazer face a Reggie Dunn. Nesse preciso momento, as portas do comboio abriram-se e os passageiros começaram a descer para a plataforma. Carruagem de primeira, reparou Jones. Dunn, o chefe depravado de uma organização criminosa do Soho, apeou-se com um ar despreocupado, como se não tivesse qualquer ralação neste mundo, e avançou despreocupado pela plataforma, sem reparar que a sua némesis o esperava. «Viva, Reggie», disse Jones. «Foste às corridas?» (Era um bocado monótono. Andaste a armar das tuas? Andaste a meter-te em sarilhos?)

«Voltaste a fazer das tuas, Reggie?» (Melhor.) «E se fôssemos dar uma voltinha para falarmos? – Para

falarem de quê? A criatividade era incrivelmente cansativa. Ramsay bocejou e acendeu um cigarro.

«Viva, Reggie», disse Jones. «Voltaste a fazer das tuas? E se fôssemos dar uma voltinha para me contares o que fizeste aos diamantes de Lady Lorchan?»

Excelente! Acendeu um cigarro na beata do anterior. Ouviu o relógio de parede dar as horas lá em baixo na entrada. Começava a fazer-se tarde, dali a nada tinha de ir para o Sphinx, mas a verdade era que o clube funcionava sem a sua presença.

Seguindo. Próximo capítulo.

Acendeu outro cigarro.

Jones manteve-se na sombra, estava...

A paz foi de súbito interrompida por um grito aterrador vindo das regiões inferiores da casa. Ramsay pensou que fosse alguma coisa medonha, mas era apenas a copeira a bater com entusiasmo com uma frigideira numa enorme ratazana.

– Pronto – disse, ofegante e afogueada com o êxito, quando a vítima se imobilizou finalmente, vencida e ensanguentada, sobre o chão de pedra da copa.

Estavam sozinhos, a cozinheira tinha ido para casa. Ramsay serviu um copo de *brandy* a cada um para comemorar o triunfo da criada. Era o *brandy* usado para cozinhar, mas mesmo assim Nellie teria tido um ataque se tivesse dado com eles sentados à mesa da cozinha, como bons amigos, a consumir as suas bebidas.

– Quem não sabe é como quem não vê – disse a copeira, bebendo um trago de *brandy*.

Que pessoa tão sensata, pensou Ramsay. E ousada. Porque nunca teria reparado nela? Nem sequer sabia que tinham uma copeira. Chamava-se Phyllis, esclareceu ela, e no decurso daquela conversa ilícita, Ramsay descobriu que ela era a ovelha branca (ou talvez o cordeirinho) de uma família de ladrões do East End, de modo que passou uma meia hora muito proveitosa a fazer investigação para o romance, interrogando-a sobre invasão de propriedade, furto e assaltos a montras de lojas.

– Bem, obrigado por me contares essas coisas todas sobre a tua gente – disse ele quando terminaram o (segundo) *brandy*.

– A minha gente? – As sobranceiras dela arquearam-se, fazendo-o lembrar Edith. – Como se fôssemos uma raça diferente? – De repente, parecia furiosa. – Somos todos pessoas, somos todos iguais! – (Seria comunista?) – E «a minha gente», como lhes chama, pode andar a roubar, mas pelo menos rouba de maneira honesta. Já a *sua* gente não vale nada! – E foi-se embora, deixando Ramsay melindrado. E ele a achar que estavam a dar-se tão bem! Pouco importava, talvez ela viesse a dar uma personagem interessante para o seu romance.

6. *Bradshaw Guides* – série de livros com informações, horários ferroviários e guias de viagem publicados antes da Primeira Guerra Mundial. (*N. das T.*)

Uma Presa à Vista

— Fugir? Para Londres? A sério, Freda? – A excitação fazia Florence falar com uma voz nasalada. Tinha mesmo de ir tirar os adenoides. – Como o Dick Whittington!

– Enfim, não é bem a mesma coisa, mas sim, para Londres – respondeu Freda. – Apanhamos o comboio e vamos. Tão simples quanto isso, se pensares bem.

Tinham acabado de sair da Picture House na Coney Street e estavam a comer batatas fritas, quentes e gordurosas, embrulhadas em papel, e a atravessar St. Helen's Square quando Freda propôs a audaciosa aventura.

– Mas o que vamos fazer em Londres? – perguntou Florence, confusa.

– Dançar, claro – respondeu Freda. – E cantar também, espero. Em palco. Vamos tornar-nos estrelas!

Florence deu uns passinhos de dança desajeitados no portal da igreja que dava o nome à praça. Freda lembrou-se do gato cómico que a amiga interpretara em *Dick Whittington*.

– Ah, Freda – disse Florence, apertando o peito de forma muito melodramática. – Que maravilha! Achas mesmo que *eu* posso ser uma estrela?

O gato cómico ia a Londres com Dick Whittington.

– Claro que podes – respondeu o gato bonito com jovialidade. Era evidente que Florence tinha todas as probabilidades contra si, mas Freda sentia que o seu otimismo era suficiente para as duas.

– Achas mesmo que as ruas são pavimentadas a ouro, Freda? – perguntou Florence enquanto esperavam a tiritar na plataforma da estação de York pelo comboio que as levaria a Londres. Ah, aquela maldita peça de teatro, pensou Freda. Por causa dela, Florence criara ideias irrealistas sobre fama e fortuna. O êxito exigia trabalho árduo e disciplina, para não falar de talento, e ela estava bem ciente de que a amiga não tinha inclinação para nenhuma dessas coisas.

– Não, isso são histórias que se contam – respondeu, mas a sua voz foi abafada pela chegada do comboio.

Não iam de bolsos completamente vazios como Dick Whittington. Freda considerara que a falta de moralidade do Sr. Birdwhistle o tornava uma presa legítima e, quando dera com o casaco dele sem vigilância, pendurado nas costas de uma cadeira da cozinha, enfiara a mão no bolso de dentro. Fizera-o com muita cautela, com receio de lá encontrar qualquer coisa, um furão ou uma ratazana, que lhe mordesse a mão. Mas nada a atacara e conseguira recolher a sua pescaria – uma carteira, cheia com a receita de sábado da loja.

O Sr. Birdwhistle estava ocupado com Gladys na sala da frente («a saleta», como Gladys insistia em chamar-lhe). Comprara recentemente à mãe de Freda um gramofone e uma pilha de discos populares que estavam naquele momento a tocar bem alto. Da chamada saleta provinham outros sons, mas Freda duvidou de que indicassem que estavam a dançar, sobretudo da parte do odioso polvo. Freda já os vira a apalparem-se, com os lábios colados como se estivessem a tentar sugar o ar dos pulmões um do outro. Que nojo!

Ao som de Billy Murray a cantar «Clap Hands! Here Comes Charley!», Freda surriprou várias notas da carteira do Sr. Birdwhistle antes de voltar a introduzi-la com cuidado no casaco. Tudo junto ascendia a quatro libras e dez xelins: uma pequena fortuna.

Freda transferiu o dinheiro do Sr. Birdwhistle para a pequena bolsa e daí para a mala de mão um pouco maior que pertencera a Vanda e que esta lhe havia dado. Planeara estar já no comboio a caminho de Londres quando Gladys e o Sr. Birdwhistle conseguissem sair da cama de lençóis bafientos. Imaginou com prazer a fúria do polvo ao dar-se conta de ela que o tinha roubado. Sobre a prateleira da lareira deixara um bilhete de despedida escrito a lápis no seu melhor papel de carta rosa:

Querida mãe, fugi para Londres em busca de fama. Vou dançar em palco. A próxima vez que ouvires falar de mim serei famosa! Escusas de te preocupar comigo. Beijinhos, a tua filha, Freda.

Florence dera o seu contributo para a evasão; quase duas libras em moedas pequenas do mealheiro de vidro azul que partira.

Depois de instaladas nos bancos da carruagem de terceira classe, com a locomotiva a roncar, ansiosa por arrancar, Florence surpreendeu Freda ao retirar sorrateiramente do bolso do casaco um colar de pérolas, que exibiu de olhos muito abertos, muda e triunfante, à amiga, sentada à sua frente. Esta reconheceu-o imediatamente, pois vira-o muitas vezes no pescoço rechonchudo da Sra. Ingram. Duncan falara-lhe uma vez dos pescadores de pérolas do Ceilão, que conseguiam sustentar a respiração mais do que qualquer outra pessoa ao mergulharem nas profundezas do mar para colherem o tesouro oculto das ostras. Na altura, perguntara-se quantas vezes teriam eles precisado

de mergulhar para fazer o bonito colar da Sra. Ingram.

Tal como o mágico de Vanda retirava coelhos da cartola, ao colar de pérolas seguiu-se uma pulseira de turquesas (a pedra do zodíaco da Sra. Ingram) e uma pregadeira de esmalte e ouro com a forma de um passarinho azul, que Freda sabia ter-lhe sido oferecida pelo Sr. Ingram quando ela fizera cinquenta anos. Tinham feito um pequeno lanche para celebrar a data, e Freda estava presente, como acontecia muitas vezes nas modestas celebrações familiares dos Ingram. A Sra. Ingram ficara com os olhos húmidos ao desembulhar a pequena pregadeira.

– Que lindo, Alistair! Estou tão comovida! Muito obrigada, querido.

E o Sr. Ingram dissera:

– Tiveste de suportar tanta coisa, querida Ruthie...

Que coisas teria a Sra. Ingram suportado?, perguntou-se Freda. Concluiu que o Sr. Ingram se referia a si mesmo. Era um homem terrivelmente seco. Haviam trocado um beijo modesto; como convinha aos adultos, na opinião de Freda.

– Guarda isso – ordenou Freda a Florence, com a voz abafada pela locomotiva que soltava vapor antes de arrancar. Não estavam sozinhas na carruagem. Um homem idoso sentado à janela estava absorvido a ler o obituário do *Times*, e uma mulher de ar rabugento já lhes lançara um olhar de desagrado apenas pelo crime da sua idade e sexo.

Florence devolveu com relutância o tesouro ao seu esconderijo. Já seria mau quando os Ingram descobrissem que a sua preciosa Florence tinha fugido, e isso sem darem pela falta das joias da Sra. Ingram. Freda desconfiava de que a culpariam pelos dois desaparecimentos. Em última análise, culpá-la-iam de tudo, imaginava.

Ainda mal se tinham apeado do comboio em King's Cross quando Freda começou a sentir o peso da ingenuidade de Florence. Uma mulher aproximou-se delas quando estavam ainda na plataforma a recolher as malas e perguntou-lhes se estavam à procura de alojamento. Florence, que era como um cão afetuoso, mas negligenciado, ansioso por travar amizade com quem quer que fosse, respondeu: «Sim, estamos. É muito amável», antes de Freda a arrastar dali, puxando-a pela manga do casaco.

– Não fales com ninguém que te aborde dessa maneira. Aliás, não fales com ninguém, ponto final.

– Porquê? Ela só queria ajudar – protestou Florence.

Um cordeirinho a pedir matadouro! Nunca teria ouvido falar do comércio de escravas brancas? Ou do perigo amarelo? Dos xeques árabes que mantinham mulheres ocidentais em cativeiro em tendas do deserto?

– Isso é só nos filmes, tonta – retorquiu Florence. (Isto vindo da pessoa mais crédula que Freda conhecia!) – Além disso, temos mesmo de arranjar onde dormir esta noite. – Eram quase cinco da tarde. – São quase horas de jantar – acrescentou, revelando a ansiedade de uma pessoa habituada a refeições regulares. Santo Deus, pensou Freda. Florence não estava habituada

a cuidar de si mesma, ao passo que ela não fizera outra coisa durante toda a sua breve vida. – Não sejas tão resmungona, Freda. Afinal, estamos em férias!

Não estavam, não! Fora um erro convidar a inocente Florence para ir com ela para Londres.

Saíram da estação e caminharam pelas ruas apinhadas e esmagadoras de Londres. Ainda que não o admitisse, Freda sentiu um súbito aperto de medo no estômago, mas Florence, apesar do peso da mala, não se mostrava minimamente atrapalhada e trotava, feliz, ao longo do passeio.

*

Encontraram alojamento numa pensão na Henrietta Street. O local era tão desagradável como a proprietária. Na porta não havia nenhum nome nem número, apenas uma aldraba de ferro com um rosto de demónio, que provocou em Freda uma sensação de mau presságio. Ao agarrá-la, sentiu um ligeiro arrepio de medo, uma espécie de eletricidade a atravessar-lhe o corpo.

A porta abriu-se com brusquidão, deixando escapar um cheiro a carne barata guisada, e uma mulher com um avental imundo e gordurento disparou uma desencorajadora saudação de boas-vindas:

– O que querem?

Chamava-se, como vieram a saber depois, Sra. Darling; dificilmente se teria escolhido apelido menos adequado àquela mulher. Lançou um olhar rápido para os dois lados da rua antes de as mandar entrar, como se não quisesse que ninguém as visse ali. Freda hesitara na soleira da porta e só as boas recordações por ter feito uma vez de Sininho numa representação de Natal de *Peter Pan* permitiram que a Sra. Darling lhe agarrasse o antebraço com brusquidão e a puxasse para o corredor escuro. Florence, já lá dentro, olhou por cima do ombro e disse:

– Anda, Freda, não sejas lesma – coisa que, ironicamente, Freda costumava dizer à amiga. Suspirou e entrou.

A Sra. Darling ofereceu-lhes chá na sala deprimente. As chávenas estavam imundas e Freda fingiu dar um trago no líquido insípido que percebeu já ter sido fervido várias vezes.

Seguiu-se depois uma certa confusão quanto ao propósito da visita delas. A Sra. Darling, de olhos postos em Freda, ofereceu-se para «resolver o seu problema» e levou algum tempo a perceber que o «problema» era a dificuldade em arranjar alojamento. Soltou uma risada áspera e sem humor e disse:

– Bem, por acaso estão com sorte. Acabou de vagar um quarto no sótão.

*

Freda levantava-se sempre muito antes de Florence e tinha de sacudi-la para a acordar quase todas as manhãs. Só a promessa de pequeno-almoço era isco suficiente para arrancar a amiga da cama. Tomavam o pequeno-almoço

fora todos os dias; Covent Garden estava cheio de cafés baratos que serviam os trabalhadores do mercado. A pensão não tinha onde cozinhar, ainda que a Sra. Darling preparasse uma refeição todas as noites, uma comida tão horrível que até Florence, dotada de um apetite heroico, empalidecia por vezes diante do que era servido. Todas as noites queria comer num restaurante, e Freda, que geria as finanças, começava a ficar cansada de lho negar continuamente.

– Vá lá – disse, puxando-lhe a roupa da cama. – Dormes quando morreres – algo que Vanda costumava dizer a Duncan.

Depois do pequeno-almoço foram até ao West End e, para passar o tempo, percorreram a Regent Street e a Oxford Street para cima e para baixo, bem como quase todas as ruas mais pequenas que havia pelo meio. De vez em quando (com bastante frequência, na verdade), Florence via qualquer coisa que lhe agradava na montra de uma loja, entrava de rompante e voltava a sair, triunfante, com um objeto trivial qualquer de que não precisava; um conjunto de lápis, uma boneca Kewpie, uma almofada de pó de arroz. Freda concluiu que nunca faltara nada à amiga e que, por isso, ela não desenvolvera o conceito de poupança. E Florence parecia uma pega no que dizia respeito a coisas que brilhassem, os seus olhos deixavam-se atrair pelas maiores insignificâncias. Se existisse um caminho forrado a purpurina, Florence tê-lo-ia seguido sem refletir.

Tinha de ser refreada quando passavam pela Hamley's. Queria constantemente ir à loja de brinquedos para ver as bonecas, mesmo já não tendo idade para elas.

– Nunca se é demasiado velho para bonecas – declarou com firmeza. As bonecas de olhar morto provocavam calafrios a Freda. Florence era ainda uma criança, pensou, consternada; acreditava em anjos e fadas e na bondade dos seres humanos, coisas que Freda rejeitara há muito.

*

Por insistência de Freda, assim que chegaram a Londres inscreveram-se numa escola de dança, com o nome solene de Vanbrugh Academy of Dance. Freda explicou à amiga como era importante continuarem a praticar; as escolas de dança de Londres recomendavam aos teatros as melhores alunas. Aquela era dirigida por uma tal Ada Sherbourne, seca como uma tábua e direita como um espeto, que se vestia apenas de branco e preto e andava com uma vara semelhante a um chicote, que agitava com animação quando dirigia um grupo de dançarinas. De vez em quando, se estivessem fora de ritmo, dava-lhes golpes na parte de trás das pernas.

– Credo! – exclamara Florence.

Compraram exemplares das últimas edições de *The Stage* e escrutinaram-nas à procura de audições; iam cedo para a porta da entrada dos artistas dos teatros do West End, engrossando a fila serpenteante de raparigas ansiosas, de sapatilhas de dança nas mãos, à espera da sua vez de entrar. Uma vez lá dentro, juntavam-se a outra fila serpenteante de raparigas esperançadas,

até pisarem por fim as tábuas vazias e ressoantes do palco, onde eram acompanhadas por um pianista solitário e pouco enérgico. A primeira vez, no Palace, Freda estava de tal forma intimidada por se encontrar num palco do West End que mal conseguira pronunciar o seu nome quando lho perguntaram.

A pobre Florence, como já se esperava, não tivera qualquer hipótese. A Musa Terpsichore não a favorecera, dissera a professora Sherbourne. Com efeito, Florence não tinha qualquer ouvido para música nem para ritmo, e os seus pés pareciam enfiados em botas de mergulhador das profundezas. Freda ainda conseguiu acompanhar uns compassos antes de alguém na primeira fila, escondido na obscuridade, gritar:

– Obrigado! A seguinte!

– Os critérios na metrópole são muito diferentes dos da província – disse a professora Sherbourne a Freda. – Podes ser a estrela da tua escola na província, mas aqui és apenas mais uma rapariga. Mas estou certa de que acabarás por encontrar qualquer coisa. E, na pior das hipóteses – acrescentou num tom um pouco tenebroso –, os clubes noturnos precisam sempre de raparigas que saibam dançar. As Nellie Coker deste mundo têm muito apetite por elas.

Embora Freda não gostasse de o admitir, Florence mudara desde que tinham chegado a Londres. Perdera quase imediatamente qualquer interesse pelo palco, o que não era de surpreender. Começara a preferir frequentar cafés e cinemas e deambular pelos grandes armazéns do West End. Queria «ver os monumentos» e comprara um dispendioso conjunto de postais destacáveis com o título «Monumentos de Londres». O conjunto dobrava-se como uma concertina e continha fotografias do Palácio de Buckingham, do Parlamento, da Torre de Londres e por aí fora. Depois de ver cada um dos monumentos, Florence enviava um postal aos pais onde escrevia sempre a mesma mensagem. *Queridos pais, estou a divertir-me imenso em Londres. Tenho saudades vossas!* – sentimento de certa forma anulado pelo ponto de exclamação descontraindo e animado e pela ausência de morada de remetente. Os Ingram tinham um telefone em casa, mas Florence não fez qualquer tentativa de os contactar. Freda imaginou que a amiga nunca experimentara a liberdade. Já ela, que até a tivera a mais, considerava a liberdade um conceito sobrevalorizado.

As semanas seguiram-se e Freda continuou a empresa árdua de se apresentar nas audições abertas dos teatros e deixou Florence entregue aos seus Monumentos. Talvez fosse um erro, pois a natureza em tempos sempre alegre da amiga era agora com frequência eclipsada por incessantes reclamações. Quando não andava a ver os Monumentos (naquela altura, já deveria tê-los visitado todos várias vezes), deixava-se ficar muitas vezes deitada com uma petulância pouco característica sobre o desconfortável colchão de crina de cavalo, a comer um pacote de guloseimas enquanto lia livros de *suspense* escabrosos que comprava numa banca no mercado da

Berwick Street.

Também ela, claro, estava apanhada pela história de Tutankhamon e da sua maldição.

Freda nunca ouvira falar de Tutankhamon, nunca lera um jornal na vida. Para ela, estes eram bons para ser usados na latrina exterior ou para embrulhar peixe e batatas fritas, nada mais. Não percebia por que razão uma cidade grande e moderna como Londres, por certo a mais importante do mundo inteiro, andava de cabeça perdida por uma pessoa que morrera no Egito há milhares de anos.

– Ele anda a assombrar as ruas, à procura de vítimas – dizia Florence. – Desenterrámo-lo e perturbámos o seu repouso eterno.

– Não tenho nada que ver com isso – respondia Freda, irritada. – Não fui *eu* que o desenterrei. Nem sei onde fica o Egito.

Em York, não se podia fazer um buraco para instalar um cano de gás ou um novo esgoto sem dar com um esqueleto romano. Se não gostassem que lhes perturbassem o repouso eterno, as ruas da sua cidade teriam legiões de mortos a deambular de um lado para o outro. («E têm», retorquira Florence.) O vizinho de Freda nos Groves tinha um esqueleto romano na cave onde guardava o carvão e as pessoas pagavam dois *pence* para ir olhar para ele, boquiabertas. Freda preferia gastar o dinheiro num pacote de rebuçados.

E as visões! No dia antes de partirem para Londres, tinham subido a escada em caracol que levava ao telhado da catedral. Freda queria despedir-se de York, pois tencionava nunca mais regressar. Florence resfolegava e queixava-se de tonturas sempre que completava mais uma volta, mas Freda, especialista em piruetas, não nos esqueçamos, subia aos saltinhos os degraus helicoidais encorajando a amiga. Estava um dia límpido. Quando chegaram ao topo, viram todo o vale de York estendido à sua frente.

– É como ver o mundo inteiro – disse Florence.

– Não é bem o mundo inteiro – retorquiu Freda. – Na verdade, é só um pedacinho.

– Achas que se saltássemos, conseguíamos voar? – perguntou Florence.

– Não – respondeu Freda. Mas que tola era Florence às vezes! – Não voávamos – declarou com firmeza. – Caíamos.

– Acho que os anjos nos apanhariam. Até acho que os estou a ver, à espera – declarara Florence, apontando vagamente na direção das colinas à distância. (Às vezes, Freda sentia-se verdadeiramente preocupada com Florence.) – Harrogate fica naquela direção – disse com confiança.

Ao que parecia, na escola de Florence tinham passado muito tempo nas aulas de Geografia a desenhar e a colorir os mapas do Yorkshire. Florence e a mãe iam muitas vezes a Harrogate de comboio; a Sra. Ingram preferia as lojas de lá. Harrogate estava «cheia de anjos», segundo Florence. Que pateta. Freda acompanhara-as uma vez e, à exceção do chá na Bettys, as voltas intermináveis pelas lojas tinham-na aborrecido de morte, com anjos ou sem eles.

Noutra ocasião, tinham ido com a Sra. Ingram à Hannon's, a frutaria em Stonegate. A Sra. Ingram ouvira dizer que eles vendiam «nozes cruas» e estava ansiosa por comprar algumas para fazer uma surpresa ao Sr. Ingram. Freda não imaginava que motivo levaria alguém a querer comer uma noz, crua ou não. Tinham um sabor amargo e ficavam presas nos dentes. Os únicos frutos secos de que Freda gostava eram as amêndoas açucaradas da Terry's, com bonitas cores pastel, que a Sra. Ingram tinha num pratinho de prata em cima do aparador.

– Filigrana – dissera a Sra. Ingram misteriosamente quando Freda admirava o padrão recortado do rebordo do pratinho. Aos ouvidos de Freda, aquilo parecia qualquer coisa relacionada com cavalos, ou talvez um nome bonito para uma rapariga.

Na Hannon's, Florence ficou de repente muito excitada e afirmou conseguir ver o rosto da Virgem Maria num grande melão.

– É um melão pingo de mel – esclareceu a empregada com farda castanha, como se isso pudesse explicar a aparição. Freda nunca vira um melão antes, com ou sem a Mãe de Deus gravada na sua superfície amarela semelhante à pele de um sapo. Mas agora, claro, por viver tão perto do mercado de Covent Garden, considerava-se uma especialista em todos os vegetais e frutas do mundo.

*

Freda sentia cada vez mais remorsos pela ansiedade que estava a causar aos Ingram; já Florence parecia invulgarmente imune ao sentimento de culpa. *Querida Ruthie, tiveste de suportar tanta coisa.* A Sra. Ingram devia agora ter de suportar muito mais, pensou Freda.

Porém, Florence ia com regularidade à missa na Corpus Christi, a igreja católica na Maiden Lane, e Freda perguntava-se se ela se confessaria e se lhe dariam a absolvição (Florence ensinara-lhe aquela palavra). Que conveniente devia ser poder apagar tudo e recomeçar do zero com uma certa regularidade.

Corpus Christi significava «corpo de Cristo», explicou Florence quando Freda, perplexa, quis saber. Havia um grande crucifixo pendurado por cima do altar da igreja. Aquilo era uma execução, não era? Para Freda, era o mesmo que ter ali um homem pendurado numa forca. Macabro. Mas ainda assim, a igreja do Corpus Christi era um sítio esplêndido, parecia um teatro muito glamoroso. Freda espreitara lá para dentro com cautela, não fosse sucumbir de repente à vontade de se converter e dar por si a desejar ter um deus, qualquer que fosse, desde que lhe permitisse partilhar daquele esplendor. Quando era mais nova, fora umas quantas vezes à catequese aos domingos, mas ficara desiludida com a ausência de decoração.

Quando era ainda muito pequena, Freda representara o papel do rapaz coxo que era abandonado pelo Flautista numa produção dos Settlement Players' de *O Flautista de Hamelin*. Era um papel sem falas, por isso, para além de coxa, tinham também decidido que seria surda e muda.

Desempenhara o papel e deixara o público muito comovido; na verdade, recebera uma pequena ovação ao voltar ao palco depois do cair do pano. Em vez de lhe mudarem o papel para que fosse uma rapariga, perguntaram-lhe se não podia cortar o cabelo. Na altura, usava umas tranças longas e bonitas, mas cortou-as, claro. Teria feito fosse o que fosse para ter um papel. Agora apercebia-se de que era ela o Flautista, que seduzira Florence e a atraía sabia Deus para onde.

Sentiu um peso no coração. A amiga nunca teria sequer pensado em fugir de casa, se não fosse ela a sugeri-lo. Tinha a sensação de que aquilo iria acabar mal. De uma maneira ou de outra.

O Mapa Bartholomew

Frobisher enviara outro bilhete ao Warrender. Fiel à sua palavra, mandara um polícia dar uma volta pelas escolas de dança, e este conseguira encontrar o nome do estabelecimento que Freda e Florence frequentavam. «O meu agente já fez averiguações», escreveu Frobisher, «por isso, não há necessidade de a menina lá ir».

– Mas claro que vou! – exclamara Gwendolen, a olhar para o bilhete.

A escola com o nome solene de Vanbrugh Academy of Dance situava-se na Frith Street e Gwendolen decidiu ir a pé até lá, o que, começava agora a perceber, havia sido um erro. Por um lado, era uma distância longa e, agora que se encontrava no Soho, perdera-se no meio daquele labirinto de ruas. As pessoas a quem pediu indicações pareciam desconhecer tanto quanto ela a geografia da capital. Passou uma boa meia hora a vaguear por aquela confusão até encontrar por acaso a Frith Street. Um mapa parecia algo necessário.

*

– Bem, uma rapariga bonita arranja sempre qualquer coisa – disse Ada Sherbourne. A escola Vanbrugh era o domínio de uma tal «Ada Sherbourne, instrutora de dança». Tinha uma figura atraente e frágil, envergava um elegante vestido preto feito à medida, ainda que um pouco fúnebre, e tinha uma postura tão ereta que Gwendolen se sentiu completamente desleixada. Ada Sherbourne tinha também os seus caracóis presos de uma maneira impecável, embora complicada, que Gwendolen teria levado horas a conseguir fazer, se é que alguma vez o conseguisse. Gwendolen sentiu uma antipatia imediata por ela.

– Sim, acho que estiveram cá inscritas – disse Ada Sherbourne. Teve um leve tremor num dos olhos ao ouvir o nome das raparigas. Talvez fosse apenas um tique nervoso.

– Quando foi a última vez que cá estiveram?

– Santo Deus, não me recordo – respondeu, com um ar evasivo. – Há algumas semanas, talvez. O talento da Freda era bastante limitado, era muito desajeitada. Quer dizer, fazia sapateado de forma razoável e conseguia acompanhar uma melodia, mas conheço cinquenta raparigas com mais talento do que ela. E quanto à pobre Florence... Talvez tenham ido para algum sítio menos respeitável.

O que significaria aquilo?

– Diga-me, menina Kelling, o que são para si estas raparigas?

– São raparigas desaparecidas, professora Sherbourne, é isso que são para mim.

– Se fosse a si, ia ver nos clubes noturnos. Raparigas como a Freda são um petisco para as Nellie Coker deste mundo. Ela devora-as. Mas o mais provável será que tenham voltado para casa, lá para a terra do Norte de onde vieram. – Ada Sherbourne pronunciou «do Norte» como se fosse um insulto.

– Para York – rematou Gwendolen na defensiva. – É uma cidade muito bonita, por acaso. Cheia de história.

O telefone tocou, interrompendo aquela conversa um pouco tensa.

Ada Sherbourne perguntou:

– Importa-se que atenda? – E sem esperar pela resposta de Gwendolen, pegou no telefone, colocou a mão no auscultador e disse: – Lamento imenso não poder ajudá-la mais. – Retirou a mão e embrenhou-se numa conversa num tom meloso com alguém claramente ligado à área do teatro. Gwendolen parecia ter sido descartada.

Ao sair, passou por um grupo de raparigas que iam a entrar numa aula, com roupas de ensaio e as sapatilhas de dança na mão. Sorriram e cumprimentaram Gwendolen em voz baixa e de maneira educada.

– Desculpem, alguma de vocês conhece uma Freda Murgatroyd ou uma Florence Ingram que andaram cá na escola? – perguntou.

Uma rapariga no fundo do grupo disse:

– Eu conheço a Freda. É simpática.

As outras raparigas dispersaram.

– Quando foi a última vez que a viste?

– Há uns dias, no ensaio.

Há uns *dias*? Ada Sherbourne dera a entender que não via Freda nem Florence há semanas. Seriam assim tão insignificantes, ou haveria alguma razão para ela as querer esquecer?

– E a Florence?

– Não a vejo há séculos. Ela só cá esteve uns dias. Porquê? Aconteceu alguma coisa?

– Bem – respondeu Gwendolen –, ninguém sabe delas. Sou amiga da irmã da Freda, vim a Londres para as procurar. Sabes de algum sítio onde possam estar?

A rapariga inclinou a cabeça enquanto pensava. Parecia um passarinho.

Era adorável, com cabelo escuro cortado muito direito à altura do queixo e um narizinho arrebitado. Gwendolen imaginava-a bem em palco, numa comédia musical, talvez. Expressava-se bem, via-se que tivera aulas de dicção.

– Bem, não sei onde elas vivem – disse a rapariga. – Mas sei que a Freda tem uma audição.

– Uma audição?

– Sim, a professora Sherbourne arranjou-lhe uma audição no Adelphi, para o *Betty in Mayfair*. É uma revista – explicou, ao ver o olhar desorientado de Gwendolen.

Ada Sherbourne não mencionara nenhuma audição. Porquê?

Gwendolen ouviu-a chamar, irritada:

– Cherry! Cherry Ames, vens ou não? *Cherry!*

A rapariga fez uma careta e disse:

– Sou eu. Tenho de ir ensaiar, vou ter um solo. Também tenho uma audição amanhã, no Palace. – Afastou-se a correr pelo corredor, mas depois voltou atrás e disse: – A professora Sherbourne tem as nossas moradas todas. No gabinete.

*

Gwendolen introduziu-se tão sorrateiramente quanto podia no gabinete de Ada Sherbourne. Esta estava agora ocupada com a classe; Gwendolen ouvia-a a marcar o ritmo, «cinco, seis, sete e oito», com uma ferocidade espantosa. A mulher era um dragão e Gwendolen estava a meter-se no seu covil.

A ordem que reinava no gabinete facilitou muito a busca. Encostado a uma parede estava um arquivador de carvalho com quatro gavetas, cada uma delas com uma etiqueta em letra cursiva, e a terceira a contar de cima a anunciar muito convenientemente «Alunas». Dentro do arquivador tudo estava impecavelmente organizado por ordem alfabética; Ada Sherbourne teria dado uma excelente bibliotecária, o Sr. Pollock teria tido dificuldade em competir com ela.

E lá estava, numa pasta com as letras «L–M», «Freda Murgatroyd» e uma morada: Henrietta Street, n. 4.

A contagem tinha parado e Gwendolen pensou que ia ser apanhada ali por Ada Sherbourne antes de ter tempo de fugir. A ideia provocou-lhe arrepios na nuca. Gostaria de ver Ada Sherbourne trancada numa sala com a Sra. Bodley num concurso de dragões. Ela apostaria na Sra. Bodley (o seu mau feitio parecia mais fundamentado), mas seria por certo um combate renhido.

– Um, dois, três e quatro! – A contagem implacável recomeçou. Gwendolen soltou um suspiro de alívio ao alcançar a porta de entrada. Fechou-a em silêncio atrás de si.

Cissy sempre recriminara a irmã por ser uma criança indisciplinada, mas, na verdade, Freda devia ter nervos de aço para se sujeitar à severidade da

dança.

*

– Fica a dez minutos daqui – disse o homem atrás do balcão de uma tabacaria na Greek Street quando Gwendolen entrou para pedir informações. Andava às voltas há algum tempo, desde que saíra da Vanbrugh Academy of Dance. Os «dez minutos» londrinos começavam a parecer bem mais longos do que os do Yorkshire.

Long Acre novamente! Já percorrera a Bow Street e estava prestes a ceder à frustração e a ir ter com Frobisher para lhe pedir que a orientasse, quando deu por acaso com a livraria Stanford's e um jovem prestável lhe vendeu o misterioso Bartholomew. Era um mapa, como é evidente. Lembrou-se agora que alguém lhe havia pedido um na biblioteca.

– Sou uma idiota – disse ao jovem amável, que respondeu:

– Não diga isso, minha senhora. – E deu-se ainda ao trabalho de desdobrar o mapa pelos vincos imaculados e de lhe indicar o percurso que ela deveria seguir. – Fica a cinco minutos daqui – garantiu. E, felizmente, estava certo.

*

Não havia nenhum cartaz com *Betty in Mayfair* no Adelphi. Em vez disso, a fachada do teatro estava coberta de cartazes a anunciar *The Green Hat*, ao lado de grandes fotografias da protagonista, Tallulah Bankhead. (Gwendolen imaginou a ira do Sr. Pollock.) Pensou em comprar um bilhete. Talvez devesse comprar dois e convidar Frobisher, embora duvidasse de que *The Green Hat* fosse do agrado dele. O que seria do agrado dele? Ópera séria ou música coral enfadonha (ela não apreciava nenhuma das duas). O homem devia possuir, por certo, alguma vivacidade de espírito. Se assim fosse, Gwendolen prometeu a si mesma que a haveria de descobrir.

O teatro estava fechado e ela acabou por conseguir encontrar a porta dos artistas na Maiden Lane. O Bartholomew não lhe servira de nada, parecia não ter qualquer interesse em cartografar as portas dos artistas de Londres.

A porta estava aberta e o porteiro visível.

– Ando à procura de uma pessoa chamada Freda Murgatroyd. Tinha aqui uma audição – disse.

Foram chamar um jovem imberbe, de rosto amarelento, que lhe lançou um olhar compassivo.

– Imagina quantas raparigas passam por esta porta?

E voltarão todas a sair?, perguntou-se Gwendolen.

– Não; na verdade, não imagino – respondeu.

– Centenas – esclareceu o jovem, indignado. – E eu não saberia dizer-lhe o nome de nenhuma.

Gwendolen desejou ter consigo uma fotografia de Freda, para ajudar a

reavivar a memória ao estranho rapaz.

– Vou perguntar à gerência – disse ele com solenidade. E desapareceu durante tanto tempo que Gwendolen pensou que se tivesse esquecido. Mas lá acabou por reaparecer e disse: – Não, ninguém conhece nenhuma rapariga chamada Freda Murgatroyd. – Acendeu um cigarro com uma certa jactância, como se tivesse orgulho em ser fumador. Gwendolen achou que não devia ser muito mais velho do que Freda. – Deseja mais alguma coisa?

Quando o jovem se voltou para se ir embora, Gwendolen perguntou:

– Ela conseguiu o papel?

Mas o rapaz limitou-se a rir (o porteiro parecia também ter achado piada) e disse:

– Que papel?

Face a tanta intransigência, retirar-se parecia a única opção, e Gwendolen dirigiu-se a um café, onde pediu uma torrada com sardinhas, que comeu enquanto estudava o seu precioso Bartholomew. Não tardaria a estar bem *au fait* com as ruas de Londres, pensou com alguma satisfação.

*

Na Henrietta Street ninguém veio à porta quando Gwendolen bateu educadamente; por isso, voltou a bater com mais força. A aldraba era o rosto de um demónio malicioso, muito pouco convidativo, pensou Gwendolen. Talvez fosse essa a ideia. Visto de fora, o edifício tinha um ar abandonado, mas o movimento de uma renda encardida numa janela do andar de cima indicou-lhe que estava alguém em casa.

Bateu novamente com mais força, mas a porta teimou em não se abrir. Havia qualquer coisa estranha naquele sítio. Gwendolen não era normalmente dada a fantasias, mas alguma coisa na casa da Henrietta Street lhe provocava arrepios. Talvez fossem necessárias umas pancadas da polícia para a porta tão pouco hospitaleira se abrir. Suspirou; mais uma vez, ir-se embora parecia o mais aconselhável. Ser detetive era frustrante. Não admirava que Frobisher suspirasse tanto.

Um quiosque de jornais na Strand estava coberto de postais, entre os quais um conjunto destacável autointitulado «Monumentos de Londres». Gwendolen deteve-se. Não eram os mesmos postais que Florence enviara aos pais? Sentiu-se estranhamente compelida a comprar um conjunto. Os postais pendurados no quiosque estavam em exposição. Quando lhos venderam, dobraram-nos e introduziram-nos num envelope de papel impermeável. Gwendolen pagou e enfiou-os na mala. Tinha de dedicar um dia a visitar os monumentos – talvez viessem a ser úteis. E ia enviar um às Sras. Tate, Rogerson e Shaw. Imaginou o entusiasmo delas quando o recebessem.

O Crystal Cup

Seria de imaginar que o Amethyst, de longe o mais famoso e lucrativo dos seus clubes, fosse o preferido de Nellie, mas na realidade não era assim. Ela nutria um afeto especial pelo Crystal Cup. Era aí que podia muitas vezes ser vista recolhida ao final da tarde, a apreciar o sossego antes de começarem as diversões noturnas.

A clientela (na maioria) exaltada do clube era constituída por muitos membros da Câmara dos Lordes, bem como por vários outros que haviam sido conselheiros reais ou ocupavam um lugar no Supremo Tribunal, o que poderia explicar por que motivo nunca lá fora feita uma rusga. A sua localização era pouco conveniente para os Colégios de Jurisconsultos e para os deputados de Westminster, o que explicava, dizia Nellie, a atração discreta que exercia sobre membros da classe dirigente, pois ninguém esperava encontrá-los ali, tão longe do seu *habitat* natural.

O Crystal Cup era o mais requintado de todos os clubes. Nellie gastara oito mil libras na decoração em tons de dourado e azul; paredes forradas de cetim, seda artificial pregueada e franzida no teto e um soalho de *parquet* de madeira de ácer em espinha de peixe, bonitos lustres de vidro, mesas com candeeiros elétricos de luz rosa; parecia uma caixinha de bombons dourada. O *catering* era da responsabilidade do Gunter's, em Berkeley Square. Era o único dos clubes de Nellie onde se servia caviar. Ela cobrava sete xelins e dois *pence* por dose e, pelos seus padrões, quase não tinha lucro. O chefe dos empregados era russo e corria o rumor de que era um Romanov de menor importância, mas Nellie nunca indagara para não ficar desiludida, caso não fosse verdade.

A licença de venda de álcool estava sempre em dia, e a proibição de venda de álcool, ainda que violada com regularidade, nunca fora investigada. As acompanhantes de dança eram de calibre superior, raparigas com educação que pouco atrás ficavam das debutantes. Custavam dois guinéus por dança, o

dobro do preço das raparigas do Amethyst.

O restaurante do Crystal Cup ficava no rés do chão, e Nellie gostava de se sentar lá a observar os últimos raios de luz do dia a infiltrarem-se pelos losangos de vidro coloridos das janelas, enquanto aspirava o aroma reconfortante de álcool e tabaco cediço. Às vezes, pedia um copo pequeno de vinho de coca Mariani, pois se era bom para um Papa, era bom para ela, ainda que tivesse renegado a religião depois de um infeliz incidente na sua juventude, muito antes de ter terminado a educação no convento.

Os narcóticos em si não tinham instilado em Nellie o temor a Deus. Com efeito, quando Niven partira para a Frente em 1916, ela introduzira-lhe na mochila um «presente de boas-vindas para os amigos» comprado na Harrods, que continha cocaína, morfina, seringas e agulhas. Ele deitara-o borda fora durante a travessia do Canal, pois duvidava de que as drogas o pudessem ajudar a sobreviver.

Contudo, era normalmente uma chávina de chá que Nellie tinha à sua frente no Crystal Cup. Se ainda lá estivesse quando as acompanhantes de dança comessem a chegar, elas imploravam-lhe que lhes lesse as cartas e ela dispunha-as em leque à sua frente em cima da mesa, como se lhes estivesse a oferecer promessas. Ou ameaças. Consoante o ponto de vista. No mundo de Nellie, tudo dependia do ponto de vista.

No piso de cima havia um apartamento, equipado com todo o conforto e decorado em tons de rosa. Ninguém lá vivia, e Nellie achava extremamente reconfortante ir até lá e deixar-se ficar sentada naquele ambiente intocado. Era talvez o único recanto imaculado da sua vida.

O chefe do bar, um espanhol tranquilo, que limpava os copos com diligência, disse:

– Seja bem-vinda de volta, senhora Coker. Vai desejar alguma coisa?

Para sua surpresa, Nellie respondeu:

– Um *whisky*. De malte. Dos bons, claro. Simples.

Ele verteu num copo um Macallan generoso e serviu-o com grande cortesia. Devia estar a comemorar a libertação, pensou ele.

– Ela está bem? – perguntou o gerente, um homem chamado Templeton. Tinha chegado em silêncio, e os dois observavam discretamente Nellie.

– Está a beber *whisky*.

– O que quer isso dizer?

– Não faço ideia.

Templeton tinha os dias contados no Crystal Cup. Edith dissera a Nellie que suspeitavam de que ele andava a meter a mão na caixa.

Nellie bebeu um trago com cautela. Há muito tempo que não bebia *whisky* e não sabia bem que recordações lhe iriam surgir ao consumi-lo de novo. Apenas uma, ténue e esbatida, da noite do seu casamento, quando lhe tinham explicado o significado da palavra «conjugação», que ela julgava aplicar-se apenas aos verbos de latim.

O Crystal Cup estava normalmente deserto àquela hora, daí o encanto

que tinha para Nellie; mas quando olhou para cima, viu que estava uma pessoa sentada a uma das mesas, junto da parede do fundo.

Era Maud, claro, quem haveria de ser? Estava a pingar água em cima do bonito soalho de madeira de ácer em espinha de peixe. Nellie teve de se conter para não pedir que trouxessem uma esfregona; aquele soalho custara uma fortuna.

Maud tinha um copo de absinto na mão e ergueu-o para fazer um brinde. Nellie levantou o seu numa saudação silenciosa.

– Realmente... nem parece ela – murmurou Templeton ao *barman* enquanto a observavam a brindar no vazio.

*

Quando a banda começou a chegar e a instalar os instrumentos, e as acompanhantes de dança começaram a arranjar-se no vestiário, Nellie levantou-se da mesa e fez sinal para que lhe levassem o casaco. Templeton apressou-se a ir buscá-lo.

– Seja bem-vinda de volta, senhora Coker – disse ele, enquanto a ajudava a vestir o casaco curto. A prisão parecia tê-la feito encolher, reparou.

Reparou também que ela utilizava agora uma bengala, cujo castão era uma bonita cabeça de raposa em prata. Não parecia ser indicativo de fraqueza, pois mais do que usá-la como apoio, Nellie brandia-a como se fosse o bastão de um tambor. Templeton recebeu por instantes levar com aquilo na cabeça.

– Vai para o Amethyst? – perguntou, mais para fazer conversa do que por curiosidade.

– Para onde é que havia de ir? – respondeu ela. Parecia uma pergunta genuína.

O gerente ficou sem ideia do que responder.

*

O Amethyst ainda estava tranquilo quando o Bentley de Nellie parou à porta. Hawker ajudou-a a sair. Aquela bengala nova mais parecia um adereço de teatro, pensou ele.

Em vez de entrar imediatamente no clube, Nellie deu uma volta ao longo da rua, como um animal a marcar o seu território. O Amethyst estava rodeado por diversos estabelecimentos – restaurantes, cafés e toda a espécie de lojas, desde um fornecedor de artigos marítimos a uma cutelaria, um barbeiro, um sapateiro, um importador de chá e outros que tais. Vários proprietários saíram para a cumprimentar. Era uma figura pública. Trazia notoriedade à rua. Eles gostavam disso.

Nellie deteve-se por momentos à porta do Amethyst. Este estava camuflado por uma parede de tijolos incrustados de fuligem e de tinta a pelar. As janelas do rés do chão tinham as cortinas corridas e a fachada não deixava adivinhar o vasto espaço interior. O edifício fora em tempos ocupado por uma

família huguenote, não os fabricantes de seda que se instalaram em Spitalfields, mas os que trabalhavam com metais preciosos e que haviam feito do Soho o seu refúgio. A oficina deles ficava no último andar, onde havia mais luz, e quando Nellie se mudara para lá, encontrara uma pepita de ouro minúscula, entalada entre duas largas tábuas de soalho de carvalho. Parecera-lhe um bom presságio. A promessa de um tesouro maior. Nellie guardava-a numa bolsa de seda que se fechava com um cordão, juntamente com outros amuletos adquiridos ao longo dos anos; o dente de um gato-bravo escocês, um pedaço de cristal de rocha, uma pata de lebre e uma madeixa de cabelo cortada do cadáver de um enforcado, embora ela tivesse sido a primeira a reconhecer que não havia provas de ele ter sido enforcado e menos ainda de que estivesse morto quando o cabelo lhe fora removido da cabeça. Se Nellie possuísse uma alma – e ainda não havia provas disso –, então era pagã.

A bolsa estava guardada debaixo do colchão da pequena cama de metal no seu quarto em Hanover Terrace. Sentira a falta dela em Holloway. Ao procurá-la, na primeira noite em que voltara a deitar-se na sua cama, constataria, perturbada, que a bolsa já não se encontrava lá.

*

Para se entrar no Amethyst era preciso primeiro passar por dois obeliscos de granito que eram os porteiros, dois antigos lutadores de rua que se orgulhavam de ser os cães de guarda de Nellie.

– Rapazes – disse ela, cumprimentando-os com um aceno de cabeça.

Os homens quase não moveram o rosto impassível para retribuir o cumprimento, ainda que tenham experimentado um sentimento de solidariedade. Ambos tinham estado presos em várias ocasiões. Nellie era agora sua igual.

No fundo das escadas, Linwood cumprimentou-a de forma muito efusiva.

– Senhora Coker, que prazer voltar a vê-la! – exclamou.

Nellie lançou-lhe um olhar que o deixou inquieto. Linwood não fora um dos que na manhã anterior ficara no clube para a receber. A ausência havia sido registada por Edith e por Nellie numa troca muda de movimentos de sobancelhas. Infelizmente, ele era o guardião de vários segredos, quer de Nellie, quer dos clientes do clube. Isso proporcionava-lhe uma certa segurança. Quanto mais não fosse, de momento. Linwood reparou na bengala. Tinha um ar ameaçador.

Afastou a cortina de bombazina preta e fez uma vénia como se estivesse perante um membro menor da realeza.

– Bem-vinda a casa, senhora Coker.

Esta é *realmente* a minha casa, pensou Nellie, perdoando a Linwood a subserviência. A casa de Hanover Terrace era onde ela vivia, mas o Amethyst era onde existia em toda a sua glória.

– Faz o favor – disse a Maud, com um gesto magnânimo. – Tenta não

molhar tudo.

O Saque do Egito

Estava uma noite agradável, ainda que um pouco fria, e os últimos minutos do pôr do sol de primavera beijavam a pedra de Portland que revestia os edifícios da capital. «Acariciavam» seria melhor? Ramsay rejeitou a última hipótese por lhe parecer demasiado romântica, tal como «beijavam». «Reluziam»? Não, os tachos e as panelas é que reluziam – nas casas como deve ser, pelo menos. Quando finalmente encontrou uma palavra do seu agrado («varriam»), já o Sol se pusera há muito. Ramsay parecia perfeitamente capaz de escrever na sua cabeça, mas não no papel. Devia começar a andar com um caderno para registar aqueles momentos. (Porque não andava já?) Ia ter de incluir aquela imagem no seu romance.

Gostava de se ver como um *flâneur*. Como Baudelaire. Talvez pudesse tornar-se um *poète maudit* e afogar-se em decadência e absinto. Mas não era poesia que queria escrever. A poesia não trazia dinheiro, era a terra árida da literatura. Sim, lera *A Terra Devastada* e não tinha percebido por que razão suscitara tanto alvoroço. Achara a obra pretensiosa, uma manta de retalhos de citações e de fragmentos de história.

Duas mulheres passaram por ele a rir e agarradas uma à outra como se tudo fosse uma grande piada. Estavam vestidas em vários tons de verde dos pés à cabeça, incluindo os obrigatórios chapéus verdes. Tudo era verde. Porque se tornara essa cor tão popular? Não acreditava que tivesse algo que ver com *The Green Hat* de Michael Arlen. Talvez fosse por causa do absinto; Ramsay adorava absinto. *La fée verte*. A fada verde. Ou seria a cor da esperança? A erva regeneradora a crescer de novo sobre a lama e os mortos dos campos da Flandres. Era uma boa imagem. *A Erva Regeneradora*. Teria sido um bom título, se não tivesse já encontrado um. Mas não parecia o título de um romance policial, era demasiado à Zola. Ramsay lera com muita dificuldade traduções de Zola no sanatório da Suíça.

Em Soho Square, um pequeno grupo de homens – operários, pensou,

entusiasmado com a ideia – fazia uma espécie de manifestação. Corriam muitos rumores de uma greve geral, e Ramsay divertiu-se a imaginar-se numas barricadas na Oxford Street. Guardava ainda boas recordações dos bolcheviques na Great Percy Street. Talvez o seu próximo romance pudesse ser sobre operários.

Os que se encontravam à sua frente tinham um aspeto duro e pareciam ser do Norte; de vez em quando, o coro esfarrapado entoava o conhecido lema «Nem mais um minuto do dia, nem menos um *penny* de salário!» Mineiros, pensou Ramsay. Mas o que faziam mineiros no Soho? Não lhes servia de muito levar até ali os seus protestos, não seria melhor fazê-los em Westminster? Será que precisavam de que alguém lhes indicasse a direção? Se fosse falar com eles, talvez lhe pudessem fornecer pormenores autênticos para o romance sobre trabalhadores. *Homens do Carvão*; o título agradava-lhe. Tinha um ar nobre.

Ramsay aproximou-se com uma expressão franca e generosa, mas sem saber como se lhes dirigir. (Homens? Camaradas?) Antes de ter tempo de decidir, um deles virou para ele um rosto cansado e encardido e disse:

– E se te fosses foder, riqueza de merda?

Ramsay afastou-se discretamente de rabo entre as pernas. Lá se iam os trabalhadores.

*

Chegou ao Sphinx ainda a lamber as feridas. Lá dentro, foi recebido pela grande figura em gesso da reprodução de Paris da máscara de Tutankhamon que coroava a entrada interior. Não estariam a abrir as portas à maldição, ao ter aquilo ali pendurado? Passou, desconfortável, sob o olhar cego do menino-rei e entrou no corredor longo e estreito que descia para a cave. Nellie consultara um egiptólogo do Museu Ashmolean (a sua teia de contactos era ampla e densa) e o corredor pretendia reproduzir o túnel de entrada de um túmulo faraónico, embora Ramsay achasse que dava mais a sensação de se estar a entrar numa mina. Não que tivesse alguma vez estado numa pirâmide ou numa mina, mas lera coisas acerca de ambas. Não se sentia confortável com os mortos egípcios; quando era mais novo, visitara o British Museum e a galeria cheia de múmias. Nas semanas que se haviam seguido, tivera um pesadelo em que ficava trancado na sala à noite e as múmias voltavam à vida. Os mortos deviam ser enterrados, não expostos em museus.

Sentia sempre um calafrio ao atravessar aquele corredor do Sphinx, como se estivesse a caminho de uma vida embalsamada no Além, e ficava aliviado quando chegava ao fim, à (relativa) segurança do interior fulgurante do clube. Nada era completamente seguro, claro, muito menos o Sphinx.

À exceção de Niven, cada um dos Coker era oficialmente responsável por um dos clubes noturnos de Nellie, e Ramsay, ao regressar do estrangeiro, fora brindado com o Sphinx, o mais questionável de todos. Nellie dissera que iria ser a salvação da sua vida, mas Ramsay achara que poderia antes vir a

revelar-se a sua ruína.

Como o nome sugeria, o clube inspirara-se na egiptomania que assaltara Londres depois das descobertas de Carter e Carnarvon no Nilo, quatro anos antes. Fora decorado com imitações dos tesouros do Egito – pinturas murais, hieróglifos, candeeiros orientais e outras coisas do género –, bem como com alguns artefactos autênticos que Niven arranjara para Nellie através de uma pessoa que conhecia e que estivera na Força Expedicionária do Egito e conseguira trazer vários baús de artigos pilhados.

Nellie tivera a ideia de arranjar um sarcófago para o Sphinx, de preferência ainda com o ocupante no seu interior; Dalton, o proprietário do Morgue Club em Ham Yard, tinha caixões a fazer de mesas. Mas tinham-na dissuadido da ideia macabra, sobretudo porque havia escassez desses objetos raros e nem Niven conseguira encontrar uma múmia do Antigo Egito no West End. Uma pena, dissera Nellie. Sabia que os clientes habituais do Sphinx teriam ficado impávidos (e talvez até encantados) ao beber os seus *cocktails* Rum Daisy e Queen of the Night na companhia dos mortos. Era esse o género de clientela do clube.

O melhor que se arranjava fora um gato mumificado, comprado por um xelim no Museum Tavern à frente do British Museum, a um homem que era lá porteiro e que disse haver na cave uma arrecadação «cheia dessas porcarias». Outra imagem de pesadelo que impedia Ramsay de dormir.

*

Ramsay chegou cedo, ainda só lá estava Gerrit, o chefe do bar. O gerente do Sphinx, um homem de Glasgow que se fartava de arranjar discussões sem necessidade, só chegaria dentro de meia hora, seguido pouco depois pelo resto do pessoal.

Gerrit era um pugilista holandês a quem Nellie obrigava a usar um fez quando trabalhava atrás do bar, uma peça que ficava muito cómica a coroar o seu rosto grande e inexpressivo, mas Ramsay seria incapaz de fazer aquela observação em voz alta, pois Gerrit deixava-o nervoso. Era um homem grande, com tatuagens de marinheiro nos braços; fora em tempos da marinha mercante, mas agora afirmava ser um artista forçado a submeter-se ao capitalismo (termo com que parecia referir-se a Nellie) a fim de subsistir. Parecia uma escolha estranha da parte de Nellie, embora o Sphinx fosse o mais desregrado dos seus clubes. Ainda assim, Ramsay perguntava-se porque não teria ela contratado alguém com um aspeto mais bizantino ou até mesmo um verdadeiro egípcio. No *buffet* que era Londres, todas as nacionalidades estavam à disposição da sua mãe.

Gerrit estava atrás do bar, sem o fez, a polir o balcão – de cobre com pequenos losangos de lápis-lazúli embutidos, com que até Cleópatra, com o seu gosto caprichoso, teria ficado satisfeita. Talvez tivesse gostado menos do gato-múmia, que começara a desenvolver uma espécie de bolor. Tinha olhos pintados que pareciam fixar as pessoas, qualquer que fosse o lugar da sala

onde se encontrassem.

– É para dar ambiente – disse Gerrit quando viu as narinas de Ramsay a pulsar com o cheiro enjoativo do clube. – Foi a sua mãe – acrescentou, à laia de justificação. Ramsay lembrou-se vagamente de uma conversa em que Nellie manifestara o desejo de ter «aromas de Alhambra» no clube, fosse lá isso o que fosse. Alhambra não tinha nada que ver com o Antigo Egito, apontara ele, mas a mãe dissera que tudo a leste de Dover era o estrangeiro para a maioria das pessoas.

– Temos de pactuar com a ignorância – disse ela.

O incenso deixava o Sphinx a cheirar a...

– Quarto de puta? – sugeriu Gerrit.

– Desconheço o que isso é – retorquiu Ramsay, empertigado.

– Pois claro – retorquiu Gerrit. Parecia estar sempre a olhar com malícia para Ramsay, mas talvez fosse do sotaque ou da forma como tinha as feições dispostas no rosto grande e pálido.

Gerrit era comunista, mas Nellie mantinha-o amordaçado durante o trabalho, pois não admitia discussões políticas no seu clube, menos ainda sobre política russa, porque não queria uma bandeira vermelha a flutuar sobre a grenadina e o *gin*, ainda que a clientela que povoava normalmente o Sphinx fumasse cigarrilhas coloridas russas e nutrisse uma antipatia enfastiada pela política.

As mulheres sentiam-se atraídas por Gerrit, como parece sempre acontecer em relação a homens brutos. Mas Gerrit não lhes correspondia, reparara Ramsay. Mulheres, dizia ele num tom desdenhoso, para que servem? Para lavar a roupa e foder. Ramsay perguntou-se se Gerrit já teria realmente *conhecido* Nellie. A mãe não parecia dotada para nenhuma dessas atividades, mas Nellie não era realmente uma mulher, era mais um elemento, como o aço. Ou uma metonímia; como o Rei estava para a Coroa, assim estava Nellie para o império Coker.

Aos ouvidos de Ramsay, o sotaque rouco de Gerrit soava como se estivesse a falar com uma esponja na boca. Fazia com que «foder» parecesse uma atividade ainda mais degradante do que era.

– Desejas alguma coisa, Ramsay? – perguntou Gerrit, olhando para ele com os olhos de pálpebras caídas. Tratava-o sempre por Ramsay, não por Sr. Coker. Ramsay suspeitava de que aos olhos de Gerrit isso o definia mais como um rapaz do que como um homem.

Ramsay não respondeu, mas Gerrit saiu de trás do balcão, um movimento langoroso para um homem daquele tamanho, e foi até ao fundo do clube, onde uma cortina de veludo vermelho ocultava uma passagem abobadada. Um pequeno letreiro indicava «Privado», e Gerrit abriu caminho por entre as pesadas pregas da cortina. Não tinha de olhar para trás para saber que Ramsay seguia as suas grandes nádegas bamboleantes como um cordeirinho.

Os clientes do Sphinx que se sentiam tentados a espreitar para trás da

cortina de veludo vermelho por onde Gerrit e Ramsay haviam acabado de desaparecer poderiam ter imaginado que lá se encontrava algum recanto tentador, um harém ou até a câmara interior de uma pirâmide. Com efeito, as antecâmaras do túmulo de Tutankhamon, com os seus montes de artigos fúnebres empilhados de forma periclitante – Ramsay vira as fotografias – não eram muito diferentes da divisão do fundo do Sphinx, a não ser no facto de ali os objetos acumulados não serem sofás forrados a ouro, leques e restos de carros reais em decomposição, mas antes caixas de cerveja de madeira, caixotes e todo o género de artigos de limpeza, esfregonas, baldes, sabões e detergentes, bem como a provisão de chá e de açúcar para o pessoal. No clube não se servia comida aos clientes; estes consumiam quantidades tão grandes de álcool e de droga que não sentiam o mínimo apetite.

Ramsay sentou-se numa caixa de madeira virada ao contrário com «Louis Roederer» impresso num dos lados e pendurou com negligência o casaco no cabo de uma esfregona. Enrolou uma manga da camisa para permitir à seringa de prata de Gerrit um acesso fácil à veia.

– Descontraí-te, Ramsay – disse Gerrit quando a agulha lhe perfurou a pele.

Ramsay sentia-se sempre vulnerável naquele momento, mas Gerrit tratava-o com delicadeza, como se fosse um doente, segurando a agulha com cuidado enquanto atravessava a pele.

– É só uma picadinha – disse, muito divertido consigo mesmo. Mesmo assim, Ramsay teve um sobressalto, e Gerrit disse: – Pareces uma menina, Ramsay.

Estava tão perto que Ramsay lhe conseguia cheirar o hálito dos lábios húmidos – cebola e peixe – e ouvir-lhe o tremor da respiração nas narinas. Aquela proximidade incomodava-o e excitava-o ao mesmo tempo. Nunca percebera bem quais eram as intenções de Gerrit para com ele.

Fechou os olhos e imaginou que estava numa casa de ópio exótica algures; não em Limehouse, já lá tinha estado e ficara apavorado. Em Singapura, talvez. Ou em Xangai. Ansiava por viajar e ter aventuras. O romantismo do Oriente e do Levante, Bagdade, Marraquexe, Beirute, Alepo. Cairo! Não a miscelânea de fraca categoria do Sphinx, mas a cidade autêntica, repleta de cores e de ruídos atroadores.

Onde viveria Gerrit?, perguntou-se Ramsay. Imaginou um local sórdido, umas águas-furtadas com a roupa interior dele a secar num estendal à volta de um fogão a gás, enquanto um bule de café acre fervia ao lume. Na divisão havia também um cavalete com uma feia pintura cubista por acabar. Por mais que tentasse, a arte abstrata não dizia nada a Ramsay, mas se lhe perguntassem, mostrava para com ela um grande entusiasmo e conseguia passar horas a falar da «verdade necessária do ser». A sua falta de gosto artístico era uma coisa que guardava para si. Gostava de ser visto pelo mundo como uma pessoa *au courant*.

No quarto de Gerrit devia também haver pilhas de lençóis amarrotados e

sujeitos de uma cama desfeita, quiçá com a amante da noite anterior ainda enrolada neles – uma mulher. Ou talvez um homem. Ramsay começou a sentir palpitações.

– Pronto, rapaz – disse Gerrit de súbito, com a energia de uma enfermeira que tivesse terminado a sua tarefa e tivesse perdido todo e qualquer interesse nela. Quando Ramsay conseguiu separar novamente as pálpebras, Gerrit tinha desaparecido para o mundo do outro lado da cortina de veludo vermelho.

Levantou-se com demasiada rapidez; teve de se deixar cair novamente sobre a caixa enquanto esperava que o espaço parasse de andar à roda.

Sabia que Gerrit comprava as drogas num restaurante chinês da Regent Street, mas quando lá fora tentar comprá-las ele mesmo, os empregados limitaram-se a esboçar um sorriso sereno, como se fossem surdos, e serviram-lhe *chop suey* de porco e pato à Pequim com qualquer coisa gelatinosa que Ramsay não tinha a certeza de ser comestível. Sentira-se obrigado a comer tudo e tivera esperança de que ao chegar a conta, esta incluísse pelo menos um pequeno pacote de papel com droga; mas não, continha apenas um valor elevado e uma dor de estômago.

– Aquele sítio não é para ti, Ramsay – dissera Gerrit depois, como se ele fosse uma criança.

Antes de Gerrit, antes do túmulo de Tutankhamon ter sido aberto, antes mesmo de os pulmões de Ramsay o terem exilado para a Suíça, quando ainda andava na escola, costumava visitar madame Nicolaides no seu café numa cave da Bateman Street, onde ela oferecia injeções de cocaína a dez xelins a dose. Por outros dois xelins, ensinava as pessoas a injetarem-se, mas Ramsay era demasiado medroso para manusear ele próprio a agulha. Mais tarde, madame Nicolaides mudara-se para o outro lado do parque que havia à frente de Hanover Terrace e retomara o seu negócio a partir de casa. Eram sobretudo raparigas de boas famílias que entravam e saíam discretamente na sua sala de estar na Regent's Park Road.

Ramsay preferia a segurança da sala de estar de madame Nicolaides, com os seus tapetes, candeeiros e sofás fundos, àquela arrecadação do Sphinx. Eram como fazer uma visita a uma velha tia mal-humorada. Uma vez, ela servira-lhe chá e bolo, uma coisa chamada *bougatsa*, que na realidade era um pastel de nata com um nome estrangeiro.

Ramsay permaneceu sentado com os olhos fechados e a cabeça entre as mãos, à espera de que o ritmo cardíaco abrandasse. Quando voltou a abrir os olhos, viu qualquer coisa que lhe pareceu o salto de um sapato, entalado entre duas caixas de cerveja. Levantou-se devagar e deslocou uma delas. Era *mesmo* um sapato, o género de sandália prateada que a maioria das acompanhantes usava. O que estivera uma das raparigas a fazer ali que tivesse resultado na perda de um sapato? Não conseguiu deixar de imaginar Gerrit a empurrar com o corpo maciço uma das delicadas raparigas contra uma parede de caixas de cerveja.

Ramsay saiu da arrecadação com o sapato na mão, à procura da sua dona, e deu com a banda já a instalar-se e a afinar os instrumentos e as acompanhantes a começarem a entrar, tagarelando a toda a velocidade, com os lábios vermelhos ainda frescos, o pó de arroz ainda não acumulado nas rugas cansadas do rosto. Pareciam botões de flor, que ao final da noite estariam murchos e sem cor. (Excelente imagem, pensou Ramsay. O mais provável era esquecer-se dela.)

– Boa noite, senhor Coker... Boa noite, senhor Coker... – chilreavam elas.

Ramsay murmurou uma resposta qualquer. Ergueu o sapato e uma delas disse:

– Vejam, é o príncipe encantado!

– Pensei que uma de vocês o tivesse perdido – disse ele, mas nenhuma o reclamou.

O gerente de Glasgow apareceu do nada e disse:

– Deseja mais alguma coisa, senhor Coker? Está tudo pronto aqui.

Estavam ansiosos por se livrar dele. *E se te fosses foder, ricaço de merda?* A frase ainda lhe ecoava dolorosamente na cabeça.

Uma palmada no ombro indicou-lhe que Gerrit, com o fez na cabeça, estava pronto para as festividades da noite.

– Bebe isto, rapaz – disse, dando-lhe um copo de água. – E dá cá isso – acrescentou, tirando-lhe o sapato que ainda tinha na mão.

O Pinoli's

Edith, que ainda não se sentia totalmente recuperada, fora encontrar-se com o amante. Eram provavelmente o par menos romântico que jamais havia ocupado uma mesa no restaurante Pinoli's, na Wardour Street.

Era ainda cedo, mas o Pinoli's fervilhava como de costume. Seria de esperar que ele preferisse sítios mais discretos, mas gostava de espaços agitados e cheios de gente. Era descarado a esse ponto. Edith achava que isso seria, um dia, a sua desgraça. Mas não eram com frequência os descarados que sobreviviam e os dóceis que se afundavam? Edith não era dócil, mas corria o risco de se afundar.

– Mudaste de penteado – disse ele. Seria um elogio? Vinda dele, a lisonja nunca era direta. Edith raramente era elogiada por membros do sexo oposto. «A Betty e a Shirley têm a beleza, tu tens a inteligência», dissera Nellie. Nisso saís a mim. Devas estar feliz.» Betty e Shirley tinham tido bolsas para Cambridge, recordara Edith à mãe. «E vê só como voltaram estúpidas», respondera Nellie.

Ao sentar-se com ele à mesa, Edith informou que estava com o apetite «muito em baixo». Ele estava naquele momento a atirar-se à *table d'hôte* de três xelins. Tinha despachado uma travessa de *filets de hareng à la meunière* enquanto Edith bebera golinhos de sopa, um *crème chasseur* que só lhe aumentara a vontade de vomitar. Olhou com aversão para os arenques; todas aquelas espinhas minúsculas prestes a espetarem-se numa pessoa! Em criança, quando ainda viviam em Edimburgo, engasgara-se com uma espinha. Não fazia ideia de que peixe tinha sido, mas um arenque parecia-lhe um forte suspeito. Nellie virara-a de pernas para o ar e abanara-a como um mealheiro. Em vão. A espinha acabou por ser retirada por uma enfermeira no Hospital das Crianças. Edith tinha mais presentes as sacudidelas do que a espinha. O amante avançara para a sobremesa e estava a dar cabo de uma *bombe pralinée*.

– O que se passa contigo?

– Acho que deve ser um vírus qualquer no estômago – respondeu Edith, tentando falar num tom ligeiro, embora tivesse o estômago às voltas com o cheiro persistente do arenque. Nunca lhe contaria a verdade. Resolveria o problema sem ele sequer dar por isso. Caso contrário, nunca mais se livraria dele.

– Achas que sou atraente? – perguntou ela, depois de uma pausa em que o observou a aviar a *bombe*. Comia com uma falta de elegância surpreendente. Ultimamente, ela só lhe via defeitos. Achou que era assim que o amor morria, mas seria «amor» a palavra certa para o que eles tinham partilhado? A pergunta não fora feita com o sorriso afetado que algumas mulheres adotariam. Edith nunca na vida fora afetada. Era mais uma questão de simples curiosidade. Sabia o valor que tinha para ele, não era uma pergunta feita por vaidade.

– Se acho que és atraente? – repetiu ele. Ficou a refletir demasiado tempo. (Responde simplesmente que sim, pensou ela com irritação.) – Diria mais que és bonita.

Resposta errada, pensou ela com amargura. «A beleza vem de dentro», costumava dizer-lhe a mãe. Nellie estava sempre a debitar frases ocas.

– Tenho de ir – disse Edith abruptamente.

– Também eu – retorquiu ele, pelo que se poderia concluir que tinha uma família em casa. Embora fosse verdade, costumava passar as noites à procura de coisas bastante nefandas. Era católico, nunca deixaria a mulher. Edith sentia nisso um certo consolo.

– Bem, espero ver-te em breve – disse ela quando ele pediu a conta.

– Também eu.

Ultimamente andava a tentar manter as distâncias. Ele achava piada. Edith perguntou-se se aquela seria a última vez que o via. Mesmo que acabasse a relação, receava que ele continuasse a persegui-la. Sabia que ele não podia dar-se ao luxo de deixá-la ir, ela sabia de mais.

Tinha havido uma altura, não muito distante, em que Edith estivera dominada por ele. Era bem-parecido, complicado e desonesto, três adjetivos que o haviam tornado interessante aos seus olhos, sobretudo em comparação com os palhaços libertinos que povoavam a sua vida profissional. Até os mais inteligentes pareciam sucumbir à idiotice, assim que punham os pés num clube noturno. Agora, contudo, Edith percebia que «interessante» era a última coisa que se devia procurar num amante. Ele tinha muito poder, mais do que ela, mas ainda assim ela era forte. Devo manter-me firme, pensou. Se tivessem de entrar em confronto, a vitória não iria ser fácil para ele.

– Devias ir para casa – disse ele. – Hoje não pareces bem.

– A quem o dizes – respondeu. Tinha um plano. (Afinal, era filha da sua mãe.) Estava na altura de o pôr em prática.

Edith saiu apressadamente do Pinoli's e mandou parar um táxi enquanto ele estava ainda no restaurante a pagar a conta. Não queria que soubesse para onde ia. Para casa é que não era de certeza.

– Para a Bedford Street – indicou ao taxista, sem querer revelar o seu destino final.

Apeou-se na Bedford Street, pagou o táxi e fez a pé o resto do caminho.

Pelo que conseguira perceber quando tentara informar-se, a coisa fazia-se com rapidez. Com sorte, estaria tudo terminado a tempo de regressar a Hanover Terrace para jantar.

Percorreu a Henrietta Street, olhando para as portas, à procura do número quatro. A porta não tinha número, mas a casa era ladeada pelos números dois e seis, pelo que presumiu que fosse aquela. A porta tinha uma aldraba de ferro feia, com a imagem de um demónio ou mesmo do diabo em pessoa. Muito apropriado, pensou quando a levantou e bateu com firmeza. A porta abriu-se de rompante para um espaço aparentemente vazio, e Edith disse:

– Senhora Darling?

Como resposta surgiu um braço ossudo, que a agarrou pelo pulso e a puxou para dentro.

Um Rapto, uma Rusga e um Pequeno Incêndio

Kitty fora abandonada como de costume, o que a deixava livre para deambular pelos quartos das irmãs em Hanover Terrace. Quando Nellie estivera na prisão, Kitty investigara várias vezes o quarto dela minuciosamente, mas, para sua desilusão, a única coisa que encontrara fora uma bolsinha esfarrapada debaixo do colchão da cama da mãe. Continha um dente, uma madeixa de cabelo, uma pata de animal velha e bolorenta e outras coisas sem importância. Kitty sabia reconhecer objetos de bruxaria quando os via. Atirara a bolsa para o canal, não fosse ser utilizada contra si, e fingiu não saber de nada quando mais tarde Nellie lhe perguntou por ela.

Tirou uma pele de raposa do roupeiro de Betty e enrolou-a à volta do pescoço, e em seguida pintou os lábios com o batom Molinard vermelho-sangue de Shirley. No quarto de Edith, levou «emprestados» dois xelins de uma caixinha feita de espinhos de ouriço que a irmã tinha sobre o toucador. Kitty raramente era convidada a entrar naquele quarto, por isso tinha tanto interesse em investigar as coisas de Edith. Havia um frasco de Shalimar em cima do toucador. Kitty deu umas borrifadelas nos pulsos, intrigada. A irmã não costumava usar perfume.

Apoiado contra o espelho estava um envelope com «Edith» escrito. Já havia sido aberto, o que lhe facilitava a vida, ainda que, muito provavelmente, o tivesse aberto com vapor de qualquer maneira. Tinha a data daquele dia e estava escrito com uma letra masculina e firme: *Querida Edith, este bilhete é só para confirmar que te conseguirei ver esta noite. No Pinoli's às sete. Cumprimentos, A. Um beijo.* Não apenas «A» e mais nada, mas seguido de «um beijo»! Sem o beijo, poderia ser um bilhete do fornecedor de cerveja, mas o beijo dava-lhe contornos diferentes. Por muito estranho que parecesse, Edith tinha um admirador.

Kitty teve de se arranjar sozinha para ir até ao Amethyst, pois ninguém parecia ter tratado de chamar um táxi. Nem tão-pouco lhe haviam deixado

dinheiro, de modo que levar os dois xelins de Edith lhe pareceu bastante justificado. Saiu de casa e, com as moedas apertadas na mão, estava à espera na rua, na esperança vã de que algum táxi aparecesse – nunca passava nenhum pelo Outer Circle –, quando um carro parou junto ao passeio.

O condutor inclinou-se para o lugar do passageiro e baixou o vidro da janela. Abriu a porta do passageiro e sorriu-lhe. Parecia estrangeiro, uma versão mais imponente de Valentino.

– Viva, menina – disse.

– Olá – respondeu Kitty educadamente.

– Entre, dou-lhe boleia. Levo-a a dar uma volta, se quiser. O que me diz?

*

Shirley e Betty tinham o hábito de ir juntas para o Foxhole e para o Pixie. Faziam quase tudo juntas – tinham nascido no mesmo ano, com menos de doze meses de diferença, e embora fossem bastante diferentes, tinham muito em comum; ambas preferiam o estilo ao conteúdo. («O conteúdo», dizia Shirley, «levava ao campo de batalha; o estilo raramente o fazia». «Com um olhar assassino, talvez», acrescentou Betty, satisfeita consigo mesma. Achavam-se muito espirituosas.)

Nellie fizera questão de as educar quase até à exaustão. Depois dos dispendiosos colégios privados, tinham ido juntas para Cambridge, depois de deixarem um rasto de destruição no Girton College. Os pequenos carros desportivos, as roupas de alta-costura e os penteados haviam-nas tornado famosas. Shirley conseguira lançar sozinha a moda do corte de cabelo à *garçonne*, que todas as raparigas do seu ano tinham copiado, com diversos níveis de fracasso. As colegas imploravam-lhes que as deixassem fazer-lhes favores, recados, sentar-se aos pés delas à frente da lareira e torrar-lhes pãozinhos espetados em garfos de metal. E isso eram as raparigas. Os jovens dos colégios masculinos ameaçavam suicidar-se, ofereciam-se para trabalhos hercúleos e escreviam-lhes poemas. («Coisas sinistras», dizia Betty.)

Embora tivessem gostado de Girton, deixaram a escola sem olhar uma única vez para trás. Orfeu podia tê-las enviado para resgatar Eurídice do Hades.

Edith era demasiado útil a Nellie para se poder casar, e Kitty fora já abandonada à sua sorte, de modo que a realização das ambições de Nellie de ingressar nas esferas mais altas da sociedade inglesa recaía sobre Betty e Shirley. A mãe não descansaria enquanto elas não se casassem com alguém que tivesse ascendido ao mais alto grau da escala de nobreza do guia Debrett. Já em relação aos filhos, ficaria aliviada se se casassem simplesmente. Sobretudo Ramsay.

Shirley era vista com frequência na companhia do segundo filho de um duque, um jovem chamado Rollo, que Nellie andara a cortejar de forma assídua a favor da filha. Em vão. Shirley dissera que gostava de Rollo, mas que conhecia homens mais másculos no corpo de baile do Palace. Resistia às

ambições matrimoniais da mãe. Queria ser «alguém». («Mas já és», dizia Nellie.)

O atual admirador de Betty, o do canivete de prata, não constava do guia Debrett. Era um milionário dos caminhos de ferro canadianos, o que lhe dava uma certa credibilidade aos olhos de Nellie. Mas talvez não a suficiente. Para ela, dinheiro sem título era quase tão mau como título sem dinheiro. Para sua grande frustração, a guerra havia cortado as linhagens da aristocracia. Os filhos, sacrificados em nome de um bem maior, já não estavam disponíveis para casar com Shirley e Betty, e a sua riqueza fora sugada pela manutenção das casas.

*

O Foxhole, na Wardour Street, era o clube preferido de Betty. Era um sítio animado, com um balcão corrido, uma banda jamaicana e um pavimento de vidro, por baixo do qual havia luzes que mudavam de cor constantemente. Depois da meia-noite, o local tornava-se delirante. A clientela era uma mistura de homens boémios, de mulheres pouco respeitáveis e de pessoas de todas as cores e credos, numa caldeirada harmoniosa, como Babel antes da torre. Dançarinos de musicais, ainda com a maquilhagem de cena, vinham com frequência diretos dos seus números bisados e despejavam *brandy* Fancies garganta abaixo como se estivessem mortos de sede.

Betty era popular entre aquela gente. Em algumas noites, conseguia passar todos os minutos, da abertura até ao encerramento, na pista de dança caleidoscópica. Tanto Betty como Shirley dançavam muito bem, com uma agilidade quase de profissionais, ao contrário de Edith, que era um pé de chumbo. («Dois pés de chumbo», dizia Betty.) Tinham falado em montar uma academia de dança num dos clubes, onde os membros pagariam uma quota extra para aprender as danças mais recentes ou recordar as antigas. Nellie andava a ruminar a ideia. As filhas duvidavam de que alguma vez a digerisse.

Nellie raramente ia ao Foxhole. O clube fazia-a sentir-se velha. Sentia-se mais confortável no Pixie, onde ia de vez em quando e que ficava ao virar da esquina do Foxhole. O Pixie era uma pequena pérola com aspirações de sofisticação. Dançar era o mais importante, as acompanhantes eram todas recrutadas nas melhores escolas de dança, algumas até mesmo nos palcos; o clube tinha uma banda composta exclusivamente por mulheres, bem como uma gerente que usava vestidos de noite masculinos, desenhados à medida para o seu corpo esplêndido. Não era que os homens fossem indesejados, mas as mulheres faziam com frequência par umas com as outras – coisa que não era invulgar no resto do mundo, depois de a guerra ter roubado tantos homens às pistas de dança e nunca os ter devolvido.

Betty e Shirley sabiam que havia clubes, talvez mais discretos, onde as mulheres iam de propósito para esse género de coisa (não viam mal nenhum nisso; na opinião delas, as mulheres deviam manter-se unidas), mas o Pixie atraía um público mais respeitável; dançava-se o *quickstep* de uma maneira

um pouco rígida e havia muitos pedidos de desculpa divertidos quando as dançarinas não sabiam bem quem fazia de homem ou de mulher.

Havia um balcão com salgadinhos frios que era muito popular – dois xelins e seis *pence* por uma sanduíche com manteiga, não margarina. As sanduíches eram feitas durante toda a noite nas traseiras por uma mulher chamada Bertha que era surda e muda e que andava sempre com um pano de cozinha preso a alguma parte do corpo, mesmo quando ia para casa.

Shirley tinha um talento especial para jogos de mímica, o que se revelava muito conveniente na comunicação com Bertha. Shirley sempre desejara pisar um palco. Nellie ficava desconcertada.

– Não tens de pisar um palco para representar – dizia ela. – A vida é uma longa peça de teatro interminável.

Uma comédia ou uma tragédia, consoante o ponto de vista, certo? Shirley procurava sempre rematar com comentários subtis. Havia de aprender, dizia a mãe com tristeza.

O trabalho delas consistia em garantir todas as noites que tudo estava como devia ser, que toda a gente estava no seu lugar, que havia trocos suficientes nas caixas; depois, tinham apenas de dar corda aos clubes e deixá-los seguir. Como autómatos.

Mas não naquela noite. Quando Betty e Shirley lá chegaram, reinava no Pixie uma confusão gigantesca. A maioria dos clientes encontrava-se na rua, como se estivesse a dar um passeio. Uma fina coluna de fumo elevava-se para o céu vinda de algures das traseiras do clube, e, naquele preciso instante, chegou um carro de bombeiros, vindo do quartel da Shaftesbury Avenue, a apitar ruidosamente, numa entrada em cena tardia.

O pano caiu sobre o drama apenas com algumas ocorrências menores – um canto da cozinha inutilizado e Bertha ferida, pois queimara uma mão ao atirar para as chamas o conteúdo de um grande recipiente de bicarbonato de sódio.

– Mulher sensata – dissera um bombeiro com admiração a Shirley. – A água teria atizado as chamas. O bombeiro parecia ser o oficial responsável, e Shirley absorvia-lhe as palavras, agarrada ao seu braço forte, queixando-se de que lhe faltavam as forças devido ao choque. Shirley era demasiado nova durante a guerra para apreciar a beleza de um homem fardado. Agora, era demasiado velha.

Bertha estava no passeio a ser tratada por uma enfermeira do St. Thomas que era cliente habitual do Pixie. Teria sido ela a provocar o fogo? Talvez um dos seus panos de cozinha tivesse esvoaçado e ficado preso a um dos queimadores do fogão? Bertha negou a possibilidade em silêncio, mas com firmeza.

Foi necessária uma extensa pantomima entre ela e Shirley para esclarecer o que havia acontecido. A porta de trás fora aberta por uma mão invisível enquanto Bertha misturava ovos cozidos com maionese para as sanduíches (era um relato pormenorizado). Como era evidente, ela não ouvira

a porta a abrir, mas fora alertada para o perigo pelo cheiro desagradável a parafina. Bertha possuía um olfato apuradíssimo.

– Um sentido compensa a ausência do outro – explicou Shirley ao seu bombeiro, que começava a ficar cansado do ambiente histriónico que rodeava o Pixie. Um idiota qualquer provocara um incêndio e os seus homens haviam-no apagado. Era tudo o que ele precisava de saber. Soltou o cotovelo da mão de Shirley que o agarrava.

No entanto, Bertha continuava a explicar o seu drama com a ajuda de Shirley. Tinha-se voltado e vira um trapo em chamas a ser lançado para os queimadores de gás; mais por instinto do que por intenção, atirara o bicarbonato e acabara por ajudar a dominar o fogo. E não, não vira o rosto da pessoa que lançara o trapo.

– Fogo posto? – perguntou o bombeiro, ligeiramente mais interessado. – É melhor informarem a polícia.

Assim fariam, prometeram Betty e Shirley em uníssono. Mas não. Mais depressa ressuscitaria Tutankhamon do que Nellie permitiria o envolvimento da polícia.

– Ela vai dizer que foi por nossa culpa – disse Betty à irmã, quando começaram a limpar o espaço.

– Eu sei, mas não tivemos nada que ver com aquilo.

– Isso não quer dizer que não nos culpe na mesma.

O carro dos bombeiros partiu, os clientes voltaram a entrar, nada desencorajados pela fuligem e pelo cheiro a queimado. Shirley mandou Bertha para casa com cinco dólares da caixa. Na sua ausência, vários clientes ofereceram-se para continuar a fazer as sanduíches. Nunca deixava de surpreender os Coker o facto de os seus clientes estarem sempre dispostos a colaborar nos bastidores. Mais pela experiência do que por altruísmo. Adoravam um bom desastre.

*

– Está tudo bem? – perguntou Nellie quando Shirley e Betty chegaram ao Amethyst. Referia-se ao Pixie e ao Foxhole, não ao estado de saúde, sentimental ou mental delas. Nellie raramente perguntava por essas coisas. Tinha à frente um pratinho de vidro com caramelos e mastigou um com ar pensativo enquanto observava as filhas. Tinha uma maneira de olhar para as pessoas que as fazia sentir que estavam a mentir, mesmo quando diziam a verdade.

– Houve um pequeno fogo na cozinha do Pixie – disse Betty com coragem, resiliente face ao exame noturno da mãe.

– Mas foi imediatamente extinto – acrescentou Shirley rapidamente. – Embora...

– Embora?

– Parece que foi ateado de forma deliberada.

– Não me digam... – disse Nellie, enfiando mais um caramelo na boca. –

Um incêndio era algo que Nellie conhecia bem. Tinha tido um clube, o Lucky Cat, que adquirira depois do Amethyst e que ardera por completo pouco depois de ter encerrado uma noite, fazia agora vários anos. O Lucky Cat tivera sorte, pois poucas semanas antes da sua destruição, Nellie fizera um seguro precisamente contra essa eventualidade. O incêndio fora considerado accidental, e Maddox fora uma testemunha determinante. («Reparei que havia cabos elétricos em mau estado.») Não tinha havido nenhuma baixa, à exceção, ironicamente, do gato que lá vivia para manter controlada a população de roedores. Do meio das cinzas tinham surgido uns quantos ossinhos delgados. Nellie dissera às filhas preocupadas que o gato fugira e fora viver para outro sítio.

– Olhos que não veem, coração que não sente – dissera a Maddox. Mas não acreditava naquilo. O que não se via magoava-nos quase sempre. Ela gostava de estar a par de tudo.

Nellie continuou a cismar na história do Pixie enquanto estava na cabine da caixa. Fora um ataque desastrado, mas ainda assim, se não fosse a rápida reação de Bertha, toda a gente que estava no clube teria morrido queimada e muito provavelmente Nellie teria sido considerada culpada de negligência, se não mesmo de homicídio involuntário ou de assassínio, e impedida de continuar com o negócio. O objetivo devia ser precisamente esse. Devia ter sido Maddox.

Ramsay estava prestes a abandonar o Sphinx naquela noite quando se ouviu um enorme alvoroço. Foi anunciado pelo som de uma buzina, semelhante às trombetas dos palhaços, vindo do cimo das escadas (mais tarde, percebeu que era um sinal dos porteiros), seguido pelo chão a vibrar e a tremer como se se tratasse de um tremor de terra. Ouviu-se um ruído de engrenagens, e o bar, as garrafas e Gerrit, que ainda se encontrava atrás do balcão, começaram a desaparecer.

Ramsay levou alguns segundos a reajustar o cérebro aturdido e a perceber que, na realidade, o balcão rodara, como uma locomotiva sobre uma plataforma giratória ou um cenário de teatro a ser mudado. Fez-lhe lembrar uma peça que vira recentemente onde o palco inteiro descrevera uma volta, revelando uma cena completamente diferente. O «tremor de terra» era o motor escondido que fazia mover o mecanismo. Agora, no local onde antes se encontrava o bar, havia apenas uma parede pintada; o balcão sumira-se, levando Gerrit consigo. Ramsay ficou um pouco desapontado por o *barman* não ter acenado ao desaparecer. Onde se metera? Voltaria?

Enquanto Ramsay observava, extasiado, o engenhoso truque de

ocultação, as raparigas, os porteiros e os empregados, e até os próprios clientes do Sphinx, haviam realizado um número bem ensaiado, fazendo desaparecer copos, garrafas e quaisquer outros sinais de transgressão às leis do álcool. Quando a polícia entrou desajeitadamente no clube, não havia nada de ilícito à vista, apenas um falso ar de virtude.

A cortina de veludo vermelho deslocou-se para o lado e Gerrit saiu da arrecadação como um mau ator que sobe ao palco e disse:

– Algum problema, senhores agentes?

Ramsay fixou-o, boquiaberto.

Havia uma porta secreta no armário da arrecadação? E ninguém achara por bem informá-lo do truque do bar? Que outras coisas não saberia? Ele é que era suposto mandar ali, por amor de Deus!

– Tudo bem, rapaz? – perguntou Gerrit, dando-lhe uma palmada (bastante violenta) entre as omoplatas. – Engenhoso, não é?

Passada uma hora, os polícias desiludidos já se haviam retirado, o bar voltara a girar para a sua posição normal e o clube retomara a sua animação. Com um ligeiro movimento da cabeça, Gerrit indicou a Ramsay a cortina de veludo vermelho. O holandês tinha razão, pensou este, estava mesmo a precisar de qualquer coisa para acalmar os nervos.

*

A passagem descendente para aceder ao Sphinx implicava necessariamente fazer o trajeto em sentido contrário para sair. A inclinação do caminho deveria ser ao contrário, não? Teria mais sentido fazer um esforço para entrar no clube, mas sair-se a deslizar no fim da noite.

Ramsay avançou lentamente. A passagem estava iluminada por mais candeeiros de estilo oriental – estes eram a gás, com chama viva, disfarçados de tochas. Para dar o «ambiente» que Nellie pretendia, sem dúvida. Ramsay estava certo de que eram perigosos. Considerá-lo-iam responsável se houvesse um incêndio no Sphinx, se toda a multidão errática presa lá dentro fosse queimada viva ou morresse espezinhada enquanto a banda tocasse «Ain't We Got Fun»?

As chamas trémulas e espectrais iluminavam os hieróglifos. O gás dos candeeiros estava a deixá-lo novamente enjoado. Sentia-se como se se estivesse a transformar numa imagem fabricada de si mesmo. (Seria possível? Faria sentido? Alguma coisa fazia sentido?)

Uma corrente de ar fria indicou que os porteiros tinham deixado entrar alguém; segundos depois, Ramsay foi engolido por uma maré cintilante de gente, que passou por ele rapidamente e se espalhou para o interior do clube. Precisava ir apanhar ar. Passou novamente pela máscara de Tutankhamon. Quase esperava que ela lhe dissesse alguma coisa.

Tinha tanta droga nas veias que começava a dividir-se em vários Ramsays, notas diferentes numa escala onde fora em tempos um acorde harmonioso. Não podia continuar a evocar imagens, dava-lhe vontade de

vomitár.

– Senhor Coker? – perguntou um dos porteiros. – Sente-se bem?

Os dois porteiros, uns tipos corpulentos com ombros de bois capazes de puxar um arado, envergavam ainda os seus grossos sobretudos de inverno. Vinte e sete xelins por um casaco de inverno, vinte e cinco por um de verão, ouviu Nellie dizer na sua cabeça. A mãe era um livro-razão ambulante. Tudo tinha um preço. Se pudesse ter empenhado os filhos, tê-lo-ia feito. (Não, só a Kitty, dissera ela.)

– Sim, estou ótimo, obrigado – respondeu num tom contido, fazendo um esforço supremo para evitar fragmentar-se por completo e desaparecer para sempre. – Vou até ao Amethyst. Boa noite.

*

Enquanto caminhava pelas ruelas mal iluminadas, Ramsay começou a ter a sensação desagradável de estar a ser seguido por alguém. Ou por alguma coisa. Uma coisa maligna. Como era a citação de Shakespeare? *Algo maligno está a chegar*. Sim, era o que ele sentia. *Pelas picadas no meu polegar* – não era um mau título para um romance.

A sua inquietação cresceu quando em todo o lado começou a ver sombras que pareciam fumo. Um gato preto, nas suas deambulações noturnas, atravessou-se-lhe no caminho. Era sinal de sorte ou de azar? Não se recordava. Por qualquer razão, lembrou-se do gato mumificado do Sphinx e o pensamento transportou-o para as múmias egípcias em geral e daí muito rapidamente para Tutankhamon e a sua maldição.

O que conteria naquela noite a seringa de Gerrit, por amor de Deus? Supunha que fosse cocaína, Gerrit chamava-lhe «pó da alegria», mas a forma como o pronunciava fazia-o parecer menos alegre; normalmente era isso, mas às vezes Gerrit dava-lhe morfina, o que era muito agradável mas nada prático, e dera-lhe uma vez heroína, que o deixara desvairado por mais; mas Gerrit recusara. A cocaína não o deixava trémulo como naquele momento, até o deixava mais espevitado e alerta, uma espécie de versão melhorada de si mesmo, um ajudante solícito do exército dos Coker.

Niven avisara-o de que andavam a vender um «produto estranho» e que devia ter cuidado com o que consumia e com quem o abastecia. Ramsay negara com firmeza consumir fosse o que fosse. O coração batia-lhe com força no peito, como um mecanismo sobrecarregado, prestes a falhar. Talvez Niven tivesse razão quanto ao produto estranho.

Agora tinha quase a certeza de estar a ser seguido; cada passo que dava era repetido pelo eco de outro, mas sempre que se voltava para olhar não via ninguém. As ruas estavam desertas, até mesmo o grupo noturno de prostitutas de que normalmente tinha de se esquivar estava ausente. Parecia pouco natural, como uma coisa saída de uma história de Poe.

E nesse momento viu, santo Deus, uma múmia! Uma múmia egípcia a avançar para ele, com as pontas das ligaduras a esvoaçar. Os seus pesadelos

tinham-se tornado realidade. A múmia parecia vir a desfazer-se à medida que avançava aos tropeções pelo passeio. Estava cada vez mais próxima. A visão paralisou Ramsay. Perguntou-se se teria enlouquecido. Quase todos os artistas eram provavelmente loucos, de uma maneira ou de outra. Era quase uma questão de honra.

E então ouviu os uivos e guinchos de riso embriagado e viu que a múmia era seguida por uma pastorinha, depois por um grande urso barrigudo e, a fechar o desfile, por um arlequim com máscara e um ameaçador bastão de madeira.

Não era Tutankhamon que voltara para o assombrar, mas uma trupe inofensiva de foliões bêbedos mascarados.

Relativamente inofensivos. De repente, viu-se cercado por eles; riam e davam-lhe empurrões, muito menos festivos do que haviam parecido à primeira vista. Fizeram lembrar a Ramsay os rufiões que passavam o tempo a provocá-lo na escola. De perto, o urso tresandava; era um disfarce, claro (ele queria acreditar que sim). E a pastorinha – via ele agora, que estava mais perto – era, na realidade, um homem. Por trás dos disfarces não havia como saber quem seriam as pessoas, nem quais seriam as suas intenções. Era uma ideia assustadora.

Ramsay conseguiu libertar-se daquela assembleia questionável e fugiu a correr.

*

– Está tudo bem no Sphinx? – perguntou Nellie como saudação.

– Sim.

– E como está o holandês voador?

– Como sempre.

– E tu?

– Eu?

– Sim, tu. – Nellie fixou nele o seu olhar penetrante. Era como ser o suspeito numa sala de tribunal, com o advogado de acusação, o juiz e os jurados, todos reunidos na trindade diabólica da sua mãe.

– Andaste a armar alguma, Ramsay?

– Não!

– Não aconteceu nada?

– Bem, sim, houve uma rusga, mas não aconteceu nada. Podiam ter-me informado daquele truque do bar.

– Não sejas rabugento – respondeu Nellie. – Fica-te demasiado bem.

– Sabias que ia acontecer? O Maddox avisou-te? Pensei que ele já não era nosso amigo.

– E não é – disse Nellie. – Agora temos outros amigos.

*

Kitty, de olhos esbugalhados, foi a última a chegar, com o batom Molinard esborratado e a pele de raposa num estado deplorável.

– O que te aconteceu? – perguntou Nellie com brusquidão.

– Nada de especial – respondeu. Estava relutante em contar-lhe a sua recente desventura, pois iriam sem dúvida culpá-la.

– Tenta novamente. – Nellie fixou Kitty, e ela devolveu-lhe o olhar. Uma guerra de desgaste. Kitty acabou por capitular.

Apesar da natureza imprudente que lhe era inata, Kitty recusara educadamente a oferta do homem, pois percebera pelas conversas das irmãs que havia qualquer coisa de vagamente repugnante naquela história de «dar uma volta». Por isso, quando ele estendera a mão, lhe agarrara o braço e tentara puxá-la para o carro, Kitty debatera-se como um peixe preso a um anzol e gritara «Assassino!» a plenos pulmões, até o homem a soltar. Com uma gargalhada, ele dissera-lhe «Dás mais problemas do que o que vales», frase que, por desgraça, viria a persegui-la o resto da vida.

– Que género de homem? – perguntou Nellie.

– Não sei.

– O Maddox?

– Não, *esse* eu conheço. Não era o carro dele.

– Que carro era?

– Um Mercedes-Benz, amarelo. O modelo Sports Phaeton. – Kitty percebia de carros, estudava as revistas de automóveis de Niven, pois fazia tensões de ter um Rolls-Royce quando fosse mais velha.

– Não me digas – comentou Nellie, pensativa. Não parecia uma pergunta.

– Tentou convencer-me a ir dar uma volta com ele.

– Não me digas...

*

Claro que era possível, pensava agora Kitty, o homem não lhe ter feito nada de horrível, mas tê-la apenas aprisionado algures (imaginou uma enxerga de palha e um carcereiro gentil) e dado pratos com torradas com manteiga a intervalos regulares até ser pago o resgate exigido à mãe. Será que Nellie o pagaria, e, em caso afirmativo, quanto? Havia outra possibilidade, claro: o homem fazia-lhe coisas inqualificáveis, mas depois premiava-a com um fornecimento interminável de bolinhos com cobertura *glacé*, limonada e muitas outras coisas boas, e ela ter-se-ia pavoneado como uma rainha no banco de trás do seu carro amarelo. Sentiu uma ponta de remorso pelo que podia ter perdido. A próxima vez que o homem – ou qualquer homem – lhe propusesse ir dar uma volta, era bem capaz de aceitar, só para ver o que acontecia.

– A curiosidade matou o gato – disse Nellie, como se lhe lesse os pensamentos. – Os gatinhos pequenos também.

E pronto, lá começava, pensou Nellie. As salvas inaugurais do inimigo: fogo posto, rapto e uma rusga. Tudo tentativas falhadas. A rusga e o incêndio tinham a assinatura de Maddox. Mas não a tentativa de rapto. Um Mercedes-Benz amarelo estava estacionado à porta do Goring quando ela lá chegara naquela tarde. Não devia haver assim tantos em Londres.

– É do senhor Azzopardi? – perguntara ela ao porteiro.

– Não sei dizer, minha senhora – respondera ele com um sorriso forçado, enfiando no bolso a nota de uma libra que ela lhe dera.

Azzopardi estava a tentar assustá-la, ao passo que Maddox estava a tentar destruí-la, ou antes, estava a tentar destruir-lhe o negócio, o que para Nellie ia dar ao mesmo. Maddox queria os clubes, mas Azzopardi parecia estar a fazer um jogo qualquer com ela. Nellie não gostava de jogos, havia sempre a possibilidade de se perder.

Fechou-se em si mesma. Estava a pensar.

Chá da Manhã

Ao contrário da maioria dos homens, Frobisher ficava sempre aliviado quando ia trabalhar. No trabalho podia recompor-se. Em Ealing, ficava desfeito.

Naquela manhã, ao acordar, o seu primeiro pensamento fora para a menina Kelling, ainda que tivesse a mulher deitada ao seu lado. Foi assaltado por um sentimento de culpa avassalador. Às vezes desejava ser católico: a absolvição devia ser um grande alívio.

Lottie ressonava baixinho, o que não era de todo desagradável numa mulher bonita. Na sua testa húmida tinham-se formado umas gotas de suor translúcidas e uma madeixa do seu cabelo escuro colara-se-lhe à face. Alguns dias (muitos), a casa de Ealing parecia mais um hospital e a relação deles mais de médico e doente do que de marido e mulher. Frobisher estava sempre a inventar pequenas formas de animar Lottie: não lhe apetecia ir dar um passeio no parque com ele? Queria que ele lhe levasse a cadeira para o jardim, para se sentar ao sol e ficar a observar os pássaros? E se apanhassem um barco até Richmond no dia de folga dele? E assim por diante.

Em comparação com outras pessoas, Frobisher casara-se tarde e não sabia bem o que esperar. Parecera-lhe nobre salvar uma mulher como salvara Lottie, mas mais tarde fora obrigado a perguntar-se se não teria sido simplesmente por fraqueza, ao confrontar-se com a beleza dela. Lottie *era* uma mulher bonita. Se fosse desengraçada, ter-se-ia sentido atraído por ela? Era uma questão desconfortável, que só colocava a si mesmo. Ela era opaca como uma opala, e ambos continuavam a ser perfeitos desconhecidos um para o outro.

Lottie já havia sido resgatada uma vez antes. Não fora Frobisher quem a recolhera das ruínas de Ypres; ele estava ocupado a travar a batalha perdida contra o crime no país, uma guerra que nunca acabava. Um major inglês dos Royal Hampshires levava-a para Inglaterra e em seguida abandonara-a.

Frobisher encontrara Lottie pela primeira vez a balançar no parapeito da ponte de Waterloo, fazendo-lhe lembrar a Vitória de Samotrácia, à exceção de, ao contrário da estátua, Lottie ainda conservar a cabeça, ainda que não o juízo. Agarrara-a pela cintura e puxara-a para o chão. Salvava-a, e fazê-lo fora a sua perdição.

Talvez devesse ter percebido que Lottie era uma mulher imune ao resgate. Tinha subido e descido como uma maré, mas parecia preferir a maré baixa à alta.

Talvez o melhor fosse irem viver para o campo quando ele se reformasse, pela saúde dela (e pela sua também). Ela não gostava dos subúrbios, talvez os campos e os bosques lhe dessem mais alento. Frobisher afastou-lhe com suavidade a madeixa de cabelo da face, e ela murmurou qualquer coisa em francês. Ele suspirou.

Levou-lhe uma chávena de chá, o primeiro e último recurso de um marido inglês.

*

– O Maddox já voltou? – perguntou Frobisher enquanto despia o sobretudo.

– Não, inspetor. Procuraram-no aqui, procuraram-no ali7 – disse o sargento de dia a rir.

– Ele não é o raio do Pimpinela Escarlate, sargento.

Maddox não podia continuar a brincar às escondidas para sempre. Frobisher perguntou-se se não deveria fazer-lhe uma visita surpresa em casa, em Crouch End, e apanhá-lo desprevenido a tratar do jardim ou a consertar o telhado ou fosse lá o que fosse que os maridos com tempo livre faziam em Crouch End.

– Se ele aparecer, diga-lhe que ando à procura dele.

– Fique descansado, inspetor. Apetece-lhe um chá? Quer que lho prepare?

Frobisher quase aceitou, mas fazê-lo poderia indicar uma fraqueza qualquer da sua parte. Não deviam ter uma mulher por ali? Mais velha, pensou, feiosa e embrulhada num avental, a empurrar um carrinho de chá. Talvez com um sotaque *cockney* e uma aura cálida e envolvente que transmitisse serenidade.

– Não, obrigado, sargento – acabou por responder, quando o outro começou a martelar, impaciente, com o lápis no balcão.

Tinha de ter cuidado para não se perder nos pensamentos, recordou Frobisher a si mesmo.

7. Referência a *O Pimpinela Escarlata* (*The Scarlet Pimpernel*, no original), o romance de capa e espada escrito pela baronesa Emma Orczy, em 1905. (*N. das T.*)

O Simpson's na Strand

— Posso servir a carne de vaca, cavalheiro? – perguntou o empregado do Simpson's, levantando a campânula do grande carrinho de servir com um floreado elaborado, como se os clientes do Grand Divan tivessem passado a vida inteira à espera daquela revelação. A posta de carne ocupava uma posição central e ressumava um suco magro e rosado que se acumulava à sua volta na salva. Terminadas as apresentações, o empregado trinchou duas fatias suculentas, que depositou com delicadeza no prato como folhas sobrepostas, antes de perguntar:

– O senhor deseja rábano?

– Sim, por favor. E as batatas assadas, o alho-francês com nata, a couve cozida e as cenouras em manteiga. E encha o copo de vinho com um bom Bordéus: Chateau Talbot, 1913? Excelente. E pode deixar a molheira na mesa, por favor.

O copo estava cheio, o clarete mexia-se como rubi líquido à luz dos enormes lustres.

Santo Deus, Azzopardi adorava Inglaterra! Adorava os edifícios pomposos, as ruas sujas. Adorava o duque azedo e falido a quem arrendara a casa em Eaton Square e adorava igualmente as crianças esfarrapadas que o seguiam na rua, a gritar-lhe insultos sobre a sua raça. (Por qualquer razão, achavam que era turco.) Adorava a comida em locais como aquele, a carne em sangue com a capa grossa de gordura amarelada em que mal podia esperar por espetar os dentes. E adorava o pudim consistente que vinha a seguir à carne de vaca.

– Hoje temos pudim de geleia de laranja cozido a vapor.

– Deixe o jarrah com o creme de leite na mesa, por favor. Obrigado.

– Para o senhor também vai ser a carne de vaca? – perguntou o empregado ao companheiro de almoço de Azzopardi, com a faca de trincar em riste, qual cimitarra.

– Vou antes comer o peixe, obrigado – respondeu Niven, para evidente desagrado do empregado.

O rodovalho em molho verde foi servido com muito menos pompa do que a carne de vaca, e o copo de Niven foi enchido com um Vouvray.

Azzopardi ergueu o copo e reparou que Niven olhava para a cicatriz que tinha nas costas da mão.

– Uma velha ferida de guerra – disse, a rir.

– O senhor não foi à guerra.

– Há vários tipos de guerra, senhor Coker. Adiante, à nossa!

Niven ergueu também o copo.

– À nossa.

O pesado cristal retiniu.

– Ao futuro – disse Azzopardi.

Niven arqueou uma sobrancelha e murmurou:

– Ao futuro. – Mas tinha pouca fé nele.

Estava disposto a deixar que Azzopardi continuasse convencido de que iam os dois assumir o controlo do império de Nellie. O maltês referia-se a este empreendimento conjunto como uma «reparação», como se, à semelhança da Alemanha, tivesse sofrido uma injustiça. Se Niven recuasse agora, não conseguiria descobrir as intenções dele. Podia salvar a mãe ou atraí-la. Gostava de pensar que tinha ambas as possibilidades em aberto, mas lá no fundo sabia que o sangue seria mais forte. Sempre fora assim com os Coker.

Azzopardi esvaziou o copo com avidez e fez sinal ao empregado para lhe servir mais vinho.

– Parece-me que vamos ser bons amigos – disse a Niven.

– Por agora, fiquemo-nos por parceiros de negócios – retorquiu Niven.

– Melhor ainda.

*

Niven declinou o pudim de geleia de laranja.

– É muito comedido – comentou Azzopardi, já de olho na tábua dos queijos. Stilton! Um queijo verdadeiramente magnífico.

– Estou a poupar-me. – Niven pediu café, sem leite. – Mais nada.

– Nem sequer natas? – perguntou Azzopardi, como se sentisse desgostoso em nome da vaca. – Não é um desses vegetarianos, pois não? – indagou, espetando o garfo numa fatia de queijo. – Divino – murmurou.

Por um momento, Niven lembrou-se de Kitty. Os mesmos modos afetados esquisitos.

– Não, não sou – respondeu sem se alongar, embora às vezes o abate de animais lhe fizesse confusão. Vira demasiada carnificina durante a guerra. Seria preferível caçar veados com arco e flecha, pensou, mas estava irremediavelmente preso pela civilização.

– Um homem precisa de carne – declarou Azzopardi com teimosia. – Carne vermelha, para pôr o sangue vermelho.

Todo ele era teatro, um homem efeminado a fingir que não o era. Mas nada daquilo interessava a Niven. O seu próprio irmão pertencia àquele grupo particular e ele não o adorava menos por isso. Adorava Ramsay? «Adorar» parecia uma palavra estranha quando utilizada no contexto da sua família. O que os Coker sentiam era emoções selvagens. Adorava *Keeper*, disso tinha a certeza. Se numa situação de vida ou de morte tivesse de escolher entre o irmão e o cão, qual escolheria? O seu coração pendia para o cão.

– Lamento imenso – disse Azzopardi. – Já soube que houve um incêndio num dos clubes da sua mãe.

– Um pequeno incêndio – corrigiu Niven.

– Ela está a ficar mais fraca. Está preparado para um *coup d'état*? Um novo regime. Vai unir-se a mim? – Parecia um falcão à espera de se lançar sobre a presa, pensou Niven. Não parecia compreender que Nellie não era presa de ninguém. – Se ela não me devolver o que me deve, roubo-lhe os negócios, de uma maneira ou de outra.

– O que é que ela lhe deve? – perguntou Niven, confuso.

– Porque não lhe pergunta a ela?

Niven riu-se.

– A religião da minha mãe não lhe permite dar respostas diretas. – A dele também não, claro. – Bom, tenho de ir.

*

Azzopardi deu umas palmadinhas de satisfação na barriga volumosa e pediu mais vinho do Porto. As privações da prisão tinham-no tornado mais sôfrego. A traição também, quando se dera conta de que perdera a fortuna. Voltara a refazê-la exportando *whisky* escocês para os Estados Unidos, onde imperava a lei seca; de Leith para Nova Iorque, via Montreal; podia até ter tido a sua própria empresa de transportes marítimos. Contudo, isso apenas lhe proporcionara dinheiro, não vingança.

Não queria os clubes de Nellie, eles eram apenas uma penalização. Pelo que lhe era devido, pelo que ela lhe usurpara.

– Mais Porto! – pediu com jovialidade ao empregado. Santo Deus, adorava Inglaterra.

A Audição

Freda ensaiara sem parar para a audição até o funcionário municipal que arrendara o quarto por baixo ter ameaçado «afogá-la como a um gato» se não parasse. Tinha uma audição para «Tea for Two», onde cantava enquanto executava um sapateado. Possuía uma voz bonita, fina e aguda.

Escolhera a roupa com cuidado. Depois de muito ponderar, decidira-se por uma saia de tecido escocês e uma blusa de bordado inglês por baixo do seu casaco de malha favorito, vermelho-cereja, tricotado à mão com um ponto complicado, com minúsculos botões em forma de margaridas. Estava-lhe um bocado apertado, mas tinha um valor sentimental que ela esperava lhe trouxesse sorte. Era a última coisa com que tinha desfilado para as Malhas, num evento em Grimsby, e Freda via-o como uma prenda de despedida de Adele, embora esta não soubesse que ela lho tinha surripiado. Para Freda era uma prenda, quer o fosse realmente ou não.

Tomara um banho extra naquela semana para se preparar para a audição. Ia uma vez por semana com Florence aos banhos públicos na Marshall Street, onde gastavam seis *pence* por um banho quente de primeira classe e uma vez uma, outra vez outra, iam primeiro à água. Por causa da audição, Freda pagara outros dois *pence* no dia anterior por um banho de segunda classe e desfrutara do luxo de o tomar sozinha. As instalações de banho na Henrietta Street tinham limitações; partilhava-se uma bacia de água fria no patamar e uma sanita que estava sempre manchada e a cheirar a urina. A Sra. Darling desconhecia o asseio. Parecia também sentir uma intensa aversão por pessoas, ainda que, mesmo lá em cima no sótão, elas conseguissem ouvir dia e noite as pancadas da aldraba demoníaca.

A professora Sherbourne conseguira finalmente arranjar uma audição apropriada para Freda, no Adelphi Theatre, na Strand, para o corpo de baile de um espetáculo chamado *Betty in Mayfair*.

– Tive de puxar muitos cordelinhos para te conseguir esta audição –

disse ela. – Tenta fazer o melhor que puderes para os impressionar.

É o que faço sempre, pensou Freda.

Desde que fugira de casa, a luz brilhante do êxito que sempre achara que a seguia como um foco começara lentamente a extinguir-se. Mas agora tudo estava prestes a mudar, a luz brilhava com intensidade: Freda Murgatroyd estava no caminho para o estrelato! Finalmente!

*

O casaco de malha esticou-se todo quando Freda tentou apertar os pequenos botões de margaridas.

– Estás muito bonita – disse Florence, ainda deitada na cama a preguiçar, embora a atividade na pensão estivesse já em pleno ritmo. – Vão ficar impressionados contigo no Adelphi.

– Obrigada – respondeu Freda, rodopiando e fazendo uma pequena vénia.

Florence insistiu em que ela levasse a pregadeira do passarinho azul da Sra. Ingram no casaco vermelho.

– Para dar sorte – disse.

Freda não via como é que usar objetos roubados poderia dar sorte, mas obedeceu, pois isso parecia fazer Florence feliz.

– O que vais fazer enquanto eu estiver no Adelphi? – perguntou à amiga. (O que *fazia* Florence com o seu tempo?)

– Ah, qualquer coisa – respondeu esta. – Depois vou ter contigo ao Lyons, na Coventry Street, e contas-me tudo sobre a audição.

Freda sentiu um súbito calafrio. Imaginou ser isso o que sentiam os condenados na manhã da execução. Chegara o momento decisivo para ela. À sua frente, tinha uma bifurcação. De um dos lados havia um caminho cintilante pavimentado a ouro, que conduzia à fama e ao êxito. Do outro, uma ruela coberta de fuligem, que conduzia ao desespero. E se fosse obrigada a enveredar por esta última? O que aconteceria depois?

– Não seas tão dramática – disse Florence, enquanto se libertava dos lençóis. – Anda lá, vamos tomar o pequeno-almoço.

*

Depois de comerem, deambularam durante um bocado até começar a chover. Separaram-se na Strand, perto do Adelphi.

– Faz figas com os dedos dos pés e das mãos – disse Florence e deu um abraço a Freda. Cheirava aos rebuçados de mentol que passava o dia a comer. Se não tivesse cuidado, ainda se transformava ela própria num rebuçado de mentol.

Freda observou a amiga a atravessar a rua à chuva. Imaginou que voltaria para a Henrietta Street ou que, o que era mais provável, se abrigaria num café algures perto dali (Florence devia ter ações na Lyons Corner

Houses). Porém, não fez nenhuma das duas coisas e deixou-se ficar no passeio, hesitante, à frente do *pub* Coal Hole. Um carro aproximou-se. Florence avançou e pareceu conversar com o condutor. Era um homem mais velho, mas não tão velho como o Sr. Birdwhistle. Freda não viu o que aconteceu a seguir porque um autocarro parou à frente dela e lhe tapou a visão. Depois de embarcar todos os passageiros, prosseguiu viagem, mas tanto o carro como Florence tinham já desaparecido. Saberia Florence que não devia entrar em carros com desconhecidos? Mas então Freda visualizou o rosto bovino e confiante da amiga e percebeu que pouco mais seria necessário do que um rebuçado para a seduzir.

*

Duas ou três raparigas, o princípio de uma fila serpenteante de esperanças, estavam já reunidas junto da porta dos artistas, à espera de uma audição aberta. Era óbvio que não tinham nenhuma professora Sherbourne para as recomendar e lançaram olhares invejosos na direção de Freda quando esta passou por elas e entrou no santo sepulcro. Devem ter pensado que fazia parte do elenco, pensou Freda, vaidosa. A entrada dos artistas do Adelphi ficava praticamente ao lado da igreja do Corpus Christi; podia ter pedido a Florence que acendesse uma vela para lhe dar sorte.

– As velas não se acendem para dar sorte – explicou Florence. – Acendem-se por outras pessoas, não por nós.

Freda estava tão agitada que não reparou que não havia cartazes a anunciar *Betty in Mayfair* na fachada do teatro.

Na porta dos artistas, encontrou o porteiro, comprimido no interior de uma pequena cabine à entrada.

– Foi cancelado – disse ele, quando ela lhe interrompeu a análise solene das dicas sobre corridas do *Daily Mail* para o interrogar sobre *Betty in Mayfair*.

– Cancelado?

– Sim, cancelado. Foi transferido para a Shaftesbury Avenue. Agora temos *The Green Hat*, não viu os cartazes lá fora?

Pelos vistos, não. Bom, tanto lhe fazia que fosse uma peça ou outra, pensou Freda.

– Tenho uma carta a convocar-me para uma audição – disse.

Não tinha, a professora Sherbourne combinara tudo pelo telefone, mas na realidade ia dar ao mesmo. O porteiro parecia do género indolente; com efeito, voltou a mergulhar no jornal, e, sem erguer os olhos, levou a mão a um telefone na parede e pediu à pessoa do outro lado que mandasse lá o Sr. Lionel.

– Está aqui uma rapariga – acrescentou.

Após uma longa espera, o Sr. Lionel apareceu. Não parecia muito mais velho do que Freda. Tinha uma tez um bocado amarelada, como se precisasse de uma boa dose de sais de frutos (coisa que Vanda garantia servir para tudo).

Lionel seria o seu nome próprio ou o apelido?

– O que foi agora, Alfred? – perguntou ele com impaciência ao porteiro.

O Sr. Lionel e o porteiro pareciam estar em desacordo em relação a qualquer coisa. Seguiu-se uma troca de comentários secos, cujo tema parecia ser uma chave que tinha desaparecido. Quanto mais dramático ia ficando o Sr. Lionel, mais taciturno ficava o porteiro. Pareciam ter-se esquecido de Freda, até que ela pigarreou para os recordar da sua presença.

– Tenho uma audição – disse. O Sr. Lionel soltou um grande suspiro sofrido, como se não conseguisse pensar em nada mais enfadonho.

– Com a gerência, imagino? – perguntou ele.

– Sim, com a gerência – confirmou Freda, sem saber bem o que isso significaria no contexto do Adelphi. O pai pertencera a uma gerência, mas o Adelphi não era uma fábrica de chocolates.

O porteiro soltou um pequeno ronco de desprezo ao ouvir a palavra «gerência».

– Acompanhe-me, então – disse o Sr. Lionel, com grande displicência. – As entranhas da besta – declarou enquanto a guiava para o interior daquele reino misterioso, um local cavernoso e exíguo. O Theatre Royal de York era muito mais organizado. O Adelphi era escuro e poeirento, para não dizer caótico, e o Sr. Lionel não parava de avisar da presença de obstáculos que tinham de contornar: rolos de corda, enormes cestos cheios de peças de vestuário, uma grande caixa de ferramentas e até um pequeno cão que a olhou com desinteresse.

– É um caçador de ratos – disse ele à laia de explicação.

Acabaram por chegar a um gabinete, onde ele a entregou a uma mulher que usava um *pince-nez* e estava sentada a uma secretária no meio de uma confusão de papéis. Freda reprimiu o seu instinto de arrumação. A mulher disse chamar-se Young (mas não era nova como indicava o apelido, era até bastante velha; teria pelo menos uns quarenta anos, avaliou Freda). Também estava extremamente irritada. Teria acontecido alguma coisa para pôr aquela gente toda de mau humor ou o West End era mesmo assim?, perguntou-se Freda.

– Não temos corpo de baile no *The Green Hat* – declarou a menina Young. – Não há danças.

– Mas *convocaram-me* para uma audição – insistiu Freda. – Para uma lista de espera, talvez? Vocês estão sempre a fazer audições a raparigas.

A menina Young procurou na secretária e acabou por encontrar uma folha de papel; depois de lhe lançar um brevíssimo olhar, afirmou não ter qualquer registo de uma Freda Murgatroyd na lista das convocadas.

– Não há cá ninguém com esse nome.

– Há cá uma pessoa com esse nome, sim – protestou Freda. – Sou eu. – Começou a sentir-se sorvida por uma onda de desespero. Ia afogar-se, desaparecer sem deixar rasto. – Venho da Vanbrugh Academy of Dance – continuou. – Foi a professora Sherbourne que me enviou. Para falar com a

gerência – acrescentou, numa inspiração súbita.

Com efeito, a palavra revelou-se um *Abre-te, Sésamo*, e a menina Young declarou com algum sarcasmo:

– Ah, bem, se é a gerência que a quer ver... – Mais um suspiro entediado. Se o Adelphi fosse um navio, já teria naquela altura dado a volta ao Cabo, impelido pela quantidade de suspiros produzidos no seu interior.

A menina Young conduziu Freda ao longo de outra série de passagens confusas e disse por fim:

– À esquerda, segunda porta. O senhor Varley. – E foi-se embora, deixando-a ali.

«Owen Varley», anunciava uma pequena placa na porta. O coração de Freda começou a acelerar com a expectativa. Endireitou as costas, respirou fundo e deu umas pancadas firmes na porta.

Lá dentro, uma voz colérica vociferou:

– Entre, se tiver mesmo de ser!

Sim, tem mesmo de ser, pensou com solenidade para si própria. Estou a abrir a porta do meu futuro. «Temos de agarrar o touro pelos cornos», costumava Duncan dizer antes de começarem a desfilar para as Malhas. E assim fez Freda.

Lá dentro, um homem muito corpulento estava sentado a uma secretária bastante pequena. Como todas as outras pessoas do edifício, parecia irritado, e Freda ficou à espera de ouvir mais suspiros eloquentes, mas a expressão dele mudou quando ergueu os olhos e a viu.

– Ah, minha cara menina – disse. – Faça o favor de entrar.

*

– Olá, já voltaste – disse Florence quando Freda se deixou cair na cadeira à sua frente no Lyons Corner House da Coventry Street. – Como é que correu no Adelphi? Conseguiu o papel? – Florence estava a esvaziar um prato de biscoitos com pepitas de chocolate. Comia de uma forma lenta e metódica, um pouco como uma vaca a ruminar.

– Não – respondeu Freda. – Tinha a boca tão seca que mal conseguia falar. Consequia sentir na língua o sabor a ferro de sangue. Tinha o coração a saltar-lhe do peito, pois corra o caminho quase todo desde a Strand, como se tivesse o diabo no seu encalço. Largou o casaco e a mala sobre a cadeira ao seu lado e abanou-se com um guardanapo.

A ruminante Florence não reparou no estado da amiga.

– Ah, que azar! – exclamou. – Mas de certeza que te vão propor outra audição em breve. Come um biscoito.

Freda sentiu uma volta no estômago.

– Tenho de ir à casa de banho – balbuciou e afastou-se a correr.

A casa de banho das senhoras do Lyons da Coventry Street era particularmente esplendorosa, com grandes lavatórios de mármore, espelhos cristalinos e uma bonita decoração de mogno. O sabonete também cheirava

bem, nada como o sabão carbólico que havia na pensão. Sempre que ali iam, Freda aproveitava ao máximo as instalações.

Mas não daquela vez. Correu para um cubículo e despejou na sanita tudo o que tinha no estômago.

Lágrimas quentes ardiam-lhe nos olhos, mas não daria a Owen Varley o prazer de as verter. Freda nunca antes sentira tanta pena de si mesma como naquele momento, ajoelhada nos mosaicos frios e duros da casa de banho do Lyons. Além do que tinha no estômago, era como se lhe tivessem também arrancado o conteúdo da alma.

Teria aquilo sido realmente uma audição?, perguntou-se. Se tivesse sido, não era de certeza para uma peça. Que idiota fora! Nem um rato se teria atirado mais alegremente para uma ratoeira.

*

– Fecha a porta, querida – dissera Owen Varley. Perguntou-lhe o nome e a idade, ao que ela respondeu «dezasseis», coisa que dizia desde os doze anos. Decidira adotar a atitude enfadada de uma rapariga metropolitana. «Metropolitana» era uma palavra que aprendera com a professora Sherbourne. Ao que parecia, era o contrário da abominável «provinciana». Ele pareceu não reparar na sua tentativa de parecer sofisticada.

– Bem, Flora – disse –, então queres ser atriz?

– O meu nome é Freda, senhor Varley, mas o meu nome artístico é Fay le Mont. – A professora Sherbourne tinha dito que toda a gente devia ter um nome artístico. – Na verdade, sou bailarina. Foi a professora Sherbourne quem me conseguiu esta audição.

– A professora Sherbourne?

– Da Vanbrugh Academy of Dance.

– Ah, sim, claro, sei perfeitamente quem é. Então... bailarina, certo?

A seguir, fez-lhe perguntas acerca da experiência que tinha, ao que ela respondeu:

– Tenho uma vasta experiência, senhor Varley. Na província, claro – acrescentou com ar despreocupado. Pareceu-lhe que seria melhor despachar logo aquele inconveniente. Tirou uma pasta da mala (que não tardaria a ter um papel importante na sua desgraça). Na sua função de tesoureira, Freda guardava o dinheiro e as joias da Sra. Ingram na velha mala de Vanda, pois não havia nenhum esconderijo seguro na pensão da Henrietta Street. A mala tinha uma alça comprida e Freda usava-a a tiracolo, cruzada sobre o peito. Quem lha tentasse roubar na rua teria de lutar com ela até à morte para o conseguir.

A pasta que tirou da preciosa mala continha também um portefólio com fotografias das suas mais recentes aparições em palco. Entregou-a a Owen Varley, que a pousou sobre a mesa sem sequer olhar para ela. Freda começou a recitar uma lista de algumas das produções em que participara, mas nem chegou a *Babes in the Wood*, três anos antes, quando desempenhara o habitual

papel de criança de aldeia a dançar à volta do mastro. Teria sido uma Gretel muito melhor do que a atriz que haviam escolhido. (Que tinha vinte e cinco anos!) Foi interrompida por Owen Varley a dizer:

– És uma rapariguinha muito expansiva, não és?

– Sou?

– Importas-te de levantar a saia para eu ver, Flora?

– Desculpe?

– As tuas pernas. Deixa-me ver-te as pernas, querida.

Bem, pensou Freda, talvez não fosse assim tão estranho ele querer ver as pernas de uma bailarina. Afinal, esse era um dos atributos mais importantes das bailarinas, sem elas era impossível dançar, certo? E as coisas deviam ser diferentes no West End. De modo que, um pouco hesitante, erguera a saia até aos joelhos. Em Londres, muitas mulheres usavam as saias àquela altura, pensou.

– Mais, querida. Mostra um pouco de coxa, por favor.

Freda nunca se imaginara possuidora de coxas. Eram apenas pernas, de cima a baixo.

– Isso mesmo, Flora. Mais um bocadinho. Não sejas tímida, somos todos amigos aqui, não somos?

E tal como uma rã permanece imóvel na panela enquanto à sua volta a água vai ficando aos poucos mais quente, assim Freda, constrangida, foi subindo a saia cada vez mais, como uma cortina de palco a mover-se lentamente. Pelo menos, nenhum tentáculo a estava a tocar, pensou.

– Fantástico – murmurou Owen Varley. Estava a ficar com o rosto afogueado. – Agora a blusa, querida.

– A blusa? – Freda achou que tinha ouvido mal.

Ele era a *Gerência*, por amor de Deus.

– Sim, a blusa, a camisola. Despe-a, querida. Quero ver os teus atributos.

Freda hesitou. A metrópole, pensou, e desapertou o botão de cima. A água estava a atingir o ponto de fervura. Tocou no segundo botão, mas de repente disse:

– Não, lamento, não posso fazer isto, senhor Varley.

– Não sejas disparatada. Vá lá.

– Não.

Ele ergueu a enorme massa de carne da cadeira, e Freda teve um sobressalto de horror ao ver que tinha as calças desapertadas. «As partes pudendas» de Vanda pareceram-lhe de súbito um termo frívolo e desadequado para o que pareciam umas miudezas por cozinhar. O que estivera ele a *fazer* atrás daquela secretária? Freda voltou-se para sair, para saltar da panela, mas ele tinha uma agilidade surpreendente para um homem com o seu volume e antes que ela conseguisse alcançar a porta, já a encurralara e encostara à parede, com o enorme peso do seu corpo a esmagá-la ao ponto de quase a impedir de respirar.

Para sua surpresa, os pensamentos fugiram-lhe de repente e focaram-se

em Margaret Clitherow, uma mártir católica de York, que morrera por esmagamento; tinham-na deitado debaixo de uma porta, sobre a qual empilharam depois grandes pedras. Freda só conhecia a história porque os Ingram eram católicos. Na sua experiência, só os católicos pareciam interessados em mártires. A porta pertencia à casa da própria Margaret Clitherow, um pormenor estranho que Freda sempre achava curioso. Teria preferido ser esmagada por uma porta, qualquer que fosse, do que pela massa elefantina de Owen Varley.

– Anda lá – tartamudeou ele, enquanto lutava para lhe arrancar a roupa.

Freda sentiu-lhe os dedos gordos e frios por todo o corpo, em sítios onde ele não deveria ir. Comparado com aquilo, a investida do Sr. Birdwhistle parecia insignificante. Estava a ser violada, pensou, uma palavra que não sabia antes existir no seu vocabulário.

– Sê boa menina – grunhiu Owen Varley. Falava como se estivesse a asfixiar.

Um deles ia morrer. Ou ele tinha um ataque cardíaco enquanto gemia, se contorcia e estrebuchava como se tivesse dores, ou Freda morreria sufocada com falta de ar. Uma mártir da fama e da fortuna.

Reuniu as suas últimas forças e cravou os dentes como um cão no maxilar carnudo do seu agressor. E, como um cão, não o largou, mesmo apesar de estar quase a vomitar de nojo.

Owen Varley soltou um grito, tanto quanto um homem consegue gritar quando tem o maxilar preso entre os dentes de uma rapariga, e tentou libertar-se, mas Freda não o largava. Se pudesse, ter-lhe-ia arrancado a pele do rosto, mas acabou por ter de o soltar. Owen Varley caiu pesadamente no chão e ficou imóvel. Tê-lo-ia matado? Era possível matar uma pessoa à dentada?

Foge, pensou Freda. Foge e não olhes para trás. Foge e salva-te. Teve a presença de espírito de agarrar na mala de Vanda; as fotografias estavam espalhadas por todo o lado e ela não se deu ao trabalho de as apanhar, mas não ia sacrificar o dinheiro e as joias da Sra. Ingram por causa de Owen Varley.

Sem ninguém para a guiar até à saída do labirinto, Freda nem percebeu como conseguiu sair do teatro, mas conseguiu. Passou a correr pelo porteiro da porta dos artistas, pela fila serpenteante de raparigas esperançosas na Maiden Lane. Estava perto da igreja do Corpus Christi. Sabia que podia procurar refúgio numa igreja, mas preferiu o porto seguro do Lyons da Coventry Street, onde Florence a esperava.

*

Olhou o seu reflexo no espelho da casa de banho do Lyons. Passara a boca por água várias vezes, mas tinha a certeza de que ainda conseguia sentir o sabor do sangue de Owen Varley. Estava um pavor. Tinha o pente na mala e o melhor que conseguiu fazer foi lavar o rosto com água fria e alisar o cabelo com as mãos.

– Está tudo bem, querida? – perguntou com solicitude a funcionária idosa da casa de banho.

– Sim, estou ótima, obrigada – respondeu.

A amabilidade da senhora deu-lhe novamente vontade de chorar e teria deixado uma gorjeta à mulher, não fosse o seu dinheiro – graças a Deus – estar em segurança dentro da mala, na cadeira ao lado de Florence. Imaginem se o tivesse deixado no Adelphi, nunca teria sido capaz de o repor. Florence devia ter ficado de olho na mala. Não? Freda foi assaltada por uma súbita e avassaladora sensação de pavor e, tomada por um pânico horrível, regressou a correr para o interior do café, onde havia agora um grande alvoroço. Uma das empregadas gritava «Ladras!» e muitos clientes estavam de pé, como que a assistir a um espetáculo desportivo.

A excitação começara já a esmorecer quando Freda chegou à sua mesa. As pessoas tinham voltado a sentar-se e haviam regressado aos seus bules de chá. A perda não era deles.

– Elas levaram a tua mala – disse Florence com um ar aflito quando a viu.

– Elas? Elas, quem?

– Ladras. Mulheres.

– Porque não as impediste? – perguntou Freda. Sentiu frio, estava quase gelada de fúria. Como podia Florence ter sido descuidada ao ponto de deixar a mala sem vigilância? Como podia ter sido tão *estúpida*?

O lábio de Florence começou a tremer.

– A culpa não foi minha. Tu é que desapareceste a correr e deixaste a mala, Freda. Já sabia que ias dizer que a culpa era minha.

– Pois claro que foi! – exclamou Freda. – És uma burra estúpida e ignorante, Florence! Estaria muito melhor sem ti!

O Homem Invisível

Frobisher estava parado no fim da rua, com o colarinho do casaco levantado e a aba do chapéu puxada para baixo, ciente de que devia parecer muito suspeito a quem o visse. Contudo, orgulhava-se de saber confundir-se com a paisagem, como o Homem Invisível de H. G. Wells. Por conseguinte, teria ficado surpreendido se soubesse que ele próprio estava a ser observado, por um homem com um pequeno caderno na mão, parecido, ou antes, igual aos cadernos regulamentares distribuídos pela polícia que eram guardados no armário dos materiais da esquadra da Bow Street, por sua vez ferozmente vigiado por uma velha funcionária de cabelo grisalho que parecia um musaranho. Não entregava um lápis novo enquanto o coto do anterior não lhe fosse apresentado. Frobisher admirava a parcimónia, mas desagradava-lhe a sovinice. Pensou que podia ter uma conversa com ela, mas isso estava quase no fim da sua lista de prioridades. A menos que também ela estivesse a soldo dos proprietários dos clubes noturnos do Soho.

De facto, Frobisher estava ser vigiado desde o dia anterior, quando o dono do pequeno caderno fora contratado para o espiar. O caderno continha já uma panóplia de anotações tão banais que, se Frobisher as visse, teria ficado desconsolado (embora não surpreendido) com a qualidade rotineira da sua vida.

JOHN FROBISHER saiu da casa de Ealing às 6h20, chegou à Bow Street às 7h45. Frobisher saiu da Bow Street ao meio-dia, deu uma volta por Soho/Covent Garden. Almoçou (fiambre e batatas) no Jonnie's, na Floral Street.

O caderno foi fechado com um estalido e enfiado no bolso.

Desde que começara a trabalhar na Bow Street, Frobisher fora ali quase todas as noites a fim de observar as inúmeras entradas e saídas do Amethyst. Um desfile aparentemente interminável de gente, que ali afluía com a intenção de se divertir, atravessava as portas do clube noturno. A guerra tornara as pessoas hedonistas, ainda que fosse de esperar que tivesse tido o efeito contrário, que elas se sentissem aliviadas ao recuperarem a serenidade da paz. Frobisher nunca compreendera a busca de prazer como um objetivo em si mesmo. Imaginava que isso o tornasse enfadonho aos olhos dos outros. Acreditava numa vida regrada; não era um puritano, mas afligiam-no os comportamentos extremos que por vezes testemunhava. Já tinha o suficiente disso em Ealing.

Mas agora, claro, uma nova inquietação pairava no ar. Ele imaginava que fosse por causa dos rumores que corriam sobre uma greve geral, como se Londres não tivesse já o suficiente com que se preocupar. Não era que não se sentisse solidário com os trabalhadores. A guerra arruinara-os de muitas maneiras. Viviam numa distopia.

Tinha esperança de apanhar Maddox a entrar no Amethyst. Devia haver uma segunda entrada secreta algures. Frobisher procurara-a, claro, mas até ali ainda não conseguira encontrar nada. Na Bow Street ninguém admitia saber onde ficava, mas ele suspeitava de que todos sabiam.

Uma rapariga que, na realidade, mais parecia um espectro, penetrou no círculo de luz fraca projetado por um candeeiro público um pouco mais adiante. Teria treze anos? Catorze? Quinze? Impossível dizer. Parecia uma boneca com cachos de cabelo louro e pernas muito magras. As lantejoulas do seu vestido barato refletiram a luz do candeeiro. Agitada, nervosa, até, olhava em volta como se estivesse à espera de alguém. Frobisher estava prestes a abandonar o seu posto para a abordar e lhe dizer que fosse para casa, que não andasse em sítios daqueles, quando um táxi apareceu e dele saiu um grupo de foliões ruidosos e excitados; no momento em que entraram no clube, já a figura etérea da rapariga se desvanecera na noite.

Frobisher observou e esperou. A menina Kelling e Cobb chegaram finalmente. Seria Cobb o homem certo para aquele trabalho? Frobisher tinha as suas dúvidas, mas Cobb era empenhado e, ao que tudo indicava, sensato, uma palavra que, por qualquer razão, parecera aborrecer a menina Kelling.

Cobb, muito alto e magro, era ainda menos interessante sem farda. Trazia um fato demasiado grande para o seu tamanho, cujo aluguer fora pago com os fundos da Bow Street. Talvez a menina Kelling merecesse melhor.

Frobisher dirigiu-se com alguma relutância para a estação de metro. Afinal talvez percebesse o que levava as pessoas a andarem na farra até de madrugada. Significava que não tinham de voltar para casa.

*

Lottie adormecera na poltrona, e o seu peito subia e descia suavemente a cada respiração. Ao seu lado, a tampa da mesa de costura estava aberta. Lá

dentro, aninhada entre as meadas de lã de cores vibrantes de que precisava para os papagaios, estava uma agulha e uma seringa vazia. Pelos vistos, começara novamente. Frobisher sentiu-se entorpecido pela inevitabilidade de tudo aquilo. Quem lhe forneceria a morfina? Tanto quanto sabia, ela quase nunca saía de casa, à exceção de umas visitas às lojas situadas duas ruas mais adiante. E mesmo em relação a isso, era ele quem recolhia a maior parte das mercearias.

Retirou a agulha e a seringa, fechou a tampa da mesa de costura e foi buscar um cobertor para a tapar. Ela parecia estar determinada a desintegrar-se. Frobisher reparou que as tulipas que comprara tinham já murchado; os caules delicados estavam vergados, e as pétalas abriam-se agora, vorazes. Bem feito, pensou. Não tivesse comprado as mais baratas.

Carpe Noctem

— Está tudo bem no Foxhole? – perguntou Nellie a Betty quando esta e Shirley chegaram ao Amethyst.

– Sim, Ma, está tudo bem – respondeu ela.

– E no Pixie? – perguntou, voltando a atenção para Shirley. – Não houve mais incêndios?

– Não, Ma.

– Quem lá foi hoje? – perguntou Betty. Era mais uma pergunta de rotina do que um interesse real pelas celebridades.

– Uma mistura – respondeu Nellie. – A Tallulah Bankhead, o Frazzini, o rei da Dinamarca.

O rei da Dinamarca? A curiosidade de Shirley aguçou-se; nunca pensara muito na Dinamarca, quer no país, quer no rei.

– Não é má pessoa – disse Nellie, com alguma má vontade. Na sua juventude, tivera um encontro com Eduardo, o anterior rei, quando era ainda príncipe de Gales. Recusava-se a falar do assunto, mas uma vez no Ano Novo, depois de beber mais do que a sua conta de champanhe, dissera «observem bem o nariz do Niven».

– Oferece ao senhor Frazzini uma caixa de chocolates, sim? – disse a Betty.

Vendia as caixas por quinze xelins, mas comprava-as por atacado algures no Norte por um xelim cada, todas enfeitadas com laços (um *penny* cada), a soldados incapacitados pela guerra. As acompanhantes de dança esforçavam-se imenso para persuadir os seus pares a oferecerem-lhes uma; depois de comidos alguns chocolates, as caixas voltavam para o armazém de onde tinham vindo, onde as enchiam outra vez, lhes reajustavam as fitas e as voltavam a enviar para serem vendidas.

– Hoje vão ter de dançar com os clientes – disse Nellie às filhas. – Faltaram umas raparigas.

– Que raparigas? – perguntou Shirley. Para Nellie, as «raparigas» eram um substantivo coletivo, nunca sabia os nomes delas. Nem lhe interessava muito saber; uma rapariga era facilmente substituída por outra.

– Vão lá então. Não empatem.

*

O bando dos Coker começava a reunir-se. Logo a seguir às irmãs apareceu Edith, bastante menos animada.

– Ganhaste peso – comentou Nellie sem desviar os olhos dos livros-razão.

– Boa noite para ti também, mãe.

Nellie ergueu a cabeça e lançou a Edith um olhar demorado.

– Devias fazer qualquer coisa acerca disso – disse.

– Diz o roto ao nu – retorquiu Edith.

*

– Será que vai chover? – perguntou Nellie a Ramsay quando este apareceu.

– Não me parece. – Ramsay raramente prestava atenção ao tempo. Era outra daquelas coisas que escapavam ao seu controlo. – Porquê?

– O porteiro diz que não há guarda-chuvas para os clientes, foram todos roubados novamente.

– Não acredito que os roubem de propósito – disse Ramsay –, as pessoas é que se esquecem de os devolver.

– Isso é a definição de roubo. Na segunda-feira, podes ir à James Smith's encomendar novos.

– Porque não mandas um porteiro fazer isso? – perguntou Ramsay.

– Porque podes ir tu.

Ramsay aquiesceu com um suspiro. Era inútil protestar mais. Nellie podia evitar uma briga, mas nunca perdia uma discussão.

– O teu amigo está aí, a propósito.

Amigo? Ramsay sentiu uma pontada de alarme. Quem seria o seu amigo?

– Vai lá abaixo e traz-me um *Sherry Flip*, sim? Lindo menino.

*

Ramsay ficou a observar Freddie a preparar o *Sherry Flip*, partindo um ovo para dentro do *shaker* e adicionando-lhe xerez e açúcar. Aquilo fê-lo sentir-se ainda mais nauseado. Edith surgiu ao seu lado com um aspeto bastante murcho e disse:

– O rei dos fósforos sueco está cá.

– O Kreuger? A Mãe não me tinha dito. Estás melhor?

– Nem por isso.

– Estás com péssimo aspeto – disse o irmão, solidário.

– Obrigada, isso faz-me sentir muito melhor. O teu amigo chegou e já perguntou por ti.

Ramsay olhou na direção que Edith indicava e viu Vivian Quinn, sentado a uma mesa com Michael Arlen e Tallulah Bankhead. Quinn estava a pavonear-se com os seus companheiros, atirava a cabeça para trás e ria-se de tudo o que se dizia, chamando a atenção para si, claro. Tallulah Bankhead, ao que parecia, muito dissoluta, participava na peça do deplorável livro de Arlen que se desenrolava no Adelphi. Claro que havia uma peça. Até já se falava de um filme, com a Greta Garbo! À volta de Tallulah e de Arlen orbitava o elegante grupo de West Kensington composto pelos acólitos de Arlen. Quinn devia adorar estar àquela mesa, fazer parte daquele círculo fascinante.

– Ah, quando estive em Paris, claro – ouviu Quinn a dizer, com aquela sua voz aguda e incontida. Estava sempre a falar de Paris, mas só lá estivera duas semanas no ano anterior, quando dera uma volta pela Europa. Isso não o impedia de falar do Café de Flore e da Shakespeare & Co., nem de mencionar com um ar casual «a Zelda e o Scott», «o Ernest, o Pound e o James Joyce». Era tão pretensioso que deixava Ramsay a ranger os dentes. No peito deste, a aversão alternava com a inveja. Mas a inveja triunfou. Consolou-se com uma azeitona que tirou de um prato do bar. Reparou que Quinn lançava um olhar na sua direção, contornou rapidamente o balcão e agachou-se atrás dele.

– Está tudo bem aí nas trincheiras, senhor Coker? – perguntou Freddie.

– Sim, tudo em ordem, obrigado, Freddie. Está imenso calor na sala, aqui está mais fresco.

– No chão?

– Sim, no chão, Freddie.

– Quer que o avise quando a costa estiver limpa, senhor Coker? Quando o seu amigo se for embora?

– Ele não é meu amigo – declarou Ramsay.

– Muito bem, senhor Coker, como preferir – disse Freddie, resignado. Se sair agora depressa, ninguém o vê.

– Obrigado, Freddie.

– Senhor Coker!

– O que foi, Freddie?

– Não se esqueça do *Sherry Flip* da sua mãe.

*

– Vou sair para apanhar um bocado de ar – disse Ramsay a Nellie.

– Acabaste de ir apanhar ar.

– O ar não é racionado, Ma.

– Mas devia ser.

Ramsay meteu para a viela que dava para as traseiras do Amethyst. O clube tinha ali uma saída secreta, «a porta de fuga», como Nellie lhe chamava,

por onde os seus membros favoritos da classe dirigente podiam sair rapidamente em caso de rusga da polícia.

Para alcançar a porta de fuga, era preciso seguir um caminho sinuoso que ia dar a um pátio na parte de trás do clube onde ficavam as latrinas exteriores e passar depois por uma porta que nunca estava trancada e que desembocava nas traseiras de uma loja contígua, uma loja de ferragens (o dono recebia uma remuneração semanal), atravessar a loja e daí sair por uma porta para a rua. Muitos ministros do governo, pares do reino e até um ou outro bispo haviam escapado daquela forma pouco digna, como criminosos em fuga. Não era invulgar alguns baralharem-se e irem dar à adega de um restaurante italiano adjacente, aos tropeções por entre garrações de azeite e garrafas de Chianti.

Ramsay tirou do bolso a cigarreira. Era de ouro entalhado, com um fecho de rubi e o seu nome gravado no interior. Viera de uma loja na Bond Street, uma prenda generosa e inesperada da mãe pelo seu vigésimo primeiro aniversário. («Custou uma fortuna», dizia Nellie sempre que ele tirava um cigarro.) Tirou um, acendeu-o e aspirou o fumo, sentindo os pulmões a insuflar como um par de foles porosos. Fumava Balkan Sobranies, fortes e com intenso sabor a alcatrão, que comprava porque lhe agradava o desenho exótico do maço. Diziam que fumar fazia bem, mas Ramsay não estava assim tão certo.

Não teve tempo de acabar de apreciar o cigarro, pois Vivian Quinn contornou a esquina e aproximou-se dele.

– Aí estás! Estava a perguntar-me onde te terias metido, meu velho. Andas a evitar-me, Coker?

– Não, Quinn. Claro que não te ando a evitar.

– Arranja aí um cigarro.

Ramsay estendeu-lhe a caixa com relutância.

– Lume? – pediu Quinn.

Ramsay suspirou e tirou do bolso uma caixa de fósforos. Quinn pôs a mão em concha à volta da de Ramsay para proteger a chama, porque na viela havia sempre muito vento. Este teve vontade de lhe sacudir a mão, mas aguentou estoicamente o toque do outro para evitar uma das suas reações mordazes.

– Está cá o rei dos fósforos – disse Quinn, ao ver a chama.

– O Kreuger. Já sei.

– O homem é uma fraude ambulante – comentou Quinn. – Operações extrapatrimoniais, obrigações em ouro, contratos de derivados... Um dia destes, desaba tudo, vais ver. Como um castelo de cartas.

Ramsay não fazia ideia do que Quinn falava. Kreuger fazia *fósforos*, por amor de Deus. Montes de fósforos. Possivelmente *todos* os fósforos. Por que outra razão lhe chamariam o rei dos fósforos?

Quinn deu uma passa no cigarro, mas cuspiu e tossiu.

– Credo, Coker, isto é pavoroso!

– Tabaco turco. Aprende-se a gostar – disse Ramsay. Sem conseguir conter a curiosidade, perguntou: – É verdade que estás a escrever um romance? De que trata?

– De que trata? Um romance tem de *tratar* de alguma coisa?

– No geral, sim.

– Que banal. Bem, acho que *trata* de «Bright Young People que vão perdendo o brilho», mais ou menos.

– Já tens título?

– Tenho, um título genial: *Conversa de Chacha*.

Que título ridículo!

Por mais que Ramsay o negasse, a verdade era que ele e Quinn *eram* amigos, ainda que não gostassem muito um do outro. Tinham feito amizade por necessidade quando Ramsay regressara da Suíça, e Quinn, que acabara de ser contratado para escrever a sua coluna, procurava alguém para bater consigo a vida noturna de Londres. Ramsay ficara agradecido por ter um amigo, mesmo sendo alguém que só parecia interessado na sua própria ascensão pessoal.

Mas então Quinn fizera um avanço desajeitado no bengaleiro do Sphinx, escondidos por entre a floresta de peles, de casacos de lã e capas de homem, e Ramsay fora forçado a contorcer-se como uma doninha para fugir dele. Só a súbita aparição de Gerrit, que afastara bruscamente os casacos e perguntara «Está tudo bem, Ramsay?», pusera fim à situação.

– Ups – dissera Quinn. – Não queremos que o holandês voador fique com ciúmes, pois não?

– Eu não sou desses – dissera Ramsay com o rosto vermelho a Gerrit, depois de Quinn se ir embora; este rira-se e respondera:

– Tu sabes lá o que és, Ramsay.

*

– É algum *roman à clef*, Quinn? – insistiu Ramsay. Não aguentava pronunciar aquele título idiota.

– O *Conversa de Chacha*? Tens medo de constar nele? – perguntou Quinn com um sorrisinho forçado. – Uma personagem secundária, talvez?

Quinn fingia ter uma vaga ascendência aristocrática, mas Ramsay sabia que, na realidade, ele era filho de um leiloeiro do condado e tão impostor como acusava Kreuger de ser. Ramsay esperava que Quinn estivesse enganado acerca do rei dos fósforos. A mãe recebia conselhos financeiros do homem, a par de Alfred Loewenstein.

– O *israelita* – disse Quinn com desprezo.

– É belga – corrigiu Ramsay.

– Mais um aldrabão.

Andaria toda a gente a aldrabar, de uma maneira ou de outra?, perguntou-se Ramsay.

– Queres ir comigo para a semana a uma jogatana? – perguntou Quinn.

– Uma jogatana?

«Jogatana» era como os ladrões chamavam a uma partida de cartas. Ramsay gostava de jogar às cartas; aprendera a gostar quando os bolcheviques da Great Percy Street o haviam ensinado a jogar *Preferans*. Já participara em algumas partidas com Quinn, reuniões pequenas e discretas, itinerantes para evitar a polícia, realizadas em apartamentos de bairros como Bloomsbury e Marylebone. Os residentes recebiam uma quantia para se ausentarem por uma noite, os tapetes eram enrolados, a mobília empurrada para a parede e eram instaladas pequenas mesas onde se jogava *gin rummy* ou *vingt-et-un*. As mulheres também participavam, por isso a coisa mantinha-se bastante civilizada, não era como num jogo de rãguebi. As apostas tinham um limite, circulava vinho barato e cerveja, e toda a gente se divertia imenso antes de regressar a casa aos tropeções, com algumas libras a mais ou a menos. As apostas eram baixas, Ramsay nunca ganhara nem perdera mais de cinco libras. Não era nada que se parecesse com Biarritz ou Monte Carlo. Ainda assim, Nellie teria ficado furiosa se soubesse.

As partidas eram ilegais, como era evidente, mas ninguém queria saber. Além do mais, uma das pessoas que se sentava com frequência à mesa era um polícia, um tipo jovial, sem farda (teria parecido um disfarce), que dizia: «Que mal tem um bocadinho de diversão inofensiva? Toda a gente gosta de apostas.»

– Vai ser em Belgravia – disse Quinn.

– Em Belgravia?

– Sim. Pessoas interessantes, com bastante classe, na realidade. Para ser franco, foi uma sorte terem-nos convidado.

– Isso soa-me a apostas altas.

– Não, não me parece. Eles jogam só por diversão. Bom, pensa nisso. Tenho de ir andando. Vou à abertura do Gargoyle, consigo meter-te lá dentro, se quiseses ir comigo.

– Não, obrigado.

– Como queiras.

Tinha começado a chover, e Quinn abriu o guarda-chuva que levava consigo.

– Bom, até breve – disse, e afastou-se com um ar emproado e indiferente.

O guarda-chuva, reparou Ramsay, era um dos desviados do Amethyst.

*

Quando Ramsay regressou ao Amethyst, não só os porteiros estavam misteriosamente ausentes do seu posto, como a mãe já não se encontrava no seu poleiro, na cabine da caixa, e fora substituída por Kitty. O copo que continha o *Sherry Flip* de Nellie estava vazio e Kitty parecia particularmente fresca.

– Onde está ela? – perguntou Ramsay.

– Não sei.

A irmã admitiu que deixara inadvertidamente entrar vários membros dos Hackney Huns, que tinham passado por ela disfarçados de Pierrots. Ultimamente, alguns membros dos Huns disfarçavam-se para se infiltrarem nas inúmeras festas de máscaras que pareciam todas as noites realizar-se em Londres. Ramsay pensou na múmia egípcia e nos seus amigos da noite anterior. Um bando de Pierrots ter-lhe-ia parecido ainda mais ameaçador.

Os Huns eram espertos, misturavam-se sem dar nas vistas com os convidados das festas e surripiavam-lhes discretamente os objetos de valor. As vítimas estavam tão concentradas a divertir-se que só davam por terem sido roubadas quando já era tarde demais.

– Vais ouvi-las, se houver sarilhos – disse Ramsay a Kitty.

– Ao que parece, eu sou uma criança; tu é que vais ser o culpado.

Como que de propósito, naquele preciso momento ouviu-se um tremendo alvoroço vindo do andar de baixo. Ramsay hesitou. O porteiro da entrada continuava ausente. Linwood, por outro lado, vinha a subir as escadas a correr.

– É melhor vir depressa, senhor Coker – disse, ofegante. – Aquilo ali em baixo está um caos. Os bandidos atiraram-se ao pescoço uns dos outros. Ainda matam alguém.

Com a solenidade de quem entrega uma espada sagrada a um cavaleiro, Kitty passou a Ramsay o bastão de polícia que guardavam na cabine da caixa. Nellie usara-o em mais do que uma ocasião.

– Para a toca do leão, senhor Coker – incitou Linwood.

Ramsay desceu as escadas, seguido por um Linwood relutante e uma Kitty entusiasmada. Linwood afastou a cortina de bombazina, e Ramsay, de bastão em punho, fez um esforço para entender o pandemónio que tinha à frente. Para além de bater com algumas cabeças umas nas outras, pouco parecia que pudesse fazer. Talvez fosse melhor deixar que a briga se diluísse por si, como um fogo a atravessar o clube. Às vezes, era a melhor estratégia.

Havia diversas fações envolvidas, que, combinadas, tinham produzido um conjunto de circunstâncias voláteis, que Betty, detentora de uma boa perspetiva do local onde se encontrava a banda, relatou mais tarde a Ramsay. Os Huns, embriagados com *whisky* barato e com os êxitos da noite, tinham os amplos bolsos a abarrotar com o saque proveniente de uma festa recente em Berkeley Square e estavam desejosos de comemorar.

Tinham passado a noite a provocar Frazzini, que estava sentado tranquilamente à sua mesa e se recusava a ceder à irritação, para grande aborrecimento deles. Até lhes oferecera chocolates da caixa que Nellie mandara um pouco antes para a sua mesa, o que os enfurecera ainda mais. Frazzini sabia uma coisa que os Huns desconheciam: os seus homens, tendo tido conhecimento de que havia problemas, estavam naquele momento a entrar no clube pela passagem secreta, prontos para a refrega.

A faísca fora ateadada por um dos Huns, que se envolvera numa discussão

com alguém por causa de uma das raparigas que os dois haviam convidado para dançar. A rapariga em questão, Ekaterina, uma russa branca, imigrante e antibolchevique, era muito solicitada pela clientela habitual. Fora atraída de Paris, onde Nellie passara vários meses a tentar lançar o malfadado l'Angleterre. Dizia-se que Ekaterina tinha dançado nas Folies-Bergère, o que, como era natural, a tornava muito popular no Amethyst, pois havia sempre a expectativa de que poderia despir-se a qualquer momento. Mas nunca o fizera.

O primeiro Pierrot desferira um soco, um sinal para os outros membros do seu gangue se juntarem à briga, sem sequer verem onde acertavam. Os casais vindos dos subúrbios acocoraram-se atrás das mesas; aquilo era levar o seu «bocadinho de diversão» longe demais. Mas os clientes habituais mais calejados prepararam-se para um bom espetáculo, sobretudo agora que os vândalos de Frazzini tinham chegado e se juntavam à escaramuça. Não tardou que metade da pista de dança fosse invadida pela turba, com balões e serpentinas a pender do teto, o que dava à cena um ar carnavalesco incongruente.

E então, um Pierrot sacou um revólver de um dos bolsos avantajados do seu disfarce branco e começou a agitá-lo no ar. As pessoas mais próximas atiraram-se para baixo das mesas a uma velocidade admirável. Ouviu-se um tiro, que soou muito alto mesmo por entre o alvoroço do clube.

Ramsay não sabia, claro, que o rei da Dinamarca, como chefe de Estado que era, ia acompanhado por uma comitiva armada, pronta a defender a Coroa de todos os perigos. Os seus homens estavam agora de armas em riste e apontavam-nas de uma maneira vaga e alarmante para o centro da multidão.

Aquele primeiro disparo foi como um tiro de partida. Após um breve silêncio de surpresa, seguiu-se uma saraivada de tiros, como se toda a gente que tivesse uma arma se tivesse posto a disparar. E muitas pessoas tinham armas, não apenas os bandidos; afinal, pouco tempo passara desde a guerra. Não restavam só muitas «lembranças»; havia também muitos homens que tinham aprendido a usá-las no exército.

A banda, sempre imperturbável acontecesse o que acontecesse no clube, começou a tocar «Runnin' Wild» a um ritmo frenético, que só ajudou a intensificar o tumulto. Talvez fosse mesmo essa a intenção deles. Nellie pagava-lhes trezentas e cinquenta libras por semana, que considerava um escândalo, mas não tinha alternativa; o Amethyst era muitas coisas, mas não era nada sem a dança. A banda era composta por um grupo de homens muito determinados, daqueles capazes de se afundarem alegremente com o navio. Mais tarde, descobriu-se que uma bala abria um sulco no piano, mas o pianista não abandonara o seu posto.

Ramsay já via os cabeçalhos do dia seguinte: massacre em clube noturno do soho. Agora é que ia ser o fim do clube, se não mesmo de toda a família. Onde estava a polícia quando se precisava dela? Quando não era necessária, andava sempre a rondar. Belo trabalho do inspetor Maddox e da sua «proteção».

E então, de repente, Nellie apareceu do nada, como se houvesse um *deus ex machina* escondido atrás do palco. Onde teria estado aquele tempo todo?, perguntou-se Ramsay. Brandiu a bengala nova como o chicote de um domador de leões. Vários membros da banda baixaram-se para a evitar. Era extraordinário o poder que ela tinha. Era tão pequena que quase não se via, mas passados poucos minutos o clube tinha sossegado, o comportamento anárquico dissipara-se, as armas haviam desaparecido e vários rufiões estavam de olhos postos no chão, envergonhados. A banda começara a tocar qualquer coisa suspeitosamente parecida com Mozart. Nellie havia de lhes dar uma palavrinha acerca disso mais tarde. Na opinião dela, a mínima sugestão de música clássica podia ser a morte de um clube.

Um dos membros da comitiva do rei da Dinamarca tinha um Pierrot a guinchar preso pelo pescoço com um gancho do braço. Podia ser qualquer um dos Hackney Huns, pois todos tinham um disfarce semelhante, mas não importava, aquele representava todos: era um troféu. Com um ligeiríssimo aceno de cabeça para todas as partes envolvidas, Nellie fez sinal para que o Pierrot fosse entregue aos bandidos de Frazzini como sacrifício simbólico. Estes dirigiram-se para a saída secreta do clube com o prisioneiro condenado a clamar inocência, como se estivesse a ser arrastado para o patíbulo.

Era um milagre, mas as balas pareciam não ter atingido nenhum dos convidados e tinham-se cravado no chão, nas paredes e no já mencionado piano, além de terem feito também rebentar a maior parte dos balões, que pendiam agora murchos e desalentados do teto. Apesar da ausência de feridos, não deixaria de ser uma noite negativa para a reputação do clube. («Isso é dizer pouco», declarou Edith.) Era uma sorte Vivian Quinn ter já partido para o Gargoyle, o incidente só apareceria na sua coluna em terceira mão, na pior das hipóteses.

Para tranquilizar os clientes, Nellie bateu palmas e proferiu palavras que nunca antes haviam sido ouvidas em nenhum dos seus clubes:

– Bebidas grátis para toda a gente! – Um comunicado que foi recebido com uma saudação de alegria por parte de todos. As pessoas saíram de baixo das mesas e a pista de dança voltou a encher-se de foliões. Que história os casais de Pinner teriam para contar quando regressassem às suas casas bem organizadas de falso estilo Tudor!

Mas aquele não foi o fim do drama da noite, pois um grito gutural solitário, como o de uma raposa com cio, ergueu-se então no canto da sala mais próximo de Ramsay. Não foi suficientemente alto para fazer parar quem dançava, mas bastou para levar Ramsay a abrir caminho por entre a multidão novamente alegre, para descobrir que novo horror os esperava.

Deparou com um dos homens de Frazzini estendido no chão, com uma copiosa quantidade de sangue a jorrar-lhe de uma ferida no peito.

Várias pessoas rodearam logo o homem, entre elas Nellie e o próprio Frazzini. Ramsay reparou na troca de olhares eloquentes entre os dois, mas era demasiado subtil para ele a conseguir interpretar.

Os restantes Coker aproximaram-se rapidamente do ferido. Tinham uma atração natural por sarilhos.

– Precisamos de um médico – disse Ramsay, surpreendido por mais ninguém ter expressado aquela necessidade. Frazzini rosou qualquer coisa entre dentes que pareceu *nada de polícia*, e Ramsay viu que a mãe estava a morder o lábio e a olhar para o homem como se estivesse em transe. Aquela inação da parte dela surpreendeu-o; iria deixar que o homem morresse ali no meio do chão, sem mexer um dedo para o ajudar?

Um recém-chegado abriu caminho por entre o círculo que rodeava o homem ferido: uma mulher. Pareceu perceber imediatamente a situação, ajoelhou-se ao lado do corpo inerte da vítima e colocou uma mão com firmeza sobre o ponto de onde brotava o sangue, sem medo de se sujar.

– Por amor de Deus – disse, sem se dirigir a ninguém em particular. – Não fiquem aí especados. Vá à cozinha – ordenou a Shirley – e peça panos limpos. Despache-se!

Shirley saiu a correr, obediente.

– Como se chama ele? – perguntou a mulher, e, ao ver que Frazzini não respondia, repetiu com impaciência: – O nome dele, por favor? – Parecia uma professora severa a dirigir-se a um aluno voluntarioso.

– Aldo – respondeu Frazzini com relutância.

– Aldo – repetiu a jovem, dirigindo-se ao ferido numa voz calma. – Aldo, consegue ouvir-me? Levou um tiro, mas não se preocupe, vai correr tudo bem.

Os lábios pálidos de Aldo emitiram um ligeiro murmúrio.

Shirley voltou da cozinha com uma pilha de panos e a mulher comprimiu um contra o peito do homem. O pano ficou quase imediatamente ensopado de sangue e foi substituído por outro. A mulher não tardou a ficar também toda ela coberta de sangue. Mas parecia totalmente indiferente a isso.

– Preciso de água quente e de iodo, ou, se não houver, ácido carbólico – disse. – Têm um *kit* de primeiros socorros? – A pergunta foi dirigida a Ramsay, que não fazia ideia. Teriam? Deviam ter, claro. – Por amor de Deus – disse, ao vê-lo sem reação. – Alguém tem uma tesoura ou uma faca?

Em silêncio e com alguma relutância, Betty tirou o canivete da bolsa de malha prateada.

– É preciso esterilizá-lo em água a ferver, pode fazer isso? – perguntou a mulher. Ergueu os olhos e reparou em Kitty, que estava agora com o rosto verde. A cor *du jour*, pensou Ramsay, sem conseguir desligar o seu cérebro de escritor, embora o desejasse muito. Voltou a sentir náuseas, o que não era de estranhar.

– Vai vomitar? – perguntou a mulher a Kitty. – Se vai, importa-se de se afastar?

Surpreendida, Kitty obedeceu. Esperara compreensão, não que a mandassem embora.

A mulher disse a Nellie:

– Temos de o afastar desta confusão. Há algum espaço privado?

Nellie, perplexa por alguém que não ela lhe estar a falar num tom autoritário, assentiu com deferência e indicou uma das salas privadas.

Niven apareceu. Franziu o sobrolho ao ver o drama que tinha à frente. O clube estava muito animado quando saíra, pouco antes. O que tinha acontecido?

Ao vê-lo, a mulher disse:

– Pode ajudar-me a deslocá-lo? Temos de ter cuidado, acho que a bala lhe perfurou a artéria. – Niven ficou uns momentos sem palavras, e ela repetiu com mais veemência: – Senhor Niven? Importa-se de me ajudar?

– Claro, menina Kelling – respondeu ele. – Claro.

Uma Noite no Bairro do Vício

Para anunciar o jantar no Warrender, a Sra. Bodley tocava um gongo de bronze que havia na receção, uma proeza considerável da sua parte. Era o sinal para que as Senhoras em Situação Difícil se precipitassem com os seus melhores atavios – uma mistura heterogénea de roupas de noite antigas e puídas a tresandar a naftalina. Gwendolen decidira usar o velho vestido de veludo, por receio de que as roupas novas pudessem suscitar críticas da Sra. Bodley e uma emoção demasiado forte entre as Senhoras em Situação Difícil.

O jantar foi sopa *mulligatawny*, seguida de tarte de bife e rim, rematadas por um bolo esponja com compota e leite-creme. Gwendolen pensou que não conseguiria dar um passo de dança que fosse depois de um repasto tão grandioso ou até enfiar-se num dos seus vestidos novos.

Frobisher dera-lhe instruções. Um tal agente Cobb iria buscá-la às oito. Cobb era «de confiança», dissera Frobisher. «Um tipo sensato».

Tem algum vestido de noite, menina Kelling? Agora tenho, pensou Gwendolen enquanto escolhia um, de seda azul com bordados de filigrana prateada. Serviria muito bem para a sua entrada no palco da falsidade e da dissimulação. Era uma serpente a trocar a velha pele de bibliotecária, de *tweed* e lã, por uma nova, de seda.

Camuflou as nódoas negras do rosto com pó de arroz; só as veria quem soubesse que lá estavam. *Maquilhagem*, murmurou ao espelho; que bela palavra para encobrimento. Só o cabelo se amotinava contra aquela mudança. Ainda assim, o Sr. Niven ficaria surpreendido se a visse naquele momento, pensou, avaliando a sua imagem.

Esperara com otimismo conseguir evitar a Sra. Bodley; contudo, quando saiu para o Amethyst, ela ainda se encontrava de vigia.

– Está um táxi à sua espera lá fora – disse ela.

– Com um homem lá dentro à espera também? – perguntou Gwendolen, provocadora.

- Com efeito, sim. Quase que se lhes perde a conta, menina Kelling.
- Sou uma afortunada.

*

– Gwendolen – apresentou-se, estendendo a mão ao agente Cobb, que lhe apertou frouxamente e repetiu «Gwendolen» hesitante, como se o simples facto de pronunciar o nome dela o pusesse em risco de causar alguma intimidade inconveniente. Ele não deve ter irmãs, pensou. Recordou-se de Niven. Via-se que percebia de mulheres. Suspeitou de que esse tivesse irmãs em casa.

– Como se chama o senhor? – perguntou. – Não posso tratá-lo por «senhor agente», isso denunciaria o nosso artifício. Afinal, devemos fingir ser um casal.

– Chamo-me William – respondeu ele com relutância. Parecia um pouco mal-humorado, como se tivesse sido obrigado a alinhar naquela aventura de espionagem contra a sua vontade.

À entrada do Amethyst, Gwendolen deu o braço a Cobb.

– Vós que entraís, abandonai toda a esperança – murmurou-lhe quando passaram entre os dois porteiros musculados.

– Desculpe?

– Dante.

– Acho que não o conheço.

Ele engoliu em seco, nervoso, fazendo a maçã de Adão subir e descer. Era demasiado saliente para a haste fina que era o seu pescoço.

– Ele não é de cá – disse Gwendolen para o tranquilizar.

Estaria nervoso por estar com ela ou devido à missão que tinha pela frente? As duas coisas, provavelmente.

– Vamos, William – disse ela com firmeza. – Entremos com o pé direito. *Carpe noctem!*

O Amethyst não era o que Gwendolen esperava. Era muito mais elegante do que o «antro de perdição» que Frobisher lhe havia descrito. Todas as pessoas envergavam roupas de noite, com joias e sedas, e muitos dos homens usavam casaca. O bengaleiro estava a abarrotar de peles. Ela captava em todo o lado a forma de falar cuidada das classes privilegiadas, e ainda algumas pronúncias americanas e rostos de diversas tonalidades. O Amethyst parecia ser mais do que um grupo de pessoas a divertir-se. Ou talvez fosse *essa* a ideia que Frobisher tinha de perdição.

A noite começou bastante sóbria. Depois de passar pelos porteiros, era preciso passar pela cabine da caixa, onde Nellie Coker estava de plantão. Gwendolen lembrou-se da Sra. Bodley e do seu balcão da receção. Ambas tinham o mesmo olhar de autoridade férrea. Gwendolen reconheceu Nellie Coker da manhã anterior, embora esta estivesse agora coberta com uma explosão de atavios.

Praticamente não dirigiu o olhar para Gwendolen e para o seu par falso,

mas ainda assim esta sentiu-se inspecionada. («Ela tem olhos por todo o lado», dissera Frobisher.) A matriarca aceitou o dinheiro de Cobb e fez-lhes sinal para se dirigirem a uma cortina de bambu que dava para umas escadas escuras e longas, ao fundo das quais um laçao de sorriso afetado os acolheu afastando outra cortina e disse:

– Bem-vindos ao Amethyst.

Pareceu ficar à espera de uma gorjeta, mas Cobb passou por ele sem se deter, de uma forma um pouco grosseira, na opinião de Gwendolen. Talvez o orçamento previsto por Frobisher para a noite não contemplasse gratificações. O fantasma do cornetista ergueu a cabeça lúgubre e suscitou-lhe uma sequência de pensamentos que a transportaram, primeiro para a queda, depois para o roubo e a seguir para o resgate. Niven. Como se sentiria se estivesse agarrada ao braço *dele* e não ao braço frouxo do agente Cobb?

– Menina Kelling? – chamou Cobb, desviando-a daquela sequência de pensamentos.

*

Foram conduzidos a uma mesa, da qual se aproximou um empregado. Gwendolen recebeu que Cobb fosse abastémio; tinha todo o ar de ser.

– Devíamos pedir qualquer coisa para beber – murmurou ela. – Uma bebida alcoólica. Senão, vamos parecer deslocados.

Gwendolen achou que tinha mais jeito para aquela missão de espionagem do que Cobb. Mas para ela era uma diversão, ao passo que para ele era trabalho. E um teste também, talvez. Concebido por Frobisher.

– Sim, é melhor – respondeu ele, para seu grande alívio. Gwendolen não bebia com assiduidade, mas achou que uma noite com William Cobb exigia alguma coisa que espezitasse.

Foi-lhes apresentada uma carta de *cocktails*. Era grande como a Bíblia, e nenhum dos dois fazia a mais pequena ideia do que eram as bebidas nela incluídas. No estrangeiro, somos inocentes, pensou Gwendolen. Começou a ler a carta em voz alta. Era impossível desvendar a composição das bebidas apenas pelos nomes. Inventar nomes para *cocktails* devia ser um trabalho a tempo inteiro.

– O que acha que é um *Highwayman*? – perguntou a Cobb. – Ou, já agora, um *Sunbeam*, um *Mikado*, um *King of Britannia*? Que diabo terá isto dentro?

– Laranja, *brandy*, vermute italiano e quinino – desbobinou sem hesitar o empregado que ficara à espera.

– Caramba! Então, William, vai um *Bloodhound*? Um *Honeymoon*? Um *Grand Desire*?

Ele corou. Ficava embaraçado com facilidade.

– Pare, por favor – murmurou, a perder a paciência. – O que recomenda? – perguntou ao empregado. – Para não ficarmos aqui a noite toda.

O empregado acabou por sugerir dois *Buster Browns* e desapareceu para

os ir buscar. Cobb acendeu um cigarro, mas depois lembrou-se de Gwendolen.

– Quer um?

– Não, obrigada.

Depois do batismo com o primeiro *Buster Brown*, Cobb surpreendeu Gwendolen ao pedir outro sem demora. Talvez fosse a coragem infundida pelo álcool. Gwendolen não fazia ideia do que continham as bebidas, mas o seu sabor parecia tão inofensivo como licor de flor de sabugueiro. Animado pelos *cocktails*, Cobb aceitou dançar um *two-step* com ela. As sandálias prateadas de Gwendolen estavam mortas por se irem juntar a outras na pista de dança. Não dançava desde a guerra e, embora estivesse enferrujada da falta de prática e Cobb parecesse ter aprendido a dançar num manual, depois de umas voltas pela sala começaram a apanhar o ritmo. Vencida a relutância em ter qualquer contacto físico com ela (ou com qualquer outra mulher, desconfiava Gwendolen), Cobb parecia começar a divertir-se um pouco.

O clube estava à pinha. Com um certo sentimento de culpa (esquecera-se por completo), Gwendolen recordou o propósito da sua visita: encontrar as ovelhas perdidas. Como seria de esperar, não havia sinais de Freda nem de Florence, e não se viam senão raparigas bonitas e sorridentes a fazer aquilo para que haviam sido contratadas, que era dançar com quem quer que lhes pagasse o preço devido. Podiam não ser inocentes, mas alegres eram sem dúvida.

*

Como veio a verificar-se, os *Buster Browns* não eram tão inofensivos como pareciam, e Gwendolen sentia-se um bocado tonta; estava prestes a sugerir a Cobb que regressassem à mesa, quando se ouviu um enorme alvoroço, seguido do som inconfundível do disparo de uma arma. O tiro teve o efeito assombroso de deixar a sala agitada no mais completo silêncio.

Gwendolen viu vários homens a sacarem de armas e, estimulada pela visão, agarrou no braço de Cobb, que estava paralisado, arrastou-o para um lado da sala e obrigou-o a acocorar-se. Se comesçassem aos tiros, era melhor que não estivessem na mira de ninguém. Com efeito, após o primeiro tiro solitário seguiu-se uma salva de disparos. Foi como se, de repente, estivessem no meio de um romance de Zane Grey, pensou Gwendolen. (O Sr. Pollock também perdera a discussão habitual sobre ele.) Ou de uma guerra, claro.

O conflito terminou tão depressa que Gwendolen se perguntou se os *cocktails* não lhe teriam causado alucinações. A banda nem sequer tinha parado de tocar, ninguém parecia estar ferido e, passados segundos, as pessoas começaram a emergir dos seus esconderijos e a dançar novamente. Gwendolen olhou em volta à procura de Cobb. Talvez fosse boa altura para irem embora. Não encontrara as suas ovelhas tresmalhadas, mas pelo menos teria uma história para contar a Frobisher. Não queria desiludi-lo aparecendo de mãos a abanar na Bow Street na segunda-feira de manhã. Para sua surpresa, descobriu que Cobb parecia ter chegado à mesma conclusão – fora

abandonada! Antes de ter tempo para digerir aquele facto inaudito, Gwendolen ouviu um uivo de dor. Afinal, alguém tinha sido ferido. Sentiu-se na obrigação de ir ajudar. Afinal de contas, se havia coisa de que percebia era de feridas de balas.

*

– O Amethyst é sempre assim tão animado? – perguntou Gwendolen a Niven quando ele a levou de carro a Knightsbridge na madrugada de domingo.

Ele riu-se.

– Não, o que aconteceu hoje foi anómalo.

Bem, aquilo era uma palavra cara, pensou ela. Não que tivesse achado que ele fosse pouco instruído, mas era um Coker, e a família parecia tão injuriada por tudo e por todos que ela presumira que o seu comportamento estivesse ao nível dos bárbaros. Censurou-se severamente pela sua presunção.

Normalmente era um local pacífico, continuou ele, onde as pessoas iam passar um bom bocado e gastar dinheiro.

– Vão lá para se divertirem – acrescentou, e olhou para ela, como que a avaliar o efeito que a palavra teria, como se ela fosse a típica tia solteirona.

– Um pouco de diversão não tem mal nenhum – disse Gwendolen. Afinal, também lhe agradara estar numa sala cheia de gente a dançar como um dervixe delirante num mar de álcool. Tinha de admitir que gostara de dançar, de beber os *cocktails* e de atormentar o agente Cobb. Tinha até tido algum prazer, ainda que fosse melhor guardar isso para si, em dar assistência a um homem à beira da morte. Há muito tempo que não se sentia tão viva.

Que noção teria Niven de diversão?

– A diversão é sobrevalorizada – disse ele com desdém, como se ela tivesse feito a pergunta em voz alta. – Mas suspeito de que para aqueles bandidos, diversão seja isto. A minha mãe não tolera violência no clube – acrescentou. – É mau para o negócio, e para a minha mãe o negócio é tudo.

Gwendolen levou um instante a recordar-se de que «a minha mãe» era Nellie Coker; Nellie não tinha aspeto de ser mãe de ninguém. Nem Niven parecia ser filho de ninguém. Certas pessoas eram completas por si sós, como se tivessem nascido da terra ou do mar, como alguns deuses. O que não era um elogio. Os deuses eram brutalmente indiferentes para com a humanidade.

Fora inesperado, para não dizer pior, descobrir que Niven era um Coker. Niven era o seu primeiro nome, não o apelido, e fora isso que a desorientara, claro. Que estranha coincidência o homem que a apanhara do passeio na Regent Street dois dias antes e aquele que não hesitara em salvar a vida a um homem naquela noite serem a mesma pessoa!

Depois de terem estendido Aldo em cima de uma mesa de cavaletes que alguém mandara vir de qualquer lado, Niven pôs-lhe o seu casaco pelos ombros e disse:

– Eu levo-a a casa.

– Ainda estraga o casaco, estou coberta de sangue – disse Gwendolen, ciente de que o casaco devia ser caro.

– Se for preciso, compro outro – respondeu ele.

– E compra outro carro também? – perguntou ela, enquanto deslizava com cuidado sobre o couro creme do magnífico automóvel. Ele riu-se e respondeu:

– Preferia não ter de o fazer. Ele estava a sangrar muito, não estava? Pobre estupor.

Não pediu desculpa pela linguagem, o que agradou a Gwendolen. Sentira um certo companheirismo entre eles enquanto se ocupavam do ferido. Ambos já tinham visto pior.

Percorreram Piccadilly em direção a Hyde Park Corner. Eram quase três da manhã e as ruas estavam desertas. Gwendolen imaginava que os Coker fossem criaturas noturnas, bastante habituadas a ver o nascer do dia. O ar noturno de Londres estava fresco, e ela sentiu-se estranhamente eufórica. Lançou um olhar a Niven. Tinha um perfil tão atraente que se tornava suspeito.

– Está a olhar para mim – disse ele, sem desviar a vista.

– Não estou, não. – Apressou-se a mudar de assunto. – Como é que aquilo começou? O que é que provocou a briga? Não vi.

– Um disparate qualquer sem importância. Estes gangues perdem as estribelhas muito rapidamente. O seu amigo abandonou-a ao primeiro sinal de confusão, não foi nada cavalheiresco da parte dele. Com quem estava a dançar?

– Com um homem – respondeu Gwendolen. – Estava a dançar com um homem. Não sei o nome dele.

Niven parecia divertido.

– Então, foi ao Amethyst sozinha? E dançou com um desconhecido? Normalmente, só as mulheres de má fama vão a clubes noturnos sozinhas e dançam com desconhecidos. Não me parece ser uma mulher de má fama, julgo lembrar-me de me ter dito no outro dia que era bibliotecária.

– Vim a Londres a pedido de uma amiga – disse ela. – Procurar a irmã e uma amiga dela.

– Então veio em missão?

Estaria a ser sarcástico? Com ele, não se percebia bem.

– E esse homem, o desconhecido com quem estava a dançar, está a ajudá-la na sua missão?

Gwendolen sentiu-se incomodada com aquele interrogatório cerrado. Como explicar o agente Cobb, a forma como aparecera e desaparecera? Para seu grande alívio, chegaram ao Warrender. Pararam à frente do hotel e Niven desligou o motor.

– Vai arranjar sarilhos com a Madre Superiora por chegar depois do recolher obrigatório – disse ele.

– Está mesmo convencido de que é um convento.

– Podia deixá-la antes no Savoy, não fica longe. Eles conhecem-me. Nós pagaríamos a conta, claro. Pelo incômodo que lhe causámos.

O Warrender parecia, com efeito, muito pouco convidativo. O edifício estava completamente às escuras, nem uma única luz iluminava o alpendre.

– Fico muito bem aqui – disse ela com firmeza.

Niven encolheu os ombros, como se não lhe interessasse. Que irritante que ele era! Saiu e foi abrir-lhe a porta do carro.

– Foi o senhor que veio devolver a minha mala? – perguntou Gwendolen. – Deve ter sido – acrescentou, sem esperar pela confirmação. – Como é que a encontrou?

– Digamos que conheço pessoas.

– Ladrões?

– Não somos todos ladrões, de uma maneira ou de outra?

– Não!

– Que vida tão virtuosa que deve ser a sua.

– Dito assim, parece um insulto. – Ela retirou o casaco dele dos ombros, entregou-lho e disse: – Bom, então, boa noite.

– Boa noite.

Já subira os degraus do Warrender quando percebeu que não tinha a chave da porta da entrada. E não havia porteiro noturno, como a Sra. Bodley fizera bem questão de a informar. (A Sra. Bodley fizera questão de a informar de muitas coisas.) Ia ter de a acordar. Deus santíssimo, que ideia! O que pensaria a Sra. Bodley quando a visse naquele estado, toda desgrenhada e salpicada de sangue? Devia estar com ar de ter assassinado alguém. Talvez nem a deixasse entrar, talvez a deixasse na rua como a um cão vadio. Voltou-se para Niven, que continuava parado no passeio, e encolheu os ombros. Ele riu-se do dilema dela e abriu-lhe a porta do carro.

– Então sempre vamos para o Savoy, menina Kelling? – perguntou ele.

*

E, felizmente, aceitou, pois no Warrender a casa de banho ficava ao fundo do corredor e teria tido de passar o pouco que restava da noite a esfregar da banheira o sangue em que se sujara, para não falar dos comentários que teria de ouvir da Sra. Bodley sobre uma hóspede a tomar um banho a meio da noite. No Warrender, as canalizações faziam um barulho horrível e teriam provavelmente acordado as Senhoras em Situação Difícil, que, segundo dizia a Sra. Bodley, tinham um sono muito leve. A alternativa teria sido uma lavagem muito pouco convidativa de esponja e água fria no quarto, com a bacia e o jarro.

O quarto do Savoy, pelo contrário, possuía uma luxuosa casa de banho privativa, com água quente corrente; se deixasse vestígios de sangue do membro de um gangue londrino, a empregada de limpeza nem pestanejaria. Ao contrário do Warrender, os grandes hotéis de Londres permitiam indiscrições. Afinal, não era para isso que as pessoas pagavam?

Gwendolen avaliou a sua imagem no espelho de pé do quarto de hotel. Que visão! Depois do saque da cidade, as mulheres de Troia deviam estar mais apresentáveis. O seu bonito vestido novo, que comprara havia poucas horas (mas que horas!), estava arruinado para lá de qualquer possibilidade de recuperação. A delicada seda azul, anteriormente da cor de um céu de verão, pouco mais era agora do que um trapo escarlate ensopado; e também a combinação, pois ela estava encharcada até aos ossos com o sangue do pobre homem. As sandálias prateadas, dignas de uma princesa da Arcádia, estavam boas para o caixote do lixo. Despiu as roupas e meteu-as num cesto de vime para a roupa suja, na casa de banho. Talvez fosse melhor deixar uma gorjeta generosa à empregada de limpeza. Às roupas seguiram-se as sandálias, com que dançara metade da noite, agora sem salvação. *Com quem estava a dançar?*

O que acontecera ao agente Cobb? *O seu amigo parece tê-la abandonado ao primeiro sinal de confusão.* Niven tinha razão, aquilo não era conduta de um cavalheiro. Gwendolen imaginou que Cobb ficara morto de medo ou que – explicação mais benévola – tinha achado melhor que não descobrissem o seu disfarce e fora a correr informar Frobisher. Ou talvez quisesse apenas evitar pagar a conta no final da noite.

O homem, Aldo, não morrera, graças a Deus, pelo menos enquanto ela ali estivera, mas fora levado de carro pelos companheiros. Estavam às ordens do homem baixo e bem vestido, que parecera ambivalente quanto ao futuro de Aldo. Luca, fora como Nellie Coker lhe chamara. Frobisher dissera-lhe que o Amethyst estava pejado de criminosos, e Frazzini e os seus homens pareciam encaixar na perfeição nessa categoria, ainda que se tivessem comportado de forma decente em relação a Gwendolen. Ela fizera-os prometer que levariam o companheiro de armas a um hospital, nem que fosse para o largarem à porta e fugirem a correr. A maioria deles tinha estado na guerra, e um ou dois haviam visto o interior de um hospital de campanha. Identificaram-na como enfermeira, tal como ela os identificou como os soldados que haviam sido outrora. Felizmente, Aldo não seria largado numa sarjeta qualquer. (*Desculpe, irmã... Desculpe, irmã... Desculpe, irmã...*) Mas claro que nunca se podia ter a certeza de como as coisas poderiam acabar.

Depois do banho (maravilhoso), deixou-se cair na cama de lençóis espessos, muito mais agradáveis do que os do Warrender. Pela primeira vez na vida, dormiu nua. Sentiu-se uma transgressora. O que iria vestir na manhã seguinte? Imaginou que o Savoy fosse o género de sítio onde poderia pedir que lhe fossem comprar qualquer coisa. De certeza que já deviam ter tido muitos pedidos mais estranhos. A alternativa era ir nua desde a Strand até Knightsbridge, como Lady Godiva, mas sem o cavalo. E sem o modesto véu no cabelo. Isso é que *seria* uma verdadeira transgressão. E seria presa, por certo. Frobisher teria de ir libertá-la. A ideia de se apresentar nua à frente de Frobisher deixou-a agitada e sentiu-se grata por ele não poder ler-lhe os pensamentos.

Fechou os olhos e receou levar muito tempo a adormecer depois da excitação da noite, mas ainda o pensamento não acabara de se formar no seu espírito, já mergulhara num suave olvido.

Respeitar o Sabat

— Não vejo nada sobre a briga – disse Betty, enquanto folheava, a bocejar, os jornais de domingo, uma pilha enorme que entregavam todas as semanas em Hanover Terrace. Estava à cata de qualquer coisa que pudessem ter escrito nas colunas sociais sobre a briga de sábado à noite no Amethyst.

Os domingos eram lânguidos na residência dos Coker; era o dia em que todos desmontavam do carrossel louco e imparável, pois até os clubes noturnos tinham um dia de descanso.

– Não vejo porquê – resmungou Nellie. – Se o British Museum pode estar aberto ao domingo, porque é que nós não podemos?

– Não é bem a mesma coisa, Ma – comentou Shirley.

– Aberto é aberto. Fechado é fechado – retorquiu Nellie. Comentário que não fazia qualquer sentido.

– Não acredito que os jornais não digam nada – disse Betty. Afastou os jornais e começou a rapar o interior de um ovo com uma pequena colher. Tivera de o cozer ela própria, pois a cozinheira insistia em tirar folga ao domingo. Raramente se incomodavam em fazer os almoços aprimorados de domingo como as outras famílias («*le rosbif*», chamava-lhe Nellie com um ar desdenhoso). O rosbife era para os subúrbios, para os casais de Pinner, não para os Coker. Se quisessem *rosbif*, dizia ela, podiam ir a um restaurante. E nada de missas ao domingo, como é evidente. Os Coker eram todos pagãos, ainda que Nellie tivesse a intenção de receber a extrema-unição antes de morrer, na esperança de que isso lhe apagasse os inúmeros pecados.

– Parece-me ver o Vivian Quinn ontem no clube – comentou Shirley. – Não vem nada na coluna dele?

– Não, só fala do novo Gargoyle, graças a Deus.

– Quem é que lá esteve?

– O Noël Coward, a Virginia Woolf, os Guinness, os Rothschild, toda a gente, basicamente. Mas em breve deixará de ser novidade. É o que acontece

sempre. Parece que a sala de jantar é inspirada no Alhambra. A Ma não vai gostar, está sempre a desejar ter ambientes árabes.

– «Nem todos os perfumes da Arábia...» – disse Shirley.

– «Adoçariam esta pequena mão.»

– Achas que a Ma tem as mãos manchadas de sangue? – ruminou Shirley como se estivesse a perguntar «Achas que a Ma alguma vez foi a Broadstairs?».

– Estás a falar de assassínio?

– *Assassínio?* – repetiu Kitty, empoleirada no banco à janela, de onde vigiava o homem no jardim. Ele tinha voltado. Ela sentia-o como propriedade sua. Passou-lhe pela cabeça ir lá abaixo perguntar-lhe o que queria. Será que a queria a *ela*? Era mais provável que quisesse Shirley, a quem os admiradores perseguiram.

– Nada de que ela não fosse capaz – disse Betty.

– Assassínio? – repetiu Kitty.

– Não há nada de que ela não fosse capaz.

– Assassínio? – perguntou Kitty mais uma vez. Teria continuado a repetir a palavra se Betty não lhe tivesse atirado a colher com que comia o ovo, que lhe acertou em cheio na testa.

Não havia sinais de Nellie nem de Edith, mas ouvia-se Ramsay a martelar nas teclas da Remington no andar de cima.

– Está a trabalhar o tipo de letra – disse Shirley.

– Inteligente – retorquiu Betty. Atirara-se a uma maçã e cortava-a com o pequeno canivete de prata. Comia imensa fruta, sobretudo se pudesse utilizar o canivete para a cortar. As uvas não lhe interessavam minimamente.

– Descobrimos mais alguma coisa sobre a tal mulher? – perguntou Shirley. – A que apareceu do nada e salvou o homem do Frazzini? Deve ter sido enfermeira. Estranho o Niven conhecê-la; tratou-a por «menina Kelling» quando a viu e ficou todo esquisito. Ela ficou coberta de sangue. Fez-me lembrar a Medeia.

– Fez?

– Ou qualquer uma das gregas, na verdade. Acabam sempre cobertas de sangue.

Betty não pensara nas gregas, mas antes na desgraça que acontecera ao lindo vestido azul. Era da Liberty's. Reconhecera-o. Estivera quase para o comprar para si mesma.

– Chegaram mesmo a salvá-lo? – perguntou.

– Acho que ainda estava vivo quando o levaram.

– Ela chama-se Gwendolen – disse Kitty.

– Santo Deus – comentou Betty. – A Kitty tem um novo ídolo.

– Como sabes que se chama Gwendolen? – perguntou Shirley, intrigada.

– Perguntei-lhe – respondeu Kitty, encolhendo os ombros. Não encontrara um novo ídolo, encontrara uma heroína. Podia voltar a precisar que a salvassem de uma tentativa de rapto. Talvez do homem lá de fora, com os

sapatos de duas cores. Naquele momento, fartou-se dele e abandonou o seu posto de vigia para barrar com manteiga mais uma torrada.

– Achas que era a mulher que viste no carro do Niven nos semáforos, aquela que ele levou a dar uma volta? – perguntou Shirley a Betty.

– Não parecia ser esse género. Era mais uma solteirona do que alguém que se leve a passear.

– Bem visto.

A preocupação de Betty não tivera que ver com o homem ferido, mas com o pequeno canivete; receou que o utilizassem para retirar a bala e ficou aliviada quando, em vez disso, o usaram para cortar uma toalha e fazer ligaduras. A bala permanecera alojada no peito do homem.

A longa tira de casca de maçã em espiral pairou no ar sem se partir. Betty atirou-a por cima do ombro; ela e Shirley ficaram a olhá-la, caída sobre o tapete, como se fossem arúspices do Mundo Antigo, a tentar adivinhar um significado numas entranhas.

– Acho que é um C – disse Shirley.

– Pode ser um Q – retorquiu Betty. – Eu conheço alguém com um nome que comece por Q? Quentin?

– Não, mas conheço vários C. O Charles, o herdeiro de Brighthouse, e o Clement, aquele americano do petróleo.

Ouviram a porta da entrada abrir e fechar. Era Niven.

– Que raio estão a fazer? – perguntou ele, ajoelhando-se no chão para fazer festas nas orelhas de *Keeper*. O cão ficou radiante.

– Estamos a adivinhar a inicial do homem com quem a Betty vai casar – disse Shirley.

– Que criaturas tão racionais – comentou o irmão. Deu a casca de maçã a *Keeper* antes de o potencial noivo ser escolhido de forma conclusiva.

– Onde é que estiveste? – perguntou Shirley.

– E aonde vais? – indagou Betty quando ele estalou os dedos para que *Keeper* o seguisse, saindo em seguida. Niven ignorou as duas perguntas.

– Preparamos um ovo para a Edith e levamo-lo lá acima? Ou uma torrada? Nem parece dela ficar a molengar este tempo todo.

A casa tinha uma torradeira elétrica ornamentada. A cozinha de Hanover Terrace tinha todos os aparelhos mais modernos, a maioria dos quais parecia ter como objetivo matar Nellie. Na opinião dela, as lâmpadas eram o limite até onde ia a sua crença na eletricidade.

Betty levantou-se da mesa e disse heroicamente:

– Eu trato disso.

– És um amor – disse Shirley.

– Pois sou.

*

Sim, *sou* uma irmã atenciosa, pensou Betty, enquanto batia à porta do quarto da enferma, de bandeja na mão. Bateu uma segunda vez. Abriu a porta

com cuidado; Edith era capaz de morder quando encurralada, mas naquele momento estava reduzida a uma pilha triste de roupa de cama.

– Vai-te embora – gemeu, quando Betty lhe ofereceu a torrada. – E enfia a torrada num sítio que eu cá sei.

– Ela está doente – informou Betty ao regressar para junto de Shirley. – E eu com tanto trabalho a fazer-lhe a torrada...

A Visita de Um Cavalheiro

Niven caminhava o longo do Embankment. Estava uma daquelas tardes amenas de domingo de primavera que exigiam que um homem abandonasse o carro e fosse passear com o cão.

Toda a família via em Niven força de carácter, uma sensação que lhes era estranhamente cativante, talvez por ser uma coisa inédita. Os Coker não tinham força de carácter, apenas força de vontade. Seria «força de carácter» sinónimo de coragem? Durante a guerra, Niven tinha corrido sob fogo intenso de metralhadora para salvar um homem ferido e fizera depois o caminho inverso até à trincheira com o homem às costas. Mais tarde voltara a repetir a proeza, mas nessa altura ficara ele próprio ferido. Fizera-o porque eles eram rapazes, ainda praticamente crianças, embora um deles fosse seu comandante. Niven achara que a vida deles não merecia terminar ali só porque uns estupores do governo, idiotas e loucos, achavam que a guerra era necessária e benéfica. Mais tarde, dissera tudo isso ao tenente-coronel que estava a tentar pôr-lhe uma medalha ao peito e acabara acusado de insubordinação. Talvez fosse insensatez, não coragem.

Seria por insensatez ou por coragem que naquela tarde agradável passeava pela cidade a pensar numa mulher e se perguntava se não seria melhor para todos, para ela e para ele, nunca mais voltarem a ver-se, sem saber que naquele preciso momento ela tomava chá com a sua mãe na tranquilidade poeirenta do Sabat, no Crystal Cup?

Niven perguntou-se se Gwendolen Kelling teria apreciado a breve estadia no Savoy a suas expensas. Pagara-lhe uma suíte elegante, com vista para o Tamisa e para metade de Londres, e distribuíra gorjetas suficientes pelo pessoal para garantir que ela fosse bem tratada. Imaginou que as bibliotecárias do Yorkshire não ficassem muitas vezes hospedadas em dispendiosas suítes no Savoy e que ela se sentiria em dívida para com ele. Nunca fizera tantos favores a uma mulher como a Gwendolen Kelling naqueles últimos dias.

Ao princípio, tomara-a por uma mulher tímida, do género nervoso, talvez iludido pelo alojamento «Só para Senhoras», pelo ataque na Regent Street e pelas roupas desinteressantes, mas na noite anterior observara-a em ação debaixo de fogo, e ela revelara-se à altura da situação. Tinha fibra. Niven não conseguiu evitar sentir admiração.

Um pouco mais cedo, apanhara umas flores silvestres nas margens do canal, pois pensara que transmitiam uma mensagem melhor do que as flores de estufa que as irmãs estavam constantemente a receber. Niven não tinha o hábito de enviar flores, na verdade nem se lembrava, assim de repente, de alguma vez ter enviado flores a uma mulher. Talvez à mãe, uma vez há muito tempo, quando era ainda rapaz. Se a memória não lhe falhava, ela mostrara-se indiferente. Nellie criara os filhos sem sentimentalismos. Dizia que era uma dádiva que lhes tinha dado.

*

– Sim? Posso ajudá-lo? – perguntou a Sra. Bodley, querendo na realidade dizer o contrário.

Niven já a encontrara quando fora devolver a mala de Gwendolen. Dessa vez, parecera desejosa de abrir hostilidades, agora parecia preparada para repelir invasores. Era óbvio que os homens não eram bem-vindos no Warrender.

Niven tirou o chapéu.

– Procuro a menina Kelling.

– A menina Kelling saiu há cerca de meia hora.

Pois claro, pensou Niven. Porque haveria de estar ali, naquele sítio abafado, com um tempo tão agradável? Devia ter ido dar um passeio num dos parques. Talvez tivesse ido com o homem que a abandonara no clube na noite anterior.

– Não faço ideia aonde terá ido, não é da minha conta – disse a Sra. Bodley. – A menina Kelling passa a vida a entrar e a sair. Essas flores são para ela? – perguntou, fazendo uma careta ao ver o ramo desgrenhado que ele tinha na mão. As flores tinham-lhe parecido um gesto romântico quando as apanhara, mas agora assemelhavam-se mais a ervas daninhas meio murchas. – Quer que as ponha numa jarra?

– Não. Obrigado.

– Quem devo dizer que a visitou?

– Ninguém – respondeu Niven.

– Vejo que insiste em manter o anonimato. Mas olhe que não é o primeiro cavalheiro que a vem visitar hoje.

– Não? – indagou Niven, fingindo-se indiferente. O desertor, por certo.

– A menina Kelling é uma jovem muito popular – continuou a Sra. Bodley.

Estava obviamente a tentar espicaçá-lo. E conseguira.

– Esqueça que eu cá estive – disse Niven. Girou sobre os calcanhares e

desceu os degraus a correr. Diabo da velha, pensou, e atirou as humilhantes flores para a cave húmida e bolorenta de uma casa vizinha. Onde teria ele a cabeça quando se lembrara de cortejar Gwendolen Kelling? Ainda bem que ela não estava em casa. Fora salvo da sua própria idiotice.

*

No regresso do passeio pela cidade pensou que podia passar pelo Savoy para se certificar de que tudo fora tratado. Talvez Gwendolen Kelling ainda lá estivesse, a desfrutar do luxo da suíte que ele pagara. Podia convidá-la para um almoço tardio no Grill. (A idiotice parecia ter regressado.) Talvez pudessem falar da guerra. À medida que o conflito se desvanecia nos manuais de História, Niven dava por si cada vez mais a pensar que não queria esquecer. Gwendolen Kelling parecia uma pessoa capaz de compreender a necessidade de recordar.

Ao avistar Niven a avançar ao longo de Savoy Court na sua direção, o porteiro do hotel endireitou-se, cumprimentou-o e murmurou com deferência, à maneira dos porteiros:

– Senhor Coker.

Um homem estava a conversar sobre banalidades com o porteiro, mas ao ouvir o nome Coker virou a cabeça. Era daqueles tipos descarados, magricela, com um fato barato e ar de estrangeiro. Niven conhecera rufias como aquele no exército. Usava sapatos de duas cores, como se estivesse num campo de golfe, embora tivesse mais ar de *caddy* do que de jogador. Niven calçava sapatos de atacadores, feitos à mão, de pele de novilho, e odiava golfe. *Keeper*, muito bom a avaliar de pessoas, rosou baixinho. O homem levou a mão ao chapéu e afastou-se pela Strand. Qualquer coisa nele fez com que os pelos de Niven se eriçassem.

Sim, estava tudo em ordem com a conta da menina Kelling, disse o funcionário de serviço na receção quando Niven perguntou. Na realidade, a menina Kelling insistira em pagar ela mesma quando se fora embora. Então, era demasiado orgulhosa para aceitar caridade? Se soubesse que ia rejeitar a sua oferta, Niven ter-lhe-ia reservado um quarto mais económico. Mas ela é que perdia. Sentiu rancor por ela, quando, momentos atrás, estava pronto para lhe entregar a alma. Uma vez mais, escapara por pouco e vencera a idiotice.

O porteiro cumprimentou-o de novo à saída. Como se chamava o homem que andava por ali a laurear quando ele chegara ao hotel? Niven gostava de poder identificar as pessoas com um nome. Para homens anónimos bastavam os que tinham ficado no solo da Flandres.

Seguiu-se a dança do costume. O porteiro assumiu uma expressão vazia e perguntou:

– Que homem, senhor Coker?

Niven tirou do bolso o habitual xelim e, com grande teatralidade, o porteiro de súbito lembrou-se.

– Ah, deve estar a referir-se ao senhor Landor. Um cavalheiro húngaro,

creio eu.

A transação foi interrompida quando um sargento da polícia fardado passou ao fundo da pequena rua com o passo lento e irritante que os polícias de ronda adotam. Olhou para Niven e levou o indicador ao capacete para cumprimentar o porteiro. Este devolveu o cumprimento de uma forma quase impercetível e esperou até que ele se afastasse pela Strand antes de retomar a conversa com Niven.

– Chamam àquele tipo o Polícia que Ri – disse. – Como na canção, sabe?

Niven ignorou a informação não solicitada.

Mais um xelim e ficou a saber por que razão andava Landor a rondar o hotel.

– Queria saber de um hóspede – disse o porteiro. – Como é evidente, não lhe dei qualquer informação. A privacidade dos nossos clientes é sagrada.

Até que ponto?, pensou Niven. Tirou outra moeda.

– O que é que ele queria saber ao certo?

– Queria saber um nome.

Niven não tinha mais moedas. Contrariado, tirou uma nota de cinco xelins.

– E disse-lho?

O porteiro negou, indignado. Outra nota amenizou a afronta. Dez xelins garantiram-lhe o nome do hóspede. Àquela velocidade, Niven ficaria falido e o porteiro poderia reformar-se.

– Uma tal menina Kelling – admitiu, por fim, com os bolsos cheios. – Perguntou por uma menina Gwendolen Kelling.

*

Niven apanhou um táxi. O encanto do dia desvanecera-se. Foi até Hanover Terrace de sobrolho carregado. Por que diabo andava aquele Landor a espiar Gwendolen Kelling? Seria possível a «menina Kelling» não ser realmente uma bibliotecária de província – o que seria um excelente disfarce – mas uma pessoa contratada para se infiltrar junto dos Coker? Por Azzopardi, talvez? Ou por Maddox. Se fosse esse o caso, parecia ter tido êxito, pois conseguira iludir até a sua astuta mãe. Mas isso não explicava o interesse de Landor nela. Estaria Gwendolen Kelling em perigo? Niven ficou surpreso ao perceber-se de como essa possibilidade o inquietava.

A Visita de Outro Cavalheiro

O domingo estava a revelar-se um dia particularmente difícil em Ealing, pois teria sido o dia do aniversário da filha que Lottie perdera durante a guerra. Frobisher esquecera-se, até lhe vir à cabeça. Pensou que isso explicava a morfina.

– *Elle aurait eu douze ans* – repetia Lottie, deambulando de divisão em divisão, como se achasse que acabaria por encontrar a menina. Não tinha nada dela, nem uma madeixa de cabelo, nem uma fotografia, nem sequer um fragmento do vestido de batismo ou de um xaile. Frobisher perguntava-se às vezes se a criança teria realmente existido. A criança, imaginária ou não, chamava-se Manon e, segundo Lottie, fora apagada do mapa juntamente com a aldeia onde viviam durante a guerra.

Naquela manhã, ele acordara cedo com a voz distraída de Lottie a percorrer a casa a chamar Manon, por qualquer razão convencida de que a criança estaria escondida num armário ou atrás de um móvel.

– Não a ouves chamar por mim? *Maman, maman*. Parte-se-me o coração.

Aquelas alucinações – não era a primeira vez que as tinha – assustavam-no. E se um dia se instalassem definitivamente?

Lá conseguiu convencê-la a voltar para a cama, foi buscar-lhe o Luminal e deu-lhe a tintura com uma colher. Seria fácil, com ela naquele estado, encorajá-la a beber o frasco todo. Seria por certo melhor do que a morte lenta que parecia estar a provocar a si mesma. Se não do corpo, pelo menos da alma. Tanto da sua alma como da dele. Pôs a tampa no frasco e voltou a colocá-lo na prateleira alta da cozinha onde o guardava, como se a mulher fosse uma criança ou um cão incapaz de lá chegar, quando lhe bastaria subir a uma cadeira para cair no esquecimento.

Pouco depois, Lottie começou a ficar sonolenta, e ele deixou-a dormir e decidiu ir até Knightsbridge descobrir como é que a menina Kelling se tinha

saído no Amethyst, em vez de esperar pelo dia seguinte para que ela lhe entregasse o «relatório», como lhe chamava. Não acreditava que ela tivesse encontrado as raparigas que procurava, mas talvez tivesse observado qualquer coisa imprópria no clube, algo que lhe pudesse ser útil. Ir até ao Warrender era uma tarefa policial legítima, declarou a si mesmo. Era um argumento falacioso, ele sabia-o. O que ele queria era ver a menina Kelling e sentir o consolo da sua companhia.

*

Ela não estava no Warrender; foi rechaçado por uma harpia e passou uma hora no Hyde Park a pensar que a podia encontrar no meio da multidão de domingo, mas a única pessoa que viu e reconheceu foi Niven Coker, a passear com o cão como se não tivesse qualquer preocupação na vida. Frobisher não imaginava como seria ter uma vida assim tão desoprimida.

A menina Kelling estava a revelar-se tão esquiva como uma ninfa dos bosques. Uma ninfa não, recordou Frobisher a si mesmo. Não devia deixar-se levar por fantasias. Era melhor esquecer o sol e regressar a Lottie, para sofrer com ela.

Necromancia

Gwendolen despertou com um intenso raio de sol a penetrar por uma abertura das cortinas. Não fazia a menor ideia de onde estava, mas havia um relógio junto da cama. Quase dez horas!

Apercebeu-se de que acordara com alguém a bater à porta, mas antes de conseguir grasnar «Entre», a porta abriu-se e uma empregada entrou com uma grande bandeja e cumprimentou-a, animada:

– Bom dia, menina. Dormiu bem?

Abraçando-se ao lençol e cobrindo-se com pudor, Gwendolen sentou-se com esforço.

– Acho que não pedi pequeno-almoço – disse.

A empregada fez uma pequena vénia.

– Oferta da gerência, menina. – E apressou-se a sair antes que Gwendolen tivesse tempo de perguntar fosse o que fosse.

Uma cafeteira de prata com café, um jarro com natas, pãezinhos quentes com manteiga clara, um pratinho com doce de lima e, sob uma imponente campânula de prata, uma omeleta perfeita, fofa e com pedaços de arenque fumado. Ainda há uma semana o seu pequeno-almoço consistia em torradas com compota de amoras apanhadas no cemitério de York, fertilizadas pelos ossos dos mortos. A mãe, que há tão pouco tempo repousava nessa mesma terra, devia já estar a alimentar o solo. O mais provável era estar indignada com o contributo.

Gwendolen perguntou-se quanto tempo lhe duraria o dinheiro se se mudasse para um hotel e vivesse como uma sibarita. Pouco, provavelmente. Não era assim que o diabo apanhava as pessoas? Depois de viajar num Hispano-Suiza creme, só com muita dificuldade se voltava ao autocarro. Depois de saborear faisão (ou uma omeleta Arnold Bennett perfeita), fica-se com o coração apertado só de pensar em voltar ao carneiro cozido. Gwendolen conseguiria adicionar indefinidamente pontos à lista só com base

na experiência dos últimos anos. Cozera muito carneiro desde a guerra.

Nunca lhe teria ocorrido hospedar-se ali se não fosse Niven. O que dissera Frobisher? *É muito fácil deixarmo-nos seduzir por aquela gente.*

*

Como veio a revelar-se, o Savoy era efetivamente o género de sítio que não só mandaria alguém a uma loja em nome de um cliente, mas que era igualmente capaz de convencer uma loja a infringir as leis do comércio de domingo e a abrir para uma pessoa específica. Gwendolen deu as suas medidas a uma funcionária fardada, muito simpática, mais ou menos da sua idade, que foi à Swan & Edgar comprar um conjunto completo, do chapéu aos sapatos, com todas as camadas intermédias. A funcionária não fez perguntas e Gwendolen não deu justificações. Os ricos têm mesmo regras diferentes, pensou de si para si. Começava a aperceber-se de que em Londres as pessoas pareciam não querer saber do que os outros faziam, sobretudo se tivessem dinheiro. «Em Londres, a lei existe para ser infringida», dissera Azzopardi.

– Quanto foi? – perguntou à funcionária, quando esta lhe entregou as roupas novas.

– Pode pagar juntamente com a conta, minha senhora – respondeu ela.

Já passava do meio-dia quando Gwendolen, com alguma relutância, se dispôs a deixar o hotel. Mas quando se preparava para pagar, o rececionista disse:

– A conta foi paga pelo cavalheiro, minha senhora.

– E a conta da Swan & Edgar?

– Também, minha senhora. Está tudo pago.

Queria ficar em dívida para com Niven? Ou para com algum dos Coker? Por um lado, em última análise, tinham sido os Coker e os seus clubes os responsáveis pela destruição das suas roupas e por não ter conseguido entrar no Warrender, por isso talvez fosse justo pagarem-lhe a estadia ali. Mas ela tinha a sensação desconfortável de estar, de alguma forma, a ser comprada.

– Não – respondeu amavelmente. – Por favor, anule, o cheque do senhor Coker, quero ser eu a pagar.

*

O porteiro do Savoy chamou um táxi para Gwendolen regressar ao enfadonho Warrender. Teria tido a mesma sensação se estivesse numa abóbora puxada por seis ratos brancos.

O olho de águia da Sra. Bodley teria dado pela sua ausência? Ou ter-lhe-ia a criada dito que a cama de Gwendolen não fora desfeita? Encontrara uma ou duas vezes a rapariga no corredor, carregada com pilhas de toalhas e lençóis dobrados, e haviam trocado sorrisos.

Quando o taxista a deixou à porta do Warrender, Gwendolen pensou que ajudaria se não levasse consigo um saco com a roupa do dia anterior e se

envergasse o seu novo conjunto da Swan & Edgar, um vestido elegante com decote à barco e uma saia de pregas por baixo de um casaco comprido de linho. Um chapéu novo, também, que não era verde, mas de palha, para celebrar a primavera.

Com sorte, poderia parecer que tinha saído cedo para ir à missa na Holy Trinity, em Brompton, e não que tinha estado a preguiçar na cama de casal de um hotel, onde dormira nua entre os lençóis. *Quelle horreur!* Para não falar do sangue e das balas da tragédia da noite anterior. As Senhoras em Situação Difícil poderiam divertir-se a ouvir as suas aventuras, mas a Sra. Bodley ficaria horrorizada.

Porém, não havia como evitar a Sra. Bodley, que estava no balcão da receção. Cumprimentou Gwendolen dizendo:

– Chegou mais uma encomenda para si enquanto esteve fora, menina Kelling.

Talvez aparecesse uma encomenda todos os dias, como que por magia ou como num conto de fadas.

– Foi um homem bem-parecido?

– Não, foi um moço de recados. Ao domingo – acrescentou a Sra. Bodley com um estremecimento, como se tivesse sido posta em causa a própria cristandade. – É absolutamente inaudito.

O Savoy parecia não ser o único com poder para transgredir a lei, porque a Sra. Bodley tirou uma grande caixa da Liberty's de trás do balcão e disse:

– Quer que a mande para o seu quarto, menina Kelling?

– É escusado, eu levo.

Tinha uma forma estranha, comprida e achatada; por pouco não cabia com ela na cabina do ascensor. Este subiu lentamente, e ela sentiu-se aliviada ao ficar, por fim, longe do olhar desaprovador da Sra. Bodley.

*

Gwendolen desatou o laço púrpura e tirou a tampa da caixa. E ali estava, em toda a sua glória imaculada, o vestido de seda azul com o bordado de filigrana prateado. Por segundos, pensou que era o original a que tivessem limpado o sangue, mas claro que isso seria impossível (ou um milagre). Foi Niven, pensou. Tal como pagar-lhe a conta do hotel, era um gesto galante (pomposo, até), mas podia ter-lhe dado simplesmente dinheiro para cobrir os custos. E como é que ele saberia o tamanho que ela usava? Imaginou-o a avaliar-lhe as medidas. Sentiu-se desconfortável.

Dentro da caixa estava um envelope que dizia «Menina Kelling». Então, daquela vez havia um bilhete. Dentro do envelope estava um cartão, com as palavras *Sra. Ellen Coker, Proprietária do Clube Amethyst* gravadas e um número de telefone. Gwendolen virou o cartão. Nas costas, escrito numa letra pequena e elegante: «Estimada menina Kelling. Por favor, aceite a oferta como compensação pelo incómodo causado. Quer telefonar-me, por favor? Gostaria de discutir consigo um assunto.» Estava assinado «Sra. Nellie

Coker».

Então, não fora Niven, mas a mãe. A mal-afamada Nellie Coker queria vê-la. Para discutir um assunto qualquer. Que intriga seria aquela?

Deixou passar algum tempo. Não tanto por hesitação, mas para não parecer que estava às ordens dos Coker. Havia um telefone no átrio do Warrender, numa cabine de madeira, mas Gwendolen duvidava de que as paredes fossem suficientes para a proteger dos ouvidos metedidos da Sra. Bodley. Após um intervalo razoável e enquanto a Sra. Bodley supervisionava o almoço de domingo, Gwendolen sentou-se na cabine, marcou o número da operadora e pediu que ligassem para «Gerard 5875». A chamada foi atendida imediatamente, como se Nellie Coker tivesse estado à espera do telefonema dela.

*

Nellie Coker estava a dispor cartas sobre uma mesa do Crystal Cup. Havia também um bule de chá que ela própria preparara, pois era domingo e não estava lá mais ninguém, e o clube estava encerrado, protegido da santidade do dia lá fora.

– Prefere uma coisa mais forte, menina Kelling? Tenho um excelente *brandy* de ameixas que o embaixador polaco me ofereceu.

Estava a tentar impressioná-la, pensou Gwendolen. Seria preciso mais do que um copo de *brandy* diplomático.

– Não sou muito de beber álcool – respondeu.

– Nem eu – retorquiu Nellie. – Com os nossos vícios não ganhamos nada, apenas com os dos outros.

Gwendolen pensou que Nellie Coker parecia uma evangelista das que andam a pregar na rua.

– A fortuna aguarda-a – disse Nellie. Bem, talvez mais uma malandra do que uma aldrabona.

As cartas eram um mistério para Gwendolen.

– Isso é o Tarot? – perguntou, intrigada.

– Não, é o Lenormand, são as minhas preferidas. Imagino que ache estas coisas uma superstição disparatada, menina Kelling. – Parecia indiferente à opinião de Gwendolen. As mãos pairavam-lhe sobre as cartas como se estivesse a absorver as imagens engraçadas: uma raposa na neve, uma montanha, uma serpente, uma menina de vestido azul que fazia rodar um arco ao longo de um caminho. Um par de ratos. – Não interessa o que pensa. Não é preciso acreditar para as cartas dizerem a verdade. Costuma ir à igreja, menina Kelling?

– À igreja? Não, já não.

– Pois, nem eu. Abandonar a religião é uma grande liberdade.

Os trajes de plumas e lantejoulas que envergara na noite anterior, no Amethyst, tinham sido substituídos por um vestido largo e sóbrio, que se revelou quando Nellie Coker despiu o casaco de peles que trazia vestido,

apesar do tempo mais quente. Na noite anterior, fora a mestre de cerimónias, agora tinha um ar surpreendente de matrona.

Gwendolen beberricou o chá e foi assaltada por um pensamento súbito e desagradável. E se o chá estivesse drogado? E se a pusessem a dormir e a levassem para um sítio qualquer e nunca mais aparecesse, como as raparigas que tanto preocupavam Frobisher? E se Nellie Coker – e este era um pensamento verdadeiramente desagradável – tivesse sabido, por qualquer razão, que ela tinha um acordo com Frobisher?

– É PG Tips – assegurou-lhe Nellie, como se conseguisse ler-lhe os pensamentos. (Será que conseguia? Que ideia!)

– A senhora convocou-me – recordou Gwendolen.

– *Solicitei* a sua companhia. Os espíritos é que se convocam.

– Porquê?

– Tal como disse, tenho uma proposta para lhe fazer.

*

– Pronto, veja – disse Nellie, movimentando as mãos sobre as cartas. – A sua fortuna, o seu destino, exposto aqui à sua frente. – Lançou um olhar avaliador a Gwendolen por cima dos óculos. – Vai amar e ser amada.

– Por um homem? – perguntou Gwendolen, pois achou que Nellie esperava alguma resposta da sua parte, mas sem conseguir evitar um tom cínico na voz.

– Por mais do que um.

Santo Deus, por quantos?

Nellie Coker olhou para as cartas de sobrolho franzido, sem dúvida a tentar impressionar, pensou Gwendolen. A mulher não era diferente dos charlatães que andavam à beira-mar. Ou de um dos muitos espiritualistas fraudulentos que tinham aparecido às mãos-cheias depois da guerra e que enganavam as pessoas que tinham perdido entes queridos, levando-as a pensar que os mortos estavam felizes. A mãe de Gwendolen fora uma delas, claro. «O Harry diz que está bem lá onde está», disse uma vez a Gwendolen depois de uma dessas sessões de espiritismo. «E diz para eu não me preocupar com ele. Ah, e para ter cuidado com a sarna da maçã.» Porque, claro, o estado do pomar devia ser uma preocupação para Harry no Além.

Nellie franziu o sobrolho, desta vez de maneira genuína.

– Vai ser um instrumento para qualquer coisa.

– Para quê?

Nellie empalideceu de súbito. O seu olhar desviara-se das cartas para a parede atrás de Gwendolen. Olhava-a fixamente, como se uma imagem estivesse a ser projetada nela, como se tivesse realmente convocado um espírito. Gwendolen voltou-se para olhar, mas não viu nada.

– Senhora Coker?

– Hum? – E então, com uma brusquidão que deixou Gwendolen surpreendida, Nellie reuniu as cartas todas numa pilha. A clarividência parecia

ter acabado. Naquele momento, os sinos de St. James, em Piccadilly, começaram a tocar para chamar os fiéis para as vésperas.

– Tenho de ir – disse Nellie, erguendo-se da cadeira com a ajuda da bengala. – Um dos meus filhos não está bem.

– Oh, tenho imensa pena, senhora Coker. (Que filho? Não era Niven, de certeza. Ele parecia perfeitamente bem na noite anterior.)

– Uma das raparigas. – (Lera-lhe novamente os pensamentos.) – Tenho o carro lá fora. Se me acompanhar à porta, pago-lhe um táxi para ir para casa.

– É muito simpática, senhora Coker, mas prefiro voltar a pé para o Warrender. Está uma tarde de sol tão bonita.

– Está mesmo? – Parecia questionar a qualidade do sol, mais do que a sua presença no céu de Londres. Vivia num mundo subterrâneo, como uma toupeira, e Gwendolen pensou que o tempo tinha pouca importância para Nellie Coker.

*

Nellie entrou no carro com dificuldade, ajudada pelo motorista, Hawker, como ela lhe chamava. Parecia um pouco fraca, estaria doente? Afinal de contas, acabara de cumprir uma pena de prisão, o encarceramento não devia fazer bem à saúde. Uma enfermeira com que Gwendolen trabalhara na Frente fora presa antes da guerra por defender a causa sufragista. Apesar das histórias horríveis que contava da vida na prisão – fora alimentada por uma sonda e nunca recuperara totalmente –, Gwendolen sentira inveja dela, por ter uma paixão de tal maneira forte que exigia sacrifício. Nellie Coker entregara-se para ser presa por não ter licença de venda de álcool. Não parecia coisa que valesse a pena.

– Menina Kelling? – Nellie estava inclinada para a frente, a dizer-lhe qualquer coisa através da janela aberta.

– Sim, senhora Coker?

– Pense na minha proposta. Espero que a sua resposta seja positiva. Responda-me o mais depressa possível, por favor. Tem o meu cartão.

O motorista regressara ao seu lugar, e Nellie bateu com a bengala no tejadilho do carro, como se estivesse numa carruagem antiga.

Gwendolen ficou parada no passeio a observar o carro a afastar-se, ainda aturdida com a inesperada proposta de Nellie Coker. Quando aceitara encontrar-se com ela no Crystal Cup, pensara que, na melhor das hipóteses, Nellie queria agradecer-lhe a ajuda dada depois de Aldo ter sido alvejado; na pior, queria tentar garantir o seu silêncio no caso de o homem ter morrido. *Teria* ele morrido? Gwendolen censurou-se por não ter sequer perguntado por ele, mas ficara completamente desconcertada com a oferta de Nellie.

*

– Vieram cá dois cavalheiros perguntar por si enquanto esteve fora,

menina Kelling – anunciou a Sra. Bodley, ainda mal Gwendolen passara a porta do Warrender.

Dois? Achou divertido. Estariam as profecias de Nellie já a cumprir-se? E quem seriam os dois cavalheiros? Seria Niven um deles? Gwendolen sentiu uma pontada de decepção. Sentiu que um rastilho se havia acendido. Como iria aquilo terminar, com uma explosão ou com um suspiro? (Tinha comprado Eliot para a biblioteca.) Não queria dar à Sra. Bodley a satisfação de perguntar.

– Um deles era o cavalheiro, se assim se lhe pode chamar, que deixou uma encomenda para si há uns dias. – (Niven. O coração de Gwendolen deu um pulo. Que maçada!) – Mas nenhum deles disse o nome. Desconfio sempre de cavalheiros que não querem dar o nome.

Gwendolen desatou a rir. A mulher era realmente demais. Com os lábios franzidos, a Sra. Bodley continuou:

– Estou a pensar na sua reputação, não na minha, menina Kelling.

– Escusa de se inquietar com as nossas reputações, senhora Bodley. Vou deixar o Warrender.

– Vai? Vai voltar mais cedo para casa?

– Não vou para casa, vou ficar em Londres. Arranjei cá emprego.

– Numa biblioteca?

Gwendolen não quis dar à Sra. Bodley a satisfação de uma resposta.

*

– A sua última ceia – disse a Sra. Bodley quando Gwendolen ocupou o seu lugar na sala de jantar na última noite no Warrender. O jantar era sopa de rim, seguida de costeletas de borrego sobre uma cama de puré de batata e depois um pudim. Gwendolen ia ter saudades dos jantares do Warrender. E também das Senhoras em Situação Difícil. (Receava que, se lá ficasse mais tempo, acabasse ela própria por se tornar uma delas.) Mas da Sra. Bodley não ia ter saudades. À Última Ceia, ponderou, seguira-se a crucificação, um castigo bem ao alcance de Nellie Coker, se esta descobrisse o embuste de Gwendolen; pelo menos, fora o que dissera Frobisher, que parecia ter enormes preconceitos contra a mulher.

– Gostaria que gerisse este clube por mim – dissera Nellie a Gwendolen no Crystal Cup, com as cartas dispostas sobre a mesa.

– Mas eu não percebo nada de gerir clubes noturnos – respondera Gwendolen, perplexa.

– Tem uma mente organizada e parece-me muito capaz de gerir uma crise – dissera Nellie. – E tem jeito para conseguir que as pessoas façam o que lhes diz. É tudo de que preciso num gerente, menina Kelling. E seria conveniente para si, podia viver «por cima do estabelecimento».

A vida que aguardava o seu regresso a York parecera-lhe de súbito horrivelmente vazia. E poderia trabalhar veladamente para Frobisher e continuar à procura de Freda e de Florence, que, afinal, era o motivo pelo qual

ali estava. O facto de poder continuar a ver Niven Coker não tinha nada que ver com isso.

Traje de Domingo

E Freda? Onde estava ela naquele dia de descanso? Por muito improvável que parecesse à própria Freda, estava a assistir à missa vespertina na igreja do Corpus Christi, na Maiden Lane; imitava o teatro todo de baixar a cabeça e de ajoelhar, e mexia os lábios a fingir que acompanhava as orações e os responsos. Rápida como sempre fora a apanhar ritmos, nem um segundo de atraso tinha em relação ao resto da congregação.

Não fizera tenções de simular aquela devoção, só fora à igreja ver se por acaso Florence não estaria lá, sem saber que estava a decorrer uma missa. Um homem mandou-a instalar-se rapidamente num banco de trás, murmurando «Está atrasadíssima!», e ela achou que não tinha alternativa senão alinhar com aquela coisa toda.

Teve esperança de conseguir esgueirar-se sem ninguém notar quando as pessoas começaram a dirigir-se ao altar para receber a comunhão, mas o mesmo homem foi mais rápido do que ela e quase a arrastou para a frente, como se precisasse visivelmente de redenção. Também nessa altura conseguiu imitar o que faziam as outras pessoas. Como recompensa, teria sido simpático se a hóstia que ofereciam fosse um pouco mais substancial, pois Freda não comia quase nada desde há dois dias e sentia-se prestes a desfalecer de fome a qualquer momento. O roncar da sua barriga acompanhava a liturgia de forma embaraçosa. Como era domingo, Covent Garden estava fechado e ela não conseguira sequer vasculhar os caixotes com restos de fruta e de legumes que eram deixados na rua no final do dia. Nem uma cenoura encontrara. O seu jantar resumira-se aos reбуçados de Florence.

Quando passaram a bandeja das esmolas, sentiu um formigueiro nos dedos provocado pela tentação de tirar uma moeda, mas como a sua alma se encontrava já provavelmente num equilíbrio precário à beira do abismo, absteve-se de o fazer, para evitar fazê-la tombar. Não tirou nada, mas também não pôs nada no prato, o que lhe valeu uns estalidos de língua reprovadores da

mulher sentada no banco ao seu lado.

Não tinha dinheiro para dar. Pior, também não tinha Florence.

Depois do encontro com Owen Varley, Freda achara que a sua situação não podia piorar, mas pelos vistos enganara-se. Piorara mesmo.

*

Imediatamente depois do roubo da mala, Freda e Florence tinham ido fazer uma participação a um sargento de dia da esquadra da polícia na Great Marlborough Street. Freda achara totalmente escusado, pois a polícia não estava minimamente interessada. Eram tantos os roubos em Londres que o que era de admirar era ainda haver pessoas que conservavam os seus bens.

– E agora? – perguntou Florence a Freda quando deixaram a esquadra da polícia.

Freda suspirou. Porque tinha de ser sempre ela a tomar as decisões? Florence era uma ovelhinha, seguia sempre, nunca conduzia. Talvez algumas ovelhas conduzissem, Freda não sabia, mas nenhuma era mais inútil do que Florence.

Era preciso pagar a renda. Se não o fizessem, a Sra. Darling, a senhoria, não teria qualquer compaixão pela sua situação difícil. «Infelizmente, também eu estou numa situação difícil», era uma coisa que Duncan costumava dizer numa voz esquisita que fazia rir Freda e Vanda. Quem lhe dera que Vanda aparecesse do nada, como dizia que acontecia no número de magia em que participava. Vanda saberia o que fazer, e mesmo que não soubesse, envolveria Freda nas suas peles suaves para a consolar. Vanda compreenderia o que acontecera a Freda no Adelphi. Arranjaria maneira de a consolar e de a fazer sentir-se melhor. (Em retrospectiva, Vanda tinha ganhado contornos irrealistas de santa aos olhos de Freda.)

O que fazia Vanda?, perguntou-se Freda enquanto voltavam exaustas para Covent Garden. Faria qualquer coisa prática, pois acreditava que a preocupação não levava a nada. «Podes sempre arranjar qualquer coisa para vender», costumava ela dizer, «nem que sejas tu mesma». («Ninguém te iria querer», retorquia Duncan a rir.) Freda, então mais jovem e mais ingénua, achava graça, imaginava Vanda em exposição na montra de uma loja com um sinal na testa a dizer «Vende-se».

Quando percorriam a Wardour Street, Florence deteve-se de súbito no meio do passeio. Os olhos e a boca formaram um pequeno círculo de surpresa e estendeu os braços para os lados. Freda recebeu que pudesse estar a ter uma das suas visões.

– Estás a ver anjos agora? – perguntou.

– Não – respondeu Florence. – Mas sei que estão à nossa volta.

Com ou sem visão, estava a criar um perigo para os outros peões. Freda arrastou-a até à porta de uma loja:

– O que foi? – perguntou com brusquidão, pois ainda estava furiosa com Florence por causa da mala.

Florence cravou-lhe um dedo no peito (com imensa força).

– A pregadeira! Tu tens a pregadeira do pássaro azul.

Claro, Freda esquecera-se por completo. O passarinho azul estivera aquele tempo todo aninhado em segurança no seu casaco cor de cereja, protegido das mãos dos ladrões.

Freda aceitou a contragosto que teriam de empenhar a pregadeira, mas a ideia não lhe deixou o coração mais leve. Recordou, cheia de remorsos, o olhar doce e afetuoso da Sra. Ingram ao desembulhar a prenda do marido.

*

As casas de penhores não eram difíceis de encontrar em Londres e depressa descobriram uma na Meard Street; o penhorista examinou a pregadeira com a ajuda de uma pequena lupa, como que a tentar encontrar nela algum valor, e acabou por oferecer uma quantia de dinheiro insignificante, uma minúscula fração do que o Sr. Ingram devia ter dado por ela. Entregou-lhes um talão e disse que lhes dava um mês antes de vender a pregadeira. Freda não imaginava como poderiam alguma vez reunir aquela quantia para a recuperar, mas tinham de pagar a renda e de comer, como Florence já lhe havia recordado várias vezes. (Não lhe faria mal nenhum à silhueta passar um bocadinho de fome.)

Freda enfiou o talão e o dinheiro no bolso e manteve lá a mão o resto do caminho, com medo dos carteiristas.

Tentara explicar a Florence o que lhe acontecera naquela sala horrível nos bastidores do Adelphi, mas fora acolhida com uma incompreensão muda por parte da amiga. Florence ainda acreditava que os bebés eram levados pela cegonha, de modo que tentar explicar-lhe o mecanismo grosseiro subjacente a essa crença seria demasiado complicado para Freda.

– Beijos? – arriscou Florence. – A minha mãe está sempre a dizer que não devo deixar nenhum rapaz beijar-me.

Na verdade, a própria Freda não compreendia plenamente o que lhe havia sucedido. Sabia apenas que fora esmagada por qualquer coisa brutal e que se sentira terrivelmente injustiçada.

Quando regressaram à Henrietta Street, Freda mandou Florence descer e pagar imediatamente a renda à Sra. Darling, antes que surgisse qualquer oportunidade de desbaratar o dinheiro.

Em seguida, deitou-se na cama. Era capaz de jurar que sentia ainda o sabor do sangue de Owen Varley na boca. O dia fora demasiado longo.

*

Tencionava descansar apenas uns minutos, mas, quando deu por si, estava a ser acordada pelos sinos de domingo de manhã da igreja de St. Paul.

Não havia sinais de Florence. Não estava deitada na cama ao seu lado, onde costumava estar a dormir profundamente quando Freda acordava; na

realidade, o seu lado da cama estava intacto. Nem parecia de Florence levantar-se tão cedo, mas talvez tivesse saído para ir comprar o pequeno-almoço para as duas? Freda saía às vezes e trazia crepes chineses à amiga, ainda sonolenta, mas Florence nunca o fizera. («Há uma primeira vez para tudo», costumava Vanda dizer. «Tal como houve para ti, querida», acrescentava Duncan, rindo-se à socapa. «Na Idade da Pedra.») Mas então os sinos recordaram-lhe que era domingo e que os cafés à volta do mercado estavam fechados.

O casaco de Florence, que normalmente estava pendurado num cabide atrás da porta, havia desaparecido, e a sua boina de croché também não estava lá. Eram ambos demasiado quentes para a época, mas a Sra. Ingram estava sempre inquieta, com medo de que Florence apanhasse um resfriado e morresse de pneumonia se vestisse menos do que quatro camadas de roupa.

As roupas da amiga encontravam-se ainda no armário decrépito e os livros que andava a ler continuavam espalhados pelo quarto. Ao vasculhar a gaveta da mesa de cabeceira de Florence, Freda encontrou um saco de papel com rebuçados de mentol, colados uns aos outros, formando um bloco, juntamente com outros pacotes de postais com os «Monumentos de Londres». Que desperdício de dinheiro comprar aquilo! Freda perguntou-se se conseguiria vendê-los; podia ir para a entrada do British Museum, como uma vendedora de rua.

Um dos pacotes estava aberto e faltavam alguns Monumentos. Freda pensou que podia usar um para escrever à mãe ou talvez a Cissy. Podia dizer-lhes que estava a divertir-se imenso, que o seu êxito crescia de dia para dia, ou talvez – opção mais sensata – pudesse pedir-lhes que lhe enviassem dinheiro para comprar uma passagem de comboio para voltar a casa.

Tirou o Big Ben do pacote de papel encerado, e uma nuvenzinha de pó branco, semelhante a açúcar em pó ou neve fina, caiu sobre a cama. Freda descobriu que havia mais pó branco nos pacotes fechados. O pó semelhante a neve desprende-se dos pacotes quando ela os abriu. Lambeu um dedo, pousou-o sobre o pó e em seguida provou-o com cautela, sem saber se iria sentir as picadinhas na língua dos pozzinhos efervescentes com sabor a fruta ou o golpe fatal da estricnina. Tinha um sabor estranho, doce e metálico. Seria pó de talco? Mas porque teria Florence posto pó de talco nos «Monumentos de Londres»? Também não era veneno, pois não caiu morta no chão num estertor de agonia, mas sentiu-se antes ligeiramente revigorada.

Voltou a guardar os postais dentro da gaveta. Descolou um rebuçado do bloco firme preto e branco e enfiou-o na boca. Florence adorava aqueles rebuçados de mentol. Onde estaria ela? Talvez o pó branco fosse como migalhas, uma pista que ela deixara. Será que conduziria até Florence, em segurança numa casa de biscoitos de gengibre, que podia comer para sair em liberdade, telha atrás de telha? De certeza que a amiga havia de gostar disso. Mas em Londres casas de biscoitos de gengibre eram coisa rara. E, claro, recordou Freda a si mesma, a casa de gengibre era uma prisão, não um refúgio

seguro. Era onde a bruxa engordava as pessoas para as pôr no forno e as comer, como o peru do Natal.

Foi sobressaltada por uma pancada forte na porta. Abriu e deparou com a Sra. Darling de mão estendida.

– A renda, por favor – disse ela.

– Mas a Florence pagou a renda ontem à noite – protestou.

– Só se foi nos teus sonhos – respondeu a senhoria, sarcástica.

A Sra. Darling, que distinguia bem os passos de todos os seus inquilinos e que teria dado uma excelente espia, disse que Florence tinha saído.

– Ontem, por volta das dez da noite. Passou pela minha porta sem parar.

– E mais, a Sra. Darling espreitara pela janela e vira-a descer a rua na direção da Strand. – Toda embonecada.

Freda sentiu uma pontada no coração. Teria aparecido outro Flautista, mais malicioso do que Freda, que enfeitiçara Florence?

– E depois vi-a entrar num carro e ir-se embora – rematou a Sra. Darling.

*

Freda acabou por se escapulir da santidade da igreja do Corpus Christi, depois de muitos meneios de cabeça e de murmúrios. («Uma algaraviada», pensou, recordando as palavras de Duncan.) Quando regressou à Henrietta Street, descobriu que a porta da entrada estava trancada e encontrou a sua mala abandonada no passeio. A aldraba satânica parecia rir-se dela com um deleite diabólico.

Nunca, na história das raparigas, alguma se sentira tão desventurada como Freda naquele momento.

Um Sacrifício

Frazzini enviara uma mensagem para Hanover Terrace a «solicitar a presença de Nellie» numa morada obscura perto das docas. Era quase meia-noite quando ela saiu. Deixou-se dormir no banco de trás do Bentley durante a viagem e acordou sobressaltada e sem perceber bem onde estava.

– Algures nas docas – disse Hawker.

Pareciam estar no meio de uma linha ferroviária, pois Nellie conseguia distinguir o som de um comboio de mercadorias a atravessar Londres lentamente. O ar cheirava a açúcar, por isso pensou que deviam estar em Silvertown, perto da refinaria Tate and Lyle.

Quase não havia iluminação pública nem casas, apenas o depósito de mercadorias e uns armazéns e barracões trancados. Era o género de sítio cheio de atividade durante o dia, e morto como um cemitério à noite.

Hawker estava tão confuso como Nellie. Tinha na mão um pedaço de papel onde desenhara o mapa improvisado com as direções que Luca Frazzini dera a Nellie.

– Dê cá isso – disse ela, com impaciência. Hawker acendeu a luz, e ela examinou o papel e disse:

– Acho que temos de virar à esquerda ali à frente. – Estava a segurar o mapa de pernas para o ar, mas Hawker não disse nada, e o carro continuou a avançar lentamente através das ruas empedradas.

– Ali – disse ele, por fim. Pararam ao lado de um grande barracão de madeira semelhante a um celeiro, em cuja fachada estava pintado «BA Holt – Mudanças».

Nellie perguntou-se se seria um eufemismo.

– Isto não vai demorar – disse ela a Hawker quando este a ajudou a sair do carro. Bateu com a bengala na grande porta e uma mão invisível mandou-a entrar.

– Ah, Nellie, seja bem-vinda – disse Frazzini quando a viu, como se ela estivesse a chegar a uma *soirée* elegante em Pall Mall e não ao que à primeira vista parecia um cenário de tortura dadaísta. Não que Nellie tivesse alguma vez ouvido falar do movimento Dada. Para ela, a arte terminava no *Cavaleiro Sorridente* de Frans Hals.

– Senhor Frazzini – disse, cumprimentando-o com um aceno de cabeça.

No meio do vasto pavimento de terra batida estava uma cadeira solitária. Amarrado com uma corda à cadeira via-se um homem com um fato de Pierrot manchado de sangue e com a cabeça, agora sem chapéu, a pender. Tudo indicava que fora torturado há pouco tempo. À volta do homem encontravam-se vários capangas de Frazzini, como se tivessem sido interrompidos a meio de uma tarefa.

– Esprememo-lo até ele cantar – disse Frazzini com uma certa satisfação. O Pierrot soltou um gemido. – O Pierrot «chibou» o Maddox. Aqui o nosso convidado disse que pagaram aos Huns para que eles fossem ao Amethyst ontem à noite armar sarilhos. Mas por azar deles, ou por pura inépcia, acabaram por dar um tiro a um dos meus rapazes. O Aldo, o meu homem, morreu, mas podia bem ter sido um dos seus clientes.

Os torturadores benzeram-se respeitosamente à menção do nome de Aldo.

Também fora Maddox quem tentara incendiar o Pixie. Na verdade, o Pierrot admitira (embora não de livre vontade) que fora ele quem, a pedido de Maddox e a troco de duas libras, levara uma lata de parafina líquida e encharcara nela um trapo, que lançara depois para a cozinha do Pixie.

– O que vão fazer com ele? – perguntou Nellie, contemplando a desolada figura do Pierrot.

Frazzini deslizou um dedo pelo pescoço.

– Vamos dar um exemplo – disse.

– Olho por olho – disse Nellie, imperturbável. Cadáver por cadáver.

Hawker estava a dormir quando Nellie bateu na janela do carro com a bengala, o que quase lhe provocou um ataque cardíaco.

– Acho que vou à frente – disse, aumentando o sobressalto de Hawker e instalando-se no banco ao seu lado. – Para observar esta parte de Londres no caminho de volta.

– Não há grande coisa para ver – respondeu Hawker.

– Há sempre qualquer coisa para ver. Mesmo quando não há nada.

Riu-se para si mesma. Para Hawker, aquele era o riso que ouvia nos seus pesadelos.

Antro de Perdição

Depois da guerra, Londres estava cheia de gente a tentar vender tudo e mais alguma coisa – droga, armas, mulheres. Vendiam às pessoas o que tinham acabado de lhes roubar e ofereciam a alma em troca de uma boa refeição, mas Niven só andava à cata de informações; a troco de uma pequena quantia, conseguiu saber onde Landor ia a maioria das noites, beber e jogar com os outros marginais, num antro de perdição em Bayswater.

O edifício parecia abandonado. Uma nesga de luz que se escapava de uma janela com persianas da cave por baixo de uma loja era o único sinal de que estava ocupado. Niven chegou antes da sua presa, pois ao aproximar-se do edifício avistou Landor a avançar alegremente pela rua, como alguém sem quaisquer preocupações no mundo.

Bloqueou-lhe o caminho quando Landor se preparava para descer as escadas para a cave, para se reunir aos seus desonestos confrades.

– Boa noite, senhor Coker – disse Landor, aparentemente nada espantado com o aparecimento súbito de Niven. Este não perdeu tempo com formalidades. Agarrou Landor pela lapela, ergueu-o do chão e pendurou-o pelo casaco nas grades.

– O meu cão desfaz-lhe a cara a uma ordem minha, Landor – disse. *Keeper* soltou um rosnido gutural, como que a confirmar.

– O que quer? – perguntou Landor, indiferente à ameaça. Estava habituado à violência, fosse dada ou recebida.

– Porque anda a fazer perguntas sobre a Gwendolen Kelling?

Landor não respondeu; Niven agarrou-o pelo pescoço e sacudiu-o.

– Responda. Porque anda a segui-la? Para quem trabalha? Para o Azzopardi? O que quer ele da Gwendolen Kelling?

– O Azzopardi? – Landor parecia genuinamente divertido. – Acha que ando a seguir aquela mulher a pedido do *Azzopardi*?

– É para outra pessoa?

– Não sabe mesmo? – Landor riu-se novamente. Ria-se demasiado para o gosto de Niven.

– Não, não sei mesmo – respondeu este, cada vez mais irritado por o outro estar tão divertido. Recuou o punho, preparando-se para desferir um soco no rosto trocista de Landor. – Para quem trabalha?

– Para a sua mãe, senhor Coker – respondeu Landor a rir. – Trabalho para a sua mãe.

Niven deixou-o pendurado nas grades e foi buscar o carro ao sítio onde o estacionara, a duas ruas de distância. Era capaz de jurar que ainda conseguia ouvir o riso de Landor quando se afastou.

*

– Bem, o que me dizes a isto? – perguntou a *Keeper*, sentado no lugar do passageiro, enquanto acelerava pela St. John's Wood Road. A mãe estava a usar o tal Landor para vigiar Gwendolen Kelling. Devia querer dizer que Gwendolen estava a trabalhar para um dos inimigos dela; Azzopardi ou Maddox. Qualquer um deles constituía um perigo para ela, mas a maior ameaça à sua segurança era, sem dúvida, a mãe.

Niven chegou a Hanover Terrace no momento em que Nellie saía do Bentley. Ela nunca dormia? Eram três da manhã, onde teria estado? Era escusado perguntar-lhe, ela não diria nada. Também não valia a pena questioná-la sobre Gwendolen Kelling. Ela orgulhava-se da sua matreirice.

Acabara de cair no abismo do sono, quando foi despertado por Nellie que o sacudia silenciosamente.

– Levanta-te depressa – murmurou ela. – É uma emergência.

O Pombo

Freda acordou num banco nos Drury Lane Gardens, onde passara uma noite desconfortável, com a sua fiel malinha a fazer de almofada dura. Os jardins tinham sido, em tempos, o cemitério de uma igreja e havia ainda lápides junto do muro. Passar a noite na companhia de mortos não garantia um sono descansado. Freda zombara de Florence quando esta falara do rei Tut e da sua maldição, mas houvera momentos durante a noite em que quase acreditara no mundo sobrenatural.

Pouco depois, um polícia desalojara-a do banco e expulsara-a dos jardins como se fosse uma vagabunda. Ele chamara-lhe nomes horríveis. *A impugnar a minha virtude*, pensou, que era uma coisa que Duncan costumava dizer, a falar como se fosse belfo e com um gesto engraçado da mão. Freda não conseguiria soletrar a palavra «impugnar» nem que disso dependesse a sua vida. («Vem do latim, dissera Duncan. «*Pugnare*», «atacar». Ele frequentara uma «boa» escola. «Há várias vidas atrás», acrescentara.)

– Isto não é lugar para prostitutas – disse o polícia. – Põe-te a andar, antes que te leve para a Bow Street e te acuse de vadiagem.

Freda perguntou-se se ele teria alguma filha e se gostaria que a tratassem daquela maneira, mas decidiu não lhe perguntar. «Dócil, não descarada, quando lidas com a bófia», costumava Duncan avisar.

Vanda dissera uma vez que ela era uma órfã à mercê das intempéries, embora não fosse órfã e, na altura, o tempo até estivesse bem agradável, para variar.

Freda estava sem casa e sem dinheiro e, para rematar, sem Florence. Era uma situação em que nunca se imaginara. Contara com aplausos, no mínimo. *Estou num beco sem saída*, exclamou para si mesma; naquele momento, já só lhe restava o melodrama. E tinha tanta fome que sentia as entranhas a encolherem e a colarem-se-lhe aos ossos.

Quanto tempo levaria até morrer de fome? E, se isso acontecesse,

alguém iria reparar? Iria acabar no Tamisa, arrastada pelas águas turvas da maré vazante, juntamente com o lixo da manhã?

A sua autoconfiança sofrera um golpe tremendo. Uma rapariga mais fraca já teria desistido, pensou. Mas ela não era uma rapariga mais fraca. Uma rapariga mais fraca poderia ter pensado em vender o corpo na rua como último recurso. Mas ela também não era esse género de rapariga mais fraca. Ainda não.

*

Graças a um grande golpe de sorte, ao sair dos jardins viu uma moeda de seis *pence* a cintilar numa fenda do passeio. Quase chorou de alegria. Era verdade que Vanda costumava dizer «Encontra uma moeda, dá-a a alguém ou terás azar», mas naquele momento Freda não via como é que a sua sorte poderia piorar, de modo que meteu a moeda no bolso.

Num café da Neal Street que abrisse cedo para os carregadores do mercado, a moeda valeu-lhe o consolo de uma sanduíche de chouriço e uma caneca de chá; como o açúcar era grátis, pôs várias colheradas. Comeu a sanduíche o mais devagar que pôde, para a fazer durar o mais possível, mas, como já esperava, acabou por ser expulsa do café.

– Ei, menina! – disse o proprietário. – Isto não é uma biblioteca. Não podes ficar aí o dia todo sem gastar dinheiro.

Freda foi-se embora contrariada e arrastou a mala ao longo da Mall até St. James's Park, onde se sentou noutro banco. Atenta aos guardas do parque, tentou dar um ar de quem estava apenas entretida a observar os patos. Não tinha pão para os alimentar. E, se tivesse, tê-lo-ia comido.

Um pelicano avançou a bambolear-se na sua direção. Mas que ave tão estranha! Tinha a certeza de que não existiam em York. Seria um animal britânico, sequer?

Quando o pelicano se aproximou mais, Freda viu, horrorizada, que levava um pombo no bico. Parou à frente dela e, como se estivesse a fazer um número, com grande alarde meteu o pombo na bolsa do bico, onde este continuou a debater-se para tentar escapar. Para tentar sobreviver. O pelicano lançou a Freda um olhar frio, como que a condená-la por estar a julgá-lo. Criatura hedionda! Freda deu um salto do banco e afastou-se a correr, com uma triste sensação de empatia para com o pobre pombo, pois também ela fora agarrada e devorada por um predador.

Hora da Visita

— Fizeste uma pequena operação, mas já vais ficar fina – disse Nellie a Edith, num tom de voz falsamente animado. Edith, inconsciente, não respondeu. Talvez tivesse percebido, lá nas profundezas da anestesia, que a operação não fora assim tão pequena. («Tirámos tudo», dissera o cirurgião à mãe com uma satisfação despropositada.)

Edith dera entrada num pequeno hospital privado às primeiras horas do dia, de forma discreta, mas com urgência. O Bentley cruzara os portões a meio da noite. Nellie era furtiva por natureza, não gostava de dar a ver as fraquezas da família.

Agora estavam lá todos para animar a doente. Todos à exceção de Niven, que fora dispensado. Edith não se encontrava ainda livre de perigo e a crise estava longe de ter terminado; o cirurgião sugerira a Nellie que talvez fosse boa altura para as despedidas finais da família, mas ela decidira não transmitir essa informação aos outros filhos. Explicou que Edith tivera «complicações de mulheres», um diagnóstico que cobria uma vasta panóplia de possibilidades, muitas das quais podiam ser mais metafóricas do que clínicas na sua opinião, ainda que não naquele caso.

— Uma infeção grave – acrescentou, deixando em aberto a possibilidade de uma catástrofe, mas sem a confirmar.

— Ela está morta? – murmurou Kitty.

— Não, levou uma anestesia – respondeu Nellie. — Deve acordar não tarda, espero.

— E vai ficar boa?

— Sim – disse Nellie com firmeza.

Betty e Shirley lançaram um olhar duvidoso à pálida figura de Edith, deitada na cama austera de hospital. Não parecia alguém que fizesse tenções de melhorar. Esperavam ver tubos e fluidos e outras coisas desagradáveis, mas Edith não estava enfeitada com nenhum adereço médico e parecia estar à

espera do embalsamador.

Kitty estendeu o braço e deu umas palmadinhas nas costas da mão que jazia, inerte, sobre a colcha *jacquard* verde-pálido. Só naquele momento se apercebeu de que gostava de Edith. A ideia fê-la sentir um ligeiro enjoo.

Estavam há algum tempo sentados à volta da cama, habituando-se à imagem de cadáver de Edith, e começaram a falar num volume normal e não nos murmúrios fúnebres, como haviam feito até ali. A novidade da visita ao hospital começava aos poucos a dar lugar à fadiga.

Edith estaria provavelmente morta naquele momento se a intuição materna de Nellie não a tivesse levado à casa de banho quando regressara das docas de madrugada. Encontrara Edith caída no chão, inconsciente, com os lábios sem cor e a pele coberta por uma camada de suor frio. Nellie acordara Niven, que tinha o dom dos soldados: emergir das profundezas do sono imediatamente disponível para o combate.

Num gesto heroico, ele transportara Edith escada abaixo – o físico dela tinha qualquer coisa de estranho, era como transportar um pequeno camelo ou uma girafa. Nellie dera instruções para que a levassem pelo pátio que ia dar à garagem que alojava o Bentley (e Hawker). O motorista foi acordado e, ainda de olhos ensonados, ajudara a introduzir Edith no banco de trás do Bentley. Nellie achara que o carro de Niven era desadequado, e o filho sentia-se agora grato por isso, pois Edith começara a vomitar sem parar. Nellie mandara-o embora e acompanhara Edith sozinha na viagem até ao hospital de Kensington. Era um sítio onde sabia que, por um preço elevado, uma boa assistência médica era quase tão importante como a discrição.

*

Shirley levava uma caixa de Delícias Turcas para a doente, mas ao constatar que Edith não iria comer os doces nos tempos mais próximos – se é que alguma vez os comeria – colocou a bonita caixa sobre a colcha em cima das pernas imóveis da irmã e todos se serviram.

Nellie, mais pragmática, levava um xaile de caxemira e uma caixa de sabonetes franceses de alfazema.

– Devia ter trazido o tricô – disse Shirley.

– Tu não sabes tricotar.

– Era uma boa oportunidade para aprender.

– Então, Ma, a tal mulher... – começou Betty.

– A Gwendolen – disse Kitty.

– Sim – disse Nellie. – A menina Gwendolen Kelling. Vai dar-me uma ajuda.

– Uma ajuda? – perguntou Betty, espantada. – Uma ajuda, como?

– Vai gerir o Crystal Cup.

– *Como?*

Betty e Shirley puseram-se a protestar, e até Edith, adormecida, pareceu soltar um ligeiro gemido de protesto.

– Bem, eu até acho que é boa ideia – disse Kitty.
– Cala-te – exclamou Betty, furiosa. – Tu não percebes nada.
– Nós não precisamos de outra pessoa – disse Shirley à mãe. – Tens-nos a nós. A Betty e eu podemos gerir o Cup.

– Ela não é da *família* – acrescentou Betty. – Aliás, é uma perfeita desconhecida. Tanto quanto sabemos, até pode ser um cavalo de Troia.

– O que é isso? – perguntou Kitty. Desejava um dia ter uma manada de cavalos de corrida árabes. Como o Aga Khan. Conhecera-o quando ele fora ao Amethyst. Ele oferecera-lhe um pauzinho de alcaçuz e caíra assim para sempre nas suas boas graças. Ninguém espera que uma pessoa como o Aga Khan ande com pauzinhos de alcaçuz nos bolsos.

– És tão ignorante, Kitty! – exclamou Betty.

– Não sou nada! – protestou a irmã, pensando erradamente que ignorante e elefante eram parentes próximos.

– É uma armadilha! – exclamou Shirley. – Estão a insinuar-se no interior das muralhas do inimigo sob falsos pretextos, para depois destruir tudo o que lá existe. Tanto quanto sabemos, a Gwendolen Kelling até pode estar a trabalhar para a polícia. Ser uma *espia*.

– Para o Frobisher – disse Betty, com um ligeiro estremecimento. – Esse homem é frio como um bacalhau morto. Talvez ela seja o sabujo dele, enviado para nos destruir a todos.

– A queda da casa de Coker – disse Shirley.

– O quê? Não sejam todos tão dramáticos – disse Nellie com brusquidão.
– Ela é bibliotecária.

– É o quê?

Nellie ignorou estoicamente o coro de consternação.

Lá fora, no corredor, alguém começou a andar para trás e para a frente, tocando uma campainha que assinalava o fim da hora das visitas.

– Não tentem saber por quem os sinos dobram – disse Shirley. Por vezes, entrevia-se-lhe a instrução.

Edith contorceu-se no seu sono e murmurou qualquer coisa incompreensível.

– Ah, vejamos, a Edith está a regressar do mundo dos mortos – disse Kitty.

Pastoral

Frobisher chegou cedo à Bow Street para avaliar o trabalho da semana seguinte. Na realidade, chegou tão cedo que ainda lá estava o polícia do turno da noite. O simpático sargento de serviço resumiu-lhe o que acontecera durante a noite.

– Tenho uma coisa para si, senhor inspetor – disse ele, obviamente divertido.

– O quê, sargento?

– Parte dos despojos da noite, um Pierrot afogado!

– Um quê? – Frobisher pensou que ele tinha dito um *parrot* (o homem tinha um ligeiro defeito de fala). Fê-lo pensar nos papagaios inacabados da tapeçaria de Lottie.

– Um Pierrot – repetiu o sargento, pronunciando com mais cuidado. – Sabe, aquela personagem das comédias antigas.

– Sim, eu sei o que é um Pierrot, obrigado, sargento. Onde está ele? Aqui?

– Não, ainda está no Dead Man's Hole. – (Outra vez não, pensou Frobisher.) – Mas este não se afogou.

– Acabou de dizer que sim, sargento.

– Não se afogou, mas retiraram-no da água de madrugada. Degolado, assim. – O sargento fez uma pausa e deslizou um dedo pelo pescoço. – Tinha um grande sorriso na garganta.

– Um *Pierrot*?

– Pois, é estranho, não é? Deve ter ido a uma festa, mascarado, claro, meteu-se com quem não devia, alguém sacou de uma faca e *voilà*!

O sargento tinha estado em Verdun e gostava de exibir as poucas palavras que sabia em francês de café.

– Agradeço a sua observação, sargento. Devia ir para polícia.

– Muito engraçado, inspetor. E lá em baixo está outro dos seus.

– Dos meus? Um Pierrot? – Frobisher nunca dissera tantas vezes aquela palavra; na verdade, achava que era a primeira vez na vida que a utilizava.

O sargento riu-se:

– Não, inspetor. O corpo de uma rapariga. Afogada.

*

– Mais uma sereiazinha para a sua frota – disse Webb, o médico da polícia. – Seria mais correto chamar-lhe cardume?

– Acho que não existe um substantivo coletivo para as sereias, Webb, já para não dizer que elas não existem.

O homem era horrível. Haveria um coletivo para Pierrots?, perguntou uma parte do seu cérebro. Um espetáculo de variedades, talvez.

– Mercadoria que caiu à água – disse Webb.

– Ou que deitaram borda fora, parece-me mais – corrigiu Frobisher, mas não lhe apetecia estar a discutir vocabulário com Webb.

Receava que a rapariga fosse aquela que vira no sábado à noite à porta do Amethyst. Mas essa não tinha canudos loiros, nem um vestido prateado; essa rapariga era alta e a atirar para o roliço e via-se que fora bem cuidada durante a sua infância não muito distante. Demasiado jovem para morrer. Frobisher observou com satisfação que Webb tivera a decência de a cobrir com um lençol.

– Não trazia roupas, apenas um crucifixo. – Webb retirara a cruz, que estava agora numa placa de Petri. – Foi ter com Deus – acrescentou com cinismo. Era um homem de ciência, não tinha religião. Frobisher também não, claro.

Teria sido muito útil se os pais lhe tivessem gravado o nome nesse objeto. Mandaria alguém com o crucifixo dar uma volta pelas igrejas católicas, talvez alguém o reconhecesse.

– Esta aqui não é virgem – disse Webb.

– «Esta aqui»? – Frobisher calculou que a insensibilidade fizesse parte da atividade de Webb.

– Longe disso, na realidade – continuou este com indiferença. – Apresenta sinais de ter feito um aborto. Muito recente, muito atamancado. A rapariga está uma miséria, sofreu uma enorme hemorragia. Mas tem água nos pulmões, o que me leva a pensar que alguém terá achado melhor livrar-se dela. Teria morrido, de qualquer maneira.

– Mas estava viva quando entrou na água?

– Talvez.

– Santo Deus – disse Frobisher. Não era dado a blasfémias, mas ficou chocado ao imaginar o que a rapariga teria sofrido.

– Ah, e quase me esquecia – disse Webb. Fez aparecer um par de óculos; uma das lentes estava rachada como uma teia de aranha e a outra desaparecera. – Ainda trazia estes óculos postos. É um milagre terem sobrevivido.

Os óculos foram juntar-se ao crucifixo e ao medalhão da semana anterior, no bolso de Frobisher. Que estranha coleção de lembranças estava ali a reunir... Andara incomodado com o desaparecimento de várias raparigas. Mas o facto de elas começarem agora a aparecer deixava-o ainda mais inquieto.

*

Regressou ao escritório e mandou chamar Cobb. Achava que o relato que o polícia apresentara da noite no Amethyst continha algumas lacunas. Tinha havido uma briga entre membros de dois gangues, que se haviam pegado por qualquer razão. Tinham sido disparados tiros, mas ninguém ficara ferido, dizia Cobb. A menina Kelling desaparecera no meio do caos, e ele achara que ela tinha fugido do clube. Não vira sinais dela lá fora, mas quando tentara voltar a entrar no Amethyst para a procurar, os porteiros haviam-lhe barrado a passagem.

– Achei que ela estaria em segurança – acrescentou com pouca firmeza.

– A sua *única* tarefa era protegê-la – disse Frobisher com severidade.

O tom áspero de Frobisher fez Cobb franzir o sobrolho.

– Bem, se tivesse permanecido ao meu lado, teria ficado em segurança – respondeu, taciturno.

Falou num tom impertinente, algo que Frobisher não apreciava num polícia, nem em ninguém, aliás. Estava desiludido com Cobb e consigo mesmo por ter avaliado mal o agente.

– Já teve notícias dela? – perguntou Cobb.

– Da menina Kelling? – Desagradou-lhe a forma indelicada como Cobb se referia a «ela»; estava quase ao nível do «esta aqui» de Webb. Era uma forma pejorativa de se referir a uma rapariga ou uma mulher.

– Não, ainda não tive novidades – respondeu. – Mas uma fonte de confiança informou-me de que a menina Kelling regressou ao seu hotel ao final da noite. – Não era inteiramente verdade. A harpia que geria o Warrender não conseguira confirmar-lhe a que horas Gwendolen Kelling regressara após a visita ao Amethyst, mas não tinha ainda chegado quando ela trancara a porta às dez e meia. Aonde teria ido? Estremeceu ao recordar a visita ao Warrender no dia anterior. Comportara-se como um homem leviano que vai visitar a amante ao domingo quando tem a mulher em casa, a sofrer.

– Inspetor? – disse Cobb, transferindo o peso de um pé para o outro, impaciente. – Deseja mais alguma coisa?

– Não – respondeu Frobisher secamente. Mas depois acrescentou: – Sim, espere um instante, tome... – Tirou o crucifixo do bolso. – Vá dar uma volta às igrejas católicas, a ver se alguém reconhece isto.

– A todas? – perguntou Cobb, aborrecido.

– Sim, Cobb, a todas.

– Eu cá acho os crucifixos todos iguais.

– Não é pago para achar nada, Cobb. Vá lá fazer o que eu mandei.

Onde estaria a menina Kelling? Frobisher começava a inquietar-se com o facto de ela não aparecer na Bow Street. Já lá deveria estar. Além do mais, parecia uma pessoa pontual. Ele não podia negar o ligeiro sobressalto que sentia no coração quando pensava nela. Talvez a convidasse para almoçar algures. Podiam ir a pé até ao Simpson's, mas corria o risco de ela o achar um esbanjador se lá fossem comer. Um sítio menos caro seria mais apropriado, talvez um dos restaurantes italianos – o Isola Bella, na Frith Street, onde serviam um prato de que ele gostara muito, chamado *ravioli al sugo*, que Lottie lhe apresentara na época em que comiam fora, iam ao teatro e davam passeios nos parques. O período da lua de mel, pensava ele agora. Fora curto, provavelmente como quase todas as luas de mel, considerou. No casamento, haviam embarcado num bote frágil, que encalhara há muito em águas estagnadas e mergulhava agora nas profundezas. A menina Kelling, por outro lado, parecia uma pessoa capaz de manter uma rota fixa. Deixara a mente emaranhar-se horivelmente em imagens marítimas; parecia não haver maneira de se salvar, a não ser abandonando o navio.

Perguntou-se se o relato dela da noite no Amethyst coincidiria com o de Cobb. E eis que, de repente, ela apareceu, como se tivesse sido invocada, emoldurada na perfeição pela ombreira da porta do seu gabinete.

– Kelling apresenta-se ao serviço, senhor inspetor – disse, sorrindo e fazendo continência.

Frobisher saltou da cadeira para a cumprimentar e tentou pensar em qualquer coisa engraçada para responder, mas não lhe ocorreu nada, engraçado ou não, por isso apertou-lhe simplesmente a mão, que achou fria. Devia ter apaziguado muitas frentes de doentes durante a guerra. Apesar de (inúmeras) provas em contrário, Frobisher continuava a ter uma visão romântica das enfermeiras.

– Sente-se bem, inspetor? – perguntou ela, com um olhar solícito. – Está um bocado pálido.

– Estou ótimo, obrigado, menina Kelling. Agradeço a preocupação.

A ideia do almoço veio-lhe outra vez à cabeça. Gwendolen pensaria que ele estava a tentar fazer-lhe a corte? (Estaria?) E, claro, imaginou que se o seu coração se sobressaltava quando a via, o dela podia bem cair-lhe aos pés ao vê-lo a ele. Tinha de se controlar, por isso, em vez de lhe oferecer *ravioli*, disse:

– Sente-se, por favor, menina Kelling. Estou aliviado por constatar que sobreviveu aos excessos do Amethyst.

Ela riu.

– Sobrevivi muito bem, inspetor. Bom, mas vamos então ao que interessa; antes de mais, o meu relatório.

– Faça o favor.

– O meu relatório, de memória, sobre a noite que passei «infiltrada» no clube noturno Amethyst. O agente Cobb e eu partilhámos uns *cocktails*,

Buster Browns, para ser exata, umas bebidas mortíferas, depois dançámos durante um bocado... É surpreendente a desenvoltura com que ele dança, para polícia, pelo menos. Mas quando a confusão rebentou, ele revelou-se inútil. Na verdade, fugiu a sete pés. Deixou-me pendurada! – Riu-se outra vez, aparentemente divertida com a ideia.

Frobisher sentiu um azedume renovado para com Cobb.

– Ele revelou-se extremamente negligente, menina Kelling – admitiu Frobisher com pesar.

– Estavam gangues rivais no clube – continuou ela com jovialidade – e envolveram-se num tiroteio.

– Um tiroteio? – Cobb já lho havia dito, claro, mas surpreendeu-o a facilidade com que a palavra se lhe formara nos lábios. Ela fora endurecida por batalhas, e talvez não apenas pelas da guerra.

– Não estou absolutamente certa do que aconteceu, mas houve Pierrots envolvidos.

– Pierrots? – repetiu Frobisher. Santo Deus, o raio das criaturas não paravam de aparecer?

– Sim, alguns elementos de um dos gangues estavam disfarçados. Ao que parece, tinham andado pelas ruas a fazer assaltos. Uns Huns qualquer coisa.

– Hackney. – Ela parecia tê-lo reduzido a respostas de uma só palavra, mas, pelo menos, agora havia uma explicação para o Pierrot que fora pescado do Tamisa naquela manhã.

– Sim, é isso, os Hackney Huns. Um deles foi alvejado...

– Alvejado? Um Pierrot? Tem a certeza? – O Pierrot daquela manhã tinha a garganta cortada. Quantos Pierrots teriam sido assassinados, santo Deus?

– Não, um dos outros. Os Frazzinielli, é assim que se chamam?

– Frazzini.

– Mas acho que foi um Pierrot que começou aquilo tudo. O homem do Frazzini que ficou ferido, Aldo, era o nome dele, ficou em mau estado. Não sei se se terá sobrevivido. Eu ajudei a tratá-lo. Um dos Pierrots foi transportado para a rua a protestar muito alto, uma espécie de expiação, acho eu; parece que os gangues são dados a comportamentos vingativos. Olho por olho, dente por dente. Não faço ideia do que lhe terá acontecido, mas palpita-me que não tenha sido nada de bom. *Adiante...* Resumindo, inspetor... – (Por amor de Deus, trate-me por John, pensou Frobisher) – a matriarca ofereceu-me trabalho como gerente de um dos seus clubes, o Crystal Cup.

Frobisher estava perplexo.

– Desculpe, importa-se de repetir?

– *Tudo?*

– Não, só a última parte.

– Vou trabalhar para a Nellie Coker. Não é perfeito? Vou poder informá-lo a partir de dentro. Agente secreta! – Os olhos dela brilhavam de excitação.

Ele não tinha percebido que ela era tão obstinada. Sentiu receio por ela. O que havia ele posto em marcha? Sentia que a situação era agora imparável.

*

– Ah, santo Deus, quase me esquecia – disse ela, ao levantar-se para se ir embora.

O que será agora?, pensou Frobisher com um calafrio.

– Esta manhã chegaram pelo correio as fotografias da Freda e da Florence que eu tinha pedido. Da minha amiga Cissy.

– Sim, a tia de Freda.

– A irmã, na verdade, mas isso é pouco importante. – Passou-lhe um envelope por cima da mesa. – Tenho pena, mas a fotografia da Freda é uma das que ela usava «profissionalmente», com trajes de palco e maquilhagem. Parece que eram as únicas que tinham dela. Parece muito mais velha do que é na realidade. Para ser franca, inspetor, não a vejo há uns dois anos. Duvido muito que a conseguisse reconhecer agora.

Frobisher retirou as fotografias do envelope e estudou-as. Era verdade, Freda parecia mais uma mulher do que uma criança, vestida com um traje de palco fútil que lhe parecia quase impróprio.

Gwendolen riu-se novamente.

– Uma produção amadora de *Sonho de Uma Noite de Verão*, creio. Freda fazia parte do séquito de fadas da Titânia. Nunca gostei da Titânia, é muito autoritária e, ainda por cima, caprichosa. Não acha?

Frobisher, que nunca tivera de dar uma opinião acerca da personagem de Titânia, fixou Gwendolen com uma expressão um pouco idiota, antes de arriscar:

– Bem, mas ela é uma rainha.

– E as rainhas são, por natureza, autoritárias. Sim, claro que tem razão, inspetor. – (Tenho?, pensou ele.)

Ela parecia estar a ignorar por completo a preocupação dele relativamente ao seu insólito plano de ir trabalhar para os Coker. Era extremamente irritante. Ela via aquilo como uma «aventura», quando era claramente um projeto carregado de perigos.

– Eles não são o que parecem, menina Kelling. Acho que não está a perceber no que se está a meter.

– São só uns dias, inspetor – disse ela para o tranquilizar. – É uma oportunidade demasiado boa para ser desperdiçada. Vou descobrir tudo o que puder sobre os negócios dos Coker e, quando der por isso, já estarei no comboio de volta a York.

– A York? – repetiu Frobisher, tentando disfarçar a desilusão na voz. – Vai voltar para a biblioteca? Pois claro, tem de voltar. – Ela tinha uma vida noutro sítio, recordou a si mesmo, uma vida que ele desconhecia por completo, à exceção da biblioteca. Talvez tivesse um namorado (ou vários) à sua espera, ou uma família carinhosa. Na verdade, não sabia nada acerca dela,

apenas que possuía uma grandiosidade serena que admirava e receava ao mesmo tempo, e a ideia de a ver partir em breve provocou-lhe uma sensação de vazio no peito. Seria aquele trabalho para Nellie Coker o preço que tinha de pagar para que ela não se fosse embora de Londres?

– A Nellie Coker é uma mulher astuta – disse ele. – Vai descobrir o esquema, e quando perceber que a menina é uma serpente que se introduziu no ninho dela, nem quero pensar no que será capaz de fazer.

– Provavelmente arranca-me o coração – retorquiu Gwendolen, alegremente.

Ele suspirou, vencido, e voltou a dirigir a atenção para as fotografias. Ao contrário de Freda, Florence ainda tinha ar de criança. A fotografia dela fora tirada na escola, de bata e tranças. E óculos. Era impossível ver se havia algum crucifixo por baixo da blusa e da gravata bem apertada. Podia bem ser ela a rapariga que estava na morgue, mas uma rapariga afogada e sem cor tinha um aspeto muito diferente de uma estudante robusta.

– Católica? – murmurou ele, mais para si mesmo do que para Gwendolen.

– Percebeu só pela aparência? Mas que dom extraordinário, inspetor! Teria sido muito útil à Inquisição.

Ele desejou que ela não brincasse.

– Não me disse que ela frequentava um colégio de freiras?

– Não me recordo. – Fez uma pausa e depois disse, num tom mais moderado: – Mandou-me um bilhete a perguntar por um medalhão. Quer dizer que encontrou um cadáver, inspetor.

A crueza dela fê-lo estremecer por dentro. Era como se não possuísse os filtros habituais. Mais uma vez, devia ser da guerra, pensou. Desejou naquele momento ter ido combater e não ter sido destacado para um cargo essencial; tentara ir, mas tinham-lhe ordenado que ficasse. Por causa disso, sentia-se menos homem. Mas estava vivo. Já não era mau, pensou.

– Um cadáver? – repetiu. – Não, nada disso. Era apenas uma pergunta de rotina.

– Bem, a boa notícia é que os Ingram dizem que a Florence não tinha nenhum medalhão. Já é uma coisa boa, não é?

– Sim.

– Ao que parece, ela usava um crucifixo.

*

Depois de Gwendolen ir embora, Frobisher ficou sentado à secretária e levou alguns momentos a pôr ordem nos pensamentos. Desejou fumar. Nada o impedia de começar.

Estando o almoço com a menina Kelling agora posto de lado, comeu a ementa *table d'hôte* do hotel Charing Cross, um prato de fígado e cebola que lhe ficou a pesar de tal forma no estômago que os pensamentos lhe fugiram novamente para o Shropshire, e, por qualquer razão, para o queijo branco que

se esboraava produzido pela leitaria. Aos quinze anos, sentira-se atraído por uma das leiteiras. Ela tinha o mesmo cheiro limpo e azedo do queijo que fabricava. Gwendolen Kelling lembrava-lhe um pouco aquela leiteira, não que cheirasse a queijo – ele sentira uma nota de lírio-do-vale quando ela se inclinara sobre a sua secretária para lhe passar as fotografias das duas raparigas. Mas a leiteira possuía a mesma força, a mesma... Procurou a palavra. Transparência, acabou por decidir. Não, translucidez. Era a pessoa que era, sem dissimulações. Na experiência de Frobisher, poucas pessoas eram assim.

Não se lembrava do nome da leiteira. Era estranho como uma coisa que em tempos fora tão importante podia desaparecer no rio da memória, nas águas pardacentas do tempo. Podia ter-se deixado levar pela metáfora (afogar-se na nostalgia e assim por diante), mas felizmente os seus pensamentos foram interrompidos pelo empregado do hotel Charing Cross, que percorrera quase metade da Strand a correr atrás dele. Frobisher estava tão imerso nos seus devaneios que se esquecera de pagar o fígado com cebolas.

– Estive quase a chamar a polícia – arfou o empregado ofegante, quando o alcançou.

– Não lhe teria servido de grande coisa – disse Frobisher, e ofereceu-lhe um xelim pelos esforços atléticos. Tinha conseguido fazer um comentário cómico, mas com a pessoa errada.

De regresso à Bow Street, levou as fotografias de Freda e Florence à morgue para fazer uma comparação, mas a rapariga já lá não estava.

– Southwark – disse Webb, acendendo o cachimbo.

Frobisher suspirou. Aquela correria interminável não teria fim?

*

Dirigiu-se novamente para a Bow Street. A vida era um ir e vir constante, não era? E no final, ia-se e não se voltava.

Oakes estava à porta a fumar um cigarro disfarçadamente. Não era permitido fumar fardado, Frobisher insistia em que a regra fosse cumprida, mas ali estava Oakes, um homem em quem confiava, a desiludi-lo.

Uma rapariga magricela e muito nova estava a falar com ele. Oakes comentou que era só uma «pega» a exhibir a sua mercadoria. Frobisher deu à rapariga meia coroa e mandou-a ir comer uma refeição quente. Fez-lhe lembrar um pouco Freda, a rapariga desaparecida. Sem a camada espessa de maquilhagem que Freda tinha na fotografia, poderiam parecer irmãs.

*

Eliza!, recordou-se ao chegar a Southwark. Era esse o nome da leiteira.

Uma Mudança de Cenário

Quando chegou à Bow Street, Gwendolen foi informada pelo sargento de dia de que o inspetor-chefe Frobisher estava naquele momento «ocupado», mas recebê-la-ia em breve. Ela tinha alguma marcação?

– Bem, não, mas acho que ele está à minha espera.

E qual era o assunto?

– Preferia não dizer.

Esta resposta enigmática, vinda de uma mulher, tornava-a objeto de curiosidade. Deviam ser poucas as mulheres que se reuniam com Frobisher.

Mandaram-na sentar-se no lado oposto à secretária, num incómodo banco de madeira, de costas contra a parede. Sentiu uma sensação de culpa inexplicável.

Perguntou-se se deveria falar com o agente Cobb, já que ali estava. Podia repreendê-lo pela forma abrupta como se escapulira do Amethyst no sábado à noite. A manhã avançava depressa e eram quase horas de almoço, talvez pudesse perguntar a Frobisher se queria ir comer qualquer coisa com ela. Naquela zona de Londres não faltavam restaurantes.

Uma rapariga deixou-se cair pesadamente no banco ao lado do seu e perguntou:

– Tem um cigarro?

– Lamento, não fumo – respondeu, tentando não parecer puritana. Bow Street não era lugar para se estar com puritanismos. A rapariga cruzou as pernas, com o pé a mexer-se nervosamente. Uma das pálpebras não parava de tremer.

– De onde é? – perguntou a Gwendolen, num *cockney* tão cerrado que esta levou um segundo a conseguir percebê-lo. – Vê-se que não é daqui.

– Pois não – admitiu Gwendolen –, não sou daqui. Sou do Yorkshire.

– Credo – disse a rapariga, com um pequeno estremecimento. Se tivesse dito que era das estepes de Mongólia ou da tundra do Ártico, ter-lhe-ia

provocado o mesmo efeito. – Está longe de casa.

– Pois estou – concordou Gwendolen.

– Gertie – disse a mulher e estendeu a mão numa demonstração inesperada de boas maneiras. – Gertie Bridges.

– Gwendolen Kelling – retorquiu, apertando a mão que a outra lhe estendia. Estava encardida, mas era quente, e Gwendolen sentiu um súbito afeto pela rapariga. Por detrás da maquilhagem desbotada e tosca, era bonita e mais jovem do que lhe parecera ao início. Tinha umas certas parecenças com Freda, ou com o que Freda seria possivelmente naquele momento. Era uma criatura singular, com um brilhinho de curiosidade na expressão. Tinha caracóis louros e sujos, do género que se conseguem fazer quando se passa uma data de tempo a pôr papelotes no cabelo antes de ir para a cama. Freda usava os mesmos caracóis.

– Porque está aqui? – perguntou Gertie.

Gwendolen pensou um momento na resposta antes de dizer:

– Embuste.

– Fraude?

– Uma coisa do género. – Veio-lhe à cabeça uma coisa e disse: – Na verdade, estou à procura de uma pessoa, bem, de duas pessoas. Duas raparigas. Chamam-se Freda Murgatroyd e Florence Ingram.

– Fugiram de casa, foi?

– Sim.

– É a mãe de alguma delas? – De repente, parecia desconfiada. – Nem sempre é bom quando nos obrigam a voltar para casa, sabe? – Mais batidas nervosas do pé. – Uma vez, recambiaram-me de volta. A coisa ficou pior do que era antes.

– Tenho pena. Elas queriam tentar a sorte nos palcos.

Gertie riu-se.

– Não queremos todas?

– Aonde é que iria, se tivesse acabado de chegar a Londres? – insistiu Gwendolen.

– Londres é grande. Há sítios de todos os géneros. Em Londres é difícil localizar raparigas. Aparecem num instante e, no instante seguinte, puf!, desaparecem.

– Desaparecem? Para onde?

Gertie começou a dizer qualquer coisa quando foi de repente agarrada por um polícia e soltou um «Oi!» digno de Eliza Doolittle. Foi empurrada até à secretária, onde o polícia disse ao sargento de dia:

– Prostituição, drogas, furto.

– Leva-a. Façam a acusação.

Gertie foi levada da sala. Lançou um olhar a Gwendolen por cima do ombro e disse:

– Boa sorte.

Gwendolen retorquiu:

– Igualmente!

Teria Freda tomado aquele caminho?, perguntou-se. *Prostituição, drogas, furto*. Como era fácil cair na degradação em Londres. E que fundo se podia ir.

Olhou para o grande relógio na parede. Desconfiou de que estavam a fazê-la esperar de propósito, talvez não Frobisher, mas o sargento de dia, porque, sem consultar o inspetor nem o relógio, este levantou os olhos do que quer que estava a fazer e disse:

– O inspetor-chefe vai recebê-la agora, menina.

Apesar de irritada com o sargento, o coração de Gwendolen animou-se um pouco com a ideia de ver Frobisher. A sensação apanhou-a desprevenida.

*

A ideia de almoçar com ele fora posta de lado e, lamentavelmente, separaram-se num ambiente um pouco glacial. Ele tratara-a de forma muito desagradável, e ela fora ficando cada vez mais irritada. Gwendolen nem tinha já bem a certeza de qual fora o motivo da discussão. Talvez a independência dela em relação a ele.

*

Nellie mandara Hawker, o motorista, ir buscar Gwendolen e conduzi-la ao Crystal Cup. Ele meteu as malas no porta-bagagem, sob o olhar desaprovador da Sra. Bodley, para quem os carros com motorista pareciam indicar uma fraca moralidade. E talvez tivesse razão.

Quando chegaram ao Crystal Cup, Hawker subiu os degraus com as malas de Gwendolen e entregou-lhe as chaves do apartamento e do clube.

– Deseja mais alguma coisa, menina? – perguntou, ao depositar as malas na entrada. Ela declinou a oferta e tentou dar-lhe uma gorjeta, mas ele recusou, com as mãos no ar e a sorrir, e disse:

– Não, não, a senhora Coker arrancava-me as entranhas se soubesse que tinha aceitado uma gorjeta sua. Agora é uma das nossas. – (O que diria Frobisher daquilo?, pensou.)

Nellie não fora recebê-la em pessoa, mas havia um cesto com fruta em cima da mesa e uma bonita jarra com cravinas. Cor-de-rosa, reparou Gwendolen, muito adequadas, pois era a cor que imperava por todo o lado; ela estava à espera dos habituais verdes e castanhos pouco inspirados. Havia um cartão encostado à jarra. Era um postal, um dos ubíquos «Monumentos de Londres»; na realidade, não parecia nada o estilo de Nellie. Gwendolen virou a imagem da Tower Bridge. *Seja bem-vinda à sua nova casa. Cumprimentos, Nellie Coker*. «Fique a aguardar instruções» era a ordem do dia, ao que parecia.

O postal recordou-a de que tinha de pôr a correspondência em dia. Escolheu o Palácio de Westminster para Cissy e a Torre de Londres para as

Sras. Tate, Rogerson e Shaw. *Londres é muito interessante. Acho que vou ficar um pouco mais para apreciar melhor as atrações.* O Sr. Jenkinson, o seu solicitador em York, recebeu uma imagem da catedral de São Paulo a informar da mudança de morada. *Vou ficar mais uns tempos. Por favor, envie toda a correspondência para esta morada. Recomenda-me algum banco em Londres?*

*

O apartamento «por cima do estabelecimento», no Crystal Cup, revelou-se muito bem equipado. Tinha acesso por uma porta banal de uma pequena rua atrás do clube. Quem não soubesse, não perceberia que o apartamento e o clube ficavam no mesmo edifício.

Por detrás da porta erguiam-se umas escadas íngremes, iluminadas a gás, que levavam ao apartamento propriamente dito. Gwendolen não alimentara grandes expectativas acerca do local quando concordara em ir para lá viver sem o ver antes.

– Casa grátis – disse Nellie para a convencer. – Poupará uma data de dinheiro, as rendas em Londres são absurdas.

Gwendolen, com a sua útil camuflagem de modesta bibliotecária encantada pelo esplendor da capital, agradeceu a Nellie aquela oportunidade de poupar.

Quem visse o exterior tão banal ficaria surpreendido com o interior, ou até mesmo chocado. Nenhum par de botas lamacentas havia alguma vez maculado a tapete cor-de-rosa. Nenhuma mão masculina desajeitada parecia ter puxado o espesso veludo cor-de-rosa das cortinas. Havia sofás fundos, candeeiros com quebra-luz em tons rosa e espelhos venezianos biselados. A casa de banho nova tinha torneiras cromadas, e a pequena *kitchenette* era também imaculada – via-se que nunca fora usada. O quarto tinha persianas de *chiffon* rosa pregueado, candeeiros com quebra-luz nas mesas de cabeceira, e a cama estava já feita, com um edredão fofo de cetim acolchoado a cobrir os lençóis e as mantas. Tudo cor-de-rosa, claro.

Também havia um armário para bebidas, um móvel de madeira de nogueira ao canto, a imitar um aparelho de rádio, coisa que Gwendolen só descobriu quando o foi ligar para ouvir o concerto noturno dos Savoy Orpheans e, ao abri-lo, descobriu, em vez disso, um interior forrado a espelhos, repleto de decantadores e de garrafas brilhantes. O que acharia Frobisher de tudo aquilo? (E porque passava ela tanto tempo a especular acerca das opiniões dele?) Perguntou-se se haveria algures um aparelho de rádio disfarçado de armário de bebidas. Se havia, não o encontrou.

O apartamento parecia nunca ter sido ocupado. Teria o gerente anterior lá vivido?

– Esse traidor – disse Nellie, que apareceu ao fim da tarde sem avisar para ver se Gwendolen estava bem instalada. – Não, menina Kelling, nunca viveu aqui ninguém. Eu gosto de cá vir e de passar um bocadinho sentada.

– Sentada?

– Sim, sentada. Está intocado. *Imaculado*. Nunca *acontece* nada aqui. Isso traz-me um grande consolo.

– E eu não o irei macular, senhora Coker?

– Acho que não, menina Kelling. – Disse-o com uma expressão de alguém que faz um elogio inusitado.

E a seguir, passou aos negócios.

– O meu filho mais novo, o Ramsay, virá buscá-la amanhã ao final da tarde, menina Kelling, e dará consigo uma volta por todos os clubes, o nosso pequeno reino. E pelo Crystal Cup, como é evidente; ele explica-lhe tudo.

Uma única explicação de uma noite seria suficiente?

– Ah, a coisa não tem grande ciência – disse Nellie. (Que displicente!) – Bom, tenho de ir andando, menina Kelling. Passe um bom serão.

Partiu de forma tão súbita e inesperada como chegara.

E assim vai começar, pensou Gwendolen.

Uma visita inesperada de Nellie produzia um efeito alarmante; depois de ela sair, Gwendolen abriu o falso armário de bebidas e encheu um pequeno copo de *brandy* medicinal para recuperar a coragem antes de se instalar no sofá de veludo cor-de-rosa. Como antídoto reconfortante do ambiente que a rodeava, pegou num velho exemplar da *Cranford* que levara consigo. Não o lia desde a escola, e a Sra. Gaskell pareceu-lhe muito desajustada naquele apartamento modernista. A Iris Storm de Michael Arlen teria estado mais descontraindo ali do que a pobre Miss Mattie.

*

Gwendolen acordou sobressaltada. Devia ter adormecido a ler a *Cranford*. Fora um dia longo. Se tivesse ido à janela espreitar através das cortinas, teria talvez vislumbrado o homem escondido à sombra da entrada de uma loja, na rua em baixo. Pela forma como olhava para a sua janela iluminada, poderia ser confundido com um desolado Romeu, acompanhado por um pastor-alemão atento.

*

Niven estava de vigia, não fosse dar-se o caso de Gwendolen Kelling fazer alguma coisa interessante. Ao princípio, ela parecera-lhe uma mulher absolutamente frontal; agora era um enigma.

Ficou surpreendido ao ver o Bentley encostar do outro lado da rua e ocultou-se melhor nas sombras. Hawker ajudou Nellie a descer do carro. Parecia abatida desde que voltara da prisão, mas talvez fosse uma coisa encenada, uma manobra para iludir os inimigos e instigar neles uma falsa sensação de segurança. (Com Nellie, nada era o que parecia ser; ela teria dado uma boa lição a Maquiavel.) Talvez tivesse sido essa a ideia dela ao empregar Gwendolen Kelling, sabendo desde o início que esta trabalhava para

Azzopardi. Ou para Maddox. Niven não conseguira decidir qual dos dois era mais provável. Gwendolen estava a fazer um jogo muito perigoso.

Nellie entrou no apartamento e voltou a sair meia hora mais tarde e foi-se embora de carro. Niven continuou a vigiar até os candeeiros rosa se apagarem, um a um, e só ficar um aceso, que deixava escapar uma luz discreta através das cortinas.

Ouviu um restolhar ali perto – uma ratazana, pensou. Mas depois viu o brilho da ponta de um cigarro, e Landor saiu da obscuridade, fez-lhe um sorriso e levou o indicador ao chapéu como se fossem camaradas de armas na mesma missão. *Keeper* rosnou quando ele lhes virou costas e se afastou.

O último candeeiro foi, por fim, apagado. Gwendolen Kelling fora deitar-se. Niven imaginou flanela e meias de dormir. Antes que a imaginação fosse mais longe, afastou-se apressadamente, com *Keeper* colado aos calcanhares.

Pierrot

Frobisher libertado patrulhava novamente as ruas, fazendo a ronda a todas as joalharias baratas do Soho. Quanto mais tempo o medalhão permanecia no seu bolso, mais se sentia responsável pela rapariga morta que o usara enquanto viva.

As montras estavam cheias de quinquilharia barata, via-se que aquilo não era a Bond Street. Os estabelecimentos, na sua maioria, faziam também as vezes de prestamistas. E muitos faziam de recetadores para os ladrões de Londres. Ninguém reconheceu o medalhão. Ter-lhe-iam dito se o houvessem reconhecido? Reagiam na defensiva mesmo antes de ele lhes mostrar o mandado. Reconheciam um agente da lei a léguas. Ele sabia que seria pouco provável descobrir alguma coisa, mas já era algo que podia riscar da lista. As raparigas pescadas nos rios traziam consigo poucos indícios.

Entrou noutra joalharia, agora na Meard Street. Havia um balcão com tampo de vidro na parte da frente da loja, onde estavam expostas várias bugigangas. Uma pulseira de batismo que fez Frobisher pensar no que teria acontecido à criança que a usara. Um anel de sinete com umas iniciais gravadas. Não serviria a ninguém, a menos que a pessoa tivesse as mesmas. (Frobisher não tinha.) E uma pequena pregadeira, um pássaro, de ouro e esmalte azul.

– *Bleu de France* – disse o joalheiro. – É como chamam a essa cor. É francês, *fin de siècle*. Acabou de chegar, venderam-na há uns dias. Paguei bom preço por ela.

– Está à venda?

– Isto é uma loja – respondeu o joalheiro, lançando a Frobisher um olhar complacente. – Tudo está à venda.

Lottie era capaz de gostar de uma coisa daquelas. Era francesa, não era imune à beleza. Havia qualquer coisa na pequena pregadeira, talvez a origem gaulesa, ou apenas a sua delicadeza, que levou Frobisher a pensar que lhe

agradaria. Ou talvez fosse o sentimento de culpa, por pensar em Gwendolen Kelling como se fosse um homem solteiro. Pediu a lupa ao joalheiro para verificar se não tinha nada gravado atrás.

– Tem um bonito fecho atrás – disse o joalheiro. – Sinal da qualidade do artífice.

Havia qualquer coisa gravada, não um nome de mulher, mas uma minúscula inscrição: *À minha adorada*. Não havia espaço para mais. Uma frase que se podia dedicar a qualquer pessoa, pensou Frobisher, e perguntou:

- Quanto custa?
- Para si, cinco libras.
- *Cinco* libras?
- O olho é um diamante verdadeiro.
- Um diamante muito pequeno.
- O pássaro é pequeno. Três.
- Que tal dois?
- Não me estrague o dia.
- E com caixa.

Como era evidente, o homem também era prestamista, e só mais tarde, quando Frobisher a ofereceu a Lottie, se apercebeu de que aceitara com demasiada prontidão a declaração do joalheiro de que a proveniência da pregadeira era legítima.

A seguir, fez a ronda pelas óticas, mas não se sentiu tentado a comprar nenhum par de óculos. Não era prenda que Lottie apreciasse. Ela possuía uma visão perfeita.

Ninguém reconheceu os óculos da rapariga morta, mas nem ele esperava que isso acontecesse.

Chegou ao concessionário da Austin, na Oxford Street, mesmo antes de fecharem.

- A sua carruagem está à sua espera – disse o vendedor.

*

Frobisher conduziu à velocidade do caracol, não ficaria bem atropelar um peão a primeira vez que saísse com o carro. Nem em qualquer outra, aliás. Só conduziu um carro uma vez, quando, umas semanas atrás, um motorista da polícia lhe mostrara como se fazia.

Esperava-o a liberdade de viajar pela estrada. Talvez convidasse Gwendolen Kelling para dar um passeio de carro com ele. Podiam ir ao Eagle, em Amersham, e almoçar no pátio, se o tempo estivesse bom. Ou até mesmo a outros sítios; podiam explorar juntos a costa sul. Hastings, Broadstairs, Rye ou, ainda mais para o interior, Cookham ou Reigate. Ia precisar de um mapa das estradas ou de um almanaque de qualquer espécie.

Frobisher percebeu, de repente, que aquele devaneio absurdo o deixara preso no meio de Piccadilly Circus. Estavam a decorrer umas obras de construção para aumentar a estação de metro, e ele contornara-as várias vezes

sem conseguir encontrar uma saída. Eros fugira já da confusão, entretanto. Claro que Eros não era Eros, mas o seu irmão Anteros, que representava um género de amor muito diferente, mais benévolo e altruísta, em vez do arrebatamento e da luxúria de Eros. (Frobisher alegrava-se por não ter filhos a quem aborrecer com aqueles esclarecimentos não solicitados.) A ideia de amor erótico deixou Frobisher incomodado; sentiu-se aliviado quando conseguiu, por fim, escapar às garras do Circus e carregar no pedal do acelerador. (Passara os últimos dias a praticar de forma assídua o nome das partes do carro.)

No cruzamento com a Swallow Street, reparou num homem no passeio a tocar realejo. Parecia um vendedor de animais, pois estava rodeado de caixas e gaiolas. Frobisher via canários, periquitos e uma ninhada de gatinhos tigrados. Será que Lottie gostaria de ter um gatinho? Todas as mulheres gostavam de gatinhos, não era verdade? Lembrou-se das tulipas. Talvez fosse melhor parar de fazer generalizações sobre o sexo fraco. De qualquer modo, Lottie não era como as outras mulheres.

Estacionou o carro na berma, o que se revelou ser mais complicado do que imaginara. O realejo tocava uma melodia de antes da guerra, «I Want a Girl, Just Like the Girl That Married Dear Old Dad». A mãe de Frobisher fora uma mulher doce, sempre compassiva em relação às fraquezas do mundo. Como teria sido a sua vida com uma mulher assim? Agora era demasiado tarde.

Em cima do órgão, no sítio onde habitualmente estaria um macaco, estava um cão, um pequeno *terrier*, vestido de forma incongruente, com um fato de Pierrot, o pequeno chapéu cónico colocado de lado e preso por uma tira elástica à cabeça. Frobisher saiu do carro. O cão lançou-lhe um olhar impassível. Era impossível ler o que lhe ia na cabeça; aborrecimento, muito provavelmente, desconfiou Frobisher. Os cães raramente tinham vontade própria, estavam sempre sujeitos aos caprichos de alguém. Pensando bem, não era muito diferente do que acontecia com as pessoas.

Começara o dia com um Pierrot e, pelos vistos, ia terminá-lo com outro. As Parcas estavam a rir-se à sua custa.

- Quanto quer pelo cão? – perguntou ao homem do realejo.
- Não está à venda.
- Tudo está à venda – ripostou Frobisher.

*

Quando por fim chegou a casa, Lottie surpreendeu-o com uma disposição animada e uma *bouillabaisse* para o jantar. Frobisher não gostava nada de sopa de peixe, mas limpou o prato e pediu para repetir, grato pela mudança de clima em Ealing. Lottie prendera já a pregadeira à gola da blusa.

– *Un oiseau bleu* – disse, encostando a face ao pescoço dele. Todos os pensamentos sobre Gwendolen Kelling desapareceram naquele momento.

Frésias

Foi o perfume das flores a tirar Edith das profundezas, exercendo sobre ela o mesmo efeito indesejável dos sais de cheiro. Partilhava a opinião da mãe sobre as flores, mas sentiu-se forçada a reconhecer o gesto erguendo um pouco uma sobrancelha. As frésias estavam na almofada ao lado da sua cabeça, o que era um sítio ridículo para as ter colocado. Arranjem uma jarra, por amor de Deus, pensou.

– És tu? – resmungou. (Claro que era.)

Ele sentou-se na beira da cama, esmagando-lhe a perna. Edith tentou levantar a cabeça, sem conseguir. Sentia-se horrivelmente frágil, como se toda a seiva se tivesse escoado dela. Tinha os lábios gretados e secos e sabia que o cabelo oleoso estava colado ao couro cabeludo. Era indigno estar assim em exibição. Era o que acontecia nos hospitais, qualquer pessoa podia entrar no quarto e olhar para nós quando estávamos em péssimo estado, no nosso nível menos lisonjeiro. Virou a cabeça desajeitadamente, tentando afastar-se do odor adocicado e enjoativo das frésias, e soltou um pequeno grito de dor, sentindo espinhos quentes a espetarem-lhe o interior do ventre.

– Estás bem, querida?

Já há muito tempo que ele não fazia uso da adulação. Ela devia tê-lo assustado quando bateu à porta da morte. O que teria acontecido se a porta se tivesse aberto e ela tivesse transposto o limiar para o outro lado? Sem dúvida que os seus pecados teriam sido julgados. Ela não teria podido defender-se.

– Estou bem, obrigada – murmurou. – Não precisavas de ter vindo, sabes?

– Claro que vim. És o meu tesouro. – Tesouro? Que palavra tão improvável para ele usar. Ridícula, na verdade.

Que horas eram? Não havia o murmúrio de fundo que acompanhava a hora das visitas. E se a família dela o encontrasse ali? Iriam tirar conclusões. E teriam razão. Ele segurou-lhe ao de leve na mão. Edith desejou que não o

fizesse e teve de se conter para não se afastar, mas era raro ele ser carinhoso, por isso aguentou. Imaginou Nellie a entrar e a vê-los. A ideia deixou-a profundamente inquieta. Confessara muitas coisas à mãe no banco de trás do Bentley, mas havia outras que ela nunca poderia saber. Tinha sido Edith, e não Gwendolen Kelling, a desencadear a queda da casa de Coker. A única coisa que a redimiria agora era conseguir impedir o colapso.

Os candeeiros estavam acesos e as desagradáveis cortinas verdes das janelas, corridas. Mas as do resto da enfermaria estavam abertas. Qualquer pessoa podia ver o que se passava ali dentro. Mais uma vez, a possibilidade de Nellie aparecer era preocupante. Que horas *eram*? (Que *dia* era?)

– É a hora das visitas? – perguntou-lhe, ansiosa. Nellie já a tinha visitado, viria outra vez? Esperava que não.

– Não, dei cá um salto no regresso do trabalho.

Ele tinha uma casa e tudo o que isso implicava, mas era raro referir-se ao assunto. Ela sabia que havia um novo bebé. Era um lar fecundo. Edith tinha visto a mulher dele uma vez, na rua, de braço dado com ele, a entrar num restaurante. Era mais atraente e tinha um ar menos oprimido do que Edith pensara.

Como passara ele pela enfermeira-chefe? Podia ser o próprio Rei, mas se não fosse entre as três e as quatro da tarde, seria posto na rua. A não ser que fosse Nellie, claro.

– Disse que ia tratar de um assunto oficial – respondeu a rir. – De qualquer modo, conhecem-me. Disseram que estiveste inconsciente durante algum tempo por te terem dado uma anestesia muito forte. Também disseram que tiveste um envenenamento de sangue. Como é que isso aconteceu?

Fora isso que lhe tinham dito no hospital? Nellie devia ter alargado os cordões à bolsa.

– Sabe-se lá – respondeu Edith. – Talvez um prego ferrugento. – Nunca lhe diria o que lhe acontecera.

Ele respirou fundo e Edith viu que se recompunha, isso era o prelúdio do logro. Conhecia-o bem.

– Não disseste nada, pois não? – perguntou ele com um ar despreocupado. – Quando recuperaste a consciência? As pessoas podem não saber o que dizem quando voltam a si.

Fitou-o. Seria por isso que estava ali? Não para ser solícito, mas para se certificar de que ela não dera com a língua nos dentes. De súbito, sentiu frio. Estava a ficar agoniada com o cheiro das flores e agitou a mão até ele pegar numa taça de esmalte e ajudá-la a sentar-se. Vomitou tudo o que tinha dentro.

– Pronto, pronto – disse ele, esfregando-lhe as costas. – Ela recordou-se de que ele tinha filhos.

E se *tivesse* falado? Ou se lhe tivesse dito que tencionava fazê-lo? Ou que já estava farta do seu jogo e que o ia denunciar? O que teria ele feito, nesse caso? Sentia o cérebro febril. Sabia que ele era implacável, por isso tinha gostado dele, mas e se ele virasse essa implacabilidade contra ela? Teria

de se manter alerta. Esse pensamento deu-lhe alguma energia e disse:

– É melhor ires andando.

– Vemo-nos em breve, Edith. – Deu-lhe um beijo na testa húmida.

Ficou aliviada quando ele se foi embora. Uma enfermeira entrou e disse:

– Que flores tão bonitas, menina Coker, vou pô-las numa jarra.

Continuou a vê-lo, no corredor. Viu uma das enfermeiras do turno da noite fazer-lhe uma emboscada e viu-o usar de todo o seu encanto, sem o qual não poderia ter chegado aonde estava. Ouviu a enfermeira a perguntar com um riso pateta e chilreante:

– O que está *o senhor* a fazer aqui? Não estamos todos presos, pois não, inspetor Maddox?

*

Maddox! Nellie ficou tão surpreendida – um acontecimento raro – que exclamou «Oh», em voz sonora, o que levou uma enfermeira que passava a perguntar-lhe se estava tudo bem.

– Muito bem, obrigada – respondeu Nellie.

– Está à procura de alguém? – insistiu a enfermeira.

– Já os encontrei, obrigada – respondeu Nellie, olhando fixamente para o fundo do corredor, onde se situava o quarto de Edith.

Tinham aberto as cortinas (precisava de falar com alguém sobre isso) e Nellie podia ver claramente o interior. A enfermeira demorava-se, já passava muito da hora das visitas e ela estava intrigada com a presença de Nellie, mas Maddox não era o único capaz de contornar os regulamentos da enfermeira-chefe. A experiência ensinara a Nellie que uma nota de uma libra esterlina novinha em folha lhe permitia entrar em quase todo o lado (e também sair). Tinha um bolso cheio delas no casaco de zibelina. Nem mesmo o seu costureiro de Chandos Place conseguiu fazer o casaco de modo a que ela não fizesse lembrar um mamífero gigante. («Um castor, ou uma lontra muito grande», disse Betty a Shirley. «Quando ela morrer, essa zibelina é minha. Se ela morrer», retorquiu Shirley).

Dirigiu um gesto à enfermeira para que se fosse embora. Esta deu por si a retirar-se obedientemente, enfeitiçada pelos poderes misteriosos de Nellie.

Edith tinha-se confessado à mãe quando estava quase a morrer no banco de trás do Bentley. «Numa rua escusa?», perguntara Nellie, perplexa. Uma mulher com uma agulha de tricô e uma colher? Quando havia clínicas tão boas na Harley Street onde podia ter levado a filha. Qual fora a ideia dela?

Porém, Edith não confessou a identidade do pai. Quem é ele?, insistiu Nellie. É casado? Mas Edith manteve os lábios cerrados e a seguir caiu na inconsciência; e Nellie também ficou às escuras, o que não era um sítio onde gostasse de estar. Edith nunca atraía os homens. Parecia uma candidata improvável à luxúria.

Agora, Nellie andava a rondar, a espiar a própria filha na esperança de que o amante misterioso pudesse aparecer. Aquele não era trabalho para os

espíões que atuavam para ela. Era demasiado privado.

Ali estava ele, empoleirado na beira da cama dela, para toda a gente ver. Maddox – logo Maddox! – a segurar a mão de Edith, como qualquer amante comum. Levantou-se como se fosse sair e Nellie escapuliu-se para trás de um biombo, embora não sem antes o ver a inclinar-se e a dar um beijo de despedida a Edith.

Durante todo o tempo que estivera em Holloway, Maddox andara a seduzir Edith. Ela era a chave para entrar no império Coker – bastava girá-la para se ter acesso. Os livros, o dinheiro, os contactos, a forma como tudo funcionava. Para ele, a gravidez teria sido a cereja no cimo do bolo. Não só ficaria em posse dos seus segredos, mas também do sangue dela, embora, na verdade, os dois fossem intercambiáveis.

*

Maddox corrompera Edith. Aquela em quem, dos seus filhos, depositava mais confiança. Era preciso trazê-la de volta ao rebanho e protegê-la daquele homem, que, sem dúvida, a estava a usar para atingir os seus fins. Ele já tinha feito mal a Edith, que mais danos poderia causar? À filha, a todos eles.

Se em mais não fosse – em Deus, na paciência, nas flores, pondo tudo isso de lado –, Nellie ainda acreditava na lealdade. Sempre soubera que Maddox a trairia um dia, ele não tinha um único osso de confiança no corpo, mas estava surpreendida com o método que utilizara para alcançar os seus objetivos.

Quando teve a certeza de que ele se tinha ido embora, Nellie dirigiu-se para o Bentley, estacionado numa rua lateral para evitar olhares curiosos.

– Para casa? – perguntou Hawker com otimismo, à espera de que a noite acabasse cedo.

– Não, deixe-me no Amethyst – respondeu Nellie.

Ela teria sido avó, sem a intervenção da agulha de tricô. Essa ideia deixou-a enjoada.

*

Antes de sair do hospital, Nellie conseguira que uma jovem empregada do turno da noite fechasse as cortinas do quarto de Edith.

– E deite fora também essas frésias. Ponha-as no lixo.

– A rapariga não seguiu as suas instruções, mas levou as flores para casa no fim do turno e deu-as à mãe.

– Frésias – disse ela. – Que lindas.

Embora Seja Pequena, Ela É Feroz

Cansada e com fome, Freda arrastou-se penosamente pelas ruas inóspitas, acabando por encontrar asilo, estranhamente, numa biblioteca pública, em Westminster. Devia ter sido o dono do café da Neal Street a dar-lhe a ideia. («Ei, menina, isto não é uma biblioteca.»)

Cissy, claro, tinha sugerido a Freda que a sua amiga Gwendolen poderia arranjar-lhe um emprego na Biblioteca de York. Freda recuara perante a ideia, mas agora a questão era outra. Passaria de bom grado o dia inteiro a arrumar livros nas prateleiras, se isso significasse, depois do trabalho, ter uma refeição para comer e uma cama onde se deitar. Isso não podia ser pior do que tudo o que lhe acontecera no Adelphi.

A secção de referência parecia ser o melhor refúgio e, por isso, Freda escolheu um livro ao acaso nas prateleiras e sentou-se numa mesa vazia, enfiando a mala debaixo dos pés num esforço para não dar nas vistas. Até agora, tinha conseguido evitar o olho de lince de qualquer bibliotecário. Imaginou um deles a dizer: «Ei, menina, isto não é um café», embora não fosse provável um bibliotecário dizer «ei». Gwendolen, por certo, não diria.

Não tardou até um cavalheiro idoso se aproximar dela. Freda pensou, oh-oh, lá vamos nós: ou ia mandá-la embora ou ia fazer-lhe avanços. Mas, em vez disso, ele inclinou-se e, num murmúrio gentil, disse que havia reparado que ela não tinha material de escrita e que podia emprestar-lhe papel e lápis para poder tirar apontamentos do seu livro.

E foi assim que Freda passou uma boa parte da tarde a rabiscar disparates do *Jane's Book of Fighting Ships* para manter a farsa. Quem era Jane, perguntou-se ela? Em geral, as mulheres não se interessavam por navios, e ainda menos por «navios de guerra». O que viam as pessoas nos livros? Eles eram tão *chatos*, embora isso não acontecesse com os mitos gregos, em relação aos quais ela estava disposta a abrir uma exceção. Se ao menos os livros fossem comestíveis, como seriam mais úteis!

Por fim, um bibliotecário de ar sombrio avançou para Freda e esta, sabendo que o seu tempo tinha acabado, suspirou e arrumou os seus pertences. O cavalheiro gentil ainda estava a tomar notas do seu tomo pesado e desinteressante e, ao passar por ele, Freda fez-lhe uma pequena vénia de agradecimento. Era provável que ele lhe tivesse dado um xelim se ela tivesse pedido, mas isso tê-la-ia feito sentir-se reles. («Somos todos reles aos olhos dos deuses», dissera Duncan. «Ele está a falar da guerra», explicara Vanda).

O cavalheiro gentil retribuiu-lhe o sorriso e respondeu à sua vénia com um pequeno inclinar de cabeça; depois estendeu-lhe a mão e ela pensou que afinal talvez fosse um xelim, mas não, ele estava a tentar era meter-lhe a mão velha e ossuda por baixo da saia. Afinal, não era tão gentil quanto isso! Freda afastou-o com repugnância. Se não tivesse já voltado a colocar na estante o *Jane's Fighting Ships*, ter-lhe-ia batido com ele na cabeça.

Por vezes, sentia que toda a gente no mundo queria tirar partido dela.

*

Freda regressou a Covent Garden, uma zona que conhecia bem, na esperança de conseguir pedir uma maçã a um vendedor de uma banca.

Sem se aperceber, deu por si na Frith Street, onde se situava a sede da Academia de Dança Vanbrugh. Ao aproximar-se da escola de dança, as pernas começaram a vacilar-lhe e o coração a bater com força. A ideia de um encontro casual com a professora Sherbourne era-lhe insuportável. Sherbourne não defendera os seus interesses. Quantas outras raparigas teria enviado para uma «audição» no Adelphi, ou mesmo em qualquer outro teatro? Freda deu meia-volta e fugiu.

Na Bow Street passou pela enorme esquadra da polícia que ocupava metade da rua em frente à Royal Opera House. Devia participar o desaparecimento de Florence. Um polícia fardado estava ali perto, a fumar um cigarro de uma forma um tanto ou quanto dissimulada, como se não devesse fazê-lo, o que lhe dava um ar de criminoso. Até então, Freda nunca falara com um agente da polícia e não sabia bem como se lhe devia dirigir. Por fim, aproximou-se, bastante nervosa, e disse:

– Desculpe, senhor guarda?

– Sim? – respondeu ele num tom brusco.

– Uma amiga minha desapareceu e não sei se devia contar a alguém – insistiu, apesar da má educação do homem. – Pode ter-lhe acontecido qualquer coisa.

– Acontecido? – repetiu ele.

– Bem, antontem acho que ela entrou num carro.

– As pessoas estão sempre a entrar em carros.

– Mas ela não conhece ninguém em Londres.

– Como é que sabes?

Porém, nessa altura, o olhar dele pareceu atraído por alguém que saía da esquadra da polícia e escondeu rapidamente o cigarro numa mão em concha,

ao mesmo tempo que, com a outra, fazia uma pequena saudação e dizia: «Inspetor-chefe» a alguém que passava apressadamente.

– Oakes – murmurou o outro entre dentes, fazendo um sinal de reconhecimento ao cruzar-se com ele. Olhou para trás e, detendo-se, olhou para Freda, que se sentiu inspecionada.

– Está tudo em ordem por aqui, sargento? – perguntou, voltando-se para o polícia, que respondeu:

– Sim, senhor inspetor-chefe, é só uma pega à procura de clientes.

– Junto de um polícia de uniforme à porta da esquadra da Bow Street? – perguntou Frobisher a rir.

– Elas são descaradas, inspetor-chefe.

O homem, o inspetor-chefe, partiu de novo e, mais uma vez, hesitou antes de regressar e, depois de procurar, tirou do bolso meia coroa, que estendeu a Freda.

– Vai comer uma refeição quente – disse. E afastou-se antes que ela pudesse agradecer.

Freda tinha ficado mais animada com a simpática meia coroa e já estava a sonhar com uma costeleta ou uma empada quando o sargento lhe arrancou a moeda dos dedos, dizendo:

– Podes esquecer-te dela.

Sem pensar, ela precipitou-se para a moeda, mas o sargento pegou num par de algemas e, de novo a rir, perguntou:

– Tenho de te prender? – Freda abanou a cabeça (com humildade, não com descaramento, recordou-se) e o polícia disse-lhe:

– Mas se queres ganhar dinheiro, sei uma maneira. Então? Queres ganhar dinheiro?

Freda sempre soubera que haviam de lhe pôr um preço, mas não esperava ter de o pagar tão cedo.

*

Florence! Freda teve a certeza de que era ela! Andava pelo Green Park sem outro objetivo que não fosse encontrar um bebedouro – era uma incógnita saber se morreria primeiro de sede ou de fome – quando avistou Florence. Embora só a visse de costas, teve a certeza de que era ela – os ombros largos e um pouco curvados, o andar arrastado, a boina de croché.

– Florence! – gritou. («Projeta a voz!», ouviu o encenador de *Sonho de Uma Noite de Verão* dizer em pensamento.)

Mais uma vez:

– Florence! – E outra vez. As pessoas estavam a olhar para ela, mas não se importava. Tê-la-iam ouvido ao fundo da plateia e também no galinheiro, mas de nada serviu. A figura robusta continuou a andar. Mais uma vez: – Florence! – a plenos pulmões, só para tentar. Tinha a voz rouca, não bebera nada desde a chávena de chá no café da Neal Street, naquela manhã.

Desatou a correr, com a mala a bater-lhe nas pernas, mas de nada serviu.

Pareceu-lhe que estava a ganhar um pouco de terreno, mas depois deparou com uns rapazes que estavam por ali na brincadeira e que começaram a correr ao seu lado, empurrando-a e troçando dela; quando viram que ela não parava para falar com eles, um estendeu um pé e atirou-a pelos ares. Fugiram a correr e a rir, deixando-a com um joelho muito magoado. Freda mordeu o lábio para conter as lágrimas. Não ia chorar.

Quando estava a pôr-se de pé, outro cavalheiro idoso apareceu ao seu lado – Londres parecia estar cheia deles –, a oferecer-se para a ajudar, mas ela afastou-o. Quem sabe quais seriam as suas intenções?

Não havia sinal de Florence. Agora duvidava de que fosse ela. A fome devia ter-lhe alimentado a imaginação. As profundezas a que o desespero a podia levar não teriam fundo?

*

Depois de sair do Green Park, Freda passara mais algumas horas a deambular pelo Soho, sem objetivo, esquivando-se a atenções indesejadas. Por fim, graças aos céus, um grande relógio pendurado por cima de uma joalharia informou-a de que estava na hora.

Numa casa de banho pública, em Piccadilly, despiu a roupa que usava durante o dia. Pousou a mala de viagem no tampo da sanita e tirou dela os sapatos de dança e o seu vestido preferido, que já lhe estava pequeno, apesar de ter perdido muito peso nos últimos tempos devido à dieta forçada por causa da penúria. Não era um vestido propriamente dito, mas sim o seu fato de Flor-de-ervilha de *Sonho de Uma Noite de Verão*. Gostava tanto do vestido verde com lantejoulas que o tinha guardado discretamente na mala depois da última noite de espetáculo. Não trazia as asas, que não cabiam. Mas sentia falta delas. Não fora exatamente um roubo – apesar da carteira do Sr. Birdwhistle e do casaco vermelho-cereja das Malhas, Freda não era dada a roubar. Não, tinha sido o canto da sereia da beleza e por isso estava desculpada.

Salve, mortal! Freda tinha improvisado a exclamação e dito a sua única fala de uma forma tão retumbante que foi possível ouvi-la até ao fundo da plateia do Joseph Rowntree Theatre, ou pelo menos fora assim que Florence o relatara. Freda dera-lhe dois bilhetes e ela levara a mãe. «Muito agradável», disse depois a Sra. Ingram, o que era condenar com um fraco elogio, como Duncan costumava dizer.

Onde estava Florence? Desaparecera tão misteriosamente como aparecera à porta do convento em bebé. Por mais absurdo que parecesse, Freda não conseguia afastar a sensação estranha de que Florence tinha voltado para o sítio de onde viera. Devia ter sido mais corajosa, devia ter forçado a entrada na esquadra da polícia na Bow Street e ter-lhes dado os pormenores sobre Florence. Se visse o simpático polícia que lhe dera a meia coroa (ainda sentia a dor da sua perda), talvez lhe pudesse pedir ajuda.

Quando chegaram a Londres pela primeira vez, Freda e Florence tinham passado os serões a passear, como boas amigas, pelas ruas exóticas do Soho,

maravilhadas com a variedade de pessoas, de lojas e de restaurantes. Não era apenas como estar num país estrangeiro, era como estar em cem países estrangeiros ao mesmo tempo. Para sua surpresa, tinham descoberto que na capital as pessoas pareciam não fazer outra coisa senão beber e dançar como se estivessem possesas. Era como se uma festa enorme e louca comesse ao anoitecer sob os passeios da capital, e só terminasse ao romper do dia.

«Como no país das fadas», dissera Florence. Ela estava muito *au fait* das histórias das fadas e tinha um belo livro ilustrado dos contos dos irmãos Grimm que Freda costumava folhear para ver as imagens. A fantasiosa Florence afirmara uma vez ter visto fadas no jardim, escondidas nos loureiros. Talvez devesse ir fazer um exame à vista, sugeriu Freda.

Florence dera instruções a Freda sobre os usos e costumes do país das fadas, que parecia ser um lugar muito assustador, nada parecido com o *Sonho de Uma Noite de Verão*. «Nunca debes comer ou beber no país das fadas» (como se ela estivesse a planear uma visita), advertiu Florence. «Sê sempre educada e lembra-te de que nada é o que parece ser. Vão servir-te vinho em taças de cristal e pêssegos em pratos de ouro, mas na verdade o vinho é lodo de lago e os pêssegos são caracóis. E todo o ouro e as joias não passam de pedras e de cinzas.» Florence podia ser bastante lírica quando se tratava do país das fadas.

Estiveram muito tempo a especular sobre o que se passaria no interior dos clubes noturnos do Soho. Florence tinha a sua visão do país das fadas para se apoiar, mas Freda imaginava que se assemelhava mais às imagens do Monte Olimpo no seu *Guia Infantil dos Mitos Gregos* – pessoas deitadas em divãs a comer ambrósia e a beber néctar, enquanto alguém tocava harpa.

*

Freda tinha de comer. Para comer, precisava de dinheiro. *Mas se queres ganhar dinheiro, sei uma maneira. Então? Queres ganhar dinheiro?*, perguntara o horrível sargento da polícia que lhe tinha roubado a meia coroa. Tinha pegado no caderno de apontamentos e anotado qualquer coisa nele, depois arrancara a página, dobrara-a até ficar muito pequena e metera-lha na mão, como se estivessem a jogar ao Cadáver Esquisito. «É uma morada», dissera ele. «Há lá pessoas que te vão arranjar trabalho.»

*

Freda calçou os sapatos de dança, pôs batom e olhou para o seu reflexo no pequeno espelho manchado por cima do lavatório da casa de banho pública. Suspirou. Teria de servir.

O dia quente arrefecera rapidamente e agora estava quase escuro, mas decidiu não vestir o casaco velho, pois poderia dar a impressão errada. Antes de dobrar o casaco e de o enfiar na mala de viagem muito usada, procurou no bolso o pedaço de papel que o polícia tinha rasgado do bloco de notas.

Desdobrou-o e leu o endereço que lá estava escrito. Tisbury Court. «Número 26», escrevera ele numa caligrafia irregular. «No segundo andar, pergunta pela Dona Wyburn.»

Tisbury Court era uma rua sombria que corria entre a Wardour Street e a Berwick Street, e Freda usara-a algumas vezes como atalho. Dona?, pensou Freda. Pensou na viúva Twankey e na Mãe Ganso. Parecia pouco provável alguém assim viver naquele sítio. No filme *Babes in the Wood* em que ela entrara, a dona – a avozinha Trott – era a ama das crianças, «completamente inventada», dissera o realizador, não existia no original, «mas é preciso meter uma dona algures». Ela, ou ele, Freda nunca sabia como havia de chamar à avozinha Trott – era interpretada por um homem grande e corpulento que «fazia biscates» como pugilista.

Uma última olhadela ao espelho. Amarfanhou o pedaço de papel que o polícia lhe tinha dado e deitou-o para a sanita. Já não era tão ingénua que não soubesse o que lhe iria acontecer naquela casa de Tisbury Court. As raparigas eram moeda corrente na capital e ela seria comprada e vendida, negociada vezes sem conta até não valer nada. Endireitou as costas e ergueu o queixo. Ela não era uma rapariga dessas. Preparou-se para a batalha.

8. *O Livro dos Navios de Guerra de Jane* é uma publicação anual, com dados sobre todos os navios de guerra do mundo, publicado pela primeira vez por Fred T. Jane em 1898. (*N. das T.*)

O País das Fadas

Ramsay seguia o caminho que tão bem conhecia do Sphinx para o Amethyst, depois de ter passado pelo ritual noturno da injeção de Gerrit no armazém. Caminhava lentamente, com todo o cuidado, não fosse desfazer-se em pedaços ao passar pelas habituais filas de prostitutas e de bêbedos.

As ruas deslizavam à sua volta e tinha de se concentrar antes de chegar ao Amethyst e se ver confrontado com a habitual inspeção materna. Mais tarde, iria encontrar-se com Quinn, em Belgravia, e precisava de estar em posse de todas as suas faculdades.

Havia uma brisa a soprar no rio vinda do mar e Ramsay teve a impressão de sentir o cheiro a salmoura dos pântanos do Essex e, possivelmente, também a esgotos. Avistou um par de prostitutas a avançar na sua direção como leões a perseguir um antílope. Tentou anotar mentalmente essa imagem, mas não conseguiu.

Nenhuma das mulheres estava na flor da juventude. Uma tinha o cabelo preto que parecia ter sido pintado com graxa de sapatos. A outra tinha uma cabeleira ruiva com o mesmo ar artificial.

– Olá, querido – grasnou a primeira. – O que faz um rapaz simpático como tu aqui na rua a esta hora da noite?

A ruiva vestia um casaco de peles muito puído, que em tempos fora branco, mas que agora estava amarelado e sarmento. Com uma gargalhada, pousou a mão no braço dele.

– Queres passar um bom bocado, amorzinho?

– Um bom bocado! – repetiu a outra, agarrando-lhe o braço livre. – Nós as duas por cinco xelins, se quiseres.

A mulher com graxa para os sapatos no cabelo estava tão perto de Ramsay que, mesmo à luz ténue dos candeeiros ele conseguia ver-lhe a pele cinzenta por baixo dos olhos e os lábios vermelhos mal pintados a moverem-se como os de um peixe na tentativa de o seduzir. A outra agarrou-se a ele

com tanta força como uma amêijoia obstinada, até Ramsay conseguir por fim libertar-se das harpias e afastar-se. Caminhou a passo rápido sem olhar para trás.

Tinha horror a prostitutas, eram criaturas tão grosseiras, pelo menos as de Londres. No Oriente, o caso era diferente, com todas aquelas huris e odaliscas sedutoras. Um «irmão» de Nellie (James), ao que parecia, comandante de um barco, tinha aparecido um dia, pouco antes de deixarem Edimburgo rumo a Londres («Com que então, encontrei-te, Ellen»), e passou uma noite a regalar Ramsay com histórias dissolutas sobre o tempo que passara em Xangai, enquanto Nellie estava ocupada com a hora de deitar das raparigas.

A mãe regressara do andar de cima quando ele ia lançado, a explicar com bastante pormenor as habilidades acrobáticas das «damas da noite» chinesas. Nellie expulsara-o e dissera-lhe para não voltar.

– Bem, alguém tem de lhe ensinar o que é ser um homem – resmungara o outro, enquanto se dirigia para a porta.

– Eu posso ensinar-lhe isso – respondeu Nellie.

– Bem, não estás a fazer lá muito bom trabalho – resmoneou o homem.

Não tornaram a vê-lo. Edith dissera que, na realidade, ele não era tio deles.

*

– Olá.

Oh, meu Deus, outra não. Não era possível parar por cinco minutos sem que outra se atirasse a nós. Esta era jovem e envergava uma roupa muito estranha, um vestido verde vaporoso, coberto de lantejoulas, que não ficaria mal num circo. Uma fada verde, pensou. *La fée verte*. Recordou-lhe o quanto gostava de absinto e como lhe apetecia um pouco nesse momento.

– Dás-me um? – pediu-lhe a fada verde, com uma pose muito artificial e apontando para a cigarreira que ele tinha na mão. Era demasiado jovem para estar tão farta do mundo, pensou Ramsay. Desconfiou de que estava a representar. Tinha uma mala de viagem. Teria acabado de descer do comboio e estava já a exercer a sua atividade?

– Por favor – disse ele.

– Dás-me um, *por favor*?

Ele ofereceu-lhe um cigarro de má vontade e acendeu-lho. A rapariga engasgou-se de imediato.

– Tabaco turco – explicou Ramsay. – Nada indicado para menores. Tens de começar por uma coisa mais suave para, com o tempo, chegares a este.

Ela deu outra passa, menos ambiciosa, e, contendo a tosse, disse:

– Não sou menor. Estendeu-lhe a mão e apresentou-se: – Fay le Mont, como estás? É o meu nome artístico – acrescentou na defensiva ao ver-lhe a expressão cética.

Ramsay retribuiu o aperto de mão com ar cauteloso e respondeu:

– Ramsay Coker. Não é um nome artístico – acrescentou.
– És um dos Coker? – perguntou ela, com a curiosidade aguçada.
– Bem... – disse com modéstia. Teria de se confrontar sempre com essa fama? Nunca poderia ter a sua própria identidade? Mas... um nome artístico! Porque não tinha pensado nisso? Não um nome artístico, mas um *nom de plume*. Uma identidade muito distante do negócio da mãe. O apelido Coker implicava infâmia, nunca iria poder libertar-se dele e conseguir que o respeitassem no mundo da literatura. Que nome havia de escolher? Qualquer coisa viril, como John Buchan. Qualquer coisa mais enigmática. Ricard de Saint Pierre, Jean DeFlamme. Era assim que se chamava o seu professor de francês no colégio. Eles tinham...

– Ainda aqui estou – disse a fada verde, esmagando o cigarro quase por fumar com o salto de um dos sapatos de dança prateados. Eram idênticos aos que tinha encontrado na arrecadação do Sphinx. Ramsay soltou um suspiro.

– O que queres?

– Um trabalho.

– Um trabalho?

– Sim, um trabalho. A dançar – respondeu, apontando para o Amethyst. Por favor.

Nellie nunca a aceitaria. Era escanzelada, uma vagabunda semimorta de fome.

– Quando é que comeste pela última vez? – perguntou ele e, sem esperar pela resposta, suspirou de novo, apagou o cigarro e disse: – Vem comigo.

*

No escritório por detrás da cabine de Nellie, Ramsay avistou Kitty, esparramada no sofá que ali se encontrava, a folhear um exemplar da *Picture Play*. Ramsay teve de reprimir a vontade de se juntar a ela, mas estava sob o chicote de Nellie agora que tinha atravessado o limiar do clube.

A mãe estava ataviada com uma estranha mistura de plumas e franjas. O seu costureiro pegava nas últimas modas e adaptava-as à figura de Nellie. «A Rainha dos Pudins», dizia Betty. Tanto Betty como Shirley tinham vestidos de noite dos melhores costureiros de Paris. Edith também, embora nunca os usasse com o espírito correto. Segundo Nellie, os vestidos eram «despesas de negócios», e dizia que as raparigas tinham de «estar de acordo com o papel» como se fossem personagens num palco.

Nellie olhou para Ramsay com uma sobranceira erguida.

– Quem é esta?

– Uma rapariga – respondeu ele.

– Isso já eu vi.

– Quer trabalhar como acompanhante de dança.

– Não me digas? – Nellie olhou para Freda por cima dos óculos e perguntou a Ramsay: – Que idade tem ela?

– Não sei. – Virou-se para Freda e perguntou-lhe: – Que idade tens?

- Dezasseis.
- Dezasseis – repetiu Nellie.

Riu-se e começou a enfiar notas numa haste de metal. Freda olhou para Ramsay a pedir esclarecimentos. Ele encolheu os ombros.

Por fim, Nellie ergueu os olhos e perguntou a Freda:

- Como te chamas?
- Fay. Fay le Mont.

Nellie riu-se, agora com mordacidade, e disse:

- E eu sou a rainha das fadas. Qual é o teu nome verdadeiro, pequena?

Diz-me a verdade.

Ramsay sabia, pela experiência de uma vida (literalmente), que era impossível mentir a Nellie quando ela centrava toda a sua atenção numa pessoa e, como muitos antes dela, Freda cedeu:

- Freda. Freda Murgatroyd.

– Leva a menina *Murgatroyd* à Betty, Ramsay. Vê o que se pode fazer com ela.

- A sério? – perguntou Ramsay, surpreso.

Estava à espera de que a mãe rejeitasse a rapariga. A rapariga ia ser uma ninharia lá em baixo, e iam aproveitar-se dela como de todas as novidades à venda no clube.

– Sim, a sério – respondeu Nellie. – Estamos com falta de acompanhantes.

- Se achas que sim, mãe.

- Acho. A propósito, o teu amigo está cá.

- Ele não é meu amigo.

– Bem-vinda ao país das fadas – disse Ramsay, empurrando a rapariga para a cortina de bambu, que puxou para o lado.

Freda hesitou por um momento e depois disse:

- Obrigada.

Transpôs a entrada e foi devorada pelo Amethyst.

*

– Aonde vais? – perguntou Nellie quando Ramsay voltou, depois de depositar Freda no clube.

- Vou sair.

- Aonde?

- A lado nenhum.

– A lado nenhum? – repetiu Nellie. – É um sítio muito popular. Estás sempre a ir lá.

Ramsay suspirou. Teria mesmo de justificar à mãe cada movimento que fazia? Tinha vinte e um anos, por amor de Deus.

- Vou estar com a Pamela Berowne – mentiu. – Vou levá-la a jantar.

- Aonde?

- Ao Kettner's.

Tinha comido lá na semana anterior e esperava poder lembrar-se da ementa, pois era provável que Nellie fosse interrogá-lo sobre isso mais tarde. Ela daria uma detetive melhor do que Maddox.

– Então é melhor despachares-te – disse Nellie.

*

Ramsay apanhou um táxi para Eaton Square à hora marcada. Quinn já estava à espera dele nos degraus da casa, a fumar que nem um louco.

– Pensei que não vinhas – disse.

– Não estou atrasado – protestou Ramsay.

Quinn parecia estranhamente nervoso quando puxou o cordão da campainha ao lado da porta da frente. Os adornos de latão da porta estavam polidos até mais não e a tinta preta reluzente como um espelho. Quem atendeu foi um mordomo tão impassível como de costume. Era difícil dizer se se tratava do mordomo da casa ou se tinha sido contratado para aquela noite. Perguntou-lhes os nomes sem sequer esboçar uma saudação e limitou-se a abrir mais a porta para os deixar entrar sem os ir anunciar, pelo que tiveram de subir sozinhos as escadas até à sala de estar.

A casa era sumptuosa. Desta vez, os tapetes enrolados eram persas, os candeeiros pendurados do teto eram lustres e a «mesa das cartas» era uma enorme mesa de jantar em pau-rosa. A um lado encontrava-se um *buffet*, sobre o qual se via uma profusão de ostras, ovos cozidos, caviar e *mousse* de salmão. Nos extremos havia vários baldes de gelo, de prata, com champanhe.

Quinn continuava nervoso, talvez por não parecer conhecer nenhum dos homens de *smoking* reunidos à volta do *buffet*. Em outras sessões de jogo a que Ramsay tinha assistido, havia um grupo de mulheres presentes, que davam uma animação agradável ao ambiente, mas aqui a companhia era exclusivamente masculina. Não era que não fossem acolhedores; na verdade, eram extremamente bem-educados e atraíram habilmente Ramsay para conversas sociais sobre trivialidades. Um homem que podia ou não ser um mordomo estava sempre a reabastecer-lhe a taça de champanhe, de modo que, quando se sentaram para jogar, Ramsay já estava decididamente tocado.

Sobre a superfície polida da mesa tinham colocado um pano de feltro e, como que surgido do nada, apareceu um *dealer* com ar profissional e sentou-se. Ramsay ficou bastante impressionado. *Pessoas interessantes, gente com muita classe*, tinha sido assim que Quinn o atraía e Ramsay esperava que o *glamour* de uma sessão de jogo em Belgravia pudesse constituir material para um capítulo do seu romance. Imaginou Jones, o seu detetive, a fazer uma rusga num lugar como aquele, desaprovando, à sua maneira galesa, aquela ostentação de riqueza. Ramsay quase conseguia ouvir o estalido satisfatório das algemas a fecharem-se nos pulsos privilegiados.

Sentou-se no seu lugar e olhou em volta à procura de Quinn, mas não viu sinal dele.

Vamos jogar *chemin de fer*, cavalheiros – anunciou o *dealer*.

Ramsay nunca tinha jogado «*chemmy*», como aquelas pessoas se referiam ao jogo, mas parecia facilímo apanhar-lhe o jeito e começou por ganhar muito mais do que perdia. No entanto, à medida que a noite avançava, a balança inclinou-se e ele começou a perder mais do que ganhava, embora já estivesse tão embriagado que nem sempre conseguia perceber a diferença. Claro que lhe tinham montado uma armadilha, levando-o a pensar que era tão bom, se não melhor, do que os outros jogadores presentes. Mais tarde perguntou-se se não lhe teriam adulterado a bebida, misturando-lhe droga. Sabia o que eram as bebedeiras de champanhe, mas aquilo tinha sido diferente. Era como se lhe tivessem retirado o livre-arbítrio, quase como se ele fosse uma marioneta e alguém estivesse a habitar o seu cérebro, a puxar os cordelinhos, obrigando-o a continuar a jogar.

A noite foi adquirindo um travo azedo e Ramsay apercebeu-se de que estava na companhia de um bando de hienas mascaradas com *smokings*, que o atacavam exclusivamente a ele. (Onde *estaria* Quinn?) Não demorou muito até as hienas deixarem cair as suas máscaras civilizadas e a atmosfera na sala se tornar cada vez mais selvagem, à medida que a dívida de Ramsay aumentava – garantias assinadas e dívidas assumidas por todo o lado; e até a cigareira de ouro gravada que Nellie lhe tinha oferecido como prenda de aniversário foi confiscada.

E como não parava de perder, a única coisa que lhe restava fazer, dizia o mestre das marionetas no seu cérebro, era continuar a jogar com temeridade até a sorte virar e recuperar tudo numa só mão. A maldição do jogador.

No final, devia uma soma enorme: quase mil libras no total, uma fortuna. Nunca poderia conseguir esse dinheiro. Era tanto que nem sequer parecia real.

Perguntou-se se poderia simplesmente levantar-se da mesa de pau-rosa e ir-se embora. As hienas lançar-se-iam no seu encalço? Seria capaz de caminhar? Apesar de estar sentado, a sala girava de um modo intolerável. E mesmo que se fosse embora, as hienas persegui-lo-iam mais tarde, não é verdade?

O tempo corria de uma forma estranha, aos sacões, e, de repente, a sala ficou vazia, as hienas tinham partido. Porque não tinham reclamado as suas dívidas antes de se dispersarem? A razão revelou-se. Não era uma hiena, mas uma serpente, uma cobra real gorda e elegante, que se desenrolava vinda de uma poltrona num canto escuro da sala. Teria estado ali o tempo todo?

A cobra falou:

– Sabes quem sou? – Parecia divertir-se por Ramsay não fazer ideia. – Chamo-me Azzopardi – apresentou-se a cobra com um floreado, como se fosse um prestidigitador.

Parecia um Rudolfo Valentino com excesso de peso.

– És um jogador bastante imprudente, Ramsay – prosseguiu. Falava com um sotaque acentuado, mas muito bem para um estrangeiro. – Vais ficar contente por saber que fico responsável pelas tuas dívidas.

Ficará responsável pelas suas dívidas? O que queria isso dizer?

– Quer dizer – explicou Azzopardi – que agora me deves tudo a mim, e só a mim. E lamento dizer-te que, se o pagamento não for rápido, serão acrescentados juros. Entrarei em contacto contigo para falar sobre este assunto.

Tirou do bolso a cigarreira de ouro de Ramsay e devolveu-lha.

– Devias ter mais cuidado com isto – disse. – A tua mãe iria ficar muito desiludida se soubesse que a tinhas perdido ao jogo.

Tlim! Tlim!

Edith tinha passado uma semana no hospital antes de regressar ao aprisco no dia anterior e, nesse momento, encontrava-se na cama, no andar de cima de Hanover Terrace, onde convalescia, irritada, bem aconchegada por Nellie, num esforço para a prender nos lençóis, da mesma forma que, em criança, a envolvia como a uma pequena múmia embalsamada. Edith manifestava inquietação desde que nascera, como se nada pudesse satisfazê-la. Agora, tinham-lhe dado uma campainha para poder tocar a pedir ajuda e toda a casa estava cansada daquele som.

– Deviam chamar-lhe *impaciente* em vez de paciente – resmungou Betty.

– Que vivaça – comentou Shirley.

Contra todas as probabilidades (escarlatina, sarampo, pulmões em acordeão, guerra e espinhas de peixe), Nellie nunca tinha perdido um filho e não estava disposta a começar naquela altura da vida. Era preciso recuperar Edith e restituir-lhe a saúde, ou, pelo menos, até onde fosse possível. Para o efeito, levavam-lhe incessantemente caldo de vaca ao andar de cima, juntamente com sopas de pão com leite morno e leite-creme frio. Teria sido mais barato comprar uma vaca, dizia a cozinheira.

A primeira coisa que Nellie pensou foi que se Edith tinha estado às portas da morte, isso se devia ao facto de Maud ter tentado vingar-se. Agora que Edith estava a melhorar, Nellie preocupava-se com o que a rapariga morta tentaria fazer a seguir – pois agora Maud manifestava-se quase todos os dias. Às vezes parecia divertida, outras vezes zangada, mas em geral exibia um sorriso enigmático difícil de decifrar, mas que parecia indicar um segredo que ainda não estava pronta a revelar. Nellie punha a hipótese de um exorcismo. Imaginava que seria extenuante a vários níveis.

– Vou dar um passeio no parque – disse à cozinheira, embora ela não tivesse nada com isso.

– Nunca a vi andar tanto – comentou a cozinheira com Phyllis. – Deve

passar-se qualquer coisa com ela para estar tão irrequieta.

– Consequências da prisão – respondeu Phyllis com ar entendido.

*

Tlim, tlim.

Edith iria parar com a maldita campainha? Ramsay já perdera a conta às vezes que tinha subido e descido, a ir buscar coisas e a levar coisas ao andar de cima. Nellie tinha saído e encarregara-o de «olhar pela» irmã, mas por certo havia um limite para ser criado de Edith. Betty e Shirley também tinham saído – esquivando-se ao seu dever para com Edith – e Kitty era a última pessoa que alguém quereria a tomar conta de si. Ramsay suspeitava de que Edith estava a pedir coisas só por pedir. De todos eles, Edith costumava ser a primeira a aborrecer-se. E isso dizia muito, pois esse era um campo altamente competitivo na família de Ramsay.

A primeira vez que o chamou foi para lhe pedir uma «chaveninha de chá», que ele se apressou a levar-lhe. Meia hora depois, pediu outra «chaveninha de chá». Porque não pedira logo uma chávena grande da primeira vez?

Ele estava a tentar escrever, mas não havia muitas hipóteses de o fazer quando tinha de passar o tempo todo a ir buscar umas coisas e a levar outras a uma Edith rabugenta. Num gesto de generosidade, ofereceu-se para lhe ler em voz alta, mas ela rejeitou a oferta como se ele estivesse a propor-lhe algo repreensível. Em vez disso, estava decidida a atormentá-lo, obrigando-o a transportar uma sucessão interminável de comida a que até um restaurante teria tido dificuldade em responder. Duas panquecas *ligeiramente* tostadas e *bem* barradas de manteiga. Uma fatia de fiambre. Há frango frio? Uma cebola em pickles, um ovo em conserva de vinagre. Um livro, uma revista, um exemplar da *Radio Times*, um *puzzle*. Pão com molho de carne assada! A cozinheira estava a tornar-se insubordinada. («Posso entregar o meu pedido de demissão a qualquer momento, sabe?»)

Claro que Nellie proibiu Edith de comer tudo o que não fossem líquidos ou sopas de leite, por isso Ramsay compreendia que ela desejasse qualquer coisa mais saborosa. Lembrou-se do tempo que passara no sanatório na Suíça, onde a comida era excelente – intermináveis canecas de cacau, taças de sopa nutritiva e pratos de queijo e fiambre locais. Se isso o tinha ajudado a melhorar, como poderia prejudicar Edith? E quanto mais depressa ela recuperasse, mais depressa deixaria de precisar de que a servissem como escravos.

O inspetor-chefe Jones andava a patrulhar as ruas do Soho. Ou a rondar? Mas rondar tinha qualquer coisa de criminoso, não tinha? Talvez ele fosse um delinquente e também um polícia. Não era impossível. Bastava ver Maddox.

Tlim, tlim.

Apenas dez dias depois de ter começado a sua *magnum opus*, já sentia a

criatividade a enfraquecer, a surgir em acessos intermitentes, intercalados com intermináveis períodos de dilação. Sentia-se dominado pelo tédio. As pessoas fariam daquilo um modo de vida? Todos os dias?

As teclas da máquina de escrever olhavam-no com um ar ameaçador. Tens de continuar.

A *Era do Deslumbamento* depressa começara a arrastar-se. Sim, era um romance policial, mas era também «uma dissecação acerada dos diversos estratos da sociedade na sequência da destruição provocada pela guerra». (Ramsay não era desprovido de ambição.)

– Hum – dissera Shirley. Shirley, em geral a sua maior defensora, tinha reservas, o que era dececionante. – Será boa ideia tentares colocar *tudo* no mesmo saco, querido Ramsay? Não seria mais fácil fixarmo-nos na ideia do corpo no passeio? Gostei bastante disso. E ainda nem sequer escreveste essa parte.

– E que tal um pouco de romance também? – alvitrou Kitty, apertando o coração e fingindo desfalecer. – Devia haver pessoas a apaixonarem-se umas pelas outras.

– Não, não devia nada – disse Ramsay. – Não consigo pensar em nada pior. – Mas, vendo bem, talvez *devesse* introduzir um elemento romântico. Abriria o romance a um público totalmente novo (mulheres). Como iria fazê-lo? Não tinha experiência de amor nem de romance. O sexo feminino parecia-lhe pouco atraente, mas viver com irmãs, que se voltavam contra ele por dá cá aquela palha, era suficiente para desanimar qualquer pessoa, quanto mais alguém com «alma de artista», como Shirley gentilmente dissera.

Tlim, tlim!

Os grandes escritores não precisavam de trabalhar naquelas condições e tinham esposas para manter à distância os aspetos mundanos da vida. Talvez fosse disso que ele precisava, mas com quem poderia casar? As raparigas que Ramsay conhecia, como Pamela Berowne, eram, na sua maioria, criaturas horríveis que atrapalhavam em vez de ajudar.

Claro que havia um argumento em favor do casamento com Pamela Berowne: ela era podre de rica, o que resolveria as suas dificuldades financeiras e lhe permitiria pagar a Azzopardi a quantia absurda que lhe devia. A recordação da noite em Belgravia surgiu sem aviso, e ele suprimiu-a de imediato. Já tinha passado uma semana desde aquele jogo de pesadelo e Azzopardi ainda não o contactara a pedir o reembolso. Ramsay tinha esperança de que, se continuasse a ignorar o problema, este pudesse simplesmente desaparecer.

Se (quando) viesse a ter êxito e as pessoas afluíssem à Hatchard's para comprar o seu último *bestseller* (*Tem o novo livro de Ramsay Coker? Ouvi dizer que é genial*), seria independente, ganharia dinheiro para viver, um rendimento adequado, em vez da esmola semanal que Nellie tirava do lucro dos clubes e lhe dava. Dinheiro suficiente para lhe permitir cortar os laços que o prendiam ao avental da mãe. Não que ele se lembrasse de ter visto Nellie de

avental («Em Holloway tinha de o usar todos os dias», dizia ela).

Para seu aborrecimento, Ramsay apercebeu-se de que só lhe restava um cigarro. Tinha fumado um maço inteiro desde o pequeno-almoço; descobrira que fumar o ajudava muito a escrever.

Na sala de jantar havia uma grande caixa de alabastro com cigarros; quando regressava da cozinha pela enésima vez com os últimos pedidos da enferma («um ovo estrelado, com a gema bem líquida»), Ramsay parou para se reabastecer.

Não pôde deixar de reparar nos vários papéis espalhados pela superfície da mesa de jantar. O advogado de Nellie passara lá por casa e tinham estado mais de uma hora a conversar. Os advogados ocupavam o primeiro lugar da lista de coisas que Ramsay considerava enfadonhas (era uma longa lista), mas olhou de relance para a mesa. *Últimas Vontades e Testamento de Ellen Macdonald Coker*. Oh, não havia nada de aborrecido naquilo.

Todos sabiam que a mãe fazia um novo testamento quase todas as semanas, consoante a maneira como se sentia na altura; acrescentava codicilos, suprimia beneficiários, pensava em novos legados e ajustava contas antigas; mas nunca ninguém vira nenhum desses documentos e, na verdade, por vezes perguntavam-se se Nellie não os teria inventado para os manter a todos alerta. Kitty, por exemplo, ouvia dizer com regularidade que ia ser deserdada.

E agora ali estava um desses testamentos míticos, à vista de todos, desprotegido. Seria uma armadilha? Ramsay ouvira Nellie sair mais cedo, mas isso não significava que a mãe não tivesse deixado o testamento ali para o tentar e, no instante em que olhasse para ele, ela não fosse saltar de um esconderijo e apanhá-lo em flagrante.

«Rascunho», anunciava na página de rosto, pelo que era de supor que, nesse dia, tinha sido levado a Hanover Terrace para a aprovação final de Nellie. Com cuidado, levantou a página e virou-a.

Os clubes seriam divididos entre Niven e Edith, enquanto Betty e Shirley receberiam uma soma de dez mil libras cada e Ramsay e Kitty ficariam com umas escassas mil libras. (Ele fora metido no mesmo saco que Kitty, como se fossem iguais, aos olhos da mãe?) A injustiça deixou-o desorientado. Era assim que ela classificava os filhos? Exigia-lhes uma fidelidade absoluta, mas não lhes dava nada em troca! Tirou uma mão cheia de cigarros da caixa de alabastro e saiu da sala.

– Este ovo está frio – protestou Edith.

Ainda furioso, regressou à Remington e bebeu um grande gole do frasco de clorodina do doutor Collis Browne que tinha sempre ao seu lado.

Era de noite e os candeeiros a gás piscavam. A ameaça do mal pairava sobre as ruas como um véu escuro. (Na verdade, aquilo estava mesmo muito bom.) De repente

Tlim, tlim, tlim!

Oh, meu Deus. Sentiu-se capaz de estrangular Edith, mas, embora fosse

interessante descobrir como seria assassinar alguém, Ramsay não estava preparado para enfrentar a ira de Nellie, muito menos a «descida aos infernos» (como Jones lhe teria chamado) se fosse condenado por isso.

Fechou a porta do quarto. Fechou também os ouvidos. A enferma que se lixasse.

Jones apercebeu-se de que tinha de regressar a Taunton se quisesse saber mais. Consultou o relógio na parede. Se se apressasse e o trânsito não fosse muito intenso, conseguiria apanhar o comboio das 16h15. Seria

Santo Deus, aquilo era uma chatice. Teria importância não ter consultado os horários dos comboios? Quantas pessoas saberiam se havia ou não um comboio das 16h15 para Taunton? Só as pessoas que viviam em Taunton, e de certeza que não eram em número suficiente para incomodar alguém. Quando *A Era do Deslumbramento* fosse publicado, talvez recebesse um dilúvio de cartas de «Habitantes de Taunton Preocupados» a corrigi-lo, mas era provável que as pudesse ignorar em segurança. O seu editor, fosse ele quem fosse, ocupar-se-ia dessas queixas.

Pegou na cigarreira e encheu-a com os novos cigarros. Ver aquele estojo de ouro dispendioso despertou de novo a recordação do jogo de cartas. Isso provocou um zumbido de angústia, abafado e contínuo, no cérebro de Ramsay.

Jones andava à caça de um dos capangas de Reggie Dunn, um rafeiro de origem duvidosa chamado Gresch. A forma de encontrar Dunn era através de Gresch, e a forma de encontrar Gresch, calculava ele, era através da sua amante, uma senhora de reputação duvidosa que dava pelo nome de Lily Benson e que se encontrava habitualmente em casa, no andar onde morava, por cima do Coach and Horses, na Old Compton Street.

Decidira que Gresch seria maltês. Assim, aproveitava Azzopardi.

Kitty entrou de rompante na sala e começou a dançar, a cacarejar como um espírito malévolo.

– Não tens nada melhor para fazer?

– Não. – A irmã começou a ler por cima do ombro dele: «O inspetor-chefe Evans não rejeitava os encantos de uma mulher bonita.» – Não é como tu, Ramsay, tu rejeitas...

– Cala-te, Kitty. – Ramsay atirou-lhe um lápis. Não lhe acertou e ela saiu a dançar da sala.

Jones teve de tocar à campainha várias vezes até Lily acabar por lhe abrir a porta, a fingir-se surpreendida.

– Macacos me mordam se não é o senhor Jones. Há

que tempos que não o vejo, desde esta manhã.

Lily era loira, com uma linda cara de bebé, desfeada pela dureza dos olhos. Toda ela era curvas e vestia-se de uma forma que realçava cada uma delas. No entanto, tinha uma voz rouca. (Aquilo era bom!)

– Em que posso ser-lhe útil, inspetor?

– Para ti é inspetor-chefe, Lily.

– Então para si é menina Benson. O que deseja?

– Tens visto o teu amigo Gresch ultimamente?

– Há séculos que não o vejo, inspetor. Não nos andamos a entender.

– E aquele teu clube, Lily? Aquele em que trabalhas como «acompanhante»?

– Quer dizer o Emerald? Pensava que...

– Nós

A porta do quarto de Ramsay abriu-se de repente. Deus santíssimo, o que seria agora?

Era Phyllis, a pequena copeira, que entrou a voar no quarto e disse sem fôlego:

– Desça depressa. É a menina Edith!

– O que se passa?

– Está morta, senhor Coker.

Frobisher Libertado

Frobisher tinha estado num dilema desde que Gwendolen Kelling se mudara para o apartamento por cima do Crystal Cup. «Por cima do estabelecimento», como ela dizia, uma frase que, como tantas outras coisas, parecia diverti-la. Como iria encontrar-se com ela, agora que já não estava no Warrender? Como é evidente, já não podiam reunir-se na Bow Street, dado ser fácil alguém vê-la, uma vez que o local estava cheio de criminosos (tanto atrás como à frente do balcão). Notícias sobre as visitas dela não tardariam a chegar aos ouvidos da família Coker. E também não poderia visitá-la no seu novo alojamento, pois sem dúvida seria visto por um dos Coker ou pelos seus acólitos.

Tinham combinado comunicar por escrito: embora o apartamento por cima do Crystal Cup estivesse equipado com telefone, Frobisher tinha reservas quanto a usá-lo, receoso de que fosse uma linha dos Coker ou que estes a tivessem sob escuta, o que não seria inédito. Gwendolen sugerira o bar da estação de Paddington.

– Aí devemos estar em segurança – disse ela. – Não creio que os Coker alguma vez viagem de comboio, são muito territoriais. Quase só saem do Soho para ir para casa, que é em Hanover Terrace, ao pé do Regent's Park. Sabia? – Claro que sabia! Julgaria ela que ele era um incompetente? – Estou a tentar conseguir um convite para ir lá – disse ela, como quem não quer a coisa.

– Não faça isso, por favor – disse ele. Hanover Terrace era o coração da colmeia. – É demasiado perigoso.

– É pouco provável que a Nellie me assassine enquanto tomamos chá.

– Eu não estaria tão certo. Trata-a por Nellie? – perguntou, surpreendido.

Parecia-lhe muito familiar para um conhecimento tão recente. Já a teriam levado ao engodo? Não era tanto os Coker que Frobisher receava em relação a Gwendolen, mas a possibilidade de ela poder sucumbir às tentações

que eles ofereciam. Veio-lhe à mente *O Paraíso Perdido*, do qual tinham sido obrigados a aprender grandes excertos na escola. Satanás, sob a forma de uma serpente, à procura de Adão e Eva, ou talvez apenas de Eva, *a cobijada presa, procurada em pérgulas e campos*. Não gostava de Milton como poeta e suspeitava de que talvez também não gostasse dele como homem, mas admirava a tenacidade com que se mantivera fiel ao seu grande projeto.

– Santo Deus, não – respondeu com uma gargalhada. – Só quando falo comigo mesma. É sempre «senhora Coker». Ela gosta de formalismos. Em boa verdade, é muito exigente com isso.

Frobisher viu-a olhar de relance para o exemplar do *Mirror* que estava em cima da mesa à frente dele, pois tinha chegado ridiculamente cedo ao encontro matinal e estivera a folhear o jornal para passar o tempo. Também estava interessado em ver se havia alguma coisa sobre raparigas desaparecidas, mas essas notícias raramente apareciam nas páginas interiores, quanto mais nos cabeçalhos.

– Não costumo ler este pasquim – justificou-se, envergonhado.

– Claro que não – disse ela com ar trocista. – Estou certa de que o *Times* faz mais o seu género, inspetor.

Levaram-lhes o chá, juntamente com um pão de Chelsea pouco atraente que ele tinha pedido para ela, mas que Gwendolen insistiu em cortar ao meio e dividir com ele. Frobisher não estava habituado a partilhar comida, parecia-lhe íntimo e perturbador. Era filho único e calculava que isso explicasse grande parte do seu carácter.

Os bares das estações eram locais extraordinariamente barulhentos para um encontro clandestino. Frobisher imaginara-os a ter um *tête-à-tête* sossegado, mas o barulho dos talheres e da loiça, o silvo e o guincho da máquina de chá sobrecarregada e a chegada e partida dos comboios da plataforma ao lado, para não falar da chiadeira ocasional e ensurdecidora de uma locomotiva a libertar vapor, conspiravam contra eles. Tinha de levantar a voz para se fazer ouvir no meio de toda aquela cacofonia.

– Como isto é emocionante – comentou ela, sem qualquer ironia aparente.

– Acha? – perguntou ele com ar de dúvida. – Porquê?

– Um encontro secreto. Como espões. *O Enigma das Areias* ou *Os 39 Degraus*, está a ver?

Deu uma grande dentada na sua metade do pão. Faria tudo com tanto entusiasmo por procurar entretenimento em tudo? Frobisher perguntou-se como seria pisar o mundo com tamanha leveza. Nunca teria sido moderada pelo luto e pelas dificuldades, como tantos outros? Não sabia nada sobre ela, claro. A biblioteca, nada mais.

– Perdeu alguém na guerra? – deu consigo a perguntar. Era o que acontecia, apercebeu-se com pesar, quando se dominava mal a arte da conversa fiada.

Gwendolen lançou-lhe um olhar longo e assustadoramente direto e, por

um momento, Frobisher pensou que não ia responder, mas depois disse com toda a naturalidade:

– Perdi toda a gente, inspetor. – Voltou a concentrar-se no pão. Quando terminou, sacudiu as migalhas das mãos e disse: – Não me perguntou nada sobre o meu novo alojamento.

Um tema de conversa mais seguro do que a guerra, pensou ele (ou não seria?), e perguntou com solicitude:

– Como é a sua nova casa?

– Cor-de-rosa – declarou ela a rir. – É tudo cor-de-rosa, até a carpete.

– Uma carpete cor-de-rosa?

– É verdade. Uma alcatifa, o que é uma novidade. A Nellie concebeu a decoração, tem muito orgulho nela. Mas duvido de que seja a seu gosto.

– Então julga que conhece o meu gosto – disse Frobisher.

– Acho que sim – respondeu ela alegremente. – E duvido muito de que inclua o cor-de-rosa.

*

Gwendolen tinha dito que trabalharia para Nellie Coker apenas uma semana, mas esse prazo já tinha terminado e Frobisher estava preocupado por ela não dar sinais de querer regressar a casa. Contudo, ela protestou, dizendo que não terminara a sua missão.

– A Freda e a Florence – acrescentou, como se ele precisasse que lho recordasse.

– Não me esqueci delas – ripostou, tenso, ofendido por ela poder pensar que tal tinha acontecido.

Gwendolen persuadira-o a investigar mais a fundo uma casa na Henrietta Street, onde, segundo ela, Freda e Florence tinham vivido antes de desaparecerem. (Ficara muito satisfeita com o seu trabalho de detetive. Demasiado satisfeita, na opinião de Frobisher). Ele pedira a Cobb que fosse à pensão e se informasse sobre as raparigas.

Este regressou a dizer que estavam num beco sem saída. Que tinha «dado uma vista de olhos» mas não encontrara nada de estranho na casa da Henrietta Street, e a proprietária, uma tal Sra. Darling, negara com firmeza ter tido as raparigas debaixo do seu teto.

– E não voltou lá, pois não? – perguntou Frobisher.

– Claro que não.

– Porque não se pode andar por aí a interrogar pessoas inocentes.

– Não sei se são «inocentes», e há qualquer coisa de errado com aquele sítio – insistiu Gwendolen, pousando a chávena de chá no pires com mais força do que a necessária. – Devia ir lá pessoalmente – incitou-o ela. – Deve ter um faro mais apurado para as infrações à lei.

– Está a adular-me para me convencer a entrar em ação, menina Kelling?

– Não! Nunca uso a adulação, se o puder evitar – respondeu ela com uma gargalhada. E, depois de uma pausa, prosseguiu: – Sabe, gostava que me

tratasse por Gwendolen.

– E, nesse caso, tratava-me por John?

– Não – ripostou ela com firmeza, abanando a cabeça. – Não fica bem. Acho que vou chamar-lhe Frobisher. Pelo menos, mentalmente, já é assim que o trato.

– Ah, sim? – Então pensaria nele quando não estava presente? Mentalmente? Era uma ideia estimulante.

– Embora...

– Embora...?

– Goste bastante de «inspetor». Vamos pedir mais chá e eu conto-lhe o que descobri sobre os clubes da Nellie?

Ramsay Coker, o filho mais novo, tinha-lhe feito uma visita guiada pelo submundo dos Coker, contou ela. Virgílio e o meu Dante. O Crystal, disse (de novo aquela familiaridade irritante, notou ele), parecia ser, de longe, o mais elegante de todos os clubes de Nellie. Contando-os pelos dedos, disse que tinha lá encontrado pelo menos dois juízes, dois ministros do Governo, três membros do Parlamento, quatro membros da nobreza e um arquidiácono anglicano. Tudo numa semana!

– Só homens? – perguntou Frobisher.

– Não, claro que não. Muitos estavam na companhia das esposas.

– Mas muitos não estavam.

– Não é diferente de qualquer outro clube londrino – respondeu ela. Estava na defensiva, pensou Frobisher. Ou, quem sabe, talvez a procurar antagonismo.

– Tenho a certeza de que não vai ficar surpreendida se lhe disser que não sou um entusiasta dos clubes.

– De facto, não fico nada surpreendida, inspetor.

Quanto aos outros clubes, o Sphinx era «estranho», disse ela a Frobisher, o Pixie era «bastante agradável e tinha sanduíches muito boas» e o Foxhole era «revigorante». Ramsay, o segundo filho, era «um sonhador e parecia mais novo do que era». Só tinha visto Betty e Shirley (pareciam andar sempre juntas) por instantes e ainda não conseguira formar uma opinião sobre elas. A outra irmã, Edith, estivera «às portas da morte», segundo Nellie, e ainda estava acamada. A mais nova de todas, Kitty, era vítima de uma negligência atroz.

– E o filho mais velho, o Niven? O que me diz dele?

– Mal o conheço – respondeu ela, como se nada fosse. – Céus, que calor está aqui, não acha? – perguntou, abanando-se com a mão.

– Está? Pois eu estou com frio – disse ele, sem ironia. – E o Amethyst, o motor que move a maquinaria do império?

O Amethyst era impossível de descrever, afirmou ela, ou pelo menos de resumir numa palavra. «Exuberante», se tivesse de escolher um termo para o definir. Frobisher pôs esse termo em questão, pois parecia demasiado elogioso. O Amethyst era o único clube em que estivera como convidada,

explicou Gwendolen («a seu pedido, devo lembrar-lhe»), e isso tinha-lhe proporcionado uma perspectiva bastante diferente.

– É divertido, sabe? – Era nítido que ele não sabia.

– Um homem foi baleado – recordou-lhe Frobisher. – Para ele não foi muito divertido.

– Foi divertido até esse momento – admitiu ela. – Perguntou nos hospitais? Encontrou o Aldo?

– Não, mas estes gangues costumam ter um médico na sua folha de pagamentos. Em geral, um que tenha sido suspenso. E quanto à Nellie Coker? Já teve alguma pista que a possa pôr de novo em Holloway, de onde nunca devia ter saído?

– Lamento, mas nada. No entanto, vou insistir. O inspetor, por sua vez, tem de continuar a procurar a Freda e a Florence. – Fora esse o acordo entre eles, disse ela. Frobisher objetou que não se lembrava de tal acordo, e ela comentou: – Então deve ter uma memória terrível. – Portanto, não era dada à adulação, mas à coerção. – Ainda não comeu a sua metade do pão. Posso comê-la?

*

– E as raparigas? – perguntou ele.

– As acompanhantes de dança? Parecem-me bastante felizes, pelo menos as que trabalham no Crystal Cup. São boas raparigas e, tanto quanto vi, não me parece haver nada de estranho. São muito bem pagas, mas na verdade o que recebem são gorjetas, aliás, substanciais.

– E a menina Kelling, também recebe gorjetas? – perguntou Frobisher, observando-a a acabar o pão de Chelsea.

– Não. Estou a trabalhar para si. Lembra-se?

– Mais uma vez, a minha memória está a pregar-me partidas. Tive a impressão de que estava a trabalhar por conta própria.

*

Frobisher não podia deixar de comparar a energia de Gwendolen com a lassidão de Lottie. Como era habitual, nessa manhã, quando ele se levantara, a mulher tinha ficado na cama. O que faria depois de ele sair de casa para o trabalho? Ficaria na cama o dia inteiro, levantando-se mesmo antes de ele regressar a casa à noite? Uma ou duas vezes, ainda estava em roupa de dormir quando ele chegara. Não havia feito nenhum comentário. Revistara a casa à procura de seringas e droga, mas não tinha encontrado nada. Sabia que isso não significava que não as houvesse. Tinha aprendido ao longo dos anos que Lottie era mais do que capaz de subterfúgios.

Soltou um suspiro e Gwendolen perguntou:

– Passa-se alguma coisa, inspetor?

– Não, de modo nenhum, menina Kelling.

– Gwendolen – recordou-lhe ela.

– Gwendolen – repetiu Frobisher com alguma hesitação. O nome dela arrastou-se-lhe na língua, mas ela não pareceu reparar. Já tinha hesitado tempo suficiente, pensou. O que dissera Shakespeare? *Ostenta a tua coragem como um emblema*. Mas quem dissera isso tinha sido Lady Macbeth, não é verdade? E ela não era uma mulher a quem se devesse pedir conselhos sobre o sexo fraco.

Suspirou de novo, respirou fundo e disse:

– Gwendolen?

– Sim, inspetor?

– Tenho uma coisa para lhe perguntar – prosseguiu com dificuldade.

– Pergunte à vontade, inspetor. Sou toda ouvidos.

– Gostaria de lhe fazer um convite.

– Convide à vontade.

Ele falou-lhe da sua recente compra de um automóvel e perguntou-lhe se gostaria de ir dar um passeio com ele.

– Sem dúvida que sim – disse ela.

– A sério?

– Claro. Estava à espera de que lhe dissesse que não?

– Acho que estava. Quando é que lhe seria conveniente?

– Bem, hoje é o meu dia de folga, ou talvez devesse dizer noite de folga.

Não vou ter outra durante uma semana. Mas, claro, não se pode avisar com tão pouca antecedência que se vai faltar ao trabalho.

Ele hesitou antes de dizer:

– Se eu fizer gazeta, não haverá problema. – E, em seguida, acrescentou:

– *Carpe diem*, menina Kelling!

– Gwendolen.

– Gwendolen!

Tinha brilhado. Finalmente.

*

Quando saíram de Paddington, ele disse-lhe que fosse à frente e que a seguiria à distância.

– Parece uma história de espionagem – comentou ela, com uma jovialidade um pouco excessiva.

– Nada disso. É apenas senso comum. – Seria o homem mais enfadonho do mundo? É possível que sim, concluiu.

De uma distância segura, viu-a entrar num táxi e conversar com o motorista como se fossem velhos amigos, e sentiu uma inveja renovada pelo seu à-vontade.

Esperou que o veículo arrancasse para sair da estação. Não tinha levado o carro por se sentir um pouco nervoso com o trânsito à volta de Paddington. Precisava de uma estrada aberta para se familiarizar totalmente com o Austin. E tê-la-ia. Estava radiante por ela ter aceitado o seu convite. Avistou um

elétrico que se aproximava do outro lado da rua e correu atrás dele, estimulado pelo seu sucesso, demasiado feliz para se aperceber de que estava a ser observado.

No Parque

Nellie estava calmamente sentada num banco junto do lago dos barcos no Regent's Park, com um exemplar do *Express*, novo e por desdobrar, no colo. Sem esboçar qualquer tentativa de o abrir e de ler o seu conteúdo, ficou calmamente sentada, como que em contemplação, fitando o lago. Alguém que olhasse para ela seria incapaz de detetar o que lhe ocupava o cérebro. Não que alguém olhasse para ela. Uma mulher com sessenta e tal anos, vestida com uma roupa desinteressante e trivial, é mais invisível do que uma bibliotecária.

Daí a algum tempo, um homem sentou-se ao lado dela no banco, mas a sua atitude tranquila permaneceu inalterável. O homem também parecia não achar nada mais interessante do que seguir o progresso dos pequenos barcos a remos na água. Nellie deitou-lhe uma olhadela. Sem o uniforme, era insignificante, um pássaro sem penas. Nellie murmurou-lhe como quem domina a arte do ventriloquismo:

– Então, sargento, tem um relatório para mim?

Que sorte tinha sido encontrar o sargento Oakes. Ao sair de Holloway, ele caíra-lhe no colo como uma ameixa madura de uma árvore, oferecendo-se para ser seu informador. Por uma quantia regular de dinheiro, «vigíaria» o seu novo inspetor-chefe para ela. Explicou que Frobisher era uma ameaça para a Bow Street, porque estava determinado a perturbar o equilíbrio feliz que existia entre os guardiães da lei e os que a infringiam. Os clubes noturnos do Soho, disse, não eram os únicos a sentir-se nervosos com Frobisher; os seus colegas da polícia sentiam o mesmo. Claro que Nellie sabia exatamente o que ele andava a tramar. Tinha sido enviado por Maddox para a *espíar*, não para a *ajudar*. Os dois deviam pensar que ela estava senil. O homem era um idiota, e Nellie tinha a certeza de que podia usá-lo para ficar em vantagem em relação a Maddox. E o bónus adicional era o facto de ele lhe dar informações sobre as ações de Frobisher. Que palermas eram Maddox e o seu discípulo.

– Tem de se certificar de que ninguém sabe do nosso pequeno... –

procurou a palavra certa.

– Acordo? – sugeriu Oakes.

– Sim, do nosso acordo. – Era uma palavra surpreendentemente boa, pensou Nellie. Estava a fazer um acordo.

*

As amas faziam as suas rondas pelo parque. Os rapazinhos empurravam os barcos à vela para as águas do lago, os barcos a remos deslizavam e Nellie permanecia tão serena e imóvel como as grandes estátuas de Buda nos templos orientais. (Em tempos, pensara nelas como tema para um clube noturno.)

– Tenho uma dica para si – disse Oakes. – Esta noite vai haver uma rusga no Foxhole. Têm de se precaver.

– Obrigada, sargento Oakes. Agradeço a informação – respondeu Nellie.

– Não há dúvida de que merece o que lhe pago.

Era fácil lisonjeá-lo. Nellie percebeu que Maddox devia ter organizado a rusga de propósito só para que Oakes pudesse avisá-la sobre isso e dar provas da sua credibilidade. Estaria convencido de que podia enganá-la?

Colocou o exemplar do *Express* ao seu lado no banco.

Ficaram ali os dois durante algum tempo, a observar a água. Nem um sopro de vento a perturbava. Nellie sabia que no século anterior houvera ali um desastre. No inverno, centenas de patinadores tinham-se afundado no lago gelado quando o gelo estalou. Muitos tinham-se afogado. Isso encerrava uma lição, não era? Não se deve patinar sobre gelo fino. Cuidado, Nellie!

Viu Landor do outro lado do lago. O homem aparecia em todo o lado. Franzia-lhe o sobrolho. Era péssimo a camuflar-se. Olhou de relance para Oakes, mas ele parecia alheado.

Apoiou-se na bengala para se levantar. Estava na hora de se ir embora, tinha muito que fazer. Partiu sem se despedir do sargento. Do outro lado do lago, Landor fez-lhe um ligeiro aceno de reconhecimento, que ela também ignorou.

Nellie encontrava-se regularmente com Landor, em geral no pequeno jardim que separava Hanover Terrace das cavalariças nas traseiras, que albergavam o Bentley, a salvo de olhares indiscretos, exceto os de Hawker. Este tinha instruções para ignorar aqueles encontros, embora os pudesse ver com nitidez da sua janela, quando lavava os escassos tachos e painéis depois do jantar.

Landor era outra dessas ameixas. O homem era um mercenário, feliz por seguir quem mais pagasse. Podia encontrar-se um mercenário em qualquer esquina de Londres, eram a escória deixada pela guerra, mas Landor era especial. Não tinha medo.

Nellie fizera dele o seu cão de guarda, encarregado de proteger a família, de vigiar, de percorrer as vielas do Soho, de recolher quaisquer fragmentos de informação com que deparasse. E talvez, acima de tudo, de a manter ao

corrente das idas e vindas de Gwendolen Kelling.

Sabia que Frobisher tinha contratado Gwendolen para se infiltrar nas suas vidas. Sabia-o desde o início. Uma das Quarenta Ladras vira-a com Frobisher, no banco de trás de um carro, à porta de Holloway na manhã em que fora posta em liberdade. A mulher contara a Agnes, e esta tinha enviado uma mensagem a Nellie de Holloway, através da sobrinha, Phyllis, a pequena copeira.

Nellie supunha que fora Frobisher a mandar Gwendolen Kelling ao Amethyst para os espiar. Que sorte para o inspetor o facto de Gwendolen ter podido ajudar o homem ferido de Frazzini, Aldo. Isso representara para ela um excelente cartão de visita. Se Pierrot, submetido a tortura, não tivesse confessado o envolvimento de Maddox em tudo aquilo, quase se poderia pensar que Frobisher, de alguma forma, engendrara toda aquela confusão para introduzir Gwendolen na sua esfera.

Landor sabia de que lado estava a manteiga do seu pão, ao contrário de Oakes, que o queria com manteiga de ambos os lados e também com um pouco de compota. Não que Nellie confiasse totalmente em Landor, mas não confiava totalmente em ninguém. Porque haveria de o fazer?

Landor e Oakes estavam a custar-lhe uma fortuna. Àquele ritmo, se alguém conseguisse tirar-lhe o poder, não encontraria grande coisa nos cofres.

De regresso a Hanover Terrace, Nellie começou a sentir-se mais animada com todas aquelas maquinações. Era uma coisa deliciosa.

Azzopardi estava enganado ao pensar que Nellie não tinha fome suficiente; ela estava a planear um banquete.

*

Claro que Edith não estava morta. Teria sido uma tristeza, pensou Nellie, ter lutado tanto para salvar a sua filha mais velha para depois a ver desaparecer vítima da gula. Cebolas em pickles, do que estava à espera?, pensou furiosa. Edith não tinha comido quase nada durante semanas, devido ao seu estado e depois à operação, e agora, na primeira oportunidade, empanturrara-se com tudo a que conseguira deitar a mão, o que o idiota do Ramsay tinha facilitado.

Ao que parecia, Edith tinha descido à cozinha à procura de mais comida e, nessa altura, segundo dizia o médico, tinha tido uma quebra de tensão («o stress do estômago») e desmaiara ao pé da escada da cozinha, dando todos os indícios de ter caído escada abaixo e partido o pescoço. O diagnóstico de gula foi um alívio. Não era algo que Maud pudesse ter engendrado. Era preciso vigiar Edith de perto, e não apenas em relação à dieta. Ela não estava em segurança enquanto Maddox andasse por ali. As garras dele ainda estavam cravadas nela. Nellie gostaria de a ter fechada, mas preferiu repreendê-la e mandá-la de volta para o quarto com uma caixa de pastilhas de carne desidratada para a manter tranquila.

As palavras «viagem de um dia» surgiram de repente na cabeça de Nellie. Não se lembrava da última vez que tinha dado um passeio desses. A ideia causou-lhe uma súbita vontade de ir a Brighton: o molhe, o pavilhão, o chá à tarde no Grand. Podia caminhar ao longo do passeio marítimo, avançar pelo molhe e, ao chegar ao fim, empurrar Maud, devolvendo-a à água.

– Talvez vá a Brighton – disse a Hawker enquanto entrava a custo no Bentley.

– A sério? – admirou-se ele, incapaz de esconder a sua surpresa.

– Sim, a sério.

– Agora?

– Não, *agora* não. Vai entrar ou não?

– Desculpe, senhora Coker – disse Hawker, surpreendido com a aspereza injustificada do tom.

Sentiu necessidade de salientar que, na realidade, já estava dentro do carro. «Ela anda em baixo desde Holloway», disse mais tarde à filha, cuja resposta foi que ele nunca a levava *a ela* a Brighton. Era uma chata, mas gostava dela. Quando se reformasse, disse-lhe a filha, poderia ir morar com ela em Clerkenwell.

– Não era consigo que estava a falar – disse Nellie a Hawker.

Ficou a observar Maud, que levantava as suas sedas a pingar e subia para o seu lado. Ia estragar os bancos de couro do Bentley, pensou Nellie.

– Então tens um plano, Nell? – perguntou Agnes.

– Talvez.

– Estou admirada por te ver aqui outra vez tão cedo. É simpático da tua parte vires visitar-me.

Em vez de se conceder o prazer de fazer a viagem de um dia a Brighton, Nellie tinha regressado a Holloway. Brighton podia esperar, agora que toda a sua existência estava ameaçada.

– És minha amiga, não és? Claro que te venho visitar. – Nesse momento, Nellie apercebeu-se de que a sua antiga companheira de cela era, de facto, o mais próximo que tinha de uma amiga. Enquanto outros poderiam ter-se sentido desanimados com esta constatação, Nellie sentiu-se aliviada. Os filhos já eram uma obrigação suficiente para ainda ter de acrescentar o fardo da amizade. – Trouxe-te uma caixa de alcaçuz. Entreguei-a a uma guarda, aquela que tem uma cara que parece um *pug* feio.

– A Edna. Não ma vai dar.

– Vai, sim – garantiu Nellie com uma certeza louvável. Um suborno de uma libra e o facto de saber onde a mãe de Edna vivia eram suficientes para garantir que os doces seriam entregues. Recompensa e castigo, os alicerces sobre os quais Nellie havia construído o negócio e a família.

– Estás a dar-me graxa, certo? – disse Agnes a rir. – Obrigada na mesma, Nell. Como está a nossa Phyllis?

– Está bem – respondeu Nellie. – É uma joia.

Phyllis, a sobrinha de Agnes, tinha declarado o desejo peculiar de ter uma vida honrada, e Nellie arranjará-lhe emprego em Hanover Terrace. É claro que podia haver quem não considerasse Nellie um modelo do que era «honrado», mas tudo é relativo. A própria mãe de Phyllis, irmã de Agnes, era o que havia de melhor como ladra de lojas. Toda a família era composta por ladras consumadas.

– Sabes como estamos agradecidas por teres dado trabalho à Phyllis. De outro modo, Deus sabe o que lhe teria acontecido. É provável que tivesse ido para a polícia.

– Bom, estava a perguntar-me o que tens ouvido dizer por aí – disse Nellie, agora que tinham terminado as delicadezas.

– Andas a fazer jogo duplo com o Maddox e o seu subordinado.

– O sargento Oakes – confirmou Nellie.

– O Polícia Que Ri. Uma boa peça.

– Pois é – concordou Nellie. – Espero que isso me dê uma hipótese de pôr travão ao Maddox quando ele fizer a sua jogada. – Mudou de posição na cadeira. – Quem é o Azzopardi, Agnes?

– Ah, sim, o Joe Spiteri. Ouvi dizer que ele estava de volta à cidade. A princípio, não me apercebi de que era ele, porque mudou de nome. Mas claro que isso foi antes do teu tempo, Nell.

– Sim, mas quem é ele?

– Um ladrão, puro e simples, pelo menos antes da guerra. O Spiteri era uma espécie de lenda no seu tempo. Costumava trepar por algerozes, subir a telhados, esse género de coisas. E assim assaltava casas.

– Acho que hoje já não era capaz de trepar por um algeroz.

– Gostava de tirar aos ricos, mas não para dar aos pobres. Grandes mansões em Mayfair e em Belgravia. E também hotéis. O Ritz. O Brown's foi um, acho eu, e o Goring foi outro.

– O Goring?

– Foi aí que apanharam o Spiteri, o Azzopardi como é conhecido agora. Estava a tentar roubar as joias da mulher de um milionário do petróleo americano. Um dos homens do milionário tinha uma arma, alvejou-o, só o atingiu na mão, mas a segurança do hotel apanhou-o. Estava a fazer um último trabalho antes de se retirar. Nunca digas que vais fazer «um último trabalho», Nell. Dá azar. De qualquer modo, detiveram-no, julgaram-no e mandaram-no para a prisão. Foi uma surpresa saber que o tinham posto em liberdade. Tinha-me esquecido dele. Corre o boato de que tudo o que tinha roubado estava guardado em qualquer sítio, mas que ele nunca conseguiu recuperá-lo. Joias, na maioria, de um grande golpe no Ritz.

– Joias?

– Sim, joias. Diamantes, rubis, esmeraldas.

- Ametistas – murmurou Nellie numa voz quase inaudível.
- Sim, ametistas também. Que tem ele que ver contigo, Nell?

*

A hora das visitas terminou da forma abrupta habitual, e Nellie levantou-se da cadeira incómoda prevista para os visitantes.

– Foi bom ver-te, Agnes. Daqui a pouco saís. Nessa altura, vai ao Amethyst para celebrarmos. O champanhe é por minha conta. – Hesitou.

– Precisas de alguma coisa, Nell?

– Ando à procura de reforços.

– Os do Frazzini não são suficientes? – perguntou Agnes com uma gargalhada. – Precisas de meia Londres a apoiar-te?

– Preciso de um exército – respondeu Nellie.

– Vou ver o que posso fazer – disse Agnes.

*

– Para o Amethyst? – perguntou Hawker, depois de Nellie se instalar no banco de trás do Bentley.

– Não, primeiro vamos passar pelo Foxhole. Tenho de os avisar de que vai haver uma rusga esta noite.

– Certo.

Nellie foi pensativa durante o percurso. Não gostava de ser apanhada de surpresa. Agora percebia que Azzopardi não andava atrás dos seus clubes, mas procurava vingar-se.

Empada de Porco

De depois de Nellie se ir embora, o sargento Oakes pegou no jornal que estava no banco onde ela o deixara. Abriu-o e pareceu achar as notícias do dia fascinantes. Daí a algum tempo, como que por um passe de mágica, tirou um pequeno envelope do jornal e meteu-o no bolso do casaco. Não precisou de olhar para saber que continha duas notas de cinco libras. Dez libras. Todas as semanas, prometera Nellie Coker. Dentro em breve, poderia comprar uma casa. Poderia comprar uma rua inteira.

Agora era o servo de dois amos. Sentia-se muito satisfeito consigo mesmo. Ninguém na Bow Street suspeitava dele, o que era curioso. O bom do sargento Oakes, o Polícia Que Ri, sempre disposto a ser prestável e a fazer o trabalho duro, *sim, senhor, não, senhor, sempre ao seu dispor. Ho, ho, ho, hi, hi, hi*. Veriam as coisas de uma maneira diferente quando ele e Maddox expulsassem Nellie Coker do que ela supunha ser o seu reino.

Começou a rir e só parou quando chegou a casa. E o seu bom humor persistiu enquanto bebia quatro garrafas de cerveja, uma atrás da outra. Acabou a tarde rebentando o lábio da mulher quando esta lhe perguntou onde tinha estado. E apanharia outra bofetada se o jantar não estivesse na mesa a horas.

*

Depois do jantar, Oakes voltou a sair. Tinha outro encontro, desta vez num *pub* em Fitzrovia, onde se reuniu com um homem que estava de pé ao balcão, com uma empada de porco e uma caneca de cerveja preta à sua frente.

Alguns meses antes, Maddox havia recrutado Oakes para atuar no seu esquema. Se quisesse ficar com os clubes de Nellie, precisaria de ter ao seu lado um ajudante de campo de confiança. Havia um limite para a dose de ambição que um homem podia gerir sozinho.

Oakes não primava pela espreiteza. Embora se tivesse revelado um enorme trunfo (não havia limites para as baixeiras que estava disposto a fazer), infelizmente Maddox começava a suspeitar de que ele também poderia representar uma enorme desvantagem. Ainda assim, o sargento estava agora na posição perfeita para lhe relatar as idas e vindas de Nellie e, em troca, ela poderia receber informações inofensivas destinadas a enganá-la e mantê-la afastada enquanto tentavam derrubá-la. Pediu um *whisky* para Oakes.

– Obrigadíssimo, chefe.

– E tens a certeza de que ela não faz ideia de que estamos a traí-la? – perguntou Maddox.

– A velha está demasiado obcecada com o misterioso Azzopardi para desconfiar de mais alguém.

– Falaste à Nellie da rusga que preparámos para o Foxhole esta noite?

– Sim. Ela ficou muito agradecida por a ter avisado e disse que eu mereço o que me paga.

– Ótimo. Mais alguma coisa?

– O Frobisher mandou o Cobb investigar na Henrietta Street. Disse que andava à procura de duas raparigas. A senhora Darling despachou-o. Ele informou que não viu nada de suspeito. E eu, como quem não quer a coisa, fiz-lhe perguntas. Aquele rapaz tem peidos no lugar dos miolos. E depois...

– Que duas raparigas?

Oakes voltou a consultar o caderno.

– Florence Ingram e Freda Murgatroyd. A Florence desapareceu. Não é só o Frobisher que anda a investigar, a Freda também tem andado a perguntar por ela.

– Essa Freda é um problema? – perguntou Maddox, pensativo.

– Nada que não possa ser resolvido – respondeu com uma risada. – A pequena Freda é fácil de encontrar. É uma acompanhante de dança no Sphynx. Pode emprestar-me o seu carro outra vez, chefe? – Oakes recriminou-se por ter repetido «chefe». Fora da esquadra, preferia pensar em Maddox e em si mesmo como iguais, parceiros no grande plano de tirar a Nellie Coker tudo o que possuía. Tenho uma encomenda para entregar na zona oeste. Também vou ter de a ir buscar mais tarde.

– Está na altura de comprares um carro, Oakes.

– Em breve poderei comprar uma frota inteira, não é, chefe? – (Nova recriminação.)

– Se não jogasses tanto, talvez já tivesses um, Oakes.

– Não há nada de errado com umas apostazinhas, chefe. – (Mais uma recriminação.)

Maddox acabou a cerveja.

– Vai para casa ter com a patroa, chefe? – perguntou Oakes. – Para as grilhetas do costume.

Na opinião de Maddox, Oakes estava a tratá-lo com demasiada familiaridade. Temia que o sargento estivesse a começar a agir por conta

própria, em vez de cumprir ordens.

Deixou um punhado de moedas em cima do balcão e esboçou um movimento para sair, mas Oakes disse:

– Não vá já, chefe. Há mais. A senhora Darling deu-me uma informação suculenta. Uma das filhas da Nellie, a mais velha...

– A Edith?

– Sim, essa. Também fez uma visita à nossa senhora Darling.

Maddox franziu a testa.

– Fez uma visita? O que quer isso dizer?

– O chefe sabe. Precisava dos serviços da velha. A cabra da Coker livrou-se da sua cria, se assim se pode dizer. Ao que parece, a seguir quase morreu. Até a senhora Darling ficou preocupada. Sente-se bem, chefe? Está pálido.

Quando Maddox se foi embora, Oakes apoderou-se da empada de porco.

– Não se pode desperdiçar nada – disse alegremente, piscando o olho à empregada, ao mesmo tempo que dava uma grande dentada.

Pour le Sport

Gwendolen tinha-se adaptado ao seu novo papel com uma rapidez surpreendente. E Nellie tinha razão: para gerir um clube noturno, tudo o que era necessário era uma mente organizada e ser-se capaz de enfrentar uma crise. As crises eram pouco importantes (não havia pó de arroz na casa de banho das senhoras!) e frequentes (a reserva de champanhe estava a acabar! Os clientes do clube bebiam uma quantidade excessiva de champanhe) e não eram nada em comparação com o desafio de tentar manter vivo um moribundo. Era verdade que ela tinha uma série de perguntas para fazer a Ramsay: *É mesmo esta a margem de lucro da cerveja?* (Sim.) *Posso encomendar sabonete de melhor qualidade para a casa de banho das senhoras?* (Não, Nellie comprava-o por grosso.) E por aí adiante. Parecia-lhe divertida a maneira como Gwendolen estava determinada a gerir aquele navio com eficiência.

Até àquele momento, o único contratempo fora uma das acompanhantes de dança ter sofrido uma entorse no tornozelo, devido a um parceiro desastrado. Gwendolen pôs-lhe uma ligadura e receitou-lhe um *whisky* forte. À parte isso, estava bastante satisfeita com o seu novo emprego. Mal podia imaginar o que as Sras. Tate, Rogerson e Shaw iriam dizer a esse respeito. E quanto ao Sr. Pollock, é provável que a cabeça dele explodisse se a visse no seu papel de senhora das pândegas noturnas.

As acompanhantes de dança eram raparigas simpáticas que lidavam com os clientes com facilidade e que, no final da noite, pareciam desejosas de voltar para as suas camas em vez de irem para as dos homens que tinham desembolsado para dançar com elas. Gwendolen suspeitava de que as coisas talvez fossem diferentes nos outros clubes, especialmente no Sphinx, que tinha uma aura estígia. «Não é grego, é egípcio», disse Ramsay quando lhe fez a visita guiada. Falou muito sobre a maldição de Tutankhamon, embora, de certeza, não acreditasse naqueles disparates?

Na véspera, Gwendolen recebera o ordenado da primeira semana. Ramsay levava-lhe um envelope cheio de dinheiro, dez vezes o que lhe pagavam na biblioteca. («Está admirada?», perguntara Ramsay. «Porque é que acha que as pessoas trabalham para a minha mãe?»)

De certa forma, parecia-lhe errado receber aquele dinheiro pouco limpo. Não precisava de dinheiro e, por isso, no dia anterior, regressara à Regent Street pela primeira vez desde o «incidente da mala de mão», como agora lhe chamava mentalmente, e, sem dar nas vistas, entregara o dinheiro com discrição ao cornetista cego, cujo repertório, entretanto, não se tinha tornado mais alegre.

Ela ajudara-o a guardar o dinheiro no bolso interior do casaco, pois deixá-lo no estojo do instrumento teria sido um convite aberto ao roubo. O homem ficou muito grato, quase submisso. No final, ela ajudou-o a arrumar a corneta e foi com ele até um café próximo, onde tomaram chá juntos. Ficou a saber que ele se chamava Herbert, mas que gostava que lhe chamassem Bert e que, antes da guerra, tinha tocado com bandas nos bailes dos grandes transatlânticos, tendo acabado no *Mauretania*. Gwendolen perguntou-se se poderia levá-lo para bordo do seu próprio navio, o *Crystal Cup*. Supunha que para decisões dessas era preciso consultar Nellie. E talvez o seu espírito melancólico não fosse bem recebido pela banda de dança do Crystal, que era um grupo alegre, pouco inclinado à introspeção.

Devido ao seu horário de trabalho atual (muito diferente do da biblioteca), tivera algum tempo para procurar as suas ovelhas tresmalhadas, mas em vão. Apesar do que garantira a Frobisher, regressara à Henrietta Street, mas os seus esforços para falar com a proprietária de nada serviram. Um pouco contra a sua vontade, foi ver a peça de teatro *The Green Hat*. Sem dizer nada a Frobisher, tinha ido por sua conta, na esperança de que, contra todas as probabilidades, Freda pudesse aparecer no palco. Mas tal não aconteceu.

As ovelhas obstinavam-se em continuar tresmalhadas e, apoiada na máxima segundo a qual não haver notícias são boas notícias, Gwendolen não comunicou a York o seu insucesso.

Depois daquela primeira visita social ao apartamento (ou melhor, «inspeção»), Gwendolen não voltou a ver Nellie. Ramsay era o Coker que fora incumbido de orientar a sua passagem pelo protocolo dos clubes, um assunto em relação ao qual se mostrava extraordinariamente apático. Estava a escrever um romance, disse-lhe com algum orgulho. Era inexperiente, quase ingénuo, mas Gwendolen, com o seu instinto de irmã mais velha reacendido, não podia deixar de sentir afeto por ele.

Tudo isso fora devidamente relatado a Frobisher no bar da estação de Paddington.

Regressou daí a meio da manhã e teve tempo para pensar qual seria a roupa mais adequada ao passeio dessa tarde. Tinha ficado agradavelmente surpreendida com o convite de Frobisher e pensou que seria bom afastar-se da

sujidade e da fuligem das ruas de Londres e, ainda melhor, fugir delas na companhia de Frobisher. Embora, claro, o melhor de tudo (o superlativo) tivesse sido escapar-se com Niven. Não o via desde que começara a trabalhar no Crystal Cup. («Ele vai e vem como um gato», dissera Nellie.) Gwendolen ficou desiludida, mas também aliviada. Ela tinha um coração de ferro, mas ele era um íman. Nada podia correr bem com um homem assim. Acabaria tudo destruído.

O vestido com gola de marinheiro, decidiu, embora não fossem para perto da água. Azul-marinho, com um debrum de um branco imaculado. E o chapéu de palha novo.

*

– Espero que não se tenha ausentado sem licença, inspetor – disse Gwendolen ao subir para o banco do passageiro do carro dele.

– Muito pelo contrário. Disse na esquadra que ia estar fora o resto do dia, a ocupar-me de assuntos de serviço.

– É isso que eu sou? Um assunto de serviço?

– Exatamente. É uma informadora, menina Kelling.

A palavra desagradou a Gwendolen. Implicava calúnia. Traição, até. E, no entanto, era correta, não era?

– Ao serviço de uma causa maior – disse ele para a apaziguar, embora de forma bastante pomposa, na opinião de Gwendolen. Parecia que se preocupava constantemente com o facto de ela poder, de alguma forma, ser atraída pelos Coker para qualquer coisa próxima de um pecado. Seria religioso? Isso explicaria a sua atitude? Ou um Robespierre, movido pela pureza de uma revolução?

Nellie Coker era a *bête noire* de Frobisher, ou talvez a baleia branca que estava determinado a perseguir até à morte. Valeria a pena lançar-lhe o arpão? Ela havia corrompido a Bow Street, disse ele. Corrompido todos com quem entrava em contacto. «A mim, não», garantiu-lhe Gwendolen com um ar animado.

Dessa vez, marcaram encontro em King's Cross – talvez acabassem por fazer a ronda das principais estações de caminho de ferro de Londres. Frobisher estacionou na praça de táxis, com o motor ao ralenti, e ela saltou para o lugar do passageiro.

– Oh, meu Deus, tem um cão, inspetor! – A princípio, não o vira, ele ia no banco de trás, muito quieto, à espera de que reparassem nele. Agora, sentado, olhava-a com uma expressão esperançada. Gwendolen inclinou-se e afagou-lhe a cabeça. – Que querido. De que raça é? Um *fox terrier*?

Frobisher olhou por cima do ombro e fitou o cão com um ar intrigado. O animal pareceu devolver-lhe o olhar.

– Não me parece que seja de uma raça particular. É mais um rafeiro.

Gwendolen nunca pensara que Frobisher fosse dono de um cão e, aos seus olhos, esse facto conferia-lhe uma nova faceta. Recordou-se do lobo-da-

Alsácia que estava com Niven quando o conhecera. Parecia refletir a personalidade do dono, como tantas vezes acontece com os cães. Mas nunca teria identificado Frobisher com um pequeno e atraente *terrier*.

– Como se chama?

Frobisher pensou durante um momento. Saberia como se chamava o seu cão?

– *Pierrot* – respondeu por fim, parecendo estar a inventar o nome.

– *Pierrot*? – repetiu Gwendolen. – Não parece um *Pierrot*. Parece mais um *Spike*, um *Smudge* ou um *Pickle*.

– Não fui eu que lhe dei o nome – disse Frobisher. E, antes que ela pudesse perguntar quem fora, acrescentou: – Tenho de arrancar. Está um taxista irritado atrás de nós. Acho que lhe roubámos o lugar.

*

Frobisher tinha feito uma lista dos vários destinos possíveis para o passeio no seu carro novo, mas depois de entrar, Gwendolen, disse:

– Estava a perguntar-me se Oxford seria demasiado longe para si, inspetor?

– Oxford? – repetiu ele, surpreendido. – De modo nenhum. A cidade dos pináculos de sonho. Vamos então a Oxford.

Ela reparou que continuava entusiasmado. (Mantém-te assim, Frobisher!)

Saíram da cidade e dirigiram-se para oeste. O percurso foi ao mesmo tempo emocionante e aterrador. Frobisher era um condutor entusiasta, que parecia não ter tido aulas de condução e com muito pouca ideia de como funcionava um carro a motor, e, enquanto atravessavam as Chilterns, Gwendolen deu por si agarrada com toda a força ao seu banco no pequeno carro. («Setenta quilómetros à hora de velocidade máxima, menina Kelling!») Era difícil não comparar as suas capacidades como condutor com as de Niven, que manejava o seu carro belo e extravagante com perícia e naturalidade. Niven tinha-se adaptado à era do automóvel, o que era evidente que não se passara com Frobisher.

Gwendolen também não conseguia deixar de comparar os seus sentimentos atuais com o que teria sentido se estivesse sentada ao lado de Niven no Hispano-Suiza, a deixar para trás num ápice as bonitas aldeias rurais, uma após outra. O que haveria no fim dessa estrada? Com Frobisher seria chá e uma visita aos colégios; com Niven, suspeitava de que o destino seria muito diferente.

Com alguma hesitação, Frobisher encarregara-a de lhe fornecer dados sobre as direções a tomar, extraídas de um mapa turístico da Grã-Bretanha da Automobile Association (publicado, como ela reparou, pelo seu velho amigo Bartholomew).

– Em tempos, fui membro da Associação de Guias – tranquilizou-o. – Posso ter pouco sentido de orientação, mas sei ler um mapa.

Pararam em Amersham para almoçar (empadas de carne decentes e canecas de sidra) no jardim de um *pub*. O cão sentou-se aos pés deles e foi recompensado com uma salsicha da cozinha do *pub*.

Depois do almoço, foram passear pelos campos e admiraram as árvores com as folhas novas e os cordeiros gordos. O cão ia preso com uma corda para não inquietar o rebanho. Quando o perigo passou, soltaram-no, e ele correu como um prisioneiro libertado. Não só corria, mas rebojava na erva com uma excitação frenética.

– É um cão da cidade – justificou-o Frobisher. – Tal como eu, hoje em dia.

– Acho que me daria muito bem no campo – disse Gwendolen.

Talvez, pensou, a sua vida futura não devesse ser em York ou mesmo em Londres, mas algures no verde profundo do campo. Uma casinha com telhado de colmo, em ruínas, galinhas a debicar à beira dela. Um feijoad a trepar com flores escarlates e goivos de aroma intenso nos canteiros. Campos ondulantes, matas e bosques sombrios, doces riachos a correr por toda a parte. Deixou-se levar por esse idílio bucólico. Ato contínuo, quase conseguiu ver Frobisher dentro da casa de telhado de colmo, em ruínas, embora não conseguisse fazer Niven transpor o limiar. Ou mesmo o portão do jardim. Tinha de deixar de os comparar, repreendeu-se a si própria. Frobisher nunca levava a melhor, quando, na verdade, isso deveria acontecer.

Surpreendeu-a ao confidenciar-lhe que, na realidade, ele próprio era do campo, filho de um lavrador do Shropshire, e Gwendolen recitou: «*Quando as testeiças de metal da parelha brilharam na curva*», e ele acrescentou: «Edward Thomas». Gwendolen pensou: Ah, isto é bom, um homem que conhece Edward Thomas. Nenhum deles continuou a citar o verso seguinte, que falava de amantes que desapareciam no bosque e, de qualquer modo, o poema não era sobre os amantes, mas sobre a guerra e as suas perdas, e por isso falaram sobre Thomas durante algum tempo e sobre o ótimo poeta que ele era («Elegíaco, mas isso não é de admirar», disse Frobisher) e o excelente poeta que poderia ter sido se não o tivessem matado em Arras.

Quando regressaram ao carro, estavam ambos mais melancólicos, mas esse estado de espírito foi dissipado pelo esforço necessário para voltar a pôr o Austin a trabalhar depois da paragem. Parecia ser um processo extraordinariamente complicado.

– Ainda não aprendi a fazer isto de cor – desculpou-se ele, passando o manual do carro à companheira. – É a minha Bíblia neste momento.

Vai ser-lhe vantajoso ler estas notas com atenção, avisava o manual com severidade. Frobisher já tinha mexido em botões e alavancas dentro do carro e agora Gwendolen lia-lhe em voz alta.

– *Se o veículo estiver parado há algum tempo* – o que, como é óbvio, fora o que se tinha passado – *para voltar a arrancar, deve utilizar a alavanca de escorva manual da bomba de combustível para introduzir no carburador todo o combustível necessário.*

– Sim, estou a fazer isso, menina Kelling – gritou ele de algures debaixo do capô. O cão estava sentado na berma ao lado dele, como se quisesse ajudá-lo.

– E depois *certifique-se de que a cambota está livre, empurrando a manivela para dentro até estar completamente encaixada no cão de arranque*. Que raio é isso? – O cão olhou-a, interessado. – *Rode a chave da ignição para a direita...*

– Consegue fazer isso, menina Kelling?

– Claro.

*

Por fim, estavam de novo na estrada, com um matraquear a um ritmo demasiado ruidoso para conversarem, e a melancolia depressa se dissipou.

– Porquê Oxford? – perguntou ele quando chegaram. – Porque escolheu esta cidade para o nosso pequeno passeio?

– O mais velho dos meus dois irmãos esteve cá. Nem chegou a terminar o primeiro período, mas senti vontade de ver onde ele esteve. De ver o que ele viu.

– Ele foi para a Frente? E não regressou? E também tinha outro irmão mais novo?

– Sim.

– Lamento muito.

– Não vamos ficar a pensar em vidas não vividas, não serve de nada. E já são quatro e meia. Imagino que Oxford seja o género de sítio onde se pode encontrar um bom chá.

E verificou-se que assim era.

Depois, passearam pelos pátios dos colégios e, quando a luz se tornou menos intensa, ao entardecer, por casualidade depararam com um grupo de estudantes ocupados com o que parecia ser uma representação extemporânea de *Sonho de Uma Noite de Verão*, em Christ Church Meadow. Os trajes pareciam ter sido recuperados de um baú de disfarces e muitos dos atores estavam a ler o texto, mas isso não diminuía a magia, parecendo, na verdade, de alguma forma aumentá-la. Não tardaria a chegar a altura dos exames, não é verdade? Talvez aquilo fosse uma pausa.

– Que bonito – murmurou Gwendolen a Frobisher. – É a minha peça de teatro preferida.

Frobisher não disse nada. Não era uma peça viril e não era verão, por isso Gwendolen imaginou que ele poderia levantar essas duas objeções, mas recordou-se de que ele era um homem que achava Edward Thomas «elegíaco» e que tinha um cão chamado *Pierrot*, por isso talvez não fosse tão enfadonho como ela pensava.

Frobisher encontrou um lugar para se sentarem na relva e pousou o casaco para ela se instalar. Tinham acendido lanternas à volta do relvado para demarcar o palco. A encenação era encantadora e captava a essência da peça

sem grande alarde. Infelizmente, estava a chegar ao fim, com Hipólita a declarar que era «a coisa mais estúpida que alguma vez ouvi», referindo-se a *Píramo e Tisbe*, e Gwendolen pensou que, mais de trezentos anos depois, era uma crítica que se podia aplicar a muitas outras coisas.

O público improvisado, espalhado pela relva, parecia ser composto na sua maioria por colegas e amigos. Transbordavam força e juventude, tal como em tempos os seus predecessores condenados a um destino fatídico. A guerra era uma coisa abominável. Deveriam enviá-la de volta para o inferno de onde tinha vindo e nunca mais a deixar sair. Sacudiu um pouco a cabeça para se libertar de pensamentos indesejados.

– Então, menina Kelling?

– Acho que é uma vespa. Já fugiu.

O cão preparou-se para dormir, com a cabeça encostada ao joelho de Gwendolen.

As raparigas que faziam de fadas cabriolavam e saltavam na relva e Gwendolen pensou em Freda. Ela tinha representado o papel de uma dessas fadas, não tinha? Gostaria de a ter visto em palco. Talvez tivesse sido injusta para com essa rapariga, talvez ela tivesse mesmo talento. Onde estaria ela? Talentosa ou não, tinha de continuar a procurá-la, pensou.

Tinham chegado ao final consolador. «Dai-me as vossas mãos, se somos amigos», disse Puck, que usava muita maquilhagem e tinha pequenos chifres de *papier maché* presos na cabeça, «e Robin compensar-vos-á.» Os atores deram as mãos uns aos outros e os elementos do público, num impulso, aproximaram-se uns dos outros e fizeram o mesmo.

A rapariga mais próxima de Gwendolen, que tinha uma coroa feita de margaridas, do género das que as crianças fazem, estendeu-lhe uma mão tímida. Gwendolen recordou-se, de uma forma um tanto incongruente, de certa vez ter estado numa reunião de quacres. Tinha ido várias vezes a essas reuniões em York, quando regressara da guerra, numa tentativa de encontrar consolo ou significado, mas não tinha obtido nem um nem outro. Olhou para Frobisher, que estava do outro lado. Esperava vê-lo embaraçado, e talvez estivesse, mas mesmo assim estendeu a mão e agarrou a dela, por instantes, mas com força.

E depois terminou. O cão acordou. Todos se dispersaram na obscuridade e Frobisher ajudou-a a levantar-se.

– Está na altura de voltar para casa – declarou. Parecia um pouco cabisbaixo com a ideia.

Salve, Mortal!

J á há mais de uma semana que Freda tinha sido convidada por Ramsay Coker para transpor o limiar do Amethyst e entrar no «país das fadas». Depressa pôs de lado a sua ideia anterior de que um clube noturno seria um lugar encantado.

Embora, como é natural, nunca tivesse partilhado essa informação com ninguém, nunca dançara com um homem. Na escola de dança que havia frequentado, em York, mantinham-se a par de todas as danças mais recentes, aos sábados à tarde, depois da aula de sapateado, mas praticavam umas com as outras, e revezavam-se a conduzir e a seguir. Era uma novidade, e não particularmente agradável, ter agora como par um membro do sexo oposto.

O Amethyst era um local barulhento, horrivelmente quente e mal ventilado. Freda surpreendeu-se por as pessoas não morrerem asfixiadas. Aperaltados com trajes de noite, os homens pareciam suar por todos os poros, o que só intensificava o cheiro a tabaco e a álcool que os rodeava. Todos eles pareciam muito grandes em comparação com Freda e muito propensos a pisar os seus pobres dedos dos pés. Ainda assim, ela parecia ser um sucesso, se este se pode medir pelo número de homens que a convidavam para dançar.

– Ela é uma criaturinha popular – disse Betty Coker à mãe. – É um bombonzinho.

– É uma novidade – acrescentou Shirley.

Não sou nada disso, pensou Freda. Sou uma rapariga.

Já tinha acumulado bastante experiência com homens mais velhos. Owen Varley nunca lhe saía do pensamento, mas pelo menos desta vez estava preparada para qualquer investida, embora o pior que lhe acontecera no fim da primeira noite fosse um dedo grande do pé muito magoado.

– No mar acontecem coisas piores – disse a Sra. Coker, o que era um comentário ridículo.

Mas Freda não se importou, porque quando o clube estava a fechar, a

Sra. Coker tirou dez xelins em moedas de uma lata e entregou-lhos. Dez xelins! A Sra. Coker disse que era movida pela generosidade do seu coração, pois costumava pagar às raparigas no fim da semana, mas ainda não tinha decidido se ia ficar com ela ou não. Ao que parecia, estava «à experiência», o que Freda pensava ser uma coisa que só acontecia aos criminosos.

– Bem, podes voltar amanhã, e veremos como te saís – disse Nellie Coker.

O mais extraordinário era que ainda ganhara mais em gorjetas. Não fazia ideia de que se recebiam gorjetas por uma dança até o primeiro homem desajeitado, depois de um *quickstep*, lhe ter dado um xelim, deixando a sua pata húmida na mão dela durante demasiado tempo para ser confortável. E depois outro homem deu-lhe uma gorjeta, e mais outro. Não era uma fortuna incomparável, mas era o suficiente para não passar fome, embora, na verdade, ela nunca mais precisasse de passar fome enquanto trabalhasse no Amethyst, porque havia uma pequena sala lateral para onde as acompanhantes de dança iam quando estava tudo tranquilo (o que nunca acontecia) ou quando não conseguiam continuar sem caírem de exaustão. Havia uma mesa com fiambre, queijo, bolachas de água e sal, jarros de água e um enorme bule de chá. «É preciso dar de beber aos cavalos», dizia Nelly. (Ela também não era um cavalo, era uma rapariga!) Também havia dois tipos de compota. E biscoitos. Florence teria adorado estar ali, para além da dança, claro. Onde estaria ela? E se estivesse enfiada em qualquer sítio, sem nada para comer? Nem sequer um rebuçado de hortelã-pimenta.

Freda não tinha onde dormir nessa primeira noite, mas, por meio de um jogo das escondidas (pensou em Vanda, a desaparecer dentro da caixa do mágico), conseguiu passar despercebida quando o clube fechou e fazer um pequeno ninho num canto quente da cozinha. Era muito menos incómodo dormir com os grandes tachos e panelas e os cheiros a gordura rançosa do que passar a noite com as velhas pedras tumulares em Drury Lane Gardens.

Na manhã seguinte, escapuliu-se antes que alguém aparecesse e tomou o pequeno-almoço num café na Dean Street, mesmo ao lado do Amethyst. O dinheiro que recebera permitiu-lhe banquetear-se com um tal número de salsichas que mal se conseguiu levantar da mesa quando terminou.

A coisa mais sensata a fazer seria começar a procurar alojamento, mas, em vez disso, Freda estava determinada a voltar à casa de penhores na Meard Street, com a missão de resgatar a pregadeira do pássaro azul. De certo modo, parecia imperativo, de alguma forma, quase como se fosse a própria Florence a ser devolvida ao apresentar o recibo, cuidadosamente guardado.

*

Nem Florence, claro, nem pregadeira do pássaro azul. Não só isso, mas o homem atrás do balcão negou ter ficado com ela à sua guarda.

– Mas eu tenho o recibo – disse Freda, acenando-lhe com o pequeno pedaço de papel amarrotado. Apesar dessa prova, o homem afirmou que ela

estava enganada. Freda só queria gritar de frustração e foi exatamente isso que fez, e o penhorista tirou um taco de críquete de trás do balcão e ameaçou «dar-lhe uma coça» se ela não saísse da loja.

– Porque não vais à polícia? – perguntou-lhe com ar sarcástico.

Não, obrigada, pensou Freda, recordando-se do polícia horrível que lhe tinha roubado a meia coroa e que a tinha aconselhado a ir a Tisbury Court.

Era evidente que o penhorista vendera a pregadeira. Devia tê-la guardado durante um mês e de certeza que a tinha vendido à primeira oportunidade. Que malvadez, e agora outra mulher que não a Sra. Ingram estava a usar a pregadeira do passarinho. Freda pensou em como a mãe da amiga iria ficar triste com a perda. Não era tão grande como a perda de Florence, claro, mas as duas coisas misturavam-se na cabeça de Freda enquanto caminhava, desalentada, pela Wardour Street.

E, no entanto, era possível que Florence já tivesse regressado a casa, limitando-se a apanhar um comboio e a voltar a York, por já não estar interessada em Londres nem em Freda. A ideia animou-a. Os Ingram perdoar-lhe-iam tudo, até mesmo a perda das pérolas e da pregadeira com o pequeno pássaro azul, e Florence retomaria a sua vida onde a tinha deixado. Talvez um dia contasse aos filhos a história de como uma vez fugira para Londres. Porque, sem dúvida, Florence casaria e teria filhos (Freda imaginou-os fanhosos e com pé chato) e nunca lhe faltaria dinheiro, comida ou um teto, porque outra pessoa lhe satisfaria sempre todas as necessidades. O mais próximo que estaria de um palco no futuro seria quando levasse esses mesmos filhos ao espetáculo de Natal do Theatre Royal de York. Recordar-se-ia de Freda quando visse as crianças da aldeia a dançar e a cantar à volta de Aladino ou de João e do pé de feijão mágico?

Tinha-se convencido de que seria esse o futuro de Florence e já começava a sentir-se aborrecida com ela por não ter encontrado uma forma de lhe dizer que estava de regresso, sã e salva, ao seio da família. Podia, pelo menos, ter enviado um dos seus malditos postais com os «Monumentos de Londres». Mas, nesse caso, teria sido entregue na Henrietta Street e era provável que a Sra. Darling o tivesse deitado à lareira.

No entanto, agora que tinha algum dinheiro, Freda podia telefonar aos Ingram, não podia? Pedir para falar com Florence, para ficar descansada. Quanto mais imaginava, mais se convencia de que Florence estava de regresso a casa, sentada no sofá de pelúcia dos Ingram, a comer amêndoas açucaradas de um pratinho de prata. *Filigrana*, pensou Freda.

Dirigiu-se à Broad Street, às novas cabines telefónicas que tinham sido instaladas no passeio, e introduziu dois *pence* na ranhura do telefone. Sobressaltou-se quando o Sr. Ingram atendeu de imediato, como se estivesse ao lado do aparelho no seu corredor apainelado de carvalho.

– Quem fala? – gritou, antes que Freda tivesse hipótese de dizer fosse o que fosse. – És tu, Florrie? – Ouviu o tom de desespero na sua voz. E sobressaltou-se ainda mais ao ouvir: – És tu, Freda? – (Não conseguia *vê-la*

pelos fios do telefone, pois não?) – Sabes onde está a Florrie? – perguntou. – Freda? Freda?

Em vez de carregar no «botão B» para falar com ele, fugiu. Nem sequer se deu ao trabalho de recuperar os dois *pence*.

*

Sentia-se demasiado abatida para andar pelas ruas à procura de um quarto para arrendar e passou a maior parte do resto do dia num Lyons ou noutro, pois pareciam os locais mais prováveis onde encontrar a Florence errante, embora no seu íntimo soubesse que, tal como a pregadeira do pássaro azul, a amiga tinha voado para longe.

Em Piccadilly, caminhando entre Corner Houses, passou por um *stand* de automóveis junto ao Ritz. Tal como o próprio hotel, parecia resplandecer com o brilho da riqueza. Freda estava a pensar como seria possível ter um daqueles carros, quando ficou de respiração suspensa ao ver um deles. Era o mesmo carro em que Florence entrara no Strand no dia da sua maldita audição.

Como que atraída por ele, entrou na sala de exposições e ficou ao lado do carro, a olhá-lo como se estivesse hipnotizada. Era impossível não estender a mão para acariciar o capô brilhante da máquina e só acordou do transe em que o carro a tinha lançado quando um vendedor arrogante se aproximou dela e lhe disse, de uma forma muito sarcástica:

– Desculpe, menina, em que posso ser-lhe útil?

*

À hora marcada, apareceu no Amethyst, e Betty mandou-a ir para o Sphinx, pois faltavam duas acompanhantes. Freda ficara a saber que Nellie Coker era dona de cinco clubes e perguntou-se se não teria de andar sempre num vaivém entre uns e outros.

– Ah, e toma, fica com isto – disse Nellie, entregando-lhe um embrulho envolto em papel castanho. – É um vestido novo, não podes continuar a usar essa roupa ridícula.

– Novo? – repetiu Freda, entusiasmada com a ideia.

– Não é novo – disse Nellie. – É novo para ti.

Freda ainda estava entusiasmada, a pensar que poderia ser qualquer peça de roupa que Betty ou Shirley tivessem posto de parte, mas afinal era uma coisa velha que tinha sido usada até ao fio por uma das acompanhantes e deixada para trás quando ela «se mudou», embora não tivesse sido especificado quando nem para onde.

– Ela vai fazer um sucesso no Sphinx – disse Betty.

– Como um cordeiro no meio de uma matilha de lobos – disse Shirley. (Não era um cordeiro, mas uma rapariga.)

Afinal, era Ramsay Coker quem estava encarregado do Sphinx. Na

opinião de Freda, ele era um palerma de primeira apanha. Tinha sempre a cabeça nas nuvens. «Estou a escrever um romance», dissera-lhe ele, como se isso fosse motivo de orgulho e não houvesse já romances suficientes no mundo. Era incapaz de organizar uma tômbola, quanto mais um clube noturno. O Sphinx funcionaria igualmente bem sem ele. Gerrit, o *barman*, e o gerente de Glasgow estavam sempre a maquinar qualquer coisa juntos, com os seus sotaques incompreensíveis. Roubavam aos Coker o que podiam, surripiavam dinheiro, mas Ramsay parecia alheio ao que se passava mesmo debaixo do seu nariz.

Nessa primeira noite no Sphinx, Freda só ganhou gorjetas porque, ao que parecia, já não estava à experiência e receberia o salário no final da semana como toda a gente, mas isso não era problema, pois ainda tinha a maior parte do dinheiro que ganhara no Amethyst. Ao Sphinx iam alguns tipos muito estranhos e ela tinha de se manter alerta, em mais do que um sentido. Na casa de banho das senhoras encontrava sempre pequenas caixas de cartão, com comprimidos, que tinham sido abandonadas. Os vestígios de pó branco que continham eram exatamente iguais aos que encontrara no embrulho de postais de Florence. O sabor também era o mesmo. «É droga», disse-lhe uma das acompanhantes, que a seguir teve de lhe explicar do que se tratava. Freda sentiu um calafrio. Não conseguia imaginar que Florence era drogada. Mas também não conseguia imaginar Florence a desaparecer sem deixar rasto.

Freda usou as mesmas táticas que usara no Amethyst quando chegou a hora de fechar e encontrou um lugar para dormir num dos armazéns. O Sphinx, depois do fecho, parecia muito diferente do Amethyst. Ouviram-se estranhos rangidos, batidas e pancadas durante toda a noite e era o mesmo que estar fechada num túmulo egípcio. Havia um gato mumificado, na realidade um gato morto, em cima do balcão, que empestava o ar com a sua malevolência. Freda não conseguia deixar de pensar em todos os ratos que ele devia ter matado no Antigo Egito.

*

E então deu-se um milagre. Um verdadeiro milagre. Não a ressurreição de Florence, mas uma coisa quase tão prodigiosa.

No dia seguinte, Freda ia a caminhar pela Poland Street, onde uma das acompanhantes do Sphinx lhe dissera que havia uma pensão com quartos decentes. Estava a contar os números das portas quando ouviu uma voz rouca atrás de si gritar: «Freda! Freda!». Virou-se e viu uma mulher a fitá-la pasmada e a estender uma mão para lhe tocar na face, como que para se certificar de que ela era real.

– Freda, és mesmo tu, amor? Entre todas as pessoas do mundo inteiro, dou contigo aqui.

E, de súbito, Freda viu-se envolta em pelo de rato e nos odores familiares do Habanita e dos cigarros Sarony. Ao que parecia, Vanda já não

estava em Grantham.

*

Agora tinha um apartamento ali perto, num beco escuro atrás de uma fila de restaurantes. Para lá chegar, era preciso fazer uma corrida de obstáculos por entre caixotes do lixo galvanizados que exalavam um cheiro a peixe, a tripas e a algo ainda mais obscuro e desagradável.

– Têm andado a envenenar os ratos – explicou Vanda. O cheiro seguiu-as até ao interior do edifício («Morreram dentro das paredes»), mas, felizmente, já se tinha dissipado quase todo quando chegaram à porta de entrada de Vanda, no terceiro andar. – É uma subida e peras – disse ela. – Um senhor caiu desmaiado em cima de mim no patamar do segundo andar. Era o coração. Esticou o pernil. Uma pena. Lar doce lar! – disse, abrindo a porta com um floreado.

*

E agora Freda também vivia lá. Tinha um sítio para onde voltar todas as noites e mergulhar os pés doridos numa bacia de esmalte com água quente, cortesia de um pequeno esquentador a gás fixado na parede ao lado do lava-loiça da cozinha. Havia duas divisões, uma cozinha e um quarto. Freda dormia na cozinha, numa cama montada numa alcova, como se fosse um armário, mas com uma cortina pendurada num fio, que ela podia correr. Para chegar ao seu pequeno cubículo, tinha de passar por uma floresta de meias e cuecas de Vanda («miudezas», como esta lhes chamava misteriosamente), estendidas por todo o lado a secar.

Vanda e a sua amiga Joan, que tinha o apartamento ao lado, passavam a noite a subir e a descer as escadas, com «cavalheiros amigos» que levavam para casa com elas, algo que Freda só descobriu na sua noite de folga, porque em geral, quando voltava do Sphinx, os cavalheiros amigos tinham-se ido embora e Joan e Vanda estavam sentados na pequena cozinha húmida e quente, a fumar cigarros e a partilhar uma garrafa de *gin*. «A ruína das mães», dizia Joan alegremente. Tinha um filho na Marinha, disse ela. Freda não gostava de perguntar o que tinha acontecido ao bebé que Vanda deixara em Grantham.

Joan tinha um rosto grosseiro e um cabelo estranho, de um preto não natural, que colocava na cabeça para esconder uma calva, mas levava a Freda bolachas Empire e fazia-lhe cacau. Os cavalheiros amigos de Joan eram diferentes dos de Vanda porque ela tinha aquilo a que chamava «especialidades».

– Como os folhados com creme de baunilha e os *petit fours*? – perguntou Freda, lembrando-se do Sr. Birdwhistle e dos seus bolos.

– Sim, amor, uma coisa do género – respondia Vanda, mantendo o seu papel de protetora da inocência de Freda, sem saber que já a haviam

manchado. Freda preferia guardar para si a história com Owen Varley, pois parecia-lhe tarde demais para ter simpatia e compreensão.

Por vezes, as três jogavam às cartas e Vanda recordava-se da época em que andavam na estrada com as Malhas e como Duncan era um ás com as cartas. Quando Freda disse que tinha ouvido que Duncan estava na prisão, Vanda respondeu:

– Então não sabes? – O que é que não sabia? – Enforcou-se.

– Santo Deus! – exclamou Joan, embora não conhecesse Duncan.

Fizeram um brinde em sua memória com *gin*, cacau e bolachas Empire.

*

Nessa noite, o Sphinx tinha fechado mais tarde do que era habitual. Não havia sinal de Ramsay, e o *barman* holandês e o gerente de Glasgow tinham decidido mantê-lo aberto para fazerem algum dinheiro extra.

Freda não gostava de voltar para casa a pé àquela hora, pelas ruas mal iluminadas. Havia sempre os imprevistos a evitar: pessoas que apareciam do nada, como polichinelos a saltarem de uma caixa. Alguns queriam dinheiro ou vender-lhe qualquer coisa, mas muitos queriam-na apenas a ela. Nessa noite, tinha a sensação arrepiante de que alguém a estava a seguir, mas sempre que olhava para trás não via ninguém.

Havia um gato a miar algures e também se ouvia uma luta de bêbedos. Além disso, pessoas cantavam e gritavam, sem dúvida em consequência do álcool, e seguiu por ruas secundárias numa tentativa de evitar quem quer que fosse.

Mas ia *mesmo* alguém a segui-la, num carro que avançava lentamente. As acompanhantes de dança do clube estavam sempre a contar histórias de raparigas que tinham sido raptadas na rua. Por sorte, nesse momento, cruzou-se com um grupo de bêbedos e o carro avançou. Não era muito entendida em carros, mas podia jurar que era o mesmo que julgava ter levado Florence. Um Wolseley Open Tourer, como lhe chamara o homem do *stand*.

Não teve tanta sorte quanto isso, pois um dos homens agarrou-a pela cintura e levantou-a como se fosse carregá-la e levá-la, enquanto os outros se limitavam a ficar espedrados à volta, a rir.

Aquilo nunca parava, pois não?, pensou Freda. Para onde quer que fosse, não era mais do que um brinquedo com que se divertiam. A primeira coisa que iria fazer no dia seguinte era arranjar uma faca para se defender.

Conseguiu libertar-se e fugir. Por instantes preocupou-se, não fosse o bando persegui-la, mas, quando olhou para trás, já tinham desaparecido.

*

– Estás bem, amor? – perguntou Vanda quando ela chegou a casa. – Fiquei acordada à tua espera. Esta noite, a ruas estão num rebuliço. Anda para aí todo o género de tipos esquisitos. Queres que te prepare um chá?

9. *On probation*, no original, tem o duplo sentido de «à experiência» e «em liberdade condicional». (*N. das T.*)

Conversa de Chacha

Ramsay esperava que, pelo menos, a estúpida Festa dos Bebés lhe pudesse dar algum material novo. Os Bright Young Things eram uns idiotas inúteis, mas os seus excessos imbecis podiam proporcionar um capítulo cínico e mordaz em *A Era do Deslumbramento*. Já para não falar do potencial para acumular cadáveres, porque alguém *devia* matar aquela gente horrorosa, nem que fosse apenas entre as páginas de um livro.

Uma ama hirsuta, que parecia um fogueiro de um navio, passou por Ramsay a empurrar um grande carrinho de bebé, onde um jovem de aspeto efeminado se tinha enfiado desajeitadamente. O jovem, vestido com o que parecia ser um *babygrow* feito à medida, estava a chupar num biberão. Ali perto, uma rapariga que Ramsay sabia ser filha de um membro proeminente do Governo, gatinhava na relva com uma chupeta enfiada na boca, que, de vez em quando, tirava para gritar «Buaa-uaa-uaá!», como se estivesse numa aflição. Por fim, foi «salva» por outra ama; na verdade, um membro da Brigada de Guardas – Ramsay reconheceu-o do Sphinx – vestido com um uniforme de enfermeira, aparentemente requisitado ao Norland College.

A pessoa a quem, na origem, pertencia o uniforme devia ser muito grande, pensou Ramsay. Mas muitas vezes as amas eram assim. Eles próprios haviam tido uma durante algum tempo na sua longínqua infância escocesa, muito antes de Kitty ter nascido. A mulher, gigantesca, foi mais tarde condenada à prisão por tentar assassinar uma das crianças a seu cargo. Podia facilmente ter sido um deles. «Foi uma sorte escaparmos», dissera Nellie, imperturbável.

A Festa dos Bebés realizava-se num jardim diante de uma das casas mais magníficas de Londres, em Lowndes Square. Grinaldas de luzes iluminavam o local, bem como o desfile ridículo de pessoas que continuavam a chegar, em carrinhos de bebé ou em trotinetas e triciclos, vestidas com roupas de bebé, a agitar rocas ou com chupetas na boca, a agarrar uma

variedade de bonecas, ursos de peluche, barcos de brincar e por aí adiante, de modo que pareciam chegadas de um saque à Hamley's. Uma vez nos jardins, andavam em cavalos de baloiço e em trotinetas de madeira, brincavam com arcos ou montavam à vez um triste grupo de burros, sem pararem de gritar de excitação.

Ramsay mantinha-se afastado dessa palhaçada descarada. O romance de Vivian Quinn, muito apregoadado (por ele próprio), *Conversa de Chacha* (o título não podia ser mais estúpido), era sobre «Bright Young People que vão perdendo o seu brilho», não era? Se Quinn conseguia fazê-lo, então Ramsay também conseguia. E se se apressasse, podia fazê-lo primeiro e toda a gente pensaria que o romance de Quinn era apenas uma cópia – ou uma homenagem, o que, na realidade, seria ainda melhor.

Um burro zurrou com grande ruído, ou talvez fosse um dos foliões, pois era difícil distinguir uns dos outros. Aquelas pessoas eram umas idiotas mimadas. Edith encontrara uma vez um bando de mulheres assim, a percorrer de gatas um passeio sujo de Seven Dials, pois, na altura, estava na moda a caça ao tesouro. Uma das raparigas perguntou-lhe:

– Por acaso não encontraste um vombate empalhado, pois não?

Edith, com uma presença de espírito astuta, respondeu que achava que havia um na torre de Londres, informação que as fez partir aos gritos na direção do Embankment, como as frenéticas ménades trácias em busca de Orfeu.

– Há mesmo um vombate empalhado na Torre de Londres? – perguntou Kitty, que não fazia ideia do que isso era e imaginava um grande morcego, talvez uma fêmea.

Segundo os jornais da manhã seguinte, um grupo de Bright Young People tinha escapado por pouco à prisão quando tentava entrar na Torre, numa aparente tentativa de roubar as joias da Coroa para pregar uma partida. Foram libertados com uma admoestação.

– Deviam cortar-lhes a cabeça – foi a opinião de Nellie.

Quando a caça ao tesouro passou à história, aqueles jovens detestáveis passaram a organizar festas, quanto mais ridículas e exibicionistas melhor, como aquela Festa dos Bebés com o seu código de vestuário de *babygrows*, casaquinhos de malha e toucas para o sol. Ramsay preferia morrer a ter de usar aquilo.

Como é evidente, os Bright Young Things não eram os únicos a parecer obcecados por diversões lúdicas. Havia festas em todo o lado, a toda a hora – festas de «neve» em Mayfair, festas de ópio transportadas do West End para Limehouse, orgias no Soho, *cocktails* em Knightsbridge e bacanais de todo o tipo à porta fechada de casas particulares, como aquela em Piccadilly a que Rollo levava Shirley na noite anterior. O truque dessa festa, disse ela, era manter-se disfarçado o máximo de tempo possível e, para isso, as pessoas tinham levado consigo várias mudas de disfarces.

Shirley, que graças à sua relação com Rollo se movia em círculos mais

elevados do que os restantes Coker, contou que tinha ido a outra festa na semana anterior em Piccadilly, onde o príncipe de Gales tinha começado a noite como príncipe Carlos Eduardo Stuart antes de envergar as vestes brancas do Ku Klux Klan e depois terminar como um *coolie* chinês. Também lá estavam três ratos cegos, um par de avestruzes brancas, Lord Blandford vestida de nadadora do canal da Mancha, Lord Berne mascarado de noiva-macaca, com véu e tudo, e Winston Churchill disfarçado de Nero.

– Decadência e mais decadência – comentou Shirley alegremente. – Ah, e claro – acrescentou – o teu amigo Vivian Quinn estava lá.

– Não é meu amigo – resmungou Ramsay.

*

Quando Ramsay chegou, todos na Festa dos Bebés já pareciam estar muito embriagados. As bebidas alcoólicas eram servidas em canecas de infantário e o «bar» era um parque portátil para bebês. O *barman* do Ritz tinha criado um *cocktail* especialmente para a ocasião. Chamava-se Leite Materno e consistia em creme de cacau, *gin*, açúcar e natas, e bastava o nome para fazer Ramsay sentir-se enjoado, sem dúvida em relação à sua própria mãe, embora, de facto, só Niven tivesse sido alimentado ao peito de Nellie e os outros tivessem sido obrigados a sobreviver o melhor que podiam com leite de vaca em pó da Nestlé, depois de Nellie decidir que já tinha problemas suficientes na vida sem andar com um filho mais ou menos em permanência agarrado a ela como uma lapa a uma rocha.

Apesar do nome, a bebida escorregou facilmente pela garganta de Ramsay, sem dar grandes pistas quanto ao seu teor alcoólico. As canecas de infantário com cerveja eram pequenas e ele já tinha bebido o conteúdo de uma com a Little Miss Muffet e de outra com a Old Mother Hubbard e estava a agarrar-se a uma terceira com a Baa Baa Black Sheep como se fosse um bote salva-vidas. Até agora, graças a Deus, tinha conseguido evitar o encontro com Pamela Berowne, a anfitriã da festa.

Como o irmão abominaria aquela loucura, pensou Ramsay, enquanto um vigoroso jogo da bola se iniciava à sua volta. Ramsay invejava a segurança de Niven; ele tinha a batalha de Passchendaele às costas para justificar a sua indignação latente, enquanto Ramsay tinha apenas um sanatório suíço e um desejo ardente de ser reconhecido num palco mais vasto. Ou em qualquer palco.

Refugiou-se num canto isolado, a coberto de ligustros, para tomar notas. Agora levava um caderno para todo o lado, embora de momento estivesse demasiado embriagado para escrever algo coerente e os seus apontamentos consistissem sobretudo em escrever repetidamente a palavra «idiotas!» em maiúsculas. Um empregado que passava com uma bandeja encontrou-o e, com uma expressão impassível, perguntou:

– O senhor deseja mais Leite Materno?

Ramsay tirou da bandeja uma caneca com um *cocktail* Jack and Jill.

Perguntou-se como iria arquitetar um homicídio ali. Um assassinio fictício, mas, mesmo assim, tinha de o representar mentalmente, não tinha? Um estrangulamento no meio dos arbustos, uma bomba a detonar no local de um jogo da macaca? Pareceu-lhe que veneno no Leite Materno era o mais simples.

Era fácil arranjar veneno, bastava ir à farmácia ou à loja de ferragens e dizer que tinha ratos. Havia uma loja de ferragens ao lado do Amethyst, que fazia parte da complexa rota de fuga secreta, e resolveu comprar algum veneno no dia seguinte. Estricnina, imaginou. Ou arsénico. Cianeto, talvez. Todas elas eram palavras atraentes. Intrigava-o saber qual seria a sensação de comprar o que era, para todos os efeitos, uma arma do crime. Iria sentir uma pontada de culpa? Mas seria absolutamente legítimo: afinal de contas, tinham ratos e não podiam limitar-se a esperar que Phyllis estivesse sempre a matá-los à vassourada, embora ela parecesse gostar de o fazer de uma forma que o punha um pouco nervoso.

Ramsay foi-se apercebendo lentamente do seu estado de embriaguez, depois de ter bebido quase todas as histórias da Mãe Ganso e de ter consumido o pacote de cinco xelins de cocaína de que se tinha munido como escudo protetor antes de ir para ali. Também já não estava seguro entre os ligustros, pois pessoas com nomes estúpidos como Bunny, Bingo, Pingo e Pongo tinham caído sobre ele de repente, confundindo-o com um participante no seu jogo das escondidas. Arrastaram-no para um sítio desprotegido e foi preciso uma sessão breve mas vigorosa de socos para lhes escapar. Ramsay não era tão bom lutador como Niven, mas tinha passado algum tempo no ringue em Fettes, onde nem sempre era derrotado, e, treinado por Niven, não tinha medo de enfrentar os seus adversários se não houvesse alternativa.

À medida que a noite se prolongava, o local assemelhava-se cada vez mais a um manicómio. Foi quando Ramsay deu por si a ajudar o mordomo da «mansão» na tarefa de expulsar um burro relutante da biblioteca (o que não era tarefa fácil) que decidiu que já não conseguia aguentar mais aquele espetáculo burlesco. Estava prestes a dar a noite por terminada quando avistou o inimigo a aproximar-se: um ataque em duas frentes, com Pamela Berowne a galopar em direção a ele pelo flanco esquerdo e Vivian Quinn, com o seu habitual sorriso de satisfação, a aproximar-se dele a um ritmo mais vagaroso pelo flanco direito. Quinn, reparou Ramsay, estava vestido com um traje de toureiro espanhol.

Impunha-se uma manobra de evasão. Ramsay correu pelo jardim, com Pamela atrás. Teve de transpor uma série de obstáculos aleatórios: bonecos vítimas de um abandono insensível, um cavalo de baloiço e um carrinho de bebé partido por ter sido usado numa corrida de carrinhos de mão. Acabara de saltar uma série de sebes de buxo como um hábil corredor de obstáculos e ia quase a chegar ao gradeamento de ferro no limite da propriedade, quando uma trotineta caída o derrubou e o atirou para a relva.

– Acho que fui eu que o apanhei – disse um Quinn triunfante a Pamela

Berowne, pondo um pé em cima de um Ramsay esparramado no chão, como um caçador de caça grossa a reclamar a sua presa. Ou como um toureiro depois de vencer o combate com um touro. Pamela concordou antes de se afastar. Na opinião de Ramsay, ela parecia aceitar a derrota com bastante facilidade. Embora aliviado por ter escapado à corte que ela lhe fazia, gostava de pensar que, se estivesse interessado em alguém, daria mais luta.

– Não pertenço a nenhum de vocês – ripostou irritado enquanto Quinn o ajudava a pôr-se de pé.

– Tens razão, Coker, não nos pertences – retorquiu Quinn. – Pertences é ao Azzopardi.

*

– Ah, que tolos são estes mortais, não é, Coker? – disse Quinn enquanto acendiam um cigarro na orla do jardim.

– Porque é que estás vestido de toureiro, Quinn? O código de vestuário indicava «Bebé».

– Depois vou a um sítio de adultos.

– Já que falaste de adultos, Quinn, gostava de saber por que motivo me abandonaste no jogo na semana passada? Estou curioso sobre o teu papel de intermediário com o Azzopardi. Pareces um lacaio. Ou um cãozinho de regaço. O que se passou, o maltês pagou-te para me levares a Belgravia?

Quinn manteve-se impassível. Era difícil insultá-lo, pois parecia tomar tudo por um cumprimento.

– Esse submundo de crime e delinquência parece-me bastante atraente. A ti não? Provoca-me um calafrio de perigo. – Fingiu estremecer, como um ator de segunda categoria. – Especialmente se quisermos usá-lo num romance. – Fez uma pausa, para se certificar de que as suas palavras iriam ter o efeito pretendido em Ramsay. – O que é o meu caso, como sabes.

Não, rugiu Ramsay em silêncio. Quinn não tinha qualquer direito sobre o submundo, não o compreendia de todo, enquanto Ramsay vivia no seu interior todas as noites. Ele pertencia-lhe. Não disse nada. Não iria dar a Quinn o prazer de ver a sua indignação.

– Um romance ou um artigo – prosseguiu Quinn com jovialidade. – O *Times* encomendou-me um longo artigo. Tenho contactos lá. «Os indivíduos perversos que dominam o submundo londrino.» Uma coisa desse género. Jornalismo sério.

– Tu, um jornalista sério?

– Todos temos as nossas ambições, Coker. Algumas mais realizáveis do que outras. Olha para ti, esperas vir a ser um autor de *bestsellers*. Boa sorte, amigo.

Quinn soltou uma gargalhada e pôs o braço à volta dos ombros de Ramsay, que o sacudiu com irritação.

– Então, houve uma editora que o aceitou? Ao teu romance? – Recusava-se a repetir o seu título estúpido.

– Não, ninguém o viu, absolutamente ninguém. Eu odiaria entregar alguma coisa que não fosse perfeita. Está em cima da minha secretária, à espera de um retoque final. O que não será problema, pois é brilhante, modéstia à parte. Ainda não disseste se gostas do meu fato? Chama-se *traje de luces*. Já estiveste em Espanha, Coker? Não estiveste, pois não? Na verdade, quando estive em Paris, tive uma discussão muito interessante sobre touradas com um tipo americano chamado Hemingway, um jornalista, que escreve histórias. Este ano vai publicar um romance sobre *los toros*, devias estar atento, esse tipo vai ser famoso...

– Vai-te lixar, Quinn!

– Na verdade, tenho um recado para ti do Azzopardi – disse Quinn, imperturbável. – Ele anda à tua procura.

– Deve querer o dinheiro que lhe devo – respondeu Ramsay, desalentado.

– Não é nada de tão banal como isso.

– Então o que é?

– Não sei. Qualquer tipo de reparação.

– De reparação? O que quer isso dizer?

– Suponho que és tu, Coker. Provavelmente é a ti que ele quer. Sabes, uma velha rainha à procura da carne de um jovem príncipe. Provavelmente só quer passar uma noite contigo como pagamento.

A máscara de cinismo de Quinn desvaneceu-se por um momento e ele pareceu penalizado. Azzopardi também o dominaria? Quinn apreciava coisas estranhas e talvez Azzopardi as fornecesse. Ou então era chantagem. Um homem como Quinn convidava à chantagem.

– De qualquer modo, tenho de ir – disse Quinn, com a máscara malévola afivelada. Tenho uma coluna para escrever. *Esta noite, os Bright Young Things superaram-se a si próprios nas suas brincadeiras caprichosas. Ramsay, o filho mais novo da famosa Nellie Coker, a proprietária de clubes noturnos, foi visto a desfrutar da diversão e dos jogos.* Que te parece?

– Não te atrevas a escrever sobre mim! – exclamou Ramsay, zangado.

E deu um murro, mal direcionado, pois estava encharcado de Leite Materno. O golpe só encontrou ar vazio porque Quinn, com uma agilidade surpreendente, já se tinha desviado.

– É melhor pirares-te antes que te magoes, Coker – aconselhou-o a rir. – De qualquer modo, vou voltar para a festa. O Pingo prometeu jogar à bola comigo. Ou seria o Bingo? Acho que não importa. Tenho certeza de que será um jogo *explosivo*. Boa noite, Coker.

Com um saltinho pateta, regressou ao jardim de onde tinham vindo.

Ramsay sentiu-se capaz de matar Quinn. De o apunhalar no coração e de ficar a vê-lo aperceber-se do idiota que era enquanto a sua vida se esvaía.

inevitavelmente, não havia um táxi à vista.

Ao dobrar uma esquina, reparou num carro estacionado debaixo de um candeeiro que iluminava a sua carroçaria amarela e brilhante. Sabia muito bem de quem era o carro. Entrou em pânico e deu meia-volta, pronto a fugir, mas, como num pesadelo, lá estava Azzopardi em pessoa, a bloquear-lhe o caminho.

– Vai a algum lado, senhor Coker? – perguntou com um sorriso mordaz e a sacudir um dedo na sua direção, num gesto que conseguia ser ao mesmo tempo cómico e terrivelmente ameaçador. Com o estômago a elevar-se e depois a cair num abismo, Ramsay pensou que o ajuste de contas estava a chegar. Azzopardi abriu a porta do carro e disse: – Vamos dar uma voltinha, senhor Coker? Vai gostar de saber que pensei numa maneira de me pagar.

*

Azzopardi deixou-o no mesmo sítio onde o tinha apanhado e afastou-se. Ramsay sentiu-se tão fraco que teve de se sentar na beira do passeio para recuperar. Tinha prometido a Azzopardi o dinheiro que lhe devia, dizendo-lhe que iria pedir a Nellie que lho desse. (Dar-lho-ia? Possivelmente não.) Ou então a Niven: Niven tinha dinheiro, o irmão tirá-lo-ia daquele buraco. De certeza? Mas não, era demasiado tarde para tudo isso, dissera Azzopardi.

Quinn estava enganado – Azzopardi não o queria como reparação. (Teria concordado se isso significasse a liquidação das suas dívidas? Era uma pergunta sem resposta.) Mas Quinn tinha razão numa coisa: Azzopardi não queria dinheiro, mas algo que considerava muito mais valioso. Queria papéis.

Ramsay acendeu um cigarro e, quando levantou os olhos da chama do fósforo, avistou algo do outro lado da rua. Era novamente a maldita múmia egípcia que vira dez dias antes. Não a cambalear de uma forma cómica como da última vez, mas a caminhar num passo determinado na direção de Lowndes Square, como se estivesse atrasada para alguma coisa. A Festa dos Bebés, decerto, embora o código de vestuário tivesse sido ignorado. Quem quer que estivesse coberto por todas aquelas ligaduras devia gostar particularmente do seu traje horrível.

A figura já não lhe causava temor nem lhe parecia sobrenatural. Era absurdo ter medo de um mono tão estúpido, pensou. Mas então, como se o tivesse ouvido, a múmia parou e virou-se para o encarar. Os seus olhos estavam quase totalmente ocultos pelas ligaduras que tinha à volta da cabeça, mas mesmo assim Ramsay sentiu a malícia no seu olhar. E depois, para seu horror, a figura desceu do passeio e começou a atravessar a rua na direção dele. Não esperou para descobrir as suas intenções, mas levantou-se e fugiu.

*

Quinn contornou lentamente Lowndes Square. Também estava a tentar desanuviar a cabeça. Consumira muita droga e começava a sentir-se bastante

mal. Alguém lhe tinha dito que havia material a circular que não era de boa qualidade e ele perguntava-se se seria esse o problema.

Ou talvez se sentisse culpado, embora os remorsos não fossem uma emoção habitual nele. Tinha entregado a cabeça de São João Batista.

A pedido de Azzopardi, levava Ramsay àquele jogo em Belgravia. O maltês tinha-o sob o seu domínio, claro. Fotografias, tiradas secretamente, e por aí fora. Estaria acabado para sempre se elas chegassem às mãos dos seus colegas da imprensa. Acabaria os seus dias num sótão sujo do Soho, a viver da caridade de qualquer velha rainha, ou, pior ainda, em Kettering, a viver da caridade dos seus pais idosos e horrorizados.

Alguém com um disfarce aproximou-se. O Homem Invisível. Ou, mais provavelmente, uma múmia egípcia, já que as pessoas estavam tão obcecadas por esse tema. Quinn supôs que era um homem, pois a figura era bastante alta.

– Bom disfarce – disse delicadamente quando a figura se aproximou.

Queria alguma coisa dele? Um cigarro apagado pendia-lhe da boca, ou melhor, de um buraco nas ligaduras onde ele supunha estar a boca.

– Quer lume? – perguntou Quinn. – A múmia não respondeu, mas Quinn sentiu-se impelido a prosseguir uma conversa com ela. – Vai à Festa dos Bebés? – perguntou, indicando os jardins com um aceno de cabeça. – Estão lá todos vestidos como crianças de colo. E a comportarem-se como tal. O maior bando de idiotas de Londres.

A múmia falou, com a voz um pouco abafada pelas ligaduras.

– Desculpe, não percebi bem. Ah, se sou o Vivian Quinn? Sim, sim, de facto, o único e inigualável. – Empertigou-se um pouco, pois adorava ser reconhecido. – Eu conheço-o? Será o...?

A pergunta ficou inacabada. Incrédulo, Quinn olhou para a grande faca a sair do seu estômago. Um *coup de grâce*. A vítima não era o touro, mas o toureiro.

Adieu, Adieu, Adieu

J á era quase noite quando chegaram ao carro.

À luz da lanterna, Gwendolen leu as instruções do manual, enquanto Frobisher se ocupava da alavanca de arranque, e depois, como é evidente, foi uma nova complicação conseguir que os faróis funcionassem. Na altura em que a estrada recomeçou a correr debaixo das rodas, já os rodeava a escuridão profunda que só se encontra no campo, e viram-se forçados a confiar unicamente nos débeis feixes de luz dos faróis. Gwendolen suspeitava de que os seus sonhos estariam repletos do novo vocabulário de «cabo do estrangulador», «válvula reguladora» e «dupla embraiagem», mas era emocionante estar a viajar de carro de noite. Depois de algum tempo num silêncio confortável, de repente, aqueles mesmos faróis fracos iluminaram uma estrada cheia de...

– Coelhos! Meu Deus, coelhos por toda a parte, inspetor!

Era como se todos os habitantes de uma coelheira tivessem sido despejados para o asfalto. Frobisher travou a fundo, o que fez os dois serem projetados para a frente. Sem saber ao certo se as rodas teriam esmagado algum dos animais, Gwendolen imaginou ossos minúsculos a serem triturados, mas os coelhos não pareciam preocupados com o monstro que avançara para eles. O cão, que tinha adormecido de novo, acordou sobressaltado ao ouvir a palavra «coelhos». Talvez não fosse um cão cidadão.

Os coelhos nem se mexeram. Gwendolen imaginou que ainda não tinham adaptado as suas vidas ao terror dos modernos motores de combustão. Talvez tal nunca viesse a acontecer. Também havia crias pequeninas, seres adoráveis, a saltar inocentes, embora Frobisher não parecesse sensível aos seus encantos. Era um homem do campo, recordou-se ela, que tinha crescido a encarar os coelhos como peças de caça, comida, ou ambas as coisas.

Os coelhos continuaram impassíveis, ocupando a estrada como se lhes pertencesse, e por fim Gwendolen teve de sair do carro para os enxotar,

enquanto Frobisher mantinha o motor a trabalhar, pois seria um caso sério se tivessem de arrancar de novo. Uma vez que enxotá-los acabou por se revelar ineficaz, ela decidiu que o melhor a fazer era caminhar à frente do carro, como era preciso fazer nos primeiros tempos dos veículos a motor para avisar, não coelhos, mas cavalos e peões, de que um mastodonte se aproximava. Em tempos, lera uma história de fadas sobre um rebanho de coelhos que era preciso pastorear... ou seriam lebres? Lebres, provavelmente... Isso era considerado uma tarefa impossível que o protagonista tinha de realizar para se libertar de um feitiço.

Foi a rir que se voltou a sentar no lugar do passageiro e disse:

– Que disparate.

De súbito sentiu um carinho ridículo por Frobisher e, se ele não estivesse com as mãos no volante, poderia ter estendido a mão para tocar na dele, ou mesmo na face. Deixá-lo-ia beijá-la quando estivessem de regresso a Londres, embora, claro, ele pudesse não estar pelos ajustes.

Seguiram com cuidado, mas não apareceram mais coelhos.

– Espero deixá-la em casa por volta da meia-noite – disse ele.

– Antes que o carro se transforme numa abóbora?

– Exatamente.

– E onde vive, inspetor? – perguntou, movida por um impulso.

– Em Ealing – respondeu ele após uma pausa.

Gwendolen nunca conhecera ninguém tão relutante em dar informações sobre si mesmo.

– Em Ealing? Numa moradia?

Imaginara-o a viver num apartamento de solteiro em Marylebone ou em Kentish Town.

– Sim, numa moradia. Parece-lhe estranho?

Ela permaneceu pensativa durante um momento.

– Com alguém?

– Como?

– Partilha a casa com alguém, com outra pessoa?

Seguiu-se um silêncio prolongado. Talvez ele estivesse à espera de que aparecessem mais coelhos ou outra coisa qualquer que desviasse a atenção, de modo a poder atrasar a resposta, mas não havia mais animais selvagens que lhe dessem tréguas.

– Só com a minha mulher – respondeu, por fim.

– Com a sua mulher?

O encanto tinha-se quebrado.

*

– Menina Kelling... Gwendolen...

– Sim, inspetor? – respondeu ela com frieza.

Mal tinham trocado umas palavras desde a revelação da esposa. Que mais haveria a dizer? Ela tinha incorrido no equívoco de que ele estava a

fazer-lhe a corte (a ela, que nunca desejara isso!), e de que a sua posição lhe permitia fazê-lo, mas havia-se revelado não ser esse o caso, de modo nenhum. Tinha uma esposa! Aquele homem não passava de um vulgar Casanova.

– Desculpe se de alguma maneira a induzi em erro – disse Frobisher.

Mantém os olhos na estrada, pensou Gwendolen. Estaria com pena dela? Era preferível que não. Ele franziu o sobrolho, como se estivesse a sentir uma dor terrível, e disse:

– Foi um pecado de omissão e não de perpetração.

– Ora, isso é um sofisma.

– A minha mulher, o meu casamento... – balbuciou, antes de se calar.

– Não quero saber os pormenores da sua vida conjugal, inspetor. Não tem explicações a dar-me, pois não se passou nada entre nós. Como disse antes, sou um «assunto de serviço». Se houve implicações que foram mal interpretadas, já caíram no esquecimento. Não falemos mais disso.

– Gwendolen...

– Não.

O seu coração tinha-se fechado para ele. Haveria palerma no mundo maior do que ela?

– Suponho que vai querer voltar para York em breve – disse ele depois de um longo silêncio constrangedor. – Devem sentir a sua falta na biblioteca.

– Oh, pelo amor de Deus – ripostou ela com brusquidão. – Não sou bibliotecária.

– Não é bibliotecária? – perguntou ele, intrigado. – Então o que é?

Uma mulher, pensou ela, irritada.

– Era bibliotecária até há pouco tempo. Mas depois recebi dinheiro de uma herança.

Ele preparava-se para dizer qualquer coisa, mas Gwendolen ergueu a mão para o impedir e disse:

– Dou o assunto por encerrado. E, se não se importa, preferia que não me dissesse mais nada até ao fim da viagem.

*

Frobisher deixou-a, de facto, em casa antes da meia-noite e, em nome do secretismo, deixou-a a duas ruas de distância. O Crystal Cup estava muito movimentado a essa hora e seria um final desagradável de uma viagem desagradável se a vissem na companhia dele.

– Não saia para me abrir a porta. Não vá alguém vê-lo – disse ela.

Olhou para trás ao fim de alguns metros. O cão espreitava-a com ar melancólico pelo vidro traseiro do carro. O bicho devia ser da mulher dele, pensou.

Cumprimentou os porteiros do Crystal Club quando passou por eles a caminho do apartamento.

– Há muito movimento esta noite? – perguntou, como se nada tivesse acontecido.

– Muito – responderam-lhe.

– Foi agradável o seu dia livre, menina Kelling? – perguntou um deles.

Tinha um ar um bocado bruto, mas era muito afável com ela. Deu-lhe prazer imaginá-lo no ringue com Frobisher. O inspetor não sairia bem do combate.

– Muito agradável, obrigada – respondeu.

*

Assim que transpôs a porta do apartamento, Gwendolen desembarçou-se do chapéu, dos sapatos e do casaco. Sentia a poeira da estrada em cima de si, tinha de tomar um banho. Estava a manchar o rosa até então imaculado, não só com a poeira, mas também com toda a humilhação que Frobisher lhe causara. Ele tinha razão, claro, o que a deixava ainda mais zangada consigo mesma. Não dissera nada, não fizera nada que pudesse ser verdadeiramente interpretado como fazer-lhe a corte. Tinha havido um mal-entendido entre eles.

Abriu o armário das bebidas, contente por não ser um aparelho de rádio, e serviu-se de um *brandy*, o remédio habitual para enfrentar uma calamidade.

Bateram à porta. Se tinha a certeza de ter fechado a porta que dava para a rua, como era possível alguém ter acesso ao seu apartamento? E se já passava da meia-noite, quem poderia ser àquela hora? Tinha de ser Frobisher, quem mais poderia ser? Era provável que tivesse ido pedir-lhe perdão, explicar o seu comportamento. Explicar o facto de ter uma *mulher*.

Não se podia dizer que não lhe inspirassem compaixão as pessoas, de ambos os sexos, que estavam presas em casamentos sem amor. O divórcio era quase impossível e o adultério era por vezes inevitável, e nem sempre tão mal visto quanto isso. Uma ou outra vez pensara que ela própria estaria disposta a ser amante de um homem, embora não sua mulher; mas uma pessoa devia ser aberta e honesta sobre essas coisas, não varrer a pobre esposa para debaixo do tapete como se ela não existisse. Talvez ela fosse doente. Ou louca. Como a mulher de Rochester em *Jane Eyre*. Mas isso não era desculpa para a apagar. Não, pensou Gwendolen, não ia procurar uma solução na literatura romântica; ela dava o pior tipo de conselho (o amor). Serviu-se de mais um *brandy*, para o generoso, e bebeu um grande gole.

Bateram de novo. Porque não podia ele deixá-la em paz? pensou, furiosa, e abriu a porta de par em par, pronta para a batalha.

Um Niven surpreendido encontrava-se no patamar. Levou os dedos ao chapéu e disse a rir:

– Parece pronta a assassinar alguém.

– Pode crer que estou.

– Espero que não seja a mim.

– Não, não é a si. Porque não entra?

Ele tirou o chapéu e seguiu-a pelo corredor estreito. Gwendolen teve a sensação de que estava a deixar entrar um tigre.

Quando chegaram à sala, Niven fez uma careta e disse:

– Vejo que a minha mãe não estava a exagerar quando disse que aqui em cima era tudo cor-de-rosa.

– É uma coisa que me agrada. Tive um dia bastante longo e difícil. Estava a tomar uma bebida e depois ia preparar um banho quente. Faz-me companhia?

– Em quê? Na bebida ou no banho quente?

Ela serviu um *whisky* e estendeu-lho e depois serviu outro para si. Niven parecia alguém capaz de apreciar um bom *whisky* de malte. Como o pai dela.

– Ambas as coisas, se quiser.

– Está sempre a surpreender-me, menina Kelling.

– Mas tenho de o avisar de que não sou virgem.

– Como eu disse, está sempre a surpreender-me.

– E também não sou bibliotecária.

Surpresa!

Gwendolen demorou alguns instantes a aperceber-se de que fora o toque insistente da campainha a acordá-la. Abriu os olhos e confrontou-se com a luz do dia, com uma dor de cabeça lancinante e um estômago com azia. Ao que parecia, tinha bebido até cair no esquecimento na noite anterior e devia ter ido para a cama, não com muita elegância, num estado de semi-inconsciência. Antes de ir para Londres, bebia tão pouco que quase poderia ter-se declarado abstinência. Perguntou-se o que pensariam as Sras. Tate, Rogerson e Shaw daquela devassidão alcoólica. A sua ideia de se entregar à ebriedade era o «copinho de xerez» que bebiam depois de fechar a biblioteca na véspera de Natal.

Devassidão! O toque desagradável da campainha reavivou-lhe a memória. Niven, santo Deus. Onde estaria ele? Não na cama de onde ela saltara. Em boa verdade, não havia sinal dele. Mais ninguém tinha dormido na cama dela, ninguém tinha ficado para lhe fazer chá ou para lhe levar o tabuleiro com o pequeno-almoço. Ninguém maculara o cor-de-rosa com algo de sexual. A própria Gwendolen parecia igualmente incólume.

Estendeu o braço para pegar no roupão, não o de lã feltrada que usara durante a guerra e a seguir a ela, mas um encantador *peignoir* de seda, cortesia do Liberty. Fazia conjunto com a camisa de noite por baixo dele, peças de seda para o enxoval de uma noiva. Ela não tinha intenção de partir alguma vez em lua de mel, mas não via porque não havia de ter um enxoval.

Deteve-se no caminho para ir abrir a porta e pensou na camisa de dormir. Não se lembrava de a ter vestido na véspera à noite. Nem de ter despido o vestido azul com gola de marinheiro que pusera para o passeio com Frobisher. Olhou à volta do quarto: o vestido estava muito bem pendurado nas costas de uma cadeira. Tinha quase a certeza de que, no seu estado de extrema embriaguez, não se teria preocupado em dobrar a roupa. O que *tinha* acontecido entre ela e Niven? O que lhe dissera ela, *in vino veritas*? Nada

sobre Frobisher, esperava.

A campanha tocou com insistência.

Estava à espera, na pior das hipóteses, de que fosse Kitty, ou, na melhor, Niven (embora, talvez, devesse ser ao contrário). No entanto, não era nenhum deles, mas sim a mãe de ambos.

– Acordei-a? – perguntou Nellie. – Desculpe, não queria sobressaltá-la. Só tinha uns assuntos relativos ao clube para falar consigo. Sente-se bem, menina Kelling? Parece muito enervada.

*

Nellie regressou ao Bentley, estacionado à porta do Crystal Club, e ficou a matutar em silêncio no banco de trás, enquanto Hawker esperava com toda a paciência que lhe desse instruções. Havia dias em que não valia a pena tentar apressá-la.

Gwendolen Kelling, *en déshabillé*, uma expressão francesa de que Nellie gostava bastante, embora não a tivesse aprendido na escola conventual. Fora graças a Landor que soubera que Niven aparecera no apartamento de Gwendolen Kelling à meia-noite e que lá ficara até às três da manhã. Nellie não precisava de se deitar a adivinhar o que se havia passado. Mas logo Niven, qual era a ideia dele? Primeiro Maddox e Edith a formar um par impossível, e agora Gwendolen Kelling e Niven. Os filhos estariam todos a traí-la, um após outro?

Nellie gostava de pensar que, graças a Landor, sabia tudo o que Gwendolen Kelling fazia e todos os sítios aonde ia. No dia anterior, segundo Landor, tinha-se encontrado com Frobisher na estação de Paddington.

– No café – referira ele.

– No bar?

Uma vez, Nellie encontrara-se aí com um homem. Esperava-se ser anónimo numa estação de caminhos de ferro, mas havia sempre alguém.

Estavam a planear um passeio no carro dele, dissera Landor.

– Era o dia de folga da menina Kelling – disse uma Nellie imperturbável. – Acho natural que lhe apetecesse arejar.

– Estavam muito simpáticos um com o outro – disse Landor. – Pareciam muito íntimos, pareciam, sabe...

– Sei – disse Nellie.

– Não sei aonde a Kelling e o Frobisher foram de passeio, claro. Para isso, precisava de ter um carro meu. Ou que me emprestasse o seu Bentley.

– Nem sonhe.

– E depois ela volta e passa a noite com o seu filho.

– Com qual deles? – perguntou Nellie, intrigada.

– Só tem dois – respondeu Landor –, a menos que tenha algum de um amor secreto.

– Bem... – disse Nellie.

– Sabe que ele me bateu? O seu filho.

– Alguém tinha de o fazer.

*

Hawker olhou para Nellie pelo retrovisor. Quase se podia ver o cérebro dela a trabalhar, pensou. Era aterrador.

Esperou com toda a paciência até por fim ela dizer «Para casa» e acrescentar «Hanover Terrace», como se ele não soubesse onde morava.

Um Encontro

Os bancos que rodeavam o lago dos barcos no Regent's Park estavam a competir por um papel secundário no drama dos Coker. Sentada num deles estava Edith, pálida e ainda frágil.

– Vou sair para apanhar ar e fazer um pouco de exercício – disse à cozinheira, que em vão fizera uma tentativa de a impedir de sair de casa. Nellie continuava a insistir em que Edith repousasse na cama e, na sua ausência, nessa manhã encarregara a cozinheira da tarefa impossível de a manter fechada em casa.

– Parece que uma rajada de vento a vai fazer voar – disse a cozinheira a Phyllis. – É melhor ires atrás dela. Se alguma coisa lhe acontecer, vão deitarnos as culpas.

Vão deitar-te as culpas a *ti*, pensou Phyllis. Mas respondeu:

– Vou vestir o casaco.

*

Phyllis não era o tipo de rapariga em quem se reparasse. Um dom desperdiçado, pensavam a mãe e a tia, dada a sua profissão. Phyllis não precisava de se esconder atrás das árvores ou de se acocorar debaixo das sebes, podia simplesmente estar à vista de todos sem que a vissem. «É como olhar para a água», dizia a tia Agnes.

A invisível Phyllis observou a débil Edith a cambalear ao longo do caminho e a deixar-se cair no primeiro banco que encontrou. Ao que parecia, fora um «envenenamento do sangue» que a deixara tão em baixo, e a mãe de Phyllis dissera: «É *isso* que lhe chamam?», de modo que Phyllis tinha uma ideia clara do que se passara com Edith. Embora estivesse alojada no sótão bastante espartano da casa de Hanover Terrace, continuava a fazer visitas regulares a Whitechapel. «Como uma pequena intermediária», dizia a mãe

com carinho. A família recebia sempre com agrado notícias de Nellie. Quem não gostaria de as receber?

Não tardou a que um homem se fosse juntar a Edith no banco. Tinha um cão pequeno preso com uma trela, que se sentou entre eles, a olhar de um para o outro enquanto falavam, como se estivesse a seguir a conversa, que mantiveram durante bastante tempo, muito sérios. Ele franzia muito o sobrolho, enquanto Edith conservava a cabeça baixa, e não trocaram sequer um sorriso. Depois ele ajudou-a a levantar-se e conduziu-a aos portões do parque. Acompanhou-a a atravessar a rua, erguendo a mão para parar o trânsito, como se fosse um polícia, de modo a ter tempo para levar Edith, inválida, até ao outro lado sem que ambos fossem atropelados. Despediram-se de forma muito educada, e ele ficou a vê-la entrar em casa, como se estivesse preocupado com a possibilidade de lhe acontecer alguma coisa nos últimos metros entre o jardim e a porta. Um verdadeiro cavalheiro, pensou Phyllis. Mas um polícia, sem dúvida. Dada a sua ascendência, conseguia identificá-los a milhas de distância.

Phyllis ficou a apanhar ar durante mais algum tempo. Tinha tanto trabalho em Hanover Terrace que começava a perguntar-se se uma vida honrada seria tão boa como diziam, quando se podia tirar uma carteira de um bolso e viver do seu conteúdo durante uma semana.

*

Apesar das objeções da cozinheira, Phyllis estava decidida a contar a Nellie a pequena escapadela de Edith quando voltasse. Gostava de estar nas boas graças de Nellie Coker.

– A propósito – disse Phyllis à laia de saudação quando a patroa chegou –, andam a enrolá-la.

– Conta-me tudo – pediu Nellie.

*

– Então quem era? Com quem é que ela se encontrou? – perguntou Nellie depois de se ter inteirado da aventura de Edith no parque. – Com o Maddox?

– Não. Não era *ele*. Esse tem o coração negro de um pirata berbere. – A rapariga lia livros. Nellie deu um suspiro.

– Então, se não era o Maddox, quem era?

– Nunca vai adivinhar.

– Não, claro que não. Por isso, diz-me.

Um Deserto Árido

Frobisher foi a pé até à Tower Bridge. A excursão a Oxford no dia anterior deixara-o com pouca vontade de conduzir, como se o próprio Austin tivesse, de algum modo, sido responsável pelo resultado desastroso do seu dia com Gwendolen Kelling. Estremeceu ao recordar-se. Uma *mulher*? A palavra ecoou-lhe no cérebro. Também não conseguia esquecer a expressão de incredulidade no rosto dela. De reprovação, também, como se ele fosse o pior dos depravados. Bem, talvez fosse. As suas ações podiam não ter sido as de um amante, mas as suas intenções sim.

Por um momento, ela proporcionara-lhe um vislumbre de uma vida diferente, uma tranquilidade que era impossível nas suas circunstâncias atuais. Pensou em Oxford, na luz do dia que esmorecia e nele a dar-lhe a mão no final da peça. Um sonho, mas agora terminara e tinha de se concentrar na vida real, no trabalho, em vez de tentar arranjar maneira de se redimir aos olhos dela.

O cão saltitava ao seu lado no passeio enquanto caminhava ao longo do rio. *Pierrot*, que nome disparatado, mas o cão não tivera nome até Gwendolen lhe perguntar como se chamava, e fora a primeira coisa que lhe ocorrera. Até ali, tinha sido simplesmente «o cão», e era assim que ainda pensava nele.

O cão não fora acolhido como ele esperava. Lottie desenvolvera uma tremenda antipatia pelo animal desde que ele o levara para casa há pouco mais de uma semana, aparentemente por pensar que ele estava a tentar substituir Manon como alvo do seu afeto. Ele tentara apenas dar-lhe qualquer coisa para amar, por isso, de certa maneira, ela tinha razão. O cão estava agora proibido de entrar em casa quando ele estava ausente.

Frobisher não sabia o que fazer com ele, mas parecia não haver nenhuma regra que o proibisse de levar um cão para o trabalho na Bow Street, possivelmente por nunca ter ocorrido a ninguém que fosse necessária.

– Um cão? – perguntou o sargento de dia quando Frobisher chegou

naquela manhã, com o cão enfiado debaixo de um braço para impedir que ele ficasse muito excitado com o novo ambiente.

– Sim, um cão, sargento – retorquiu Frobisher, sem outra justificação. Nas docas do norte, a polícia ferroviária treinava pastores-alemães para proteção. Agradava-lhe a ideia de patrulhar as ruas de Londres com um cão ao seu lado. Não aquele cão, como era óbvio. Já lhe tinha tirado há muito o disfarce de *Pierrot*, mas não deixava de ser um cão pequeno, com tendência a fazer disparates sem avisar.

Informaram-no de que outro corpo fora recuperado do Tamisa e o aguardava no Dead Man's Hole. Não havia mais informações, e Frobisher, temendo que tivesse vindo à rede mais uma sereia, decidira ir ele mesmo investigar.

Quando chegou à Tower Bridge, o funcionário da morgue estava na pequena plataforma de pedra onde eram depositados os afogados. Frobisher começou a descer os degraus húmidos e escorregadios – tinha havido uma maré particularmente alta e o rio estava quase a transbordar.

– Quase nos escapava – disse o funcionário da morgue a rir, dando uma passa no cigarro que parecia ter sempre preso ao lábio inferior. – Ia a passar como um veleiro. Ainda não o levámos para a morgue – acrescentou. Tinha ainda na mão a comprida vara com que pescava os corpos, como se estivesse preparado para apanhar o próximo infeliz que passasse a flutuar.

– Então não é uma rapariga?

– Uma rapariga? Não, é um tipo com um disfarce qualquer.

Oh, santo Deus, mais um maldito *Pierrot*, pensou Frobisher.

– Um *Pierrot*? – perguntou, descendo ainda as escadas com cuidado. O cão esticou as orelhas. Seria possível que já tivesse aprendido o nome?

– Um *Pierrot*? – repetiu o funcionário quando Frobisher chegou junto dele, atrás do cão. – Não... Veja o senhor, chefe.

O cão cheirou o ar, excitado com o fedor da água do rio e de morte. Frobisher impediu-o de examinar o corpo, que estava caído, flácido como um peixe morto, em cima da pedra.

Não era peixe, nem sereia. Também não era uma rapariga. Nem um *Pierrot*. Era um toureiro.

– Bem, isto é novidade – disse Frobisher.

*

Ao regressar à Bow Street, informaram-no de que estava uma mulher à sua espera.

– Mandei-a entrar para o seu gabinete, inspetor – disse o sargento de dia.

– Estava um bocado exaltada.

– Ela tem nome?

– Senhora Taylor.

Frobisher deixou o cão à guarda do sargento de dia, que o recebeu de bom grado. Gostava de cães, disse. Frobisher perguntou-se se ele não queria

ficar com o animal de forma permanente e ficou surpreendido com a pequena pontada no coração que sentiu quando pensou em dá-lo.

Abriu a porta do gabinete e espreitou para dentro com cuidado – uma mulher «exaltada» podia ser interpretado de muitas maneiras. Naquele caso, a mulher em causa tinha um ar fatigado e estava agarrada a um lenço, ao qual limpava as lágrimas em silêncio.

Frobisher voltou para trás e disse ao sargento de dia:

– Prepare um chá para a senhora Taylor, por favor. – O sargento suspirou ao ver-se reduzido ao papel de serviçal. – O mais depressa possível – acrescentou, sem qualquer simpatia. – O Maddox já cá está?

– Não, senhor inspetor.

*

Um bule de chá foi rapidamente entregue, sem nenhuma chávena para ele, reparou Frobisher.

A Sra. Taylor disse que era de Colchester e que a filha Minnie – Wilhelmina – fugira de casa há três semanas. A Sra. Taylor voltara a casar-se recentemente, e «o meu Harold» e Minnie não se entendiam. Frobisher pensou em Manon. Ter-se-iam eles entendido se ela tivesse sobrevivido? A Sra. Taylor tinha a certeza de que Minnie fora seduzida pelas luzes brilhantes de Londres. A filha faria quinze anos no mês seguinte e sonhava com uma carreira «nos palcos».

Frobisher suspirou para si mesmo. Porque quereriam todas aquelas raparigas ser famosas? Era quase impossível que concretizassem as suas ambições. Porque não escolhiam como objetivo qualquer coisa mais digna (ainda que igualmente difícil de atingir), como serem médicas ou advogadas, por exemplo? Frobisher não tinha nada contra as mulheres assumirem papéis masculinos, desconfiava até de que os desempenhariam bastante bem. Afinal, tinham-se saído bem na guerra. Pensou em Gwendolen. Imaginava-a na polícia, a distribuir ordens firmes a torto e a direito. Havia de gerir a Bow Street melhor do que ele o fazia naquele momento. Sem falar de Nellie Coker, que devia ser capaz de governar o país, ainda que não necessariamente para benefício dele.

Anotou «Wilhelmina Taylor, conhecida por Minnie», mas a senhora Taylor, atenta ao que ele escrevia, corrigiu:

– Taylor é o meu novo apelido de casada. A Minnie tem o apelido do pai, Carter. Ele morreu em Amiens. Era um bom homem. O Harold também é – apressou-se a acrescentar, como se o facto de o segundo marido não ter morrido na guerra fosse uma falha de carácter.

– Não duvido, senhora Taylor – disse Frobisher, riscando «Taylor» e escrevendo em vez disso «Carter».

– É que a Minnie habituou-se a ter alguma liberdade e o Harold não acha isso bem.

– Claro – respondeu Frobisher para a apaziguar. – Diga-me, senhora

Taylor, a Minnie usava algumas joias? Um crucifixo, por exemplo? Um medalhão?

Ficou aliviado por a Sra. Taylor ver as implicações da pergunta.

– Ela tinha um medalhão de prata. Foi a madrinha que lho deu, a minha irmã.

– O medalhão continha alguma coisa? – perguntou Frobisher. Fechou os olhos por um instante. Não queria saber. A mulher chorava agora mais alto.

– Tinha uma fotografia minha – respondeu. – Somos muito chegadas. Lá por ela ter fugido não significa que não goste de mim, compreende?

– Sim, claro que não. E... era só uma fotografia sua, senhora Taylor, o medalhão não tinha mais nada?

Ela soltou uma risadinha que lhe provocou mais lágrimas.

– O nosso cão velhote, o *Sammy*. Morreu há uns meses. A Minnie adorava aquele cão.

– Um *terrier*? – perguntou Frobisher, a voz pouco mais do que um murmúrio.

Ficou aliviado por ter deixado o cão com o sargento de dia. Apercebeu-se de que ele se assemelhava imenso ao cão da fotografia do medalhão.

– Sim, o *Sammy* era um *terrier* – disse a Sra. Taylor. – Porque pergunta?

O medalhão, o crucifixo, os óculos e o sapato prateado solitário encontravam-se agora dentro de caixas de cartão num armário da sala de provas. Aquilo começava rapidamente a tornar-se um relicário. Frobisher foi buscar a caixa que continha o medalhão. Preparou-se para o embate do sofrimento maternal e abriu-a.

– É este o medalhão da Minnie? – perguntou delicadamente, mostrando o conteúdo da caixa à Sra. Taylor.

Ela surpreendeu-o tirando-o da caixa avidamente e apertando-o na mão.

– Oh, encontraram-na! – exclamou. – Obrigada, obrigada! Onde está ela? Está aqui? Oh, vai ficar radiante quando me vir!

Minnie já devia ter sido enterrada numa vala comum, pensou Frobisher, mas decidiu não dar logo a notícia à mãe; era demasiado para um só dia. Iria indagar, disse. Desejou que o medalhão tivesse sido enterrado com a rapariga. Minnie. Agora tinha nome. O que piorava as coisas, em vez de as melhorar. Teria sido preferível que ela tivesse continuado desaparecida para sempre, presa algures entre dois mundos, em vez de consumida pela noite eterna sem esperança de ser resgatada.

– O que lhe aconteceu? – perguntou a Sra. Taylor por entre as lágrimas que lhe corriam no rosto.

Frobisher hesitou, mas acabou por dizer:

– O rio levou-a. – Não era inteiramente falso. Serviu mais chá à mulher. Reparou que lhe tremia um pouco a mão.

de consolo para lhe dizer antes de ela se ir embora. Voltou desolado para dentro da esquadra. O mundo que cruzava todos os dias era um deserto árido.

Uma mulher estava a falar com o sargento de dia. Respeitável, bem vestida, um pouco deslocada naquele covil.

– Quem era? – perguntou, quando ela se foi embora.

– Uma tal senhora Ames, inspetor. Veio cá a semana passada participar o desaparecimento da filha, Cherry.

– E não me disse *nada*? – Santo Deus, o que teria de fazer para eles compreenderem que havia um problema que tinha de ser resolvido?

– Quer que o informe de *todas* as pessoas que desaparecem? – O sargento de dia parecia desconcertado. – Olhe que são imensas, inspetor.

– Não, todas claro que não. Só as raparigas.

– Bem, então não se preocupe. A senhora Ames veio cá dizer que tinha encontrado a filha.

– Viva?

O sargento olhou para ele como se tivesse enlouquecido.

– Sim, inspetor. Viva. Está numa coisa qualquer no Palace. É um teatro – acrescentou, não fosse Frobisher perceber mal e pensar que se referia à realzeza. Não ficaria surpreso se assim fosse. Entregou um envelope a Frobisher e disse: – Chegou uma carta para si enquanto estava no gabinete com aquela mulher.

– «Aquela mulher» tem nome – disse Frobisher, irritado. Voltou para o gabinete para ler a mensagem. Sentia que, naquele lugar, a mais pequena ação tinha de ser realizada com secretismo.

Ainda bem que não lera a carta à frente do sargento de dia, pensou, pois não teria conseguido disfarçar a expressão de surpresa. Mas não se admirava nada se a mensagem tivesse já sido lida e o seu conteúdo divulgado pela esquadra.

*

– Vai sair novamente, inspetor? – perguntou o sargento quando Frobisher recolheu o cão.

– Vou – respondeu.

– Não se lhe arranca nada – comentou o sargento de dia a Oakes, que acabava de chegar das celas femininas.

– Deve ter ido visitar outra vez a amiguinha, aquela Kelling – retorquiu Oakes. Saiu da esquadra, deixando atrás de si o eco de uma risadinha abafada. O sargento de dia lembrou-se do Gato de Cheshire. Lera *Alice no País das Maravilhas* à filha muito tempo atrás. Não percebia porque é que o livro era tão popular. Era completamente disparatado.

*

– Prefiro gatos, para ser franca – disse Edith Coker, olhando para o cão.

Este estava sentado à sua frente, com uma pata erguida como se estivesse a suplicar. Sobrestimara o seu encanto. – É permitido?

– Levá-lo para o trabalho? Provavelmente não.

– Oh.

Frobisher achou que podia soltar o cão da trela no Regent's Park, mas ele ficara desvairado com os patos. O cão estava agora placidamente sentado a olhar para Edith Coker, sentada no banco do parque.

– É muito obediente – disse Frobisher. – É capaz de ter vindo de um circo.

O cão voltou a cabeça e olhou para ele. Frobisher não percebeu porque dissera aquilo, nada indicava que o cão tivesse vindo de um circo. Supôs que o estivesse a tornar mais interessante aos olhos indiferentes de Edith Coker.

Ela tinha estado doente, «às portas da morte», como lhe explicou, e estava de facto com um aspeto assustadoramente frágil, sem cor no rosto e com a voz trémula. Era chocante vê-la tão debilitada, já que Frobisher ouvira que ela era feita da mesma têmpera de aço da mãe. Perguntou-se que doença teria tido, mas não era nada com ele. Em vez disso, disse:

– Espero que esteja a sentir-se melhor.

– Um pouco – respondeu ela com naturalidade. Soltou um longo suspiro antes de acrescentar: – Os meus olhos abriram-se a muitas coisas novas. Agora gostaria de abrir os seus.

Santo Deus, pensou ele, uma Coker apanhada pela religião. Agora vai pôr-se aqui a debitar um sermão. Uma evangélica.

Ela preparou-se para o fazer, mas não da maneira que ele temia.

– Tenho uma coisa para lhe dizer sobre o inspetor Arthur Maddox.

– Faça o favor, menina Coker – disse ele numa voz suave, sem querer trair a impaciência, para não a desencorajar. O cão era menos impenetrável, abanava a cauda, ansioso por ouvir a história que os lábios pálidos de Edith queriam contar.

*

Maddox fora seu amante, contou ela. Frobisher pestanejou ao ouvir aquela palavra, perplexo com a sinceridade. Não estava à espera que ela lhe revelasse um romance secreto, mas segredos sobre livros de contabilidade, papelada, contas, tudo o que Maddox andava a fazer para sacar dinheiro dos clubes e negócios que «protegia». De certeza que o homem também fizera vista grossa a algum comércio de droga e a pequenos furtos. Porém, a sua torpeza parecia ser bastante maior e mais chocante do que Frobisher suspeitara. (Que ingénuo tinha sido!) Ao princípio, quando Edith começou a falar calmamente, a voz pouco mais do que um murmúrio, Frobisher sentiu uma total incredulidade perante o que ouvia. Aquilo era conversa de uma mulher desprezada, uma amante rejeitada à procura de vingança. Mas quanto mais ela contava naquele tom firme e determinado, mais ele sentia no seu íntimo que era verdade.

Edith teceu-lhe toda uma tapeçaria, cujos fios formavam um padrão que Frobisher percebeu subitamente estar ali há muito tempo, desde há meses, quando ele estava ainda na Scotland Yard, muito antes de ir para a Bow Street. Mas a sua preocupação com Nellie Coker deixara-o demasiado cego para ver. Não eram os clubes que andavam a devorar as raparigas, mas sim Maddox e o seu aliado, o sargento Oakes.

– O Oakes?

Frobisher sentiu-se mais chocado com a perfídia deste do que com a de Maddox. Confiara em Oakes. Considerava-o um homem «de confiança».

Maddox era o guarda da reserva transformado em caçador furtivo. Levava raparigas «de que ninguém ia sentir a falta», disse Edith Coker.

– Procura e oferta, inspetor, o comércio mais velho do mundo.

Raparigas que tinham fugido de casa, raparigas de orfanatos, raparigas da rua, de escolas de dança, atraídas por promessas de uma cama lavada e de uma refeição quente ou por uma mudança da sorte. Às vezes, eram transportadas por Oakes no carro de Maddox para as zonas mais finas da cidade, contou Edith.

– E traziam-nas de volta? – perguntou Frobisher, assaltado por um sentimento de horror.

– Nem sempre.

– E a menina sabia?

Ela sabia que o homem com quem partilhava a cama geria um negócio de prostituição por toda a cidade de Londres? Pactuara com aqueles esquemas abomináveis?

– Eu não *sabia* – respondeu ela com prudência. – Mas a verdade é que nunca perguntei. *Mea culpa*, inspetor, fui tola. Pequei por omissão, mais do que por perpetração – acrescentou. Fora o que ele dissera a Gwendolen quando lhe revelara a existência de Lottie. (*Ora... Subterfúgios.*) Gwendolen tinha razão, na melhor das hipóteses era uma desculpa muito fraca, embora na verdade não fosse desculpa nenhuma. – Deixei-me iludir. Achei que o amava. Paguei o preço da minha tolice, acredite, inspetor.

– Alguém sentiu a falta daquelas raparigas – disse Frobisher. – A senhora Taylor, o senhor e a senhora Ingram, eles não esqueceram as suas meninas. Queriam que elas voltassem.

E havia mais, claro. Tisbury Court e a Dona Wyburn, que parecia um nome cómico de uma personagem de teatro, mas que era uma megera da pior espécie. E uma Sra. Darling, na Henrietta Street; ele enviara lá o inepto do Cobb para tranquilizar Gwendolen. Ela pedira-lhe para ele lá ir em pessoa, mas Frobisher desvalorizara e rira-se das suas preocupações. *Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa*.

Segundo Edith, a Sra. Darling era uma alcoviteira, mas também, o que era pior, santo Deus, praticava abortos. Pensou no corpo maltratado da dona do crucifixo, *que estava viva ao entrar na água*. Ela tinha provas contra a mulher? Edith soltou um riso vazio e pesaroso e disse:

– Apenas o que tem à sua frente, inspetor.

Oh, pensou Frobisher, então fora por *isso* que ela estivera tão doente.

Pensara que Edith lhe forneceria provas factuais, que talvez até testemunhasse em tribunal e denunciasses Maddox e que este seria preso pela sua malfetoria, mas ela recusou a ideia. Não testemunharia em tribunal.

– Nem em sonhos.

– Então, porque me contou tudo isto?

– Para que o senhor soubesse, como é evidente. O senhor é que é inspetor, compete-lhe a si procurar as provas. O Maddox está a preparar-se para nos roubar os clubes. Anseia por mais poder, mais dinheiro, mais raparigas.

Qual era então a motivação dela?, perguntou-se Frobisher. Se não era a expiação, seria para salvar a família?

– Interprete isto como quiser, inspetor – disse ela, com um encolher de ombros que podia ser tomado por indiferença. Mas Frobisher reconheceu a expressão no seu olhar. Já nada lhe importava na vida; ele vira o mesmo olhar em Lottie.

Acompanhou-a até à saída do parque, receando que estivesse demasiado frágil para ir sozinha. O cão cansara-se há muito da ladainha de depravações de Edith e teve de ser acordado.

*

– Os criminosos não descansam – disse o sargento de dia jovialmente quando Frobisher regressou. – Mais um corpo, inspetor. Uma pessoa telefonou enquanto esteve fora. Um anónimo. – Tinha dificuldade em pronunciar a palavra.

– Na Tower Bridge? – arriscou Frobisher. Parecia ser o seu destino. Sentiu uma certa afinidade com Sísifo.

– Não. Um homicídio. Não adivinha onde. Vai gostar disto, inspetor.

Duvido muito, pensou Frobisher sombriamente.

O Enigma da Esfinge

Embora se deitasse muito tarde na maioria das noites, Freda acordava sempre muito antes de Vanda, e a primeira coisa que fazia era encher a chaleira e colocá-la sobre o único bico de gás, uma geringonça perigosa, equilibrada de forma precária sobre o corredor de madeira do lava-loiça. A seguir, cortava uma fatia de pão grossa, barrava-a com manteiga e comia-a enquanto esperava que a água da chaleira fervesse. Havia sempre pão e manteiga no apartamento de Vanda, mas, infelizmente, não havia mais nada. Vanda não ia às compras nem cozinhava, algo que, aparentemente, contribuía para a sua partida apressada de Grantham.

– Então e o bebé? – atreveu-se Freda a perguntar finalmente, ao que a amiga respondera:

– Tive de deixar o pequenito. Acredita, é o melhor para ele, Freda. O Walter tem um exército de irmãs e de primas ansiosas por lhe deitarem a mão. Fiz o melhor que pude, mas... Não estou arrependida – acrescentou, animada.

Freda mastigou o pão com vigor; estava duro. Ouvia Vanda a rressonar no quarto do lado. A amiga parecia estranhamente satisfeita com a sua nova vida.

Nesse dia, Freda decidiu que ia procurar uma mercearia e comprar compota e um naco de queijo, e talvez até um pouco de fiambre, para que Vanda não gastasse o seu dinheiro a comer sempre em cafés. Peixe em conserva também era uma coisa prática, e talvez carne enlatada. Vanda também trazia pratos de comida de restaurantes, que nunca devolvia. E talheres também, que estavam espalhados por todo o lado. Freda pensou que os poderia ir devolver, se tivesse tempo naquele dia.

Quando acabou de preparar o chá, levou-o a Vanda, que tinha sempre um aspeto que metia medo ao susto ao acordar. O rosto todo borrado de maquilhagem e as pálpebras coladas, tufos erráticos de cabelo por todo o lado. Havia roupas largadas em tudo o que era sítio, e no quarto pairava um cheiro

acre, salgado e perfumado ao mesmo tempo. De vez em quando, o odor leve de uma ratazana morta dentro das paredes adicionava uma nota final desagradável.

Vanda acordou com um ronco e, quando Freda lhe colocou a chávena e o pires sobre a mesa de cabeceira, murmurou, ainda meio inconsciente:

– És um anjo, amor.

Tirou uma mão de dentro dos lençóis amarrotados e tateou à procura dos cigarros. Freda estava proibida de abrir as cortinas. Vanda agia como se o ar fresco e a luz do dia naquela altura da manhã a pudessem matar. Alimentava-se de chá e cigarros ao pequeno-almoço e ao almoço.

Joan, que vivia na porta ao lado, tinha a mesma rotina. Se ficasse sem chá ou sem cigarros, aparecia de roupão esfarrapado em casa da vizinha (tinha uma chave) e cravava Vanda. Esta fazia o mesmo.

– É bom ter uma amiga – dizia Vanda. E era. Freda podia atestá-lo. O truque era não as perder.

Depois de servir o chá à amiga e de tomar o seu, Freda preparou-se para o dia: lavou-se, vestiu-se e entregou-se à tarefa gratificante de limpar, esfregar e arrumar o apartamento. A sordidez parecia reaparecer todos os dias – pratos e canecas empilhados no lava-loiça, pontas de cigarros por todo o lado, sem falar das cuecas e dos grandes *soutiens* de cetim cor-de-rosa que ornamentavam e engalanavam a cozinha. Freda não se lembrava de Vanda ser tão caótica quando faziam as Malhas, mas pensou que na altura tinham Adele para manter as coisas em ordem.

– Que cabra – disse Vanda com um suspiro nostálgico.

Era frequente Freda encontrar objetos estranhos no apartamento: chibatas, máscaras de borracha e corda de estender a roupa.

– É para os clientes especiais da Joan – dizia Vanda. A vizinha não tinha espaço suficiente no seu apartamento para todos os «acessórios» de que precisava. Ao princípio, Freda pensara que a palavra se referia a artigos como luvas e meias de vidro.

– Bem, isso também – disse Vanda num tom vago.

Vanda e Joan tinham conversas intermináveis sobre arrendar juntas um sítio maior onde pudessem ter uma «sala de espera».

– Como numa estação de comboios? – perguntou Freda, ao que Vanda respondeu:

– Exatamente, amor.

Era verdade que precisavam de mais espaço. Freda voltara a casa a meio da tarde num dia da semana anterior e encontrara um homem amarrado a uma cadeira ao lado do lava-loiça, com um grande lenço enfiado na boca. Ficou sem saber se haveria ou não de retirar o lenço, mas quando se aproximara, o homem arregalara os olhos de horror e abanara vigorosamente a cabeça. Vanda aparecera nesse momento e dissera:

– Põe a chaleira ao lume, sim, amor? – Como se fosse perfeitamente normal ter de contornar um homem amarrado e amordaçado para chegar à

caixa do chá. Freda perguntou-se se deveria servir-lhe também um, mas Vanda, muito séria, disse que nem pensar, que ele não merecia nada a não ser uma boa palmada. Esclareceu que o homem pertencia a Joan, era um dos seus clientes especiais. – Estou só aqui a tomar conta dele um bocado – dissera Vanda.

Mas naquela manhã, felizmente, não estava ninguém escondido no apartamento, e depois de ter limpo e arrumado, Freda gritou:

– Vou sair!

E Vanda respondeu com a sua voz rouca matinal:

– Até logo, amor! Não faças nada que eu não fizesse! – O que oferecia a Freda um vasto leque de possibilidades sobre o qual trabalhar.

*

– Cherry! Cherry!

Era inequivocamente Cherry Ames. Entusiasmada, Freda correu atrás dela por St. Martin's Lane, chamando-a pelo nome.

Cherry Ames parecia ter ficado surda desde a última vez que Freda a vira, mas acabou por se voltar e parar.

– Freda! Freda Murgatroyd – disse (com frieza, reparou Freda). – Que estranho encontrar-te aqui. Como estás?

Freda não foi nada fria, pelo contrário, até se sentia ligeiramente delirante por ter encontrado ali um rosto familiar.

– Estou bem, obrigada – respondeu. (Ou, pelo menos, «estou melhor», pensou.) – E tu, como estás?

Cherry estava com bom aspeto. Sempre se vestira com estilo, mas agora estava muito elegante, com o género de roupas que só se compravam nas lojas do West End. Freda sugeriu que fossem tomar um chá algures, havia um Lyons ali ao virar da esquina.

Cherry suspirou e disse com um ar agastado:

– Há um Lyons ao virar de todas as esquinas. – Como se isso fosse a coisa mais enfadonha do mundo.

Oh, já estou a perceber, pensou Freda, ela está a fazer o papel da rapariga citadina enfadada. Bem, já todas passámos por isso. Ela própria representara esse papel para Owen Varley, e para Ramsay Coker também.

Cherry acedeu, relutante, em ir ao Lyons. Quase não tocou no chá que tinha à frente e optou antes por fumar.

– Impede que engordemos, percebes? Não é que tu precisas.

Com alguma hesitação, Freda perguntou-lhe como estavam as coisas na Vanbrugh.

– Ah, esse sítio – respondeu Cherry com desdém. – Não faço ideia, saí de lá há séculos.

Bem, não fora assim há tanto tempo, pensou Freda, ela própria só deixara a academia duas semanas antes. Cherry disse que estava a participar num espetáculo. Tivera uma audição para *The Co-Optimists*, no Palace.

– E consegui o papel!

– Boa! – disse Freda. A palavra «audição» provocava-lhe calafrios.

– É um papel pequeno, claro, mas já tive uma crítica, «Atriz brilha no papel de ingénua» ou coisa do género. Então e tu?

– Eu? Estou a dançar. Num clube noturno.

– Oh, coitadinha. Não é horivelmente assustador?

Quem *era* aquela pessoa, pensou Freda? Estaria a verdadeira Cherry Ames – gentil, amável e perfeitamente normal – presa dentro daquela impostora de meia-tigela? Freda ia perguntar-lhe se soubera alguma coisa de Florence, mas ela levantou-se abruptamente e disse:

– Lamento imenso, Freda, mas tenho de ir. – E apagou o cigarro no cinzeiro. – Ando sempre num frenesim. Passamos o dia a ensaiar, estão sempre a acrescentar coisas novas ao espetáculo. É uma chatice incrível.

– Imagino...

– Tenho de ir jantar com um dos investidores do espetáculo mais logo, no Café Royal. Vou ficar *exausta*.

Olhando com atenção, por baixo da pesada maquilhagem e dos olhos tensos e fatigados, talvez ainda se visse ali a verdadeira Cherry, a tentar proteger-se. Freda perguntou-se o que teria ela sido obrigada a fazer para conseguir o papel em *The Co-Optimists*. Mas era escusado perguntar, já sabia.

– Bom, gostei de te ver – disse com uma falsa alegria.

Despediram-se com um beijo. Cherry ofereceu a face para um segundo beijo, ao estilo continental, como Freda aprendera no Sphinx. Havia pessoas que às vezes davam três. Ridículo. Que mal tinha um simples aperto de mão?

– Ah – disse Cherry, vasculhando na mala. – Toma. – Tirou dois bilhetes, que ofereceu a Freda. – Tenho estes convites para o espetáculo. Podes ir em qualquer altura. São lugares bons – acrescentou. De repente, parecia triste. Mordeu o lábio e disse: – Gostei *mesmo* de te ver, Freda. – E a seguir, voltando-se para trás: – E quase me esquecia, foi uma pessoa à academia, perguntar por ti e pela Florence.

– Perguntar por nós? A minha mãe? – Parecia-lhe bastante improvável.

– Não, não era a tua mãe. Não sei quem era, acho que não disse o nome. Como está a Florence, a propósito? Oh, céus! – exclamou, olhando para o relógio na parede. – Tenho mesmo de ir. Falamos noutra altura. Sabes onde me encontrar.

E foi-se.

Quem andarà à minha procura?, pensou Freda. Talvez fosse a Sra. Ingram, embora fosse improvável ela ter arcaboço para Londres. E queria ela que a Sra. Ingram a encontrasse? O que lhe diria, se isso acontecesse? *Lamento imenso, mas a Florence desapareceu sem deixar rasto*. Vanda encontrara Freda. Haveria alguém para encontrar Florence?

– Ah, cá estás tu – disse Ramsay quando Freda chegou ao Sphinx. –

Estou à tua espera há séculos.

– Encontrei uma amiga.

– Vamos lá a isto, então – disse ele. Pedira-lhe que fosse mais cedo para ajudar com uma coisa. «Um plano». Tinha perdido uma quantia inimaginável (mil libras!) numa «jogatana», uma espécie de partida de cartas, e estava apavorado com as consequências. Por que raio tinha ele apostado tanto dinheiro se não tinha como pagar? Mas que idiota!

– Acho que me drogaram – disse Ramsay, parecendo cheio de pena de si próprio. – Não paravam de me servir champanhe.

– Comeste alguma coisa? – perguntou Freda.

– Não sei... caviar, ostras? Havia um *bouffet*.

– Hum – disse Freda. – E no dia seguinte, tudo se transformou em pedras e cinzas?

– Bem, metaforicamente falando, sim.

Freda não fazia ideia do que era «metaforicamente», mas compreendeu o sentido.

Ao princípio, pensara que Ramsay lhe pedira que fosse mais cedo para o ensinar a jogar melhor às cartas ou até mesmo para o ensinar a fazer batota, o que lhe daria uma oportunidade de recuperar o dinheiro. (Freda confessara-lhe uma noite os seus talentos, inadvertidamente.) Mas mil libras! Ia ser difícil ganhar aquela quantia, e a verdade era que ele não era nenhum ás das cartas.

Mas afinal, não era por causa das cartas. Enquanto ela pendurava o casaco, ele perguntou:

– Sabes falsificar coisas?

– Nunca tentei.

– Há sempre uma primeira vez para tudo – disse ele; era uma coisa que Duncan também costumava dizer, claro.

*

Ramsay explicou-lhe o seu plano. Freda achou que devia ser ilegal falsificar uma carta da mãe dele para o banco, com o intuito de lhe sacar dinheiro, mas Ramsay recordou-lhe que ela não tivera quaisquer problemas em mentir acerca da idade e da experiência que tinha para conseguir aquele trabalho (isso era completamente diferente!) e, de qualquer maneira, ele não tinha qualquer intenção de defraudar Nellie; não ia roubar-lhe o dinheiro do banco, só precisava de ver uns documentos que ela lá guardava.

Aquilo continuava a soar a vigarice aos ouvidos de Freda:

– O que me impede de ir direita à senhora Coker e contar-lhe tudo?

– O facto de seres minha amiga.

– Não sou nada tua amiga. – A ideia deixou-a incomodada. Ela só tinha uma amiga e, enquanto não a encontrasse, não lhe interessava arranjar mais ninguém. Ramsay não era amigo dela só porque passavam algum tempo juntos. Era como se fossem da mesma idade, embora ele fosse vários anos mais velho.

- Escuta, Freda... – disse ele, desajeitado. – Isto pode parecer um bocado teatral, mas é uma questão de vida ou de morte.
- «Metaforicamente falando»?
- Não, mesmo a sério. Aquele tipo, o Azzopardi, diz que me mata se eu não fizer o que ele pede.
- Vais ter de me pagar – disse ela. Tornara-se muito audaz desde que começara a trabalhar no Sphinx. Começara a ter consciência do seu valor.
- Cinco libras? – ofereceu Ramsay.
- Quinze.
- Dez.
- Está bem, pode ser – disse Freda. – Vou pôr a chaleira ao lume.

*

Freda dirigiu-se à cozinha minúscula do Sphinx e constatou que o chá tinha acabado, por isso gritou a Ramsay que fosse buscar um pacote à arrecadação. Achou que ele não ouvira, por isso foi lá ela própria e deu com Ramsay de pé, imobilizado à porta da arrecadação. A cortina de veludo vermelho estava puxada para um dos lados e ele olhava para qualquer coisa como se estivesse hipnotizado.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou Freda. Ele voltou-se para olhar para ela, mas não disse nada. Tinha o rosto branco como um fantasma.

Freda teve de o afastar para ver o que o pusera naquele estado.

No chão estava estendida uma rapariga, imóvel, no meio das esfregonas e das caixas de bebidas.

– Está morta? – perguntou Ramsay num murmúrio.

– Parece-me que sim. – Freda ajoelhou-se ao lado da rapariga e pegou-lhe na mão. A rapariga era pequena, com a mesma altura e constituição de Freda. Segurou-lhe a mão e fez-lhe uma festa suave na testa. Ela não se moveu. – Está morta – disse baixinho. Mas depois pensou que não fazia diferença, podia até gritar a plenos pulmões que a morta não a ouviria.

– Vou telefonar à minha mãe – disse Ramsay.

Nellie era sempre o primeiro e último recurso em caso de emergência para qualquer Coker.

Freda perguntou-se se deveria cobrir o rosto da rapariga; não era o que se costumava fazer? Quando o vizinho deles nos Groves, um senhor de idade, morrera, toda a gente o fora ver na cama, como se aquilo fosse algum espetáculo. Alguém lhe colocara moedas de cobre sobre os olhos. Freda não tinha moedas, mas despiu o casaco e cobriu com ele o rosto da rapariga.

Quase morreu de susto quando esta arrancou o casaco da cara e se pôs a tossir e a cuspir. Ramsay, ao telefone atrás do bar, soltou um uivo de horror muito pouco masculino. A rapariga apertava a garganta com uma mão enquanto tentava sentar-se.

– Ele foi-se embora? – perguntou com voz rouca.

– Quem?

Freda olhou à volta, alarmada.

– O estupor que tentou estrangular-me. Gertie Bridges – disse, estendendo a mão pequena, ainda há pouco sem vida. – Prazer em conhecerte. Era capaz de matar por uma chávena de chá.

Nellie chegou e a história foi desbobinada enquanto tomavam chá, com uma pinga de *brandy*, preparado por ela. Gertie contou que às primeiras horas da madrugada estava ali perto, «a trabalhar, se é que percebem», quando um homem a tinha arrastado para o Sphinx.

– Ele tinha uma chave.

Havia uma chave da porta das traseiras, escondida numa fenda por cima do dintel. Muitas pessoas sabiam que ali estava, reconheceu Ramsay. Nellie lançou-lhe um olhar furioso.

O homem tinha-a amarrado, continuou Gertie, e depois fora-se embora.

– Mas, pouco depois, voltou e amordaçou-me. – Esticou o pescoço para que eles vissem. – Aposto que está negro, certo?

– Muito – respondeu Freda, estremecendo.

– Ele pensou que tinha conseguido matar-me porque eu desmaiei. Mas voltei a mim passado um bocado e fingi-me de morta. Não é a primeira vez que o faço. Ele não percebeu, porque é estúpido que nem uma porta e um estupor de primeira apanha. E depois... – Beberricou o chá e todos aproveitaram a oportunidade para respirar, coisa que se haviam esquecido de fazer, de tal forma era emocionante a história de Gertie. – E *então*, ouvi-o fazer uma chamada. Pediu para ligar à polícia e disse que queria participar um homicídio, e eu achei aquilo um bocado esquisito, ele denunciar-se a si próprio. A seguir, voltou, e eu senti que olhava para mim e nem *respirei*: devia ir para atriz. Vocês perderam-no por pouco.

– E sabes quem ele é? – perguntou Nellie.

– Não sei o nome dele, nem nada – respondeu Gertie. – Mas já o vi por aí. É um polícia, o que não me surpreende *nada*. Mas sabem o que foi ainda pior?

Freda não conseguia imaginar nada pior do que o que Gertie já contara, mas a rapariga continuou:

– O pior de tudo foi que ele esteve o tempo todo a rir, como se tentar estrangular uma rapariga fosse a melhor piada do ano.

*

– Raios me partam, sinto-me uma rainha – disse Gertie, refestelando-se no couro do banco de trás do Bentley.

Nellie achara melhor saírem do Sphinx antes de a polícia chegar.

– Excelente decisão – disse Gertie.

– Para onde desejam ir, minhas senhoras? – perguntou o motorista.

– Oh, dê só umas voltas por aí, meu bom homem – disse a rapariga com altivez, adotando uma pronúncia chique disparatada. Freda e Gertie rebentaram a rir. Estavam as duas animadíssimas. Escapar à morte por um triz

é um tônico poderoso. Hawker sorriu-lhes de forma indulgente, lembrando-se da filha com aquela idade.

– Para Kingly Court, por favor – disse Freda depois de se acalmarem um bocado. Gertie estava já a adormecer. Freda não se teria importado de viver naquele carro. Pelo espelho retrovisor, viu Hawker erguer uma sobrancelha ao ouvir a morada.

– Tem a certeza? – perguntou.

Vanda já estava a pé quando elas chegaram e disse:

– Valha-me Deus, Freda, pensei que estava a ver a dobrar! Vocês são como duas gotinhas de água!

Freda fez um relato abreviado dos acontecimentos da madrugada, e Vanda disse:

– Macacos me mordam! – Outra coisa que Duncan também costumava dizer, ao que Vanda respondia «Se pudessem, mordiam, amor».

Gertie trepou para a caminha de Freda no armário e mergulhou num sono tão profundo que esta foi verificar se não teria morrido uma segunda vez.

*

O sargento Oakes, ali perto à espreita, praguejou quando viu o Bentley afastar-se. Freda Murgatroyd era um problema. Oakes lembrara-se de a converter num problema para Nellie Coker. Um cadáver no Sphinx devia ser suficiente para impedir que Nellie abrisse outro local noutro sítio qualquer quando eles lhe ficassem com os clubes. Ficara satisfeito com a sua própria iniciativa. Maddox também ficaria, por certo. Mas naquele momento, parecia que em vez de resolver o problema de Freda o agravara ainda mais.

Teria jurado que a rapariga estava morta quando a deixara na arrecadação; porém, ali estava ela, a andar e a falar, sentada no banco de trás do Bentley de Nellie Coker. E pior, agora eram duas, como se ela se tivesse multiplicado. Eram tão parecidas, que Oakes não conseguia distinguir qual era a verdadeira Freda Murgatroyd. Tinha agora dois problemas em mãos.

*

– Senta-te e recompõe-te antes que chegue a polícia – ordenou Nellie a Ramsay. – Toma, bebe mais chá. – Verteu-lhe mais um pouco de *brandy* na chávena. – Quando perguntarem, dizes que não aconteceu nada, está bem?

– Está bem.

– Lembra-te, não houve nenhum homicídio.

– Mas não houve *mesmo*.

– Precisamente – disse Nellie.

*

Frobisher chegou ao Sphinx com um polícia fardado a reboque. Não era

Cobb. Frobisher desconfiava de que Cobb podia também ser um acólito de Maddox. O Bentley de Nellie estava estacionado à porta, mas afastou-se quando Frobisher se aproximou. Os criminosos a fugirem do local do crime, pensou.

O Sphinx não tinha a porta trancada e eles entraram livremente, passando debaixo de uma reprodução barata da máscara de Tutankhamon e descendo depois um corredor íngreme. Estavam em território desconhecido e isso deixava Frobisher ligeiramente inquieto.

– Seja cauteloso – disse ao polícia. – Se há um assassino, pode ainda cá estar.

Um clube noturno não é sítio pensado para ser frequentado de dia. As impiedosas luzes elétricas iluminavam todos os cantos indecorosos. Alguns balões órfãos flutuavam por ali sem fio, e o chão estava coberto de serpentinhas. A empregada de limpeza não tinha ainda passado por lá. Estavam duas pessoas sentadas numa das mesas pequenas, Nellie Coker e o filho Ramsay. Nellie bebia chá e era a imagem da serenidade. Ramsay, pelo contrário, estava pálido e agitado.

Frobisher franziu o sobrolho ao ver a cena e disse:

– Participaram-nos a ocorrência de um homicídio aqui.

– Um homicídio? Valha-me Deus! – exclamou Nellie, erguendo-se da cadeira e avançando para ele como um pequeno tanque, de mão estendida. – Permita-me que me apresente – disse, como uma anfitriã cortês. – Nellie Coker. O senhor deve ser o inspetor-chefe Frobisher. Tenho ouvido falar *muito* de si.

Frobisher não estava para palavras mansas.

– A pessoa que ligou disse que uma rapariga tinha sido morta aqui – declarou num tom áspero.

– Receio que tenha sido mal informado, inspetor. Talvez tenha sido vítima de uma brincadeira de mau gosto. Como pode ver, não está cá rapariga nenhuma, apenas o meu filho e eu, e estamos ambos bem vivos. – Ramsay anuiu. – Mas se quiser, pode revistar o local – acrescentou Nellie, fazendo um gesto com o braço a abarcar o clube todo, como se o estivesse a oferecer.

Frobisher mandou o polícia passar a pente fino todos os recantos do Sphinx. Estava convencido de que haveriam de aparecer indícios de crime, se não mesmo um cadáver. Mas o clube estava absolutamente limpo.

– Encontrei isto, inspetor – disse o polícia. – Atrás do bar. Segurava na mão um sapato prateado. Frobisher pegou nele.

– Deve ter sido uma das dançarinas que o deixou aí – disse Nellie calmamente. – As raparigas estão sempre a perder os sapatos.

Ouviram-se o som de alguém a entrar no clube e todos se viraram para ver quem era.

– Ora vejam só – disse Nellie. – É a menina Kelling. Já conhece a menina Kelling, senhor inspetor?

Gertie acordou ao final da tarde, e como os armários continuavam vazios, Freda fez sanduíches de açúcar que Gertie, esfomeada, devorou. Freda pensou que morrer e voltar à vida devia dar uma certa fome. Jesus devia ter sentido o mesmo quando saiu do túmulo. Lembrou-se do grande crucifixo pendurado sobre o altar na igreja de Florence. Tinha lá ido com regularidade acender uma vela. *Acendes as velas para outra pessoa, não para ti*, dissera Florence. Freda acendia-as para Florence.

– Estás bem? – perguntou Gertie.

– Estou.

Vanda, de saída, disse a Gertie:

– Bem, estás muito menos macilenta, amor. – Deu-lhe um lenço de seda velho para prender ao pescoço e esconder as nódoas negras. – Podes ficar com ele – acrescentou com generosidade –, não é seda verdadeira.

Gertie suspirou e disse:

– Bem, acho que tenho de ir andando.

As raparigas sentiam-se um pouco desalentadas depois de tanta aventura, e Freda disse:

– Apetece-te ir ver um espetáculo? Tenho dois bilhetes grátis para *The Co-Optimists*, no Palace.

A Caixa

Ramsay estava a contar com Freda, não apenas para o ajudar a falsificar a carta para o banco, mas também para ensaiar a sua «atuação» (afinal, ela estava sempre a dizer que o lugar dela era nos palcos). Tivera até esperança de que ela fosse com ele ao banco e lhe emprestasse um pouco daquela sua audácia, mas Freda fora-se embora com Gertie, de modo que ele ia ter de avançar sem o seu apoio.

No papel timbrado do Amethyst, escrevera: *Estimados senhores, a quem de direito, informo que estou um pouco indisposta e que envio o meu filho Ramsay em vez da minha pessoa. Por favor, deem-lhe acesso ao meu cofre. Com os melhores cumprimentos, Sra. Ellen Coker.*

Tivera de fazer várias tentativas dolorosamente lentas antes de conseguir produzir qualquer coisa minimamente credível. Era como voltar à escola e ter de escrever frases de castigo. Ramsay fora considerado «impossível de educar» no Fettes e nas escolas seguintes, apesar de ter conseguido entrar em Oxford; gostava de imaginar a expressão dos seus antigos professores ao passarem por acaso pela Hatchard's e verem *A Era do Deslumbramento* exposto em destaque na montra.

*

– Senhor Coker? Em que lhe posso ser útil hoje?

Ramsay foi direito a um dos caixas na esperança de evitar Sneddon, o gerente, que achava sempre intimidante, mesmo quando lá ia entregar as receitas da noite do Sphinx. Mas teve azar, pois assim que o caixa leu a carta, disse:

– Vou passar isto ao senhor Sneddon, senhor Coker.

– Tem mesmo de ser?

– Lamento, mas é o procedimento habitual do banco – explicou o caixa.

Foi uma espera longa e agonizante até Sneddon aparecer em pessoa e dizer, franzindo o sobrolho:

– Bom dia, senhor Coker. Constou-me que deseja aceder ao cofre privado da sua mãe? – Sneddon segurava a carta na mão e examinou-a atentamente durante o que pareceu uma eternidade, antes de a devolver a Ramsay e acrescentar: – Com certeza, senhor Coker, acompanhe-me. Ah, e tem a chave, imagino?

Sim, por acaso, tinha a chave, muito obrigado. Surripiara-a de baixo do colchão de Nellie na tarde anterior e, enquanto ela estava fora, mandara fazer uma cópia num serralheiro de Bridle Mews e voltara a colocá-la no lugar em menos de uma hora. Se Nellie soubesse o que ele havia feito, o mais certo era transformá-lo num bode ou num lagarto. Se soubesse o que ele estava a fazer naquele momento, fá-lo-ia desaparecer numa explosão de fumo e nunca mais ninguém o voltaria a ver. Preparava-se para a trair, a pedido de Azzopardi, mas ainda assim sentia legitimidade para o fazer. A mãe não queria saber dele, o testamento que redigira provava-o; então, porque havia de se preocupar com ela?

Apesar de tudo aquilo lhe parecer aterrador, Ramsay sentia também uma enorme excitação. Não estava apenas a escrever um romance policial, estava também a vivê-lo. Após uma vida de apatia, a ficção nem se comparava à sensação de estar finalmente a *fazer* qualquer coisa.

Nellie tinha apenas um cofre, mas era grande e pesado, e o caixa que o acompanhara até à casa-forte tivera dificuldade em tirá-lo e em colocá-lo em cima da mesa. Sneddon utilizou uma chave sua, Ramsay usou a dele a seguir, e, por fim, deixaram-no sozinho com a caixa.

Pensou em Pandora.

Levantou a tampa.

*

– Mas o que é que te passou pela cabeça? – rosnou-lhe Niven.

Segurava Ramsay pelo colarinho, como se ele fosse um colegial, e empurrava-o contra o Hispano-Suiza, que estava estacionado à entrada do banco com o motor ligado.

– Entra – vociferou Niven, abrindo a porta do passageiro e empurrando Ramsay para dentro. Depois arrancou a toda a velocidade pela Aldwych, como se estivesse a ser perseguido. – E nada de lamúrias.

– Não me estou a lamuriar! – protestou Ramsay. – Como é que sabias que eu estava no banco?

Sneddon telefonara-lhe, contou Niven. Sabia que Nellie nunca mandaria Ramsay remexer no seu cofre privado e, além disso, percebera imediatamente que a carta de Ramsay era uma falsificação ridícula. Mas o gerente tivera pena dele, pois pensara que se tratava de uma partida idiota. «Uma parvoíce de jovem», explicou, mais do que um ato criminoso. Não querendo que a fúria de Nellie se abatesse sobre ele, «decidiu ligar-me», explicou Niven.

– Devias agradecer ao Sneddon. E que necessidade tão grande de dinheiro é essa, que te tenha levado a montar esta farsa? É para droga? Jogo?

– Eu não tirei *dinheiro*, eram só papéis e coisas dessas.

– O que queres dizer? «Papéis e coisas dessas?»

Ramsay tirou timidamente um molho de papéis de dentro do casaco. Niven virou para a Tavistock Street e estacionou o carro para os analisar.

– Registos de propriedade, contratos de locação dos clubes? – Niven estava intrigado. – Para que querias isto?

O lábio inferior de Ramsay tremeu e vieram-lhe lágrimas aos olhos. Não de medo, nem de remorso, mas do alívio da confissão. Agora podia deixar de ter medo, Niven resolveria tudo. Contou-lhe toda a triste história.

– O Azzopardi? Deixaste-te enrolar pelo *Azzopardi*? – Niven estava furioso. – És ainda mais idiota do que eu pensava. Percebes o que isto significa? Com estas «coisas», como lhes chamas, ele tornar-se-ia proprietário de todos os nossos clubes. De tudo o que a Nellie possui.

– Mas eles estão em nome dela.

– Ele mudaria tudo para seu nome. Há imensos falsificadores em Londres, muito melhores do que tu. Ou então chantageava-a e obrigava-a a entregar-lhos. Ameaçava-a com qualquer coisa que ela não se pudesse dar ao luxo de perder.

– Não te preocupes, não seria eu – disse Ramsay. – A mãe sacrificar-me-ia alegremente, se fosse preciso, para manter o seu precioso império. Eu vi o testamento dela, sabes? Tu vais ficar bem, mas eu fui praticamente deserdado.

– Depois desta tua golpada, não a censuraria.

*

– Senhora Coker – cumprimentou o caixa quando ela se aproximou do balcão com um ar resolutivo. – Espero que esteja a sentir-se melhor.

Ela ignorou o comentário.

– Gostava de aceder ao meu cofre, por favor. – Ergueu uma sobrancelha que fez o caixa sair a correr para ir procurar o Sr. Sneddon.

Dez minutos depois, regressava ao Bentley. Pousada sobre as pernas estava a caixa de metal enferrujado que retirara do cofre. Deve ser algum fundo de reserva, pensou Hawker.

*

– Acho que está na altura de pormos as cartas na mesa, não te parece? – disse Niven.

– Eu já pus as minhas – retorquiu Nellie, acenando com satisfação para o baralho de cartas Lenormand que tinha à frente. Niven olhou para elas com desagrado. Perguntava-se com frequência se a mãe acreditava mesmo no oculto ou se gostava apenas que as pessoas pensassem que possuía um poder secreto qualquer, que podia usar como arma se a enfurecessem. Fazia tudo

com grande teatralidade.

Ao seu lado tinha uma caixa de metal enferrujado. Niven não fazia ideia do que continha, mas tinha o tamanho ideal para encerrar uma grande cabeça decepada. Não o surpreenderia...

– O que está dentro da caixa?

Nellie ignorou a pergunta. Depois de procurar um pouco, Niven encontrara-a no Crystal Cup. Devia ter desconfiado de que ela lá estaria, era o local onde se refugiava. Ainda era cedo para Gwendolen estar no clube; perguntou-se se ainda estaria no apartamento em cima e se se lembraria de alguma coisa da noite anterior.

*

Gwendolen dormia profundamente quando ele a deixara de madrugada. Os *brandies* e *whiskies* que bebera desenfreadamente, uns a seguir aos outros, haviam-na deixado fora de combate. Niven ignorava o que motivara aquela orgia de álcool, mas Oxford parecia ter qualquer coisa que ver com isso.

No decurso de todo aquele descomedimento, ela contara-lhe sem querer a história da sua vida, terminando com a vinda para Londres.

– E agora sou uma espia – concluiu, animada.

– Já desconfiava – retorquiu ele. A influência do álcool facilitava o interrogatório. – Trabalha para o Maddox?

– Não!

– Para o Azzopardi?

– Quem?

– Para quem, então?

– Para o Frobisher, como é evidente. Pediu-me que procurasse provas para demolir a sua mãe. Para vos demolir a todos, suponho.

Frobisher? Sim, fazia sentido. Niven devia ter suspeitado de que ela estava ao serviço das discretas forças da lei; não era propriamente uma Mata Hari.

– O segredo não é a essência do trabalho de espionagem?

– Decidi abandonar o jogo – disse ela. Estou farta do Frobisher. – Riu-se e disse: – Bom, o que vai fazer, agora que tem esta informação? Mandar matar-me?

– A palavra é parecida, mas com letras diferentes.

Ela bebera demasiado *whisky* para resolver a charada, por isso ele não acrescentou mais nada e beijou-a.

Foi um beijo meio desajeitado, com sabor a *whisky*, mas perturbou-o de uma forma que não esperava. O mesmo não se passou com Gwendolen, que esvaziou o copo e, com uma voz sedutora, disse:

– Vou para a cama. Espero que me venha fazer companhia.

Ele teve de abafar uma risada ao vê-la sair da sala aos ziguezagues.

Quando, meia hora depois, foi ver como ela estava, encontrou-a estendida na cama, completamente inconsciente. Nada de flanela, nem de

meias para dormir, a roupa de dormir dela parecia desenhada para uma noiva. Mesmo que não estivesse semi-inconsciente, Niven não tinha qualquer intenção de dormir com ela. Puxou as mantas para a tapar e pendurou as roupas que ela abandonara no chão. A seguir, desligou a luz e saiu.

*

– Então, passaste uma boa noite com a menina Kelling? – indagou Nellie. – Ela é muito astuta, vejo que te deixaste cativar pelos seus encantos. Sabias que trabalha para o Frobisher?

– O que está dentro da caixa? – Nellie ignorou novamente a pergunta, e Niven suspirou e disse: – O Ramsay viu o teu testamento. Ficou todo perturbado.

– Não fosse tão metedigo – ripostou Nellie. – Foi por isso que cá vieste? Ou foi para falar dos teus encontros «secretos» com o Azzopardi? Pensei que talvez estivesses a planejar usurpar o meu lugar.

– *Eu?* – Niven riu-se. – Sou o único que defende os teus interesses, acho que mais ninguém o faz. O Azzopardi tentou roubar os títulos de propriedade dos clubes esta manhã.

– Não – corrigiu Nellie –, o *Ramsay* é que os tentou roubar. É um traidor – disse quase com orgulho, como se o filho tivesse revelado ser um verdadeiro Coker.

– O que importa é que ele não os entregou ao Azzopardi – disse Niven. (O que estaria dentro da caixa?)

– És tu que os tens?

– Estão em segurança. Achas que o Azzopardi te obrigaria a assiná-los, ameaçando-te com qualquer coisa?

– Já o fez. Disse que raptava a Kitty e que a cortava em pedacinhos – admitiu a mãe. – Era bem capaz de a comer, o homem tem cá uma avidez! Há duas semanas, fez uma tentativa falhada: tentou convencê-la a entrar no carro. Mas está tudo bem – disse, ao ver a expressão de Niven. – Ela já cá não está.

– Já cá não está?

Para onde fora Kitty?

– Mandei-a para um convento em St. Albans. Conheço lá umas freiras que me deviam um favor. (Freiras que deviam favores a Nellie?) – Ficar lá bem escondida.

– Bom, parece que tens qualquer coisa do Azzopardi que ele quer recuperar – disse Niven. – Está relacionado com o conteúdo dessa caixa?

Nellie suspirou.

– A seguir, irá atrás da Shirley ou da Betty. Não posso mantê-las em segurança para sempre.

– O que tem a caixa?

– Estava a ver que nunca mais perguntavas – respondeu a mãe.

*

Era como uma das arcas do tesouro de piratas que povoavam as suas leituras de infância. Joias: diamantes, safiras, rubis e sabe Deus que mais. Mesmo à luz fraca do Crystal Cup pareciam reluzir.

Fora assim que começara a sua carreira, confessou-lhe Nellie. Niven estava na Frente e não soubera nada da Great Percy Street nem da senhoria amável. Ao regressar da guerra, a mãe apenas lhe dissera que «tivera um golpe de sorte». Ao que parecia, a velhota era recetadora e guardava em casa o produto de vários assaltos de um ladrão.

– A última golpada foi a maior, ele estava a planear retirar-se para a Riviera e deixar de vez a criminalidade.

– Deixa-me adivinhar: foi o Azzopardi.

– Naquela altura, respondia por um nome diferente – explicou Nellie. – Eu não sabia nada dele, tudo isso foi antes de irmos para Londres.

A história «que contou a sua amiga Agnes» (a mãe tinha uma amiga?) era que um homem teria vindo da Suíça à capital para vender uma «pedras» a um traficante de Hatton Garden.

– Ele era um agente contratado por uns russos nobres, exilados, não sei quem. Naqueles tempos, uma data de gente afirmava pertencer aos Romanov.

O intermediário sem nome ficara hospedado no Ritz e fora a partir daí que Azzopardi – Spiteri, era o seu nome verdadeiro – se abotoara com tudo.

– Deixa ver se percebi bem – disse Niven, exibindo à mãe uma sobrancelha arqueada com uma magnífica expressão de ceticismo. – O Azzopardi, ou lá como ele se chama, roubou as joias da Coroa russas, e tu roubaste-lhas a ele?

– Não sejas tolo – ripostou Nellie. – Os soviéticos é que venderam as joias.

– E foi aí que ele foi apanhado?

– Não, ele decidiu dar uma última golpada, no Goring. Levou um tiro na mão e foi preso. Espero que lhe tenha servido de lição.

Nellie contou que tinha vendido apenas um artigo do espólio: um colar de ametistas, uma aposta que se revelara frutífera. Fechou a tampa da caixa e deu-lhe umas palmadinhas afetuosas.

– Estava a guardar o resto para a minha reforma – disse. – Devolve-lhas e ele deixa-nos em paz.

Niven pensou que nunca antes vira a mãe admitir uma derrota. Talvez Azzopardi tivesse razão, talvez estivesse na altura de ela abandonar o campo de batalha.

– Temos problemas maiores do que o maltês – disse ela. – O Maddox está a preparar-se para dar o golpe.

– E tens algum plano?

– Tenho sempre – respondeu Nellie.

convidou para entrar e não verificou o conteúdo da caixa. Disse que sabia que podia confiar na honra de Nellie. Devia ser a única pessoa em Londres, pensou Niven.

*

Onde estaria Gwendolen Kelling? Dirigiu-se ao apartamento e premiu a campainha da porta da rua durante muito tempo, mas ninguém respondeu. Imaginou que ela tivesse ido às compras ou que estivesse a almoçar com alguém. Gostava demasiado dela. Receava que isso o estivesse a tornar fraco. Mas e se, na realidade, isso o estivesse a tornar mais forte?

10. Alusão às parecenças entre as palavras *kill* (matar) e *kiss* (beijar), no original. (*N. das T.*)

A Verdadeira Noiva

— Ah, veja só, é a menina Kelling. Já conhece a menina Kelling, inspetor?

Frobisher apertou-lhe a mão (quase sem lhe tocar), olhando para todo o lado menos para Gwendolen. Não tinha jeito para teatros. Os homens honestos raramente têm.

Gwendolen estava confundida. Nellie telefonara-lhe a pedir que fosse ter com ela ao Sphinx o mais rápido possível. A forma cautelosa com que falara levava-a a deduzir que tinha havido outro «acidente» (como ela dissera) que precisava de ser examinado. Ter-se-ia alguém magoado no Sphinx? Não devia ter sido outra escaramuça entre gangues, o clube ainda não estava aberto. Ao chegar, não viu ninguém que precisasse de cuidados médicos, só lá estava Frobisher, com um ar bastante exasperado, com um sapato de dança prateado na mão, como se tivesse ido procurar a sua Cinderela a um sítio tão improvável como o Sphinx.

Gwendolen esperou um sinal de Nellie, que esta oportunamente lhe deu.

— Afinal, resolvemos o nosso problemazinho sem si, menina Kelling – disse Nellie. – Lamento tê-la feito perder o seu tempo obrigando-a a vir cá.

— Não tem importância, senhora Coker – respondeu ela tranquilamente. – Estava aqui perto.

— Como o inspetor Frobisher já terminou o que tinha a fazer, talvez a queira acompanhar à saída – disse Nellie.

Frobisher não tinha ar de quem achasse que já tinha terminado, mas respondeu:

— Com certeza. Permita-me, menina Kelling.

*

— Problemazinho? Mas que problemazinho? – perguntou ele com brusquidão quando chegaram à rua.

Gwendolen ignorou a pergunta e continuou a caminhar, mas ele agarrou-

lhe o braço e puxou-a. Ela fixou a mão dele no seu braço até ele a soltar.

– Não sou um cão que anda a passear pela trela, inspetor – disse ela, ofendida. A recordação de Oxford pairava entre os dois.

– Peço desculpa.

Frobisher foi buscar o cão verdadeiro, que estava preso a um poste. Este saudou Gwendolen como se de uma velha amiga se tratasse, o que mitigou um pouco a irritação dela. Acabou por ceder e contou-lhe como Nellie lhe tinha telefonado a pedir ajuda; ele contou-lhe do homicídio que nunca chegara a ocorrer.

– Aconteceu ali qualquer coisa – disse ele. – Mas não faço ideia do que poderá ter sido.

Fez sinal para mandar parar um táxi e disse-lhe que tinha de ir buscar uma coisa à Bow Street e que depois ia à morgue de Southwark.

– Valha-me Deus! Não me diga que é a Freda ou a Florence?

– Não, não, não queria alarmá-la.

Grande parte da relação deles até ali assentava em situações em que provocavam alarme um no outro.

Ele regressou rapidamente da esquadra, com outro sapato prateado na mão, que pôs ao lado do primeiro, que ficara com ela.

– O que acha? É um par?

– Bem, *parece mesmo* ser, embora seja difícil ter a certeza absoluta. Mas, veja... – disse ela, fazendo girar o sapato que tinha na mão. – Não o examinou minuciosamente. Eu sou melhor detetive do que o senhor. – O sapato fora marcado pela proprietária e tinha umas iniciais gravadas na sola de couro. – Com um pau em brasa, provavelmente – disse Gwendolen. – O meu irmão Dickie costumava fazer isso, não com os sapatos, mas com quase tudo o resto. Nas escolas de dança, as raparigas misturam tudo, é tudo igual: os sapatos, não as raparigas. Um M e um C... Diz-lhe alguma coisa, inspetor?

Ele olhou para a sola do sapato que trouxera da esquadra. Eram iguais. As mesmas iniciais. Sim, aquilo dizia-lhe qualquer coisa. Dizia-lhe muito, até.

– Uma rapariga chamada Minnie Carter – disse.

– E está morta?

– Sim.

– Está na morgue aonde vamos agora?

– Aonde *eu* vou. Espero encontrá-la lá. Prometi à mãe dela. A Minnie tinha um destes sapatos quando a retiraram do rio.

– E o senhor encontrou o outro no Sphinx. O que acha que isso significa?

– Acho que significa que a mataram lá – respondeu Frobisher. – Não lhe parece óbvio?

– E se for alguém que queira que o senhor *pense* que a mataram lá?

Frobisher soltou um grande suspiro e disse:

– A Navalha de Ockham, menina Kelling. A menina tem tendência para complicar demasiado.

– E o senhor tem tendência para simplificar demasiado. Há pessoas que estão a tentar destruir a Nellie.

– Eu sou uma delas, recordo-lhe.

– E o seu inspetor Maddox é outra.

– Sim, soube disso recentemente. – Frobisher soltou um novo suspiro. – Temos de falar do «meu» inspetor Maddox.

A caminho de Southwark, Frobisher contou-lhe a confissão que Edith lhe fizera. Gwendolen tinha um estômago forte, mas, ainda assim, ficou nauseada com o que ouviu.

– Não pode prender o Maddox? – perguntou. – Hoje, agora, antes que ele faça mal a mais raparigas?

– Só tenho a palavra da Edith – respondeu Frobisher. – E, para ser franco, os motivos dela não são inteiramente claros. Preciso de provas irrefutáveis. Mesmo que algumas das raparigas se dispusessem a falar, receio que não fossem propriamente o género de pessoa em quem um júri acreditasse. Eu não sou assim – apressou-se a acrescentar. – Hei de arranjar uma solução.

*

– Não quero que venha comigo – disse Frobisher quando o táxi parou em Southwark.

– Mas vou.

O cão era mais obediente e ficou à espera no táxi, vigiando os sapatos prateados.

– Aqui a senhorita estava quase a seguir caminho – disse o funcionário da morgue. – Foi por um triz que não vos escapou.

Como seria de esperar, era um local desolador. Havia vários corpos em cima das mesas de mármore alinhadas ao longo das paredes. Alguns estavam ainda nas marquesas em que tinham chegado, e todos estavam cobertos com lençóis finos. Cadáveres. Gwendolen odiava aquela palavra. O ar frio da morgue tinha um odor que ela reconhecia da guerra. O odor forte a desinfetante esforçava-se em vão para encobrir o cheiro a decomposição e, ali, o fedor a formaldeído do líquido de embalsamar também. Pensou que ia ter de recorrer aos saís que trazia sempre consigo na mala. Normalmente, eram mais para outros do que para si mesma. A menina Rogerson, em particular, reagia bem aos vapores.

Num dos extremos da sala havia umas câmaras de metal.

– Refrigeradas – disse com orgulho o funcionário da morgue. – São o último grito, acabámos de as instalar. – Pareceu desiludido por eles não se mostrarem mais impressionados. Gwendolen sentiu-se gelar com a ideia de poder acabar numa daquelas câmaras, trancada num sítio frio e escuro.

O funcionário abriu uma delas e puxou um grande tabuleiro. O corpo estava coberto por um lençol e o funcionário levantou-o, revelando o rosto de uma rapariga jovem. Oh, que tristeza, pensou Gwendolen. Conseguia

compreender que os homens se matassem uns aos outros em combate; estavam a cumprir ordens, ou talvez até acreditassem na causa por que lutavam. Mas pôr fim a uma vida jovem, extingui-la como se apaga uma vela, em nome de qualquer compensação perversa, desafiava a sua compreensão.

– Sente-se bem, menina Kelling? – perguntou Frobisher, com uma expressão de preocupação estampada no rosto.

Ele era boa pessoa, pensou ela. Era um bom homem. Casado.

– Sim, obrigada – respondeu, e brindou-o com um sorriso desmaiado. Pouca gente devia sorrir naquele lugar, pensou.

– É esta, chefe?

– Sim – respondeu Frobisher. – Chama-se Wilhelmina Carter.

Tinham ido reclamar o corpo, disse o funcionário. Ele garantira que o guardariam até a mãe organizar o funeral.

– Não a deixe sair – disse com firmeza. – Compreende?

– Sim, senhor, vamos guardá-la no gelo para a mãe.

*

Gwendolen pediu ao taxista que a deixasse no West End. Sentia uma necessidade imperiosa de caminhar, de estar no meio de pessoas que nada sabiam sobre o lado frio e escuro de uma morgue ou a crueldade do mundo dos mortos debaixo dos seus pés.

Frobisher ajudou-a a sair do táxi, e ela disse:

– Vamos ser amigos, inspetor, não inimigos.

– Claro, menina Kelling. Nem eu desejo outra coisa.

Deram um aperto de mão e ela disse:

– Mantenha-me informada. Sobre o Maddox.

Sentiu uma inesperada onda de afeto por ele. Era piedosa. Ele restituíra o nome a Minnie Carter, por isso ela tratou-o pelo seu:

– Adeus, John.

Talvez *au revoir*, mais do que *adieu*.

Morte na Água

Gertie achou que *The Co-Optimists* era a melhor coisa que tinha visto na vida. Já Freda, como veterana dos palcos que era, achou o espetáculo um pouco fraco, mas não quis estragar o entusiasmo a Gertie, por isso ficou calada. Quando Cherry Ames entrou em cena, deu uma pequena cotovelada a Gertie e disse: «Aquela é a minha amiga», o que deixou Gertie fortemente impressionada. Freda pensou que se tivesse oportunidade de representar o papel de Cherry, tê-lo-ia feito muito melhor, mas quando os atores voltaram ao palco depois de o pano cair, gritou e assobiou tanto quando Cherry fez a vénia, que esta pareceu admirada e perscrutou o público para ver quem estava a fazer tanto alarido.

Gertie, deslumbrada, insistiu para que fossem à porta dos artistas ver os atores a sair. Não tinham ainda lá chegado quando Freda avistou Cherry a partir, apressada, ainda com a maquilhagem de palco e com uma estola de pele de aspeto dispendioso. Foi direta a um carro que se encontrava estacionado lá fora e a um homem de *smoking* que lhe abriu a porta. Tinha idade para ser avô dela, mas não a beijou como se o fosse, ainda que Freda nunca tivesse tido avós. Devia ser o «investidor» com quem tivera de ir jantar, pensou Freda. Perguntou-se com que frequência teria Cherry de ir jantar com pessoas. Com homens. Sentiu uma onda de gratidão inesperada para com Nellie Coker. Tinha-lhe dado um emprego sem lhe exigir nada em troca.

– A tua amiga parece ter arranjado um «paizinho» – disse Gertie. Freda nunca tinha ouvido aquele termo, mas adivinhou logo o que significava. – Não a cumprimentaste – acrescentou.

– Pois não...

– Bom, adiante, vou andando – disse Gertie. Explicou que tinha uma casa e que Freda devia ir visitá-la.

– Hei de ir – respondeu esta, mas perguntou-se se o faria.

Acompanhou Gertie até Seven Dials, onde deram um abraço de

despedida.

– Tem cuidado.

– Tu também – respondeu Gertie.

*

Foi de tal forma inesperado que Freda nem teve um segundo para pensar. Num instante estava a atalhar por Tower Court, a pensar no que iria comer ao jantar antes de ir para o Sphinx (ovos e batatas fritas, acabara de decidir), e no instante seguinte sentiu uma pancada tremenda num dos lados da cabeça e caiu redonda no chão.

O golpe deixou-a neutralizada, mas conseguiu ainda perceber que estava a ser arrastada. Não conseguia falar, nem gritar por socorro e sentia-se horivelmente nauseada. A sua audição também fora afetada, mas conseguiu captar uma voz abafada de mulher a perguntar:

– A rapariga está bem?

O homem que a arrastava pegou nela em braços e, com a voz competente da autoridade, disse:

– Desmaiou na rua. Deve ser uma drogada. Vou levá-la ao hospital.

Freda tentou gritar e libertar-se dos braços dele, mas o homem apertou-a com mais força. Tinha o rosto encostado à sarja áspera do casaco dele e gemeu de angústia, um som fraco e desamparado, até ele lhe rosnar ao ouvido:

– Cala-te, putazinha de merda.

Ela já ouvira aquela voz, mas não sabia onde, e antes de conseguir vasculhar a memória, sentiu uma picada com um objeto dolorosamente aguçado e foi arrastada e engolida por uma onda de escuridão. A última coisa que ouviu foi o som do riso dele.

*

Quando voltou a si, Freda tinha a pior dor de cabeça de sempre. Levou uns momentos a recordar o que tinha acontecido. Levou outro momento a perceber que estava fechada algures dentro de um sítio escuro. Seria uma caixa? Um *caixão*? Teria sido enterrada viva? Num acesso de pânico horrível, gritou por socorro até ficar rouca, dando socos e pontapés nas paredes do caixão, até que se ouviu o som abrupto de um motor a arrancar e as narinas encheram-se-lhe de repente do cheiro inebriante a gasolina. Um carro. Estava na mala de um carro. Não era o melhor local para se estar, mas, pelo menos, não era um caixão.

Felizmente, a viagem foi curta. Quando a porta da bagageira se escancarou, pensou em saltar e fugir a correr, mas não conseguia mexer os membros. Antes de poder vislumbrar o rosto do sequestrador, ele deu-lhe outro soco e ela voltou a mergulhar na escuridão.

Quando recuperou novamente os sentidos, Freda deu por si no rio. O seu batismo nas águas geladas e imundas do Tamisa resgatou-a do mundo dos mortos, para logo em seguida dar por si a afogar-se. Tinha-se afundado tanto que pensou ter tocado no fundo do rio. Lembrou-se dos apanhadores de pérolas de Duncan. Provavelmente havia tesouros no fundo lamacento do Tamisa, moedas romanas e anéis medievais perdidos ao longo dos anos, mas nada disso interessava a Freda. Voltou à superfície, engasgada com água do rio e, tal como os apanhadores de pérolas de Duncan, encheu os pulmões de ar, até sentir que podiam rebentar como balões.

Tentou nadar, mas as pernas ainda não funcionavam como devia ser. A corrente era um predador implacável, que a prendeu com força no seu abraço líquido, mas, de repente, perdeu o interesse, e ela afundou-se uma segunda vez. Era boa nadadora, recordou a si mesma. Pensou nos pequenos troféus que ganhara nos concursos dos banhos de Yearsley. Pensou no Sr. Birdwhistle e na horrível modista da Coney Street. Lembrou-se de estar parada na plataforma ventosa da estação de York, à espera da chegada do comboio que as levaria a Londres. A pregadeira com o pássaro azul. A expressão lúbrica de Owen Varley. A igreja do Corpus Christi. E Florence. A boa e palerma da Florence.

Não era isso que as pessoas diziam? Que a vida nos desfila diante dos olhos quando morremos. Agora que a via desenrolar-se assim à sua frente, não parecia ter sido grande coisa. Freda sentiu uma onda de fúria. Não estava preparada para ir já, queria mais, muito mais, e melhor. Bateu as pernas com força e voltou a encontrar ar.

Frobisher estava a atravessar a Southwark Bridge, a pensar como iria levar Maddox e Oakes a responder perante a justiça e garantir que eles não se libertassem das suas garras.

O toureiro dessa manhã (que parecia agora tão distante) fora identificado. Era um homem chamado Vivian Quinn, que escrevia uma daquelas colunas de sociedade que Frobisher evitava como a peste. Para seu grande embaraço, não fora identificado pela polícia, mas – o que era muito irritante – pela revista *John Bull*. Frobisher recebera um telefonema no seu gabinete, depois de voltar da visita à morgue de Southwark, do editor da *John Bull*, a pedir que escrevesse qualquer coisa sobre o homicídio. Havia alguma verdade, queria o editor saber, no rumor que corria de que uma das últimas pessoas vistas com Quinn teria sido Ramsay Coker, o filho da «velha Ma Coker de má fama»?

– Estou a pensar em qualquer coisa do género «Filho de Rainha do Vício envolvido em chocante...»

Frobisher desligara-lhe o telefone na cara. Já tivera o suficiente para um

dia, pensou, exausto.

Na ponte, os seus pensamentos voltaram-se para Gwendolen Kelling. Ela tratara-o pelo nome próprio. Teria algum significado? Ela já não era a mulher alegre de há umas semanas atrás. Sentiu uma pontada de remorso. Quando a conhecera, ficara impressionado, cativado até, pela sua natureza jovial. Mas o seu lado sombrio conseguira ofuscar, eclipsar essa luminosidade. Estava concentrado nas metáforas atmosféricas – nuvens escuras, nevoeiro desnordeante, etc. –, quando a sua atenção foi desviada por qualquer coisa na água que era arrastada com o restante lixo por entre os imundos dejetos flutuantes do Tamisa.

Não era lixo, era uma rapariga. Rolava e dava voltas como uma canoa a descer rápidos. O Tamisa estava cheio, e a corrente da maré vazante era forte, mas a rapariga tentava nadar e lutava sozinha contra o rio. Mas era demasiado pequena, e a água devia estar muito fria (*chama-se hipotermia*, lembrou-se de Webb ter dito). Frobisher não hesitou nem ponderou de forma sensata no que se preparava para fazer. Mais tarde, pensou que agira como um louco, não como um herói. Despiu o casaco, descalçou as botas e mergulhou no rio assassino.

Alcançou a rapariga na London Bridge, onde foram arrastados por uma corrente paralela. Ela gritou-lhe qualquer coisa que ele não percebeu. Estava a ficar sem forças, lutando por manter a cabeça fora de água – a rapariga era mais forte do que ele –, mas o rio era demasiado frio para que qualquer um deles aguentasse muito mais tempo. Esforçou-se para a agarrar, mas deslocavam-se depressa demais.

A Tower Bridge aproximava-se a toda a velocidade; se não a agarrasse nos próximos segundos, ninguém a conseguiria deter, iria dar aos pântanos, ao mar, perdida para sempre. De súbito, antes de a água a engolir, teve um vislumbre claro do rosto da rapariga. Com um último esforço sobre-humano conseguiu agarrar-lhe o cabelo e depois um braço, e virou-a para a segurar por trás, pelo pescoço. Agora com a ajuda da corrente, conseguiu nadar e aproximar-se do cais, dos degraus e do Dead Man's Hole.

Colidiram com força contra a saliência de cimento. Infelizmente, não havia sinais do funcionário com o gancho. Frobisher agarrou-se a um grande anel de ferro cravado na parede e, com as últimas forças que lhe restavam, conseguiu arrastar-se com a jovem para cima da plataforma. Tinha engolido metade do Tamisa e estava agora a cuspi-lo novamente. Também a rapariga tinha espasmos e tossia, como se estivesse com uma crise grave de difteria. Frobisher sentia o coração a martelar no peito como se fosse rebentar. O seu motor, pensou. Sem uma réstia de forças, deixaram-se ficar ali os dois estendidos de costas. Como um par de solhas, pensou ele.

Regressaram lentamente à vida, primeiro a rapariga, depois Frobisher. Não haviam passado despercebidos e não tardou que várias pessoas comesçassem a descer as escadas e se amontoassem no espaço exíguo. Alguém chamou uma ambulância. Frobisher não quis ir, mas acompanhou Freda

quando a embrulharam em cobertores e a levaram para dentro do veículo. Inclinou-se para falar com ela enquanto avançavam aos solavancos até St. Thomas.

– Como se sente agora, menina...

– Murgatroyd – murmurou ela sem forças, com os olhos fechados. – Freda Murgatroyd.

Frobisher deixou escapar uma gargalhada, som raro e digno de ser gravado, qual canção do rouxinol, ainda que ele não fosse nenhuma ave canora.

– Têm-na procurado por todo o lado, Freda. – Ela não se parecia nada com a fotografia que Gwendolen lhe dera, mas ele tinha a certeza de a ter visto antes. Vira-a em todo o lado. Ela era todas as raparigas desaparecidas de Londres que o assombravam nas horas em que estava desperto.

– Tentou afogar-se, menina Murgatroyd? – perguntou gentilmente quando se aproximavam do hospital.

Ela arregalou os olhos.

– Se tentei matar-me? – Seguiu-se uma saraivada de palavras iradas, cuja essência era que um polícia a tentara assassinar. Maddox, pensou Frobisher, mas depois ela acrescentou: – Fardado. Riu-se de mim.

Então fora Oakes.

– Vou apanhá-lo e castigá-lo – prometeu ele solenemente. Mas o acesso de fúria deixara Freda esgotada. Voltou a fechar os olhos sem dar sinais de o ouvir.

*

Freda estava «surpreendentemente bem», afirmou o médico, ainda que exausta. Nada que um bom sono não curasse, declarou.

– O senhor também – acrescentou, ao tomar o pulso a Frobisher. – Está demasiado rápido – declarou, seguido de qualquer coisa sobre «um homem da sua idade», altura em que Frobisher deixou de ouvir.

Uma enfermeira do turno da noite deu-lhe uma muda de roupa.

– Temos sempre algumas para as emergências – declarou. – São usadas, mas costumam dar muito jeito.

Frobisher perguntou-se de onde viriam as roupas e se as calças grosseiras, a camisa sem colarinho e o casaco puído que tinha vestidos teriam vindo do corpo de um morto. Viu a sua imagem no espelho da casa de banho e constatou com espanto que parecia uma pessoa completamente diferente. Somos todos homens mortos, pensou, desde o momento em que vimos a este mundo.

Pôs-se à cabeceira de Freda. A enfermeira disse-lhe que lhe tinham administrado uma medicação para dormir e que não iria acordar durante horas.

As perguntas que queria fazer teriam de esperar até de manhã. Onde estivera ela? Como fora parar ao rio? E, talvez a mais importante de todas,

onde estava a sua amiga Florence?

Estava ridiculamente ansioso por contar a Gwendolen. Imaginava já a sua surpresa e felicidade quando lhe apresentasse a Freda há tanto tempo desaparecida. Porém, calculava que a gratidão dela seria afetada perante o fracasso de lhe apresentar também Florence. Ainda assim, mais valia um pássaro na mão.

– Eu tinha um cão comigo – disse à enfermeira da noite enquanto ela media o pulso a Freda, numa das suas rondas.

– Que bom – respondeu ela, alheada. Não parecia fazer grande sentido tentar descobrir o destino do pobre cão. Devia ter ficado a vaguear na Southwark Bridge ou então, num ato de fidelidade descabida, mergulhara no Tamisa atrás dele e perdera-se para sempre nas águas. Talvez, numa qualquer reviravolta do destino, o cão tivesse sido o preço a pagar por ter salvado Freda. Sentiu um aperto de mágoa no coração quando imaginou o cãozinho tão pequeno naquele rio tão grande.

– Sente-se bem, senhor inspetor? – perguntou a enfermeira.

– Sim, sim, sinto-me ótimo – respondeu.

– Devia ir para casa.

*

Eram três da manhã quando chegou a Ealing num táxi ridiculamente caro. No dia seguinte, voltaria a enfrentar o Austin.

Lottie estava a dormir, como era de esperar, e ele não a acordou. A mulher não sabia nada da sua aventura, e ele duvidou de que lhe fosse contar.

Ao acordar, constatou que Lottie não estava a dormir ao seu lado. Não se lembrava de alguma vez ela se ter levantado antes dele, mas quando olhou para o relógio viu que já passava do meio-dia. Nunca na vida dormira até tão tarde. Mas fizera-lhe bem, sentia-se recuperado, quase restabelecido, ainda que levemente enjoado e com a sensação de ter os pulmões encharcados, como se o Tamisa os tivesse transformado em esponjas.

Lottie também estava bem-disposta. Preparou-lhe um café na pequena cafeteira francesa que ele encontrara numa loja do Soho. Cortou pão e barrou-o com manteiga e até se ofereceu para lhe fazer um ovo, mas ele recusou. Sentia uma culpa renovada. Devia ter sido Lottie quem ele devia ter levado a passear no Austin. A sua *mulher*.

*

Deixou-se intimidar pelo Austin no último momento. Talvez não fosse talhado para conduzir. Apanhou um elétrico. Não para a Bow Street, mas para St. Thomas, para ver Freda.

– Não está cá nenhuma Freda Murgatroyd, senhor inspetor – disse a chefe das enfermeiras. Tinham-na ido chamar, pois nenhuma das enfermeiras do turno havia reconhecido o nome.

– Foi admitida ontem à noite – insistiu Frobisher. – Eu próprio a tirei do Tamisa. Estava a dormir quando me fui embora.

Bem, fora admitida uma rapariga, disse a chefe das enfermeiras, de sobrolho franzido, enquanto escrutinava os registos da enfermaria.

– Mas assinou um termo de responsabilidade e deram-lhe alta esta manhã.

– Deixou alguma morada?

– Não, mas o nome dela não era Freda Murgatroyd. Disse que se chamava Fay le Mont.

Frobisher dirigiu-se para a Bow Street sentindo-se novamente derrotado. Por momentos, pensou se todo aquele episódio não teria sido um sonho.

A Era do Deslumbramento

Sobre a mesa da sala de jantar vazia de Hanover Terrace encontrava-se uma pilha de jornais diários abandonados. Ramsay desceu do quarto à procura de café. Niven dissera-lhe na noite anterior que a dívida da jogatana estava «resolvida», fosse o que fosse que isso significasse (Niven dissera que ele escusava de saber), e que, como bónus, conseguira persuadir a sua adorada mãe a não arrastar o corpo morto de Ramsay por Regent's Park preso a uma quadriga.

O café estava frio e Ramsay perguntou-se quais seriam as probabilidades de a cozinheira insubmissa lhe preparar mais. A sua atenção foi desviada para a primeira página de um dos jornais.

Jornalista assassinado. O corpo do colunista social Vivian Quinn foi ontem de manhã retirado do Tamisa. Quinn foi esfaqueado por um ou mais agressores desconhecidos perto de Berkeley Square. Pormenor curioso é o facto de o Sr. Quinn estar disfarçado de toureiro espanhol.

Ramsay agarrou no cesto dos papéis e vomitou lá para dentro.

Quinn? Assassinado? Era a terceira notícia da primeira página, não o cabeçalho. Quinn teria ficado furioso! Devia ter sido morto minutos depois de Ramsay ter falado com ele, duas noites antes. Durante um momento de paranoia, Ramsay perguntou-se se teria sido ele próprio a matar Vivian Quinn. Vontade não lhe faltara quando o outro lhe falara de *Conversa de Chacha*; estava num delírio tão grande devido às drogas e ao álcool que podia ter feito qualquer coisa e não se recordar. Agora, o romance de Quinn nunca seria publicado.

Esquecido o café, Ramsay regressou ao quarto, onde o chão – o único espaço suficientemente grande – estava coberto com um *puzzle* de páginas

(mal) datilografadas. Sempre que abria a porta, a corrente de ar fazia esvoaçar as folhas, que voltavam a pousar como pássaros noutra lugar.

As escamas da vaidade caíram-lhe de súbito dos olhos ao fixar as folhas de papel com desespero. Tornara-se vítima da sua ambição descomunal. A *Era do Deslumbramento* ia destruí-lo, devorá-lo vivo de dentro para fora. Não era um bom escritor; a verdade é que era um péssimo escritor! Quanto mais depressa aceitasse esse facto, melhor. Iria ter de queimar aquelas folhas todas, mas naquela altura do ano, as lareiras de Hanover Terrace só se acendiam ao final da tarde.

Decidiu recomeçar. Devia-o à arte.

*

Quinn tinha vivido num pequeno apartamento num último andar, elegante e de bom gosto, na Conduit Street. Ramsay fora lá várias vezes no passado. A senhoria morava no rés do chão e era uma espécie de porteira, e reconheceu Ramsay quando este bateu à porta.

– Oh, senhor Coker – disse –, não é horrível o que aconteceu ao senhor Quinn? – Ramsay concordou que era horrível (era mesmo) e disse que a mãe do Sr. Quinn lhe tinha pedido para ir buscar qualquer coisa.

– Um livro de poesia, creio eu, para ler no funeral.

– Já? Ainda ontem o encontraram.

– Ela já está a preparar-se.

A senhoria deixou-o entrar no apartamento e ficou parada à porta, mas ele convenceu-a de que poderia levar algum tempo a encontrar o que procurava. Na realidade, a busca não demorou quase nada. O cálice sagrado estava em cima da secretária de Quinn, bem à vista. Um grande tijolo de folhas manuscritas, meticulosamente empilhadas. *Conversa de Chacha*, anunciava a primeira página.

*

As lareiras estavam a ser acendidas quando Ramsay regressou a Hanover Terrace. Amarrotou a primeira página do romance de Quinn e atirou-a para as chamas da lareira da sala de estar.

Subiu os degraus dois a dois até ao quarto; o mal-estar anterior desaparecera. Cometer crimes parecia dar-lhe energia. Sentou-se à frente da máquina de escrever e bebeu um trago de Collis Browne. Abriu e fechou as mãos, estalou os dedos, pegou numa folha de papel nova e introduziu-a na Remington. Durante uns momentos, ficou a olhar para o papel, branco como neve alpina, numa espécie de alheamento. Datilografou o título: *A Era do Deslumbramento*. Seguiu-se a dedicatória, numa segunda folha de papel. *Para o meu amigo Vivian Quinn*. Colocou as duas folhas de papel em cima do manuscrito de Quinn.

Voilà!

A campainha tocou. Não devia ser para ele. Nunca era.

Si Vis Pacem, Para Bellum

Em Hanover Terrace, ninguém considerava ser seu dever ir abrir a porta, por isso a campainha estava a tocar havia algum tempo e ressoava na entrada, recusando-se a admitir a derrota. A cozinheira estava a fazer pão, uma atividade que parecia enfurecê-la sempre. Mesmo do andar de cima, Phyllis conseguia ouvi-la na cozinha, a amassar e a tender a massa sobre a grande mesa da cozinha.

Phyllis acabou por se render e foi atender. A pessoa que tocava de maneira tão determinada era um pequeno rapaz imundo, com aspeto de quem acabara de sair de uma chaminé. Phyllis estava quase a dar-lhe um puxão de orelhas e a mandá-lo embora, quando percebeu que era um dos seus inúmeros primos.

– Tenho uma mensagem para ti – disse ele, enfiando-lhe um pedaço de papel na mão. – É urgente – acrescentou, muito empolgado com o drama que havia feito com que o enviassem a toda a velocidade de Whitechapel numa bicicleta roubada. Deixou-se ficar, na esperança de uma recompensa, e Phyllis disse:

– Espera um segundo. – E entrou às escondidas na despensa enquanto a cozinheira continuava a espancar a massa, tentando que esta se lhe rendesse, e saiu com uma grande fatia de bolo de gengibre pegajoso. – Diz-lhes que recebi a mensagem – disse ao rapaz, entregando-lhe o bolo.

Ele nem respondeu, pois enfiara a fatia de bolo inteira na boca de uma só vez, mas ergueu o polegar e saltou novamente para cima da bicicleta.

– E despacha-te! – gritou ela.

– Quem era? – perguntou a cozinheira. Agora estava dar forma aos pães e acalmara-se.

– Uma mensagem para a senhora Coker. Pediram-me que lha entregasse.

A cozinheira colocou as latas com os pães no novo frigorífico para crescerem até ao dia seguinte. Gostava de deixar o pão crescer bem. O

frigorífico não era muito diferente de uma câmara de morgue. A paz reinava novamente na cozinha. O pão fora vencido.

– Vai lá depressa, então – disse ela.

*

– É hoje à noite – disse Phyllis, ofegante, a Nellie quando chegou ao Amethyst. – O Maddox vai atacar-vos hoje à noite.

– Bom, então o melhor é pormo-nos a mexer, não? – respondeu Nellie.

*

Maddox bebeu uma chávena de chá preto fraco, sentado à mesa do pequeno-almoço. Sofria de acidez no estômago e nunca comia antes do meio-dia. À sua volta, os filhos comiam papas de aveia à colher. Todos os cinco, incluindo o bebé, tinham um apetite impressionante.

– Devoram-me o ordenado todo – dizia a rir, mas não estava realmente a brincar. Se não tivesse de suprir de forma contínua as necessidades dos filhos e da mulher, sempre insatisfeita, não teria preocupações de dinheiro. Infelizmente, eles não se alimentavam de ar.

A seguir, apareceram ovos cozidos, dois para cada filho, à exceção do bebé que ainda mamava nos seios cansados da mãe. Os filhos de Maddox eram rechonchudos como leitões engordados para o espeto. Ele observou-lhes a pele esticada das bochechas rosadas enquanto mastigavam. Dois deles estavam de uniforme, prontos, ainda que relutantes, para ir para a escola. Maddox estava desejoso de sair de casa também. Adorava a mulher e os filhos, mas não suportava estar preso em casa com eles.

– Vais trabalhar hoje outra vez, Arthur? – perguntou a mulher, incapaz de esconder o sarcasmo da voz. – Então as «dores nas costas» melhoraram?

A campanha tocou.

– Por amor de Deus, quem será a esta hora? – exclamou, irritada. – O carteiro já veio.

Regressou com um envelope na mão.

– Um motorista de um carro muito vistoso veio cá entregar isto – disse ela. – O que andas a tramar, Arthur?

As crianças foram a correr à porta espreitar. Um carro vistoso com motorista não era coisa que se visse muitas vezes em Crouch End, mas já tinha desaparecido, e elas regressaram aos ovos, desanimadas.

O seu plano inicial era simples: ir deixando Nellie sem negócios aos poucos, ao orquestrar uma série de infortúnios – a rusga ao Amethyst, a rusga ao Sphinx, o incêndio no Pixie, os Huns a fazerem estragos no Amethyst – morte por mil golpes, *lingchi*, como lhe explicara uma vez Brilliant Chang. Tinham feito negócios juntos uma vez ou outra. Droga e raparigas, os pilares do crime em Londres. Mas Chang desaparecera agora há muito. Infelizmente, todas as tentativas de Maddox se tinham revelado, até ali, lamentáveis

fracassos; de facto, a sua campanha corria o perigo de se tornar uma farsa. Nellie Coker possuía a sorte dos irlandeses.

E agora, Oakes começara a agir por conta própria, «demonstrando iniciativa», como dissera, e matara aquela rapariga no Sphinx. Um idiota com iniciativa, uma receita para o desastre. E nem sequer fora a rapariga certa! Maddox não matava raparigas, raparigas mortas não davam dinheiro. Ele próprio tinha três filhas, não era nenhum animal. Ter-se-ia aliado a um louco?

De qualquer maneira, ia dar o seu grande golpe naquela noite. Planeara uma série de ataques sucessivos, começando pelo clube mais vulnerável. No Pixie só havia mulheres, e estas não oporiam grande resistência. O mesmo no Foxhole. E a elite que frequentava o Crystal Cup desapareceria na noite ao primeiro sinal de sarilhos. O Sphinx podia revelar-se mais complicado, seria preciso fazer frente àquele *barman* holandês matulão. E depois, a cereja no topo do bolo, Maddox tomaria o Amethyst. A cidadela.

Reconheceu a letra de Edith no envelope que a mulher lhe entregou e enfiou-o no bolso, para o ler na segurança do Wolseley. Saiu de casa rapidamente, antes de a mulher poder fazer perguntas sobre a missiva, deu-lhe um beijo ao de leve no rosto e disse:

– Esta noite chego muito tarde.

Não havia Wolseley. Maldição. Emprestara-o a Oakes no dia anterior. Tivera de levar uma rapariga à alta da cidade, um favor para um grupo de amigos que celebravam qualquer coisa. Uma vitória desportiva ou um investimento com êxito, já não se recordava.

Parou na esquina da rua para ler a carta de Edith. O tom era melodramático, o que não era nada o seu estilo. *Caro Arthur, é urgente que nos encontremos. Receio que tenhamos sido descobertos. Vem ao Sphinx hoje antes da abertura. Sempre tua, Edith.*

Ela tomara-o por tolo, primeiro em relação à gravidez e depois ao aborto. Que outras traições estaria a planejar? Desde que se fechara em Hanover Terrace, ele nunca mais a vira e não fazia ideia de qual fosse o seu estado de espírito. Quem é que os descobrira? Teria sido Nellie? Seria alguma coisa que fosse arruinar os planos que tinha para aquela noite? Soltou um suspiro. Ia ter de falar com ela.

Ele não era má pessoa, refletiu. Ia à missa quase todas as manhãs e duas vezes ao domingo. Ensinara os filhos a distinguir o bem do mal, acreditava nas boas maneiras e na disciplina. Acreditava que um homem era responsável pela sua própria sorte. Estava prestes a criar a sua, não se deixaria desviar, nem por Edith, nem por ninguém.

*

Já tarde, na noite anterior, Gwendolen abandonara o seu posto no Crystal Cup e dirigira-se ao Amethyst, onde perguntara a Nellie se lhe podia dar uma palavrinha a sós. Encerraram-se numa das salas não utilizadas no cimo do edifício. Nellie estava bem ciente de que Gwendolen a traía a cada passo, mas,

ainda assim, sentia por ela um afeto curioso, quase confiança. Vira qualquer coisa nas cartas naquele primeiro domingo, mas deixara-se distrair por Maud a deslizar pela parede do Crystal Cup e não conseguira chegar a nenhuma conclusão.

Naquele momento, Maud estava delicadamente empoleirada numa caixa ao canto, a examinar as unhas como se estivesse aborrecida. Maud já não tinha unhas. Parecia estar a desintegrar-se. Nellie iria ter saudades dela se desaparecesse por completo.

– Senhora Coker?

– Desculpe. Sim, menina Kelling? – respondeu, sacudindo ligeiramente a cabeça.

– Tenho de lhe confessar uma coisa – disse Gwendolen. – Mandaram-me cá para a espiar.

– Mas que surpresa – retorquiu Nellie.

Como era evidente, aquilo era apenas o prelúdio, Gwendolen pôs-se então a relatar a Nellie tudo o que Frobisher lhe contara acerca de Maddox. Não mencionou a parte de Edith, mas Nellie parecia já saber.

– O Frobisher levará o Maddox perante a justiça – disse Gwendolen.

– Estou certa de que sim.

Conforme o procedimento adequado, pensou Nellie. Com o rol de depoimentos juramentados e de testemunhos. A rotina lenta dos tribunais. No final, talvez Maddox fosse condenado, mas também podia acontecer que não. A justiça devia ser célere, não morosa. Devia ser uma punhalada no coração. As asas negras do castigo a esmagarem Maddox num abraço justo. Nellie sentia-se muito animada para uma mulher sitiada.

*

– Tem uma visita – disse o sargento de dia. – Mandei-o entrar para o seu gabinete. Ele estava à espera à porta desde manhã cedo.

O cão estava sentado na sua cadeira e por cima da mesa apenas se lhe via o focinho. Por um momento, Frobisher imaginou que lhe fosse dar ordens, mas o cão saltou da cadeira e correu para ele, impulsionado pela cauda a abanar. Frobisher pegou nele, enterrou-lhe o rosto no pelo e agradeceu a Deus, em quem não acreditava.

*

– Vai sair, chefe?

– Sim, tenho boas notícias para dar a uma pessoa – respondeu Frobisher.

– Bem, ele hoje está mais animado – comentou o sargento de dia a Cobb, depois de Frobisher sair com o cão a trotar alegremente atrás dele. – *Cherchez la femme*, como dizíamos na guerra.

– O quê da *fome*? – perguntou Cobb, confuso.

– Fome de mulheres – explicou o sargento. – Era o que nós tínhamos.

Apanhei dois esquentamentos na Frente.

Cobb corou. Odiava aquele género de conversas.

*

Frobisher foi primeiro ao apartamento de Gwendolen. Ninguém abriu, e o clube por baixo estava fechado. Já se perguntava onde poderia ela estar, quando a viu aproximar-se pela rua.

– Tenho boas notícias – disse.

Ela respondeu:

– Acompanhe-me.

– Não devemos ser vistos juntos. Vai levantar suspeitas.

– Tarde demais, já levantámos. Contei à Nellie da nossa artimanha. E ainda estou viva, como pode ver. Quais são as suas boas notícias?

Contou-lhe muito superficialmente o resgate do rio, não queria que ela pensasse que estava a vangloriar-se do seu heroísmo. Mencionou apenas de passagem o facto de ele e Freda terem estado muito próximos da morte, mas ainda assim ela deteve-se, tocou-lhe no braço e disse:

– Foi muito corajoso.

Gwendolen não estranhou que Freda se tivesse apresentado como a misteriosa Fay le Mont, era o género de nome disparatado que utilizaria.

– Fico aliviada por ela estar viva, mas onde está a Florence? E porque havia o sargento Oakes de querer matar a Freda? Acha que ela tem provas contra o Maddox? Acha que a Freda pode *ser* a nossa prova? Se a encontrarmos?

Demasiadas perguntas para as quais não tinha resposta. (Ela daria, efetivamente, uma excelente detetive.) E então, naquele momento, deu-se uma coincidência extraordinária, e ele viu o homem em pessoa. Maddox, a caminhar, cheio de pressa.

– É ele, é o Maddox – murmurou Frobisher a Gwendolen.

– Oh – disse ela também em voz baixa. – Imaginei que parecesse o diabo, mas até é bem-parecido.

Frobisher franziu-lhe o sobrolho. Comparado com ele?

Seguiram-no durante vários minutos, até ele chegar precisamente à entrada do Sphinx.

– Entramos atrás dele? – perguntou Gwendolen.

– Não. Esperamos que saia e vemos aonde vai a seguir.

Porém, dez minutos depois, não havia sinais de Maddox, e Frobisher, impaciente, disse:

– Vou entrar. Quero prendê-lo hoje. Arranjamos as provas depois.

– Está a precipitar-se, inspetor.

– Talvez, mas já não era sem tempo.

– Eu vou consigo.

– Não.

Mas ela foi, claro.

Para Nellie, a arte da guerra era simples; não havia desgaste. Bastava cortar a cabeça e ficar a ver o corpo definhar. Sem Maddox a dirigi-los, os homens do seu exército improvisado ficariam como baratas tontas e acabariam por rastejar de volta para os buracos escuros de onde tinham saído.

Nellie sabia que Maddox não estava a contar que ela se rendesse com facilidade, mas antes que se envolvesse numa grandiosa batalha contra ele. Devia imaginar que os Coker tinham as defesas a postos e que Nellie havia reunido as tropas – o gangue de Frazzini e quaisquer outros rufias que tivesse arrancado do East End para a irem ajudar. Devia estar à espera de um Niven astuto, dos punhos de Gerrit e de um arsenal escondido atrás do bar do Sphinx. Devia estar a contar com uma debandada, na melhor das hipóteses, ou, na pior, de uma retirada depois de um combate. Mas não estava de certeza a contar com Edith.

*

– Olá? Está alguém?

Lá fora era de dia, mas o submundo do Sphinx estava iluminado apenas por uma luz ténue que emanava de algures perto do palco. Maddox nunca gostara da atmosfera do Sphinx, mas agora parecia-lhe agoirenta. Porém, como não era supersticioso, ergueu a voz:

– Olá? Edith, estás cá?

– Arthur?

– Edith, aqui estás...

Até na penumbra do Sphinx ele reparou no seu aspeto adoentado. Tentou aproximar-se, mas ela esquivou-se ao seu contacto.

– Edith, não sejas assim – suplicou.

– Estive às portas da morte.

Santo Deus, pensou Maddox para consigo, lá vamos nós outra vez...

– E não gostei do que vi do outro lado.

– Imagino que ninguém goste – retorquiu ele, tentando dar um tom mais jovial à conversa. – Mas vejo que já estás melhor.

– Arrependimento – murmurou ela baixinho, tão baixo que ele não ouviu.

E nesse momento, foi como se saíssem das paredes. Uma multidão de mulheres precipitou-se para ele e rodeou-o, como um enxame de vespas, apertando-o como se o quisessem sufocar.

Maddox reconheceu membros do gangue das Quarenta Ladras. Estariam a planejar assaltá-lo?

– Minhas senhoras, por favor – disse, a rir. – Ainda me esmagam.

Betty e Shirley saíram do meio do enxame. Betty tirou o pequeno canivete de prata do bolso e entregou-o a Edith.

– Faz as honras, querida Edith – disse Shirley.

– Força, menina Edith – encorajou Phyllis. – Espete-lho com força. Contudo, Edith não precisava de ser encorajada.

*

– Este sítio é sinistro – disse Frobisher a Gwendolen quando passaram por baixo da máscara de Tutankhamon.

Ao começarem a descer, ouviram um ruído estranho. Um som de qualquer coisa a raspar e a rilhar, como uma mó enorme a mover-se com esforço. Ou o carrossel de uma feira, quando começa a girar com relutância.

Quando Frobisher e Gwendolen entraram no clube, o ruído tinha cessado, deixando atrás de si apenas uma estranha aura, como se alguma coisa importante tivesse acabado de acontecer. Havia gente no clube, só mulheres, e Frobisher reconheceu vários membros das Quarenta Ladras. Dava a impressão de terem estado a brincar ao jogo da estátua. As filhas mais velhas de Nellie também lá estavam, e ele ficou chocado ao ver Edith. Tinha sangue nas mãos. E não era uma metáfora; ou talvez fosse. Veio-lhe à mente Lady Macbeth.

Gwendolen entrou imediatamente em ação.

– Sente-se bem? – perguntou a Edith. – Deixe-me ver as suas mãos. Está ferida?

Edith fez um sorriso beatífico e disse:

– Oh, não se preocupe, o sangue não é meu.

Frobisher perguntou-se se ela teria enlouquecido. (Teria toda a gente enlouquecido, de alguma maneira?)

– Onde está o Maddox? – perguntou ele com brusquidão, não tanto a Edith, demasiado delicada para ser alvo de fúria, mas às mulheres agrupadas à volta dela. Uma «assembleia de bruxas», foi o que lhe veio à mente. – Vi-o entrar aqui, escusam de me mentir. O que lhe aconteceu?

– Inspetor Frobisher – disse Nellie, aparecendo do nada. – Mais uma perseguição em vão? O inspetor Maddox já se foi embora. Há uma porta nas traseiras do clube. Não é nenhum truque de magia, garanto-lhe.

Ouviu-se um murmúrio de assentimento das mulheres, como vespas à volta da sua rainha.

O pessoal do clube começou a chegar, atrás de duas dançarinas que desciam as escadas a bater com os saltos.

– Queira perdoar-nos, mas temos de continuar – disse Nellie. – Os nossos convidados estão a chegar.

*

– Suspeito de que fomos novamente enganados – disse Frobisher quando saíram do Sphinx. Inspirou fundo. Até o ar mais infecto de Londres parecia doce comparado com o do Sphinx. – O que lhe parece?

– Para ser franca, já não sei o que pensar. Acerca de nada.

Separaram-se. Agora, sempre que a via, perguntava-se se alguma vez a

voltaria a ver.

– Não seja tolo – disse ela. – Claro que nos voltaremos a ver. Não somos amigos? E ainda há trabalho por fazer. Há que encontrar a Florence e levar o Maddox e o sargento Oakes perante a justiça.

Pôs-se em bicos de pés e depositou-lhe um beijo ao de leve na face. Como o roçar da asa de uma mariposa.

*

O corpo de Maddox apareceu no dia seguinte, justamente à porta da esquadra da Bow Street. Devia ter lá sido largado durante a noite, sem que ninguém visse.

Webb registou que o inspetor Arthur Maddox fora esfaqueado com uma faca pequena e afiada. Suficientemente grande, ouviu Frobisher a dizer, embora, claro, ele não estivesse presente. Frobisher nunca mais voltaria a estar presente. Webb nunca gostara muito dele, mas ficou com pena ao saber o que lhe acontecera.

Leite Materno

Niven estacionou o carro no pátio atrás de Hanover Terrace. A garagem só tinha espaço para um carro. Através da janela coberta de pó e de teias de aranha, viu que o Bentley já lá estava. Ergueu os olhos para a janela de Hawker, acima da garagem, para ver se havia sinais dele. Normalmente, cumprimentavam-se. De vez em quando, ia ao apartamento de Hawker beber com ele um copo de cerveja. A conversa acabava inevitavelmente na guerra. Hawker passara-a atrás do volante, como motorista de um general de quatro estrelas.

– Nunca estive perto da ação – lamentava-se.

Mas naquele momento não havia sinais dele. Nem tão-pouco da cozinheira ou da copeira.

Niven entrou em casa e ouviu um burburinho de vozes vindo da sala de jantar, no andar de cima. Pela porta aberta viu Nellie sentada à mesa, a virar tranquilamente as cartas. Ela fez-lhe um aceno de cabeça quase impercetível à laia de aviso. Niven ficou alerta e entrou com cautela na sala.

– Senhor Coker – disse Azzopardi. Tinha uma arma na mão, com o canhão tranquilamente apoiado na mesa e apontado na direção de Nellie. Uma Luger. Parabellum. Em latim significava «preparada para a guerra». Niven já vira umas quantas. Reparou que a caixa ferrugenta também estava em cima da mesa.

– Os ratos e o anel – disse Nellie a Azzopardi, impávida perante as circunstâncias em que se encontrava. – Promessas desonestas.

– É bem verdade – respondeu Azzopardi.

Niven fez um sinal de cabeça na direção da caixa e perguntou:

– Passa-se alguma coisa?

Ao que parecia, Azzopardi levava a sua preciosa caixa a um joalheiro em Hatton Garden, a fim de converter finalmente em dinheiro o seu saque ilícito. Conhecia o joalheiro de antes da guerra, quando transacionara discretamente os objetos mais valiosos, sem nunca questionar a sua origem.

Infelizmente, dissera-lhe o joalheiro, a caixa continha apenas bugigangas, réplicas em vidro das peças originais.

– Falsificações.

– Muito boas – murmurou Nellie.

Niven fixou a mãe, estarecido. Pensara que ela perdera a chama, mas a verdade é que estava flamejante. Tivera o descaramento de tentar roubar objetos falsificados sem olhar às consequências.

– Uma ladra – disse Azzopardi.

– Roubei um ladrão – ripostou Nellie. – Parece-me justo.

Onde estariam as originais?

– Não as tenho – declarou ela com firmeza. – Vendi-as e investi o dinheiro. Em ações. Seriam precisas duas semanas para o recuperar, mesmo que quisesse, e não quero.

Porque tinha ela substituído as joias por peças falsas?, perguntou Niven, confundo.

– Boa pergunta – retorquiu Azzopardi.

Como garantia para quando aquele dia chegasse, claro, disse Nellie. Ela sempre tivera jeito para jogadas a longo prazo.

– Vi nas cartas – acrescentou, um comentário disparatado que para Azzopardi foi a gota de água que fez transbordar a taça. Ergueu a Luger, armou-a e apontou à cabeça de Nellie.

– Está tudo bem aqui, senhora Coker? – perguntou Hawker em voz alta, surgindo à porta, pronto para pôr fim à cena.

Azzopardi voltou a arma para Hawker. O tiro foi ensurdecedor, o som fez ricochete dentro do crânio de Niven. Por um breve instante, deu por si novamente no campo de batalha. Parte dos estuques ornamentais do teto caíram e uma nuvem de gesso abateu-se sobre Hawker, agora imóvel sobre o tapete.

Niven lançou-se prontamente sobre Azzopardi e derrubou-o, fazendo a Luger deslizar para longe pelo chão. Azzopardi era todo ele gordura. Niven bateu várias vezes com a cabeça do adversário no chão, pois parecia ser a maneira mais fácil de o pôr fora de combate. Mas assim que Niven se pôs de pé, Azzopardi ergueu-se também e atirou-se a ele como um urso enorme, pronto a esmagá-lo entre os seus braços. Niven assumiu uma postura de pugilista, pronto para a luta, mas então soou outro disparo ensurdecedor, e o urso tombou.

Nellie segurava a Luger. Parecia ridiculamente pequena na sua mão. O gesso continuava a cair-lhes sobre a cabeça. Onde teria a mãe aprendido a manusear uma arma? (Na caça ao veado, nas Highlands, com o pai, ao que parecia.) Niven ajoelhou-se ao lado de Azzopardi e tomou-lhe o pulso,

embora os seus olhos já estivessem vítreos e uma grande mancha de sangue vermelha se espalhasse pela camisa branca.

Hawker, que parecia um fantasma coberto de gesso, sentou-se com esforço, surpreendido ao constatar que estava vivo e que o tiro apenas lhe acertara de raspão.

– Santo Deus... – disse, com alívio.

– Tudo bem? – perguntou-lhe Nellie.

E ele pensou que aquele seria o único agradecimento que ela lhe concederia.

*

Chamaram Landor, e com ele vieram uns homens que foram facilmente subornados para arrastar dali o cadáver de Azzopardi. Levaram-no até Canvey Island numa carrinha da construção civil, onde o lançaram ao rio com a maré a descer, bem longe do alcance do Dead Man's Hole.

«E, Durante Esse Minuto, Um Melro Cantou»

Depois de se separar de Gwendolen, Frobisher sentiu a mente de tal forma estonteada pelo beijo que ela lhe havia dado à porta do Sphinx que, ao atravessar Long Acre, não viu o caminhão que avançava na sua direção. Vinha de Spalding, rumo a Covent Garden, e ao travar perdeu parte da carga – couves que reboaram pela rua como cabeças a tombar da guilhotina.

*

Gwendolen passara muitas noites de vigília à cabeceira de moribundos, mas aquela foi a mais dura.

– Ele não vai durar muito – murmurara-lhe a enfermeira quando ela agarrou na mão marmórea e tocou na fronte fria. Uma lesão massiva no cérebro.

– Porque não olhou para onde ia? – perguntou, zangada, com lágrimas a rolares-lhe pela face.

Mas era inútil repreender Frobisher.

Ficara encantado ao ver-se transportado da sujidade e imundície de uma rua de Londres para um prado de feno, em pleno esplendor de verão. Murmurou para si mesmo os nomes das flores silvestres. *Crista de galo, trevo-dos-prados, gerânio da floresta, pé-de-leão, rabo-de-raposa*. Que palavras tão bonitas. Desejou poder mostrá-las à menina Kelling.

Uma verdizela assustou-se e levantou voo do ninho no solo. Um maçarico piou. E o aroma dos lilases no caminho! A sua alma elevou-se. Podia pousar a sua carga. Finalmente, estava em casa.

Uma Longa Fermentação

— Então hoje encontrei um agente para *A Era do Deslumbramento* – disse Ramsay, muito contente. – Disse que não teremos dificuldade em encontrar uma editora.

– Já o terminaste? – perguntou Gerrit. – Pensei que ainda estavas no princípio.

Ele parecia um animal, pensou Ramsay, com os membros ainda descontraídos do sono, mas prontos a entrar em ação a qualquer momento. Estavam deitados nus na cama, e Gerrit tinha um dos grandes braços tatuados por baixo da cabeça e o outro à volta dos ombros de Ramsay. Virou-se e estendeu a mão para pegar nos cigarros, acendeu dois e deu um a Ramsay. Este soltou um suspiro de prazer. A sua vida começara finalmente.

*

Freda nunca voltou ao Sphinx. Reconhecera o homem que a salvara do Tamisa – era o mesmo que lhe oferecera gentilmente meia coroa, mas também era polícia, e assim que a arrastara para fora da água, dissera-lhe que andavam pessoas à sua procura, e ela não quis ficar à espera para descobrir quem seriam. Mas arrependeu-se para o resto da vida de não lhe ter agradecido por ter arriscado a vida para a salvar. Também nunca mais voltou a York. Nunca mais voltou a ver a mãe, nem a irmã, Cissy, nem tão-pouco lhes deu notícias da sua vida nova.

A menina Fay le Mont foi à sua primeira jogatana uma semana mais tarde, depois de convencer Ramsay a levá-la e apresentá-la. Era uma partida modesta, com pessoas que não se importavam de perder dinheiro, e Freda só fez batota quando se viu encurralada, o que aconteceu poucas vezes. Os dois tentavam o mais possível participar em eventos diferentes, não fossem as pessoas começar a desconfiar da jovem jogadora que se infiltrara nos seus serões. Freda era generosa com Ramsay e no início partilhava com ele os seus

ganhos, mas por fim começou a ir aos jogos sozinha.

Ramsay não se importava, o seu livro fora aceite por uma editora londrina, e ele não falava de mais nada. *O meu romance* isto, *o meu romance* aquilo. Chamava-se *A Era do Deslumbramento* e despertara grande interesse no «mundo literário», explicou ele a Freda, porque era um «romanaclê», o que significava que havia personagens reais, embora disfarçadas com nomes falsos – muito como na vida real, na opinião de Freda. Ela leu algumas páginas, mas teve dificuldade em continuar e depressa desistiu. O mesmo aconteceu a outras pessoas, e o interesse no livro durou pouco e não se venderam tantos exemplares como se esperava. Ramsay escreveu outros dois romances, mas não conseguiu arranjar quem os publicasse. *A Era do Deslumbramento* fora «descontinuado» passados uns anos, contou-lhe ele, indignado. Essa fora a última vez que ela o viu – durante a Guerra Falsa¹¹, quando ela geria um pequeno bar em Mayfair, que comprara com as receitas das jogatanas. Era um sítio com classe, e Vanda saiu-se bem a trabalhar atrás do bar, onde era muito popular. Porém, quando a guerra verdadeira começou, e apesar da idade que tinha, regressou à sua velha atividade, demasiado rentável para ser ignorada. Aqueles rapazes fardados precisavam de uma mãe, disse ela. «Bem, já lhe ouvi chamar muitas coisas», teria dito Duncan.

Freda viveu uma vida longa longe dos palcos e terminou os seus dias a gerir um *pub* em Suffolk, que comprou depois da guerra. Nessa altura, já era casada e tinha uma filha, a que insistiu em chamar Florence, como a sua amiga perdida, um nome antiquado, que a nova Florence odiou o resto da vida. Quando a década de sessenta chegou, Florence tornou-se modelo de moda e mudou o nome para Jenny.

No final da guerra, quando ainda vivia em Londres, Freda viu um dia o nome «Ramsay Coker» num jornal. Era o relato de um inquérito, seguido de um curto obituário. O Sr. Ramsay Coker fora encontrado no passeio por baixo do seu apartamento, no terceiro andar de Hans Crescent, e embora houvesse dúvidas quanto a se teria ou não posto termo à vida, concluiu-se que o fizera depois de terem sido apresentadas provas sobre o seu alcoolismo crónico e a sua dependência de drogas. O artigo do jornal não mencionava *A Era do Deslumbramento*, dizia apenas que Ramsay era «filho da mal-afamada proprietária de clubes noturnos, Nellie Coker».

*

Após a morte de Frobisher, Lottie foi internada numa instituição, um grande edifício no campo. Era um local caro, um hospício para ricos, com um grande terreno, boa comida e muitos passatempos para ocupar as mentes desequilibradas que lá residiam. As despesas de Lottie foram pagas durante o resto da sua vida surpreendentemente longa por uma benfeitora, uma tal Kelling, que nunca a foi visitar.

*

Nellie perdeu quase todo o seu dinheiro no *crash* de 1929 e morreu uns anos mais tarde. Segundo as filhas, que se encontravam à sua cabeceira, as últimas palavras dela foram: «Oh, vejam, é a Maud», o que nenhuma delas compreendeu. Vivera o suficiente para ver Betty e Shirley casadas com pequenos aristocratas. Ofereceu a si mesma um novo casaco de peles para cada um dos casamentos. Felizmente, não viveu o suficiente para assistir aos divórcios das filhas. Edith continuou a gerir os clubes que restavam, cada vez menos rentáveis à medida que o tempo ia passando. O Amethyst, juntamente com a própria Edith, foi destruído por uma bomba durante o Blitz. Kitty terminou os seus dias como uma peça de mobiliário do bar do Colony Room Club, onde bebeu lentamente até à morte.

*

William Cobb reformou-se em 1951 como superintendente da Polícia Metropolitana, o que mostra bem como um homem insípido pode chegar longe, se se limitar a aparecer no trabalho todos os dias.

*

A vaga de crimes misteriosos em Londres terminou de forma igualmente misteriosa. O assassinio de Vivian Quinn foi considerado como o floreado final do «louco transtornado» (*Daily Mail*) que palmilhara as ruas de Londres, escolhendo as suas vítimas ao acaso. Uma das inúmeras teorias que surgiram nos anos seguintes sugeria que os homicídios não haviam sido, na realidade, aleatórios, mas uma manobra de diversão para disfarçar o facto de Quinn ter sido sempre o alvo visado. Não foi apresentado qualquer motivo para o assassinio de Quinn, embora alguns rumores se tenham formado e depois desvanecido. Um deles dizia que estava a escrever um artigo de investigação sobre os criminosos de Londres, e que estes acharam que ele sabia demasiado. Outro sugeria que ele se envolvera numa «relação homossexual» com um dos membros mais promíscuos da família real. A morte de Quinn acabou por cair no esquecimento e tornou-se mais uma das notas de rodapé das histórias escritas sobre este período.

Mundial, entre 3 de setembro de 1939 e 10 de maio de 1940. *(N. das T.)*

Planos

— Tem um cão? – perguntou Niven, lançando um olhar ao pequeno *terrier* que estava à porta, atrás de Gwendolen, a olhar para ele com uma expressão expectante.

– Tenho.

– Vai deixar-me entrar?

– Talvez seja melhor.

Sentaram-se cada um na sua ponta do sofá de veludo rosa, muito formais. Ela não se recordava do beijo, o que não a impediu de o imaginar naquele momento.

– Ele tem nome? – indagou Niven, brincando com o cão. O seu próprio cão era pouco sensível a emoções.

– *Pierrot* – disse ela.

– *Pierrot*?

– É o cão do Frobisher.

– Ah.

– Na verdade, é da mulher, mas ela não quis ficar com ele.

– Não sabia que ele tinha mulher.

– Não, era um segredo que ele mantinha muito bem guardado – disse Gwendolen. – Ela é um caso triste.

– Pobre Frobisher. Sei que vocês eram chegados.

– Fui esta manhã ao funeral dele. Acompanhei a mulher.

– Ah...

– Foi uma cerimónia solene, uniforme de gala, saudação com espadas, esse género de coisas. Ele teria odiado. Queria alguma coisa? Estou um bocado cansada.

– Sim. Vim perguntar-lhe se queria ir-se embora comigo.

– Embora? Para onde? – Imaginou que ele se referia a Brighton ou a Eastbourne. O seu último passeio não tinha acabado bem.

– Onde quiser – respondeu ele. – França, Itália, América, até. Podíamos comprar um rancho. Ter cavalos.

– Cavalos? – Ela riu. – Mal o conheço! Estava a pensar regressar a York. Londres já não me encanta grande coisa.

– Não vá. Não quero viver sem si.

– Santo Deus, que dramático, tão de repente! – disse Gwendolen. – Trocámos meia dúzia de palavras e já quer ir andar a cavalo comigo, num rancho, na América. Parece um escritor romântico.

– Não disse que não *conseguia* viver sem si, acho que consigo muito bem, afinal já consegui durante trinta e tal anos. Disse que não *queria* viver sem si.

– É assim que imagina uma proposta de casamento? Este discurso?

– Não é uma proposta, pelo menos, de casamento – retorquiu ele.

– Graças a Deus! E o amor entra em alguma parte desses planos?

– O amor? – A palavra sobressaltou os dois e deixou-os em silêncio.

Gwendolen surpreendeu-se ainda mais ao dizer:

– Posso pensar nisso?

– Não – respondeu Niven. – Se pensar nisso, não irá comigo. – Levantou-se bruscamente e estendeu-lhe a mão. E ali vão ficar os dois, suspensos para sempre entre o ir e vir.

O Polícia que Ri

— É um enforcamento? – perguntou o rapaz ao homem ao seu lado, no meio da multidão que se encontrava à frente da prisão de Pentonville. Sim, é o mesmo ardina que vimos à porta de Holloway muitos capítulos atrás. Sempre ávido de assistir a uma execução, veria os seus desejos realizados naquela manhã horivelmente húmida de início de dezembro.

A multidão em festa estava particularmente animada porque o homem cujo pescoço iam pendurar na corda era um agente da lei. As pessoas estavam desiludidas porque a execução se iria realizar no interior da prisão e já não na praça pública, mas faziam o possível para tornar o acontecimento uma ocasião especial. Um homem vendia castanhas assadas num carro e outro apregoava jornais com pormenores do crime. O acontecimento tinha um ar antiquado, poderia ter sido em Tower Hill ou em Tyburn trezentos anos antes.

Ouviam-se muito poucos protestos contra a pena de morte. A opinião geral da multidão era que o prisioneiro ia ter o que merecia. Na verdade, a força até era demasiado boa para ele, declaravam algumas pessoas mais sedentas de sangue, suscitando murmúrios de concordância. Enforcado, afogado e esquartejado teria sido o castigo de eleição.

No interior de Pentonville, o prisioneiro continuava a protestar, declarando a sua inocência. Deu um empurrão ao padre que lhe fora oferecer consolo nos seus momentos finais, e o guarda disse:

– Olha aí, tem lá cuidado, Oakes.

*

Garantir que ele fosse condenado havia sido uma operação complexa. A mãe de Phyllis e outra das Quarenta Ladras tinham entrado sorrateiramente na casinha decrepita de Oakes durante o dia, enquanto ele estava a trabalhar e a mulher tinha ido visitar a irmã. A pequena faca ensanguentada que matara Maddox, e da qual já haviam sido limpas as impressões digitais, foi

introduzida no bolso do casaco do sargento Oakes, que estava pendurado num cabide no corredor estreito. Uma denúncia anónima sobre o paradeiro da faca foi transmitida à Scotland Yard, e várias testemunhas muito bem vestidas, todas elas mulheres, declararam ter visto Oakes e Maddox a ter um confronto violento no Embankment na noite em que Maddox fora assassinado. «Uma rixa, na verdade», disse uma das testemunhas bem vestidas. «Parecia uma luta mortal», afirmou outra.

Ao chegar o dia do julgamento, os bancos estavam apinhados com mais mulheres bem vestidas, vindas do East End. Alguns membros do tribunal julgaram reconhecer certos rostos, mas o júri ficou bem impressionado com a sua compostura e o seu ar de honestidade transparente.

Após o julgamento, o advogado de Oakes, que apresentara uma defesa terrivelmente fraca, ofereceu uma dispendiosa festa de casamento à filha e levou a mulher numa viagem pela Europa, num Wolseley Open Tourer com que apareceu um dia em casa, para surpresa da esposa. Até o advogado de acusação foi visto a comprar à mulher um novo casaco de pele de marta. Era cliente habitual do Crystal Cup e estava a compensar a esposa pelas inúmeras noites que passara a divertir-se sem ela, cortesia de Nellie Coker.

A prova condenatória era a pequena faca de prata. As iniciais «BC» gravadas no punho permaneceram um mistério e foram consideradas irrelevantes. Oakes teve o azar de ser julgado por Avory, o juiz da força. No momento incrivelmente emocionante em que o barrete negro foi colocado sobre a cabeleira de Avory e o veredicto foi pronunciado, não se ouviu um pigarrear nem um murmúrio na audiência. Só quando Avory entoou «E que Deus tenha piedade da sua alma» é que a multidão soltou uma ovação, e o próprio Oakes teve um acesso de cólera e bradou ao tribunal que era inocente. O que o fez parecer ainda mais culpado, comentou o público.

Todos concordaram que nem o teatro nem as variedades se equiparavam a um bom julgamento.

*

Às oito e um quarto, um guarda saiu da prisão e afixou um comunicado num quadro de madeira ao lado do portão da prisão. Declarava simplesmente que fora levada a cabo a execução de Leonard Percival Oakes pelo assassinio de Arthur Edwin Maddox. Entre a multidão, o ambiente passou de festivo a solene. A morte de um homem, fosse ele quem fosse, exigia alguns momentos de reverência. A seguir, a turba alegre voltou à festa e dispersou rapidamente para continuar o seu dia.

– Belo espetáculo – disse o ardina ao homem que se encontrava ao seu lado.

À noite, a morte de Oakes já fora esquecida.

O ardina chamava-se Norman. Integrou a 4.^a Brigada Blindada na guerra seguinte e foi morto durante a invasão da Sicília, em 1944.

E Tu Não Vês Este Bonito Caminho?

Florence voltou a casa numa tarde de sábado, naquele verão, e entrou na casa dos Ingram em Tadcaster Road como se não fosse nada, como se estivesse simplesmente a regressar da escola ou de um passeio de bicicleta com Freda. O Sr. Ingram estava a cortar a relva, e a Sra. Ingram estava na cozinha a lavar os tachos do almoço, por isso levaram vários minutos a dar-se conta de que estava uma desconhecida em casa. Uma desconhecida que era a filha deles.

Uma Sra. Ingram boquiaberta levou as mãos ao coração em choque ao ver Florence, e o Sr. Ingram, que quase não conseguia ver, tantas eram as lágrimas de alegria que lhe corriam dos olhos, teve de a ajudar a sentar-se no sofá.

– A Florrie – disse, com a voz embargada, apertando com força a mão da Sra. Ingram. – A Florrie voltou para casa, Ruthie.

Onde *estivera* ela aquelas semanas todas?, gemeu a Sra. Ingram. Mas Florence respondeu apenas:

– Estou morta de fome. Há alguma coisa para comer?

Depois de recuperar da surpresa, a Sra. Ingram não conseguia parar de tocar em Florence, como se ela pudesse não ser de carne e osso, mas um fantasma invocado pela sua dor.

– É um milagre – disse. – Deus ouviu as nossas preces e trouxe-te para casa.

(Como *fora* ela para casa?) Florence parecia não se recordar de nada das semanas anteriores, ou, se se recordava, não o dizia.

Seria a mesma Florence de antes? Era verdade que estava mais magra, e um pouco mais alta, mas parecia saudável e não exibia sinais visíveis de lesões. Com o tempo, chegaria um momento em que a Sra. Ingram começaria a acreditar que a nova Florence era uma impostora, uma rapariga que fora trocada e ocupara o lugar da sua filha verdadeira, mas o Sr. Ingram chamou-a

aos poucos à razão. («Pobre Ruthie.»)

Florence nunca lhes contou onde estivera, mas, tal como Freda previra, cresceu, casou-se e teve dois filhos (e, sim, fanhosos e com pé chato), que ela levava todos os anos à peça de Natal do Theatre Royal de York. Talvez tenha havido um momento, durante uma produção de *Babes in the Wood*, em que a memória se lhe tenha agitado ao ver os aldeões a cantar e a dançar à volta do mastro, mas que depressa passou. Florence não fazia ideia do que acontecera à amiga e, na verdade, quase não se lembrava dela.

Nota da Autora

Como reconhecerá quem esteja familiarizado com este período da história, este romance inspirou-se na vida e na época de Kate Meyrick, que foi, durante muitos anos, a rainha dos clubes do Soho. O seu clube mais famoso foi o «43», no número 43 da Gerrard Street, agora no coração de Chinatown. Foi presa várias vezes durante a sua carreira por violar as leis que regulavam a venda e o consumo de álcool.

Tal como Nellie Coker, Kate Meyrick tinha também muitos filhos, que se esforçou por educar e «promover». Duas das suas filhas casaram efetivamente com aristocratas, e um dos filhos, Gordon, tornou-se um escritor publicado, autor de romances de mistério, nomeadamente *The Body on the Pavement*, de 1941. (Roubei-lhe uma frase, como homenagem.) Num caso da vida a imitar a arte, morreu durante a guerra em circunstâncias algo misteriosas, depois de ter caído de uma janela do seu apartamento do último andar para o passeio em baixo.

A autobiografia de Kate Meyrick, *Secrets of the 43 Club* (John Long, 1933), talvez não o mais fidedigno relato de uma vida, forneceu a este romance muitos pormenores – tal como Nellie, Kate sabia o preço de tudo. *We Danced All Night*, a autobiografia de Barbara Cartland, foi uma fonte abundante de pequenos factos, agora na sua maioria perdidos. É particularmente útil no que se refere aos «Bright Young People», e é graças a ela que sei o que é um «Turk's Blood». Também lhe devo uma descrição vívida da Festa dos Bebés. *Nights in London: Where Mayfair Makes Merry*, de Horace Wyndham (The Bodley Head, 1926) ofereceu uma visão horrível sobre a mente retorcida e altamente preconceituosa de um comentador social da época, e *Dope Girls: The Birth of the British Drug Underground*, de Marek Kohn (Granta, 1992) revelou-se bastante informativo. *London After Dark*, de Fabian of the Yard (também conhecido como ex-superintendente Robert Fabian), publicado pela Panther, em 1958, influenciou, sem dúvida, a

personagem de Frobisher. Foi a ele que fui buscar o que sei das «jogatanas».

Isto foi apenas uma fração de todas as leituras que fiz, mas podem ver que, em geral, evitei os livros de História tradicionais e preferi os de mexeriquices e tagarelice. *Templos da Alegria* é um livro de ficção, não de História.

E, sim, li *The Green Hat*, de Michael Arlen (Heinemann, 1924), mas com esta distância temporal é difícil perceber por que razão causou tanto alvoroço.

Como sempre, este romance contém eventos e personagens reais, mas os ficcionais ultrapassam-nos em muito. O então príncipe de Gales foi mesmo a um baile de máscaras disfarçado de membro do Ku Klux Klan, mas não tenho qualquer prova de que o Aga Khan andasse com pastilhas de alcaçuz no bolso. E assim por diante. Alguns pormenores foram ajustados à minha vontade – Niven, por exemplo, tem um cão a correr em White City, mas a pista só abriu no ano seguinte.

O romance começa mesmo antes da Greve Geral de maio de 1926 – embora ninguém, à exceção de Ramsay, se interesse pela agitação que tinha lugar no país –, por isso, ainda que esse acontecimento seja central à ação, alguns elementos foram ligeiramente alterados. *The Murder of Roger Ackroyd* só foi publicado em junho de 1926, por isso Ramsay não poderia tê-lo lido em maio. Podia continuar, mas não o farei, estou só a tentar antecipar-me às críticas!

A esquadra da Bow Street existiu mesmo e é agora um hotel de cinco estrelas, embora parte do edifício tenha sido preservada como um pequeno, mas interessante museu. E recomendo o livro de W. Slagter, de 1926, intitulado *Cocktails American en Fancy Drinks IJsrecepten en Dranken* (é holandês). Podem encontrá-lo online em <https://euvs-vintage-cocktail-books.cld.bz/Vintage-Cocktail-Books-Netherlands/1926-Cocktails-by-W-Slagter/IV>. É a lista mais exaustiva de *cocktails* «históricos» que alguma vez encontrarão. Infelizmente, não experimentei nenhum.

DR. MEYRICK AT WIFE'S BURIAL

RECONCILED

BREAKS DOWN AT GRAVESIDE

The presence at Mrs. Meyrick's graveside, on Jan. 23, at Kensal Green, of her husband, from whom she had been separated so long, was the crowning touch of the half cynical, half sentimental Fate which wrote her life.

Ever since this remarkable little woman—her first instinct was to support her children—took the night side of London by storm, she seemed to live for publication in a sensational romance. The humanity and the bitterness of night life alike were emphasised by her solitude.

And, yesterday, at her funeral service, in St. Martin-in-the-Fields, she was mourned by hundreds.

Sufferers' Refuge.

Her husband, Dr. F. R. Meyrick, to whom she had been reconciled on her deathbed, saw about him representatives of all those who had worshipped at the shrines of gaiety set up by his wife.

He saw his wife's coffin borne across the pavement through a reverent crowd, and deposited in that church which typifies a refuge for so many sufferers. As the service went on its beautiful way—"I will lift up mine eyes unto the hills . . ."—he sensed grief and tears. At the graveside, later, he almost broke down.

With him were his two married daughters, Lady Kinnoull and Lady de Clifford, his four other daughters, Kathleen, Nancy, "Bobbie," and Irene, and his sons, Lyster and Gordon.

Lord Kinnoull came with his wife. There were Irish representatives of the family. The only stranger who left the house with the mourners was Mr. R. H. Carlisle, who had been Mrs. Meyrick's manager for many years—at 43, Gerrard Street.

The clergyman who committed the body to the earth was Dr. Meyrick's brother.

The coffin bore a plate inscribed: "Mother Love Triumphant." That was from her children.

There were many wreaths.

DR. MEYRICK NO FUNERAL DA ESPOSA

RECONCILIADOS

VAI-SE ABAIXO JUNTO DO TÚMULO

A presença do marido, a 23 de janeiro, em Kendal Green, junto do túmulo da Sra. Meyrick, de quem se separara há muito, foi a coroa de glória de um destino meio cínico, meio sentimental, que marcou a sua vida.

Desde que esta mulher extraordinária – o seu primeiro instinto foi cuidar dos filhos – tomou de assalto a vida noturna de Londres, a sua vida parece ter tido como propósito ser publicada num romance sensacionalista. A sua solidão sublinhou a humanidade e a inclemência da vida noturna.

E ontem, no seu funeral em St. Martin-in-the-Fields, compareceram centenas de pessoas.

Refúgio dos sofredores

O seu marido, o Dr. F. R. Meyrick, com quem se reconciliara no leito de morte, estava rodeado de representantes de todos os que haviam idolatrado os templos da alegria criados pela esposa.

Viu o caixão dela ser transportado por entre uma multidão reverente e depositado nessa igreja que representa um refúgio para tantos sofredores. Durante o serviço fúnebre – «Erguerei os meus olhos para os montes...» –, ele viu a dor geral e as lágrimas. Mais tarde, junto do túmulo, quase se foi abaixo.

Com ele estavam as suas duas filhas casadas, Lady Kinnoull e Lady de Clifford, as suas quatro outras filhas, Kathleen, Nancy, «Bobbie» e Irene, e os filhos, Lyster e Gordon.

Lord Kinnoull acompanhou a esposa. Estavam também presentes representantes irlandeses da família. O único desconhecido que saiu de casa com os enlutados foi o Sr. R. H. Carlish, que foi gerente da Sra. Meyrick durante muitos anos, no número 43 da Gerrard Street.

O sacerdote que encomendou o corpo é irmão do Dr. Meyrick.

O caixão tinha uma placa, com a inscrição «O amor de mãe triunfa», escolhida pelos filhos.

Eram muitas as coroas de flores.

Table of Contents

1. Capa
2. Ficha Técnica
3. 1926
4. Holloway
5. A Rainha dos Clubes
6. Bow Street
7. Uma Idade Ingrata
8. O Grand Tableau
9. Um Rapaz Shropshire
10. Après la Guerre
11. Frobisher Agrilhoado à Secretária
12. Aves Noturnas
13. Os Dardanelos
14. Os Monumentos de Londres
15. Bolinhos com Cobertura Glacé
16. O Rei Pescador
17. Uma Precipitação
18. O Helesponto
19. A Frente Doméstica
20. Chá da Tarde no Goring
21. Voilà!
22. Uma Presa à Vista
23. O Mapa Bartholomew
24. O Crystal Cup
25. O Saque do Egito
26. O Pinoli's
27. Um Rapto, uma Rusga e um Pequeno Incêndio
28. Chá da Manhã
29. O Simpson's na Strand
30. A Audição
31. O Homem Invisível
32. Carpe Noctem
33. Uma Noite no Bairro do Vício
34. Respeitar o Sabat
35. A Visita de Um Cavalheiro
36. A Visita de Outro Cavalheiro
37. Necromancia
38. Traje de Domingo
39. Um Sacrifício

40. [Antro de Perdição](#)
41. [O Pombo](#)
42. [Hora da Visita](#)
43. [Pastoral](#)
44. [Uma Mudança de Cenário](#)
45. [Pierrot](#)
46. [Frésias](#)
47. [Embora Seja Pequena, Ela É Feroz](#)
48. [O País das Fadas](#)
49. [Tlim! Tlim!](#)
50. [Frobisher Libertado](#)
51. [No Parque](#)
52. [Empada de Porco](#)
53. [Pour le Sport](#)
54. [Salve, Mortal!](#)
55. [Conversa de Chacha](#)
56. [Adieu, Adieu, Adieu](#)
57. [Surpresa!](#)
58. [Um Encontro](#)
59. [Um Deserto Árido](#)
60. [O Enigma da Esfinge](#)
61. [A Caixa](#)
62. [A Verdadeira Noiva](#)
63. [Morte na Água](#)
64. [A Era do Deslumbramento](#)
65. [Si Vis Pacem, Para Bellum](#)
66. [Leite Materno](#)
67. [«E, Durante Esse Minuto, Um Melro Cantou»](#)
68. [Uma Longa Fermentação](#)
69. [Planos](#)
70. [O Polícia que Ri](#)
71. [E Tu Não Vês Este Bonito Caminho?](#)
72. [Nota da Autora](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)